Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Alessandra Schimite da Silva

“Casa-Grande da Cultura”: (Re)patrimonialização e Revocacionamento do Paço Imperial no Rio de Janeiro (1980-1990)

Rio de Janeiro

2021

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Alessandra Schimite da Silva

“Casa-Grande da Cultura”: (Re)patrimonialização e Revocacionamento do Paço Imperial no Rio de Janeiro (1980-1990)

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural.
Orientadora: Profa. Dra. Márcia Regina Romeiro Chuva
Supervisora: Claudia Werneck Saldanha

Rio de Janeiro

2021

Esta pesquisa foi definida a partir de uma questão identificada no cotidiano da prática profissional do Centro Cultural do Patrimônio Paço Imperial.

S586

Silva, Alessandra Schimite da.
"Casa-grande da cultura": (re)patrimonialização e revocacionamento do Paço Imperial no rio de janeiro (1980-1990) / Alessandra Schimite da Silva — Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ano.

259f.

Orientador: Profa. Dra. Márcia Regina Romeiro Chuva

Dissertação (Mestrado) — Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,
Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2021.

1. Patrimônio cultural. 2. Preservação. 3. Interdisciplinaridade. 4. Difusão Cultural. 5. Política cultural. 6. Brasil. I. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). II. Título.
CDD 363.690981

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Alessandra Schimite da Silva

“Casa-Grande da Cultura”: (Re)patrimonialização e Revocacionamento do Paço Imperial no Rio de Janeiro (1980-1990)

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural.

Rio de Janeiro, 6 de novembro de 2020.

Banca examinadora

_____

Profa. Dra. Marcia Regina Romeiro Chuva (Orientadora) — PEP/MP/IPHAN e Unirio

_____

Profa. Dra. Flávia Brito do Nascimento — USP

_____

Profa. Dra. Lia Motta — PEP/MP/IPHAN

_____

Profa. Dra. Claudia F. Baeta Leal — PEP/MP/IPHAN

_____

Claudia Werneck Saldanha (Supervisora) — Centro Cultural do Patrimônio Paço Imperial

À minha mãe, Marcelina

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, que sempre lutou para garantir que o meu direito à educação fosse cumprido, ainda que ela mesma não tenha tido o seu direito assegurado pelo Estado. Se hoje estou aqui é por causa dela e de todos os professores e professoras que estiveram ao meu lado ao longo da minha trajetória, nas redes públicas de ensino municipal, estadual e federal.

Agradeço à minha orientadora, Márcia Chuva, pela parceria e contribuições sempre tão necessárias e enriquecedoras. Por estar ao meu lado neste momento atípico marcado pela pandemia de Covid-19 e por estar disponível sempre que precisei, para além das questões acadêmicas. Por me ajudar a construir este trabalho com tanta dedicação e atenção. Não estaríamos aqui se não fosse por essa troca que para mim foi fundamental. Serei eternamente grata.

Agradeço às professoras Lia Motta e Flávia Brito, pelas contribuições na banca de qualificação que me ajudaram a repensar tantas questões deste trabalho e pelas trocas posteriores.

Agradeço à minha supervisora, Cláudia Saldanha, pelas trocas no dia a dia da unidade especial e por contribuir na elaboração desta pesquisa, com sua experiência na gestão do Paço Imperial.

Dedico este estudo a todos os amigos que fiz no Paço Imperial. Agradeço por estarem sempre disponíveis para sanar minhas dúvidas e conversar sobre a história da instituição. Eliézer Nascimento, Sandra Mazzoli, Lúcia Helena, Luiza, Chrystiane Marinho, Sabrina Veloso, Caroline Lodi, Amaury dos Santos, Zé Carlos, Fátima Borges, Ildeu Cosme, Ana Rita, André, Regeneide, Roni, Cadu e tantos outros. A todos que me receberam com tanto carinho e que tornaram os dois anos do Mestrado Profissional um período tão especial.

Agradeço à equipe do Centro Lúcio Costa, por possibilitar o acesso a este espaço de trocas de experiências tão profícuo. Por tornarem o ambiente sempre tão acolhedor e serem tão generosos em compartilhar suas vivências conosco. Agradeço, também, às equipes do Arquivo do IPHAN e do Arquivo da Superintendência do Rio de Janeiro, por me receberem com tanta atenção e me ajudarem nessa busca — muitas vezes tão difícil — pelas fontes.

Por fim, agradeço aos amigos da turma do PEP de 2017 e, em especial, a Danielle, Maíra, Eliza, Carla e Marina, pela parceria nos trabalhos e na vida. Sem vocês este Mestrado não seria o mesmo.

RESUMO

Este estudo propõe a análise dos processos de “repatrimonialização" e “revocacionamento” do edifício do Paço Imperial a partir da conjuntura dos anos 1980, com ênfase em suas aproximações e relações com as políticas públicas culturais federais elaboradas no período de abertura política e redemocratização. O objetivo é compreender a constituição deste espaço cultural identificando o ideário expresso em torno de seu projeto de “restauração” e institucionalização, bem como discutir as memórias, os sujeitos e as identidades mobilizadas para a construção de sua narrativa como patrimônio cultural e suas proposições de uso.

Palavras-chave: Paço Imperial, Patrimonialização, Políticas Culturais.

ABSTRACT

The present study proposes the analysis of the processes of "repatrimonialization" and "revocation" of the Paço Imperial [Imperial Palace] building into Brazil's social and poltical background of the 1980s. It emphasizes on its approximations and relations with the federal cultural public policies developed during the period of political opening and redemocratization. The main objective is to understand the constitution of this cultural space by identifying the ideas expressed around its "restoration" and institutionalization project, as well as discussing memories, subjects and identities mobilized for the construction of its narrative as a cultural heritage and its propositions of use.

Keywords: Paço Imperial, Heritage, Cultural Policies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Correios e Telégrafos — Antigo Paço Imperial, Praça Quinze de Novembro, Casa. Rio de Janeiro, RJ. Acervo do Arquivo Central do IPHAN/RJ. Agosto/1980. Fotografia: Pedro Lobo.

Figura 2: Correios e Telégrafos — Antigo Paço Imperial, Praça Quinze de Novembro, Casa. Rio de Janeiro, RJ. Acervo do Arquivo Central do IPHAN/RJ. Agosto/1980. Fotografia: Pedro Lobo.

Figura 3: Prédio do Paço Imperial, 1890 circa. Centro do Rio, RJ, Brasil. Instituto Moreira Salles. Fotografia: Marc Ferrez.

Figura 4: Centenário do Dia do Fico, na qual se pode observar a fachada neoclássica do Paço. 1922. Fotografia: Augusto Malta.

Figura 5: Presidente da Fundação Nacional Pró-Memória, Aloísio Magalhães, recebe as chaves do Paço Imperial do presidente da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT), Adwaldo Cardoso Botto de Barros. Data: 19/03/1982.

Figura 6: Presidente da Fundação Nacional Pró-Memória, Aloísio Magalhães, entrega ao ministro da Educação e Cultura, Rubem Ludwig, as chaves do Paço Imperial, na presença do prefeito Júlio Coutinho. Data: 19/03/1982.

Figura 7: Fachada do Paço à época em que foi sede dos Correios e Telégrafos onde vê-se o frontão neobarroco e o terceiro pavimento por toda a extensão do prédio

Figura 8: Vista do Paço onde vê-se a edificação de quatro pavimentos construída no antigo pátio interno

Figura 9: Vista do Paço onde vê-se um dos pátios internos após a demolição da edificação de quatro pavimentos construída no local

Figura 10: Um dos pátios internos do Paço após a demolição da edificação de quatro pavimentos construída no local

Figura 11: Cadinhos de grafite

Figura 12: Vista geral da área de fundição da Casa da Moeda

Figura 13: Com luvas, baldes e colheres de pedreiro, as arqueólogas limpam o local do antigo forno. Fotografia: Gilson Barreto.

Figura 14: Pórtico principal onde vê-se as colunas

Figura 15: Planta do Térreo, com destaque para as áreas onde ocorreram as escavações

Figura 16: Pessoas observando os painéis explicativos sobre a “restauração” do Paço.

Figura 17: População em frente ao Paço Imperial no dia da cerimônia de reabertura do monumento. Data: 06/03/1985. Arquivo Marcos Vilaça / Academia Brasileira de Letras.

Figura 18: Ministra da Educação e Cultura (MEC), Esther de Figueiredo Ferraz ao lado de Marcos Vinícios Vilaça, Secretário de Cultura do Ministério de Educação e Cultura (MEC). Data: 06/03/1985. Arquivo Marcos Vilaça / Academia Brasileira de Letras.

Figura 19: Convidados no pátio de entrada do Paço Imperial. Na imagem, vê-se as folhas de laranjeira, louro e canela no chão. Data: 06/03/1985. Arquivo Marcos Vilaça / Academia Brasileira de Letras.

Figura 20: Marcos Vinícios Vilaça, Secretário de Cultura do Ministério de Educação e Cultura (MEC) durante discurso na solenidade de abertura do Paço Imperial. Ao lado vê-se o vice-governador do Rio de Janeiro, Darcy Ribeiro, o arquiteto Glauco Campello e a Ministra da Educação e Cultura (MEC), Esther de Figueiredo Ferraz. Data: 06/03/1985. Arquivo Marcos Vilaça / Academia Brasileira de Letras.

Figura 21: Ministra da Educação e Cultura (MEC), Esther de Figueiredo Ferraz durante discurso na solenidade de abertura do Paço Imperial. Data: 06/03/1985. Arquivo Marcos Vilaça / Academia Brasileira de Letras.

Figura 22: Visitantes na Exposição permanente do Paço

Figura 23: Ouro sobre azul. Peça de Martins Pena, adaptação de Domingos de Oliveira. Com Paulo Cesar Pereio, Bernardo Jablonski, Clarisse Derzie, Claudio Macdowell e Clemente Vizcaino, entre outros. Doze apresentações no projeto chamado “Cenas Cariocas”, os atores começam o espetáculo na praça e aos poucos vão atraindo o público para o pátio interno do Paço.

Figura 24: “O Auto da Independência”, de Joel Rufino dos Santos com o Grupo Feliz Meu Nem, dentro das comemorações da Independência.

Figura 25: Theatro Muzicado Brasileiro 1860/1914. Centro de Arte de Laranjeiras (CAL). Supervisão geral: Amir Haddad. Com Annabel Albernaz, Fabio Pillar, Vera Holtz e Nelson Carega.

Figura 26: Organograma do 1º Regimento Interno do Paço Imperial, de 28/10/1986.

Figura 27: Organograma do 2º Regimento Interno do Paço Imperial, de 16/07/1987.

Figura 28: Planta do Térreo

Figura 29: Planta do 1º Pavimento

Figura 30: Presidente da Fundação Nacional Pró-Memória, Joaquim Falcão, presidiu a posse do Conselho

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL — Academia Brasileira de Letras

CNRC — Centro Nacional de Referência Cultural

Pró-Memória — Fundação Nacional Pró-Memória

Funarte — Fundação Nacional de Artes

IHGB — Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

IPHAN — Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*

MEC — Ministério da Educação e Cultura

Seac — Secretaria de Assuntos Culturais

SEC — Secretaria da Cultura

*O IPHAN teve as seguintes denominações:

IPHAN — Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de 1970 a 1979

SPHAN — Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de 1979 a 1981

SPHAN — Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional 1981 a 1985

SPHAN — Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de 1985 a 1990

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12
CAPÍTULO 1: A TOMADA DO BEM PELA FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA 17
1.1 A política patrimonial em fins dos anos 1970 17
1.2 As articulações em torno do Paço 26
1.3 Os usos futuros do Paço em debate 41
CAPÍTULO 2: A "RESTAURAÇÃO" DO PAÇO 52
2.1 Os estudos preliminares 54
2.2. Um dilema sobre a intervenção: "Restaurar" ou preservar? 58
2.3. Sob a luz do Barroco: o projeto de "restauração" do Paço 67
2.4 O Paço e a cidade: ressonância e reapropriações 88
CAPÍTULO 3: O PAÇO É DEVOLVIDO AO POVO: O REVOCACIONAMENTO E A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO CULTURAL 98
3.1 O período experimental 99
3.2 A dinamização e as duas vertentes do bem cultural 105
3.3 A devolução do bem à comunidade 110
3.4 Convocam-se produtores e artistas: a participação social na ocupação do Paço 117
3.5 As novas propostas de uso 120
CAPÍTULO 4: A INTITUCIONALIZAÇÃO 125
4.1 Regimentos Internos e posse do primeiro diretor-executivo 125
4.2 Propostas da nova gestão e a criação do Conselho Consultivo 137
4.3 O Paço Imperial em fins dos anos 1980 142
CONSIDERAÇÕES FINAIS 146
REFERÊNCIAS 149
APÊNDICE 163

INTRODUÇÃO

> Os intelectuais que pensavam, e os que ainda pensam, em termos de uma "retórica da perda" postulam a existência de um "objeto de desejo", seja o "passado nacional", seja a "cultura popular", seja o "folclore", cuja busca revelaria a face autêntica do Brasil. Expressão de um "regime moderno de historicidade" (Hartog, 2003), a "retórica perda", em seu declínio no atual contexto marcado pelo regime "presentista", mostra-se como uma modalidade entre outras de representação do patrimônio, originalmente acoplada a um contexto institucional e a um certo regime de representação do tempo. Desse modo, é possível pensar o patrimônio não apenas como algo situado num tempo ou num espaço distante e inalcançável, mas também como um processo presente, incessante, conflituoso e interminável de reconstrução (GONÇALVES, 2015, p. 220).

A pesquisa "Casa-Grande da Cultura": (Re)patrimonialização e Revocacionamento do Paço Imperial no Rio de Janeiro (1980-1990)" é resultado das atividades desenvolvidas ao longo dos dois anos da prática supervisionada no Centro Cultural do Patrimônio — Paço Imperial e dos debates suscitados a partir das leituras e das aulas do Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural do IPHAN.

No período inicial da prática supervisionada, tive acesso a diversas publicações sobre a história do Paço Imperial produzidas ao longo da gestão do diretor Lauro Cavalcanti (1992; 2014) e publicações mais antigas, como o livro do Gilberto Ferrez e a Revista do Patrimônio número 20 de 1984, que continha um dossiê sobre a restauração do Paço e sobre a Praça XV.

A partir desse primeiro contato com a unidade e com as publicações citadas — referência para os trabalhos sobre o tema —, busquei aprofundar a pesquisa consultando os documentos disponíveis na Biblioteca Paulo Santos localizada no Paço Imperial e nos arquivos administrativos. Logo de início, percebi que a documentação arquivada tratava, apenas, das atividades ligadas às artes plásticas e às exposições, assim como as publicações do período do diretor Lauro Cavalcanti, que apresentavam um recorte temporal e temáticas bem específicas: contemplavam os anos pós-1985 (ano de inauguração do centro cultural) e os projetos de exposição realizados no Paço.

Além disso, um levantamento de artigos, livros e trabalhos acadêmicos sobre o Paço Imperial revelou que os temas abordados estavam quase sempre relacionados à trajetória do Paço como local histórico, aspectos sobre a sua "restauração" ou voltados para os projetos de exposição desenvolvidos no monumento. O contato com essas fontes iniciais me causou um estranhamento, na medida em que reproduziam uma narrativa aparentemente

heterogênea, ausente de tensões em relação a usos, projetos ou até mesmo sua própria história como centro cultural.

Diante disso, propus que o meu primeiro produto da atividade supervisionada, uma exigência do Mestrado Profissional, fosse a produção de um levantamento de projetos realizados no Paço Imperial de 1985 (ano de sua abertura ao público) ao ano de 2017 (ano em que iniciei o mestrado). Como já possuía os relatórios de atividades produzidos pela administração da unidade e os clippings arquivados na Biblioteca Paulo Santos, consolidei as informações em um só documento e iniciei uma pesquisa nos periódicos da época, para localizar mais informações. Para minha surpresa, logo nos cinco primeiros anos, localizei mais de 100 projetos não listados nas publicações anteriormente citadas, que contemplavam uma ampla gama de iniciativas culturais que extrapolavam o segmento das artes plásticas: projetos de teatro, shows de música popular e erudita, mostras de cinema, lançamento de livros, debates, entre outros. A imagem do Paço Imperial como um centro de exposições de artes plásticas daria lugar a um centro cultural múltiplo, cenário de inúmeras manifestações culturais. O que gerou mais um ponto de estranhamento.

Em virtude da ausência de uma documentação mais diversa nos acervos do Paço Imperial, iniciei a pesquisa no Arquivo Central do IPHAN no Rio de Janeiro e tive acesso ao inventário do monumento, onde localizei documentos sobre as atividades desenvolvidas no Paço em seus anos iniciais e um discurso datilografado e não assinado, que, posteriormente, confirmei como sendo do então Secretário da Cultura do MEC, Marcos Vinícios Vilaça, proferido no dia da abertura do prédio ao público, em 6 de março de 1985, no qual Vilaça se referia ao Paço como uma espécie de "Casa-Grande da Cultura". O uso do termo "Casa-Grande" e a referência à obra de Gilberto Freyre me chamou atenção por evocar um referencial teórico e um ideário tão simbólico justamente em um momento marcado pela abertura política, pela luta pela garantia dos direitos sociais e políticos e pelas discussões em torno da ampliação do conceito de patrimônio.

Cabe destacar, no entanto, que "Casa-Grande e Senzala" traz uma leitura sobre a formação socio-histórica do Brasil bem datada. Na ocasião, a obra acabara de completar 50 anos e Gilberto Freyre estava presente na solenidade de abertura, por sua importância enquanto intelectual, a despeito da posterior revisão crítica de sua obra. Era um momento pré-Constituição de 1988.

A utilização da expressão e a analogia tornaram-se, portanto, o mote para pensar o projeto de Paço Imperial que foi silenciado ao longo dos anos, em prol de uma pretensa narrativa harmônica no que diz respeito às opções estéticas em sua intervenção, aos usos do

bem tombado e à escolha das manifestações culturais que o ocuparam o espaço nesses anos iniciais. Assim, a proposta deste trabalho é analisar a trajetória recente do Paço para além das discussões em torno de sua "restauração". O paço como um patrimônio edificado, de pedra e cal, "em processo presente, incessante, conflituoso e interminável de reconstrução", para usar a definição de José Reginaldo Santos Gonçalves. Pensar o Paço como um patrimônio em processo e cenário de disputas entre grupos e projetos.

Embora o tombamento do Paço Imperial tenha sido realizado em 1938, dentro de uma outra diretriz das políticas públicas da área, compreende-se, neste trabalho, que a construção do patrimônio ao longo dos anos se deu de forma contínua e não linear, em processos diversos que se atravessavam. O que ocorre com o Paço Imperial ao longo dos anos 1980 é entendido, portanto, neste estudo, como um processo de (re)patrimonialização do bem, ou seja, como um novo processo de atribuição de valores e significados ao patrimônio, reivindicando, dessa vez, a participação da população e a inserção em debates mais amplos, suscitados pelos movimentos sociais.

Nesse sentido, a pesquisa divide-se em quatro partes, a saber: a tomada do bem pela Fundação Nacional Pró-Memória; a restauração do bem; o revocacionamento e a construção de um espaço cultural; e, por fim, a institucionalização. Propõe-se, portanto, a análise dos diferentes aspectos e processos de patrimonialização, considerando os diversos atores e valores acionados na constituição deste espaço cultural.

No capítulo 1, "a tomada do bem pela Fundação Nacional Pró-Memória", apresento um breve histórico da situação do bem, que por cerca de 90 anos abrigou a sede do Departamento dos Correios e Telégrafos (1890-1982). Ao longo desse período, o prédio sofreu alterações em sua configuração arquitetônica e, embora não sendo corretamente preservado, conseguiu sobreviver ao início do regime republicano e às transformações urbanísticas vivenciadas na cidade do Rio de Janeiro.

No início dos anos 1980, Aloísio Magalhães, presidente da Fundação Nacional Pró-Memória e diretor-geral da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, deu início a uma série de articulações para a transferência da posse do edifício para a Fundação objetivando a sua recuperação, atendendo à nova política patrimonial implementada em fins dos anos 1970. A efetivação da transferência do bem gerou alguns debates em torno dos usos futuros do Paço e da importância de sua abertura à comunidade. Nesse contexto, surgem várias propostas que são discutidas em uma comissão formada exclusivamente para examinar as alternativas existentes e definir conceitualmente o projeto de ocupação do prédio. O uso do termo "tomada" tem como objetivo, portanto, dar ênfase a essas disputas.

O desenvolvimento dos trabalhos da comissão resultou na eleição de um critério básico que deveria nortear as atividades do Paço: a destinação cultural em áreas abertas ao público. O Paço deveria assumir, portanto, a feição de um espaço cultural múltiplo, flexível e renovável, ligando presente e passado, memória e desenvolvimento, e integrado ao contexto social e urbano que o envolve: um espaço cultural vivo, tal como preconizado por Aloísio Magalhães.

No capítulo 2, "a restauração do Paço", apresenta uma das obras mais emblemáticas realizadas pela SPHAN/Pró-Memória. O objetivo foi discutir não o aspecto técnico da restauração, mas, sobretudo, as inconsistências da narrativa em torno da obra. A partir da análise da documentação técnica e dos relatórios de ações dos diferentes grupos de técnicos envolvidos (arquitetos, arqueólogos e historiadores), busquei identificar as incongruências discursivas e as justificativas assumidas para a deliberação de determinadas medidas no decorrer da obra. Por meio das fontes, foi possível identificar as tensões entre os grupos de técnicos e compreender que a obra não foi, efetivamente, uma "restauração", mas uma intervenção pautada em opções estéticas direcionadas pelos arquitetos envolvidos e que essa escolhas, em muitos casos, se sobrepuseram às ações paralelas — e igualmente importantes —, como os estudos arqueológicos e históricos.

Outro aspecto relevante foi o uso de uma retórica em torno da democratização das ações e da participação da comunidade, que não ocorreu tal como era afirmado. A participação, percebida de forma pontual, apenas diz respeito a grupos sociais restritos.

Assim, os debates em torno do projeto de intervenção levantam os caminhos possíveis entre o que os técnicos denominam como preservação (manutenção da forma neocolonial e reciclagem de seu uso) e a restauração (recuperação de mais um exemplar da arquitetura barroca luso-brasileira), suscitando questões que extrapolam a dimensão estética, ressaltando os aspectos sócio-políticos de sua execução. Afinal, que o papel o edifício preencheria na cidade e como sua reutilização tornar-se-ia determinante para o espaço urbano? Quais valores seriam acionados, que memórias e que sujeitos seriam mobilizados nesse processo?

Nesse capítulo apresento, ainda, os estudos preliminares para a realização da obra e o projeto que foi apresentado e aprovado por unanimidade pelo conselho consultivo da SPHAN.

No capítulo 3, "O Paço é devolvido ao Povo: o revocacionamento e a construção de um espaço cultural", apresento os trabalhos desenvolvidos pela Coordenadoria de Projetos Especiais da 6ª Diretoria Regional da SPHAN, área responsável pela gestão das atividades

desenvolvidas no espaço cultural. Segundo Suetônio Soares Valença, técnico que esteve à frente da coordenadoria, o Paço restaurado trouxe para a Diretoria Regional o encargo novo de exercitar com profundidade uma série de atividades, visando à adequação e integração do monumento restaurado com o ambiente no qual está inscrito (VALENÇA, 1985).

A coordenadoria desenvolveu ações no período das obras de intervenção até meados de 1986, quando ocorre a efetiva institucionalização do Paço. Embora tenha sido o período de maior efervescência do Paço, em que os espaços foram utilizados explorando toda a diversidade de ações, esse momento inicial ficou conhecido como um período experimental, não sendo legitimado como uma instituição formalizada. O próprio Suetônio não é identificado como o primeiro diretor do centro cultural e nunca assumiu esse cargo (embora para os funcionários ele tenha sido o primeiro diretor). Nesse capítulo apresento o que foi esse período experimental, a aproximação do Paço Imperial às duas vertentes do bem cultural (a do patrimônio consolidado e a da produção cultural ativa, que, futuramente pode ser apreendida como patrimônio cultural), a proposta de devolução do bem à comunidade e as novas proposições de uso.

Por fim, no capítulo 4, "a institucionalização", apresento a formalização do Paço como unidade autônoma da SPHAN/Pró-Memória e a criação do cargo de diretor-executivo, função assumida pelo crítico de arte Paulo Sérgio Duarte. Nesse capítulo, analiso os primeiros regimentos internos do Paço Imperial, a forma como a estrutura foi elaborada, privilegiando os projetos expositivos e as propostas da nova gestão. A criação do Conselho Consultivo do Paço também foi colocada em questão. Bem como a forma pela qual essas mudanças transformaram o projeto inicialmente proposto para o Paço. O Paço, em fins dos anos 1980, tornou-se um projeto completamente diferente de seus anos iniciais. A parte final trabalha a forma como isso se deu ao longo de cinco anos.

Proponho, ao longo deste trabalho, estabelecer um olhar sobre os anos iniciais do Centro Cultural do Paço Imperial no intuito de compreender a sua formação histórica. A ideia é tentar entender de que forma esse patrimônio foi constituído, física e simbolicamente, no decorrer do tempo, contribuindo para o registro de sua memória institucional e para a compreensão do bem tombado e seus significados na atualidade.

CAPÍTULO 1: A TOMADA DO BEM PELA FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA

A edificação, projetada e construída em 1743, por ordem do então governador da capitania do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade, surgiu para abrigar a nova Casa dos Governadores. Ao longo de 275 anos, sofreu inúmeras intervenções que transformaram suas formas, funções e significados de acordo com os diferentes usos sociais que lhe foram atribuídos em quase três séculos. Por mais de 90 anos, período em que abrigou a sede do Departamento dos Correios e Telégrafos (1890-1982), permaneceu em uma fase silenciosa, traduzida tanto nas modificações arquitetônicas que alteraram de forma significativa as características originais do período em que foi sede da Colônia e do Império, quanto no estado de abandono posterior e gradual do bem. Essa condição teria, contudo, em certa medida, possibilitado sua sobrevivência no início do regime republicano e ao longo do século XX, frente às transformações urbanísticas vivenciadas na cidade do Rio de Janeiro.[1]

No início dos anos 1980, Aloísio Magalhães, presidente da Fundação Nacional Pró-Memória e diretor-geral da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) dá início a uma série de articulações para a transferência da posse do edifício para a Fundação, objetivando a sua recuperação, atendendo à nova política patrimonial implementada em fins dos anos 1970. Embora a ação tenha sido acompanhada de um discurso pautado por um viés democrático, dentro das proposições de ampliação do conceito de patrimônio e das iniciativas desenvolvidas pelo órgão de preservação, o processo em si revela nuances que evidenciam continuidades significativas e tornam esta retomada ainda mais emblemática. As disputas em torno da posse e dos novos usos do bem se estendem ao campo simbólico, apresentando um panorama do período que deve ser compreendido, sobretudo, a partir deste lugar transitório, seja dos ideais difundidos ou das práticas institucionais.

1.1 A política patrimonial em fins dos anos 1970

O final dos anos 1970 é marcado por um movimento de liberalização gradual, após a instauração da ditadura militar no país em 1964, que culmina na política de abertura

[1] Sobre a trajetória histórica do Paço Imperial. Cf. FERREZ, Gilberto. **O Paço da cidade do Rio de Janeiro**. MEC - Secretaria da Cultura. SPHAN/Pró-Memória. Rio de Janeiro, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985; CAVALCANTI, Lauro (org.). **Paço Imperial**. RJ: 2005; CAVALCANTI, Lauro (org.). **Paço Imperial**. Rio de Janeiro: Sextante Artes, 1999; CALMON, Pedro. Paço Imperial: história e ressurreição de um palácio. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 134-138, 1984.

desenvolvida ao longo do governo de João Figueiredo (1979-1985) (ALVES, 1984, p. 319). Dando prosseguimento às ações de distensão anunciadas pelo presidente anterior, Ernesto Geisel (1974-1979), Figueiredo assume o cargo com a tarefa de promover medidas que diminuíssem as tensões criadas pela centralização do poder burocrático do Estado e pelo declínio de sua legitimidade, diante da acentuada crise econômica e da violência do aparato repressivo.

De acordo com o General Golbery do Couto e Silva, à época o principal ideólogo político do Estado de Segurança Nacional e ministro-chefe do Gabinete Civil, era preciso estabelecer uma liberalização controlada, pautada na descentralização do poder executivo (integrando não só os estados e municípios, mas, também, a sociedade civil), o desenvolvimento de formas mais flexíveis de controle social e a desarticulação e neutralização do sistema de oposição (ALVES, 1984, p. 319). Para além das medidas no campo político, como a extinção da vigência do Ato Institucional n. 5,[2] a promulgação da Lei da Anistia e da Reforma Partidária, em 1979, a gestão de João Figueiredo buscou consolidar mudanças no campo cultural, iniciadas em meados dos anos 1970, que tinham como objetivo estabelecer uma presença mais efetiva do Estado na organização da cultura do país.[3] Era fundamental, nesse momento, que o Estado buscasse sua legitimação pelo viés cultural e garantisse algum nível de controle sobre a produção da cultura e do ideário de identidade nacional. Nesse sentido, propõe-se a reestruturação de instituições estatais da área, visando à dinamização dos processos e o alinhamento com o discurso de democratização sustentado pelo governo.

---

[2] O AI-5 definiu o momento mais duro da ditadura militar. Publicado no dia 13 de dezembro de 1968, atribuía ao Executivo o poder de fechar o Congresso Nacional e as assembleias estaduais e municipais; o direito de cassar mandatos eleitorais de membros dos poderes Legislativo e Executivo nos níveis federal, estadual e municipal; o direito de suspender por dez anos os direitos políticos dos cidadãos e a reinstituição do "Estatuto dos Cassados"; o direito de demitir, remover, aposentar ou pôr em disponibilidade funcionários das burocracias federal, estadual e municipal; o direito de demitir e remover juízes, bem como a suspensão de garantias do Judiciário, como vitaliciedade, inamovibilidade e estabilidade; poder de decretar estado de sítio sem qualquer dos impedimentos fixados na Constituição de 1967; suspensão da garantia de *habeas corpus* em todos os casos de crimes contra a Segurança Nacional; julgamento de crimes políticos por tribunais militares, dentre outros.

[3] É desse período, por exemplo, a Política Nacional de Cultura (PNC), lançada em 1976, durante a gestão do ministro da Educação e Cultura, Ney Braga (1974-1978), e que tinha como objetivo gerar conhecimento sobre a cultura brasileira; preservar os bens culturais; difundir as criações e manifestações culturais e contribuir para o processo de integração nacional. Cf. CALABRE, Lia. **Políticas culturais no Brasil**: dos anos 1930 ao século XXI. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 79. Segundo, Laís Villela, o documento "apresenta a importância da cultura como mecanismo propulsor do desenvolvimento econômico e social" e "ressalta a diversidade regional, aponta a identidade do brasileiro pela perspectiva pluralista, a fim de criar a idéia de inclusão social e valorização das diferenças." Cf. LAVINAS, Laís Villela. Aloísio Magalhães e a Ditadura: desenvolvimento e legitimação. In: **Anais do Encontro de História Oral**. 2012. Disponível em: <https://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1340064051_ARQUIVO_corrigido.pdf>. Acesso em 25/12/2019.

A nomeação do professor universitário, escritor, crítico literário e bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais Eduardo Portella, para o cargo de ministro da Educação e Cultura, em março de 1979, por conseguinte, converge com esse movimento de aproximação com a sociedade civil. Em conferência realizada na Escola Superior de Guerra, em 16 de julho de 1979, o ministro apresentou o que considerava os problemas enfrentados pela educação e pela cultura, as linhas de ação do MEC e seus objetivos gerais, destacando que a "desigualdade na distribuição de renda e a consequente marginalização cultural, educacional, econômica e social dos estratos mais baixos da população, configuram o pano de fundo do imediato" (CALABRE, 2009, p. 94). Portella ressaltou, ainda, as "distorções na criação, distribuição, acesso e consumo de bens culturais" (CALABRE, 2009, p. 94), pontuando um panorama de ausência de democratização da cultura e apresentando algumas medidas, como a atualização e a consolidação dos planos nacionais de cultura, bem como o aperfeiçoamento dos Conselhos Federal e Estaduais de Educação e Cultura.[4]

É sob a gestão de Portella que ocorre a implantação da Secretaria de Assuntos Culturais (Seac), prevista no Decreto n. 81.454, de 17 de março de 1978, que dispunha sobre a organização administrativa do Ministério da Educação e Cultura. A Seac tinha por finalidade "planejar, coordenar e supervisionar a execução da política cultural e das atividades relativas à cultura em âmbito nacional e prestar cooperação técnica e financeira às instituições públicas e privadas, de modo a estimular as iniciativas culturais".[5] Representava, segundo Sérgio Miceli (1984, p. 60), o crescimento da importância da área cultural dentro do MEC, além de estabelecer a "clara divisão da atuação em duas vertentes distintas dentro de uma mesma secretaria: uma vertente patrimonial e outra de produção, circulação e consumo da cultura" (CALABRE, 2007, p. 6).

Pelo decreto, vinculava-se à Seac o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), cujas competências, definidas pela Portaria MEC n. 230, de 30 de março de 1976, eram

> a catalogação sistemática e a proteção dos arquivos estaduais, municipais, eclesiásticos e particulares, cujos acervos interessem à história nacional e à história da arte no Brasil. A coordenação e a orientação das atividades dos museus federais que lhe forem subordinados [...] e o estímulo e a orientação no País da organização de museus de arte, história, etnografia e arqueologia. A realização de exposições temporárias de obras de valor histórico e artístico, assim como de publicações e

[4] Para análise desse contexto, consultar os trabalhos de Tatyana de Amaral Maia (2012), Sérgio Miceli (1984), Lia Calabre (2006), dentre outros.

[5] Decreto n. 81.454, de 17 de março de 1978. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-81454-17-marco-1978-430536-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 25/12/2019.

> quaisquer outros empreendimentos que visem difundir, desenvolver e apurar o conhecimento do patrimônio histórico, artístico, arqueológico e paisagístico do País (MOTTA, 2015, p. 41).

A Portaria MEC n. 230 já havia proposto uma reestruturação do IPHAN que pretendia atender, por um lado, a necessidade de dotá-lo de uma estrutura mais consistente e descentralizada,[6] e, por outro, de lhe conferir uma maior autonomia administrativa. O Instituto enfrentava uma série de desafios em virtude da tensão gerada por sua linha de atuação no campo da preservação — ainda vista como elitista e voltada ao patrimônio vinculado ao "discurso da monumentalidade" e à ideia de "tradição", que privilegiava a preservação dos bens ligados à herança barroca e colonial (GONÇALVES, 2007, p. 117) — em um contexto de modernização e desenvolvimentismo. A urbanização crescente das cidades, a expansão do turismo e a consequente especulação imobiliária expuseram a inadequação do órgão para enfrentar a nova realidade (MAGALHÃES, 2017, p. 260). A inflexibilidade do IPHAN, representada não só pela limitada capacidade de captar de recursos das instituições públicas, mas, também, pelo ideário difundido desde fins dos anos 1930, enfrentou, em uma conjuntura marcada pelas mobilizações sociais em prol da democracia, a inevitável tarefa de se reinventar.

As mudanças institucionais e doutrinárias mais relevantes ao longo dos anos 1970 na vertente "patrimonial", segundo Sérgio Miceli, no entanto, seriam motivadas por empreendimentos externos ao MEC, sob o patrocínio de outros órgãos oficiais (MICELI, 1984, p.77). Uma dessas iniciativas foi o Programa Integrado de Reconstrução das Cidades Históricas (1973),[7] voltado inicialmente para o atendimento de nove estados das regiões Norte e Nordeste, e, posteriormente denominado como Programa das Cidades Históricas (PCH, 1977), a partir da ampliação para o Sudeste. O projeto "resultou das recomendações de um grupo interministerial no sentido de proporcionar recursos financeiros para a 'restauração' de sítios e monumentos históricos que se prestassem a uma reutilização

[6] Com um Núcleo Central, nove Diretorias Regionais e sete Coordenadorias de Museus e Casas Históricas e Representações nas capitais dos estados onde não havia sedes das Diretorias. Cf. MOTTA, Lia (org.). **Um panorama do campo da preservação do patrimônio cultural**. Rio de Janeiro: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015, p. 41.

[7] Segundo Analucia Thompson, o Programa Integrado de Reconstrução de Cidades Históricas do Nordeste, de 1973, foi estendido à região Sudeste em 1977, quando passou a ser denominado Programa das Cidades Históricas (PCH). Sua concepção foi resultado de uma ação interministerial que contou com a participação do Ministério da Educação e Cultura, por meio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, do Ministério do Interior, por meio da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), e do Ministério da Indústria e Comércio, por meio da Empresa Brasileira de Turismo (Embratur), contando, ainda, com recursos da Secretaria de Planejamento (Seplan). O PCH foi um Programa federal de recuperação do patrimônio cultural urbano. Cf. THOMPSON, Analucia. Campo cultural e contexto histórico: nomes do IPHAN. In: MOTTA, Lia (org.). **Um panorama do campo da preservação do patrimônio cultural**. Rio de Janeiro: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015, pp. 9-86.

econômica através do turismo" (MICELI, 1984, p. 77). O PCH tinha como objetivo criar uma infraestrutura adequada ao desenvolvimento e suporte de atividades turísticas, além do uso de bens culturais como fonte de renda e a revitalização de monumentos em degradação (FONSECA, 2005, p. 152). De acordo com Miceli, "a repercussão do PCH se fez sentir basicamente através da expansão considerável do volume de recursos desde então canalizados para a área patrimonial" (MICELI, 1984, p. 78), mobilizando a colaboração e a participação financeira de setores sociais diretamente beneficiados pelos dividendos econômicos e simbólicos do investimento na conservação do acervo histórico e artístico. Por outro lado, evidenciou as limitações do IPHAN no que diz respeito à escassez de técnicos e às diretrizes de sua política de tombamento. Para Maria Cecília Londres Fonseca, a criação do PCH veio suprir, de fato, a falta de recursos financeiros e administrativos do IPHAN, mantendo, no entanto, a cargo da instituição a referência conceitual e técnica, e, mais importante, propiciando a criação, durante as décadas de 1970 e 1980, de órgãos locais de patrimônio e a elaboração de legislações estaduais de proteção, estabelecendo medidas convergentes à proposta de descentralização do campo.

Outra iniciativa de relevância no período foi a criação do Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC),[8] em 1975. O CNRC resultou de discussões de um pequeno grupo, que se reunia em Brasília, e tinha como objetivo conhecer, referenciar e compreender as manifestações culturais, visando à preservação da memória e fornecer elementos para o apoio ao desenvolvimento dessa política (FONSECA, 2005, p. 157). O grupo era composto por uma equipe multidisciplinar, formada pelo designer Aloísio Magalhães; o empresário e então ministro da Indústria e Comércio, Severo Gomes; o embaixador e então secretário de Educação do Distrito Federal, Wladimir Murtinho; e, posteriormente, o matemático Fausto Alvim Junior; a documentarista e então diretora do Prodasen, Cordélia Robalinho Cavalcanti; a socióloga Bárbara Freitag, dentre outros (FONSECA, 2005, p. 153). O CNRC questionava modelos de interpretação de cada processo cultural estudado, dando ênfase, num primeiro momento, a experiências de referenciamento e, em seguida, à estruturação em quatro programas: mapeamento do artesanato brasileiro, levantamentos socioculturais, história da

[8] O Centro Nacional de Referência Cultural, coordenado pelo designer Aloísio Magalhães, teve origem em um convênio firmado em 1975, do qual participaram o então ministro da Indústria e Comércio, Severo Gomes, e o embaixador Wladimir Murtinho, secretário de Educação do Distrito Federal na época. No ano seguinte, contou com a incorporação de outras parcerias, como a Secretaria de Planejamento da Presidência da República, os ministérios da Educação e Cultura, do Interior e das Relações Internacionais, a Caixa Econômica Federal, a Fundação Universidade de Brasília e a Fundação Cultural do Distrito Federal. Em 1977, passou a integrá-lo o Banco do Brasil e o Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Cf. MOTTA, Lia (org.). **Um panorama do campo da preservação do patrimônio cultural**. Rio de Janeiro: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015, p. 46.

ciência e da tecnologia no Brasil e levantamento de documentação sobre o Brasil (FONSECA, 2005, p. 153). A experiência contribuiu para formular da noção de "bem cultural",[9] uma alternativa à ideia de "patrimônio histórico", com o intuito de atualizar e ampliar o espectro de bens passíveis de proteção (MAGALHÃES, 2017. p. 418). Considera, ainda, a perspectiva do viés econômico da cultura e da instrumentalização do setor para a participação e integração nas políticas de desenvolvimento nacional, aspecto de grande importância na conjuntura de fins dos anos 1970 no campo político e que é oportunamente incorporado pelo governo militar (FONSECA, 2005, p. 153).

Em março de 1979, o ministro de Educação e Cultura, Eduardo Portella, nomeia Aloísio Magalhães, um dos fundadores do Centro Nacional de Referência Cultural, para o cargo de diretor-geral do IPHAN. A nomeação de Aloísio Magalhães, viabilizada pelos círculos políticos e intelectuais favoráveis às propostas de reformulação da vertente patrimonial (MICELI, 1984, p.83), resulta não só da influência política do design dentro do Estado autoritário brasileiro (LAVINAS, 2014, p. 156), mas, sobretudo, de sua contribuição para forjar o discurso em torno do ideário de bem cultural, a partir dos estudos e atividades do CNRC, que aproximava a ideia da preservação à proposta de dinamização dos bens por meio do uso social, utilizando como referencial as ações do PCH.[10]

A narrativa sustentada por Aloísio era, nesse sentido, uma importante aliada da legitimação do governo pelo viés cultural, uma vez que defendia a ampliação do conceito de patrimônio, democratizando seu escopo — incluindo elementos populares e fortalecendo a representatividade. Atenderia, assim, não só a necessária construção de uma identidade nacional que convergisse por meio desse discurso, como também o ideário de desenvolvimento econômico do país, visto que os bens culturais passaram a ser compreendidos a partir desse viés.[11]

Em sua gestão, ocorre a reestruturação do órgão, integrada a um movimento proposto pelo governo federal de modernização de suas instituições e atendendo uma

---

[9] A noção de bem cultural abrange duas vertentes: a da produção cultural e a patrimonial. Cf. MAGALHÃES, Aloísio. **Bens culturais do Brasil**: um desenho projetivo para a nação. Organizador João de Souza Leite. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017, p. 418.

[10] Em entrevista datada de abril de 1979, pouco depois de assumir a direção do IPHAN, Aloísio Magalhães sinaliza a importância do trabalho desenvolvido pelo PCH como um elemento enriquecedor da região Nordeste, em termos de recursos econômicos, e para a reutilização desses bens, dentro de uma política de ênfase ao turismo. Cf. MAGALHÃES, Aloísio. **Bens culturais do Brasil**: um desenho projetivo para a nação. Organizado por João de Souza Leite. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017, p. 209.

[11] Em entrevista, em abril de 1979, Aloísio Magalhães afirma que esta é uma das razões de sua ida para o IPHAN, "do bem cultural dentro de um contexto do processo de desenvolvimento da nação". Cf. MAGALHÃES, Aloísio. **Bens culturais do Brasil**: um desenho projetivo para a nação. Organizado por João de Souza Leite. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017, p. 210.

demanda necessária pela revisão de seu sistema operacional, dinamizando-o com o objetivo de "superar ainda dois entraves sérios: a rigidez da estrutura administrativa do órgão e a escassez de verbas."[12] Segundo Aloísio,

> diante de uma sociedade em permanente e desigual transformação, num momento histórico diverso, é nossa tarefa procurar adequar os serviços deste Instituto às solicitações do nosso tempo. Inscrevem-se nessa preocupação os estudos atualmente em curso objetivando integrar ao IPHAN dois outros órgãos que nos últimos anos vêm ampliando nosso envolvimento com os bens culturais brasileiros: o Programa de Cidades Históricas e o Centro Nacional de Referência Cultural. A fusão desses esforços nos permitirá enfrentar o desafio de hoje com a esperança de acerto que nos compele a solicitar a participação de todos — do indivíduos à comunidade — para o diálogo contínuo e aberto, imprescindível e contemporâneo a qualquer ação que se faça sentir sobre um patrimônio cultural comum.[13]

Logo, são criadas, na estrutura do MEC, duas entidades: a Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN),[14] por transformação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e a Fundação Nacional Pró-Memória,[15] incorporando, a esse novo arranjo, a responsabilidade pela execução do Programa de Cidades Históricas[16] (recursos, metodologia e conhecimento do corpo técnico e especialista) e as atividades do CNRC[17] (incluindo sua metodologia inovadora, recursos humanos e posicionamento).[18]

> Assim, a partir do final de 1979, a responsabilidade pela preservação do acervo cultural e paisagístico brasileiro passou para a Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, como órgão normativo, de direção superior e coordenação nacional, incumbindo à Fundação Nacional Pró-Memória, como órgão operacional, proporcionar os meios e recursos que permitam agilizar a Secretaria.[19]

---

[12] Relatório das principais realizações do IPHAN em 1979. Ministério da Educação e Cultural, Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Arquivo Administrativo, Superintendência Regional do Rio de Janeiro.

[13] Aloísio Magalhães. Boletim do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 0, 1979, p. 2. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Boletim_0.pdf>. Acesso em 05/01/2020.

[14] Criada no dia 13 de outubro de 1979, por meio do Decreto n. 84.198.

[15] Criada no dia 17 de dezembro de 1979, por meio da Lei n. 6.757.

[16] O PCH era executado pela Secretaria de Planejamento, Seplan/PR.

[17] O convênio interministerial com o CNRC, assinado em 1976, terminaria no fim de 1978. Segundo Laís Lavinas, desde o início o Centro defendia a necessidade de institucionalização ao fim do convênio. Nesse sentido, a impossibilidade de renovação do termo aditivo para os anos de 1979/1980 faz com que Aloísio Magalhães inicie uma série de articulações para a sua efetivação. Cf. LAVINAS, Laís Villela. **Um animal político na cultura brasileira**: Aloísio Magalhães e o campo do Patrimônio Cultural no Brasil (anos 1966-1982). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

[18] O IPHAN é transformado em Secretaria dentro da estrutura do MEC, no período de 1979 a 1981. Para mais informações sobre o processo de fusão IPHAN/PCH/CNRC, consultar os trabalhos dos seguintes autores: Maria Cecília Londres Fonseca (1997), Lia Motta (2015), Analucia Thompson (2015), Márcia Chuva (2009), dentre outros.

[19] MEC. **Proteção e revitalização do patrimônio cultural no Brasil**: uma trajetória. Brasília: Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Fundação Pró-Memória, n. 31, 1980, p. 28-29.

Enquanto a SPHAN tinha como finalidade "inventariar, classificar, tombar, conservar e restaurar monumentos, obras, documentos e demais bens de valor histórico, artístico e arqueológicos existente no País, bem como, tombar e proteger o acervo paisagístico",[20], a Pró-Memória deveria "contribuir para o inventário, a classificação, a conservação, a proteção, a 'restauração' e a revitalização dos bens de valor cultural e natural".[21]

Para Aloísio Magalhães,

> criavam-se, assim, as bases institucionais para o estabelecimento de duas vertentes distintas para o trato do bem cultural. De um lado, a vertente patrimonial, preocupada em saber guardar o já cristalizado em nossa cultura, buscando identificar esse patrimônio, recuperá-lo, preservá-lo, revitalizá-lo, referenciá-lo e devolvê-lo à comunidade a que pertença. Do outro lado, a vertente da produção, circulação e consumo de cultura, voltada para a dinâmica da produção artística nos vários setores, como literatura, teatro, música, cinema, artes plásticas etc., na qual se está atento para captar o que ocorre na realidade brasileira e estimular onde for necessário, para, mais tarde, eventualmente, verificar o que, do material assim obtido, cristalizou-se e incorporou-se à dimensão patrimonial (MAGALHÃES, 2017, p. 418).

Essa "organização dual" (THOMPSON, 2015, p. 49) buscava não só atender uma demanda de revitalização do IPHAN, de sua metodologia e dinâmica, mas, sobretudo, renovar o ideal que a instituição representava. Aloísio Magalhães afirma, inclusive, em entrevista de abril de 1979,[22] que foi convidado para assumir a direção das duas entidades por causa de suas ideias. Sua reconhecida capacidade de captação de recursos se explica, justamente, pelo ideário que defende. Assim, a convergência dessas várias forças somatórias possibilitariam a reestruturação do órgão (MAGALHÃES, 1985, p. 117) e, consequentemente, sua atuação nesse processo.

Ao buscar legitimar-se na referida função, a afirmativa de Aloísio sinaliza um ponto fundamental desse cenário: a escolha de um personagem que poderia "harmonizar" (para usar um termo muito utilizado pelo próprio Aloísio Magalhães) as diferentes forças políticas envolvidas no segmento patrimonial, com vistas ao estabelecimento de um diálogo possível, considerando os interesses do Estado e do setor econômico. Não exclusivamente por suas ideias, visto que o conceito de bem cultural, por exemplo, "já vinha sendo trabalhado e

[20] BRASIL. Decreto nº 84.198, de 13 de novembro de 1979. Cria, na estrutura do Ministério da Educação e Cultura, a Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, por transformação do Instituto Histórico e Artístico Nacional, e dá outras providências. Brasília/DF: 1979.

[21] BRASIL. Lei n. 6.757, de 17 de dezembro de 1979. Autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Nacional Pró-Memória e dá outras providências. Brasília/DF: 1979.

[22] Aloísio Magalhães assume a direção do IPHAN em 27 de março de 1979. Cf. LAVINAS, Laís Villela. **Um animal político na cultura brasileira**: Aloísio Magalhães e o campo do Patrimônio Cultural no Brasil (anos 1966-1982). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2014, p. 158.

pensado desde o fim da década de 1960" (LAVINAS, 2014, p. 152). A contribuição, nesse momento, conforme afirma Laís Lavinas, seria a integração do CNRC nessa discussão "por considerar que o conceito poderia contribuir para transformações de atuação no setor, favorecendo uma abordagem que aliava cultura e desenvolvimento socioeconômico" (LAVINAS, 2014, p. 152). E, sobretudo, pelo importante papel de articulador político que Aloísio Magalhães desempenhava, por meio de sua influente rede de relações.

Segundo Lavinas, Aloísio Magalhães teria sido convidado por Eduardo Portella e Golbery do Couto e Silva para presidir o IPHAN com a missão de reestruturar o setor patrimonial do MEC por ser um "animal político conveniente para o momento" (LAVINAS, 2014, p. 152).

> Pelo lado dos grupos governantes militarizados, Aloísio Magalhães possuía um longo e extenso histórico de parcerias e projetos, criando narrativas de memórias coletivas nacionais a favor do regime, incentivando e ajudando a construir uma identidade cultural nacional que se portava como reflexo de uma elite político burocrática nacionalista e encantada com as teorias desenvolvimentistas, em que muitos, especialmente os civis, tinham origem nordestina. [...]
> Além disso, Aloísio tinha excelente circulação entre diversos grupos civis, como empresários, artistas e intelectuais. Era artista reconhecido nacional e internacionalmente, representando e exportando a cultura nacional brasileira, tendo fácil trânsito em órgãos internacionais como UNESCO e ICOMOS. Magalhães era nacionalista e defensor do Brasil Potência, havia conquistado espaço territorial nos debates sobre política cultural, tanto no Brasil como no mundo, se portando como inovador e ao mesmo tempo tradicional, apegado às raízes nacionais. Transitou, com frequência, entre diversos setores públicos, conhecendo não só o funcionamento político burocrático, mas também os seus planos e planejamentos, ou seja, Aloísio Magalhães seria um representante dos setores econômicos nas políticas públicas culturais (LAVINAS, 2014, p. 156).

É importante compreender a complexidade expressa no campo do patrimônio cultural em fins dos anos 1970 refletida na configuração da estrutura SPHAN/Pró-Memória, o que contribui para a compreensão das articulações de Aloísio Magalhães no comando dos dois órgãos. No que diz respeito ao objeto de estudo deste trabalho, a própria retomada do edifício pela Fundação Nacional Pró-Memória, no início dos anos 1980, revela a tentativa de colocar em prática as discussões em torno do conceito de bem cultural e a proposição de uma nova abordagem ao patrimônio edificado, que objetivava, em última análise, a sua utilização de forma a cumprir diferentes finalidades, seja econômica (ao se tornar um bem sustentável), social (para uso público), cultural (servindo como espaço de disseminação das manifestações culturais e artísticas) e política (demarcando territórios e ampliando as formas de atuação do campo patrimonial). Embora haja um esforço, ao menos discursivo, para atribuir uma função social ao bem e estabelecer uma ação de recuperação estrutural do monumento, visando à

"devolução ao povo", o processo em si mostrou a falta de consenso nos projetos que se formularam no decorrer das ações e que as tensões, embora subliminares, permaneciam presentes, conforme iremos apresentar nos capítulos posteriores.

Outro ponto importante a ser destacado é a relação do turismo com as duas iniciativas, PCH e CNRC, incorporadas ao novo arranjo proposto para a vertente patrimonial do MEC. Visto como elemento-chave para viabilizar os objetivos do Programa Cidades Históricas, pois, "tecnicamente, permitia o desenvolvimento urbano das cidades históricas em harmonia com as suas funções sociais" (CHUVA; LAVINAS, 2016, p. 89), revelava, por outro lado, que "a complexidade da indústria turística transcendia os problemas de infraestrutura" (LAVINAS, 2016, p. 154), tarefa na qual os estudos desenvolvidos pelo Centro Nacional de Referência Cultural poderiam contribuir para ações mais assertivas.

Tendo o turismo um forte viés da política cultural ligada ao projeto desenvolvimentista do Estado autoritário brasileiro (CHUVA; LAVINAS, 2016, p. 91), logra-se um cenário em que convergem ideias e práticas que aliam a noção de bens culturais ao conceito de democracia, estabelecendo projetos em que essa nova visão de patrimônio busca se instituir de forma harmônica com os interesses sócio-políticos e econômicos em disputa. O Paço Imperial é um deles.

1.2 As articulações em torno do Paço

A reestruturação proposta para a área patrimonial do MEC estabelecia, pela Lei n. 6.757, de 17 de dezembro de 1979, que os bens móveis e imóveis da União em uso ou sob a guarda de responsabilidade do extinto Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, bem como os bens tombados, atuais e futuros, da União, passariam a integrar o patrimônio da Fundação Nacional Pró-Memória.[23] De acordo com Aloísio Magalhães,

> os bens transferidos do patrimônio da União o seriam em duas categorias: os imóveis tombados ou suscetíveis de serem preservados passariam para a guarda e orientação do IPHAN, que os transformaria em albergues, museus, casas de cultura, agências de instituições financeiras governamentais ou agências de serviço, como o correio; e outros imóveis que, pelo seu valor de mercado, poderiam ser alienados ou rentabilizados em benefício da Fundação Pró-Memória.[24]

[23] BRASIL. Lei n. 6.757, de 17 de dezembro de 1979. Autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Nacional Pró-Memória e dá outras providências. Brasília/DF: 1979.

[24] Jornal A Crítica, Manaus — AM — 19/07/1979. A SPHAN foi criada em novembro de 1979, o que justifica Aloísio se referir ao órgão como IPHAN na entrevista realizada em julho de 1979.

Tal medida seria executada após a criação da Fundação, que, segundo o Ministro Eduardo Portella, representaria "um conjunto de ações integradas e organicamente estruturadas, que objetivavam identificar, documentar, proteger, classificar, restaurar e revitalizar bens do patrimônio cultural brasileiro, propiciando à comunidade nacional melhor conhecimento, maior participação e uso adequado desses bens".[25] E atuaria

> de maneira descentralizada e ágil, como elemento catalizador de energias, recursos humanos, metodológicos e financeiros, interagindo com organismos regionais, públicos e privados, interligando problemas comuns e distinguindo os peculiares, dentro da heterogeneidade e dos níveis de especificidade do mosaico cultural brasileiro.[26]

Em outros termos, a criação da Fundação[27] tinha como objetivo permitir "a formação de um patrimônio rentável, enriquecendo o fundo por um sistema de captação de recursos privados e outros provenientes de agências estatais em níveis federal, estadual e municipal e de organismos internacionais".[28]

Sobre a transferência dos imóveis para o IPHAN, Aloísio Magalhães chegou a afirmar que havia três ou quatro prédios que poderiam "ser transformados em albergues, sendo para isso arrendados a particulares ou empresas, com contratos minuciosos",[29] e que seu desejo era que fossem albergues para estudantes, mas que admitia a possibilidade de se instalar hotéis mais requintados.[30] Antecipando, ainda, que o Paço Imperial e o edifício dos Correios e Telégrafos, no Rio de Janeiro, poderiam ser dois dos bens de patrimônio da União a serem transferidos para o Instituto Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, com o objetivo de aumentar os recursos do organismo,[31] não esclarecendo, no entanto, a destinação que se pretendia dar a eles.

No caso específico do Paço Imperial, a transferência do bem não ocorreria de imediato, a partir da instituição da lei, devido a uma série de entraves; dentre eles, o imbróglio jurídico relacionado ao seu registro e a situação de uso do imóvel. O edifício havia sido cedido pela União à Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT) quase um século antes. De acordo com o artigo 3º da lei de criação da Pró-Memória, no caso de bens em posse

---

[25] Jornal A Crítica, Manaus — AM — 19/07/1979.
[26] Jornal A Crítica, Manaus — AM — 19/07/1979.
[27] A Fundação é referida como Fundo Nacional Pró-Memória.
[28] Jornal A Crítica, Manaus, AM — 19/07/1979.
[29] Jornal A Crítica, Manaus, AM — 19/07/1979.
[30] Jornal A Crítica, Manaus, AM — 19/07/1979.
[31] Jornal A Crítica, Manaus, AM — 19/07/1979. A venda de bens transferidos da União para a Fundação Nacional Pró-Memória é tema de discussão da 88ª Reunião do Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

ou em uso por órgão público federal, a transferência deveria ser realizada quando cessasse a utilização atual ou houvesse acordo entre a Fundação e o usuário. Diante disso, com o objetivo de cumprir a determinação, Aloísio Magalhães dá início, nos primeiros meses de 1980,[32] a uma série de articulações com o intuito de reivindicar a transferência do domínio do imóvel, localizado na Praça XV de Novembro, no Rio de Janeiro, para a Fundação, visando proceder à inadiável "restauração" arquitetônica e, por meio de uma correta e adequada destinação, reintegrá-lo à vida cultural da cidade.



Figura 1: Correios e Telégrafos — Antigo Paço Imperial, Praça Quinze de Novembro, Casa. Rio de Janeiro, RJ. Acervo do Arquivo Central do IPHAN/RJ. Agosto/1980. Fotografia: Pedro Lobo.

[32] Nessa época havia uma articulação da Prefeitura do Rio, por meio do prefeito Júlio Coutinho, para que o Paço fosse transferido para o município, a fim de servir de sede para a Secretaria Municipal de Educação e a Fundação Rio. Jornal do Brasil, 24 de setembro de 1980, 1º caderno, p. 12. Contudo, a partir da criação da Fundação Nacional Pró-Memória, por lei, todos os imóveis federais tombados e ocupados seriam revertidos à entidade.



Figura 2: Correios e Telégrafos — Antigo Paço Imperial, Praça Quinze de Novembro, Casa. Rio de Janeiro, RJ. Acervo do Arquivo Central do IPHAN/RJ. Agosto/1980. Fotografia: Pedro Lobo.

O imóvel já havia sido objeto de inúmeras modificações[33] e, para além das intervenções mais expressivas, como a construção de uma edificação no espaço de um dos pátios internos, houve a execução de pequenas ações, reparos e pinturas que alteraram a sua integralidade sem prévia notificação do órgão competente, conforme previsto no artigo 17 do Decreto-Lei n. 25, de 30 de novembro de 1937.[34] Com base na mesma legislação, Magalhães alega que, afora os danos materiais constatados, o registro do bem tombado, em nome da ECT, havia ocorrido "em descompasso com a Lei",[35] visto que, dado o valor natural e cultural do imóvel, ocorria o impeditivo legal do artigo 11 para a respectiva inscrição. Sendo assim, dentro dos trâmites legais do processo de n. 0768-54/79, o registro imobiliário n. 61.636, que formalizava a cessão do prédio para a ECT, é cancelado, baseado no parecer do procurador da Fazenda Nacional, Mario Cantorino Fontes Brito.[36]

Em 7 de fevereiro de 1980, dando continuidade ao processo, o procurador da Fazenda Nacional no Estado do Rio de Janeiro, Wilson Ferreira Campos, solicita ao diretor-geral do IPHAN, por meio do ofício n. 183-SDF, a certidão de tombamento do Paço Imperial. A solicitação é prontamente atendida por Aloísio Magalhães, por meio do Ofício n. 301, de

[33] A restauração do Paço é abordada no capítulo 2, com menção às modificações anteriores sofridas pela edificação.

[34] A documentação referente ao processo de tombamento, disponível no Arquivo Central do IPHAN no Rio de Janeiro, possui diversos documentos que comprovam a contínua preocupação do órgão com o estado material e as condições de uso do Paço Imperial.

[35] Fundação Nacional Pró-Memória. Ofício n. 199/1980, de 23 de outubro de 1980.

[36] O Serviço do Patrimônio da União estava analisando o argumento da ECT de que o prédio pertencia à empresa e não à União. Cf. Paço Imperial abandonado pode estar irrecuperável. Jornal do Brasil, 10 de janeiro de 1982, 1º caderno, p. 8.

12/02/1980, que, posteriormente, oficializa o pedido de transferência do Paço à Fundação Nacional Pró-Memória e ao Serviço do Patrimônio da União por meio do Ofício n. 3, de 20/02/1980, com fundamento na Lei 6.757/79, alegando que o bem estava ocupado irregularmente pela ECT, conforme processos abertos em 1977 e 1979.

No final de outubro de 1980, Magalhães reitera o pedido, afirmando que toda a documentação pertinente ao assunto, juntada aos referidos processos, esclarece a situação do imóvel, destacando, ainda, que a ECT procedia sua mudança para a nova, sede localizada na Avenida Presidente Vargas, no centro do Rio de Janeiro.[37] Diante da demora na decisão por parte da Procuradoria, Aloísio Magalhães retoma as articulações, cerca de um ano depois, encaminhando ofício[38] ao novo procurador geral da Fazenda Nacional, Cid Heráclito de Queiroz, solicitando a inclusão, nos autos do Processo Fazendário n. 0768-50.570/80, de laudo técnico com o alerta de que o prédio encontrava-se "em estado bastante precário, apresentando perdas irreparáveis",[39] expressando a preocupação da Secretaria com relação ao estado físico do bem tombado e ressaltando a importância do prédio do ponto de vista nacional.

É importante destacar que, ao reivindicar a brevidade na decisão da Procuradoria em determinar a transferência do bem ao órgão de preservação, Aloísio Magalhães evoca, sobretudo, a relevância histórica da edificação. Segundo Cyro Corrêa Lyra (2016, p. 164), arquiteto da Divisão de Tombamentos e Conservação da SPHAN e um dos responsáveis pela obra de recuperação do prédio no início dos anos 1980, o edifício do Paço[40] é um exemplar da arquitetura oficial administrativa, um palácio de representação do governo português no país, usado como Casa dos Governadores e Casa dos Vice-Reis, "reconhecido como principal símbolo do poder do período monárquico da história do Brasil" (LYRA, 2016, p. 158) e que "pode ser considerado o mais significativo monumento de arquitetura oficial do Brasil colônia" (LYRA, 2016, p. 158). De acordo com o arquiteto, essa "função original" como Palácio do Império seria, portanto, a razão da consagração do bem como monumento histórico nacional e que a sua posterior "restauração" reestabeleceria, assim, a sua "expressão de nobreza" (LYRA, 2016, p. 164), desaparecida em decorrência das sucessivas reformas e adaptações executadas pela ECT.

---

[37] Fundação Nacional Pró-Memória. Ofício n. 199/1980, de 23 de outubro de 1980.
[38] Ofício n. 244/81-SEC/MEC/SPHAN, de 25 de novembro de 1981.
[39] Ofício n. 244/81-SEC/MEC/SPHAN, de 25 de novembro de 1981.
[40] O diretor da SPHAN/Pró-Memória, Aloísio Magalhães afirmava que o prédio era mais importante da cidade e que sua recuperação era prioridade máxima da Sphan. Cf. Restauração do Paço começa no próximo ano. O Globo, 28 de setembro de 1980, Rio, p. 21.

Embora já não fosse um exemplar modelo da arquitetura colonial à época, o Paço foi um dos primeiros bens a serem tombados pelo IPHAN em 1938, dentro de uma linha de atuação que buscava proteger, sobretudo, as edificações de pedra e cal. Se considerarmos as características físicas do bem no ano de seu tombamento, podemos inferir que seu registro nos Livros do Tombo Histórico[41] e de Belas Artes, especialmente, foi dado, sobretudo, pelo ideário que representava, e não por seu aspecto material em si. Isto é, a própria noção de "função original" a ser "recuperada" seria uma tentativa de forjar um tempo histórico que fundamentasse a narrativa patrimonial de uma herança europeia, conferindo uma "profundidade histórica à nação" (CHUVA, 2017, p. 223) e "legitimando sua ancestralidade" (CHUVA, 2017, p. 223), hipótese que será aprofundada ao longo do capítulo 2.



Figura 3: Prédio do Paço Imperial, 1890 circa. Centro do Rio, RJ, Brasil. Instituto Moreira Salles. Fotografia: Marc Ferrez.

[41] A inscrição no Livro do Tombo Histórico se deu por ser um dos mais antigos prédios da cidade. Cf. Ministro da Educação encerra visita ao Rio. Jornal dos Sports, 20 de março de 1982, p. 12.



Figura 4: Centenário do Dia do Fico. Ao fundo, é possível observar a fachada neoclássica do Paço. 1922. Fotografia: Augusto Malta.

De acordo com Márcia Chuva, os recortes operados para a definição do universo de bens culturais, nos anos iniciais do Instituto, privilegiaram a arquitetura colonial, resgatada como representante mais genuína da produção nacional, sendo a monumentalização dessa arquitetura dada, basicamente, por sua valorização estética como obra de arte (CHUVA, 2017, p. 223), o que não justificaria, portanto, a inscrição do bem se considerada estritamente sua condição material à época. Por esse motivo, é provável que tanto o registro nos Livros do Tombo quanto a mobilização para a sua recuperação posterior se explique, principalmente, por seu aspecto simbólico.

É possível notar, ainda, que o discurso dos modernistas do IPHAN, dos anos 1930 e 1940, é retomado nos anos 1980 como argumento nas negociações em torno do monumento, entre a Pró-Memória e a União, indicando os preceitos que seriam, futuramente, considerados na definição dos critérios e da linha de "restauração" do prédio, conforme será analisado no capítulo 2.

As articulações seguem até início de 1982, quando Aloísio Magalhães solicita ao diretor do Serviço do Patrimônio da União, José Alfredo de Azevedo Nunes, autorização para a ocupação efetiva do imóvel, afirmando que tal medida

> se faz absolutamente necessária tendo em vista a imprescindibilidade de evitarmos que o bem histórico, da importância do prédio em questão, entre em estado irreversível de deterioração. Ocupando o prédio, a Pró-Memória iniciará as obras

> emergentes de recuperação e "restauração", até que a questão da transferência de domínio do mesmo chegue a seu termo.[42]

Assim, em 19 de março de 1982, ocorre a transferência formal do bem para a Fundação. Quarenta e três anos depois de seu tombamento, em cerimônia na antiga Sala do Trono do Paço da Cidade, o presidente da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT), Adwaldo Cardoso Botto de Barros, entrega as chaves do Paço a Aloísio Magalhães, na presença dos ministros da Educação e Cultura, Rubem Carlos Ludwig, e das Comunicações, Haroldo Corrêa de Mattos[43] e assinam o termo de imissão de posse, firmado entre a ECT e a Pró-Memória, no qual esta última se compromete a realizar, sob a supervisão da Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), projetos e obras necessários à conservação e "restauração" do imóvel histórico, "restituindo-lhe a fisionomia e as características tradicionais".[44]

Mais uma vez, o discurso em torno da existência de elementos, ditos originais, é retomado a partir da ideia de "características tradicionais" presente no texto do termo de imissão de posse. Segundo Márcia Chuva, nos anos 1930, momento em que se encontra em curso um projeto de nacionalização, dentro de um processo maior, de formação do Estado, diferentes medidas se aglutinaram no sentido de estabelecer a construção maciça de uma "memória nacional." Iniciativas no campo do patrimônio estariam associadas a esse movimento. Na construção desse universo, era preciso reforçar essa narrativa, usando adjetivações que remetessem à autenticidade dos bens (CHUVA, 2017, p. 220). Nesse sentido, é significativo que, na conjuntura dos anos 1980, marcada pela revisão crítica das políticas patrimoniais e por inúmeras disputas nesse campo que resultariam na posterior ampliação do conceito de patrimônio, esses termos sejam, novamente, mobilizados. O movimento pela retomada do Paço e sua necessária "restauração" apresenta, assim, muito mais continuidades — no que diz respeito, por exemplo, à forma de valoração dos aspectos arquitetônicos do bem — do que rupturas, embora o discurso procure evidenciar uma suposta

---

[42] Fundação Nacional Pró-Memória. Ofício n. 061, de 15 de fevereiro de 1982.

[43] Compareceram, ainda, o prefeito Júlio Coutinho, o secretário de Educação do Estado Arnaldo Niskier, o titular da Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (que também assinou o termo) Irapoan de Lyra, além de membros do Conselho de Cultura do MEC — a escritora Rachel de Queiroz, Francisco de Assis Barbosa, Adonias Filho; o presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Athayde; o presidente da Unirio, Guilherme Figueiredo; Israel Klabin; Zoé Chagas Freitas (representando o governador); a diretora do Arquivo Nacional, Celina Moreira Franco, e o jornalista e empresário Roberto Marinho. Cf. Pró-Memória recebe a chave do Paço Imperial com banda e Calmon discursa. Jornal do Brasil, 1º caderno, 20 de março de 1983.

[44] Cf. Termo de imissão de posse do Paço Imperial. Processo de Tombamento 0159-T-38. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

renovação das iniciativas do órgão federal, conforme buscaremos demonstrar ao longo deste estudo.



Figura 5: Presidente da Fundação Nacional Pró-Memória, Aloísio Magalhães, recebe as chaves do Paço Imperial do presidente da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT), Adwaldo Cardoso Botto de Barros. Data: 19/03/1982.



Figura 6: Presidente da Fundação Nacional Pró-Memória, Aloísio Magalhães, entrega ao ministro da Educação e Cultura, Rubem Ludwig, as chaves do Paço Imperial, na presença do prefeito Júlio Coutinho. Data: 19/03/1982.

Ao analisarmos as mensagens presentes tanto nas falas dos agentes envolvidos nessas ações quanto nos textos da burocracia oficial, podemos identificar referências a esse esforço de construir uma tradição, uma herança pautada na arquitetura colonial, a partir da valorização permanente desses elementos.

O Paço é o primeiro imóvel a cumprir a Lei 6.757/79, encerrando seu uso pelos Correios e Telégrafos e passando para a gestão da SPHAN/Pró-Memória.[45] Para Aloísio Magalhães, a retomada do imóvel pode ser compreendida como uma ação educativa em si,[46] bem como a legislação patrimonial colocada em prática por meio do reuso de um bem tombado. Contudo, é necessário atentar-se ao fato de que, para além de servir de modelo de revocacionamento do patrimônio edificado, essa iniciativa revela outras nuances que precisam ser problematizadas, a começar pelo simbolismo expresso pelo acionamento de determinados valores no ato de escolha do bem.

A questão do valor de patrimônio remete à complexa discussão sobre identidades,

> Valor para quem? Valor em que sentido ou perspectiva? Valor simbólico, valor estético, valor histórico, valor de uso, valor de troca, todos estão em jogo em uma economia que se instaura a partir do reconhecimento por meio de sua patrimonialização e musealização (CHUVA apud MAGALHÃES, 2013, p. 198).

Segundo Ulpiano Bezerra de Meneses (2009, p. 32), "se o valor é sempre uma atribuição, quem o atribui? Quem cria valor?". Ao relembrar o artigo 216 da Constituição de 1988, Ulpiano ressalta o papel do poder público na instituição do patrimônio cultural e o instrumento do tombamento como instituinte do valor cultural, pontuando a participação do estado e o governo na criação desses valores, "privilegiando ou marginalizando uns e outros, mas sempre no jogo das práticas sociais.". Para o autor, "estas é que são o ventre gerador. O poder público, agora, tem um papel declaratório e lhe compete, sobretudo, proteção, em colaboração com o produtor de valor, a comunidade" (MENESES, 2009, p. 34).

Ulpiano questiona, portanto, a ideia de que o valor cultural seja identificável exclusivamente a partir de certos traços intrinsecamente presentes nos bens. Não desconsiderando o valor dado pelo instrumento de proteção ou a perspectiva do especialista ou do técnico, afirma que é preciso atentar para a valoração atribuída, também, pelos sujeitos sociais, usuários e fruidores do bem (MENEZES, 2009).

Sendo assim, a eleição do Paço, nesse contexto, poderia ter sido um ato de ressignificação da própria ação de proteção, estabelecida em fins dos anos 1930. No entanto, o discurso sustentado nesse processo reforça a continuidade de um silenciamento sobre a

---

[45] Secretaria de Cultural vai restaurar Paço Imperial e deixá-lo como era em 1825. Jornal do Brasil, 15 jan. 1982. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

[46] Aloísio Magalhães afirmava que era preciso dotar a primeira política de preservação patrimonial de um caráter educativo, nesse sentido, a preservação monumental arquitetônica teria, como teve, uma grande eficácia. Cf. FALCÃO, Joaquim. Política de preservação e democracia. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 20, 1980, p. 49.

própria história do bem, conforme iremos discutir neste trabalho, a partir do apontamento de diversos aspectos marginalizados ao longo da trajetória da edificação. O Paço, como o objeto material, seria, assim, o suporte do ideário e da memória que se buscava preservar: o patrimônio representativo do poder real e imperial; dos laços entre Brasil e Portugal; da nobreza e imponência de um palácio, palco de eventos da monarquia — ainda que em sua arquitetura não restasse mais quase nenhum resquício desses tempos. Da sociedade escravista do período e de sua relação com o prédio e a região da Praça XV de Novembro, aborda-se, somente, a assinatura da Lei Áurea, pela Princesa Isabel, na atual Sala 13 de Maio. Episódio que revela, apenas e mais uma vez, um recorte da história do país a partir do olhar do colonizador.

A história contada sobre o Palácio, nesse sentido, busca fundamentar essa herança e seu vínculo com tradição portuguesa, mantendo um evidente apagamento, por exemplo, sobre a história negra que permeia o bem e seu entorno. De acordo com Maria Cecília Londres Fonseca, os ícones do patrimônio histórico nacional existentes na Praça XV, tais como o Paço "são testemunhos materiais imponentes, tanto do ponto de vista da ocupação e permanência no espaço da cidade, quanto dos padrões estéticos hegemônicos, valorizados como expressões de cultura à época do tombamento desses bens pelo SPHAN." Essa leitura, entretanto, "está longe de evocar plenamente o passado, a sociedade da época e a vida que se desenvolvia naquele espaço" (FONSECA apud ABREU; CHAGAS, 2003, p. 56).

Ao elencar o bem e debruçar-se somente sobre o percurso formal de sua arquitetura ao longo do tempo, marginalizam-se dados históricos importantes e análises de sua relação com a cidade e a paisagem (FONSECA apud ABREU; CHAGAS, 2003, p. 56), estabelecendo um recorte que privilegia o valor da materialidade expressa em sua estrutura de pedra e cal. Segundo Márcia Sant'Anna, os anos 1980 foram de grande produção discursiva acerca dos sítios urbanos e redefinição do valor histórico (SANT'ANNA apud NASCIMENTO, 2014, p.3). A proposta de renovação das práticas do campo e a ampliação do conceito de patrimônio mobilizaram outras esferas da sociedade, rompendo com a hegemonia estatal no protagonismo dessas iniciativas. Sendo assim, "a ideia de uma cidade-documento, em oposição à da cidade-monumento, constrói-se nesse período e viabiliza o desafio da preservação de cidade de fora do eixo modelar da colonização portuguesa e dos processos econômicos do ouro e da cana-de açúcar" (NASCIMENTO, 2014, p. 4).

Cabe destacar, entretanto, que não se pretende, neste estudo, negar a importância de desenvolver ações efetivas para a conservação do Paço Imperial. Procura-se, aqui, discutir a priorização por sua recuperação e toda a mobilização dos agentes do Estado e dos órgãos

competentes em torno desse processo, bem como compreender as continuidades discursivas evidenciadas em diferentes aspectos dessa retomada.

A própria pesquisa desenvolvida por Gilberto Ferrez, utilizada como embasamento teórico para a execução da "restauração" e consolidada no livro "O Paço da Cidade do Rio de Janeiro", manifesta a dificuldade de superar uma narrativa dos eventos — seja dos históricos, que tiveram como cenário o prédio do Paço e a praça XV de Novembro, ou de suas transformações arquitetônicas. Isto é, conforme afirma Flávia Brito do Nascimento,

> a história da arquitetura de matriz européia tradicional foi marcada pelos eventos, pela pontuação e estudo dos acontecimentos organizados linearmente. Mas deveria "mover-se em vários planos, entrecruzando linhas de desenvolvimento, sem cair, em momento algum, na narração linear única".[47]

O que se pretende pontuar, portanto, é a reiterada construção simbólica do bem, constituído como um semióforo (CHAUÍ, 2000) com o objetivo de fundamentar a herança europeia, que, como podemos constatar, extrapola os limites da medida de proteção formal do tombamento. Isso se expressa na sua valorização estética e histórica, na sua eleição como monumento-modelo de uma política cultural de preservação e na reivindicação do bem pela Fundação Nacional Pró-Memória.

Ao discursar durante a cerimônia de recebimento das chaves do Paço, em março de 1982, Aloísio Magalhães aponta, nesse sentido, para uma possível relação do bem com seu entorno, ao afirmar que "o ato de reacender todos os componentes da velha casa não pode ser feito sem que também se reacenda a Praça Quinze, o espaço urbano onde a casa se situa" e que "o problema da proteção não pode fugir ao problema do progresso".[48]

Em sua declaração, Aloísio direciona o foco do debate, para além do monumento em si, e faz alusão a dois processos desenvolvidos no contexto do início dos anos 1980, que contribuem para o entendimento das ações da SPHAN/Pró-Memória no Paço: as ações de proteção da Praça XV, desenvolvidas pela Prefeitura do Rio,[49] como a implementação do Corredor Cultural e as disputas envolvendo o mercado imobiliário na região.[50]

---

[47] A autora cita trecho do trabalho de Marina Waisman, "O interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos". Cf. NASCIMENTO, Flávia Brito do. Em busca de novos documentos: cidade, história e fontes de pesquisa na prática do Iphan dos anos 1980. **III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**. Arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva. São Paulo, 2014, p. 6-7.

[48] ECT entrega o Paço da Cidade à Pró-Memória para restauração. O Globo, Grande Rio, 20 de março de 1982.

[49] Segundo Flávia Brito do Nascimento, em 1978 e 1979, a prefeitura do Rio foi um importante agente no campo da preservação promulgando três decretos municipais que "valoravam múltiplos aspectos das

Segundo Flávia Brito do Nascimento, nesse período, foram desenvolvidas políticas de preservação em resposta à onda de renovação da cidade e da demolição de edificações icônicas e de grande valor histórico e cultural.[51] O projeto do Corredor Cultural,[52] nesse sentido, nasceu da dinâmica urbana em que se

> coadunaram interesses diversos pela preservação do centro do Rio. Adotando o conceito de cultura a partir dos valores e práticas cotidianos, o projeto tinha como objetivo estimular os usos existentes na área central, ao mesmo tempo em que fomentar novas práticas, fazendo frente ao processo de esvaziamento funcional fomentado pela transferência da capital para Brasília em 1960. [...] Paralelamente, no transcurso da implementação do Corredor Cultural, diversos projetos de museus, centros culturais, galerias de arte e exposições serão constituídos na área central do Rio de Janeiro. Tem-se, portanto, uma dualidade entre manter os usos cotidianos e, ao mesmo tempo, fomentar novos usos culturais. Coloca-se o debate acerca do conceito de cultura e do papel dos equipamentos culturais no âmbito do projeto (NASCIMENTO, 2019, no prelo).

O que se discutia, nesse momento, a partir do projeto, era a importância de proteger não só a materialidade dos bens, como também aspectos sociais e culturais do centro da cidade.

> Menos interessado nos atributos físicos desta ou daquela arquitetura (que é frequentemente citada como de interesse secundário pelos autores do projeto), o projeto é formulado na perspectiva de manutenção de certas formas de ocupação do Centro, estimulando tantas que lhes agregassem novos valores (NASCIMENTO, 2018, p. 122).

A iniciativa apresentava um outro olhar sobre o patrimônio, entendido a partir de sua relação intrínseca com o contexto onde está inserido, ou seja, com a cidade e a sociedade a que pertence, um documento de seu tempo — e que, por esse motivo deveria conservar elementos de sua trajetória, ao passo que se transforma com a própria cidade —, e não mais, apenas como uma "obra de arte a ser preservada", em sua integralidade. "Assim, entre as

---

características da cidade, para além da arquitetura nos seus aspectos estéticos ou estilísticos: preservação ambiental, manutenção do comércio tradicional, usos culturais e arquitetura, todos devidamente fundamentados pelos conceitos indicados no plano diretor de ambiente urbano." Cf. NASCIMENTO, Flávia Brito do. A praça XV do Rio de Janeiro como patrimônio cultural: história e materialidade em disputa. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, n. 14, 2018, p. 317.

[50] Como a construção do prédio da Bolsa de Valores.

[51] Especificamente a partir dos anos 1970 e após a promulgação do Plano Urbanístico Básico do Rio (PUB-Rio) em 1977, que tornou possível, tanto do ponto de vista legal quanto conceitual, a preservação de ambientes urbanos preexistentes. Cf. NASCIMENTO, Flávia Brito do. **Usos culturais no Rio de Janeiro**: a implementação do Corredor Cultural e o papel do cotidiano e dos equipamentos culturais. 2019. No prelo.

[52] O projeto Corredor Cultural inicia seus estudos em fins dos anos 1970 e se consolida no Decreto n. 4141 de 14 de julho de 1983. Para aprofundamento do debate sobre o Corredor Cultural e estudos sobre a Praça XV, conferir trabalhos dos seguintes autores: Lia Motta (2000), Flávia Brito do Nascimento (2018 e 2019), Augusto Ivan de Freitas Pinheiro (1984 e 1986), Dora Alcântara (1984), Maria Luiza de Carvalho (1983), Leonardo Marques de Mesentier (1988), dentre outros.

metas do projeto estavam a preservação de conjuntos arquitetônicos, a valorização e o tratamento de espaços de valor histórico, o resgate da identidade e do valor simbólico desses espaços" (NASCIMENTO, 2019, no prelo). Em consonância com esse movimento, o IPHAN desenvolve pesquisas sobre as áreas de entorno dos bens tombados na região, como a Praça XV, e constata que, embora a área estivesse preservada pelo Corredor Cultural, pela legislação existente, "não ficam impedidas as demolições ou descaracterizações dos imóveis, o que só poderá ser garantido por alguma forma de tombamento" (NASCIMENTO, 2018, p. 319).

Os debates em torno de medidas protetivas para a Praça XV[53] levantam, mais uma vez, a questão sobre o viés de ação da esfera federal no campo da preservação do patrimônio. O SPHAN é convocado a pensar sua participação nessa nova conjuntura, que passa a integrar outros interlocutores, como a sociedade civil e as esferas municipais e estaduais.

Nota-se que, nesse momento, o discurso da SPHAN apresenta, em certa medida, uma ambiguidade explicável pelo contexto de transição que atravessava a instituição e pelas diferentes visões ali representadas. De um lado, a instituição se propõe a pensar iniciativas que garantam a manutenção de bens, a partir de valores diversos — sociais, de uso, culturais etc. —, extrapolando a visão restritiva que contemplava apenas monumentos tombados. Estabelecia, desse modo, condições para a criação de novos usos e formas de cultura nesses espaços, em um diálogo direto com a mobilização pela democracia do período da abertura política e com as ações descentralizadas do campo; por outro, rende-se ao instrumento legal do "tombamento" para garantir a proteção dessas áreas e faz do processo de reintegração do Paço Imperial um lugar discursivo de reafirmação de antigas categorias, não desenvolvendo um debate mais profícuo acerca da densidade sócio-histórica do bem.

Percebe-se, ainda, uma tentativa de justificar concessões às pressões imobiliárias, integrando essas demandas à narrativa de uma necessária evolução urbana combinada com a manutenção de valores e elementos históricos. Ao afirmar que a todo instante é forçado a tomar decisões ou fazer julgamentos que levem em conta a tensão entre esses dois polos — memória e desenvolvimento — e que, apesar da trajetória histórica do Paço e da Praça XV

[53] O processo de tombamento data de 1986 (1213-T-86) e a inscrição nos Livros de Tombo de Belas Artes, Histórico e Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico de 1990. Disponível em:< http://portal.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_arque.gif&Cod=1784>. Acesso em: 24/02/2020.

ser extraordinária, era preciso conciliar a necessidade de preservação com a mudança[54], Aloísio Magalhães aponta os limites do que poderíamos compreender como uma preservação conciliadora.[55]

O que se pretende, portanto, pôr em questão, a partir do caso da retomada do Paço Imperial, é, justamente, o caráter ambíguo das ações da SPHAN nesse período. Ao mesmo tempo em que propunha medidas efetivas e mudanças conceituais em sua práxis, o órgão expõe permanências significativas que revelam um constante embate interno entre as correntes teórico-metodológicas desenvolvidas por seu corpo técnico. Na mesma medida busca reinventar e ampliar o escopo de sua atuação, revisitando criticamente seu ideário histórico, sustenta nuances das velhas práticas, que supostamente haviam sido superadas.

A tomada do monumento do Paço Imperial, nesse sentido, torna-se um caso emblemático nesse contexto, por sua visibilidade histórica e física — situado em uma das "áreas mais significativas para a memória do Rio"[56] — e por ser o primeiro imóvel a sofrer um processo de "restauração" e, posterior, revocacionamento, a partir da criação de um Centro Cultural em suas dependências. Embora Aloísio Magalhães defendesse a ideia de atribuir ao prédio "o uso mais comunitário possível",[57] as discussões em torno dos seus usos futuros ficaram a cargo de um seleto grupo de intelectuais, representantes de instituições ligadas à cultura e ao Estado, que formariam uma comissão para definir conceitualmente qual seria a ocupação do bem. Segundo Aloísio, havia chegado a hora de tomar decisões importantes no sentido de valorização de aspectos históricos da cidade, o que se pretendia fazer com o Paço seria um bom pretexto para isso.[58] Assim, o futuro do Paço seria definido, contraditoriamente, por um conjunto de atores sociais, sem qualquer participação da

---

[54] ANGÉLICA, Joana. Ludwig recebe hoje o Paço da Cidade, que será reformado junto com a Praça 15. **O Globo**, 19 de março de 1982.

[55] Em entrevista ao jornal O Globo, ao ser indagado sobre o caso da construção do Conjunto Universitário Cândido Mendes, um prédio de 42 andares, ao lado da Praça XV, e a possibilidade de ser enquadrado em seu questionamento sobre a obstrução dos bens históricos na região pelo avanço da própria cidade, Aloísio Magalhães afirmou que o referido prédio não se adequa a esta denúncia, visto que o novo edifício correspondeu a uma necessidade social determinada pela evolução. Segundo o diretor da SPHAN/Pró-Memória, construção alta não era o problema, porque a cidade assumiu o perfil novo, já fez essa opção. E lembra que a SPHAN exigiu que eles fizessem dois prédios separados para evitar uma massa compacta de edifícios, o que degradaria a área. Sobre o projeto da Bolsa de Valores, de 39 andares, Aloísio afirma que embora haja um decreto municipal de 1979 proibindo a construção, na área, de imóveis muito altos, a Prefeitura já havia admitido tratar-se de um projeto de caráter excepcional, visto que a Bolsa sempre funcionou no local, sendo esta a argumentação histórica. Para ele, o mundo financeiro também faz parte da comunidade daquela área e que não se incomoda que surja uma torre no meio do calçadão que pretendem fazer, porque este permitirá uma integração maior com o Corredor Cultural. Cf. ANGÉLICA, Joana. Ludwig recebe hoje o Paço da Cidade, que será reformado junto com a Praça 15. **O Globo**, 19 de março de 1982.

[56] ANGÉLICA, Joana. Ludwig recebe hoje o Paço da Cidade, que será reformado junto com a Praça 15. **O Globo**, 19 de março de 1982.

[57] Idem.

[58] Idem.

sociedade civil.[59] Um futuro que guardaria, em si, resquícios de um passado ainda latente no cotidiano da instituição.

1.3 Os usos futuros do Paço em debate

No início dos anos 1980, ainda durante o período de negociações para a transferência do bem para a Fundação Nacional Pró-Memória, a utilização do Paço como sede dos Correios e Telégrafos já havia se tornado tema de intensos debates entre intelectuais e agentes públicos que repercutiam, sobretudo, na imprensa da época.[60] O historiador e presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Pedro Calmon, era um dos que defendiam a retomada e a recuperação do Paço Imperial em virtude de sua total degradação. Para ele, seu estado era "uma vergonha para a nossa civilização cristã-ocidental. Em todas as capitais do mundo se dá importância às antigas sedes da administração do país. O Paço hoje é uma decadente repartição de telégrafos, fechada à cultura e aberta à burocracia".[61]

A sugestão do presidente do IHGB, entretanto, seria a assinatura de um convênio com o governo federal que viabilizasse esse trabalho e que, no espaço, fossem reconstituídas cinco salas exatamente como eram no tempo da colônia e do Império. As demais poderiam ser aproveitadas para sede do gabinete da Prefeitura, que à época estava entre os interessados na posse do bem.[62]

Sobre as inúmeras possibilidades que surgiam — da ocupação por setores da burocracia estatal até propostas na área da cultura —, o diretor da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Aloísio Magalhães, afirmava, no entanto, que a utilização do prédio ainda não estava decidida e que pretendia ouvir a comunidade carioca a respeito.

Segundo Aloísio Magalhães,

---

[59] Não foi localizada na documentação levantada por esta pesquisa nenhuma referência à participação da sociedade civil nas discussões sobre a destinação e o uso do edifício do Paço Imperial.

[60] A utilização do Paço pelos Correios e Telégrafos era tema de debates há décadas, sobretudo, diante da má conservação do prédio e do uso burocrático do bem tombado. Por esse motivo, em diversos momentos, foram propostas novas formas de ocupação, como o caso da Prefeitura do Rio, desde os anos 1970 (na gestão de Israel Klabin), tentava transferir o bem da União para a esfera municipal.

[61] Praça Quinze voltará a ser o Largo do Paço. **O Globo**, 7 de agosto de 1980, Rio, p. 15.

[62] Idem.

> temos agora a oportunidade de restaurar condignamente o prédio mais importante da cidade, e isso é prioridade máxima da Sphan. Se forem precisos dois anos para recuperá-lo, vamos gastar dois anos. Não importa se é a Prefeitura ou o Governo do Estado que vão utilizá-lo, mas, pessoalmente, gostaria que a comunidade opinasse e pudesse usar o prédio, talvez em alguma atividade cultural.[63]

Para ele, sendo o prédio tombado pelo Patrimônio Histórico, a Prefeitura do Rio não poderia recuperá-lo sem autorização da SPHAN, e, portanto, a ideia do prefeito Júlio Coutinho de transformá-lo em um museu ou usá-lo para abrigar repartições públicas teria que ser submetida à aprovação do órgão de preservação. Da mesma forma, o Conselho Estadual de Cultura não teria competência para vetar qualquer projeto de ocupação.[64] Magalhães se referia ao fato de o Conselho ter vetado a ideia de instalação de um Museu no Paço, após a liberação do prédio pela ECT e a realização de obras de recuperação. Na ocasião, o conselheiro Álvaro Cotrin manifestou, inclusive, temor pela proposta e o conselho sugeriu, em contrapartida, que fosse instalado, no local, o Conselho Estadual de Educação e o próprio Conselho Estadual de Cultura.[65]

A prefeitura do Rio se articulava com a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos a fim de que o Paço fosse transferido para a municipalidade.[66] Contudo, a ECT não era detentora legal do bem, que pertencia à União. Somente a Secretaria de Patrimônio Federal poderia realizar tal trâmite, sendo este um dos argumentos utilizados pela Fundação Nacional Pró-Memória ao longo do processo de transferência do bem para a entidade.

O interesse da Prefeitura pelo Paço, no entanto, não se espelhava nas políticas de preservação dos bens tombados na região. Aloísio Magalhães, inclusive, havia expressado críticas às autoridades estaduais e municipais do Rio, sobretudo quanto ao descaso em relação aos monumentos da cidade. Segundo ele, havia uma "falta de ação do Estado do Rio, pois com a criação dos patrimônios dos Estados estimulamos que passe a haver um controle do bem cultural através dos municípios e do Estado".[67] No caso específico do Paço Imperial, Aloísio afirmaria que desde setembro de 1980 estavam em gestão com os Correios e o

---

[63] Restauração do Paço começa no próximo ano. **O Globo**, 28 de setembro de 1980, Rio, p. 21.
[64] Idem.
[65] Conselho veta museu no Paço, **O Globo**, 26 de setembro de 1980, Rio, p. 13.
[66] O prefeito do Rio, Júlio Coutinho, em entrevista ao Jornal O Globo, afirmou, em setembro de 1980, que a Empresa de Correios e Telégrafos havia concordado em devolver à Prefeitura o Paço. Cf. Paço Imperial, **O Globo**, 18 de setembro de 1980, Rio, p. 9.
[67] Sphan culpa o Rio pelo descaso com monumentos. **O Globo**, 10 de fevereiro de 1981, Rio, p. 10. A declaração de Aloísio Magalhães repercutiu, também, em nota no Jornal do Brasil. Cf. Magalhães critica inércia estadual. **Jornal do Brasil**, 10 de fevereiro de 1981, 1º caderno, p. 8.

Patrimônio da União para que o edifício do Paço, na Praça 15, fosse entregue para "restauração".[68]

Com a resolução do imbróglio jurídico em torno da situação do direito de uso do Paço Imperial, no início de 1982, e assinado o termo de imissão de posse do bem entre a ECT e a Pró-Memória, o prédio é ocupado por uma equipe de arquitetos da SPHAN incumbidos de aprofundar os estudos sobre o projeto de "restauração", que já seria estruturado em consonância com seus novos usos. A princípio, por determinação do próprio termo de imissão de posse, continuaria funcionando na parte térrea do Paço da Cidade, de frente para a rua Primeiro de Março, a agência da ECT que já ocupava o local há cerca de 90 anos. O restante do prédio teria sua utilização definida pela Fundação, mas o provável, segundo Aloísio, é que seria destinado a abrigar atividades culturais.[69]

Havia, ainda, a proposta de ocupação de parte do espaço por uma repartição da SPHAN. Dado considerado pelo arquiteto José de Souza Reis, que sugeriu

> que uma parte do térreo fosse reservada para a instalação de um museu de móveis coloniais — como é também o desejo de [Gilberto] Ferrez — como forma de permitir acesso do público ao local. Na parte dos fundos, onde hoje está a agência da ECT, seria instalada uma galeria para exposições permanentes, uma biblioteca no segundo andar e um salão de conferências no terceiro.[70]

Glauco Campello, diretor da 6ª Diretoria Regional e um dos responsáveis pela obra, afirmava que a proposição final buscaria estar "em consonância com a linha geral da Subsecretaria no sentido de procurar acomodar a necessidade de preservação às imposições do crescimento da cidade".[71]

A ocupação do prédio pela Fundação Nacional de Artes também surgiu como uma das hipóteses de ocupação, conforme afirmação do assessor do MEC, Antônio Praxedes, durante visita do ministro da Educação e Cultura, Rubem Ludwig, ao Rio.[72] Na ocasião, houve a divulgação do que já estaria definido até o momento:

> em seus andares superiores abrigará os escritórios da SPHAN no Rio e, certamente, outros órgãos ligados ao MEC. E, no térreo, funcionará como um ponto de encontro comunitário, com livrarias, sebos, lojas de discos, de filatelia, um café que seria

[68] Sphan culpa o Rio pelo descaso com monumentos. **O Globo**, 10 de fevereiro de 1981, Rio, p. 10.
[69] Restauração do Paço da Cidade. **O Globo**, 15 de janeiro de 1982, Cultura, p. 27.
[70] Restauração do Paço da Cidade. **O Globo**, 15 de janeiro de 1982, Cultura, p. 27.
[71] Cerimônia marca a devolução do Paço da Cidade. **O Globo**, 5 de março de 1982, Cultura, p. 27.
[72] Ludwig vem ao Rio ver sua cultura. **Jornal do Brasil**, 3 de marco de 1982, 1º caderno, p. 7.

> mantido pelo IBC. Além da agência dos Correios que funciona do lado da Rua Primeiro de Março e que, depois de 93 anos, já se incorporou à tradição.[73]

Glauco Campello levantava a importância de se considerar, no processo de "restauração", a comodidade necessária ao desenvolvimento das novas funções que o prédio abrigaria. Segundo ele,

> depois de restaurado, o Paço servirá de sede às atividades administrativas da Secretaria da Cultura. Uma ideia que também está sendo cogitada é a criação de um grande centro de "restauração", que orientará os outros laboratórios congêneres do país. No andar térreo, serão realizadas atividades culturais para o público: livraria, sebos, galerias de arte, uma agência de filatelia e postal (numa referência ao tempo em que o prédio foi ocupado pela ECT), um pequeno auditório para exibição de filmes.[74]

É possível identificar que a proposta de instalação de galerias de arte, lojas e livrarias, além de órgãos culturais do MEC,[75] está presente no discurso de diferentes agentes envolvidos no processo, corroborando um movimento em direção a esse projeto de ocupação. Por outro lado, é possível notar, também, a emergência de propostas que objetivavam dar visibilidade ao trabalho histórico e arqueológico desenvolvido no local, como a construção de um museu com as peças encontradas no sítio arqueológico descoberto na área onde havia funcionado a antiga Casa da Moeda, mas que foram posteriormente marginalizadas.[76]

Durante visita do primeiro-ministro de Portugal, Mário Soares, às obras do Paço Imperial, o secretário de Cultura, Marcos Vilaça, afirmaria que pretendia fazer no espaço um centro cultural em que se valorizassem as raízes portuguesas.[77] Para Vilaça, "como manifestação viva que era no século XIX, ele o será, também, neste século. Nele ocorrerão exposições, concertos. Terá, assim, múltipla utilização, à qual, evidentemente, ouviremos a comunidade. E adequada à reflexão luso-brasileira a que se propõe".[78]

Tal proposta foi endossada pelo então vice-governador do Rio, Darcy Ribeiro, que integrava o conjunto de autoridades presentes na visita. O vice-governador sugeriu a construção de um Museu da Civilização Portuguesa, que teria como um dos objetos de

---

[73] ANGÉLICA, Joana. Ludwig recebe hoje o Paço da Cidade, que será reformado junto com a Praça 15. **O Globo**, 19 de março de 1982.
[74] Refazer o prédio original ou manter o atual, a dúvida nas obras do Paço. **O Globo**, 29 de setembro de 1982, Cultura, p. 29.
[75] BERLINCK, Deborah. Formas originais e um centro cultural para a Praça 15. **O Globo**, 31 de julho de 1983, Rio, p. 25.
[76] Debaixo do soalho, na velha casa, a fundição. **O Globo**, 13 de novembro de 1983, Economia, p. 36.
[77] Paço Imperial. **O Globo**, 8 de outubro de 1984, Segundo Caderno, p. 2.
[78] Paço da Cidade, como no tempo do Império para o carioca de hoje. **Jornal do Brasil**, 20 de maio de 1984, Caderno B, p. 6.

exposição "a carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal, Dom Manoel, contando as maravilhas da terra recém-descoberta — O Brasil".[79]

Com o avanço das obras de recuperação do prédio e data marcada para a inauguração das obras,[80] ainda não havia sido definida a destinação do prédio.[81] Assim, considerando a implementação do projeto de "restauração" do Paço, e a "importância singular desse bem tombado", bem como "o vulto do trabalho empreendido" e as diversas manifestações de uso futuro daquele "notável monumento",[82] Marcos Vinícius Vilaça,[83] na função de presidente da Fundação Nacional Pró-Memória, determina, em 23 de julho de 1984 a criação de uma Comissão para estudar as diversas propostas de uso do Paço, composta de:

> I - a) um representante do Conselho Consultivo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional;
> b) um representante do Conselho Federal de Cultura;
> c) um representante do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro;
> d) um representante do Governo do Estado do Rio de Janeiro;
> e) um representante da Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional;
> f) um representante da 6ª Diretoria Regional da Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
> II - A Comissão será apoiada administrativamente pela 6ª Diretoria Regional da Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.[84]

Em sua primeira reunião, realizada em 19 de dezembro de 1984,[85] no gabinete do subsecretário da SPHAN, no Palácio da Cultura,[86] sob a coordenação do arquiteto e diretor da 6ª Diretoria Regional da Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Glauco Campello, estiveram presentes: o representante da Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Augusto Carlos da Silva Telles;[87] o representante do Instituto Histórico e

---

[79] Museu do Paço terá carta de Caminha. **Última Hora**, ano 1984, edição 11404.

[80] Com base na análise da documentação disponível, acredita-se que a inauguração da obra tenha sua data estabelecida para antes do término da gestão de Marcos Vilaça, que, logo após, no início de 1985, foi nomeado secretário particular para assuntos especiais do presidente da República, José Sarney.

[81] Coluna de Carlos Swann. O futuro do Paço. **O Globo**, 11 de novembro de 1984, O País, p. 10.

[82] Determinação n. 97, de 23 de julho de 1984. Arquivo Administrativo, Inventário, Fundação Nacional Pró-Memória. Data: 26/07/1984.

[83] Marcos Vinícius Vilaça substitui Aloísio Magalhães, após a morte deste, na direção da SPHAN/Pró-Memória e da SEC. É preciso destacar que a saída de Aloísio Magalhães deste cenário modifica de forma significativa a correção de forças, visto que ele era um importante articulador, conforme já destacado anteriormente. Cf. LAVINAS, Laís Villela. **Um animal político na cultura brasileira**: Aloísio Magalhães e o campo do Patrimônio Cultural no Brasil (anos 1966-1982). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

[84] Determinação n. 97, de 23 de julho de 1984. Arquivo Administrativo, Inventário, Fundação Nacional Pró-Memória. Data: 26/07/1984.

[85] No Rio de Janeiro, Leonel Brizola toma posse no cargo de Governador do Estado em março de 1983, assinalando outra mudança importante no cenário político.

[86] Atual Palácio Capanema, no Rio de Janeiro.

[87] Arquiteto.

Geográfico Brasileiro, Gilberto Ferrez;[88] o representante do Governo do Estado do Rio de Janeiro, Ítalo Campofiorito;[89] o representante do Conselho Curador da Fundação Nacional Pró-Memória, Jorge Hilário Gouveia Vieira;[90] o representante do Conselho Federal de Cultura, Pedro Calmon.[91] A única ausência foi do membro e representante do Conselho Consultivo da SPHAN, Américo Lacombe.[92]

Ítalo Campofiorito discorreu sobre o interesse da comunidade luso-brasileira em criar um espaço com foco nas matrizes portuguesas da cultura brasileira, propondo a instalação no Paço, portanto, de um Museu da Civilização Portuguesa. a ser administrado com sua participação. A proposta foi de imediato recusada por Gilberto Ferrez, que alegou que o prédio deveria abrigar um museu da evolução da cultura brasileira, com ênfase em seus aspectos nacionais, em área de livre acesso ao público. Pedro Calmon, por sua vez, declarou que a "restauração" do Paço, monumento ligado a grandes fatos da história brasileira, somente seria justificável com a sua destinação prioritária à função de Museu da História Imperial do Brasil, apresentando a seguinte proposta:

> a) que se criasse nas 5 salas nobre um ambiente autêntico, mediante a obtenção de objetos da época;
> b) que na área contígua se instalasse a 6ª DR;
> c) que se utilizasse as demais dependências para a realização de exposições temporárias.[93]

Augusto da Silva Telles fez uma análise da atuação do Patrimônio Histórico desde a sua criação, informando sobre o propósito de reestruturar os serviços de documentação da SPHAN e propôs a transferência da Diretoria de Tombamento e Conservação para o primeiro andar do Paço, ficando o térreo destinado a exposições. Tal sugestão foi, de pronto, questionada por Pedro Calmon, ao declarar que a instalação de uma repartição pública no Paço seria um crime contra a história. O contraponto foi acompanhado por Jorge Hilário Gouveia Vieira, que afirmou que o monumento deveria ser aberto à comunidade e integrado ao ambiente da Praça XV, defendendo que não era necessário a transformação do local em um museu para que os fatos ali ocorridos fossem lembrados pela população. Glauco Campello, por sua vez, destacou que não havia impedimento para a realização de atividades culturais na área nobre destinada à celebração dos fatos marcantes da

[88] Historiador.
[89] Arquiteto e crítico de arte. Diretor do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac) de 1983 a 1985.
[90] Advogado.
[91] Historiador, ensaísta e político, membro da Academia Brasileira de Letras.
[92] Advogado, professor e historiador.
[93] Advogado, professor e historiador.

História do Brasil e solicitou que o vice-governador do Rio de Janeiro, Darcy Ribeiro, fosse convidado a participar da próxima reunião, a fim de expor sua proposta para a ocupação do Paço.

Em virtude da documentação descontínua acerca do tema, não foi possível localizar nenhum documento que comprove a realização de uma segunda reunião da Comissão. O que se sabe é que havia uma urgência em se definir a proposta de uso do Paço que seria assumida após a inauguração. Augusto da Silva Telles chega a atentar, inclusive, para a necessidade de se estabelecer esses parâmetros até março de 1985, data de entrega final da obra.

A comissão, todavia, seria responsável pela escolha de dois critérios básicos que norteariam as atividades do Paço Imperial: a destinação cultural em áreas abertas ao público. "Um espaço cultural múltiplo, flexível e renovável, integrando presente e passado, memória e desenvolvimento e integrado ao contexto social e urbano que o envolve, essa é a proposta de utilização do Paço Imperial".[94]

Contrapondo-se ao acordo estabelecido no Termo de Imissão de Posse, a SPHAN e a Fundação Nacional Pró-Memória concluíram que a instalação na área voltada para a rua Primeiro de Março de uma agência postal seria inadequada. Decidiram, então, elaborar uma proposta alternativa sobre esse espaço, mais sintonizada com as finalidades culturais que caracterizariam o uso atual do monumento. O Diretor da 6ª Diretoria Regional, Glauco Campello, fixa as seguintes diretrizes:

> - Local de divulgação e comercialização de produtos culturais;
> - Diversidade e flexibilidade;
> - Adequação ao aspecto arquitetônico do edifício e à área urbana que o circunda;
> - Referência às anteriores utilizações do prédio;
> - Pertinência com as demais atividades do Paço;
> - Prestação de serviços ao público;
> - Descentralização: redução ao mínimo da presença do Estado na comercialização.[95]

A partir disso, foi desenvolvido um anteprojeto que atendesse ao aspecto múltiplo da oferta de bens e serviços culturais a serem colocados ao alcance do público visitante. A área de mais de 300 metros quadrados seria dividida em seis módulos: 1) Casa da Moeda; 2) Agência de Filatelia; 3) Sebo-livros de oportunidade; 4) Edições do Ministério da Cultura; 5) Banco de Dados; 6) Produto Brasileiro.

---

[94] Proposta para ocupação da ala do Paço Imperial voltada para a Rua 1º de Março, sem data, p. 4. Arquivo da Superintendência Regional do Rio de Janeiro.
[95] Idem.

O primeiro módulo seria resultante da descoberta, pela equipe de arqueólogos da SPHAN, de vestígios do funcionamento da primeira casa de fundição de moedas-cadinhos. Foram descobertos cupelas, moedas e restos de aparelhagem destinados à cunhagem. Para além da exposição do sítio em si, seria feita a montagem de um estande para troca e venda de moedas antigas e raras, a ser administrado diretamente pela Casa da Moeda ou pela Casa da Medalha, na área da esquina entre a Rua da Assembleia e a Rua Primeiro de Março, onde teria funcionado, no decorrer do século XVIII, os aposentos do provedor-mor da Casa da Moeda.[96]

O segundo módulo seria destinado a "uma agência, de pequeno porte, para filatelia com mostruário e local de vendas e trocas",[97] de acordo com a proposta da SPHAN, ocupando a área de frente para a Praça XV, onde permanecia, inclusive, o portão de ferro com o emblema do antigo Departamento de Correios e Telégrafos. O estande funcionaria sob a administração e a responsabilidade da ECT, onde ocorreria a venda de selos e pequenas exposições periódicas que visassem à comercialização desses itens. O terceiro módulo, situado, provavelmente, entre os estandes de selos e moedas, serviria para abrigar um sebo dedicado a temáticas relacionadas à História do Rio, Brasil-Colônia, Brasil-Império, arquitetura, "restauração", artesanato, design, arqueologia, música, teatro etc. Os três primeiros módulos atenderiam, portanto, a recomendação da Fundação Nacional Pró-Memória de reduzir sua presença nesse espaço ao estritamente necessário, promovendo a descentralização do funcionamento de parte das atividades.[98]

O quarto módulo seria um estande reservado para reunir o conjunto de edições dos órgãos vinculados ao Ministério da Cultura:[99] Pró-Memória, Funarte, Inacen, Embrafilme, Casa Rui Barbosa e Fundação Joaquim Nabuco.[100] Dedicado à venda de livros, discos, catálogos, partituras, cartões-postais, dentre outros.

O quinto módulo seria um centro de referência capaz de proporcionar ao público informações sobre assuntos de interesse cultural e artístico.[101] A ideia seria disponibilizar ao público visitante, através de um banco de dados, informações variadas sobre atividades culturais do país, programação de cursos da Fundação Nacional Pró-Memória, divulgação de pesquisas da área financiadas por órgãos federais etc.

---

[96] Proposta para ocupação da ala do Paço Imperial voltada para a Rua 1º de Março, sem data, p. 4. Arquivo da Superintendência Regional do Rio de Janeiro.
[97] Idem.
[98] Idem.
[99] O Ministério da Cultura foi criado em 1985.
[100] Proposta para ocupação da ala do Paço Imperial voltada para a Rua 1º de Março, sem data, p. 4. Arquivo da Superintendência Regional do Rio de Janeiro.
[101] Idem.

O sexto e último módulo seria um estande para servir como local de amostragem e venda do produto cultural brasileiro, possibilitando o contato dos seus produtores com o público em geral. A ocupação do estande se daria por período determinado, mediante convite, o que permitiria a flexibilidade e alternância que a diversidade desta produção requer.[102]

A definição de uso em relação aos demais espaços não é determinada, no entanto, nesse momento, ficando, apenas, estabelecida a proposição de sua finalidade cultural e a preocupação com a abertura e o acesso ao público. Ao contrário do que se propunha, ao menos no discurso de Aloísio Magalhães e seu sucessor, Marcos Vilaça, a comunidade não foi convocada a manifestar suas ideias sobre a ocupação do prédio. Tanto na comissão, criada com essa finalidade, quanto no decorrer do desenvolvimento das obras de recuperação, não há indícios, na documentação oficial e na imprensa da época, de articulação entre SPHAN/Pró-Memória e a sociedade civil em relação ao tema.

Os usos futuros do Paço foram debatidos entre um grupo de sete intelectuais que ocupavam cargos em instituições tradicionais e órgãos públicos das esferas federal e estadual — a prefeitura não participou da comissão — ligados à história, arquitetura e patrimônio. Somente após a reabertura do Paço ao público, a 6ª Diretoria Regional da SPHAN, responsável pela administração do prédio em seu período inicial, criou, no âmbito do órgão federal, a Coordenadoria de Projetos Especiais, incumbida, entre outras funções, da gestão das atividades a serem desenvolvidas no Paço Imperial. Sob a orientação do servidor e técnico da 6ª DR, Suetônio Soares Valença, filólogo e pesquisador musical,[103] o Paço inicia um período denominado "experimental", em que o uso de suas salas, terreiros, pátios e outros espaços foram abertos aos mais diversos projetos culturais e artísticos. O grupo de trabalho criado pela Coordenadoria, que atuou ao longo de pouco mais de um ano,[104] se dedicou "à busca dessa integração do monumento histórico com o seu ambiente sociocultural, o cenário onde está inserido,"[105] e, talvez, tenha promovido o período mais democrático e, efetivamente, múltiplo nas manifestações artístico-culturais que ocuparam o edifício.

---

[102] Idem.

[103] Suetônio Soares Valença foi técnico da 6ª Diretoria Regional da SPHAN e, a partir de 1985, esteve à frente da Coordenadoria de Projetos Especiais. Filólogo, pesquisador musical, formou-se em Letras Clássicas pela Universidade de Brasília, com pós-graduação em Língua e Literatura Latina. Produziu perfis sobre personagens da história do Teatro Municipal do Rio e publicou diversos livros. Foi responsável pelo planejamento e implantação do Departamento de Pesquisa do Correio Braziliense, onde foi redator. Foi assessor de Editoria da Encyclopedia Britannica do Brasil, além de coordenador editorial da Editora Expressão e Cultura. Cf. Suetônio Valença. **Dicionário Iphan do Patrimônio Cultural**. No prelo.

[104] Suetônio Soares Valença atuou à frente da Coordenadoria de Projetos Especiais de 1985 a julho de 1986, quando Paulo Sérgio Duarte assume como primeiro diretor. A programação desenvolvida pelo grupo, no entanto, estabelecia ações até meados de 1988.

[105] Patrimônio na visão da 6ª Regional. Rio de Janeiro: SPHAN/Pró-Memória/6ª Diretoria Regional, 1985, p. 26.

A literatura sobre o tema, entretanto, relegou o primeiro ano de funcionamento do Paço a essa condição "experimental", sem status de Centro Cultural propriamente dito. Não é à toa que o primeiro regimento interno do Paço Imperial, enquanto instituição cultural, é aprovado somente em novembro de 1986,[106], a partir da nomeação do crítico de arte Paulo Sérgio Duarte como o seu primeiro diretor[107] em julho do mesmo ano, colocando Suetônio Valença à margem da história, mas que, embora nunca tendo assumido oficialmente o cargo, permanece sendo lembrado pelos servidores do Paço como o pioneiro diretor da instituição.[108]

Como servidor da 6ª Diretoria Regional da SPHAN, unidade responsável pelas obras de "restauração" do Paço, Suetônio participaria, ainda que indiretamente, das discussões em torno do projeto arquitetônico a ser assumido nas obras e acompanhou a configuração desse novo espaço cultural que se delineava no início dos anos 1980. Assim, o período "experimental" seria, em certa medida, o momento em que o Paço expressou sua vocação como espaço cultural de forma mais profícua, em um diálogo com a materialidade do próprio bem, conforme ambos os processos se consolidavam, como veremos ao longo do capítulo 3.

Este primeiro capítulo buscou apresentar, em linhas gerais, as transformações no contexto político no qual esse projeto de centro cultural se delineou. Do início das articulações no começo da década de 1980 à abertura do espaço cultural, em 1985, há, em curso, um processo de abertura política e mudanças de gestores da Instituição e do Estado, elementos fundamentais para a compreensão desse cenário. A morte de Aloísio Magalhães, um importante articulador no campo cultural e político, em 1982, e sua substituição por Marcos Vilaça, são pontos a serem considerados.

O Paço Imperial é um espaço em disputa entre atores ligados à burocracia estatal e os setores do patrimônio, bem como no interior dos núcleos existentes no próprio corpo de técnicos da SPHAN/Pró-Memória. São identificadas tensões entre as diferentes narrativas que buscavam prevalecer em seu projeto de retomada e recuperação, além dos silenciamentos decorrentes desses embates. A implementação de um projeto de "restauração" não tinha uma linha de ação claramente delineada de forma prévia. Já a reapropriação e proposta de

[106] Pela Determinação n. 226, de 28 de novembro de 1986.
[107] Nomeado em julho de 1986.
[108] Entrevistas realizadas pela autora deste estudo com os servidores do Paço Imperial ao longo das atividades da Prática Supervisionada demonstram que Suetônio Soares Valença continua sendo considerado como o primeiro diretor da instituição. As entrevistas compõem os relatórios de atividades supervisionadas da aluna Alessandra Schimite da Silva, desenvolvidas entre março de 2017 a junho de 2018, e foram realizadas com os servidores Eliezer Gomes do Nascimento, Chrystiane Marinho de Lucena e Sandra Regina Mazzoli.

revocacionamento foram realizadas sem que o próprio projeto de ocupação estivesse consolidado. O planejamento das prospecções de uso e de reabertura foi acompanhado pela exclusão dos Correios, antigo ocupante do edifício, a partir de uma decisão unilateral. Destaca-se, ainda, o caráter ambíguo dos discursos dos agentes e das ações da SPHAN/Pró-Memória. Ao tratar este processo como uma "tomada" do bem, portanto, deseja-se enfatizar justamente as disputas existentes ao longo desse período, que tiveram o Paço como cenário ou objeto, como será analisado no capítulo seguinte, a partir de uma abordagem mais detalhada das ações de "restauração" do edifício realizada entre os anos de 1982 a 1985.

CAPÍTULO 2: A "RESTAURAÇÃO" DO PAÇO

> Então, eu poderia começar dizendo que Aloísio nunca me dizia "faça assim." Ele colocava os problemas e, com sua intuição extraordinária, visualizava os dados objetivos, sem perder a visão mais abrangente e, sobretudo, sem perder de vista o futuro das questões. Desse modo, ele permitia que cada um tomasse a iniciativa e explicava: "Gosto de desencadear os processos". Assim, permitia que os atores que compunham as cenas contribuíssem com a sua própria capacidade de criação. [...] Quando se transferiu o Paço da Cidade para a esfera da Pró-Memória, ele imediatamente percebeu o alcance desse fato, porque vislumbrou, nesse momento, a maneira de expressar objetivamente aquela visão global que ele tinha sobre o problema da cultura no Brasil. Então, ele pretendia fazer, de um lado, a restauração de um bem patrimonial de pedra e cal, de um edifício com grande densidade de conteúdos históricos e artísticos; e, ao mesmo tempo, ele via a possibilidade de integrar essa restauração num contexto de dinamização cultural, porque pretendia que, ao nível da praça devolvida aos pedestres, o edifício fosse também povoado de uma série de atividades que se ligassem diretamente ao público. Então, aqui ficava sintetizada a visão que ele tinha dessas duas vertentes do problema da cultura: a restauração, a preservação de um bem cristalizado num determinado momento representativo e a devolução desse bem à população, ao mesmo tempo em que incentivava as novas atividades culturais.[109]

A "restauração" do Paço foi uma das obras mais emblemáticas realizadas pela SPHAN/Pró-Memória. Os debates em torno de seu projeto de intervenção suscitaram discussões que extrapolavam a dimensão estética — entre o "preservar" e o "restaurar" — e provocaram a instituição a pensar o monumento tombado a partir de uma conjuntura sócio-política completamente diversa. É importante pontuar, no entanto, que a discussão entre a ideia de "preservação" e "restauração" do bem aparece na documentação com um sentido próprio e que é apropriado neste estudo para a análise dos trabalhos desenvolvidos na edificação do Paço.

O número 20 da Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, de 1984,[110] apresenta os trabalhos desenvolvidos pelos técnicos da SPHAN/Pró-Memória no edifício do Paço Imperial entre os anos de 1982 e 1984. Nos três artigos escritos pelos arquitetos envolvidos nas ações — Glauco Campello, Cyro Corrêa Lyra e José de Souza Reis — as medidas adotadas e as modificações implementadas na configuração arquitetônica do prédio são denominadas como "restauração". Por uma opção da autora deste estudo, o termo aparece ao longo do trabalho entre aspas, visto que, conforme será demonstrado neste segundo capítulo, o trabalho desenvolvido no Paço Imperial não foi uma "restauração", isto é, não

[109] Depoimento de Glauco Campello. Boletim SPHAN/Pró-Memória, n. 17, mar/abr, 1982. Glauco Campello foi diretor da 6ª Diretoria Regional da Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, indicado por Aloísio Magalhães, então, secretário da Cultura do Ministério da Educação e Cultura, presidente da Fundação Nacional Pró-Memória e diretor-geral da SPHAN.

[110] **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 20, 1984.

visou à salvaguarda da obra de arte e do testemunho histórico.[111] Como será possível constatar, o aspecto neocolonial do edifício, resultante das alterações mais recentes de que o monumento foi objeto no final da década de 1920, foi considerado uma intervenção que descaracterizou os elementos ditos "originais" do monumento, optando-se pela remoção desses acréscimos, com vistas a uma aproximação com a imagem barroca da edificação identificada na primeira metade do século XIX.

Os agentes da SPHAN/Pró-Memória apresentam o conceito de "preservação" como opção por privilegiar uma única intervenção executada no bem, embora o seu oposto — como é colocado nos textos analisados —, isto é, a "restauração", não contemple a totalidade das alterações identificadas no monumento, uma vez que marginaliza os aspectos neocoloniais por entender que as características barrocas são mais relevantes do ponto de vista estético. Nesse sentido, a oposição entre "preservação" e "restauração" torna-se um elemento fundamental de análise. A criação dessa suposta oposição, a partir da qual é construído o projeto de recuperação do bem, será abordada neste capítulo, com o objetivo de apresentar outras leituras possíveis acerca desse assunto já amplamente discutido na literatura.

Em plena luta pela garantia dos direitos políticos e sociais, nos anos finais da ditadura militar, o Paço ressurgia de quase um século de silenciamento, provocando os agentes do patrimônio a repensar suas práticas e constituir uma nova forma de patrimonialização do bem. Para além de uma mera recuperação das condições físicas do Paço, a obra significou um movimento em direção à transformação das formas de apropriação do patrimônio e da cidade em seu entorno e, sobretudo, das práticas de preservação por parte do órgão federal. Ainda que não tenha representado mudanças significativas, a "restauração" do Paço parece ter aberto caminhos para a problematização, especialmente, das ações desenvolvidas nos monumentos de pedra e cal a partir dos anos 1980.

[111] Carta de Veneza, maio de 1964. II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/226>. Acesso em: 03/01/2021.

2.1 Os estudos preliminares

Os estudos preliminares com vistas à elaboração do projeto de "restauração" do Paço tiveram início já em meados de 1980,[112], quando o então diretor-geral do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), respondendo pela Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), Aloísio Magalhães, solicita autorização, por meio de ofício encaminhado em 23 de junho, a Joel Marciano Rauber, diretor regional da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT), para que o arquiteto e seu assessor, José de Souza Reis, e o historiador e membro do Conselho Consultivo, Gilberto Ferrez, representantes da Secretaria, realizassem uma inspeção no prédio, com o intuito de viabilizar o planejamento de um programa de obras de recuperação e "restauração" do imóvel tombado.[113]

A autorização é concedida em 6 de julho.[114] Realizada a visita ao prédio, José de Souza Reis escreve à Aloísio Magalhães, detalhando suas impressões:

> Após a visita ao prédio em apreço, juntamente com o Prof. Gilberto Ferrez, tivemos oportunidade de estabelecer contato com o arquiteto Milton Lima, da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, a quem solicitamos quaisquer subsídios que nos pudessem auxiliar no estudo da restauração do Paço. Nada tendo encontrado, entretanto, sugeriu-nos aquele arquiteto que V. Sa. poderia solicitar à direção da Empresa um levantamento completo da edificação uma vez que só dispomos das respectivas plantas.[115]

---

[112] A urgência da restauração do Paço já havia sido sinalizada por arquitetos, historiadores e membros do SPHAN. Em 1975, cogitou-se instalar no prédio a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. À época, o então diretor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Renato Soeiro, alertava para o "problema da restauração tantas vezes requerido quanto adiado". Cf. Jornal O Globo, 15 jan. 1982; Em ofício ao então Prefeito Marcos Tamoyo, Renato Soeiro discorre sobre a visita do arquiteto Carlos Werneck de Carvalho, designado pela Prefeitura para acompanhar, junto ao IPHAN, os estudos e projetos visando à restauração e adaptação do antigo Paço Imperial para sede da Prefeitura Municipal. Renato Soeiro menciona, ainda, o membro do Conselho Consultivo, Gilberto Ferrez, como possível colaborador. Cf. Ofício n. 176/75. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro. Contudo, em ofício encaminhado pelo chefe do gabinete do Ministro das Comunicações, Pedro Jorge Castelo Branco Sampaio, descarta-se a hipótese de transferência da Prefeitura para o prédio do Paço, devido à ECT não possuir outro local para estabelecer suas atividades e a própria Prefeitura já ter se instalado em outra sede, em Botafogo. Cf. Ofício n. 1599/76-GM, 7 out. 1976. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

[113] Ofício n. 1469/1980, 23 jun. 1980. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central, Rio de Janeiro.

[114] Ofício 035/1980, 06 jul. 1980. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

[115] Informação n. 99, 1º ago. 1980. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

Em ofício a Joel Marciano, datado de 19 de agosto,[116] Aloísio Magalhães agradeceu a presteza pelo atendimento ao seu pedido e autorizar a inspeção do prédio. Informou, porém, que, diante da ausência de maiores subsídios, o objetivo da vistoria não foi cumprido, solicitando ao diretor regional da ECT plantas dos pavimentos e da cobertura, cortes longitudinal e transversais, além de informações sobre a fachada, para que fosse realizado um levantamento completo da edificação. Atendendo ao novo pedido de Aloísio Magalhães, Joel Marciano encaminha um conjunto de plantas de arquitetura e de instalações elétricas do Paço, destacando serem os únicos documentos disponíveis em seus arquivos.[117] De posse da referida documentação e após a vistoria do bem, José de Souza Reis e Gilberto Ferrez são designados, formalmente, por Aloísio Magalhães, em outubro de 1980, para procederem a pesquisas e estudos objetivando a "restauração" do monumento.[118]

José de Sousa Reis e Gilberto Ferrez realizam, a partir de então, o exame das plantas obtidas na repartição e a identificação dos acréscimos feitos à construção, que deveriam ser demolidos em uma primeira etapa no processo de "restauração" — medida que já havia sido cogitada durante a visita realizada em meados de 1980, quando verificou-se a existência de uma edificação de quatro pavimentos destinada a serviços e instalações sanitárias, construída no interior do pátio maior (REIS, 1984). Em seguida, iniciou-se a pesquisa iconográfica, já bem avançada em virtude dos estudos já desenvolvidos por Gilberto Ferrez, documentados em uma monografia sobre o Paço, de sua autoria.

Em abril de 1981, José de Souza Reis encaminha para Aloísio Magalhães um documento com informações sobre os estudos desenvolvidos até aquele momento:

> Ao primeiro exame dos elementos disponíveis para o estudo proposto de uma restauração do Antigo Paço, inclinamo-nos francamente para a manutenção dos acréscimos do 2º pavimento construídos no princípio do século, provavelmente à época do Centenário da Independência, 1922. Apesar da necessidade de refazer-se toda a cobertura, atualmente constituída de telhados de telha francesa e com um trecho fora de escala no lado da rua 1º de Março, parecia-nos já quase impraticável uma volta à antiga figuração do prédio, apesar da existência de boa documentação do princípio do século XIX feita por Ender e Theremin principalmente, e que obrigaria a demolição de 3 segmentos do arcabouço do 2º pavimento bem como à refatura de alguns elementos. [...] Assim pensávamos, chegando mesmo a indicar soluções externa e internas conforme este critério que limitava-nos externamente à retirada do frontão postiço da fachada principal e à restauração da cobertura. Não

[116] Ofício SPHAN n. 1908/1980, 19 ago. 1980. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

[117] Ofício SPHAN n. 1908/1980, 4 set. 1980. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central, Rio de Janeiro. Os documentos são recebidos em 15 de setembro de 1980, conforme ofício n. 2066/80, da SPHAN. Cf. Ofício SPHAN n. 2066/80. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

[118] Portaria n. 49, de 30 out. 1980. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

> era esta, entretanto, a opinião do Gilberto Ferrez que, autor de uma completa monografia sobre o Paço, pensava que se pudesse restaurá-lo à forma representada pelo Ender que ele considera um dos mais fiéis documentaristas do Rio antigo e que, no caso em apreço, fixou não só a fachada principal do prédio mas também a lateral vista da Praça 15 de Novembro.[119]

José de Souza Reis afirma que se contestava a hipótese de retornar à forma antiga do Paço devido às dificuldades de reconstituição dos elementos eliminados, bem como o fato de que tal opção reduziria, consideravelmente, a área construída, resultando na "maior redução visual do edifício já um tanto amesquinhado pelas construções vultuosas na vizinhança".[120]

Contudo, a comparação da forma da edificação de fins do século XX com as gravuras antigas, como a do desenhista e viajante britânico, William Burchell, retratando a forma original da cobertura do lado da rua 1º de Março, colocaram em dúvida a argumentação inicial dos técnicos. Reis afirma que o confronto entre essas duas imagens os levou a tomar o Paço em sua forma dos anos 1980, como uma "contrafação do antigo, como se fora um edifício do chamado estilo 'neo-colonial', tão em voga à época do Centenário da Independência".[121]

A localização de uma planta antiga do prédio, de 1890, sem os acréscimos do 2º pavimento, reforçou, ainda mais, a tendência para uma "restauração" da edificação nesse sentido. Sendo assim, Reis e Ferrez passaram a considerar a possibilidade da reconstituição das fachadas do antigo Paço com base nas plantas, fotos atuais e gravuras antigas, "chegando a um resultado de aspecto mais agradável do ponto de vista plástico".[122]

Os técnicos indicam que o prosseguimento dos estudos demandaria a inspeção permanente do prédio, a contratação de serviços especializados para pesquisa e prospecção de elementos construtivos, entre outras questões, além da definição da situação jurídica do Paço — que à época pertencia à União e estava cedido à ECT — e de sua destinação futura, a fim de possibilitar a elaboração de um anteprojeto adequado a esta finalidade. Junto a este documento, Reis encaminha, ainda, todos os estudos gráficos realizados, inclusive com uma proposta para o projeto geral de "restauração" que, já naquele momento, demonstrava ser a escolha de ambos os técnicos (REIS, 1984).

---

[119] Informação n. 35/1981, 6 abr. 1981. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.
[120] Idem.
[121] Idem.
[122] Informação n. 35/1981, 6 abr. 1981. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

Em outubro de 1981, cerca de um ano após o início dos estudos, José de Souza Reis encaminha à Assessoria Jurídica da Fundação Nacional Pró-Memória um laudo técnico sobre as condições em que se encontrava o imóvel tombado do antigo Paço:

> O edifício encontra-se em estado de completo abandono com exceção de 2 ou 3 compartimentos do pavimento térreo onde ainda funciona a antiga agência dos Correios. [...] Acham-se fechados todos os demais cômodos do andar térreo bem como o vestíbulo de acesso principal com portão de ferro, através do qual vislumbra-se o estado precário da edificação. Esta situação repete-se nos pavimentos superiores, 1º e 2º, com o agravante porém de já se acharem desprovidos de esquadrias todos os vãos (portas-janelas) do 2º pavimento que abrem para a Rua 1º de Março bem como 5 vãos de cada lado do prédio que correspondem ao salão existente neste externo do mesmo. Todos esses vãos apresentam apenas fechamentos improvisados porém já situados na parte interna do salão o que não evita a entrada de águas pluviais nas imediações dos respectivos balcões o que irá permitir infiltrações capazes de danificar os compartimentos inferiores bem como as paredes externas da edificação (REIS, 1981).

O documento destaca, ao fim, "o estado de abandono e desuso, sabidamente o mais prejudicial à conservação dos bens imóveis que, receamos, numa situação prolongada irá certamente ocasionar indesejável desgaste em monumento de grande porte histórico como o que está em apreço" (REIS, 1981). A realização dos estudos preliminares teve, desse modo, o objetivo de estabelecer a análise dos aspectos físicos do monumento, compreendê-lo em sua trajetória histórica e indicar caminhos possíveis para que a sua recuperação fosse, enfim, viabilizada. As pesquisas, porém, não se esgotaram nessa fase inicial e se estenderam por quase metade do tempo dedicado às obras, especialmente por incorporarem as informações advindas das prospecções arquitetônicas e arqueológicas, executadas nas fases iniciais da intervenção.

Os debates sobre a "preservação" e a "restauração" do bem, por sua vez, tiveram diversos desdobramentos e envolveram, posteriormente, os próprios arquitetos e técnicos da SPHAN que participaram da obra, já que tal escolha representaria mais do que uma mera opção técnica, mas um posicionamento institucional em relação aos valores mobilizados nesse processo de (re)patrimonialização do bem. Afinal, que imagem do Paço desejava-se preservar e/ou "restaurar"? A Casa dos Governadores (construída a partir dos Armazéns Del Rey e da antiga Casa da Moeda), o Palácio dos Vice-Reis, o Paço Real ou o Paço Imperial? Ou seriam mantidos elementos dos diversos períodos de sua história? Quais aspectos do monumento deveriam ser valorizados e/ou eliminados? Quais memórias deveriam ser mobilizadas e quais deveriam ser silenciadas? A recuperação do Paço torna-se, assim, um verdadeiro campo de disputas entre as inúmeras narrativas possíveis acerca do bem.

2.2. Um dilema sobre a intervenção: "Restaurar" ou preservar?

Os estudos preliminares realizados pelo arquiteto José de Souza Reis e pelo historiador e membro do Conselho Consultivo Gilberto Ferrez, de 1980 a 1981, resultaram na elaboração de duas propostas para o projeto de intervenção do Paço: a primeira previa a reconstituição das características do imóvel no início do século passado e, a segunda, a manutenção de seu volume, apenas eliminando o frontão postiço da fachada principal[123] (Figura 1), trocando as telhas e corrigindo a configuração do telhado.[124]

Segundo Reis, a primeira proposta seria a "mais completa do ponto de vista histórico e a mais harmoniosa sob o aspecto arquitetônico". Consistia em trazer o prédio "à forma documentada por Thomas Ender, William Burchell e Theremin, no início do século passado".[125] Isto é, "para voltar ao que era em 1825, será necessário tirar todo o acréscimo de mau gosto, feito em 1929, e refazer toda a infra-estrutura de instalação, além de redividir as salas de acordo com o projeto original".[126]

Uma dúvida, entretanto, surgia a respeito da redução do volume que a "restauração" poderia causar, "o que poderia fazer o Paço ficar amesquinhado, em função das outras construções". Para Reis, "em 1800, ele era uma massa dominante. Hoje, entretanto, a praça é um conjunto de prédios altos.[127]

Glauco Campello, diretor da 6ª Diretoria Regional,[128], também tinha dúvidas em relação à diminuição do volume do prédio e se esta opção não reduziria a força de impacto dentro do conjunto. "Hoje, solto na Praça 15, o prédio tem um quê de dignidade, decorrente do fato de que, mesmo não representando uma obra de arte acabada, o Paço mantém alguns vocábulos originais, típicos da época em que foi construído".[129]

---

[123] Em texto intitulado "Paço da Cidade, atual sede do Departamento dos Correios e Telégrafos, na Praça Quinze de Novembro", Augusto da Silva Telles apresenta um histórico da trajetória de mudanças arquitetônicas e de usos do edifício, destacando, na última alteração, de 1929, a finalização do terceiro pavimento e a construção do "ridículo frontão pseudo-barroco na fachada principal". Cf. Arquivo técnico-administrativo, Inventário, Paço Imperial, caixa 32, pasta 01/01. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

[124] Pró-Memória recebe as chaves do Paço da Cidade. **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, n. 17, mar/abr, 1982, p.9.

[125] Restauração do Paço da Cidade. **O Globo**, 15 jan. 1982.

[126] Secretaria de Cultura vai restaurar o Paço Imperial e deixá-lo como era em 1825. **Jornal do Brasil**, 1º caderno, 15 jan. 1982.

[127] Restauração do Paço da Cidade. **O Globo**, 15 jan. 1982.

[128] Glauco Campello foi convidado por Aloísio Magalhães a assumir a 6ª Diretoria Regional da SPHAN em 1981. Cf. CARVALHO, Maria Luiza de. Glauco Campello no IPHAN. **Revista Módulo Arquitetura**, edição 67, 1981.

[129] Refazer o prédio original ou manter o atual, a dúvida nas obras do Paço. **O Globo**, 29 set. 1982.



Figura 7: Fachada do Paço à época em que foi sede dos Correios e Telégrafos, com o frontão neobarroco[130] e o terceiro pavimento por toda a extensão do prédio[131]

Gilberto Ferrez, no entanto, acreditava que "a retirada dos segmentos adicionados ao terceiro andar, que constituem cerca de dez por cento do total do prédio, trarão maior 'harmonia e graça' à construção". Segundo ele,

> o prédio como está hoje é um verdadeiro caixão de batatas. Já que se vai gastar dinheiro para a sua recuperação, é melhor que o façamos da melhor forma possível. Retirando esta parte do terceiro andar, todo o prédio ganhará maior movimento. Trata-se de reconstituir uma de suas mais longas fases originais, a de D. João VI e Pedro I. Segue-se, dessa forma, a história, sem deixar que a construção fique feia.[132]

Iniciou-se, então, nesse momento, uma pesquisa em dois campos distintos: um de natureza documental e outro no próprio monumento, por meio de prospecções.[133] O estudo da documentação iconográfica trouxe novas informações, à medida que eram descobertos desenhos e fotografias ainda não analisados nos estudos preliminares, como a litografia "Vista do Rio tomada do Morro do Castelo", de Eugène Cicéri e Philipe Benoisi, do acervo do Museu Histórico da Cidade, além de fotografias do acervo do Museu Naval.

---

[130] Arquivo Técnico Administrativo, Inventário, Paço Imperial. Caixa 33, pasta 02/01. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.
[131] Ibidem.
[132] Refazer o prédio original ou manter o atual, a dúvida nas obras do Paço. Jornal **O Globo**, 29 set. 1982.
[133] SPHAN/Pró-Memória prossegue a restauração do Paço. Arquivo técnico-administrativo, Inventário, Paço Imperial, caixa 34, pasta 01/01. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

De acordo com Cyro Illídio C. O. Lyra,[134] coordenador do projeto de "restauração" do Paço, o objetivo desses estudos era resgatar toda a riqueza arquitetônica do edifício.[135] Nesse sentido, logo de início se impunha uma das questões principais sobre a obra:

> Qual a forma a ser restaurada, a original ou a mais significativa do ponto de vista arquitetônico? Se prevalecer o critério da originalidade, será preciso pôr abaixo três segmentos que integram o terceiro andar, resultantes de uma reforma com características neocoloniais feita em 1929. Mas, por outro lado, como aponta Glauco Campello, a retirada dos segmentos adicionados neste século acarretaria não só uma diminuição nas dimensões do prédio, como uma possível desarmonia com o conjunto que o ambienta, a atual Praça 15.[136]

O questionamento de Cyro Illídio aponta para duas discussões importantes: a primeira, a ideia de originalidade; a segunda, a atribuição de valor aos elementos arquitetônicos presentes na edificação. Afinal, o que haveria de autêntico na estrutura física do monumento perceptível nos anos 1980? E de que lugar se analisaria esta noção de autenticidade? Quem seriam os sujeitos a atribuir valor a esse objeto? Haveria uma hierarquização desses valores?

Segundo Beatriz Kuhl (2010) o significado de autenticidade deve ser entendido como "respeito pela configuração da obra e pela sua materialidade, como transformadas ao longo do tempo", ou seja, respeitando-se os materiais originais, além de estabelecer a manutenção dos acréscimos considerados indispensáveis e que indiquem as marcas de seu tempo (GONÇALVES apud GRIECO; TEIXEIRA; THOMPSON, 2016, verbete). A afirmação de Cyro, no entanto, parece associar a noção de originalidade com a configuração do monumento sem as alterações de estilo neocolonial de fins da década de 1920, assim como a própria proposta de valoração dos elementos arquitetônicos que, conforme já indicado, está sempre fazendo referência às características barrocas do prédio.

---

[134] Cyro Illídio C. O. de Lyra era membro da Diretoria de Tombamento e Conservação da SPHAN.

[135] Filosofia da restauração do Paço. **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, n. 24, mai/jun, 1983, p. 2. As pesquisas realizadas pelos técnicos da SPHAN continuariam até que o projeto definitivo de intervenção fosse elaborado. Esses estudos, no entanto, não se limitariam ao Paço, mas se estenderiam a toda Praça XV. Aloísio Magalhães possuía o projeto de recuperar todo o entorno do Paço, o antigo Largo do Carmo, atual Praça XV. Segundo ele, o local era a "entrada do Rio, e não houve ato histórico de importância, nos séculos XVIII e XIX, que não tivesse sido realizado ali." Cf. O Paço sai do limbo. Revista **Isto É**, 24 mar. 1982. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

[136] Refazer o prédio original ou manter o atual, a dúvida nas obras do Paço. Jornal **O Globo**, 29 set. 1982.

Conforme afirma Cyro Lyra, "pensou-se a princípio em preservar o edifício tal como chegara aos nosso dias, limitando-se a intervenção a obras de conservação e reciclagem de uso".[137] Contudo,

> os trabalhos preliminares de "limpeza", compreendendo a remoção de materiais em mau estado, a realização de prospecções nas paredes, pisos e tetos, bem como a análise da documentação iconográfica puseram em xeque a tese inicial de uma simples conservação. À medida que se aprofundava o conhecimento a respeito do monumento, a "presença" do antigo Paço se impunha.[138]

A comparação dos elementos construtivos de obras executadas, do século XVIII e XIX, com as referências iconográficas levou à conclusão de que "sob a 'vestimenta' neocolonial de 29, sobrevivia, ainda, totalmente camuflada, uma arquitetura monumental de maior interesse cultural".[139]

> A descoberta levou à conclusão de que a manutenção das adaptações feitas para funcionamento da sede dos Correios condenaria ao desconhecimento uma obra singular. A par do seu significado histórico, o antigo Palácio, que as reformas do século XX tinham ocultado, poderia ocupar, depois de "revelado", especial lugar no acervo da arquitetura barroca luso-brasileira, representada quase exclusivamente pela arte religiosa. [...] Removendo as ampliações, poderia a população admirar novamente o "jogo" barroco de volumes e telhados que compuseram, outrora, um dos aspectos mais atraentes do Paço barroco.[140]

Com o desenvolvimento da pesquisa, a equipe começou a "descobrir uma riqueza arquitetônica, em parte já suspeitada, mas totalmente oculta, o que levou à conclusão de que os maiores valores do monumento só poderiam ser revelados se se eliminassem as superposições executadas a partir de 1929". Considerava-se que todas as alterações introduzidas após esta data "só fizeram empobrecer o prédio, eliminando e ocultando esse jogo de volumes e de espaços fechados-abertos",[141] identificados nas fachadas voltadas para o mar e para o antigo Largo do Paço (atual Praça XV) e nos quatro pátios internos, eliminados ao longo das sucessivas reformas. Logo, decidiu-se que

> a restauração havia de começar pela demolição desses elementos a expurgar. Ao mesmo tempo a eliminação dos acréscimos e das paredes divisórias internas foi

[137] Filosofia da restauração do Paço. **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, n. 24, mai./jun., 1983, p. 2.
[138] Idem.
[139] Idem.
[140] Filosofia da restauração do Paço. **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, n. 24, mai/jun, 1983, p. 2.
[141] SPHAN/Pró-Memória prossegue a restauração do Paço. Arquivo técnico-administrativo, Inventário, Paço Imperial, caixa 34, pasta 01/01. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

> pouco a pouco revelando a edificação em sua escala própria e assim devolvendo-lhe uma feição mais autêntica.[142]

Segundo Glauco Campello, por toda a complexidade da questão, a equipe encarregada de orientar os rumos da "restauração" havia chegado apenas em uma determinação consensual: a de retirar o frontão da fachada, voltado para a praça, "hoje considerado de gosto, no mínimo, duvidoso".[143] Havia, ainda, a proposta de demolir a construção de quatro pavimentos localizada no maior dos quatro pátios internos do prédio (Figura 2).[144]

> A equipe de "restauração" chegou assim à conclusão de que só havia um caminho a tomar, que era restabelecer as maiores qualidades do monumento, não segundo a preocupação de se reconstituir obrigatoriamente um determinado momento histórico, mas sim de resgatar toda a sua desfigurada dignidade arquitetônica.[145]



Figura 8: Vista do Paço, a partir da qual é possível ver a edificação de quatro pavimentos construída no antigo pátio interno[146]

Segundo Marcos Vinícios Vilaça, então secretário da Cultura do Ministério da Educação e Cultura,[147] não era possível afirmar, naquele momento, qual seria a fisionomia

---

[142] Três momentos do Paço da Cidade. **Revista Arquiteturação**, abr. 1983.
[143] Refazer o prédio original ou manter o atual, a dúvida nas obras do Paço. Jornal **O Globo**, 29 set. 1982.
[144] Construída, de acordo com Glauco Campello, em 1950. Cf. Iniciadas as obras de restauração do Paço da Cidade, no Rio. **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, n. 21, nov./dez. 1982.
[145] SPHAN/Pró-Memória prossegue a restauração do Paço. Arquivo técnico-administrativo, Inventário, Paço Imperial, caixa 34, pasta 01/01. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.
[146] Arquivo Técnico Administrativo, Inventário, Paço Imperial. Caixa 33, pasta 02/01. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.
[147] Marcos Vinícios Vilaça substituiu Aloísio Magalhães à frente da SEC/MEC após seu falecimento. Nomeado por Rubem Ludwig, Ministro da Educação e Cultura, em junho de 1982.

definitiva do prédio, uma vez que os trabalhos de "restauração" para preservação das características originais seriam amplamente discutidos e decididos[148] gradativamente ao longo da obra. No entanto, ressaltava que a "primeira etapa é desfazer para começar a fazer. Parece uma coisa irônica, mas para restaurar teremos que destruir quase tudo".[149]

Assim, em 22 de novembro de 1982, deu-se início à primeira fase da obra, inaugurada com a presença de Marcos Vilaça, que consistia na demolição dos elementos considerados "espúrios".[150] Os primeiros 60 dias de obras seriam empregados apenas na demolição "das construções inexistentes no Paço tal como originalmente erigido e que ocupam, quais verdadeiros 'corpos estranhos', uma área de 400 metros quadrados de seu pátio interno, além de portas e janelas que foram emparedadas, modificando a configuração arquitetônica".[151]

> Os trabalhos de restauração processam-se atualmente numa primeira fase de demolições internas, chamada de "curetagem" pelo arquiteto Cyro Lyra, coordenador do projeto de restauração, basicamente a eliminação do que foi acrescido a partir de 1929, como a construção dos andares existentes no espaço que constituía um dos pátios internos.[152]

A obra de "restauração" do Paço era compreendida, portanto, por três etapas: a primeira, "a demolição das construções estranhas ao projeto";[153] seguida pela prospecção (abertura de forros e paredes); e, por fim, a obra de "restauração" propriamente dita.

Posteriormente, no entanto, com o avanço das pesquisas de prospecção, cogitou-se a ampliação das demolições com o objetivo de contemplar os acréscimos feitos no início

---

[148] Em entrevista, Glauco Campello afirmou que as decisões sobre a intervenção no Paço eram discutidas e apresentadas em eventos realizados no próprio Paço e em Universidades etc., que visavam à participação da população. Cf. CAMPELLO, Glauco. Entrevista concedida à Alessandra Schimite. Rio de Janeiro, 30 abr. 2018. Na documentação consultada, foi possível recuperar a participação de Glauco Campello em dois eventos, em 1984, onde foram apresentados detalhes acerca do trabalho de restauração do Paço a estudantes e especialistas da área de patrimônio. Em relação à discussão da obra na SPHAN, o projeto de restauração foi encaminhado pela 6ª Diretoria Regional à Diretoria de Tombamento e Conservação, em março de 1984, para análise e parecer técnico; contudo, "no meio tempo a obra foi praticamente concluída". Cf. Informação n. 139/84. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

[149] Restauração do Paço começa com demolição. Jornal **O Globo**, 23 nov. 1982.

[150] SPHAN/Pró-Memória prossegue a restauração do Paço. Arquivo técnico-administrativo, Inventário, Paço Imperial, caixa 34, pasta 01/01. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

[151] A restauração do Paço Imperial. **Jornal do Commercio**, 24 nov. 1982.

[152] SPHAN/Pró-Memória prossegue a restauração do Paço. Arquivo técnico-administrativo, Inventário, Paço Imperial, caixa 34, pasta 01/01. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

[153] Iniciadas as obras de restauração do Paço da Cidade, no Rio. Boletim SPHAN/Pró-Memória, n. 21, nov/dez, 1982.

da República, isto é, parte da área do terceiro pavimento,[154] o que modificaria, consideravelmente, o aspecto externo da edificação e sua volumetria.

Em março de 1983, quatro meses depois do início das obras, os "vastos salões de pé direito altos"[155] começam a aparecer. Após a execução das primeiras demolições[156] nos espaços internos do prédio, os espaços compartimentados, típicos das repartições públicas, começam a dar lugar aos imensos salões da época do Império.

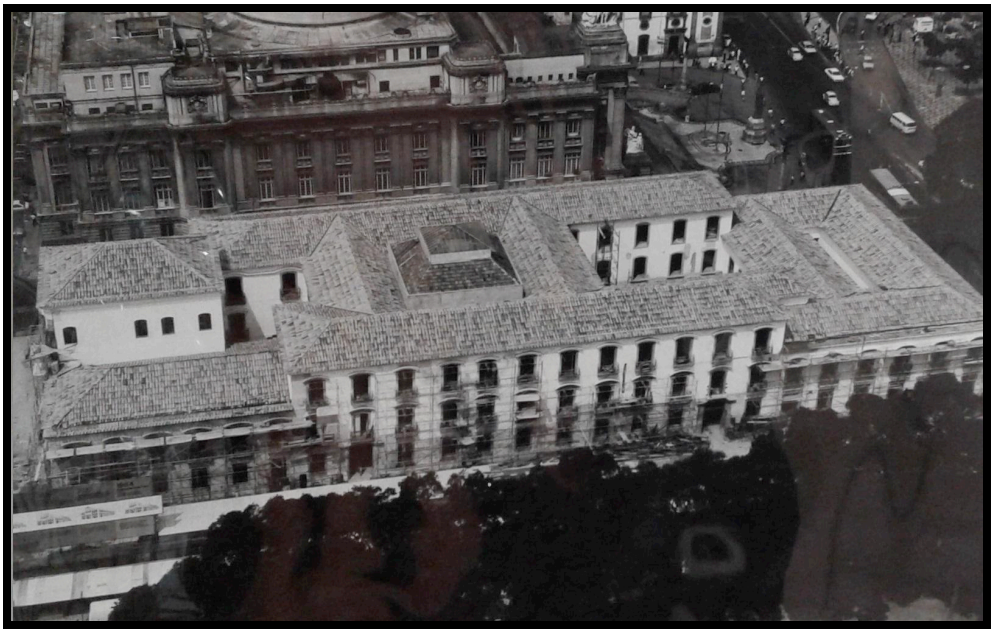


Figura 9: Vista do Paço, a partir da qual é possível ver um dos pátios internos após a demolição da edificação de quatro pavimentos construída no local[157]

Em julho de 1983, é a vez do pátio interno emergir (Figura 3),[158] com a retirada da construção de quatro pavimentos anteriormente existente no local.[159] Na mesma época, é concluído um estudo preliminar, realizado entre 6 de junho e 6 de julho de 1983, com o

[154] BERLINCK, Deborah. Patrimônio histórico recupera o Paço Imperial. Jornal **O Globo**, Grande Rio, p. 25, 31 jul. 1983.

[155] Entrevista de Glauco Campello. Cf. Três momentos do Paço da Cidade. **Revista Arquiteturação**, abr. 1983; Em matéria publicada no Jornal do Brasil, em março de 1983, com uma entrevista com a arquiteta Lilian Jansen Sá Freire, fala-se nos "grandes espaços coloniais e imperiais". Cf. BANDEIRA, Julio. Paço terá novamente seu pátio interno. **Jornal do Brasil**, 1º caderno, 15 mar. 1983.

[156] No início das obras, os operários foram instruídos a realizar a demolição dos acréscimos com cuidado, para que fossem identificados todos os vestígios das várias etapas de transformação do prédio. Cf. Paço Imperial volta às origens e revela história. Jornal **O Globo**, Grande Rio, 6 jun. 1984, p. 7.

[157] Arquivo Técnico Administrativo, Inventário, Paço Imperial. Caixa 33, pasta 02/01. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

[158] Sobre os pátios internos, Cyro Lyra afirmara: "uma de nossas maiores riquezas arquitetônicas, herança da Arquitetura ibérica". Cf. SPHAN/Pró-Memória prossegue a restauração do Paço. Arquivo técnico-administrativo, Inventário, Paço Imperial, caixa 34, pasta 01/01. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

[159] Como é possível verificar em fotografia publicada em matéria no Jornal O Globo, sobre o desenvolvimento das obras. Cf. BERLINCK, Deborah. Patrimônio histórico recupera o Paço Imperial. Jornal **O Globo**, Grande Rio, 31 jul. 1983, p. 25.

objetivo de elaborar uma lista de ações a serem desenvolvidas pela equipe nesta etapa do projeto: definição do volume arquitetônico com base na iconografia existente; definição do uso dos espaços resultantes desse volume arquitetônico (Térreo: áreas de acesso, circulação, exposições e lojas; e 1º e 2º pavimentos, áreas de trabalho), dentre outras.[160] Previa-se, ainda, o início da demolição de cerca de mil metros quadrados, resultante da área acrescida ao terceiro pavimento[161] no prazo de três meses. Tais resoluções tinham como finalidade a apresentação de um projeto de intervenção definitivo para o Conselho Consultivo[162] até o fim do referido ano.[163]

O dilema que se impõe, acerca do projeto definitivo e à feição a ser resgatada com a intervenção, coloca em disputa dois valores mobilizados à época de seu tombamento: o valor histórico e o estético.[164] Inscrito nos livros de Tombo Histórico e de Belas Artes, em 6 de março de 1938, o Paço dos anos 1980 exige, ainda, a compreensão de seu entorno e de sua relação com a cidade. Embora os debates em torno das características a recuperar pareçam reafirmar narrativas que privilegiavam a preservação de bens de pedra e cal, a "restauração" do Paço, nesse momento, impõe à SPHAN uma série de novos desafios, que extrapolam a elaboração e a execução da obra e que acionam valores até então não considerados.[165] Diante

---

[160] Arquivo técnico-administrativo, Inventário, Paço Imperial, caixa 34, pasta 01/01. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

[161] BERLINK, Deborah. Formas originais e um centro cultural para a Praça 15. Jornal **O Globo**, Rio, 31 jul. 1983, p. 25.

[162] Conforme definido no Decreto-lei n. 25/1937, as atribuições do Conselho Consultivo concentravam-se na análise dos bens indicados para tombamento impugnados pelos proprietários, ou dos tombamentos solicitados pela sociedade civil. Cf. CHUVA, Márcia. **Os Arquitetos da Memória**: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009, p. 228. No entanto, de acordo com Maria Cecília Londres Fonseca, a partir dos anos 1970, é possível perceber os efeitos das mudanças institucionais sobre a atuação do Conselho. A autora destaca que, em 1979, na 86ª reunião do Conselho Consultivo, Aloísio Magalhães assumiu a presidência do Conselho definindo sua missão como a de "dirigir e revitalizar o Iphan". Maria Cecília afirma, ainda, que a partir de 1988 o Conselho passou a participar de todas as decisões relativas aos tombamentos. Cf. FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Minc - Iphan, 2005, p. 220-224. No caso do projeto de restauração do Paço, sua aprovação pelo Conselho parece indicar um movimento no sentido de legitimar as ações desenvolvidas na intervenção. À época, o Conselho Consultivo era formado por: Marcos Vinícios Vilaça (Presidente), Irapoan Cavalcanti de Lyra (Secretário), Pedro Calmon, Gilberto Ferrez, Max Justo Guedes, Eduardo Knauss de Mello, Roberto Cavalcanti de Albuquerque, Gerardo Britto Raposo da Câmara (Diretor do Museu Histórico Nacional), Alcídio Mafra de Souza (Diretor do Museu Nacional de Belas Artes), Henrique Millan (Diretor do Museu Nacional), Lourenço Luiz Lacombe (Diretor do Museu Imperial), Gilberto Cardoso Alves Velho, Maria da Conceição de Moraes Coutinho Beltrão, Alfredo Galvão, Afonso Arinos de Mello Franco, Américo Jacobina Lacombe (Presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa) e José Ephim Mindlin.

[163] Refazer o prédio original ou manter o atual, a dúvida nas obras do Paço. Jornal **O Globo**, 29 set. 1982.

[164] Cabe destacar que, na época do tombamento, o Paço Imperial apresentava, predominantemente, elementos neocoloniais em sua configuração arquitetônica, característica que seria, posteriormente, eliminada no projeto de "restauração".

[165] Em uma análise sobre a Praça XV, Maria Cecília Londres Fonseca afirma que "neste local não é possível encontrar nenhuma marca ou menção, atualmente, à presença constante dos escravos pegando água no Chafariz do Mestre Valentim, que lá ainda permanece apenas como mera extensão do Paço Imperial. Se, como

de permanências visíveis, vislumbra-se um movimento de mudança, como irá verificar-se, por exemplo, na percepção de que a participação da população era fundamental para o êxito do próprio projeto. A dúvida entre "restaurar" ou preservar o monumento parece apontar, em um contexto de interseção política, para questões muito mais simbólicas. Afinal, qual posicionamento tomaria o órgão federal de preservação diante do objeto arquitetônico a recuperar?

Em 12 de setembro de 1983, é realizada a 103ª Reunião do Conselho Consultivo da Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, na qual Glauco Campello e Cyro Lyra apresentaram a proposta para a obra de "restauração" do Paço, visando à apreciação pelo Conselho. Glauco Campello relatou que a primeira providência tomada pela 6ª Diretoria Regional foi se instalar no local, a fim de melhor sentir os problemas do prédio. Acrescentou que após um longo período de estudos era necessário, enfim, definir o "partido arquitetônico a ser adotado na obra de restauração".[166]

Cyro Lyra iniciou a exposição do projeto destacando as diversas adaptações sofridas pelo edifício ao longo de sua trajetória, decorrentes de suas variadas funções. Ressaltou, por isso, a necessidade do levantamento sobre a história do prédio a fim de identificar essas transformações. Afirmando que

> no desenvolvimento da pesquisa, a ideia inicial de fazer apenas uma reforma, respeitando a última forma do edifício, evoluiu para a proposta presente, por ter-se verificado, justamente, ter a última alteração empobrecido o prédio, tirando dele toda a sua expressão plástica.[167]

Lira seguiu apresentando maquetes das fases pelas quais passou o edifício, esclarecendo não significar a proposta de "restauração" do prédio um retorno a determinado momento histórico, mas "a eliminação de tudo o que o empobreceu arquitetonicamente." Nesse sentido, seriam eliminados trechos do terceiro pavimento, que embora representassem uma perda significativa de sua área, reestabeleceria a "riqueza arquitetônica do monumento"

---

pesquisas históricas vêm comprovando, o Rio de Janeiro foi uma cidade quase africana durante a primeira metade do século XIX, essa informação não ficou registrada nos bens que ali são identificados como patrimônio cultural brasileiro, nem na leitura que deles fazem os órgãos de preservação." Ainda segundo a autora, a limitação dos instrumentos disponíveis de acautelamento, ao longo de décadas, produziu uma compreensão restritiva do termo "preservação", entendido quase exclusivamente como tombamento, reforçando a ideia de que as políticas de patrimônio são intrinsecamente conservadoras e elitistas, uma vez que os critérios adotados para o tombamento terminam por privilegiar bens que referem os grupos sociais de tradição europeia, e que, no Brasil, são identificados com as classes dominantes. Cf. FONSECA, Maria Cecília. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. pp. 56-57.

[166] Ata da 103ª Reunião do Conselho Consultivo do SPHAN. Arquivo Técnico Administrativo, Inventário, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

[167] Idem.

Após a exposição do projeto e suas justificativas, o conselheiro Pedro Calmon declarou que "a restauração se impunha, justificando-se o sacrifício de algumas áreas, desde que devolvido ao prédio o perfil antigo que tinha por volta de 1826", lembrando representar, o edifício, o período em que o Rio foi capital do Império português, entre 1815 e 1822. O conselheiro Gilberto Ferrez acrescentou justificar-se "a restauração tanto histórica quanto esteticamente, e que a perda da área pouco significava ante a recuperação do prédio".[168] Posto o projeto em votação, o Conselho Consultivo aprovou-o de forma unânime, tendo a equipe encarregada pelo trabalho sido parabenizada pela dedicação e competência.

2.3. Sob a luz do Barroco: o projeto de "restauração" do Paço

> Havia uma luz que ainda nos alcançava, representada pela sua imagem barroca, tal como a vemos na iconografia da primeira metade do século XIX. Esta imagem parecia existir, ainda palpitante, sob a massa quadrangular e monótona em que se transforma o edifício. Ela exerceu sobre os que participaram deste processo de restauração uma espécie de magnetismo. Uma forma de atração difícil de evitar (CAMPELLO, 1984).

Tão logo ocorre a transferência do imóvel para a Fundação Nacional Pró-Memória, o arquiteto e diretor da 6ª Diretoria Regional da SPHAN, Glauco Campello, responsável pela empreitada, decide, após sugestão de Aloísio Magalhães, alojar nas dependências do Paço Imperial sua equipe de arquitetos, historiadores, arqueólogos e engenheiros, encarregada do desenvolvimento do projeto e execução da obra, que, norteada pela determinação do secretário da Cultura, deveria estabelecer no prédio atividades de natureza cultural, atendendo, portanto, a necessária adaptabilidade para o funcionamento de suas futuras finalidades (REIS, 1984).

Ao estabelecer um "verdadeiro corpo a corpo com a própria edificação", a equipe se aloja nas dependências no prédio no dia 22 de março de 1982 e dá início aos primeiros contatos com o monumento. Segundo Glauco Campello, a equipe encontrou um edifício "semidestruído, mascarado pelas sucessivas reformas que alteraram sua feição barroca. [...] Mas no contato diário, vivo, com o organismo arquitetônico"[169] puderam perceber que o arcabouço principal estava subjacente.

---

[168] Idem.

[169] Entrevista com Glauco Campello. Cf. KAPLAN, Sheila. De volta à velha forma, o Paço reabre suas portas. Jornal **O Globo**, Segundo Caderno, 3 mar. 1985. O método de análise in loco também era prática nas restaurações desenvolvidas nos anos 1930 e 1940. Cf. CHUVA, Márcia Regina Romeiro. **Os arquitetos da**

De março a novembro de 1982, a equipe da regional da SPHAN esteve alocada no edifício junto com a Comissão constituída em 9 de março do mesmo ano, com o objetivo de proceder estudos específicos com vistas à proposição de critérios de agenciamento da área de entorno do antigo Paço da Cidade e da Praça XV. Nesse período foi criada, também, uma comissão técnica de arquitetos para "elaborar e desenvolver o projeto para as obras de recuperação e adaptação"[170] do prédio, baseada nos estudos preliminares realizados pelo arquiteto José de Souza Reis e pelo historiador Gilberto Ferrez,[171] liderada pelo próprio José de Souza Reis.

Para além do desenvolvimento dos estudos sobre a trajetória histórica e a evolução arquitetônica do prédio, os técnicos da SPHAN puderam estabelecer o trabalho "revivendo percursos imaginários, fruindo idealmente os espaços de sua arquitetura e redescobrindo valores de seu vocabulário antigo".[172] De acordo com Glauco Campello, esse processo não se deu "de acordo com um método tradicional, rotineiro", mas sim, a partir do contato entre o corpo técnico e o objeto da "restauração". Como não se dispunha de material histórico e iconográfico suficiente para permitir uma visão completa e detalhada do edifício — sobretudo em seus aspectos internos — em diferentes momentos de sua trajetória, "os trabalhos tiveram de desenvolver-se segundo um método gradual de aproximação, às apalpadelas, num cotejo permanente entre o escasso material iconográfico disponível e as investigações no canteiro de obras" (CAMPELLO, 1984, p. 139). Para Campello,

> Além disso, as circunstâncias permitiram o aprofundamento deste método de trabalho na medida em que as prospecções iniciais não se processaram apenas a partir de critérios de restauração, mas foram, por assim dizer, mediadas pela experiência direta. A partir do uso dos espaços internos do edifício estabeleceu-se a convivência com as qualidades físicas do objeto que se pretendia recuperar (CAMPELLO, 1984, p. 139).

As obras tiveram início, oficialmente, em 22 de novembro de 1982, com a presença do então secretário da Cultura do MEC, Marcos Vinícios Vilaça. Na ocasião, o secretário afirmou que a ideia básica era "retirar todas as paredes que destoam do projeto arquitetônico e, com isso, abrir passagens na parte térrea para circulação de pessoas." Para

---

memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2017.

[170] Sobre a comissão, ler o tópico 3.4, "O Paço e a cidade: ressonância e reapropriações" desta dissertação.

[171] Ofício do diretor da 6ª Diretoria Regional da SPHAN, Glauco Campello, ao Subsecretário da SPHAN, Irapoan Cavalcanti de Lyra, sobre o início das obras de restauração do Paço. Ofício Gabinete n. 526/82, 5 nov. 1982. Pasta Arqueologia, Arquivo da Superintendência Regional do IPHAN, Rio de Janeiro.

[172] Idem.

Glauco Campello, quando as 23 portas e 43 janelas voltassem a abrir para a rua, o Paço seria "como um prédio sobre pilotis".[173]

Realizaram-se, portanto, nessa primeira etapa da obra, os trabalhos de destelhamento e demolição das paredes que dividiam os espaços internos do prédio. Ao longo de anos, não só os amplos salões, mas todo o edifício, sofreram inúmeras reformas para adaptação dos espaços às diferentes funções e usos a que foram destinados. De acordo com Glauco Campello,

> esse tipo de evolução ligada à História é que dá sentido às renovadas fisionomias que o edifício foi adquirindo com as superposições de etapas de construção. Com o governador da Província era uma casa senhoril, tipicamente portuguesa, com seus três renques de telhados. Com a chegada de D. João VI, tornou-se um Palácio barroco, cenográfico e dolente, como foi retratado por Debret. Já na época do Império sofreu a transformação de influência neoclássica, a menos organicamente relacionada com sua estrutura tipológica. Com a República o edifício não pode fugir aos preconceitos com as coisas do Império. O Departamento dos Correios e Telégrafos que passou a ocupá-lo superpôs-lhe, ironicamente, uma fisionomia neocolonial.[174]

Nesse sentido, a ideia era executar, inicialmente, a "demolição das construções estranhas ao projeto", isto é, além das paredes internas, o edifício construído em 1950 que fechou o pátio interno e o frontão acrescido ao telhado em desacordo com a "arquitetura original".[175]

Embora se tratassem de medidas iniciais, dentro de um projeto de intervenção mais amplo, é possível identificar, já nas primeiras ações da equipe da SPHAN, a preferência por determinadas características arquitetônicas. O discurso para a execução de tais ações baseava-se, por isso, na busca pelo que era "mais legítimo"[176] em detrimento do que fora acrescentado "de forma inadequada".[177]

Prevista para ocorrer durante os primeiros 60 dias de obras[178], a primeira fase de demolições se estende até, pelo menos, julho de 1983. Ao longo desse período, a equipe de técnicos da SPHAN e cerca de 200 operários[179] trabalharam na retirada dos elementos

---

[173] Iniciadas as obras de restauração do Paço da Cidade, no Rio. **Boletim SPHAN/Pró-Memória** n. 21, nov/dez, 1982.
[174] Paço da Cidade, Rio. Monumento será devolvido à comunidade em 1985. **Boletim SPHAN/Pró-Memória** n. 24, mai/jun, 1983.
[175] Iniciadas as obras de restauração do Paço da Cidade, no Rio. **Boletim SPHAN/Pró-Memória** n. 21, nov/dez, 1982.
[176] FREITAS, Rosana. A praça XV em tempo de reforma. Ademi, jun. 1982. Arquivo Técnico Administrativo, Série obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.
[177] Idem.
[178] Restauração do Paço começa com demolição. Jornal **O Globo**, 23 nov. 1982.
[179] Paço da Cidade, resgate de um bem cultural. **Jornal do Brasil**, Caderno B, 04 jan. 1985.

considerados "espúrios",[180] na medida em que se aprofundavam os estudos sobre a edificação.

Em janeiro de 1983, Glauco Campello avalia o andamento das obras afirmando que

> uma vez liberado o local para o início dos trabalhos, várias partes internas precisarão ser reexaminadas, pois há arcos que foram fechados e outros elementos alterados. Será necessária toda uma verificação sobre estes elementos, o que deve levar algum tempo, cerca de dois meses. A restauração precisa ser dosada, e cada peça examinada pois, às vezes, nem tudo deve ser reconduzido a sua forma original. O saguão principal, por exemplo, no segundo andar, não tem decoração original, mas ela é adequada e não teria sentido mudá-la, inclusive, não teríamos referência para fazer este trabalho. Pouco se conhece da ambientação interna.[181]

Segundo o arquiteto, por ser o produto da superposição de intervenções ao longo da história, o edifício deveria ser recuperado a partir da "apropriação dos valores culturais, artísticos e históricos aderentes a esse objeto tal como ele hoje nos chegou às mãos". Diante da inexistência de referências sobre certos aspectos do bem, a proposta era de "resgatar as qualidades arquitetônicas" onde fosse possível "sem a obrigatoriedade de reconstituir-se um determinado momento vivido por essa complexa construção".[182]

Tal preceito se aproxima das recomendações da Carta Internacional sobre Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios,[183] elaborada em 1964, que afirma em seu artigo 11º:

> as contribuições válidas de todas as épocas para a edificação do monumento devem ser respeitadas, visto que a unidade de estilo não é a finalidade a alcançar no curso de uma restauração, a exibição de uma etapa subjacente só se justifica em

[180] O Paço volta aos bons tempos. **Folha de São Paulo**, 23 nov. 1982.
[181] Restauração do Paço da Cidade. Jornal **O Globo**, 15 jan. 1982.
[182] Três momentos do Paço da Cidade. **Revista Arquiteturação**, abr. 1983.
[183] Carta de Veneza, mai. 1984. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>. Acesso em: 15/11/2018; Em artigo intitulado "Centros Históricos: notas sobre a política brasileira de preservação" publicado na Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1984, Augusto da Silva Telles afirma que "até há poucos anos, o enfoque da política, dita preservacionista, era o do 'Monumento 'em seu sentido etimológico, de edificação notável a ser colocada em destaque." O autor afirma que a Carta de Veneza foi o primeiro documento internacional a definir que os "sítios urbanos ou rurais", assim como "as obras modestas que alcançaram com o tempo um significado cultural" deveriam ser equiparadas aos "Monumentos", criações arquitetônicas isoladas. Conforme destaca, a Carta afirma que a "conservação de um monumento exige a preservação de sua vizinhança à sua escala". Cf. TELLES, Augusto C. da Silva. Centros Históricos: notas sobre a política brasileira de preservação. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 19, 1984, pp. 29-32.

> circunstâncias excepcionais e quando o que se elimina é de pouco interesse e o material que é revelado é de grande valor histórico, arqueológico, ou estético.[184]

O documento destaca, ainda, que "a conservação e a restauração dos monumentos visam a salvaguardar tanto a obra de arte quanto o testemunho histórico"[185] e que "a restauração é uma operação que deve ter caráter excepcional",[186] tendo por objetivo "conservar e revelar os valores estéticos e históricos do monumento",[187] fundamentando-se no respeito ao "material original e aos documentos autênticos".[188]

No caso do Paço, nota-se — no decorrer dos trabalhos — que as ações foram orientadas não com o objetivo de salvaguardar a obra de arte e os testemunhos históricos nela impressos, e sim, a partir de escolhas pautadas em parâmetros essencialmente estéticos que privilegiavam as características eleitas como "autênticas". A "restauração" de seus espaços não foi acionada em caráter excepcional, mas sempre que se vislumbrou elementos considerados "originais", ainda que esta dita "originalidade" pudesse, também, ser questionada, na medida em que a edificação assumiu diferentes feições ao longo de sua trajetória histórica. Nesse sentido, embora a narrativa posterior sobre a "restauração" evidenciasse a busca pela "reabilitação ou a revalorização das marcas deixadas pelas diferentes fases históricas e pelas sucessivas intervenções" (CAMPELLO, 1984, p. 139), sugerindo a manutenção desses elementos diversos, como a incorporação ao projeto definitivo de uma certa pluralidade estética e de uma dinâmica em relação às temporalidades, o que se percebe é que essa opção é adotada, em muitos casos, quando não há referenciais acerca das características consideradas "originais", associadas pelos técnicos da SPHAN/Pró-Memória aos elementos barrocos; ou, ainda, quando "o custo da "restauração" e o tempo que levaria para retomar o estilo original"[189] determinavam a mudança.

---

[184]Artigo 11º Carta de Veneza, mai. 1984. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>. Acesso em: 15/11/2018.

[185]Artigo 3º Carta de Veneza, mai. 1984. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>. Acesso em: 15/11/2018.

[186]Artigo 9º Carta de Veneza, mai. 1984. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>. Acesso em: 15/11/2018.

[187]Artigo 9º Carta de Veneza, mai. 1984. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>. Acesso em: 15/11/2018.

[188]Artigo 9º Carta de Veneza, mai. 1984. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>. Acesso em: 15/11/2018.

[189] Entrevista de Luiz Carlos Neves, arquiteto e assistente de Glauco Campello. Cf. Pouco a pouco, o Paço da Cidade retoma seu traço original. Jornal **O Globo**, 19 abr. 1984.

Além da demolição, integravam os trabalhos preparatórios para a "restauração" as ações de prospecção, que objetivavam confirmar as formas aparentes no material iconográfico.[190] Conforme destacou Campello, pouco a pouco foi se "revelando a edificação em sua escala própria", devolvendo-lhe, assim, "uma feição mais autêntica".[191]

Cabe destacar que, nesse momento, ainda não havia sido definido o projeto definitivo para a intervenção; no entanto, o discurso dos técnicos já evidenciava a direção para a qual se encaminhavam os trabalhos. Aos poucos a opção pela "restauração" — e não a preservação — da edificação adquiria força, especialmente a partir do avanço das demolições e da emergência da "sucessão de espaços fechados e abertos" que, segundo Cyro Lyra (1984, p. 153), foi, um dia, um dos mais interessantes aspectos do edifício, constituindo "elemento de grande dignidade e valor arquitetônico".[192]

Em março de 1983, quatro meses depois do início das obras, "os grandes espaços coloniais e imperiais começam a aparecer".[193] Os espaços internos do prédio, outrora compartimentados, típicos das repartições públicas, aos poucos davam lugar aos amplos salões palacianos (LYRA, 1984, p. 153).

Contudo, de acordo com Glauco Campello, a descoberta dos valores arquitetônicos do Paço ainda não havia cessado,

> a cada dia as escavações trazem à luz, no pavimento térreo, pisos de lajeado de pedra, alguns em perfeito estado, e que tinham sido ocultados por pisos cimentados. Outro exemplo: o "descarnamento" das paredes tem revelado a existência de belas pilastras em cantaria, que se achavam encobertas por grossas camadas de reboco.[194]

Em junho de 1983, os trabalhos prosseguiam no que o arquiteto Cyro Lyra denominou de "curetagem", isto é, com continuação da eliminação do que foi acrescido à edificação a partir de 1929.[195] Com o avanço das demolições, no mês seguinte, já era possível visualizar um dos antigos pátios internos do Paço, onde havia sido construído um prédio com quatro pavimentos (Figura 4).[196] Sobre a construção, o arquiteto Luiz Carlos Neves, assistente de Glauco Campello, explica que

---

[190] Paço terá novamente seu pátio interno. **Jornal do Brasil**, 1º caderno, 15 mar. 1983.
[191] Três momentos do Paço da Cidade. **Revista Arquiteturação**, abr. 1983, p. 7.
[192] Paço da Cidade, Rio. Monumento será devolvido à comunidade em 1985. **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, n. 24, mai/jun, 1983, p. 3.
[193] Paço terá novamente seu pátio interno. **Jornal do Brasil**, 1º caderno, 15 mar. 1983.
[194] O Paço da cidade, Rio. Boletim do SPHAN/Pró-Memória, n. 24, mai/jun, 1983.
[195] Paço da Cidade, Rio. Monumento será devolvido à comunidade em 1985. **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, mai/jun, 1983.
[196] Em matéria publicada pelo jornal O Globo, é possível verificar uma imagem do pátio interno. Cf. Formas originais e um centro cultural para a Praça 15. Jornal **O Globo**, Rio, 31 jul. 1983, p. 25.

> no caso do Paço da Cidade, por causa da antiguidade do prédio e de seu uso constante, chegou-se a construir um edifício de quatro andares num pátio interno, não só desfigurando a construção mas tirando-lhe a funcionalidade já que, nas construções do início do século XVIII, esses pátios serviam para fornecer não só luz, mas também para ventilação.[197]

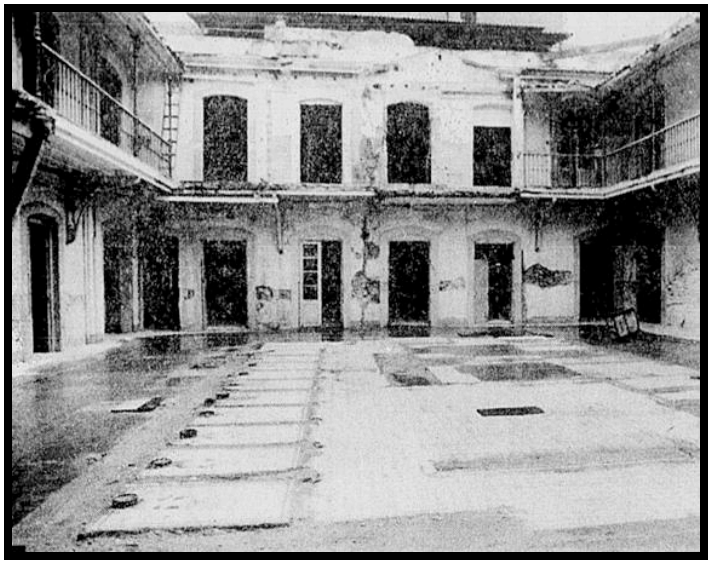


Figura 10: Um dos pátios internos do Paço após a demolição da edificação de quatro pavimentos construída no local[198]

A demolição desta construção foi uma das primeiras ações estabelecidas pela equipe da SPHAN, já que impedia a compreensão das linhas básicas do monumento e desconfigurava o antigo pátio de serviços do Paço Real, "circundado pelos locais onde funcionava a Casa da Moeda e pelas salas que com toda probabilidade destinavam-se às atividades domésticas do palácio" (CAMPELLO, 1984, p. 147). O antigo pátio restituído iria cumprir "um importante papel na integração entre o edifício restaurado e seu espaço exterior", uma vez que o acesso seria franqueado pelos dois pórticos fronteiros que se abrem para a Praça XV e a Rua da Assembleia. Segundo Glauco Campello, "o público encontrará aí um desdobramento do espaço urbano, à feição de uma praça interna. Por ela transitará livremente" (CAMPELLO, 1984, p. 148).

Como uma espécie de convite à fruição e à apropriação do monumento, o discurso sobre a restituição do pátio interno, neste momento, simboliza uma mudança na perspectiva da patrimonialização do bem. Diferente do processo ocorrido em fins dos anos 1930, quando o Paço foi tombado em um ato agenciado pelos técnicos da SPHAN,[199] agora a

---

[197] Pouco a pouco, o Paço da Cidade retoma seu traço. Jornal **O Globo**, 19 abr. 1984.
[198] CHAVES, Sandra. Prédio sofre reforma histórica. **Jornal do Brasil**, 12 jun. 1983.
[199] O Paço Imperial foi tombado em 6 de abril de 1938, inserido em uma prática de tombamento que priorizou os remanescentes da arte colonial brasileira. Segundo Maria Cecília Londres Fonseca, "são esses os bens passíveis de tombamento, e a leitura deles feita, como incorporados ao patrimônio, está centrada em seus

população seria convocada a atribuir novos significados ao monumento que, desta vez, passaria a ser interpretado como parte integrante da cidade, em constante diálogo com as transformações urbanísticas de seu tempo, e não apenas como um objeto de valor excepcional, sacralizado, isolado dos processos econômicos, políticos e sociais.

Concluída a demolição do referido edifício, deu-se continuidade às ações subsequentes, com a prospecção nas paredes, verificando-se que as janelas anteriores possuíam, não apenas a forma, mas a distribuição diferente das encontradas no local. De acordo com Luiz Carlos Neves, toda a equipe envolvida no projeto participava das decisões, que consideravam não só a necessidade de retornar a uma configuração original, mas, sobretudo, adequar o ambiente restaurado às suas novas funções.[200]

Em 8 de julho de 1983, a equipe da 6ª Diretoria Regional se reúne para discutir o planejamento das obras, a partir da conclusão do estudo preliminar elaborado entre 6 de junho e 6 de julho de 1983, com o objetivo de estabelecer algumas definições fundamentais ao projeto.[201] É nesse momento, portanto, que a opção pela "restauração" do Paço se define, efetivamente, dependendo, apenas, da aprovação do Conselho Consultivo da Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional para a sua execução.

Em agosto de 1983,[202] a partir da descoberta de cadinhos (Figura 5) durante as prospecções de solo realizadas pela equipe de arquitetos, a equipe de arqueologia da SPHAN, formada pelas arqueólogas Regina Coeli Pinheiro da Silva, Edna June Morley e Catarina Ferreira da Silva deram início ao mapeamento da área, no térreo, visando à descoberta de maiores informações sobre os usos do local. Com o auxílio da historiadora Clara Emília Monteiro de Barros, identificou-se, posteriormente, serem os poços — onde foram localizados os cadinhos — os fornos de fundição de ouro da antiga Casa da Moeda.[203]

---

aspectos arquitetônicos, integrando marginalmente dados históricos e análises de sua relação com a cidade e a paisagem." Cf. FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Minc-Iphan, 2005.

[200] Pouco a pouco, o Paço da Cidade retoma seu traço. Jornal **O Globo**, 19 abr. 1984.

[201] Conforme descrito no subcapítulo "Um dilema sobre a intervenção: Restaurar ou preservar?".

[202] A documentação disponível nos acervos do IPHAN indica que os trabalhos de arqueologia (escavações) tiveram início em agosto de 1983 e foram desenvolvidos até o fim de 1984. Foram interrompidos apenas nos meses em que ocorreram os trabalhos mais pesados de restauração, como em março e abril de 1984.

[203] Cirurgia reparadora, uma restauração completa devolve ao Paço Imperial do Rio de Janeiro a sua face original. **Revista Veja**, 6 mar. 1985. A Casa da Moeda funcionou no local de 1703 a 1814. Cf. SILVA, Regina Pinheiro da. et al. A pesquisa arqueológica: primeiras notas. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 20, 1984, p.158-165.



Figura 11: Cadinhos de grafite[204]

Diante de tais evidências, a equipe de arqueologia elaborou o projeto "Pesquisas arqueológicas no prédio do antigo Paço da Cidade", fundamentada no fato de terem sido encontradas "estruturas sobrepostas, cronologicamente diferenciadas" no decorrer dos trabalhos de prospecção arqueológica no local. De acordo com a metodologia proposta pela pesquisa arqueológica, fazia-se necessário "o esgotamento da área a ser pesquisada, já que não se justifica a interrupção de uma escavação antes de serem esgotadas todas as informações nela contida, visando a total recuperação dos vestígios arqueológicos".[205]

Segundo Regina Coeli, a pesquisa arqueológica buscava oferecer subsídios à "restauração" arquitetônica, oferecendo elementos e valores que "normalmente não são evidenciados numa 'restauração' cuja abordagem seja especificamente voltada para a recuperação da arquitetura do prédio" (SILVA, 1984, p. 158). Contudo, o que se percebe nos discursos sobre a concepção da obra em si é que os valores mobilizados tem seus referenciais a temporalidades posteriores aos objetos arqueológicos, isto é, se norteiam pelo valor histórico do edifício já construído, em sua configuração como sede dos governos da Província, do Reinado e do Império,[206] colocando de lado as estruturas pré-existentes que foram incorporadas em seu próprio processo construtivo.[207]

Com o desenvolvimento das escavações, concluiu-se que as sucessivas reformas pelas quais o prédio foi submetido "causaram a destruição de grande parte dos vestígios arqueológicos, dificultando a interpretação dos dados evidenciados" (SILVA, 1984, p. 159). Persistia, no entanto, a Casa da Moeda como a ocupação mais constante da área,

---

[204] Arquivo Técnico Administrativo, Inventário, Paço Imperial. Caixa 33, pasta 02/01. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

[205] Projeto Pesquisas Arqueológicas no Prédio do Antigo Paço da Cidade. Pasta arqueologia. Arquivo da Superintendência Regional do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

[206] Três momentos do Paço da Cidade. **Revista Arquiteturação**, abr. 1983.

[207] Na maioria dos espaços pesquisados constatou-se o aproveitamento de antigas fundações como base para fundações modernas. Cf. Pesquisa arqueológica contribui na restauração do Paço. **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, n. 30, mai/jun, 1984.

proporcionando, à equipe de arqueologia, grande quantidade de dados "de valor inestimável por sua singularidade" (SILVA, 1984, p. 159).



Figura 12: Vista geral da área de fundição da Casa da Moeda[208]

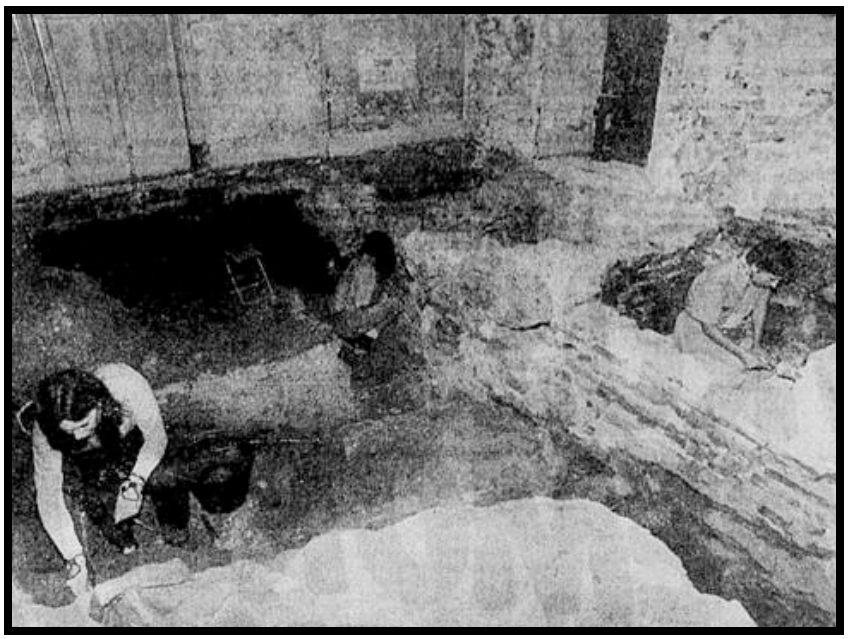


Figura 13: Com luvas, baldes e colheres de pedreiro, as arqueólogas limpam o local do antigo forno. Fotografia: Gilson Barreto[209]

[208] Arquivo Técnico Administrativo, Inventário, Paço Imperial. Caixa 33, pasta 02/01. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

[209] BANDEIRA, Júlio. Arqueólogos fazem primeira escavação no centro da cidade. **Jornal do Brasil**, 1º caderno, 11 de setembro de 1983, p. 22.

Foram localizadas, associadas às estruturas murárias da Casa da Moeda (Figura 6),[210] "centenas de fragmentos dos mais diversos materiais — cerâmica simples, faiança, ossos de animais, cadinhos em grafite, cupelas, moedas, etc." (SILVA, 1984, p. 159).[211] Embora incompletos, esses dados forneceram informações importantes para o estabelecimento de um quadro mais nítido da evolução da ocupação da área. Nesse sentido, todo o material encontrado era coletado para posterior limpeza, catalogação e estudo.

Em setembro de 1983, a equipe de arqueologia localiza resquícios das lajes de sustentação de cargas e paredes externas do que teria sido o Armazém Del Rey, local que, possivelmente, era utilizado para a "guarda de armas e munições de guerra" (SILVA, 1984, p. 158). Apesar de os achados arqueológicos enriquecerem a obra, conforme afirmara Marcos Vinícios Vilaça,[212] algumas áreas mapeadas não foram objeto de trabalho da equipe de

---

[210] De acordo com matéria publicada no Jornal O Globo, durante as escavações no piso da sala onde foram localizados os fornos da fundição, identificou-se um novo piso, que indicava um uso do local anterior mesmo ao funcionamento da Casa da Moeda. Cf. Pouco a pouco, o Paço da Cidade retoma seu traço. Jornal **O Globo**, Segundo Caderno, 19 abr. 1984.

[211] Na pasta "arqueologia" do Arquivo da Superintendência Regional do Rio de Janeiro consta uma lista com oito peças que teriam sido cedidas ao Museu da Casa da Moeda, em dezembro de 1983, para compor uma sala de exposições do acervo numismático-filatélico que seria inaugurada na Casa. No entanto, não constam informações sobre a efetiva retirada deste material e/ou sua devolução, após o empréstimo. Cf. Ofício Gabinete n. 696/83, de 20 dez. 1983. Paço Imperial, Arquivo da Superintendência Regional do Rio de Janeiro/IPHAN. Em documentação posterior, de 28 de abril de 1993, consta a informação de que a Professora Dra. Tânia Andrade Lima, integrante do projeto "Arqueologia Histórica no Rio de Janeiro: o século XIX", financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e aprovado pelo Instituto Brasileiro de Patrimônio Cultural (IBPC), solicita autorização para exame do material arqueológico sob guarda do IBPC (antigo SPHAN/Pró-Memória e posterior IPHAN). Na ocasião, a equipe da 6ª Diretoria Regional, que detinha a guarda do material, informou que, antes de conceder o acesso à pesquisadora, era necessário realizar o levantamento e a catalogação do material. Anos depois, a mesma pesquisadora, respondendo, desta vez, pelo Departamento de Antropologia do Museu Nacional, encaminha outro ofício, em 9 de setembro de 1998, em que destaca a dificuldade de acesso aos referidos materiais e a ausência de instalações adequadas e de pessoal especializado para proporcionar esse tipo de atendimento. A pesquisadora propõe a transferência da coleção ao Museu, a fim de que estejam disponíveis para os demais pesquisadores da área. Em resposta, Rosana Najjar, assessora de Arqueologia e arqueóloga da 6ª Diretoria Regional do IPHAN, encaminha memorando informando que, após a transferência do acervo do depósito do Paço Imperial para o laboratório de arqueologia, o material não havia sido, ainda, manipulado. A 6ª Diretoria Regional, segundo ela, havia recebido o material após a extinção da Coordenadoria de Arqueologia, informando, ainda, que havia a proposta para que o acervo fosse transferido para o Museu de Arqueologia de Itaipu/MAI. No entanto, recomenda a transferência da guarda das coleções de peças arqueológicas dos sítios Paço Imperial, Praça XV de Novembro e Casa dos Pilões, sob guarda da 6ª Diretoria Regional, para o Museu Nacional, com a condição de que este Museu remetesse, assim que possível, uma coleção tipo de cada uma das três coleções mencionadas ao Museu de Arqueologia de Itaipu/MAI. A transferência é realizada em dezembro de 1998; contudo, as coleções foram entregues incompletas. O material restante (29 volumes) foi localizado em julho de 2000, pela equipe de arqueologia da 6ª Diretoria Regional e remetido ao Museu Nacional. Cf. Paço Imperial, Arquivo da Superintendência Regional do Rio de Janeiro/IPHAN. Até a elaboração deste capítulo, a autora obteve resposta da arqueóloga Tânia Andrade Lima, que confirmou a transferência de parte do material arqueológico do Paço Imperial para o Museu Nacional. Já Marcos Dantas, analista da Seção de Gestão de Acervos e Cultura da Casa da Moeda, confirmou a existência, no acervo, de cinco cadinhos e três copelas ou fragmentos deles, peças utilizadas no processo de purificação do metal. O Museu de Arqueologia de Itaipu não retornou os contatos.

[212] Paço ficará pronto em janeiro de 1985. Jornal **O Globo**, 16 set. 1983.

arqueologia, o que impossibilitou, consequentemente, a determinação de suas verdadeiras funções (SILVA, 1984).

No mesmo mês, ocorre a aprovação, pelo Conselho Consultivo da SPHAN, da proposta definitiva do projeto de "restauração", na qual propunha-se a remoção das ampliações no terceiro pavimento do prédio, visando à recomposição do "jogo barroco de volumes e telhados que compuseram, outrora, um dos aspectos mais atraentes do Paço" (LYRA, 1984, p.153). Segundo Glauco Campello,

> A decisão de restabelecer a imagem barroca que por tanto tempo caracterizara o edifício, eliminando os revestimentos que encobriam as guarnições de pedra, removendo trechos do terceiro pavimento e recompondo os telhados, não se baseia apenas em dados técnicos, ou na imanência daquela imagem. Ela foi fruto também de uma ação intuitiva.[213]

De acordo com Cyro Lyra, a fachada voltada para o Largo do Paço (atual Praça XV) era, no século XIX, a principal frontaria do edifício, uma vez que era o local onde ocorriam diversas paradas, festividades e outros eventos da época.[214] Concebida por José Fernandes Alpoim, engenheiro militar contratado pelo conde Freire de Andrada, possuía uma "solução simétrica, tendo um corpo mais elevado (terceiro pavimento) somente no trecho central, o que conferia à edificação muito maior imponência".[215] A ampliação do terceiro pavimento, estendendo-se por toda a extensão do edifício, ocorre na reforma implementada em 1929, que, para o historiador Gilberto Ferrez, teria empobrecido o palácio, tirando-lhe toda a expressão plástica e "transformado o belo prédio de 1743 num caixão".[216]

Ressalta-se que, mais uma vez, o valor atribuído ao Paço refere-se à sua monumentalidade e aos grandes eventos históricos dos quais o edifício foi palco. A memória evocada, portanto, é a das narrativas históricas oficiais, sustentadas pelas elites sócio-políticas,[217] que revelam-se pela prevalência das evidências e dos estudos sobre os aspectos

---

[213] Entrevista com Glauco Campello. KAPLAN, Sheila. De volta à velha forma, o Paço reabre suas portas. Jornal **O Globo**, Segundo Caderno, 3 mar. 1985.

[214] Paço da Cidade, Rio. Monumento será devolvido à comunidade em 1985. **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, mai/jun, 1983.

[215] O edifício sofreu uma reforma, em 1750, apenas sete anos após sua construção, sendo incluídas quatro janelas ao centro do terceiro pavimento. No final do século, com a remodelação da praça, o prédio ganha mais oito janelas, simétricas, na fachada. Cf. Paço da Cidade, Rio. Monumento será devolvido à comunidade em 1985. **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, mai/jun, 1983.

[216] Conselho Consultivo da SPHAN aprova o projeto de restauração do Paço (RJ). **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, 26, set/out, 1983.

[217] Segundo Maria Cecília Londres Fonseca, "a limitação, durante mais de sessenta anos, dos instrumentos disponíveis de acautelamento, teve como consequência produzir uma compreensão restritiva do termo 'preservação', que costuma ser entendido exclusivamente como tombamento. Tal situação veio reforçar a ideia de que as políticas de patrimônio são intrinsecamente conservadoras e elitistas, uma vez que os critérios adotados para o tombamento terminam por privilegiar bens que referem os grupos sociais de tradição européia,

externos do prédio — muito bem documentados, justamente, por artistas que buscaram retratar momentos de relevância histórica nacional — e que condenam, mais uma vez, à marginalidade, as demais memórias que constituem o edifício, representadas, no processo restaurativo, pela pouca importância atribuída aos trabalhos de arqueologia, o que, possivelmente, possibilitariam inúmeras outras descobertas.[218] Conforme aponta Maria Cecília Londres Fonseca,

> quando se olha, por exemplo, a Praça XV, no centro do Rio de Janeiro, um dos ícones do patrimônio histórico nacional, a evocação mais óbvia é a do poder real, suscitada pelo Paço Imperial, sede da Corte. Ao fundo, a antiga catedral, hoje Igreja de Nossa Senhora do Carmo, atesta a importância, no Brasil colonial e imperial, do poder da Igreja. Esses são testemunhos materiais imponentes, tanto do ponto de vista da ocupação e permanência no espaço da cidade, quanto dos padrões estéticos hegemônicos, valorizados como expressões de cultura à época do tombamento desses bens pelo SPHAN. Essa leitura da Praça XV, no entanto, está longe de evocar plenamente o passado, a sociedade da época e a vida que se desenvolvia naquele espaço. Poucos foram os registros que, como os deixados por Debret, Hildrebrant, e outros, captaram ainda a presença, nesses espaços, de mercadores, escravos domésticos, negros de serviço e alforriados, enfim, da sociedade complexa e multifacetada que por ali circulava (FONSECA apud CHAGAS, 2003, p. 56).

Em 28 de novembro de 1983, com a presença do secretário da Cultura do MEC, Marcos Vinícios Vilaça, são iniciadas as obras de recuperação da fachada do Paço. Nesta etapa, seriam eliminadas 21 janelas e uma área construída de 420 metros quadrados no terceiro andar do imóvel. A demolição seria realizada, inicialmente, na parte voltada para a Rua Primeiro de Março e, posteriormente, a partir de fevereiro de 1984, seriam removidos os acréscimos da fachada voltada para o mar, com a retirada de 37 janelas e cerca de 900 metros quadrados.[219]

Realiza-se, neste mês, dentre outros serviços, a segunda etapa das prospecções arqueológicas, em nível inferior ao nível de pedra, onde foi encontrado outro de revestimento do tipo pé de moleque;[220] bem como a prospecção nas alvenarias, nos pisos e coluna dos

---

que, no Brasil, são aqueles identificados com as classes dominantes." Cf. FONSECA, Maria Cecília. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 56-76.

[218] Como exemplo, podemos citar a rampa sob o piso de uma das dependências do Paço, sob a atual Rua da Assembleia. Não foi identificado qual das três hipóteses levantadas — escoamento de águas, descida de carga ou passagem "subterrânea" (considerando a existência de uma prisão na Casa da Moeda) — era sua função. Cf. Pesquisa arqueológica contribui na restauração do Paço. **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, n. 30, mai/jun, 1984.

[219] Paço começa a mudar dia 28 fachada com o fim de 21 janelas. **Jornal do Brasil**, 25 nov. 1984. Arquivo Técnico Administrativo, Inventário, Paço Imperial, caixa 34, pasta 02/01. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

[220] Relatório técnico da Obra. Paço Imperial, Arquivo da Superintendência Regional do Rio de Janeiro/IPHAN.

pórticos.[221] Com relação aos últimos, Glauco Campello afirma ter sido uma questão difícil para a equipe, por não haver uma unanimidade quanto às opções a tomar e pelas dificuldades técnicas que envolviam a sua "restauração" (CAMPELLO, 1984).

> O pórtico original ocupa toda a frente do edifício. Sua planta em T, articulada pelos quatro arcos abatidos, define claramente dois percursos. O paralelo à fachada, com entrada pelos lados, servia às carruagens. O outro, perpendicular, equivalente à perna do T, abre-se para o pátio interno que dá acesso à escada nobre (CAMPELLO, 1984, p. 144).

Segundo Campello, tratava-se de "um belo espaço da cenografia barroco-portuguesa da época" (CAMPELLO, 1984, p. 144) que sofreu acréscimos e modificações por diferentes razões: "reforço da estabilidade, reformas estilísticas, meras necessidades práticas". O espaço livre havia sido interrompido pelo fechamento dos arcos menores com o objetivo de criar salas isoladas, sendo acrescidas, ainda, quatro colunas de alvenaria com acabamento marmorizado, que compunham com a nova composição estilística, além de auxiliar na sustentação do pavimento superior. Para Campello, tais intervenções "encobriam o projeto barroco, atravancavam os espaços e desvalorizavam os arcos" (CAMPELLO, 1984, p. 145).

A manutenção das colunas foi amplamente discutida entre os membros da equipe. De acordo com Cyro Lyra,

> de um lado havia a posição de as preservar já que pela sua ancianidade ter-se-iam incorporado historicamente ao monumento. Entretanto verificava-se que esteticamente tal incorporação não ocorria pois as colunas [...] eliminariam o sentido dos arcos de cantaria à entrada do Paço, "desmoralizando" sua função estrutural e interrompendo a visão da entrada (LYRA, 1984, p. 154).

Em parecer de 16 de janeiro de 1984, o arquiteto José de Souza Reis apresenta as conclusões dos estudos resultantes das prospecções sobre o local e afirma que somente uma pesquisa científica poderia determinar a data provável do material. Mas que, de qualquer forma, acreditava-se que

> se essas colunas já citadas pelo historiador há 120 anos, marcam provavelmente um evento histórico importante, pelo menos o da coroação de 1840, ainda que o aspecto resultante de sua superposição visual às arcarias originais do vestículo pareça-nos um erro artístico - arquitetônico, não deveríamos permitir às nossas veleidades

[221] Relatório de Obras da 6ª Diretoria Regional, situação em novembro de 1983. Paço Imperial, Arquivo da Superintendência Regional do Rio de Janeiro/IPHAN.

> estéticas uma total prevalência sobre a história válida do prédio, isto é, de sua época palaciana.[222]

Embora estivessem relacionadas com o período imperial, uma vez que a existência das colunas (Figura 7) foi confirmada desde, pelo menos, 1840, optou-se pela sua retirada junto com o pavimento de ladrilho e pela demolição de outros elementos, como as paredes que fechavam os arcos. Ao defender a opção pelo barroco, Glauco Campello afirma que esta se deu não apenas por seus valores arquitetônicos, mas, também, pela permanência de seus elementos construtivos, uma vez que as obras do tempo do império foram deturpadas ou destruídas com as reformas de 1929, e o arcabouço barroco não havia sido afetado em suas linhas básicas (CAMPELLO, 1984, p. 145). Contrapondo-se a esses argumentos, Cyro Lyra é categórico, afirmando que, em outros locais, prevaleceram critérios diversos. Contudo, no caso específico das colunas, "o critério estético prevaleceu" (LYRA, 1984, p. 154).



Figura 14: Pórtico principal onde se veem as colunas

Outro ponto controverso da obra foi a chamada "sala dos archeiros" ou a sala da claraboia. Segundo Cyro Lyra, originalmente, havia, no local, um pátio a céu aberto, conforme é possível testemunhar a partir da descoberta da existência de janelas no pavimento térreo, em uma das paredes que o circundam. As pesquisas identificaram, ainda, a existência de quatro colunas e a posterior construção de uma cobertura com claraboia e um piso elevado, no nível do primeiro pavimento, ligado ao patamar da escada principal de entrada por um lance de escada (LYRA, 1984, p. 154).

O que os técnicos encontraram, no entanto, "foi uma sala coberta por um teto em cúpula com clarabóia ao centro, mas sem colunas, resultado provável de reforma posterior à

[222] Parecer de José de Souza Reis sobre as obras no Paço Imperial, 16 jan. 1984. Pasta arqueologia. Arquivo da Superintendência Regional do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

situação de 1890." Inicialmente, pensou-se em restabelecer o pátio; contudo, com o desenvolvimento dos estudos sobre o local e a inexistência de aspectos existentes anteriormente, optou-se por manter toda a "roupagem eclética, revelando, porém, as três arcadas como testemunho de uma época anterior" (LYRA, 1984, p. 154). Optou-se, ainda, por fechar o vão — que ligava a escada de acesso da entrada principal à sala — e eliminar o acréscimo da escada, visando "restituir o equilíbrio das partes", uma vez que a leitura do espaço do pórtico principal restaurado ficaria "comprometida" pela grande abertura e "pela visão perturbadora do salão eclético" (CAMPELLO, 1984, p. 147).

Com o avanço das obras, as arqueólogas Regina Coeli e Edna Morley solicitaram à equipe de coordenação da restauração e arquitetos,[223] em janeiro de 1984, uma série de medidas em relação às áreas escavadas, objetivando estabelecer as melhores condições para o desenvolvimento dos trabalhos arqueológicos, a saber: proporcionar plena proteção às áreas do sítio; estabelecer parâmetros de atuação para o aterramento das áreas já liberadas pela pesquisa arqueológica; e definição das metas de pesquisa arqueológica a serem observadas pelos responsáveis pelos trabalhos de arquitetura e arqueologia. Listavam, ainda, algumas recomendações necessárias ao prosseguimento dos trabalhos.[224]

Em 15 de fevereiro de 1984,[225] os trabalhos são interrompidos e a equipe da 6ª Diretoria Regional se transfere para o Solar da Imperatriz, no Horto Florestal (Jardim Botânico), em virtude do início da etapa de trabalho mais pesado de "restauração" do edifício. A mudança possibilitaria, consequentemente, a realização das obras em toda a extensão do prédio.

De acordo com o arquiteto Luiz Carlos Neves, ao longo da execução do projeto de "restauração" do Paço, assumiu-se a metodologia de nunca estabelecer modificações irreversíveis,[226] uma vez que as decisões deveriam considerar a adequação do ambiente restaurado às novas funções. Nesse sentido, segundo Glauco Campello, aceitou-se a manutenção de alguns elementos, como as janelas de vidro acrescentadas à construção no século XIX, seguindo o gosto neoclássico. "Embora quebrem o estilo original barroco, as janelas de vidro permitem uma maior refrigeração e, portanto, maior conforto".[227]

---

[223] Glauco Campello, Ciro Lyra, João de Souza Reis, Luiz Carlos Neves, Ana Luíza Dias Leite e Fortunato Ferraz Gominho Filho.
[224] Ofício s/n, 04 jan. 1984. Arquivo Técnico Administrativo, Inventário, Paço Imperial, caixa 32, pasta 02/02. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.
[225] **Jornal do Brasil**, Informe Rio, 3 fev. 1984.
[226] Pouco a pouco, o Paço da Cidade retorna seu traço original. Jornal **O Globo**, 19 abr. 1984.
[227] Refazer o prédio original ou manter o atual, a dúvida nas obras do Paço. Jornal **O Globo**, 29 set. 1982.

Outro aspecto que reflete a linha de conduta adotada nesse processo é "a preocupação em utilizar técnicas contemporâneas que se revelarem mais adequadas para a manutenção e conservação do monumento",[228] seja em relação a elementos construtivos propriamente ditos ou quanto à funcionalidade dos espaços que se desejavam recuperar. Conforme apontou Glauco Campello, "muita coisa se perdeu e não pôde ser recuperada. Por isso, nos propusemos a trazer à luz o que havia resistido ao tempo e adaptar elementos novos que se harmonizem com a arquitetura colonial".[229] Em todos os casos, entretanto, o edifício era tomado, segundo Campello, como o verdadeiro "mestre de sua restauração",[230] o que revelava, portanto, o protagonismo atribuído ao monumento.[231]

É interessante perceber que, nem sempre, o que se buscou manter evidente na intervenção foram os elementos sobreviventes dos mais de dois séculos de trajetória do prédio. O objeto arquitetônico do início dos anos 1980 detinha uma série de marcas, ausências e características que revelavam aspectos fundamentais de sua história. Contudo, o projeto de "restauração" esteve voltado, desde sua concepção, à harmonização desses elementos à forma a que se desejava recuperar, isto é, a figura barroca do início do século XIX. Embora o discurso sustentado ao longo das obras fosse o de não privilegiar nenhuma das intervenções sofridas pelo edifício e de buscar, na "restauração", a identificação do monumento com as "aspirações sociais e culturais" (CAMPELLO, 1984, p. 143) de seu tempo atual.[232] Logo, os elementos que "sobreviveram" foram analisados, caso a caso, em sua relação com o objeto final que se desejava alcançar, considerando, assim, os valores "originais" e "autênticos" e as características arquitetônicas que ressaltassem a sua "imponência" e "dignidade".

Em 30 de agosto de 1984, a arqueóloga Regina Coeli Pinheiro da Silva encaminha, para apreciação de Glauco Campello, o projeto "Pesquisa Arqueológica no Sítio Paço Imperial, RJ - 2ª Etapa" visando dar prosseguimento e conclusão aos trabalhos já iniciados. Segundo a arqueóloga, o retorno da equipe ao sítio justificava-se pela necessidade

---

[228] Paço da Cidade, Rio. Monumento será devolvido à comunidade em 1985. **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, mai/jun, 1983.

[229] Entrevista com Glauco Campello. Sphan conclui restauração do prédio do Paço Imperial. Jornal **O Globo**, Grande Rio, 28 fev. 1985.

[230] Rio de Janeiro, Paço de volta à cidade. **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, n. 34, jan/fev, 1985.

[231] Glauco Campello afirma que o método utilizado na restauração do Paço instalou um tipo de ação na qual o edifício é também protagonista, isto é, aprende-se com o objeto da restauração a forma como se apropriar dos valores de sua arquitetura, como utilizá-lo convenientemente e o conduzir a uma nova relação harmoniosa com o sítio urbano onde está inserido. Cf. CAMPELLO, Glauco. A restauração do Paço: revendo 240 anos de transformações. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 20, 1984, pp. 139-151.

[232] SOUZA, Maria Eduarda Alves de; CAVALCANTI, Marco Antonio. Paço da Cidade, como no tempo do Império para o carioca de hoje. **Jornal do Brasil**, Caderno B, 20 mai. 1984.

de aprofundar os trabalhos de escavação que dependiam da formulação de hipóteses que permitiriam uma melhor compreensão dos dados arqueológicos evidenciados.[233] No projeto, previa-se o desenvolvimento de trabalhos nas seguintes áreas: a Fundição da Casa da Moeda, com a elaboração de uma proposta para a apresentação final das estruturas, com acompanhamento museográfico e programação visual, com o objetivo de dar cunho didático ao local, considerando a manutenção da área em exposição permanente; o "túnel", parte externa na rua da Assembleia; e em áreas ainda não pesquisadas. Em paralelo às escavações, prosseguiriam em laboratório os trabalhos de triagem, limpeza, classificação e identificação do material coletado.

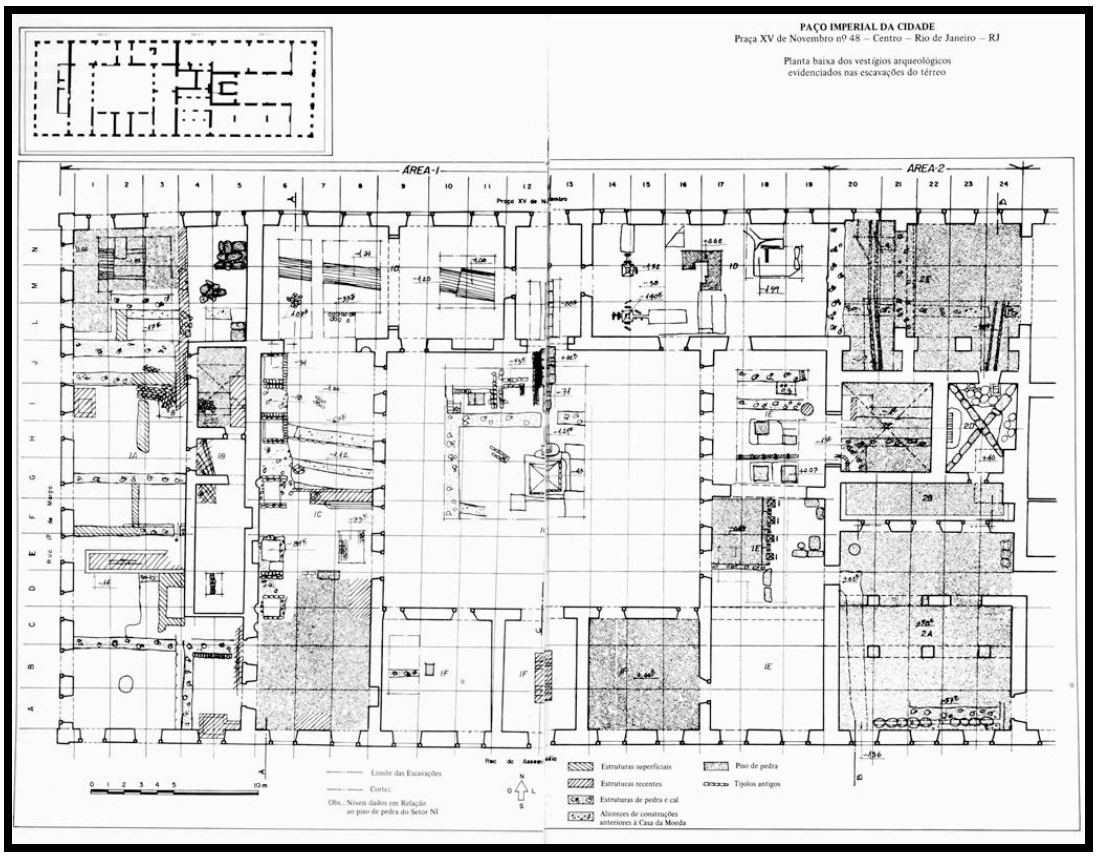


Figura 15: Planta do Térreo, com destaque para as áreas onde ocorreram as escavações

Em setembro de 1984, Glauco Campello encaminha o projeto à Diretoria de Tombamento e Conservação da SPHAN, informando que a execução de tal programa impossibilitaria a conclusão das obras de restauro conforme previsto. No documento, Glauco sugere, como solução ao problema, a "manutenção de parte das prospecções em áreas a serem deixadas abertas (cobertas apenas com terra ou pedriaco) mesmo depois de concluída a obra

[233] Comunicado Interno n. 31, de 30 ago. 1984. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

civil".[234] Segundo ele, os trabalhos de escavação passariam a integrar o programa de atividades do Paço, no período inicial após a "restauração". Neste caso, "os visitantes terão mais uma surpresa: uma exposição, 'ao vivo', do dia a dia de trabalho de reconstituição de detalhes da História do Brasil ainda hoje fragmentados na memória nacional".[235]

Apesar da presença concreta de algumas descobertas arqueológicas, de acordo com Glauco Campello, alguns espaços foram recobertos após a realização de um "minucioso levantamento" e de uma "rigorosa documentação fotográfica" (CAMPELLO, 1984, p. 149), por não possuírem mais uma função prática a desempenhar.

No entanto, conforme verificou-se na documentação existente nos arquivos da Superintendência Regional e no Arquivo Central do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no Rio de Janeiro, e em relatos da equipe de arqueologia (SILVA, 1984), o trabalho não foi efetivamente concluído conforme proposto e diversos espaços mapeados tiveram seus estudos interrompidos.[236] De acordo com a equipe de arqueólogas, a proposta inicial tinha como foco as três áreas consideradas prioritárias: área 1, Casa da Moeda; área 2, intermediária — limites internos da Casa da Moeda e Armazéns Reais; e área 3, Armazéns Reais/Casa dos Governadores. Contudo, até meados de 1984[237] "foram somente pesquisadas as correspondentes à Casa da Moeda e aos limites entre esta e os Armazéns Reais/Casa dos Governadores" (SILVA, 1984, p. 165), não sendo, portanto, a área 3, objeto de escavações. Não foi possível determinar, também, a verdadeira função de uma rampa localizada na área intermediária, visto que os estudos sobre a área 2 seriam aprofundados em uma próxima etapa de pesquisa, a qual foi descartada por Glauco Campello em virtude da necessária conclusão das obras de "restauro" do prédio.

Dentro do projeto de "restauração" do Paço, previa-se, ainda, a exposição de algumas estruturas arqueológicas, assim como do material cultural associado (SILVA, 1984, p. 165). Entretanto, apenas a área da fundição da antiga Casa da Moeda foi mantida em

---

[234] Ofício Gabinete n. 557/84, 24 set. 1984. Pasta arqueologia. Arquivo da Superintendência Regional do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

[235] Sob as lajes do Paço, uma bateria de fornos da antiga Casa da Moeda. Jornal **O Globo**, matutina, Segundo Caderno, p. 1.

[236] Em texto publicado na Revista do Patrimônio em 1984, a equipe de arqueologia apontava para a necessidade de retorno às áreas pesquisadas com o objetivo de aprofundar a análise das estruturas evidenciadas. Cf. SILVA, Regina Pinheiro da et al. A pesquisa arqueológica: primeiras notas. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 20, 1984, pp.158-165.

[237] Um dossiê sobre a restauração do Paço foi publicado na Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nº 20, em 1984. Com artigos de Pedro Calmon, Glauco Campello, Cyro Corrêa Lyra, José de Souza Reis, Regina Pinheiro da Silva, Edna Morley e Catarina Ferreira da Silva, a publicação acabou revelando embates e contradições nos discursos dos profissionais de arquitetura e arqueologia envolvidos na obra.

exposição e aberta ao público, com a apresentação, apenas, de uma peça de ferro — semelhante à prensa usada na cunhagem de moedas — encontrada nas escavações.[238]

Os meses subsequentes, de outubro a dezembro, foram destinados aos trabalhos de finalização da obra, prevista para ser concluída em janeiro de 1985.[239] A sua abertura oficial ocorreria, entretanto, em 6 de março de 1985.

A "restauração" do Paço foi uma das obras mais emblemáticas realizadas pela SPHAN/Pró-Memória. Em ofício encaminhado por Marcos Vinícios Vilaça, secretário da Cultura, à então Ministra da Educação e Cultura, Esther de Figueiredo Ferraz, por ocasião do convite para a reabertura do Paço, Vilaça descreve o monumento como "um dos imóveis mais valiosos do patrimônio histórico e artístico do país", afirmando ser a sua "restauração" "a maior obra realizada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em qualquer época".[240]

Para além da visibilidade da obra e de como ela representou a reafirmação do papel do órgão federal de patrimônio, a recuperação do Paço foi carregada de um simbolismo que atravessa discussões acerca da luta pelos direitos sociais e políticos e, especialmente, sobre a revisão das políticas culturais de preservação nos anos 1980. Por ter se realizado em um momento de interseções, a narrativa de (re)patrimonialização proposta ao Paço restaurado foi marcada por muitas contradições. Entre avanços e permanências, o monumento de pedra e cal se reconfigurou como um espaço cultural que buscava estabelecer com a cidade e com a sociedade novos significados e formas de apropriação. O Paço se reinventou em consonância com as transformações experimentadas pela, então, Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Reivindicando-se como um processo participativo e multidisciplinar, a sua "restauração" revelou uma série de tensões — ao longo de sua elaboração e execução — evidenciadas pelos valores culturais, históricos, arqueológicos e estéticos mobilizados em torno de sua realização.

A constituição de uma comissão técnica[241] para o estudo e elaboração do projeto de "restauração" formada, apenas, por arquitetos refletiu parte das permanências no processo

---

[238] Os demais materiais localizados nas escavações permaneceram arquivados na 6ª Diretoria Regional da SPHAN e no próprio Paço até meados dos anos 1990.

[239] Cabe ressaltar que Marcos Vinícios Vilaça foi Secretário da Cultura do MEC até 1985, quando ocorre a criação do Ministério da Cultura, no mês de março. Em seguida, assumiu a função de Secretário particular do então presidente José Sarney. Possivelmente, a urgência para a finalização das obras no Paço estaria relacionada com o fim de sua gestão na Secretaria. Cf. Marcos Vinícios Vilaça. Verbete. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/vilaca-marcos>. Acesso em: 18/11/2018.

[240] Ofício n. 137/84/sec-rj, 09 jul. 1984. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

[241] Ofício do diretor da 6ª Diretoria Regional da SPHAN, Glauco Campello, ao Subsecretário da SPHAN, Irapoan Cavalcanti de Lyra, sobre o início das obras de restauração do Paço. Ofício Gabinete n. 526/82, 05 nov. 1982. Pasta Arqueologia, Arquivo da Superintendência Regional do IPHAN, Rio de Janeiro.

de (re)patrimonialização do bem que geraram implicações ao longo de todo o trabalho de constituição do patrimônio nessa nova conjuntura. Verificou-se, portanto, que a prevalência dos arquitetos definiu, de forma significativa, as opções assumidas em diversos momentos do projeto.

Nesse sentido, a ênfase dada a uma perspectiva estética e o valor atribuído à arquitetura tradicional luso-brasileira indicavam a manutenção de práticas já implementadas pelo órgão federal em ações de "restauração" anteriores (CHUVA, 2012). Em uma análise sobre as restaurações desenvolvidas nos primeiros anos do SPHAN, Márcia Chuva destaca que os arquitetos da instituição tinham a "necessidade de desvendar as origens da nação — para conhecê-las e cultivá-las — na sua expressão arquitetônica, que se encontrava encoberta por reformas inadequadas" e buscavam, consequentemente, o "'aspecto primitivo', 'original'" com o objetivo de encontrar a "'harmonia de estilo'" rompida com reformas posteriores" (CHUVA, 2012, p. 96). Ao observarmos os relatórios técnicos e de obras, e os textos e artigos publicados nos Boletins SPHAN/Pró-Memória e na Revista do Patrimônio sobre a obra de "restauração" do Paço, podemos identificar o uso de termos semelhantes que evocavam os valores arquitetônicos que deveriam ser recuperados e salvaguardados ao longo das intervenções, ou seja, a "originalidade",[242] a "autenticidade", a "legitimidade", a "dignidade", a "singularidade" e a "imponência", atribuídas à forma barroca da edificação; em detrimento dos elementos neoclássicos e neobarrocos acrescidos posteriormente e que eram referidos como "espúrios", "inadequados", "estranhos" etc.

A "restauração" do Paço suscita, desse modo, inúmeros debates possíveis em torno das permanências e das rupturas nas práticas de preservação da SPHAN/Pró-Memória que devem ser analisadas, consequentemente, a partir da conjuntura de interseções experimentada nos anos oitenta no país. Buscou-se, entretanto, apresentar apontamentos no sentido de evidenciar as tensões presentes nesse processo, com o objetivo de compreender a elaboração e a execução do projeto de "restauração" também como um campo de disputas.

Se por um lado, o Paço restaurado representou a manutenção da atribuição de determinados valores, por outro, simbolizou avanços, sobretudo, no que diz respeito à relação do bem com a cidade, os espaços que o circundam e, principalmente, com a sociedade. Assim, a (re)patrimonialização do Paço nos anos 1980 exigiu da equipe da SPHAN a busca

[242] Cabe destacar, no entanto, que a forma "original" que se deseja resgatar não corresponde à configuração primeira do edifício, tal como foi construído por José Fernandes Alpoim, em 1743, e, sim, a retratada em pintura de Jean Baptiste Debret em 1825.

por formas de diálogo com a população que, nesse momento, passa a reivindicar informações[243] sobre o monumento.

2.4 O Paço e a cidade: ressonância e reapropriações

> Por ressonância eu quero me referir ao poder de um objeto exposto atingir um universo mais amplo, para além de suas fronteiras formais, o poder de evocar no expectador as forças culturais complexas e dinâmicas das quais ele emergiu e das quais ele é, para o expectador, o representante (GREENBLATT apud KARP; LAVINE, 1991).

Por sua importância histórica e pela magnitude das ações de intervenção, a "restauração" do Paço exigiu da Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional uma metodologia de trabalho que buscasse estabelecer o constante diálogo com a cidade e sua população. O Paço está localizado em uma área central, cuja importância histórica remonta ao surgimento da própria cidade. À época da "restauração", o prédio era cercado por ruas com trânsito intenso de veículos e por um grande fluxo de transeuntes, que seguiam em um ir e vir da estação das barcas. No entorno, havia, ainda, um terminal de ônibus e o mercado de peixes, que completavam o cenário de inúmeras atividades desenvolvidas na área da Praça XV.

A recuperação do Paço no início dos anos 1980 apresentava, assim, uma série de desafios à SPHAN, da adaptação à nova configuração urbanística da cidade e suas necessidades de crescimento; e à relação da população com o bem, que demandava o estabelecimento de formas de diálogo que comunicassem as ações implementadas pela Subsecretaria no local.

Nesse sentido, de acordo com Glauco Campello, as ações da SPHAN/Pró-Memória foram desenvolvidas a partir de duas diretrizes: a primeira, relacionada à necessária adaptabilidade e preservação dos bens culturais frente às transformações urbanas (CAMPELLO, 1984); e a segunda, referente à criação de meios de comunicação com a população da cidade, visando estimular a participação destes no processo de recuperação do Paço.[244]

---

[243] A imprensa da época repercutiu o estado de abandono do monumento e abriu espaço para a publicação de cartas de leitores sobre o descaso das autoridades públicas em relação ao prédio, ressaltando, sobretudo, o seu valor histórico. Os jornais publicavam com frequência inúmeras matérias sobre as medidas tomadas pela SPHAN/Fundação Nacional Pró-Memória em relação ao Paço, da tomada do bem à conclusão das obras de restauração e abertura do espaço cultural.

[244] CAMPELLO, Glauco. Entrevista concedida à Alessandra Schimite. Rio de Janeiro, 30 abr. 2018.

Desse modo, uma das primeiras medidas tomadas foi a criação de uma comissão com o objetivo de desenvolver estudos específicos, visando à proposição de critérios de agenciamento da área de entorno do antigo Paço da Cidade e da Praça XV de Novembro. Instituída em 9 de março de 1982, por determinação[245] do Secretário da Cultura do MEC, Aloísio Magalhães, era formada por quatro arquitetos: Enize de Castro Osório, representante da Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (Fundrem); Hélio Ribas Marinho, representante das Secretarias de Planejamento e de Obras e Serviços Públicos e do Corredor Cultural da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro; Maurício Roberto, representante da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro; e Glauco de Oliveira Campello, representante da 6ª Diretoria Regional da SPHAN, que atuaria como coordenador da Comissão.[246]

A comissão[247] almejava estabelecer uma articulação entre diferentes instituições e órgãos, públicos e privados, no sentido de estabelecer critérios específicos para a ocupação e o uso da área, considerando os inúmeros interesses envolvidos.[248] O grupo deveria analisar, portanto, questões sobre a circulação de veículos, gabarito dos edifícios em torno, a preservação dos monumentos existentes na região, dentre outros aspectos da Praça XV.[249] A proposta, segundo Campello, era instituir ações com o objetivo de dar condições adequadas para que diferentes programas se desenvolvessem nesse espaço, espontaneamente.

> As feiras de livros, de artesanato, o caminho para as barcas de multidões apressadas, o mercado de peixe, os bares e restaurantes, o comércio de artefatos de pesca, os edifícios comerciais, a Câmara dos Deputados e a Bolsa de Valores. Deve-se dar à Praça condições de atender com amenidade essa utilização viva e diversificada; disciplinando a circulação de veículos em torno e afastando os ônibus para locais

---

[245] Determinação n. 43, 9 mar. 1982. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

[246] Segundo Glauco Campello, além dos membros da Comissão seriam consultados, ainda, organismos como o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) e o Clube de Engenharia. Cf. Pró-Memória recebe as chaves do Paço da Cidade. **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, n. 17, mar/abr, 1982, p. 9.

[247] Participaram, ainda, de algumas reuniões da Comissão o arquiteto José de Souza Reis, da Fundação Nacional Pró-Memória e Rafael Carneiro da Rocha, do setor jurídico da Fundação. Cf. Ata da 1ª reunião da Comissão para proceder a estudos específicos visando a proposição de critérios de agenciamento da área de entorno do antigo Paço da Cidade e da Praça XV de Novembro, 16 mar. 1982. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

[248] Em reunião realizada em 16 de fevereiro de 1982, o coordenador da Comissão, Glauco Campello, explicou que "tendo o SPHAN de pronunciar-se sobre a futura sede da Bolsa de Valores, a ser construída no mesmo local em que está seu atual prédio, na Praça XV de Novembro, e tendo também de promover os estudos para a restauração do Paço, o Secretário da Cultura propôs a criação desta Comissão para fazer uma análise global da área." Cf. Ata da 1ª reunião da Comissão para proceder a estudos específicos visando a proposição de critérios de agenciamento da área de entorno do antigo Paço da Cidade e da Praça XV de Novembro, 16 mar. 1982. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

[249] Pró-Memória recebe as chaves do Paço da Cidade. **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, n. 17, mar/abr, 1982, p. 9.

> mais adequados se irá permitir que ela seja mais intensamente vivida pelo transeunte a pé, seu verdadeiro dono.[250]

A "restauração" do Paço, por conseguinte, representaria o mote para o início da almejada transformação na região.[251] Conforme apontava Campello, tal projeto deveria ser compreendido "em função de se revalorizar, dentro de um contexto urbano, o espaço à sua volta. Para que possamos devolver o Paço ao povo, não como mero objeto estético, mas como prédio integrado a um conjunto harmônico".[252]

Durante a primeira reunião da comissão, realizada em 16 de março de 1982, Glauco Campello manifestou a preocupação da 6ª Diretoria Regional da SPHAN em discutir com organismos competentes os vários problemas ligados à preservação do Paço e que estariam, naturalmente, envolvidos no planejamento da cidade, pontuando, desse modo, que, dentro de um plano geral, a comissão deveria atingir os seguintes objetivos:

> A) Recuperação de uma relação harmoniosa entre o Paço Imperial, a Praça XV e o seu entorno, o que implica na preservação concebida no sentido mais amplo.
> B) Disciplinamento de toda área, tendo em vista de um lado, o problema da preservação e do outro, o do crescimento da cidade.
> C) Nesse quadro insere-se, com especial interesse, o projeto da nova sede da Bolsa de Valores.[253]

Conforme destacou Glauco Campello, os temas que deveriam ser abordados e discutidos, portanto, pela comissão seriam: a "restauração" do Paço; a integração urbanística (humanização) de toda área; o problema da circulação de veículos; a legislação existente; a nova sede da Bolsa de Valores;[254] o reflexo da solução a ser adotada, sobre toda a área; a concepção de um centro integrado propício ao desenvolvimento de atividades relacionadas à

---

[250] Três momentos do Paço da Cidade. **Revista Arquiteturação**, abr. 1983. Arquivo Técnico Administrativo, Série obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

[251] Segundo Flávia Nascimento, "o uso contemporâneo do edifício era exaltado como o propulsor do futuro da Praça, com novos usuários e usos. No começo dos anos 1980, o estabelecimento de centros culturais e museus como mote de recuperação de áreas supostamente degradadas era uma novidade no Brasil que se apresentava como muito promissora." Cf. NASCIMENTO, Flávia. A Praça XV do Rio de Janeiro como patrimônio cultural: história e materialidade em disputa. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, n. 14, 2018, p. 299.

[252] Paço da cidade. Como no tempo do império para o carioca de hoje. **Jornal do Brasil**, Caderno B, Rio de Janeiro, 20 mai. 1984, p.6.

[253] Ata da 1ª reunião da Comissão para proceder a estudos específicos visando a proposição de critérios de agenciamento da área de entorno do antigo Paço da Cidade e da Praça XV de Novembro, 16 mar. 1982. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

[254] A Bolsa de Valores pretendia expandir sua sede na Praça XV construindo uma torre de 39 andares, cujo projeto previa o funcionamento de galerias de arte no térreo. Cf. Pró-Memória recebe as chaves do Paço da Cidade. **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, n. 17, mar/abr, 1982, p. 9.

cultura e negócios.[255] Isto é, o que se pretendia, com os trabalhos da comissão, era encontrar caminhos para a "harmonização" do tecido urbano antigo com o "progresso" e o desenvolvimento da cidade[256] que, segundo Campello (1984, p. 38), deveria adquirir um sentido mais humano, incorporando ao seu processo as vantagens da preservação.

Em reunião posterior, realizada em 29 de março de 1982,[257] discutiram-se os problemas ligados ao sistema viário da região e Glauco Campello lembrou que a preservação da praça exigiria um "relativo isolamento",[258] que possibilitaria que lhe fosse atribuído um uso adequado. Aloísio Magalhães destacou a importância de tal oportunidade para a realização de algo muito significativo para a cidade e para o país. Segundo Magalhães, o Paço Imperial e a sua praça foram cenário "de episódios históricos da mais alta significação"; logo, havia a necessidade "de sensibilizar os técnicos em geral para que resolvam os problemas considerando essa importância e esta oportunidade".[259]

Na ocasião, Campello apresentou uma maquete da Praça XV e, com a colaboração de José de Souza Reis, comentou as possíveis hipóteses referentes à altura do edifício projetado para a Bolsa de Valores e os efeitos correspondentes, tendo o arquiteto Maurício Roberto argumentado sobre a "pouca importância que terá a altura do edifício."[260] Segundo a ata da reunião, no debate em torno da altura do edifício projetado, evidenciou-se "clara divergência de opinião entre Glauco Campello e Maurício Roberto, este, autor do projeto e o primeiro considerando que tendo 140 metros de altura, naquele local, o edifício não harmonizará com o conjunto da praça". Hélio Ribas Marinho, por sua vez, defendeu que "o mais importante é o espaço no nível do chão. Quanto ao volume, não vê possibilidade de se exigir que seja menor".[261] Após três horas e meia de reunião, não tendo a Comissão

---

[255] Cf. Ata da 1ª reunião da Comissão para proceder a estudos específicos visando a proposição de critérios de agenciamento da área de entorno do antigo Paço da Cidade e da Praça XV de Novembro, 16 mar. 1982. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

[256] Segundo Glauco Campello, era necessário disciplinar as novas construções nas imediações dessa área, harmonizando-as com o tecido urbano antigo ou, de forma mais real, com a situação concreta correspondente à sua configuração atual. Para o arquiteto, "não se pode tolher o progresso e o desenvolvimento da cidade, mas é claro que para tanto tem-se de inverter a tendência de um desenvolvimento baseado exclusivamente no consumo e no lucro." Cf. CAMPELLO, Glauco. Crescimento urbano e preservação. **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, n. 29, mar/abr., 1984, pp.38-39.

[257] Terceira reunião da Comissão. A segunda reunião foi realizada no dia 19 de março de 1982.

[258] Ata da 3ª reunião da Comissão para proceder a estudos específicos visando a proposição de critérios de agenciamento da área de entorno do antigo Paço da Cidade e da Praça XV de Novembro, 29 mar. 1982. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

[259] Idem.

[260] Ata da 3ª reunião da Comissão para proceder a estudos específicos visando a proposição de critérios de agenciamento da área de entorno do antigo Paço da Cidade e da Praça XV de Novembro, 29 mar. 1982. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

[261] Idem.

chegado a um acordo, Glauco Campello sugere que os membros pensem mais sobre o assunto e que a decisão seja adiada, o que é reiterado por Aloísio Magalhães.[262]

De acordo com Adriana Mendes, foram realizadas, ao todo, seis reuniões entre 16 de março e 24 de maio de 1982. No entanto, conforme destaca, em todas elas "o único tema realmente debatido foi o estabelecimento do gabarito e da volumetria do novo edifício da Bolsa de Valores, considerados de grande interferência na ambiência local" (MENDES, 2012, p. 169). Mendes aponta que, durante a sexta reunião[263],

> Aloísio Magalhães ressaltou que qualquer decisão seria alvo de grande polêmica, mas acreditava que a Comissão já havia atingido um grau de maturidade no exame da questão. Solicitou então que uma solução conciliatória entre os interesses da Bolsa de Valores e os demais envolvidos fosse formulada e apresentada na próxima reunião (MENDES, 2012, p. 169).

Posteriormente, em entrevista publicada no Boletim da SPHAN/Pró-Memória de março/abril de 1982, Aloísio defende que "o prédio da Bolsa tem uma razão histórica, pela instituição ter funcionado sempre no local".[264] E que "a trajetória histórica do Paço e da praça é extraordinária, mas é preciso procurar conciliar a necessidade de preservação com a de mudança, integrando memória e desenvolvimento". Nesse sentido, era chegada a hora de "tomar decisões importantes no sentido de valorização de aspectos históricos do Rio de Janeiro" e o que se pretendia fazer com o Paço da Cidade seria um bom pretexto para isso, na medida em que o imóvel se situa numa das áreas mais significativas para a memória da cidade. [265]

Previa-se que a comissão se reunisse até que algumas decisões determinantes para a concretização das ações na Praça XV fossem tomadas. Contudo, segundo Adriana Mendes, a comissão se dissolveu[266] e a decisão quanto à aprovação do projeto para o edifício da Bolsa de Valores foi enviado para apreciação do Conselho Consultivo do IPHAN.[267] De todo modo,

---

[262] A quarta reunião da Comissão foi marcada para 2 de abril de 1982.

[263] Realizada em 24 de maio de 1982.

[264] Pró-Memória recebe as chaves do Paço da Cidade. **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, n. 17, mar/abr, 1982, p. 10. Segundo Adriana Mendes, essa era uma das justificativas apresentadas pela Bolsa de Valores. Cf. MENDES, Adriana Gonçalves dos Santos. **Área Central da Praça XV de Novembro**: O papel do Estado na preservação de um sítio histórico urbano (1938- 1990). Dissertação de Mestrado (Arquitetura). Rio de Janeiro: UFRJ/ FAU, 2012, p. 167.

[265] Cf. Pró-Memória recebe as chaves do Paço da Cidade. **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, n. 17, mar/abr, 1982, p.10.

[266] A autora destaca a morte repentina de Aloísio Magalhães como um dos motivos para a dissolução da comissão e o não prosseguimento dos trabalhos. Cf. MENDES, Adriana Gonçalves dos Santos. **Área Central da Praça XV de Novembro**: O papel do Estado na preservação de um sítio histórico urbano (1938- 1990). Dissertação de Mestrado (Arquitetura). Rio de Janeiro: UFRJ/ FAU, 2012, p. 169.

[267] Segundo Adriana Mendes, o projeto do edifício, assim como todas as alternativas apresentadas, foi julgado pelo Conselho Consultivo como "incompatível com a fisionomia e ambientação histórico-cultural da Praça

a breve existência da comissão e as discussões nela desenvolvidas — sobretudo em relação à forma com que novas construções no entorno poderiam afetar o monumento —, além de revelarem uma série de tensões, de ordem econômica e política, parecem ter contribuído para a compreensão das implicações que a obra do Paço havia gerado na região, e que, possivelmente, ajudam a explicar o entendimento de que a efetiva recuperação do Paço só se completaria com a recuperação da Praça XV.[268]

De acordo com os técnicos envolvidos no projeto, era fundamental implementar um conjunto de medidas que visassem estabelecer, no local, a valorização de seus aspectos históricos e de sua relevância para a memória do país. O Paço isolado — sem o fluxo dos transeuntes, sem uma relação com a vida urbana e social que o circunda — perderia a potencialidade de sua expressão cultural. Daí a importância de se preservar e restaurar todo o conjunto histórico da Praça. De acordo com Campello,

> há de se levar em conta o reflexo da vida social e urbana sobre o bem cultural. Cabe aí um esforço de ajustamento para que o monumento permaneça vivo e continuem vivos com ele os valores a preservar. É que o significado do bem cultural esmaece quando o isolamos do contexto social em que está inscrito. Por outro lado, o monumento interage com o crescimento urbano. De relação entre o edifício histórico e seu novo ambiente, nasce uma situação nova, com novos valores e novos significados (CAMPELLO, 1984, p. 142).

Nesse sentido, o Paço restaurado torna-se não só objeto ao qual são atribuídos novos valores e significados como, também, passa a ser objeto que influencia o contexto que o cerca. Isto é, extrapola seus limites e

---

XV, comprometendo, sua vizinhança, a visibilidade do antigo Paço Imperial e de vários outros bens tombados." . Cf. MENDES, Adriana Gonçalves dos Santos. **Área Central da Praça XV de Novembro**: O papel do Estado na preservação de um sítio histórico urbano (1938- 1990). Dissertação de Mestrado (Arquitetura). Rio de Janeiro: UFRJ/ FAU, 2012, p. 170. Após diversas tentativas de negociação, o novo anteprojeto para a volumetria do prédio da nova sede da Bolsa de Valores foi submetido, de acordo com a lei federal vigente, à aprovação prévia da SPHAN. Após análise do Conselho Consultivo, em sua 112ª Reunião, ficou decidido, por unanimidade, que o corpo do edifício teria por altura máxima a do topo das fachadas voltadas para a mesma Praça XV, na quadra situada entre as ruas 1º de Março e a rua do Mercado. O restante do corpo da nova edificação teria a altura máxima de 10,50m, considerada como adequada às novas edificações nesta área do Corredor Cultural, onde há vários bens tombados, quer pela legislação municipal vigente, quer pelos órgãos técnicos da SPHAN. Cf. Conselho Consultivo. **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, n. 33, nov/dez., 1984, p. 20.

[268] Três momentos do Paço da Cidade. **Revista Arquiteturação**, abr. 1983. Arquivo Técnico Administrativo, Série obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro; Segundo Flávia Brito do Nascimento, no final dos anos 1970 a preservação da cidade "antiga" aparece com mais força nos discursos sobre o Rio e a Praça XV passa a ser entendida como "um conjunto urbano íntegro e não um somatório de edificações isoladas". Cf. NASCIMENTO, Flávia. A Praça XV do Rio de Janeiro como patrimônio cultural: história e materialidade em disputa. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, n. 14, 2018, p. 316.

> alcança a área urbana sobre a qual passa a influir o monumento, com a força de seus valores autênticos postos agora em evidência. Sua interação tem de ser resolvida no nível estético, no nível meramente prático, mas também no nível social e urbano. Em outras palavras, a restauração do Paço envolve sua adaptação a um novo uso, em consonância com a vocação natural de seus espaços arquitetônicos e tal que permita um relacionamento vivo entre o monumento e seu ambiente social, cultural e urbano. Ela impõe, por isso mesmo, um desdobramento que somente se completa com a restauração da praça onde está implantado e do espaço que o envolve (CAMPELLO, 1984, p. 142).

Destaca-se, no texto de Glauco Campello, duas ideias importantes para a compreensão da narrativa que estava sendo construída sobre o novo Paço dos anos 1980: os "valores autênticos" e a "vocação natural" do monumento. No que concerne à noção de autenticidade, Beatriz Mugayar Kuhl (2010, p. 287), ao citar o estudo de Françoise Choay (1995, p. 120), ressalta que tal autenticidade

> foi transferida de modo um tanto imprudente ao campo do restauro, apesar de três condições negativas: não provir de uma apreciação subjetiva, mas emanar de uma autoridade institucional (Direito, Igreja, Razão Científica); por não se poder associar a noção de autenticidade a um único significado (e há vários concomitantes, que variam ao longo do tempo), que não pode ser fixado; e, ainda, por tentar aplicar esse termo a objetos que se alteram ao longo do tempo (KUHL, 2010, p. 302).

Nesse sentido, podemos compreender a eleição desses valores "autênticos" como um posicionamento da equipe de arquitetos em relação ao bem. A "restauração" assume, por isso, a função de construir uma narrativa sobre o monumento que materializa seu discurso na configuração da obra (em seus aspectos físicos) e no cumprimento de uma vocação dita "natural".

É possível inferir, ainda, por meio do discurso do arquiteto que, nessa conjuntura, o monumento é colocado em uma posição mais acessível, isto é, na condição de interagir com o ambiente (social, cultural e urbano) que o cerca em diversos níveis: estético (das várias possibilidades de "restauração"), prático (de uso, funcional), social (em sua relação com os transeuntes da praça XV e com a população geral) e urbano (diante das transformações de seu entorno).[269]

Se, na dimensão urbana, as relações com a Praça XV e o entorno já se apresentavam desde o início das atividades da SPHAN no Paço, a dimensão social se tornou mais evidente com o início das obras e a intensa movimentação de operários no local, que

[269] Sobre eles, interessa-nos analisar, neste subitem, os dois últimos, que correspondem às reapropriações e à ressonância estabelecidas com a realização das obras de restauração do Paço. A discussão sobre a estética assumida na obra já foi assunto no subitem anterior. Os debates em torno do uso do Paço serão apresentados no Capítulo 3.

despertava a curiosidade dos transeuntes e da imprensa que, desde fins dos anos 1970, já acompanhava os rumos a serem dados ao monumento.[270]

Segundo Glauco Campello, diante da visibilidade do restauro do Paço, a equipe da 6ª Diretoria Regional decidiu realizar a obra em comunicação com a cidade, isto é, "com a cidade se manifestando". Foram feitas, de acordo com o arquiteto, várias reuniões e seminários abertos ao público e às instituições — como as envolvidas no Corredor Cultural, universidades e outros organismos comunitários interessados em preservar o patrimônio cultural da cidade — para discutir o trabalho que estava sendo desenvolvido no prédio. Embora Campello afirme que, ao longo do processo, o edifício "estava sendo colonizado pelos habitantes do centro da cidade, pelos usuários do centro da cidade",[271] os debates sobre as ações da SPHAN no monumento permaneciam em círculos sociais muito restritos, sendo identificados, apenas, em publicações ligadas à área de arquitetura e preservação ou em notas na imprensa.

No início de 1984, época em que ocorriam as mudanças mais significativas na edificação,[272], a SPHAN instalou uma grande placa metálica de 72 metros quadrados (Figura 8), dividida em quatro painéis de 18 metros quadrados, explicando ao público a origem do Paço Imperial, com um breve histórico de suas reformas anteriores e apresentando os objetivos da "restauração". De acordo com Campello, "a finalidade dos painéis é de cunho didático, a fim de informar à população as razões históricas e arquitetônicas das obras de restauração, inclusive para que o povo não as confunda com uma simples demolição".[273] É interessante perceber, no entanto, que a ideia inicial de estabelecer um diálogo com a população sobre as transformações do bem é substituída por um informe unilateral, sem quaisquer discussões sobre o trabalho em si. O povo torna-se apenas espectador das ações implementadas pelo órgão federal.

---

[270] Dentre algumas matérias destacam-se: Da chegada da família real à Lei Áurea da Princesa Isabel. Jornal **O Globo**, 27 fev. 1975, p. 27; Nota, **Jornal do Brasil**, 11 out. 1975. Arquivo Técnico Administrativo, Inventário, Paço Imperial, caixa 32, pasta 03/01. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro; Paço terá de ser restaurado para tornar-se museu no Rio. Jornal **O Globo**, Grande Rio, 28 mai. 1979. Arquivo Técnico Administrativo, Inventário, Paço Imperial, caixa 32, pasta 03/01. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro; Paço Imperial, na Praça 15, precisa de reformas para servir à Prefeitura. **Jornal do Brasil**, 25 set. 1980; A restauração do Paço Imperial. **Jornal do Commercio**, 24 nov. 1982; entre outras.

[271] CAMPELLO, Glauco. Entrevista concedida à Alessandra Schimite. Rio de Janeiro, 30 abr. 2018.

[272] Como a demolição de partes do terceiro pavimento.

[273] Painéis explicam restauração do Paço. **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, n. 28, jan/fev, 1984.



Figura 16: Pessoas observando os painéis explicativos sobre a "restauração" do Paço[274]

No mesmo ano, Glauco Campello realiza duas palestras para expor os detalhes acerca do trabalho de "restauração" do Paço: em 26 de julho, no Encontro de Pesquisadores da Cidade do Rio de Janeiro, realizado no Museu da Cidade,[275] e em 6 de novembro, no Simpósio Preservação do Patrimônio Cultural da Faculdade Silva e Santos, em Ramos, no Rio de Janeiro. Em ambas as ocasiões, as palestras eram destinadas a estudantes, pesquisadores e profissionais da área de patrimônio.

O discurso dos agentes da SPHAN, presente na documentação levantada, indica que o objetivo das ações da instituição era estimular a população a se reapropriar do bem, seja na participação nas discussões sobre a sua "restauração", ou na própria fruição dos espaços, quando reabertos ao público. Contudo, o que se percebe é que essa proposta acaba contemplando, em sua maioria, indivíduos ligados diretamente a ações de preservação do patrimônio, vinculados a instituições ou órgãos, públicos e privados do setor, ou empresários que detinham algum interesse na região.

Como é possível perceber, a população, em sua maioria, e em especial, a parcela formada pelos transeuntes e cidadãos que cotidianamente circulavam pelo entorno do Paço não participou, efetivamente, na construção das medidas de recuperação do bem. Embora esta ideia esteja presente na retórica dos técnicos e agentes da SPHAN/Pró-Memória envolvidos no processo, não identificamos nas fontes pesquisadas quaisquer referências que comprovem o envolvimento de outros segmentos sociais nas discussões em torno do monumento. A convocação da população parece ser mais um recurso discursivo do que uma ação prática propriamente dita.

[274] Idem.
[275] Reforma do Paço será exposta no Museu da Cidade. **O Fluminense**, 24 jul. 1984.

Se considerarmos o momento histórico em que essas medidas estão sendo desenvolvidas, isto é, no início dos anos 1980, período marcado pela abertura política e pela restruturação dos órgãos federais ligados ao patrimônio, podemos inferir que as narrativas precisavam ser constituídas a partir desse lugar democrático e participativo.

Com a reabertura do Paço ao público, desta vez, habilitado a percorrer todos os seus espaços internos, não seria diferente. Assim, a proposta para o novo Paço buscou criar espaços de circulação e convivência para os transeuntes e visitantes. O fluxo pretendido com a abertura das portas e dos pórticos que dariam acesso ao pátio interno buscava, com isso, romper os limites entre o espaço público e o espaço privado, entre a rua e o paço, integrando o monumento à cidade.

Com o fim das obras em 1985, o Paço tornava-se o pioneiro dentre os espaços culturais inaugurados no centro histórico do Rio.[276] O edifício era considerado uma espécie de vitrine, assumindo a obra de recuperação uma função educativa a respeito da política patrimonial.

> Não basta restaurar o prédio. Ele precisa também ser vivido e a partir dessa vivência, compreendido em toda a sua força de monumento histórico e símbolo de nossa trajetória cultural. Para que isso ocorra ele deve ser utilizado pelo público em geral. Os páteos serão livremente percorridos pelos transeuntes. Caminhando pela Praça pode-se passar por dentro do prédio. No pavimento térreo as pessoas podem informar-se sobre a sua vida, a sua história, o seu significado.[277]

A reapropriação do bem deveria se concretizar, portanto, no efetivo revocacionamento do espaço que, destinado a finalidades culturais, passaria a cumprir um novo papel na cidade. Mais uma vez, a ideia de participação social é acionada pelos agentes da SPHAN/Pró-Memória com o objetivo de fundamentar as ações por eles implementadas. Propõe-se, desse modo, que a população integre as discussões em torno das formas de ocupação do espaço sugerindo novas formas de uso do novo Paço. Mas, conforme iremos analisar no capítulo 3, essa iniciativa também não lograria êxito.

---

[276] Seguido pelo Centro Cultural Banco do Brasil, em 1989; a Casa França-Brasil, em 1990; o Centro Cultural dos Correios, em 1993; o Centro Cultural Light, em 1994; o Centro de Artes Hélio Oiticica e o Espaço Cultural da Marinha, em 1996; entre outros. A publicação da Lei no 506, de Preservação Paisagística e Ambiental do Centro da Cidade do Rio de Janeiro, conhecida como a Lei do Corredor Cultural, também contribui nesse processo.

[277] Três momentos do Paço da Cidade. **Revista Arquiteturação**, abr. 1983.

CAPÍTULO 3: O PAÇO É DEVOLVIDO AO POVO: O REVOCACIONAMENTO E A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO CULTURAL

> O importante é que se devolverá o Paço à comunidade, interrompendo um silêncio de 93 anos sobre sua importância histórica. É como se ele, só agora, saísse do limbo.[278]

Por sua importância cultural e histórica e pelo que significa para a cidade, o Paço sugeria um tipo de utilização que envolveria um "desdobramento de grande ressonância" (CAMPELLO, 2015, p. 26), conforme destacou Glauco Campello, à época diretor da 6ª Diretoria Regional da SPHAN. Nesse sentido, compreendendo a dimensão e repercussão deste trabalho e, ao mesmo tempo, inserindo-o no contexto das ações da Secretaria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no início dos anos 1980, Campello entendeu que a 6ª DR, assim como as demais regionais do órgão, deveriam atuar em dois polos principais, executando a política cultural fixada pela Instituição e garantindo que as decisões políticas da SPHAN estivessem permeadas pelas aspirações da comunidade. Para ele, era preciso estruturar o órgão de forma a agir com competência técnica, ao mesmo tempo que estabelecesse um entrosamento com a comunidade, facilitando a troca de visões culturais entre esta e a entidade oficial. Caberia ao órgão (e suas diretorias), portanto, filtrar as reivindicações (advindas do âmbito privado ou dos variados segmentos sociais) e discernir entre as solicitações, optando por aquelas que teriam um sentido concreto relacionado com a visão que tinham do problema: "a de buscar uma identidade brasileira, de defender uma cultura nacional" (CAMPELLO, 1985, apresentação).

A partir desse entendimento, Glauco Campello propôs a estruturação da 6ª Diretoria Regional em cinco comissões. A ideia era que essas comissões pudessem abranger as muitas atividades da Diretoria Regional e permitissem o rodízio dos técnicos, de modo que eles participassem de decisões coletivas em várias áreas.

As comissões criadas tinham relação com os seguintes temas:

> 1. Documentação, Estudos e Tombamento, a qual estaria relacionada com a Diretoria de Registro e Documentação;
> 2. Proteção aos Bens Tombados, comissão que corresponde à Diretoria de Proteção;
> 3. Análise de projetos, [...];
> 4. Obras, que como outras comissões têm um caráter de supervisão de certas áreas. Ela discute os temas relacionados com os problemas de obras de restauração;
> 5. Dinamização Cultural, comissão que tem um papel muito importante, o de estabelecer um vínculo entre os bens protegidos e a vida da comunidade; entre os

[278] Entrevista de Aloísio Magalhães, presidente do SPHAN/PRó-Memória. O Paço sai do limbo. Revista **Isto é**, 24/03/1982, p. 38.

> pequenos museus da DR e as comunidades onde estão inserido (CAMPELLO, 1985, apresentação).

Para o desenvolvimento das atividades técnicas e de execução das decisões da política cultural da SPHAN, bem como das proposições encaminhadas pelas comissões, foram criadas sete Coordenadorias, que abrangiam áreas mais detalhadas do que na estrutura do órgão central. Sendo assim, passam a compor o organograma da 6ª Diretoria Regional as Coordenadorias de Administração, das Ações de Proteção, de Fiscalização, de Estudos de Proteção Ambiental, de Obras, de Atividades Museológicas e a de Projetos Especiais (CAMPELLO, 1985, apresentação), criada a partir do surgimento de projetos amplos na área de dinamização cultural e estudos de conjuntos de bens tombados. Esta última comissão assumiria, ainda, a responsabilidade de gerir as atividades que ocupariam o Paço Imperial após a sua "restauração".

De acordo com Glauco Campello, "o Paço restaurado trouxe para a Diretoria Regional o encargo novo de exercitar com profundidade uma série de atividades visando a adequação e integração do monumento restaurado com o ambiente no qual está inscrito" (CAMPELLO, 2015, p. 26). E levou a 6ª Diretoria Regional a estabelecer um grupo de trabalho dedicado a estudos em torno da integração do monumento histórico ao seu ambiente sociocultural e ao cenário onde está inserido, dando início, portanto, ao que se apresentou como um processo de devolução do bem à comunidade.

3.1 O período experimental

O período compreendido entre os anos de 1982 (ano do início das obras de "restauração" do monumento) e 1986 (ano de aprovação do 1º Regimento Interno do Paço Imperial) é caracterizado, por Glauco Campello, como um período experimental deste novo Paço.[279] O Paço Imperial, como instituição, ainda não havia sido regularmente estabelecido, tampouco sua finalidade e usos públicos, determinados de forma definitiva. Desse modo, ao longo dos três anos em que as obras transcorreram e do primeiro ano de abertura do prédio à população, os espaços do edifício foram sendo estudados e avaliados, como uma espécie de ensaio do que viria a ser no futuro.

[279] CAMPELLO, Glauco. Entrevista concedida à Alessandra Schimite. Rio de Janeiro, 30 abr. 2018.

Suetônio Soares Valença, filólogo, professor e pesquisador, foi o técnico da 6ª Diretoria Regional da SPHAN encarregado de coordenar os trabalhos da Coordenadoria de Projetos Especiais e desenvolver as primeiras experimentações e proposições para o novo espaço cultural que se criava.[280] Segundo Valença, a obra de "restauração" do Paço aconteceu em um momento de intensos debates acerca da questão da memória como "algo que, vindo do passado, penetra o presente e informa o futuro" (VALENÇA, 1985, p. 42). Para ele,

> antes do caso do Paço, nunca fora primordial o problema da utilização futura de um bem tombado, quando de sua recuperação. Geralmente os monumentos, se já não tinham uma função específica, como no caso das igrejas, tornavam-se museus depois de restaurados (VALENÇA, 1985, p. 42).

O caso do Paço, portanto, possuía um caráter pioneiro, na medida em que se tratava de um bem tombado, restaurado, para o qual se propunha um uso inovador e em diálogo com iniciativas desenvolvidas dentro e fora do país.[281] Pela dimensão física do monumento, sua localização — no centro da cidade do Rio de Janeiro — e sua representatividade histórica, esperava-se que as ações ali desenvolvidas tivessem uma repercussão significativa e que servissem como um exemplo para experiências futuras, como já destacado anteriormente. Nesse sentido, o discurso dos técnicos da SPHAN envolvidos nesse processo deixa claro não só a importância da retomada do bem pelo órgão, mas também a forma como se daria o estabelecimento de seus novos usos; sobretudo, diante da visibilidade que tal ação teria.

Segundo Glauco Campello, o que se fez nesse momento inicial foi

> um ensaio de atividades, para definir a vocação cultural deste novo espaço conquistado pela população. Queremos que as atividades realizadas aqui reflitam os interesses das pessoas que nos procuram. Não ficaremos, apenas, com exposições, e estamos abertos à todas as entidades culturais que queiram utilizar o Paço.[282]

Como coordenador nesse período inicial, Suetônio Valença considerava que não bastava apenas restaurar um patrimônio público, era preciso utilizá-lo em favor da

---

[280] Por esse motivo, Suetônio é muitas vezes citado — e lembrado pelos servidores — como o primeiro diretor do espaço, embora não tenha assumido o cargo, já que o regimento interno do Paço é aprovado, apenas, em 1986, quando seu primeiro diretor-executivo é oficialmente nomeado.

[281] De acordo com Luís Milanesi, os primeiros centros culturais no país surgem a partir dos anos 1970. No centro do Rio de Janeiro surgem outros espaços culturais logo após a iniciativa do Paço Imperial, tais como: Centro Cultural Banco do Brasil, em 1989; Casa França-Brasil, em 1990; Centro Cultural dos Correios, em 1993; Centro Cultural Light, em 1994; Centro de Artes Hélio Oiticica e Espaço Cultural da Marinha, em 1996; dentre outros. Cf. MILANESI. Luís. **A Casa da Invenção**. 3ª Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.

[282] Entrevista de Glauco Campello, diretor da 6ª Diretoria Regional da SPHAN. Paço da Cidade recebeu visita de 3 mil 500 pessoas em uma semana. **Jornal do Brasil**, 16 mar. 1985.

comunidade. Para isso, defendia que, dentro e fora do Paço deveriam acontecer manifestações culturais de todos os tipos, "para os mais variados gostos": "exposições, feira de artesanato, shows populares com apresentação de repentistas e cordelistas, música de câmara, chorinho",[283] dentre outras atividades que seriam oferecidas para as mais de 500 mil pessoas que circulavam diariamente pela Praça XV.

É possível perceber a ênfase na multiplicidade das expressões culturais, muito presente nas narrativas acerca desse período experimental, além de um ponto importante a ser analisado. Glauco Campello, inclusive, chega a afirmar que a supervisão encarregada de receber e selecionar as propostas de ocupação do espaço optaria por "atividades culturais não elitistas",[284] destacando o caráter supostamente democrático a ser projetado para o novo centro cultural. O que esse momento inicial revela, no entanto, é um paradoxo estrutural que expõe aspectos fundamentais para compreender o processo de criação e institucionalização do Paço Imperial.

Os anos em que o Paço propôs assumir uma faceta múltipla e "democrática" no que diz respeito às manifestações culturais nacionais nele representadas, foram, justamente, os anos em que o próprio espaço não havia sido legitimado e oficializado. Assim como Suetônio Soares Valença, que desenvolveu ações à frente da Coordenadoria de Projetos Especiais e organizou um cronograma de atividades que ocupariam o Paço Imperial até o emblemático ano de 1988 — data da promulgação da Constituição Cidadã — com iniciativas que contemplavam exposições de artes plásticas, peças de teatro, debates, lançamentos de livro, projeção de filmes, shows, apresentações de dança, seminários, performances, dentre outras, efetivamente, nunca assumiu uma função no que viria a ser o futuro centro de cultura.

Na literatura disponível sobre o tema,[285] o período entre 1982 e 1985 só é relembrado pela obra de "restauração" do bem. Pouco — ou quase nada — é dito sobre as ações desenvolvidas pela coordenadoria responsável pelas atividades do Paço como espaço de cultura. A memória sobre Suetônio Soares Valença permanece viva, apenas, na lembrança dos servidores que atuam no Paço Imperial desde os anos 1980 e que atribuem a ele o título de primeiro diretor do Paço. O silenciamento sobre a figura de Suetônio Valença e as atividades desenvolvidas ao longo de sua gestão, no entanto, são reveladores.

---

[283] Praça XV, o velho charme volta ao 'novo' Paço e o fim do caos. **Jornal do Commercio**, 10 mar. 1985.
[284] Entrevista com Glauco Campello. Paço da Cidade. Revitalização total da praça histórica. **Revista Bolsa**, 15 abr. 1985, p. 28-29.
[285] Cf. Glauco Campello (1984, 1989, 1994, 1999 e 2015), Lauro Cavalcanti (1993, 1999 e 2005), Cyro Corrêa Lyra (2016), Joaquim Falcão (1995), Gilberto Ferrez (1985), dentre outros.

Das publicações levantadas para a elaboração deste trabalho, somente o livro "Patrimônio na visão da 6ª Regional" possui registros sobre a atuação de Valença no Paço. Em relação às fontes, no entanto, foi necessário uma extensa pesquisa nos arquivos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, da Superintendência Regional do Rio de Janeiro, da Fundação Nacional Pró-Memória e da Secretaria de Cultura do Ministério da Educação e Cultura para localizar documentos que ajudassem a reconstituir esse período da história do monumento. A documentação disponível na Biblioteca Paulo Santos e nos arquivos do Paço Imperial somente corroboram a narrativa sustentada em inúmeras publicações sobre a trajetória do prédio escritas ao longo da gestão do diretor Lauro Cavalcanti (1991-2014), que apresentam o Paço como um Centro Cultural de Arte Contemporânea, reverberando, apenas, os projetos ligados às artes plásticas.

O estranhamento gerado pelo discurso homogêneo presente nesses últimos registros leva a questionar por que o projeto de um centro cultural representativo das mais diversas manifestações culturais não adquiriu o status de projeto oficial, sendo posto sob a ótica do experimentalismo. Tal qual o debate sobre a arquitetura maior que elegeu o barroco como representativo de uma herança europeia e, portanto, digno de um esforço de preservação por parte dos modernistas, temos o embate entre a cultura popular e a erudita, bem como o papel da arte como elemento de distinção social (BOURDIEU, 2017). E aqui, cabe destacar que não se trata, apenas, de uma discussão acerca do capital cultural necessário ao consumo de certos bens, mas, sobretudo, da legitimação de determinados sujeitos sociais enquanto indivíduos fazedores de arte.

Nesse sentido, apresenta-se um dos problemas centrais que atravessam o processo de constituição do novo centro cultural. Afinal, um monumento com a visibilidade e a importância histórica do Paço Imperial, carregado de símbolos ligados ao poder real e imperial, uma vez transformado em espaço de cultura em pleno século XX, poderia tornar-se cenário de apresentações artísticas e de obras de arte populares ou deveria permanecer "ocupado" por expressões culturais advindas dos grupos sociais herdeiros daqueles que circulavam no passado por seus amplos salões? Embora esta questão não estivesse explícita nos discursos dos agentes da SPHAN, o debate seguia presente nas entrelinhas, em constante tensão.

Em um primeiro momento, o discurso desses agentes ressaltava uma preocupação em dar conhecimento à população sobre o que estava sendo feito com o bem — seja nas ações de "restauração" ou nas proposições de uso. No entanto, essa população assumia, apenas, a posição de espectador, sem qualquer gerência para interferir ou, efetivamente,

participar desses processos. Posteriormente, essa mesma população é convocada a ocupar esses espaços, agora abertos ao público, com iniciativas ligadas à arte e à cultura e, justamente, no período em que esta participação é mais efetiva, as ações não são valoradas como legítimas, e sim experimentais.

Nota-se, ainda, a tentativa de justificar os usos dos diferentes espaços do prédio de acordo com uma pretensa adequação das iniciativas às características físicas desses locais. Segundo Glauco Campello, o objetivo era integrar o paço ao ambiente urbano e que, por isso, havia a preocupação em selecionar atividades que se adaptassem com naturalidade à arquitetura do Paço Imperial.[286]

Suetônio Soares Valença, por sua vez, durante entrevista em outubro de 1985, afirmou que "quem faz cultura são os produtores de cultura, não nós" e que o governo deveria ter sutileza em relação às discussões em torno do uso do bem, ressaltando que sua política de seleção "procurou ser a mais simples possível." Segundo ele, "se um conjunto de rock ou alguma peça quiser modificar algo aqui dentro, vamos sugerir local mais apropriado. De resto, todos podem entrar na fila." Reconhecendo que sua postura era "revolucionária para alguns alguns setores do Patrimônio" revelaria, ainda, que havia quem se arrepiasse (no sentido ruim do termo) ao saber que uma peça era encenada no Paço.[287]

Ao contrapormos os dois olhares — de Glauco e Suetônio — sobre os usos possíveis da arquitetura do Paço, podemos inferir uma diferenciação fundamental de leituras acerca da função social do patrimônio e do que representou a reabertura do Paço Imperial à população. A fala de Suetônio, talvez, se aproxime mais da defesa de Aloísio Magalhães de que o povo deveria se apropriar do bem. Glauco, no entanto, exprime um apego maior aos aspectos arquitetônicos da edificação e um apreço pela estética dessa ocupação.

A contribuição de Suetônio Soares ao defender os usos indefinidos dos espaços e a não burocratização ao implementar das atividades, nesse sentido, converge com os debates em torno do direito à cidade e da compreensão mais aprofundada de sua dimensão simbólica (LEFEBVRE, 2001). Era preciso, efetivamente, superar alguns entraves no plano prático, não apenas no discurso. Afinal, de que forma seria possível fazer com que a comunidade se apropriasse do bem, integrando-o ao cotidiano da cidade e de sua população a partir de uma nova proposição de uso? Quais seriam as possibilidades de estabelecer um diálogo, criar pontes e fazer com que esse povo deixasse de ser apenas um sujeito observador de um bem monumental intocável? Para além da monumentalidade do próprio edifício e do

[286] Rio agora o Paço. Revista **Isto É**, 26/06/1985.
[287] CAMARGO, Maria Silvia. A democracia no Paço. **Jornal do Brasil**, Revista Domingo, 13/10/1985.

distanciamento gerado em virtude de sua utilização, desde o início do período republicano, como local da burocracia estatal, era preciso quebrar outras barreiras invisíveis para que o público compreendesse o bem a partir dessa nova perspectiva — e o próprio bem assumisse um novo papel social.

O entendimento do bem nessa nova conjuntura exigiria um esforço maior do que apenas uma retórica fundamentada em ideais democráticos. O processo ao qual o Paço Imperial foi submetido no início dos anos 1980 aponta para a urgência em se estabelecer novas formas de preservação que considerem a prerrogativa do uso e de sua dinamização. O patrimônio como objeto de deleite puramente estético deveria ser ultrapassado, percebido agora a partir de múltiplas possibilidades em acordo com as demandas da atualidade. Um patrimônio em diálogo com seu tempo. Vivo.

Visto sob esta ótica, o monumento de pedra e cal torna-se patrimônio cultural em processo (FONSECA, 2005), onde os sujeitos sociais — sejam os agentes estatais ou a comunidade — operam em sua construção cotidianamente. Por esse motivo, as permanências identificadas nas práticas, a existência de narrativas homogêneas, as supostas ausências de tensões nos processos, os silêncios na literatura e fontes sobre alguns temas, bem como as escolhas realizadas em direção a determinados projetos são elementos fundamentais para a análise do percurso histórico do bem, pois revelam que a sua "patrimonialização" não foi um ato com um fim em si. Torna-se claro, portanto, que seus signos são novamente acionados nesse novo contexto de revocacionamento e, por isto, nomear este período inicial como estritamente "experimental" torna-se um fato tão simbólico sobre sua história.

Qual seria o Paço Imperial que se desejava "devolver"? E a que "comunidade"? Quais seriam os limites não ditos sobre os novos usos do bem? De que forma os agentes da SPHAN entendiam a dinamização do monumento nesse novo contexto? Para quem seria direcionada a fruição do edifício após a abertura? Quais embates ocorriam por trás das tensões percebidas no decorrer desse período experimental?

Há muitas questões em aberto, para as quais este trabalho não conseguirá esgotar as diversas respostas possíveis. O que se pretende, no entanto, é pontuar as nuances do processo de "restauração" e revocacionamento do Paço Imperial, evidenciando o aspecto simbólico mobilizado nesse período. O Paço, monumento de pedra e cal, assume um papel importante num momento em que as discussões em torno do patrimônio e de sua democratização estão em evidência. Por isso, é fundamental compreendê-lo a partir de toda a complexidade que este processo apresenta: expondo conflitos e buscando identificar os diferentes olhares sobre os mesmos objetos e temas. Daí a relevância de se aprofundar os

estudos acerca de seus anos iniciais como centro cultural, bem como ampliar os debates em torno das proposições de dinamização do bem.

3.2 A dinamização e as duas vertentes do bem cultural

Em artigo publicado na Cultura, em 1981 (2017, p. 418), Aloísio Magalhães[288] apresenta o que seria a definição de uma nova política cultural a ser implementada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), que já estava sendo articulada em fins dos anos 1970, a partir da fusão do antigo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) com o Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC) e o Programa das Cidades Históricas (PCH) da Seplan-PR, que viriam a formar a Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e a Fundação Nacional Pró-Memória, em dezembro de 1979 (MAGALHÃES apud LEITE, 2017, p. 418). Segundo ele, essa nova estruturação do setor criava

> as bases institucionais para o estabelecimento de duas vertentes distintas para o trato do bem cultural. De um lado, a vertente do bem patrimonial, preocupado em saber guardar o já cristalizado em nossa cultura, buscando identificar esse patrimônio, recuperá-lo, preservá-lo, revitalizá-lo, referenciá-lo e devolvê-lo à comunidade a que pertença; do outro lado, a vertente da produção, circulação e consumo da cultura, voltada para a dinâmica da produção artística nos vários setores, como literatura, teatro, música, cinema, artes plásticas etc., na qual se está atento para captar o que ocorre na realidade brasileira e estimular onde for necessário, para, mais tarde, eventualmente, verificar o que, do material assim obtido, cristalizou-se e incorporou-se à dimensão patrimonial (MAGALHÃES apud LEITE, 2017, p. 418).

Para Aloísio Magalhães, em termos institucionais, não havia uma interação conceitual e operacional entre as duas secretarias ligadas à cultura existentes na estrutura do MEC à época: a do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e a de Assuntos Culturais (Seac). Somente a partir da Portaria nº 274, de 10 de abril de 1981, que cria a Secretaria da Cultura (SEC) é que há o respaldo para que se tenha, no Ministério, um único órgão central, de direção superior, na área da cultura (MAGALHÃES apud LEITE, 2017, p. 419).

Em 1981, portanto, as duas secretarias tornam-se subsecretarias e passam a compor a estrutura da SEC, mantendo, em linhas gerais, as mesmas atribuições: à SPHAN competia aprovação, direção e coordenação dos programas, projetos e atividades referentes

[288] Secretário de Cultura do Ministério da Educação e Cultura, Diretor da Secretaria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e Presidente da Fundação Nacional Pró-Memória.

ao inventário, classificação, tombamento, cadastramento, conservação e "restauração" dos bens de interesse natural e cultural; e à Seac, o planejamento, coordenação e supervisão da execução de atividades de estímulo às manifestações culturais, dando apoio às entidades federais, estaduais, municipais e privadas, evitando duplicidade de atuação (MAGALHÃES apud LEITE, 2017, p. 419). Com o objetivo de descentralizar suas atividades e agilizar os processos, a SEC contava, também, com duas fundações correspondentes às duas subsecretarias, a saber: a Fundação Nacional Pró-Memória, anteriormente mencionada, e a Fundação Nacional de Arte, respectivamente (MAGALHÃES apud LEITE, 2017, p. 419).

Para além de detalhar o funcionamento da SEC e seus objetivos, Magalhães enfatiza, nesse artigo, a importância do incentivo ao estreitamento das relações entre a cultura e a educação — uma das linhas de ação da Secretaria, destacando que um desenvolvimento harmonioso só seria possível se, na elaboração das políticas econômicas do país, as variáveis culturais e o papel que desempenham no sistema educacional fossem considerados. E ressaltava que nas diretrizes do III Plano Setorial de Educação, Cultura e Desportos para 1980-1985,[289] já se indicava que

> na esfera da cultura, o objetivo fundamental é o desenvolvimento cultural, concebido como uma das dimensões essenciais da ampla democratização da vida brasileira e voltada essencialmente para os setores menos favorecidos da população, numa perspectiva antielitista, comprometida com o conhecimento, a preservação e a dinamização dos valores culturais básicos do povo (MAGALHÃES apud LEITE, 2017, p. 420).

A terceira linha programática do III Plano valoriza, portanto, o desenvolvimento cultural, inclusive como ambiente próprio da educação,

> na perspectiva da criatividade de sua expressão, possível sempre que haja liberdade de manifestação. *Não se entende aqui cultura como aquela típica das elites intelectuais e econômicas, muito imitativa dos padrões externos e fortemente excludente das expressões populares*. Pelo contrário, acentua-se a prioridade daquelas dimensões culturais ligadas à identificação nacional, através da qual o povo exara suas características como sociedade e como nação, tanto no plano material como no espiritual e tecnológico, e ligadas à criatividade da subsistência, onde a cultura é também instrumento de sobrevivência. Neste sentido, é importante que se promovam as manifestações culturais em todas as suas formas e que se abra o acesso mais amplo possível a elas, numa perspectiva de desenvolvimento

[289] Brasil. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria-Geral. III Plano Setorial de Educação, Cultura e Desporto; 1980-1985. Brasil: MEC/DDD, 1980. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000657.pdf>. Acesso em: 12/07/1986.

> integrado em que se complementem, sob a ótica da identidade nacional, as manifestações populares e eruditas da cultura brasileira.[290]

De acordo com Aloísio Magalhães, essa determinação já estava presente nas duas áreas que o MEC considerava prioritárias[291] e que, nessa nova estrutura, adquiriam um enfoque maior. Inserida em um contexto nacional, a nova abordagem do âmbito cultural buscava traçar pontos de convergência com as reivindicações do campo sociopolítico, especialmente no que diz respeito aos movimentos em direção à democratização da sociedade. Assim,

> com a finalidade de desenvolver, na área da educação básica, os fundamentos de um processo voltado para a busca de uma coerência com os pressupostos acima referidos, torna-se necessário que as ações educativas absorvam o conteúdo das culturas específicas a que se dirigem e que sejam geradas e operacionalizadas com a participação da comunidade, garantindo, por esse meio, que o processo de apreensão de outros conteúdos culturais se faça a partir dos valores próprios da comunidade, criando ao mesmo tempo as condições para haver sincronia entre as dinâmicas cultural e educacional, esta sempre balizada por aquela (MAGALHÃES apud LEITE, 2017, p. 421).

A relação entre cultura e educação, nesse sentido, deveria estabelecer mecanismos que viabilizassem a produção, transmissão e assimilação de conhecimento a partir da vivência cotidiana particular de cada comunidade e de sua participação ativa nos processos culturais. Segundo Magalhães, era preciso

> tentar fazer com que a comunidade, nos seus afazeres e na sua vida, se conscientize de sua ambiência cultural. Isto é, temos que procurar dar à comunidade um status de vida que lhe permita entender por que determinado prédio está sendo preservado. Em outras palavras, a própria comunidade é a melhor guardiã de seu patrimônio (MAGALHÃES apud LEITE, 2017, p. 294).

Compreendendo seu papel como sujeito participante da produção de bens culturais — e do processo educacional intrínseco a eles — e consciente de seu vínculo com os bens patrimoniais que integram a sua dinâmica sociocultural, a comunidade experimentaria um sentimento de pertencimento que contribuiria para preservação deste patrimônio.

---

[290] Brasil. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria-Geral. III Plano setorial de educação, cultura e desporto; 1980-1985. Brasil: MEC/DDD, 1980. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000657.pdf>. Acesso em: 12/07/1986. Grifo meu.

[291] Em 1982, o ministério adotou como áreas prioritárias o ensino básico e o desenvolvimento cultural. Cf. O incômodo elitismo cultural. Entrevista de Aloísio Magalhães concedida a Oswaldo Mendes, publicada no jornal Folha de São Paulo, Ilustrada, 27 de outubro de 1981, p, 27 apud LEITE, João de Souza (org.). **Bens culturais do Brasil**: um desenho projetivo para a nação. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017, p. 450.

Ao relembrar Mário de Andrade quando dizia que "o ensino primário é imprescindível, mas são imprescindíveis também os institutos culturais em que a pesquisa vá de mãos dadas com a vulgarização, com a popularização da inteligência" (MAGALHÃES apud LEITE, 2017, p. 422), Aloísio Magalhães aponta, mais uma vez, para a importância das instâncias da educação formal, mas, sobretudo, para um aspecto muitas vezes incômodo da área cultural, o da marginalização de segmentos sociais populares dos processos de geração de conhecimento e cultura, bem como a não valorização e reconhecimento dos saberes por ele produzidos.

A proposição de aproximar o que seriam as duas vertentes do bem cultural, o patrimônio cultural já "cristalizado" e a produção e circulação cultural, exigia, consequentemente, um movimento em direção ao revisionamento de antigas políticas e à legitimação de outros sujeitos como agentes que operam, também, nesse campo simbólico. Isto é, uma convergência no campo conceitual das políticas patrimoniais implementadas nos anos 1930 e as novas prerrogativas desencadeadas a partir dos anos 1980, que visava à transposição de um diálogo possível para as práticas desenvolvidas na área da cultura.

Por informar, educar e transferir visões de mundo particulares das sociedades que os produzem, os bens culturais tornam-se um campo de disputa fundamental na formação socio-histórica nacional e nos quais se evidenciam, por esse motivo, muitas tensões.

De acordo com Magalhães,

> o conceito de bem cultural no Brasil continua restrito aos bens móveis e imóveis com ou sem valor criativo próprio, impregnados de valor histórico, ou aos bens da criação artística individual espontânea, quase sempre de apreciação elitista. Aos primeiros deve-se garantir a proteção que merecem e a difusão que os torne amplamente conhecidos. Aos segundos, basta assegurar-lhes a liberdade de expressão e os recursos necessários à sua concretização. Mas, permeando essas duas categorias, existe vasta gama de bens, procedentes sobretudo do fazer popular que por estarem inseridos na dinâmica viva do cotidiano não são considerados como bens culturais nem utilizados na formulação das políticas econômica e tecnológica. No entanto, é a partir deles que se afere o potencial, se reconhece a vocação e se descobrem os *valores mais autênticos de uma nacionalidade* (MAGALHÃES apud LEITE, 2017, p. 296, grifo meu).

Ao definir o conceito de bem cultural, Aloísio Magalhães retoma a ideia de autenticidade que integra o "discurso de monumentalidade" (GONÇALVES apud OLIVEIRA, 2002) presente nos debates sobre patrimônio dos anos 1930 aos anos 1960, em uma tentativa de justificar a eleição dos bens a serem patrimonializados. Embora reconheça a importância dos bens culturais advindos do fazer popular, ele os coloca sob julgamento ao hierarquizar aqueles que supostamente indicariam valores mais autênticos de uma ideia de

nacionalidade. Desloca-se, desse modo, o objeto patrimonializado em discussão, mas as categorias acionadas permanecem as mesmas. Recupera-se, nos anos 1980, o debate em torno da identidade nacional, onde há a busca por elementos representativos de uma unidade dita homogênea, na qual o que se identifica como símbolo do coletivo são os bens culturais escolhidos por aqueles que detém o poder de determinar o que é ou não patrimônio nacional. Como podemos perceber, apesar de sustentar o caráter inclusivo de sua definição de bem cultural, cabe destacar que ela ainda mobiliza um sistema de valores típico, do qual o conceito de autenticidade faz parte.

No que diz respeito à organização da cultura no âmbito estatal, a criação da Secretaria de Cultura e a estruturação das duas linhas de ação do campo da cultura, sob a direção de Aloísio Magalhães, podem ser entendidas como um reconhecimento da área no âmbito das políticas públicas (THOMPSON, 2015, verbete) e, por outro lado, como uma tentativa de estabelecer um diálogo e uma relação mais profícua entre elas. Aloísio Magalhães, inclusive, acreditava que sua nomeação para assumir a gestão da Secretaria, ao mesmo tempo em que mantinha a direção da SPHAN e da Fundação Nacional Pró-Memória, era um primeiro passo para estabelecer a ponte entre ambas as vertentes (MAGALHÃES apud LEITE, 2017, p. 331).

Magalhães era consciente da carência que o segmento enfrentava e afirmava que "a determinação de estar atento para escolher e resolver certos problemas emergentes já funciona como uma chave eficaz." Assim, "como não há condições de atacar igualmente todas as situações assemelhadas, fica-se pelo menos com a que é mais exemplar" (MAGALHÃES apud LEITE, 2017, p. 332), o que corrobora a função educativa das ações no campo cultural.

A tomada do edifício do Paço Imperial, nesse contexto, articulada pelo próprio Aloísio Magalhães, pode ser compreendida como um esforço em sintetizar num único bem essas duas vertentes. Afinal, era um caso exemplar: um monumento de pedra e cal, monumental, tombado nos anos 1930, que seria revocacionado, nos anos 1980, adquirindo novas feições e função social.[292] Um objeto cultural cujo viés educativo se concretizaria a partir de sua constituição física e simbólica, cristalizada na arquitetura restaurada e efervescente, através das produções culturais que o ocupariam. A possibilidade de uma

[292] Suetônio Soares Valença afirma que "Nesse ponto, talvez possamos considerar o caso do Paço como exemplar, no recém-criado Ministério da Cultura. Trata-se de um bem tombado e restaurado pela SPHAN (vertente patrimonial), que a população optou por usar para fins culturais, sem que a 6ª DR produza nele cultura, mas apenas facilite os meios necessários à criação cultural." Cf. **Patrimônio na visão da 6ª Regional**. Rio de Janeiro: SPHAN/Pró-Memória/6ª Diretoria Regional, 1985, p. 44.

existência "harmoniosa" entre memórias do passado, da construção de significados no presente e da influência nas perspectivas de um futuro que se desejava construir. Assim,

> o conceito de memória é tomado aqui no sentido dinâmico, como elemento vivo, aberto às modificações e alterações que ocorrem ao longo do processo histórico. Somente pela compreensão deste processo como um todo, isto é, os elementos do passado interagindo com os do presente e proporcionando uma visão do futuro, se poderá estabelecer de forma harmoniosa a continuidade de nossa trajetória cultural (MAGALHÃES apud LEITE, 2017, p. 294).

A ideia de memória, para Aloísio, ligava-se a um processo fluido e dinâmico. Ainda que fixado na matéria física, rígida, carregava simbologias e valores diretamente associados às sociedades e ao tempo em que estavam inseridos. Além de ser construção cotidiana, na qual operam Estado e população. Por isso, a Secretaria se manteria atenta a esse movimento, registrando a formulação e a patrimonialização da cultura, em sua expressões diversas.

A proposição de se estabelecer no Paço Imperial um centro cultural assume, nesse momento, uma diretriz educativa importante e a responsabilidade de ser, em certa medida, a objetificação da nova visão que se desejava implementar acerca da cultura no país. Tal qual um objeto a ser exposto como referencial, esse espaço de cultura deveria ser mais do que uma proposta de ligação entre as duas vertentes do bem cultural, e sim uma espécie de vitrine do patrimônio e da produção cultural nacional em um só lugar. O Paço como um "produto", com um "design" nacional, pensado em todas as suas dimensões por arquitetos e agentes da SPHAN/Pró-Memória. O entendimento dessa condição ajuda a compreender mais um aspecto dessa complexa retomada do monumento nos anos 1980 e oferece subsídios para analisar as escolhas feitas ao longo desse processo.

3.3 A devolução do bem à comunidade

> Na época do Imperador D. Pedro II, considerado austero, nenhuma festa agitou a sua área de 6 mil metros quadrados, até porque o Paço era um lugar mais administrativo do que residencial. A regra foi quebrada em 1852, quando atravessaram os audaciosos arcos desenhados em 1743 pelo engenheiro militar José Fernandes Alpoim "562 damas e 962 cavalheiros", os colunáveis imperiais, segundo informação do historiador Pedro Calmon, que foram dançar valsas vienenses diante do monarca que exibia no peito a faixa do Cruzeiro. Hoje, às 11h, tem festa de novo. É a reinauguração do Paço, ao qual a "restauração" trouxe de volta o brilho barroco. A festa é pública e republicana, com a presença da Ministra

> da Educação Esther de Figueiredo Ferraz, e do Secretário de Cultura do MEC, Marcos Vilaça. E do povo, se for à praça.[293]

Em 6 de março de 1985, o edifício do Paço é reaberto como novo espaço cultural da cidade do Rio de Janeiro. A entrada do monumento, cercada por uma divisória, restringia o acesso ao prédio ao grande público que se aglomerava para observar a cerimônia. Em seu interior, a guarda de honra dos Fuzileiros Navais, trajando uniforme de gala, formava um corredor na fachada principal para a passagem dos convidados, que eram encaminhados para a sala do trono, no segundo pavimento. No caminho, bandeiras do Brasil Imperial e da Cruz de Malta. No chão, folhas de laranjeiras, louro e canela cobriam o piso, perfumando o ambiente, como era costume desde a época em que o local tinha ao lado o mercado de peixes da Praça XV.[294]



Figura 17: População em frente ao Paço Imperial no dia da cerimônia de reabertura do monumento. Data: 06/03/1985. Arquivo Marcos Vilaça / Academia Brasileira de Letras.

[293] Paço da Cidade retorna ao seu brilho barroco. **Jornal do Brasil**, 06/03/1985.
[294] Paço da Cidade é devolvido ao público após 3 anos de obras, **Jornal do Brasil**, 07/03/1985.



Figura 18: Ministra da Educação e Cultura (MEC), Esther de Figueiredo Ferraz, ao lado de Marcos Vinícios Vilaça, Secretário de Cultura do Ministério de Educação e Cultura (MEC). Data: 06/03/1985. Arquivo Marcos Vilaça/Academia Brasileira de Letras.



Figura 19: Convidados no pátio de entrada do Paço Imperial. Na imagem, folhas de laranjeira, louro e canela no chão. Data: 06/03/1985. Arquivo Marcos Vilaça/Academia Brasileira de Letras.

Na sala do trono, o anfitrião, Marcos Vinícios Vilaça, secretário de Cultura do Ministério de Educação e Cultura (MEC) recebia autoridades, como a ministra da Educação e Cultura (MEC), Esther de Figueiredo Ferraz; o Secretário do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, Irapoan Cavalcanti de Lyra; o ex-ministro da Educação, Eduardo Portella, e intelectuais como o presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), Austregésilo de Athayde; os sociólogos Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro, representando o Governo do Estado;

o historiador Hélio Silva, entre outros.[295] Vilaça deu início às atividades da cerimônia oficial proferindo um discurso repleto de referências históricas, evocando memórias, enfatizando a relevância do bem na trajetória sociopolítica do país e mobilizando o ideário identitário nacional a partir da percepção de sua pluralidade.

> A recuperação desta casa — trabalho de acuidade clínica aliado à maestria plástica — e a sua entrega ao público — objetivo de ação democratizante — põem em relevo a obra de maior significado, sem deixar de ser signo, já executada pelo patrimônio histórico.
> Paço dos Governadores, Paço dos Vice-Reis, Paço Real, Paço Imperial, esta casa destina-se, agora, a ser uma como que espécie de *Casa-Grande da Cultura*, onde todos terão a sua morada.
> [...] O profundo mergulho na história, no coletivo — em nossa própria identidade cultural, construída permanentemente na atenção à pluralidade de que somos feitos, a cada dia — deu-se aqui pelas mãos de muitos, num desnudamento e numa reconstituição.[296]

Ao buscar sintetizar uma visão específica sobre o processo — aparentemente já sólida e bem alinhada entre os que integraram a retomada e entrega do bem — Vilaça objetivou dar destaque a uma suposta harmonia: entre as múltiplas expressões identitárias, entre os elementos estéticos e plásticos, entre as "mãos" que trabalharam nas obras[297] e na reestruturação do espaço e entre o próprio ato de transferência do bem de uma condição burocrática para um novo uso, supostamente participativo e público. Ao apresentar a Casa como uma construção realizada a partir de uma pluralidade, sem considerar as complexidades dos grupos e dos processos que a integram, Vilaça homogeiniza, silencia e apaga as tensões de sua história — da trajetória enquanto monumento e das disputas presentes em sua recuperação.

---

[295] Dentre os convidados, estava a Princesa Cristina Maria de Orléans e Bragança, bisneta da Princesa Isabel.

[296] VILAÇA, Marcos Vinícios. Discurso na solenidade comemorativa da conclusão das obras de restauração do Paço Imperial. Rio de Janeiro — 06/03/85. Arquivo Técnico Administrativo, Inventário, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro. Grifo meu.

[297] Esther de Figueiredo Ferraz afirma que os funcionários que trabalhavam nas obras eram arrolados democraticamente na categoria de "operários" por Cyro Correa Lyra. Cf. Discurso da Ministra da Educação e Cultura, Esther de Figueiredo Ferraz, durante a solenidade de abertura do Paço Imperial, 06/03/1985. Arquivo da Academia Brasileira de Letras/Marcos Vinícios Vilaça.



Figura 20: Marcos Vinícios Vilaça, Secretário de Cultura do Ministério de Educação e Cultura (MEC) durante discurso na solenidade de abertura do Paço Imperial. Ao lado vê-se o vice-governador do Rio de Janeiro, Darcy Ribeiro, o arquiteto Glauco Campello e a Ministra da Educação e Cultura (MEC), Esther de Figueiredo Ferraz. Data: 06/03/1985. Arquivo da Academia Brasileira de Letras/Marcos Vinícios Vilaça.

A pluralidade é vista, também, a partir de um certo exotismo. Não à toa a referência à obra de Gilberto Freyre, ao nomear o Paço Imperial como uma espécie de "Casa-Grande da Cultura", mobilizando um traço fundamental e tão representativo da história brasileira.[298] Ao mesmo tempo em que exalta uma formação sociocultural múltipla, rememorando a tríade português-índio-africano presente em Freyre, alicerça seu lugar de partida na "Casa-Grande", isto é, a partir do lugar dos antigos senhores escravagistas, dos homens brancos, do poder econômico e político, da elite.

A expressão "Casa-Grande da Cultura" enfatiza não a proposta de um espaço que contemple todas as manifestações culturais pela amplitude de sua dimensão física, mas um lugar onde os sujeitos que determinam o que é ou não cultura, o que é ou não digno de exposição e deleite ou o que é ou não um bem cultural são oriundos de uma classe social específica, que fica clara a partir da referência ao título da obra de Gilberto Freyre. Ao apresentar o Paço Imperial dessa forma, Vilaça mobiliza, portanto, uma noção de história e memória nacional constituída no início do século XX. Nesse sentido, o conceito de miscigenação e a falsa ideia de harmonia no processo de formação do povo brasileiro atravessam o projeto de construção do Paço Imperial como centro cultural, na medida em que se pensa o espaço como um ambiente onde as culturas se expressam sem conflitos. Desse modo, podemos pensar que até mesmo a escolha das iniciativas que ocupariam as salas da

[298] Cabe destacar que a obra de Gilberto Freyre, "Casa-Grande e Senzala", publicado em 1933, completava pouco mais de 50 anos à época da reabertura do Paço. A obra é referência para entender a formação social brasileira.

edificação estariam subjulgadas a uma avaliação que, nesse momento, vai além da dicotomia entre cultura erudita e popular, e se debruça sobre as manifestações populares identificando aquelas que, adequadas aos parâmetros expositivos e valores determinados, poderiam habitar a "Casa-Grande".[299]

Questiona-se, assim, a pluralidade que se reivindica, visto que até mesmo esse conceito é socialmente construído e a proposta de uma Casa onde "todos terão sua morada" precisa ser problematizada. Afinal, quais seriam os bens culturais populares e que sujeitos produtores de cultura poderiam ocupar — com suas visões de cultura, de mundo e saberes — este lugar? Quais permaneceriam, consequentemente, em uma senzala simbólica, isto é, à margem da cultura que adquire reconhecimento como tal?

Embora soe inapropriada em dias atuais, a nomenclatura resume bem a condição do novo espaço cultural à época: local de disputas simbólicas, de busca por representatividade, de permanências, de transformações, e de signos de ontem e de hoje. Um lugar de interseções.

Como processo realizado ao longo do período de abertura política e de um momento em que as próprias políticas culturais e de preservação estavam sendo revisitadas, torna-se compreensível, em certa medida, que a construção de um espaço cultural no Paço Imperial fosse atravessada por tantas questões. E é primordial entendê-las a partir da complexidade desse momento. Esmiuçar as nuances, ter um olhar crítico e questionador das uniformidades nos discursos e nas falas.

Assim como o evento em si, o discurso de Vilaça teve ampla repercussão na mídia impressa da época, ocupando páginas inteiras de grandes jornais que ressaltavam em suas manchetes dois pontos fundamentais: o primeiro, relacionado ao seu aspecto estético ("O Paço da Cidade retorna ao seu brilho barroco",[300] "De volta à velha forma, o Paço reabre suas portas"[301]) e o segundo, à suposta devolução do monumento à população carioca ("Entregue ao povo o novo Paço da Cidade",[302] "A casa-grande da cultura é devolvida à

[299] Luiz Antônio Chaves de Oliveira discorre acerca dos bens culturais ligados às matrizes indígenas e africanas, bem como a segmentos populacionais pauperizados que permaneceram no campo do folclore e do exotismo étnico. Para o autor, esses bens, "devidamente higienizados" habitariam os museus destinados a lembrar que estas "culturas" existiram em algum momento da história. Cf. OLIVEIRA, Luiz Antonio Chaves. **O patrimônio para além da Pedra e Cal**: um estudo sobre usos e apropriações da cidade. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Data: 28/07/2007.

[300] O Paço da Cidade retorna ao seu brilho barroco, **Jornal do Brasil**, 06/03/1985.

[301] De volta à velha forma, o Paço reabre suas portas, **O Globo**, 06/03/1985.

[302] Entregue ao povo o novo Paço da Cidade, **O Dia**, 07/03/1985; Paço entregue à comunidade, **Bolsa**, 15/04/1985; Paço imperial é entregue ao povo. **Última Hora**, 7 mar. 1985.

cidade"[303]). É interessante notar, no entanto, que os dois aspectos desse movimento de "entrega do bem" que assumem maior destaque nas narrativas da imprensa são, justamente, os mais presentes nos discursos dos agentes da SPHAN. Esse fato pode indicar que o esforço em fixar essas visões sobre o processo, em alguma medida, logrou sucesso, visto que a repetição consciente desses discursos gerou uma memória dessa trajetória nas matérias jornalísticas da época.



Figura 21: Ministra da Educação e Cultura (MEC), Esther de Figueiredo Ferraz, durante discurso na solenidade de abertura do Paço Imperial. Data: 06/03/1985. Arquivo da Academia Brasileira de Letras/Marcos Vinícios Vilaça.

No entanto, a despeito de todos os esforços para constituir um novo espaço em todas as suas dimensões, o prédio ainda sustentava o que a titular do MEC, Esther de Figueiredo Ferraz, referiu como a "carga emotiva"[304] impregnada em sua matéria e que, ainda, pode dizer muito sobre sua trajetória. A potência simbólica do que permaneceu em seus espaços ao longo do tempo reverbera em 1985 como um indicativo de sua história, das memórias que carrega e dos entraves que precisa superar para que o projeto de um centro cultural público viesse, efetivamente, a se concretizar.

[303] A casa-grande da cultura é devolvida à cidade. **Revista Fatos**, 24 mar. 1985. Arquivo Técnico Administrativo, Inventário, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

[304] Discurso da Ministra da Educação e Cultura, Esther de Figueiredo Ferraz durante a solenidade de abertura do Paço Imperial, 06/03/1985. Arquivo da Academia Brasileira de Letras/Marcos Vinícios Vilaça.

3.4 Convocam-se produtores e artistas: a participação social na ocupação do Paço

Após a cerimônia de reabertura oficial do Paço Imperial, o prédio foi liberado para a visita pública. Conforme explica Suetônio Soares Valença, coordenador de atividades culturais do Paço e servidor da 6ª Diretoria Regional da SPHAN,

> como prática de uso, entendeu-se que o edifício do Paço, imediatamente após a solenidade oficial de entrega da obra concluída, deveria ser aberto à visitação pública, para que a população tomasse conhecimento efetivo do trabalho realizado, provocando, assim, os diversos segmentos sociais — cultural, financeiro, acadêmico, etc - para que se manifestassem a respeito do uso mais adequado para o monumento (VALENÇA, 1985, p. 43).

Segundo ele, não havia uma proposta pré-estabelecida de utilização dos espaços. A ideia era que a utilização se definiria de forma espontânea, com um mínimo de intervenção da equipe da SPHAN.[305]

> Para isso, o prédio é aberto diariamente à visitação, recebendo grupos de colegiais, turistas, etc. Em suas paredes, foram afixadas placas que informam os visitantes sobre o antigo uso dos diversos salões, além de explicar detalhes sobre sua restauração. Hoje o Paço é da cidade. É uma *praça coberta* no centro urbano do Rio de Janeiro, onde são sensíveis às conturbações sociais, culturais e políticas deste final de milênio. Facilitando a compressão do presente, consubstanciando a discussão sobre o futuro da cidade, o prédio ressurgiu vivo, Centro Cultural, espaço aberto, refletindo os contrastes (paradoxos?) do nosso tempo.[306]

A concepção do Paço como uma praça coberta busca reforçar a relação da edificação com a cidade, dando ênfase à proposta de abertura à população, em contraposição às décadas em que esteve fechado devido ao uso para finalidades burocráticas pelos Correios. As portas abertas, dando acesso ao pátio interno e ao piso que o integra à Praça XV, conforme já descrito no capítulo 2, objetivam corroborar a narrativa de democratização do espaço, na medida em que se concretiza esse ideário no próprio projeto de "restauração" do prédio. É possível que a escolha das intervenções, nesse sentido, tenham sido pensadas, justamente, para viabilizar esta ideia. De acordo com Valença,

> de maneira absolutamente empírica, o passado — interesse em torno dos locais históricos e da arquitetura remanescente — e o presente — a obra de restauração como um todo — explicitaram-se como duas das três vertentes que definem hoje o uso do Paço. Restava apenas o futuro dentro da noção de memória como sendo o que, vindo do passado, penetra o presente e informa o futuro. Essa última das três

[305] Entrevista com Suetônio Soares Valença. **Módulo Brasil Arquitetura**, Ano 1985, Edição 87.
[306] Entrevista com Suetônio Soares Valença. **Módulo Brasil Arquitetura**, Ano 1985, Edição 87. Grifo meu.

> vertentes nasceu do procedimento de se provocar publicamente os diversos segmentos sociais — cultural, financeiro, acadêmico, etc — para que se manifestassem a respeito do uso mais adequado para o monumento. Pelo interesse demonstrado por parte da comunidade cultural, o Paço caminhou nessa direção (VALENÇA, 1985, p. 43).

Optou-se por entregar o edifício em seus pisos térreo e primeiro a diretores e atores de teatro, artistas plásticos, músicos, intelectuais e artistas em sentido amplo, para que fizessem uso do espaço através do encaminhamento de propostas que seriam apreciadas pela 6ª Diretoria Regional, em sua Coordenadoria de Projetos Especiais, sempre em conjunto com os proponentes. O segundo andar e o torreão estavam reservados para uso da administração da 6ª Diretoria Regional da SPHAN/Pró-Memória.[307]

Os visitantes que esperavam encontrar um museu no antigo Paço se depararam, na verdade, com muitos espaços vazios. "Salas sem nada, pisos inacabados. Um certo ar de 'em obras'".[308] Isso porque a reinauguração possuía data certa para acontecer — em virtude do fim da gestão de Marcos Vilaça[309] — e as obras foram aceleradas.[310] Nos primeiros meses após a reabertura, o Paço foi ocupado por apenas quatro projetos: as exposições "Paço Imperial e sua história", "Estudo da Praça XV — Imediações e artistas do período colonial" e "Missão Artística Francesa — Arte sob o período de D. João no Brasil", além do evento "Painel de debates sobre a Praça XV e arredores".

> Afinal, contrariando ideias estaduais e preservacionistas em conselhos organizados pelo arquiteto-chefe da sexta delegacia do Patrimônio Histórico, Glauco Campello, o Paço não é um Museu do Primeiro Reinado (como queria o falecido historiador Pedro Calmon) ou Museu Luso-Brasileiro (conforme desejo do vice-governador Darcy Ribeiro). Desta vez, venceram as correntes mais democráticas e num lance inédito — já que em 40 anos de vida o Patrimônio Cultural, fechado a arquitetos, nunca levantou a questão do uso dos espaços que preserva — o Paço ficou aberto às discussões e às bem-vindas sugestões do povo.[311]

Ao longo de um ano, a coordenação das atividades do novo espaço cultural ficou sob a responsabilidade da equipe composta por Suetônio Soares Valença, pela arquiteta Ana Lúcia Almeida e pela administradora Ana Lúcia Pimentel. Como prática de trabalho, a pequena equipe da 6ª DR optou por circular entre os visitantes e ouvir opiniões. "Logo

---

[307] Valença apontava para a possibilidade de criação de um Conselho do Paço, integrado por personalidades representativas da área cultural, com quem se dividiria a tarefa de analisar as solicitações de utilização do prédio.

[308] CAMARGO, Maria Silvia. A democracia no Paço. **Jornal do Brasil**, Revista Domingo, 13/10/1985.

[309] Marcos Vilaça saiu da Secretaria de Cultura e tornou-se secretário particular do então presidente José Sarney. Cf. Vilaça confirma ser secretário do presidente. **Jornal do Commercio**, 28/03/1985.

[310] Sobre este assunto, verificar o capítulo 2 sobre a restauração.

[311] CAMARGO, Maria Silvia. A democracia no Paço. **Jornal do Brasil**, Revista Domingo, 13/10/1985.

surgiram dois pedidos: que o Paço contasse sua história — mantida desde então em exposição permanente — e que as famosas janelas do Fico e da Lei Áurea tivessem destaque".[312]

Dentre as diretrizes de uso já estabelecidas nesse primeiro momento, foi pedida a reserva de uma sala para uso livre, com exigência, apenas, da assinatura de um livro de visitas; outra sala, em frente à rua Primeiro de Março, cujas propostas oscilavam entre um centro de comércio de bens culturais e a criação de um novo teatro; e a recém-inaugurada cabine de cinema, um dos únicos espaços fixos pela natureza da proposta, exibia curtas e médias ininterruptamente, fornecidos pela Embrafilme.[313]



Figura 22: Visitantes na Exposição permanente do Paço[314]

Para o futuro, a Coordenadoria possuía o desejo de se manter fiel a duas linhas básicas: nunca ter locais nem atividades já pré-determinadas e não ter excessos de fiscalização ou administração. Abdicou-se, portanto, da formação de uma equipe de produção cultural na 6ª Diretoria Regional. Seus técnicos seriam, somente, "propiciadores dos meios de que necessitam os criadores para dar vida cultural ao edifício",[315] já que os usuários e criadores de cultura seriam os verdadeiros responsáveis pelo encaminhamento das atividades do novo centro cultural.

> O entendimento com os criadores de cultura que vêm usando o Paço tem sido o mais amplo possível. Na destinação desse ou daquele espaço do edifício para tal ou

[312] CAMARGO, Maria Silvia. A democracia no Paço. Jornal do Brasil, Revista Domingo, 13/10/1985.
[313] Idem.
[314] Idem.
[315] Patrimônio na visão da 6ª Regional. Rio de Janeiro: SPHAN/Pró-Memória/6ª Diretoria Regional, 1985, p. 44.

> qual uso, muitas das vezes nós da 6ª DR mudamos o rumo das nossas suposições sobre o melhor lugar para realizar determinado evento. Assim, por exemplo, pensamos que a Sala dos Archeiros seria ótima para concertos solo de música erudita. E é. Mas também um diretor de teatro quis realizar ali um espetáculo de operetas, que se tornou um sucesso na temporada teatral da cidade. Confirmou-se na prática uma suspeita inicial de que é absolutamente desaconselhável consagrar-se determinado espaço para um único fim. Devem, o mais possível, serem múltiplos em sua utilização.[316]

Segundo Suetônio Vilaça, o "trabalho é muito menos técnico-administrativo do que didático-pedagógico ou, mais ainda, político, no sentido etimológico da palavra." Era necessário despertar na população empatia com a causa da preservação, criar situações de simpatia para com os monumentos, para que, gostando deles, as pessoas os protejam.[317] O uso apropriado do bem emergiria a partir dessa troca cotidiana com a cidade e seus cidadãos, por isso a importância do estímulo à fruição de forma participativa e propositiva.

3.5 As novas propostas de uso

A equipe da Coordenadoria de projetos especiais da 6ª Diretoria Regional da SPHAN foi responsável pela estruturação do cronograma de atividades culturais do Paço Imperial, efetivamente, até agosto de 1986.[318]

Nesse período, foram realizados cerca de 60 projetos dos mais diversos segmentos culturais: exposições, exibições de filmes, apresentações de dança, espetáculos de teatro, seminários, debates, shows, lançamento de livros etc.[319] A maior parte dessas iniciativas, no entanto, não consta nas publicações sobre a história do Paço Imperial disponíveis na literatura. A listagem mais ampla, construída a partir do levantamento realizado como produto da atividade supervisionada do Mestrado Profissional,[320] permitiu estabelecer um panorama até então desconhecido sobre as atividades que tiveram o Paço Imperial como cenário.

---

[316] Idem.
[317] Patrimônio na visão da 6ª Regional. Rio de Janeiro: SPHAN/Pró-Memória/6ª Diretoria Regional, 1985, p. 44.
[318] Em agosto de 1986, o primeiro diretor do Paço Imperial, Paulo Sérgio Duarte, é nomeado. A documentação pesquisada mostra que as atividades programadas pela equipe da Coordenadoria de Projetos Especiais da 6ª Diretoria Regional, no entanto, vão até meados de 1988, ocupando parte da gestão de Paulo Sérgio.
[319] O levantamento faz parte dos produtos da prática supervisionada elaborados para o Mestrado Profissional do IPHAN.
[320] O Mestrado Profissional do IPHAN prevê a realização de atividades supervisionadas na unidade da instituição escolhida pelo estudante no processo seletivo. Ao longo dessas, atividades são realizados três produtos, cujas temáticas e objetivos são estabelecidos em conjunto com o supervisor que, em geral, é um servidor da unidade. Esta pesquisa utiliza um dos produtos realizados durante as atividades supervisionadas e está disponível na íntegra em anexo.

A extensiva pesquisa nos periódicos da época revelou que, ainda em 1984, ocorreu uma palestra do arquiteto Glauco Campello, com apresentação e projeção sobre os trabalhos de "restauração" do Paço. No ano seguinte, 1985, de março a dezembro, foram realizados cerca de 35 projetos: sendo 18 exposições, um debate, dois lançamentos de livros, quatro mostras de cinema, quatro espetáculos teatrais, seis apresentações musicais, dois seminários e duas apresentações de dança. No primeiro semestre de 1986, foram mais 25 projetos, sendo, 14 exposições, uma palestra, três apresentações musicais, quatro mostras de cinema e três lançamentos de livros, que exploraram os diferentes espaços da edificação demonstrando suas potencialidades.

O pátio interno, por exemplo, foi palco de espetáculos teatrais como "Ouro sobre Azul", de Martins Pena, com adaptação de Domingos de Oliveira; "O Auto da Independência", de Joel Rufino dos Santos; e o lançamento do livro "Povo Cigano",[321] de Cristina da Costa Pereira, que contou com uma festa com danças, músicos e violinistas ciganos, como Mio Vacite.



Figura 23: Ouro sobre Azul. Peça de Martins Pena, com adaptação de Domingos de Oliveira. Com Paulo Cesar Pereio, Bernardo Jablonski, Clarisse Derzie, Claudio Macdowell e Clemente Vizcaino, entre outros. Doze apresentações realizadas no projeto "Cenas Cariocas". Os atores começam o espetáculo na praça e aos poucos vão atraindo o público para o pátio interno do Paço.[322]

[321] Este foi um evento pioneiro no que se refere à exposição da etnicidade cigana na esfera pública. Cf. **Ariús**, Campina Grande, v. 19, n.1, p. 6-30, jan./jun. 2013.
[322] **Revista Isto É**, 28/06/1985.



Figura 24: O Auto da Independência, de Joel Rufino dos Santos com o Grupo Feliz meu bem, dentro das comemorações da Independência.

A Sala dos Archeiros, em um primeiro momento destinada a apresentações de música erudita, foi, também, utilizada para a apresentação de espetáculos teatrais: "Theatro Muzicado Brasileiro 1860/1914", com a supervisão de Amir Haddad; "Antígona", de Sófocles, com direção de Antônio Guedes e Helena Varvaki. Também foi realizado ali o lançamento do disco "Poesias musicadas de Manoel Bandeira."



Figura 25: Theatro Muzicado Brasileiro 1860/1914. Centro de Arte de Laranjeiras (CAL). Supervisão geral: Amir Haddad. Com Annabel Albernaz, Fabio Pillar, Vera Holtz e Nelson Carega.

A Sala do Trono, por sua vez, foi usada no recital da musicista espanhola Alicia Lázaro, com composições dos séculos XV e XVII. O espaço, atualmente conhecido como

Terreirinho, foi ocupada como um espaço de cinema, exibindo filmes produzidos pela Embrafilme.[323]

Os demais espaços dos pavimentos térreo e primeiro andar eram usados, majoritariamente, para exposições de arte de diferentes movimentos: exposições de esculturas e desenhos como "Vale do Jequitinhonha ou barreando no Jequitinhonha" e "Rodolfo Bernardelli"; de pinturas como a de Antonio Henrique Amaral; de arte moderna em "Seis décadas de arte moderna na coleção Roberto Marinho"; de documentos da "Jornadas Luso-Brasileiras do Patrimônio"; de sambistas-pintores, com obras de Guilherme de Brito, Nelson Sargento, Heitor dos Prazeres Filho, Onofre Paulo Fumaça e outros; de esculturas de madeira do artista mineiro Antonio de Oliveira; de fotografias em "Brasil X7"; de painéis de alumínio em "Triennale Di Milano"; de painéis sobre a música barroca em "Música Barroca de Bach, Hendel e Schutz"; entre outras.

A multiplicidade e a fluidez da ocupação dos espaços pareceu ser uma fórmula bastante eficaz, repercutindo, inclusive, na imprensa da época:

> Exposições simultâneas de fotografias e arqueologia, teatro popular e concertos de música erudita: de tudo há um pouco no Paço Imperial da Praça XV desde que, no dia 6 de março, o prédio foi entregue ao público totalmente restaurado.[324]

Uma semana após a sua reinauguração "o Paço da Cidade já recebeu a visita de 3 mil 500 pessoas, que foram apreciar, além da beleza arquitetônica do prédio, as exposições sobre artistas do período colonial e Missão Artística Francesa, e sobre os trabalhos de recuperação do prédio".[325]

Em entrevista, dias após a cerimônia de reabertura, Glauco Campello comemorava a grande receptividade do público. "A reinauguração do Paço da Cidade é um sucesso, pois estamos alcançando os objetivos de restauração, que era criar um novo espaço para a população".[326]

Embora tendo gerado um movimento importante em seu primeiro ano de funcionamento, o Paço somente adquiriu o status de espaço legalmente instituído em meados de 1986 com a aprovação de seu primeiro regimento interno e a nomeação do primeiro diretor-executivo. A formalização de sua existência acarretou outra mudança significativa no que diz respeito a linha de ocupação e uso. Se durante o "período experimental" o Paço se

[323] O espaço foi aberto em 05/11/1985.
[324] Artes no Paço da Cidade: o público comparece e curte. **O Globo**, 2º Caderno, 08/06/1985.
[325] Paço da Cidade recebeu visita de 3 mil 500 pessoas em uma semana. Jornal do Brasil, 16/03/1985.
[326] Entrevista de Glauco Campello, diretor da 6ª Diretoria Regional da SPHAN. Paço da Cidade recebeu visita de 3 mil 500 pessoas em uma semana. **Jornal do Brasil**, 16/03/1985.

apresentou como um espaço múltiplo e sem tantas burocracias, após sua criação como unidade autônoma da SPHAN, assume uma feição mais rígida e com uma proposta de centro cultural que buscava se alinhar com iniciativas estrangeiras, não tanto com a elaboração de algo pautado nas especificidades típicas de uma instituição pública cultural brasileira. Este olhar para fora talvez seja a marca fundamental para se compreender essa virada e os projetos concorrentes que disputavam a concepção desse novo Paço.

Se havia uma preocupação com a imagem que se desejava construir nesse processo de retomada, certamente, foi a partir de sua oficialização que ela começou a se impôr de forma mais efetiva. Os limites foram postos e os embates, antes subliminares, se delinearam mais claramente. Embora mantenha o alinhamento com um discurso democratizante, o Paço que se constitui dali em diante abre mão de abarcar todos os segmentos sociais e assume uma linha de ocupação mais conservadora e elitista. A oficialização dá poder ao projeto que, em princípio, havia sido secundarizado e ganha força a partir dessa nova gestão.

CAPÍTULO 4: A INTITUCIONALIZAÇÃO

> Aloísio Magalhães dizia que a cultura brasileira não é eliminatória, é somatória.[327]

Embora o Paço Imperial funcionasse como espaço cultural desde sua inauguração, em março de 1985, sua formalização institucional somente se efetivou em fins de 1986, mais de um ano depois da reabertura ao público. A criação da unidade autônoma foi seguida da nomeação do primeiro diretor-executivo e da aprovação de seus regimentos internos, que normatizaram a situação do monumento enquanto centro cultural e estabeleceram a estrutura administrativa responsável pela implementação das finalidades previstas para o novo espaço.

Após o período experimental, o Paço se lança em direção a um projeto que privilegiou iniciativas ligadas às artes plásticas, deixando gradualmente de ser ocupado por ações de outros segmentos artístico-culturais e seguindo uma linha menos híbrida. A justificativa para tal virada estava atrelada a uma "vocação própria" da edificação e ao necessário cuidado em relação à sua integridade. Tal qual a noção de "cidade-monumento" (SANT'ANNA, 2014), o Paço, nesse momento, assemelha-se a uma obra de arte em forma de monumento "restaurado", como que em uma releitura conceitual inserida no contexto da apreciação estética do universo das artes. Um objeto para deleite, em sua estrutura física e em sua ocupação.

4.1 Regimentos Internos e posse do primeiro diretor-executivo

> O recinto suscita o pensamento de que, enquanto olhos e mentes são bem-vindos, corpos que ocupam espaço não o são — ou são tolerados somente como manequins cinestésicos para estudo futuro (O'DOHERY, 2002, p. 4).

No ano de 1985, o Paço Imperial ainda não constava na lista de unidades descentralizadas da Fundação Nacional Pró-Memória;[328] porém, sua criação é mencionada no relatório de atividades da Fundação:

> Com a inauguração da obra de restauração do prédio que abriga o Paço Imperial do Rio de Janeiro, a Pró-Memória passou a desenvolver uma linha de ação de forma a

[327] Discurso de abertura de Joaquim Falcão, presidente da Fundação Nacional Pró-Memória, na solenidade de posse de Paulo Sérgio Duarte no cargo de diretor-executivo do Paço Imperial, em 5 de agosto de 1986.
[328] Conforme é possível constatar a partir do Regimento Interno da Fundação Nacional Pró-Memória de 1985.

> assegurar o uso e a ocupação adequada do mesmo, transformando-o em mais um espaço cultural dinâmico, aberto à comunidade. Dessa forma, o Paço Imperial além de abrigar as instalações da 6ª Diretoria Regional da Pró-Memória, transformou-se no grande espaço cultural da cidade do Rio de Janeiro, atraindo a visitação de toda a classe estudantil, de pesquisadores, artistas e outros, mediante a realização de eventos culturais promovidos, também, em articulação com a iniciativa privada.[329]

Apenas no ano seguinte, em 12 de junho de 1986, o Paço Imperial se torna uma unidade descentralizada, constando nos documentos oficiais ao lado do Centro Nacional de Referência Cultural, e tendo como objetivo "a difusão dos aspectos dinâmicos da cultura brasileira com ênfase na reflexão desenvolvida pelo Programa Nacional de Referência Cultural".[330]

No mês seguinte, em 1º de agosto de 1986,[331] o cargo de diretor-executivo do Paço Imperial é criado, sendo Paulo Sérgio de Castro Pinto Duarte, crítico de arte, ex-assessor-chefe do RioArte (1983 – 1985) e relator do Conselho Municipal de Proteção ao Patrimônio Histórico Cultural do Rio, nomeado para assumir a função.[332]

Durante a cerimônia de posse, realizada em 5 de agosto de 1986, na sede da Pró-Memória no Centro do Rio de Janeiro, que contou com a presença do presidente da Fundação, Joaquim Falcão, e do ministro da Cultura, Celso Furtado, Paulo Sérgio Duarte é apresentado a partir de uma breve descrição de sua trajetória acadêmica e profissional, em que sua relação com a arte contemporânea recebeu um destaque especial:

> Preocupado sempre com a estética e a filosofia, Paulo Sérgio Duarte, embora tenha estudado psicologia clínica na Universidade de Paris 7, jamais exerceu a profissão. A preocupação com a cultura nos anos 60, que propiciavam o debate; os estudos na França e na Itália; a convivência com artistas e um mercado de arte contemporânea em expansão, apontaram novos caminhos. A crítica de arte contemporânea foi um deles. Depois veio o desejo de exercer uma atividade que levasse as pessoas a refletir sobre o que é arte contemporânea, "considerada no Brasil como algo acessório" não determinante das questões centrais, como desenvolvimento econômico, que nos anos 70 era um modelo que se abstraia dos traços culturais dos grupos sociais que nele estavam direta ou indiretamente envolvidos.[333]

Embora possua um extenso currículo que o coloca em relação muito próxima com a arte contemporânea, afirmava ser necessário separar as duas figuras: a do crítico de arte e a do funcionário público que "aí age com isenção e ética no 'encaminhamento de escolhas

[329] Relatório de atividades da Fundação Nacional Pró-Memória de 1986.
[330] Regimento Interno da Fundação Nacional Pró-Memória de 1986.
[331] Portaria 071 de 1º de agosto de 1986 da Fundação Nacional Pró-Memória. Cria-se o cargo de diretor-executivo do Paço Imperial nos termos da Determinação n. 185.
[332] Paulo Sérgio já havia assumido a função de coordenador da Área de Referência da Dinâmica Cultural em 1º de julho de 1986 (Determinação n. 173 de 1º de julho de 1986), acumulando, portanto, os dois cargos até fins dos anos 1980.
[333] Roteiro da solenidade de posse de Paulo Sérgio Duarte, 5 de agosto de 1986.

sociais de massa'".[334] Assim, ao tratar de sua pretensão em dar novos rumos ao Paço Imperial, Paulo Sérgio defendia que

> o Paço pode se desenvolver em três frentes básicas de trabalho que vou sugerir para o nosso presidente, para o nosso secretário, para o nosso Ministro. Em primeiro lugar ele tem que continuar a ser o que ele foi desde que foi efetuada sua restauração. [...] A outra frente de trabalho a ser desenvolvida no Paço é que o Paço deveria ser, e poderia ser, um centro público de informações a ser multiplicado em outros lugares do país sobre o que é o Ministério da Cultura e a Fundação Pró-Memória. [...] A terceira frente, que eu penso, é que *o Paço pode ser também um centro de treinamento de recursos humanos para as nossas próprias entidades da Pró-Memória, ser uma escola de formação de quadros para a área da cultura, tanto na área administrativa quanto técnica*.[335]

Segundo ele,

> até agora vimos uma ação quase heróica, liderada pela equipe de Glauco Campello, da 6ª DR, coordenada no que diz respeito à utilização do Paço pelo escritor Suetônio Valença, realizar grandes eventos, apesar da precariedade de meios. Vamos procurar dar à casa uma personalidade cultural própria, transformando o Paço num local ideal para o intercâmbio cultural a níveis nacional e internacional.[336]

Paulo Sérgio esteve à frente, concomitantemente, da diretoria-executiva do Paço Imperial e da coordenadoria do Programa Nacional de Referência Cultural da Pró-Memória[337], projeto que visava dar sequência e reorganizar as atividades do Centro Nacional de Referência Cultural incorporado à SPHAN/Pró-Memória em fins dos anos 1970. Ainda que, de início, somente no campo das ideias, este fato pode ter aproximado conceitualmente ambas as iniciativas, levando Paulo Sérgio a afirmar que seu projeto para o Paço Imperial estaria pautado no plano de referência cultural — criado na época de Aloísio Magalhães e uma das matrizes conceituais do que viria a ser a Pró-Memória —, que, reestruturado, deveria trabalhar com quatro grandes áreas: cultura e educação; cultura e tecnologia; cultura e desenvolvimento econômico; e acervos e sistemas culturais.[338] Fisicamente, parte da equipe do CNRC esteve alocada nas dependências do Paço Imperial em fins dos anos 1980 e, é possível que, por esse motivo, o Paço apareça em diversos documentos da Fundação

---

[334] Os dois novos executivos culturais. **Jornal do Brasil**, Caderno B, 05/08/1986, p. 7.

[335] Discurso de Paulo Sérgio Duarte durante cerimônia de posse no cargo de diretor-executivo do Paço Imperial, em 5 de agosto de 1986. Grifo meu. Cabe destacar que nesta época havia a proposta de construção de um centro de treinamento de recursos humanos na área de patrimônio cultural, tanto administrativa quanto técnica, algo semelhante ao que foi elaborado, posteriormente, no Centro Lúcio Costa.

[336] Entrevista de Paulo Sérgio Duarte durante cerimônia de posse no cargo de diretor-executivo do Paço Imperial, em 5 de agosto de 1986.

[337] Os dois novos executivos culturais. **Jornal do Brasil**, Caderno B, 05/08/1986, p. 7.

[338] Entrevista de Paulo Sérgio Duarte in Celso Furtado visita Fundação Pró-Memória. **Jornal do Brasil**, Cidade, 06/08/1986, 1º Caderno, p. 8.

Nacional Pró-Memória como unidade subordinada ao CNRC,[339] tendo, inclusive, suas despesas incluídas no planejamento orçamentário da coordenação do Centro.

Apenas no fim de 1986,[340] o Paço ganha um Regimento Interno próprio, a partir de sua aprovação durante a 22ª Reunião do Conselho Curador da Fundação Nacional Pró-Memória, no qual são definidas três finalidades que iriam nortear as ações da nova Unidade Autônoma, a saber:

> 1. Promover a difusão e o intercâmbio cultural a nível nacional e internacional através de mostras, exposições, atividades cênicas e musicais, conferências, cursos, seminários e cinema.
> 2. Servir como Centro Público de Informações Culturais, com especial ênfase nas linhas do Programa Nacional de Referência da Dinâmica Cultural.
> 3. Apoiar o trabalho de formação de recursos humanos para as áreas técnicas e administrativas da cultura, como espaço de demonstração para os trabalhos de desenvolvimento e implantação de projetos de exposições culturais, em todos os aspectos — conceituação técnica de montagem, documentação e segurança.[341]

A partir de sua institucionalização, o Paço passaria a contar com uma estrutura com os seguintes órgãos de deliberação superior e áreas técnicas: Diretoria Executiva, Conselho Consultivo, Assessoria, Comissão de Programação, Divisão de Programação, Divisão de Exposição e Eventos e Seção Administrativa. O regimento estabelece, ainda, a formação do Conselho Consultivo, presidido pelo Presidente da Fundação Nacional Pró-Memória, tendo como membro nato o diretor do Paço Imperial e mais dez membros escolhidos pelo Presidente, entre representantes da sociedade civil que se "destaquem por sua notória dedicação à cultura", com um mandato de dois anos com direito a uma recondução. Além das funções da Assessoria (auxílio à Diretoria Executiva na supervisão das ações, com a emissão de pareceres, orientando e indicando providências cabíveis); da Seção Administrativa (executar os trabalhos referentes aos recursos humanos, financeiros e orçamentários, tesouraria, contabilidade e comercialização, assim como relativos a material, serviços gerais e segurança interna); da Comissão de Exposição e Eventos (coordenação das atividades culturais e assessoramento técnico); e da Comissão de Programação (preparar e analisar a programação cultural).[342]

Esta última, nomeada e presidida pelo diretor-executivo do Paço Imperial, seria composta por seis membros com mandatos de dois anos (com direito a recondução): um

---

[339] Relatório de Atividades da Fundação Nacional Pró-Memória, 1987.
[340] O 1º Regimento Interno do Paço Imperial passa a vigorar a partir da Determinação n. 228, de 28 de novembro de 1986.
[341] Primeiro Regimento Interno do Paço Imperial, 28/10/1986.
[342] Primeiro Regimento Interno do Paço Imperial, 28/10/1986.

membro do Conselho indicado pelo próprio Conselho; o chefe da Divisão de Programação; um técnico da equipe do Programa Nacional de Referência da Dinâmica Cultural, indicado pelo coordenador da Área Programática; e três membros com reconhecida atuação cultural, indicados pelo diretor-executivo.

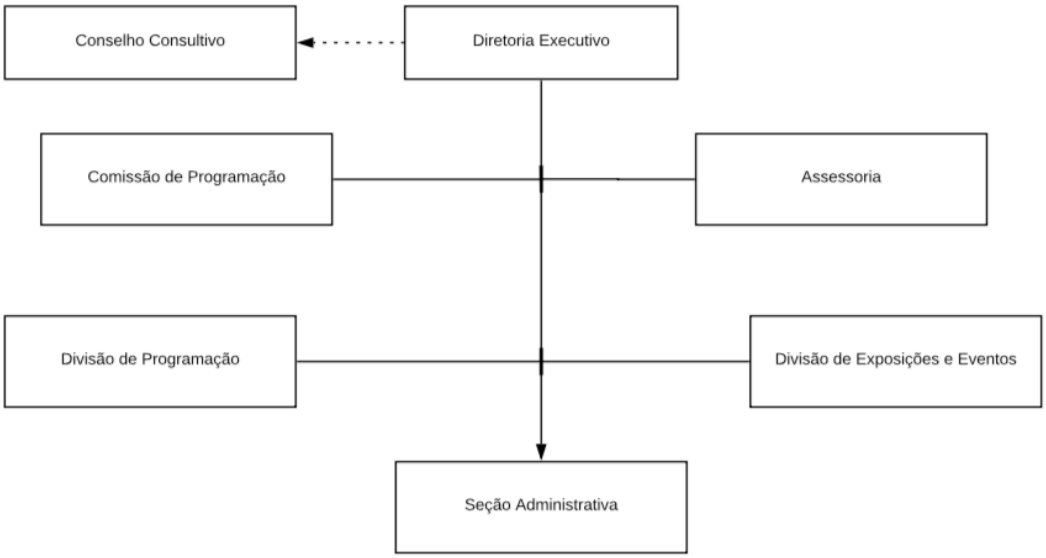


Figura 26: Organograma do 1º Regimento Interno do Paço Imperial, de 28/10/1986.

Embora em seu capítulo I, artigo 1º, o regimento determine que um dos objetivos do novo espaço seja a difusão e o intercâmbio cultural por meio de diferentes segmentos artístico-culturais, é possível perceber, no entanto, uma clara predileção pelas atividades expositivas, que ganham destaque na própria nomenclatura da área técnica dedicada aos projetos, em contraposição às demais expressões artísticas, aglutinadas no termo "eventos". O organograma proposto em seu primeiro regimento interno revela, ainda, a ausência de uma estrutura mais robusta no corpo técnico e administrativo que contemplasse as demandas do novo espaço cultural. No ano de 1986, o Paço ainda contava com o apoio operacional da Administração Central e da 6ª Diretoria Regional (ainda alocada no prédio). Somente no ano seguinte, em 1987, a unidade passa a ser operacionada com o corpo de funcionários estabelecido em seu regimento.

Em 5 de junho de 1987, Paulo Sérgio Duarte solicita ao diretor-executivo-adjunto da Fundação Nacional Pró-Memória, Elias Kallas, a alteração do Regimento Interno do Paço Imperial, visando atender as expectativas da instituição. Ao justificar o pedido, o diretor-

executivo do Paço sinaliza para o fato de o centro cultural abrigar exposições temporárias que exigem "velocidade das operações, providências de escoltas, transporte, desembalagem, movimentação de peças, montagem, supervisão e preservação das peças durante a mostra e as sucessivas operações inversas para devolução das peças cedidas",[343] e que, à época, contava com um corpo técnico formado por uma museóloga e uma supervisora de montagem, apoiadas por seis operários contratados por obra pela 6ª DR. Descrevendo, por fim, a necessidade de inclusão no regimento e contratação de cinco datilógrafas, uma secretária, três auxiliares de serviços gerais, dois vendedores para a loja do Paço, um assistente técnico administrativo, quatro assistentes administrativos, três assistentes de Programação de Divulgação Cultural, um programador visual, um bibliotecário e um museólogo, não incluindo em sua listagem os operários, que seriam contratados por montagem.

Assim, em 16 de julho de 1987, é aprovado o 2º Regimento Interno do Paço Imperial formalizado na Determinação n. 307. Suas finalidades são mantidas, sendo modificada a organização estrutural que passa a ser composta por: Diretoria Executiva; Conselho Consultivo; Comissão de Programação; Divisão de Atividades Culturais (dividida em Seção de Programação e Produção Cultural, Seção de Exposições, Seção de Promoção e Difusão Cultural, e Seção de Documentação e Informações Culturais); e Divisão Administrativa (dividida em Seção de Serviços Gerais e Segurança Interna, Seção de Apoio Administrativo e Seção Financeira).

A nova estrutura destaca, mais uma vez, a importância atribuída aos projetos expositivos, que, desta vez, ganham uma seção específica dedicada à supervisão das exposições e sua adequação aos ambientes do Paço Imperial, além de uma seção voltada à organização do programa de visitação do espaço, com ênfase nas unidades de ensino e na monitoria para orientação das visitas. Outro ponto relevante é a criação de uma seção de documentação e informações culturais, cujo objetivo é a sistematização de toda informação impressa relacionada às atividades culturais do Paço.

[343] Ofício n. 231/1987.

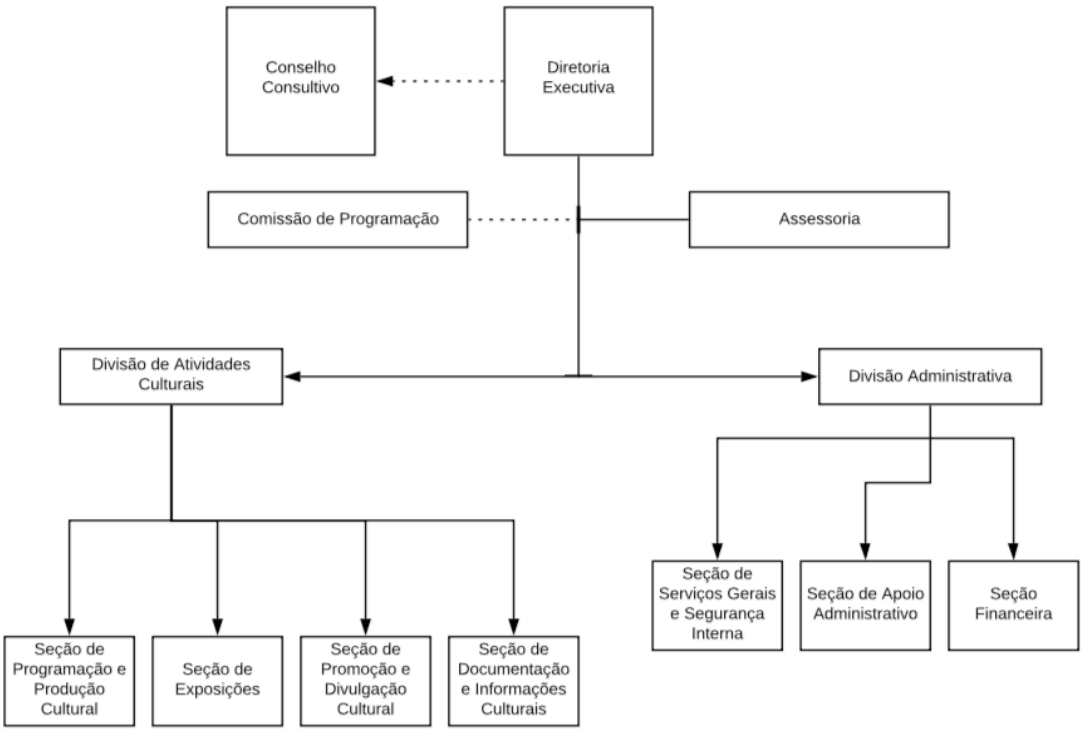


Figura 27: Organograma do 2º Regimento Interno do Paço Imperial, de 16/07/1987

É a partir desse momento, portanto, que se inicia uma preocupação mais efetiva acerca dos registros da "memória do Paço". Em Comunicado Interno enviado em julho de 1987,[344] o diretor Paulo Sérgio Duarte afirma que, desde que o Paço iniciou seus trabalhos de atividades culturais, em 1984, executando a política de "devolução dos bens culturais",[345] não existia nenhum trabalho, mesmo que assistemático, de registro desses eventos, justificando tal fato à carência de recursos humanos e de uma estrutura técnico-administrativa. Apresentando como proposta o cumprimento de uma das finalidades da unidade, definidas pelo Regimento Interno, isto é, a criação de um Centro Público de Informações Culturais, a partir do projeto "Memória do Paço", pretendia, para isso, executar três planos:

> 1. Registro técnico, dentro de padrões estabelecidos pelas Coordenadorias da Pró-Memória, de todas as atividades culturais do Paço, incluindo aí documentação de exposições, registro de acervos expostos, de eventos, tais como teatro, música, conferências; este registro deverá servir no futuro a pesquisadores externos e

[344] Comunicado interno n. 418/87, de 03/07/1987.

[345] O conceito de "devolução" elaborado pelo Centro Nacional de Referência Cultural se refere à orientação que deve presidir os trabalhos — desde o planejamento à execução — de buscar reintegrar aos contextos que os possibilitaram, tanto resultados materiais quanto os reflexivos, cuidando para que a participação nestes benefícios seja ampla e democrática. Cf. ALVIM, Clara de Andrade. Ofício em resposta à Joaquim Falcão, presidente da Fundação Nacional Pró-Memória. Brasília, 13/05/1986. Arquivo intermediário da Fundação Nacional Pró-Memória. Arquivo Central do IPHAN.

> internos, e outros trabalhos de reconstituição da memória do Paço enquanto Centro Cultural;
> 2. Registro dinâmico, através de vídeos, fotos, narrativas gravadas, das mesmas atividades, para uso de um público mais amplo e como complemento do que chamei de "registro técnico";
> 3. Registro histórico, organização de um arquivo de cópias de toda documentação histórica conhecida que diga diretamente respeito ao prédio e seus usos, ao longo dos tempos passados.[346]

O documento, encaminhado ao coordenador geral da Coordenadoria de Acervos Arquivísticos e Bibliográficos, Gilson Antunes, foi enviado, também, ao então presidente da Fundação Nacional Pró-Memória, Joaquim Falcão, acompanhado de um bilhete manuscrito de Paulo Sérgio, em que solicita ajuda e indicação para que o pedido fosse prontamente atendido pela referida área. No entanto, embora seja possível identificar, nesse movimento, uma preocupação em estabelecer uma rotina de arquivamento de registros "técnicos, dinâmicos e históricos" das atividades do paço, a documentação acessada para a realização desta pesquisa dá indícios de que esse projeto não chegou a ser efetivamente implementado em toda sua amplitude. Os registros existentes, atualmente, na Biblioteca Paulo Santos e nos arquivos administrativos do Paço Imperial, conforme já mencionado, não correspondem à totalidade dos projetos realizados e, tampouco, explicitam a multiplicidade de ações lá desenvolvidas ao longo de sua história.

No que concerne ao ideário de centro cultural mais abrangente, defendido durante o período da "restauração" e dos anos "experimentais" iniciais, o relatório de atividades da Fundação Nacional Pró-Memória, do ano de 1987, revela que a destinação dada à unidade é a de "sede de grandes exposições, ligadas ou não às artes plásticas", por "não admitir legalmente qualquer interferência em sua estrutura física".[347] Segundo o documento, essa destinação,

> além de atender à necessidade de espaços suficientemente amplos para mostras de extensão, uma carência na cidade do Rio de Janeiro, preservar sua arquitetura de interferências, já que, seus amplos e iluminados salões resultam ideais para esse objetivo. Definido, portanto, a partir de sua *vocação própria*, como sede de exposições temporárias, o Paço Imperial, sem possuir acervo próprio, permite, por sua multiplicidade de espaços, uma ocupação simultânea e ininterrupta. Isto se traduz na realização de mostras as mais variadas, do artesanato ao desenho industrial, da indumentária à arte contemporânea. O traço que permeia estas exposições não se distingue por um tipo de acervo, por uma época, ou por outra referência específica. Mas sim pela adequação conceitual e física dessas mostras aos esforços a elas destinados.[348]

[346] Comunicado interno n. 418/87, de 03/07/1987.
[347] Relatório de Atividades da Fundação Nacional Pró-Memória de 1987.
[348] Relatório de Atividades da Fundação Nacional Pró-Memória de 1987. Grifo meu.

Mais uma vez, alguns aspectos importantes voltam a aparecer no discurso oficial da SPHAN/Pró-Memória acerca do Paço: a existência de uma "vocação própria" do monumento — de servir como sede de exposições temporárias com "seus amplos salões ideais para esse objetivo" —, além da premissa de evitar possíveis intervenções na edificação como justificativa para a opção por projetos expositivos em sua linha de ocupação. Soma-se a isto uma sutil mudança na narrativa acerca da multiplicidade de expressões artístico-culturais, que deveriam se apropriar dos espaços do prédio, substituída pela proposta de limitar o segmento e propor que a variedade estivesse presente nos conteúdos a serem expostos.

Há, ainda, outro ponto relevante: a distinção que se estabelece entre as expressões artísticas do segmento eleito. Na configuração dos espaços expositivos do Paço, as salas do primeiro pavimento são destinadas às mostras de maior visibilidade e mais conservadoras em sua proposta de montagem (com obras expostas em quadros nas paredes, na maioria das vezes brancas, dando protagonismo ao objeto), sendo as salas do andar térreo ocupadas, por exemplo, por exposições de esculturas, com a justificativa de serem menos sensíveis à poluição que as pinturas ou desenhos.[349] Fato que chama atenção, por si só, por possibilitar uma analogia hierárquica, na medida em que os andares superiores eram usados, à época do período colonial, como aposentos da família real.[350]

[349] JÚNIOR, Reynaldo Roels. Tremores no Paço Imperial. **Jornal do Brasil**, Caderno B, 18/02/1988, p. 2.

[350] "D. João e filhos ocuparam o corpo da frente do primeiro andar do Paço. Carlota Joaquina e as filhas alojaram-se nos aposentos do centro da fachada lateral que dava para a praça. A sala do trono tinha duas janelas de canto na fachada principal e quatro dando para o lado da praça. A última janela à esquerda, do lado do mar, assinalava o espaço reservado à capela particular do rei. Dividiu-se o segundo andar em pequenos quartos destinados às pessoas da corte." Cf. FERREZ, Gilberto. **O Paço da Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1984, p. 32.

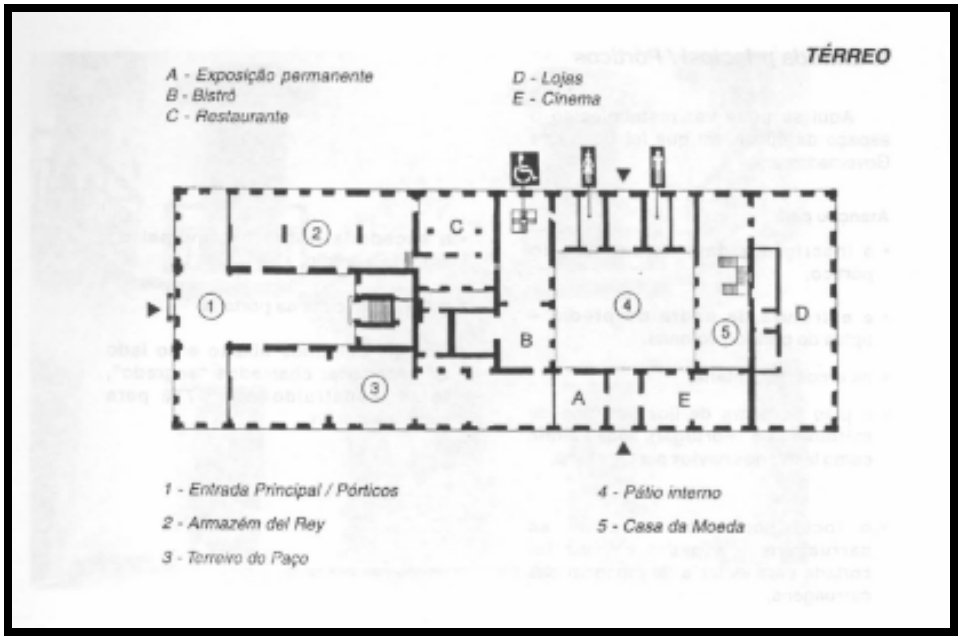


Figura 28: Planta do Térreo

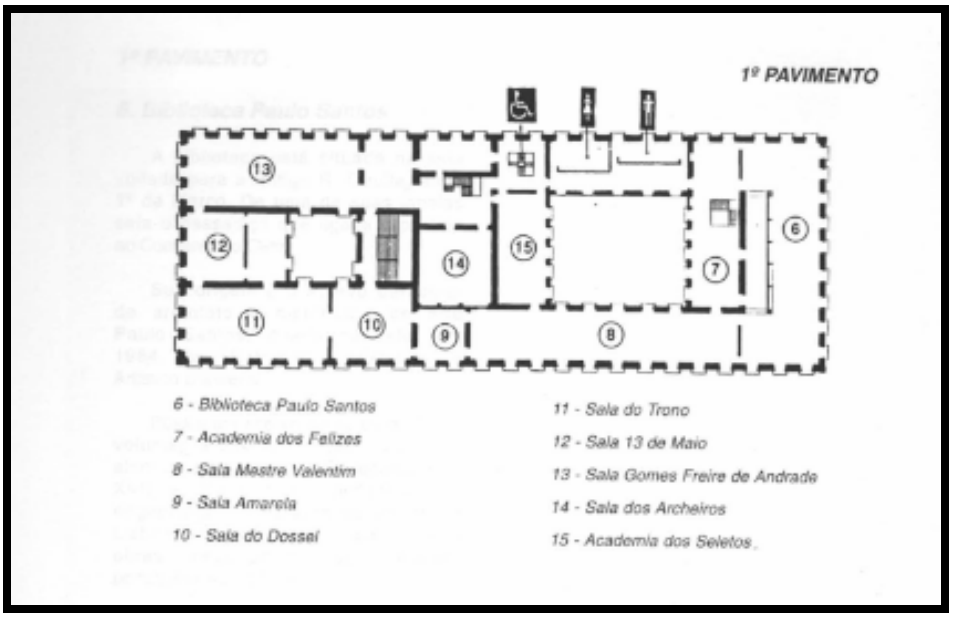


Figura 29: Planta do 1º Pavimento

Era notório o desejo de Paulo Sérgio Duarte de "dar à casa uma personalidade cultural.". Nesse sentido, a convergência desta proposta com um olhar sobre o mercado cultural nos anos 1980 — quando não havia muitos espaços disponíveis para mostras de extensão, conforme destacado no próprio relatório de atividades da Fundação —, pode ajudar a explicar a orientação das diretrizes a serem assumidas a partir da gestão do novo diretor-executivo.

Delineia-se, pouco a pouco, a configuração do novo Paço, fundamentado em regimentos internos que buscam formalizar as definições de uso do monumento que se

afirma, cada vez mais, como um centro cultural voltado a exposições de arte nacional e internacional. O protagonismo atribuído às mostras e a adoção gradual da linha de ocupação por exposições reformula e se afasta das propostas inicialmente pensadas, no início dos anos 1980, para o novo espaço cultural que se projetava para o Paço Imperial.

Assim, é possível perceber que a proposição de atribuir ao Paço uma personalidade de um centro cultural de arte, tal qual se configurou, converge com a noção de espaço de arte instaurada pelo Museu de Arte Moderna de Nova York na primeira metade do século XX. Segundo Martin Grossmann, professor titular da USP e diretor do IEA-USP, na apresentação do livro "No interior do cubo branco: a ideologia do espaço da arte", de Brian O'Doherty,

> No espaço de exposição asséptico e atemporal das galerias desse museu, a obra de arte é individualizada e apresentada em ambiente homogêneo que sublima as nuanças arquitetônicas do edifício. A obra assim se destaca como uma coisa em si mesma e também contracena com outros trabalhos de arte dispostos no mesmo ambiente, formando uma composição balanceada espacialmente (GROSSMANN apud O'DOHERY, 2002, p. 3).

O paradigma da exposição de arte e os limites impostos pela condição espacial da arte modernista, bem como a ideia de um "cubo branco" parecem se aproximar muito da concepção de espaço cultural presente nas narrativas em torno do Paço Imperial, como uma releitura, e enfatizam a importância de se questionar a reprodução de um ambiente sacralizado e distanciado simbolicamente de seu entorno, que reforçam antigas leituras acerca do monumento patrimonializado.

De acordo com Brian O'Doherty,

> A galeria ideal subtrai da obra de arte todos o indícios que interfiram no fato de que ela é "arte". A obra é isolada de tudo o que possa prejudicar sua apreciação de si mesma. [...] A galeria é construída de acordo com preceitos tão rigorosos quanto os da construção de uma igreja medieval. O mundo exterior não deve entrar, de modo que as janelas geralmente são lacradas. As paredes são pintadas de branco. O teto torna-se a fonte de luz. O chão de madeira é polido, para que você provoque estalidos austeros ao andar, ou acarpetado, para que você ande sem ruído. [...] Completa-se a transposição modernista da percepção, da vida, para os valores formais. [...] Sem sombras, branco, limpo artificial — o recinto é consagrado à tecnologia da estética (O'DOHERY, 2002, p. 3).

Os elementos descritos por O'Doherty se assemelham bastante com a estrutura implementada ao longo dos anos nas salas do Paço Imperial e enfatizam o fato desta adequação estar a serviço de um propósito claro e alinhado com o ideário que privilegia os

aspectos estéticos, seja da obra de arte ou da edificação monumental, ambas sendo colocadas em um lugar de intocabilidade.

Por outro lado, cabe destacar que os espaços que, como o Paço, abrigam obras artísticas e que se encontram, ao mesmo tempo (e paradoxalmente), abertos a todos e interditados à maioria das pessoas (BOURDIEU, 2007), revelam que ainda existe um abismo entre os discursos em torno da fruição desses locais e a prática. As desigualdades socio-econômicas ainda são latentes, uma vez que indivíduos pertencentes a classes sociais distintas e com diferentes graus de escolarização acessam esses objetos a partir de pontos diversos. A democratização do monumento, pretendida pelos agentes da SPHAN/Pró-Memória no ato da "devolução" do bem à comunidade, adquire, com isso, mais uma camada que torna ainda mais complexo o processo de reapropriação do Paço.

Segundo Pierre Bourdieu, a frequência nesse tipo de espaço aumenta, consideravelmente, à medida que o nível de instrução é mais elevado e corresponde a um modo de ser, quase exclusivo, das classes cultas.[351] A cultura não é um privilégio natural e sua apreensão depende que todos os indivíduos possuam os meios para se apropriar dela (e a ter essa "necessidade cultural", produto da educação). Sendo assim, a desigualdade no acesso à educação formal e informal, que contribui para a construção desse capital cultural, tem implicações diretas na maneira pela qual esses sujeitos acessam ou não esses objetos e lugares. Acessar espaços culturais e usufruir desses bens, portanto, são fatores de distinção social fundamentais para compreender a quem são direcionadas determinadas políticas culturais, na medida em que, na ausência de iniciativas que, efetivamente, promovam a democratização, somente se reproduz modelos estruturais de sociedade.

O caráter elitista atribuído, muitas vezes, ao Centro Cultural do Paço Imperial, nesse sentido, deve ser compreendido a partir dessas contradições entre o seu projeto, discurso e prática. Não se pode conceber, por isso, que o entendimento desse espaço desconsidere as inúmeras nuances entre rupturas e permanências que subsidiaram a sua institucionalização. O Paço que conquistou o status de unidade autônoma e se forjou centro cultural ao longo dos anos 1980 tem muito mais a dizer sobre a sociedade brasileira desse período e das políticas culturais da época, do que somente uma leitura sobre sua condição de patrimônio edificado tombado pode oferecer.

---

[351] Pierre Bourdieu faz um estudo a partir de uma pesquisa em museus da Europa na década de 1960, porém, ajuda a compreender algumas questões essenciais no que diz respeito ao acesso e fruição dos bens culturais no Brasil. Cf. BOURDIEU, Pierre. **O amor pela arte**: os museus de arte na Europa e seu público. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Porto Alegre: Zouk, 2007.

4.2 Propostas da nova gestão e a criação do Conselho Consultivo

As diretrizes estabelecidas pela gestão da Coordenadoria de Projetos Especiais, coordenada por Suetônio Soares Valença, pautaram a ocupação do Paço até meados de 1988. Em 1987, no entanto, o diretor-executivo do Paço, Paulo Sérgio Duarte, inicia o que chamou de uma "radical transformação" das atividades do espaço: com propostas de inauguração, em março de 1987, de uma loja de livros de arte e de tecidos nacionais; da instalação de uma cafeteria e de um sofisticado piano-bar, no segundo semestre; dentre outras. Sua intenção era de "agitar ali uma dinâmica cultural não apenas preocupada com a cultura expressiva do belo — 'a linha mais conservadora do campo das Belas Artes' — mas voltada à cultura material, como as atividades econômico-sociais de um país de Terceiro Mundo".[352] Não descartando, inclusive, a locação do pátio interno do prédio para festas e jantares, a preços de mercado, como fonte de recursos para shows, espetáculos teatrais e exposições.

Paulo Sérgio Duarte afirmava que sua proposta retomava o conceito de bem cultural do ex-secretário de Cultura Aloísio Magalhães:

> Quando um pescador paraense transporta sua carga artesanalmente pelo Amazonas, ele é portador de uma tecnologia patrimonial. Num país do Terceiro Mundo, a consolidação dessas tecnologias patrimoniais e a evidente preocupação dinâmica na economia cotidiana das populações mais pobres não são só questões sociais ou econômicas, mas também culturais. Com a criação da Pró-Memória, essas preocupações originárias do CNRC se diluíram na diversidade de sua atuação. Agora vêm numa outra conjuntura política e constitucional.[353]

Isto é, a preocupação com a consolidação do patrimônio e da garantia de sua dinâmica, como meio de perpetuá-lo e assimilá-lo à cultura. Ao dizer que sua proposta de uso se pautava no conceito de bem cultural de Aloísio Magalhães, Paulo Sérgio Duarte retomava a importância de se atentar para a cultura viva, a produção cultural contemporânea em movimento. Por esse motivo, recupera o projeto de se instituir no Paço um conselho consultivo — existente desde o período de "restauração" do prédio —, que pudesse acompanhar o cenário artístico-cultural e sugerir formas de ocupação e uso dos espaços.

Assim, em 13 de janeiro de 1987, o Paço Imperial ganha seu conselho consultivo. Presidido por Joaquim Falcão, presidente da Fundação Nacional Pró-Memória, o conselho seria integrado por dez membros além do diretor do Paço, membro nato, a saber: Luís

---

[352] Entrevista com Paulo Sérgio Duarte. In: Abertura do Paço. Prédio histórico abrigará manifestações populares de cultura. **Jornal do Brasil**, 8 jan. 1987.

[353] Abertura do Paço. Prédio histórico abrigará manifestações populares de cultura. **Jornal do Brasil**, 8 jan. 1987.

Buarque de Holanda, advogado e colecionador; Beno Suchodolsky, advogado e colecionador; Luís Villares, empresário, ex-presidente da Fundação Bienal de São Paulo; João Geraldo Piquet Carneiro, advogado; Everardo Carneiro, advogado; Virgílio Costa, artista plástico; Glauco Campello, arquiteto; Ricardo Amaral, empresário conhecido pela alcunha de "rei da noite carioca" por ser proprietário de uma das maiores casas noturnas do Rio de Janeiro à época; Mário Jorge Berard, diretor da Caixa Econômica Federal; e a única mulher, Marina Colassanti, escritora.[354]

Segundo o diretor-executivo do Paço, Paulo Sérgio Duarte,

> a função do conselho é traçar as grandes linhas de atuação e colaborar para sua viabilização. O regimento interno prevê algumas atividades principais: as grandes mostras, que tem sido realizadas; a ênfase às questões da cultura brasileira, com exposições, conferências e palestras; a programação sistemática de cinema e o plano de ocupação das lojas. Nelas serão vendidas edições dos diversos órgãos do Ministério da Cultura e edições raras e de arte, produtos artesanais e obras de arte em papel sem suporte, como serigrafias, desenhos.[355]

Para Glauco Campello, a importância do conselho se justifica pelo fato de ter alcance nacional, por ser constituído por pessoas do eixo Rio-São Paulo-Nordeste-Brasília. E que uma das principais questões é harmonizar sua utilização como centro cultural com a vocação natural de monumento tombado, provavelmente referindo-se à adequação das diversas atividades previstas com a realidade de um bem patrimonializado e suas limitações. Marina Colassanti, por sua vez, afirma ter aceitado o convite para integrar o grupo "porque dá prazer participar de uma coisa dinâmica, o Paço não é um museu parado, com apenas quadros dependurados nas paredes".[356]

Segundo Paulo Sérgio, a presença de conselheiros como Ricardo Amaral seria fundamental para sugerir eventos ao mesmo tempo culturais e lucrativos,[357] embora o empresário sequer conhecesse o monumento — conforme afirma em entrevista que ainda "não viu a mercadoria" e não poderia imaginar sua destinação.[358] Marina Colassanti, por sua vez, defendeu que seria "meio irresponsável delimitar uma área de atuação antes de uma primeira reunião com o grupo. O trabalho será coletivo. Não acho que o povo vá estragar o

---

[354] Paço instala Conselho Consultivo. **O Globo**, 13/01/1987. Em matéria no Jornal do Brasil a lista de conselheiros conta, ainda, com a artista plástica Fayga Ostrower. Cf. Ônibus afeta Paço Imperial. **Jornal do Brasil**, Cidade, 14/01/1987.

[355] Paço instala Conselho Consultivo. **O Globo**, 13/01/1987.

[356] Repercussão Nacional. O Globo, 13/01/1987.

[357] Entrevista com Paulo Sérgio Duarte. In: Abertura do Paço. Prédio histórico abrigará manifestações populares de cultura. Jornal do Brasil, 8 jan. 1987.

[358] Entrevista com Ricardo Amaral. In: Abertura do Paço. Prédio histórico abrigará manifestações populares de cultura. **Jornal do Brasil**, 8 jan. 1987.

prédio tombado. O povo não estraga, ele faz o patrimônio e deve usufruí-lo, porque o patrimônio é dele. O que vamos fazer é criar formas de torná-lo mais atraente".[359]



Figura 30: Presidente da Fundação Nacional Pró-Memória, Joaquim Falcão, presidiu a posse do Conselho[360]

A primeira reunião do conselho consultivo é realizada em 19 de fevereiro de 1987, com a presença de Saturnino Braga, prefeito do Rio de Janeiro; Joaquim Falcão, presidente da Fundação Nacional Pró-Memória; Flávio Ferreira, secretário municipal de Desenvolvimento Urbano; Glauco Campello, arquiteto; Paulo Sérgio Duarte, diretor-executivo do Paço; Ricardo Amaral, empresário; Gilberto Ferrez, historiador; Beno Suchodolski, advogado; Everardo Maciel, sub-chefe do Gabinete Civil da Presidência da República; Fayga Ostrower, artista plástica; Marina Colassanti, escritora; dentre outros. Dentre os assuntos discutidos, a questão do trânsito no entorno do Paço Imperial e a proposta de uma parceria com a Prefeitura do Rio, pela Secretaria de Educação, para viabilizar a ida de crianças ao Paço, além de sugestões sobre as exposições que ocupariam o espaço nos próximos meses.

A documentação pesquisada sobre o Paço do período da Fundação Nacional Pró-Memória, nos arquivos do IPHAN, não permitiu, entretanto, a recuperação de outras discussões e determinações resultantes das atividades do primeiro grupo que formou o Conselho Consultivo do Paço, o que se recuperou, porém, foi a partir do levantamento de periódicos da época realizado para a produção dos produtos da atividade supervisionada e que permitiram uma visão panorâmica do que foi executado.

---

[359] Abertura do Paço. Prédio histórico abrigará manifestações populares de cultura. **Jornal do Brasil**, 8 jan. 1987.

[360] Grupo diversificado para o Paço Imperial. **O Fluminense**, 14/01/1987.

É preciso destacar, contudo, que a formação do Conselho Consultivo composto por 10 membros, conforme determinação do regimento interno, contemplava nove membros homens e, apenas, uma mulher. Colecionadores, advogados, arquitetos, empresários e artistas plásticos que, em linha gerais, atuariam no assessoramento do diretor-executivo na elaboração da política de ações do Paço. Uma escolha de personalidades que, por si só, explicita e corrobora os valores e a visão de cultura que se pretendia fundamentar no novo espaço.

O grupo que é empossado no início de 1987 contribui para a construção da desejada "personalidade própria" do centro cultural a partir de 1988, quando o calendário que já estava previsto é finalizado. Em nota publicada no jornal Tribuna da Imprensa em agosto de 1988, cujo título, "Uma boa forma de acertar o Paço" enfatiza a ideia de normatizar as ações do local, afirma-se que

> a retomada do calendário acontece em grande estilo, atendendo o binômio do ineditismo e qualidade de padrão internacional que formam os critérios de avaliação da comissão de programação que desde junho examina as propostas do que será ou não levado nas dependências do Paço.[361]

Das ideias mencionadas por Paulo Sérgio Duarte, por ocasião da posse dos conselheiros, efetivamente, só foram implementadas a cafeteria, a loja do Paço[362] e o cinema, além da mudança na linha de ocupação que privilegiou a escolha de projetos de grandes exposições.

Assim, ao longo de sua gestão, isto é, de julho de 1986 a dezembro de 1990, foram realizados cerca de 107 projetos,[363] a saber: 21 projetos em 1986 (sete exposições, uma palestra, uma peça de teatro, quatro apresentações musicais, quatro mostras de cinema, um lançamento de disco, dois lançamentos de livro e uma performance); 31 projetos em 1987 (19 exposições, quatro peças de teatro, quatro apresentações musicais, uma mostra de cinema, um lançamento de livro e um espetáculo de dança); 23 projetos em 1988 (17 exposições, duas palestras, uma apresentação musical, dois lançamentos de livro e um simpósio); 22 projetos em 1989 (17 exposições, uma palestra, uma apresentação musical, dois lançamentos de livros

[361] Uma boa forma de acertar o Paço. **Tribuna da Imprensa**, 23/08/1988.

[362] Inaugurada em 24/06/1987, a Loja do Paço ofereceu um serviço de divulgação e comercialização da produção cultural brasileira. Cf. Paço Imperial abre loja de cultura. **Jornal do Brasil**, Cidade, 24/06/1987.

[363] Em virtude da documentação referente aos anos iniciais de atividade do Paço Imperial encontrarem-se dispersos em diferentes fundos nos Arquivos Noronha Santos (IPHAN/RJ), da Superintendência Regional do Rio de Janeiro e na Biblioteca Paulo Santos, este levantamento encontra-se em processo de elaboração. Os dados citados são resultado deste trabalho até o momento, produto da atividade supervisionada.

e um debate); e 10 projetos em 1990 (10 exposições). Nesse período, implementa-se, ainda, a cobrança de ingressos em alguns projetos.[364]

A diminuição do quantitativo de projetos realizados no período e a prevalência das exposições de arte[365] apontam para uma gradual concretização do redirecionamento e das mudanças propostas pelo então diretor-executivo do Paço. Por outro lado, em alguns casos, a redução do número de projetos se deve pela dificuldade na captação de recursos, como foi o caso da exposição "Centenário da Abolição", prevista para o ano de 1988 e que foi cancelada, causando um esvaziamento do espaço cultural. Nos periódicos da época, é possível identificar que em diferentes momentos a cobrança de valores para a entrada nas galerias foi um ponto a ser estudado, visto que o Paço era responsável, além da cessão do espaço, por toda a despesa de equipe técnica para montagem e desmontagem das exposições; em muitos casos, não contemplada nos patrocínios para a realização dos projetos.

Em 1988, segundo Paulo Sérgio Duarte, o Paço enfrentava dificuldades de conseguir a verba necessária para a climatização das salas e adequação aos padrões internacionais de conservação; e para a instalação de um circuito interno de TV, que diminuiria os gastos com empresas particulares de segurança. Ressaltando que tal condição impossibilitava os apreciadores de arte de verem ali algumas obras de importância, em virtude da ausência de condições físicas e estruturais adequadas.[366]

As exposições de Miró e Gaudí em 1988, por exemplo, encontraram muitos empecilhos para chegar ao Paço.

> A Funarj teve que desembolsar a quantia de 25 mil dólares para garantir as obras dos dois espanhóis no Paço Imperial. E isto, mesmo contando com o patrocínio da Fundação Miró e do Generalitat da Catalunha. Assim, apenas para se pagar, esta mostra, ao preço módico de Cz$300, precisa conquistar, em 25 dias de exibição, o montante de 27 mil espectadores.[367]

Por um certo período, o Paço recebeu propostas de ocupação diversas porque eram poucos os espaços disponíveis para exposições temporárias no Rio, com o Museu de Arte Moderna fechado e o Museu Nacional de Belas Artes em obras,[368] somando-se a isso, o

---

[364] A cobrança de ingressos é realidade em projetos específicos e por um período determinado, conforme foi possível identificar a partir do levantamento realizado em periódicos da época para o produto da atividade supervisionada.

[365] Tal conclusão, no entanto, não corresponde diretamente a um declínio no número de projetos executados, e sim a uma modificação da dimensão destes, uma vez que o espaço começa a receber um quantitativo maior de exposições de grande porte (ocupando, consequentemente, um maior número de salas expositivas).

[366] Uma boa forma de acertar o Paço. **Tribuna da Imprensa**, 23/08/1988.

[367] MARTINS, Marília. Visitantes do Paço. **Jornal do Brasil**, 19/09/1988.

[368] Uma boa forma de acertar o Paço. **Tribuna da Imprensa**, 23/08/1988.

fato do prédio ter uma localização privilegiada e central na cidade. Mas, a longo prazo, as impossibilidades trazidas pela dificuldade de se conseguir verba para a execução dos projetos, aliadas aos altos custos de realização de mostras de grande porte, pode ter impactado no desenvolvimento das ações do centro cultural, levando ao quantitativo de 10 projetos expositivos no ano de 1990.[369]

4.3 O Paço Imperial em fins dos anos 1980

O Paço Imperial do final dos anos 1980 já apresentava características bem diversas do projeto de centro cultural apresentado no início da década pelo grupo da SPHAN/Pró-Memória, responsável pela sua recuperação e adaptação aos novos usos. De espaço cultural múltiplo e repleto de potencialidades, o Paço se define, cada vez mais, como um centro cultural de arte, sobretudo, contemporânea, cujas diretrizes de ocupação evitam intervenções físicas e limitam as iniciativas que comprometessem visualmente o aspecto estético do monumento. É curioso, porém, que esse movimento tenha sido feito com a participação de um personagem ligado ao campo da cultura e das artes, e que assumiu, paralelamente, a coordenadoria do Programa Nacional de Referência Cultural da Pró-Memória e a diretoria executiva do Paço Imperial, afirmando que pretendia dar continuidade às ideias propagadas por Aloísio Magalhães.

Na época em que Paulo Sérgio Duarte tomou posse, em 1986, Joaquim Falcão, presidente da Pró-Memória, já manifestava o interesse em transformar o Paço Imperial em um centro de referência cultural, unidade de difusão de indicadores culturais e de exposição de resultados de trabalho e de discussões de ideias sobre o processo cultural e identidade brasileiros. Paulo Sérgio, inclusive, afirma que o Paço atuaria em colaboração com a Coordenadoria de Difusão do Programa Nacional de Referência Cultural no que diz respeito às ações de "devolução", "dentro de um contexto de potencial amplificação tanto no que concerne a atinências geográficas e temporais, quanto a particulares elementos de cultura".[370] Entendendo o conceito de "devolução" como "a reintegração aos contextos que os

[369] Nesta época surgem, também, novos espaços culturais no Centro do Rio que podem ter colaborado para esse esvaziamento.
[370] Ofício SEM. APRDC n. 16/86, de 28/10/1986.

possibilitaram, tanto os seus resultados materiais quanto os reflexivos e cuidando para que a participação nestes benefícios seja ampla e democrática".[371]

Este conceito de "devolução" foi cunhado pelo Centro Nacional de Referência Cultural e considerava que

> é fato incontestável que a população brasileira, em sua quase totalidade, não tem garantida a posse dos bens culturais que lhe pertencem, e que sua potencialidade de criação e produção individual e/ou coletiva, a partir das especificidades culturais que lhe são próprias, vê-se continuamente ameaçada ou inferiorizada por valores e interesses ditos de maior importância ou pertinência. [...] Em se tratando do universo da cultura, a devolução só tem sentido à medida que se realize como uma forma de comunicação e, assim, deve adequar-se à complexa realidade cultural com que trata, tornando-se um instrumento suficientemente flexível para se colocar a serviço do estímulo à produção e à preservação do bem cultural brasileiro e de nosso sistema de identidade. [...] Quem está próximo do bem cultural ou o produz é, verdadeiramente, quem deve cultivá-lo. É preciso, nesse sentido, criar canais adequados e formas que assegurem a efetiva participação da comunidade nas decisões en o trato dos problemas afetos à produção e preservação cultural, de modo a favorecer a preconizada distribuição de responsabilidades entre todos os envolvidos (organismos de poder público, entidades privadas e, sobretudo, a população).[372]

O Paço seria, portanto, um centro irradiador das manifestações culturais brasileiras, ou, como foi definido, uma "caixa de ressonância do Programa",[373] possibilitando ao público visitante o conhecimento amplo acerca dessas produções, conciliando a "dinâmica cultural" e o "patrimônio preservado", o que, em certa medida, cumpriria uma das linhas de atuação do Centro Nacional de Referência Cultural recuperadas no Programa Nacional de Referência Cultural em fins dos anos 1980.

A maioria das ideias do CNRC, segundo Paulo Sérgio Duarte, encontravam-se diluídas nos discursos da instituição, mas, dificilmente eram incorporadas numa prática.[374] Essa proposta foi uma delas. A ideia de tornar o Centro Cultural do Paço Imperial um espaço de difusão não teve força diante das articulações que intentavam transformar o local em galeria de exposições temporárias nacionais e internacionais. Indica, que por trás desse

---

[371] ALVIM, Clara de Andrade. Ofício em resposta à Joaquim Falcão, presidente da Fundação Nacional Pró-Memória. Brasília, 13/05/1986. Arquivo intermediário da Fundação Nacional Pró-Memória. Arquivo Central do IPHAN.

[372] ALVIM, Clara de Andrade. Ofício em resposta à Joaquim Falcão, presidente da Fundação Nacional Pró-Memória. Brasília, 13/05/1986. Arquivo intermediário da Fundação Nacional Pró-Memória. Arquivo Central do IPHAN.

[373] Sugestões dos grupos para elaboração do documento final do 1º Seminário da Área da Referência Cultural. Cidade de Vila Boa de Goiás, out./nov., 1986.

[374] DUARTE, Paulo Sérgio. Minha colaboração. 1º Seminário do Programa Nacional de Referência da Dinâmica Cultural. Brasilia, 28/10/1986.

movimento, há uma derrota do Centro Nacional de Referência Cultural[375] que, embora não seja objeto principal deste estudo, é um elemento importante que compõe esse contexto. Há uma nova disputa pelos usos do Paço e por sua visibilidade que, nesse momento, parece opor o grupo ligado ao CNRC e o novo Conselho Consultivo do Paço Imperial.[376]

Ao longo dos anos iniciais de sua trajetória até fins da década de 1980, o Paço Imperial foi objeto de inúmeros embates, em sua maioria não ditos, que permearam todos os processos desde sua retomada até a reabertura ao público. Os variados projetos do que viria a ser o novo centro cultural foram dando espaço a uma proposta menos popular e democrática, conforme já apresentado em apontamentos anteriores.

Sua constituição foi, em si, um caminho complexo, revelador de contradições estruturais que, embora tenham sido alvo de discussões, não foram superadas em sua prática. O projeto do Paço como centro de artes, por sua vez, ao vislumbrar o mesmo patamar de iniciativas internacionais, se deparou com dificuldades financeiras e burocráticas que escancararam as limitações da unidade autônoma. Limites que lhe impuseram, em alguma medida, a condição de iniciativa da área cultural brasileira, subjugada, por esse motivo, às particularidades dessa realidade.

Dos projetos planejados por Paulo Sérgio Duarte para o Paço Imperial, muitos não foram executados devido a essas limitações e, possivelmente, nem mesmo seu projeto ideal de centro cultural tenha se efetivado de forma plena. O diretor-executivo é exonerado do cargo em 21 de dezembro de 1990, por meio da Portaria n. 238,[377] mas deixa um legado que marca o redirecionamento das atividades do centro cultural e que, posteriormente, adquire ainda mais força.

Para além de um bem patrimonializado em fins dos anos 1930, o Paço se mostra, por isso, objeto vivo, sobre o qual se construiu diferentes narrativas que buscaram, ao longo de todos esses anos, estabelecer visões distintas e defender projetos concorrentes. Engana-se, portanto, quem o lê a partir de um ponto de partida, apenas. O Paço é patrimônio em processo, narrativas em construção e, sobretudo, monumento e história em disputa.

Sua repatrimonialização e revocacionamento nos anos 1980 não significaram uma efetiva transformação de seus valores simbólicos. Expuseram, pelo contrário, as limitações de

---

[375] Após a reestruturação e incorporação ao SPHAN/Pró-Memória, Programa Nacional de Referência Cultural.

[376] As relações entre o Paço Imperial e o Centro Nacional de Referência Cultural em meados dos anos 1980 são um tema a ser estudado e que, em virtude da dificuldade de acesso às fontes, não foi contemplado neste trabalho.

[377] Paulo Sérgio é substituído pelo arquiteto Estélio Emanuel de Alencar, responsável por acervos culturais na Prefeitura do Rio. Estélio permanece no cargo pouco tempo, sendo substituído por Solange Pamplona. Cf. No Paço, **O Globo**, 17/01/1991.

um processo que se desenvolveu mobilizando um discurso democrático, mas sustentando, nas entrelinhas, práticas não alinhadas a esse ideário. A "Casa-Grande da Cultura" institucionalizada apresenta o desafio de se pensar constantemente a quem se direciona, efetivamente, a sua fruição, quais culturas são acionadas para integrá-la e quem são os sujeitos que legitimam essas escolhas. O processo de construção do Paço, enquanto patrimônio cultural, portanto, deve ser entendido como algo contínuo e, diante disto, cabe questionar os caminhos tomados pela unidade nos anos que seguiram até os dias de hoje com o objetivo de entender a instituição em sua dimensão discursiva e propor ações que, de fato, signifiquem em práticas participativas e socialmente integradoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender o patrimônio edificado como uma construção contínua é a conclusão que se coloca a partir dos estudos desenvolvidos nessa pesquisa. A análise da trajetória do Paço Imperial como um bem patrimonializado em fins dos anos 1930, sendo ressignificado ao longo dos anos 1980, demonstra que o patrimônio é constituído em diferentes aspectos e que essa ação é um processo. Não se encerra, por isso, no registro de seu tombamento, mas é elaborado no dia a dia, a partir da troca com seus usuários, na apropriação social, na atribuição de valores pelos agentes estatais e comunidade, no revocacionamento ou redirecionamento de seus usos. O ato de patrimonializar, de criar narrativas sobre o bem é ação que não tem um fim em si. É luta, embate, tensão, conflito. Não há nada harmonioso.

Ao desconfiar de uma narrativa hegemônica sobre o tema e buscar outras fontes, inúmeros elementos foram surgindo, demonstrando que havia outras questões transversais que atravessavam o objeto de pesquisa, indicando subtemas tão relevantes quanto o principal, mas que, pela dimensão do trabalho e o tempo disponível, não puderam ser devidamente estudados. Para esses casos, tentei apontar caminhos possíveis e temáticas a serem pesquisadas no futuro. Ficam em aberto, nesse sentido, as análises referentes à relação do Paço Imperial com o Centro Nacional de Referência Cultural (do qual Paulo Sérgio Duarte foi coordenador em fins dos anos 1980 após a sua incorporação pela SPHAN/Pró-Memória) e das propostas de uso do Paço que estavam articuladas com o CNRC; ao apagamento da memória do Império; à repercussão da reabertura do Paço Imperial e o papel da imprensa da época na sustentação do discurso dos técnicos da SPHAN/Pró-Memória; e, por último, o debate mais teórico acerca da relação do monumento com a arte contemporânea e o enobrecimento da edificação (com a mudança no projeto de ocupação inicial), o público fruidor que não é visto como o detentor do bem, e sim um sujeito que precisa ser educado para ocupá-lo.

Inicialmente pensado como uma análise do Paço Imperial como centro cultural dos anos 1980, este trabalho tornou-se, de certa forma, um mapeamento dos discursos não ditos, das narrativas invisibilizadas sobre o monumento e dos projetos que não tiveram força para se impor e que não figuram nos debates mais comuns acerca do assunto. Ainda que não seja possível responder a todas as questões que surgiram ao longo da pesquisa, este trabalho

busca cumprir com o objetivo de expor as tensões desse período transitório na política e na cultura que deixou marcas significativas na história da edificação.

O projeto de Paço Imperial pensado no início dos anos 1980 não é o mesmo que se institui ao final da década. Esse percurso de dez anos é marcado por disputas no campo simbólico, político e nas práticas de preservação. Nesse sentido, a ideia de um bem cultural harmonioso forjada pelos sujeitos que pensaram a sua constituição parece utópica ou até mesmo superficial. Não dá conta da complexidade que existe nesse processo — ou talvez nem queira contemplá-lo em sua totalidade.

O próprio projeto de recuperação do prédio é um bom exemplo disso. A dita "restauração" é realizada em poucos anos, deixando para trás a proposta de uma investigação arqueológica da área incompleta. Prevaleceu o desejo do grupo de arquitetos que se sobrepôs não só às arqueólogas, como também, às proposições dos historiadores. A estética do barroco, afinal, venceu mais uma vez.

No que diz respeito ao seu uso, as iniciativas de ocupação por projetos artísticos e culturais diversos é substituída gradativamente por uma proposta de criação de um centro cultural voltado para as artes plásticas, em especial, contemporâneas. Com a criação do conselho consultivo, essa diretriz adquire mais força e outros projetos, como a instituição de um centro de informações para divulgação e disseminação das políticas de preservação e de formação de recursos humanos é abandonada no percurso.

A tão anunciada participação social no ato de construção do centro cultural nunca foi alcançada. A devolução do bem à comunidade não se efetivou. O diálogo permaneceu travado entre os mesmos grupos sociais, formados por intelectuais, autoridades, representantes estatais etc. O povo, os cidadãos, os transeuntes da Praça XV continuam transitando no seu entorno, em um vai e vem apressado, assumindo uma postura de espectador, de quem observa, de longe, o objeto de arte. Talvez por falta de um sentimento de pertencimento a esta "Casa-Grande", esses sujeitos permaneçam apenas do lado de fora.

Diante do exposto, cabe pensar as ações e os meios para que a fruição do bem seja garantida a todos e, sobretudo, àqueles que não detém o capital cultural exigido para a apreensão dos signos típicos de um espaço cultural. Se o patrimônio é um bem da comunidade, a ela deve ser direcionado, criando-se instrumentos para tal. É preciso adotar uma postura crítica e responsável, nesse sentido, para compreender que o patrimônio é um campo de disputas simbólico que se constitui constantemente; devemos assegurar que ele cumpra seu papel social. Olhar para o passado do Paço Imperial é um exercício que leva a apreender o monumento a partir de uma perspectiva diversa, que objetiva identificar

continuamente quais os elementos permanecem impossibilitando a vivência do bem de forma efetivamente democrática.

Este trabalho, portanto, buscou analisar a trajetória do Centro Cultural do Paço Imperial ressaltando os embates em torno de sua elaboração enquanto projeto, com o intuito de colaborar para o registro de sua memória institucional. E visa, com isso, contribuir para a compreensão crítica de suas práticas nos dias atuais.

REFERÊNCIAS

1º Regimento Interno do Paço Imperial. Determinação n. 228, de 28 de novembro de 1986.

A casa-grande da cultura é devolvida à cidade. Revista Fatos, 24 mar. 1985. Arquivo Técnico Administrativo, Inventário, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

A restauração do Paço Imperial. **Jornal do Commercio**, 24 nov. 1982.

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. Petrópolis: Editora Vozes, 1984.

ALVIM, Clara de Andrade. Ofício em resposta à Joaquim Falcão, presidente da Fundação Nacional Pró-Memória. Brasília, 13/05/1986. Arquivo intermediário da Fundação Nacional Pró-Memória. Arquivo Central do IPHAN.

ANGÉLICA, Joana. Ludwig recebe hoje o Paço da Cidade, que será reformado junto com a Praça 15. **O Globo**, 19 de março de 1982.

Ariús, Campina Grande, v. 19, n.1, pp. 06-30, jan./jun. 2013.

Arquivo Técnico Administrativo, Inventário, Paço Imperial. Caixa 33, pasta 02/01. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

Arquivo técnico-administrativo, Inventário, Paço Imperial, caixa 32, pasta 01/01. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

Arquivo técnico-administrativo, Inventário, Paço Imperial, caixa 34, pasta 01/01. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

Artes no Paço da Cidade: o público comparece e curte. **O Globo**, 2º Caderno, 08/06/1985.

Ata da 103a. Reunião do Conselho Consultivo do SPHAN. Arquivo Técnico Administrativo, Inventário, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

Ata da 1ª reunião da Comissão para proceder a estudos específicos visando a proposição de critérios de agenciamento da área de entorno do antigo Paço da Cidade e da Praça XV de Novembro, 16 mar. 1982.

Ata da 3ª reunião da Comissão para proceder a estudos específicos visando a proposição de critérios de agenciamento da área de entorno do antigo Paço da Cidade e da Praça XV de Novembro, 29 mar. 1982. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

BANDEIRA, Júlio. Arqueólogos fazem primeira escavação no centro da cidade. **Jornal do Brasil**, 1º caderno, 11 de setembro de 1983.

BANDEIRA, Julio. Paço terá novamente seu pátio interno. **Jornal do Brasil**, 1º caderno, 15 mar. 1983.

Bem cultural é fator de desenvolvimento. Entrevista com Aloísio Magalhães publicada no Boletim IPHAN 4, jan/fev 1980, p. 11-12 apud LEITE, João de Souza (org.). **Bens culturais do Brasil**: um desenho projetivo para a nação. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017.

BERLINCK, Deborah. Formas originais e um centro cultural para a Praça 15. **O Globo**, 31 de julho de 1983, Rio.

BERLINCK, Deborah. Patrimônio histórico recupera o Paço Imperial. Jornal **O Globo**, Grande Rio, p. 25, 31 jul. 1983.

Boletim do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 0, 1979, p. 2. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Boletim_0.pdf>. Acesso em 05/01/2020.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre, RS: Zouk, 2017.

_____. **O amor pela arte**: os museus de arte na Europa e seu público. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BRANDI, Cesare. **Teoria da restauração**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

BRASIL. Decreto nº 84.198, de 13 de novembro de 1979. Cria, na estrutura do Ministério da Educação e Cultura, a Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, por transformação do Instituto Histórico e Artístico Nacional, e dá outras providências. Brasília/DF: 1979.

BRASIL. Lei n. 6.757, de 17 de dezembro de 1979. Autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Nacional Pró-Memória e dá outras providências. Brasília/DF: 1979.

Brasil. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria-Geral. III Plano setorial de educação, cultura e desporto; 1980-1985. Brasil: MEC/DDD, 1980. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000657.pdf>. Acesso em: 12/07/1986.

CALABRE, Lia. Políticas culturais no Brasil: balanço e perspectivas. In: **Encontro de Estudos Multidisciplinares em cultura (Enecult)**, 3., 23 a 25 de maio de 2007, Salvador. Anais...Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBA, 2007, p. 1-18. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2007/LiaCalabre.pdf>. Acesso em: 23/09/2020.

CALABRE, Lia**. Políticas culturais no Brasil**: dos anos 1930 ao século XXI. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

CALMON, Pedro. Paço Imperial: história e ressurreição de um palácio. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 134-138, 1984.

CAMARGO, Maria Silvia. A democracia no Paço. **Jornal do Brasil**, Revista Domingo, 13/10/1985.

CAMPELLO, Glauco. A restauração do Paço: revendo 240 anos de transformações. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 20, 1984, p. 139-151.

_____. Apresentação. **Patrimônio na visão da 6ª Regional**. Rio de Janeiro: SPHAN/Pró-Memória/6ª Diretoria Regional, 1985.

_____. Crescimento urbano e preservação. **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, n. 29, mar/abr., 1984.

_____. Entrevista concedida à Alessandra Schimite. Rio de Janeiro, 30 abr. 2018.

_____. Glauco Campello. **Cadernos de Arquitetura**. São Paulo: ECidade, 2015.

Carta de Veneza, mai. 1984. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>. Acesso em: 15/11/2018.

CARVALHO, Maria Luiza de. Glauco Campello no IPHAN. **Revista Módulo Arquitetura**, edição 67, 1981.

CAVALCANTI, Lauro (org.). **Paço Imperial**. Rio de Janeiro: 2005.

Cerimônia marca a devolução do Paço da Cidade. **O Globo**, 5 de março de 1982, Cultura, p. 27.

CHAUÍ, Marilena**. Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CHAVES, Sandra. Prédio sofre reforma histórica. **Jornal do Brasil**, 12 jun. 1983.

CHOAY, Françoise. Sept propositions sur le concept d'authenticité et son usage dans les pratiques du patrimoine historique". In: UNESCO. **Nara Conference on Authenticity**. Paris: Unesco, 1995, pp. 101-120.

CHUVA, Márcia Regina Romero. **Os arquitetos da memória**: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2017.

_____; LAVINAS, Laís Villela. O Programa de Cidades Históricas (PCH) no âmbito das políticas culturais dos anos 1970: cultura, planejamento e nacional desenvolvimentismo. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, n. ser. V.24, n.1, p.75-98, jan-abr, 2016.

_____. O modernismo nas restaurações do SPHAN: modernidade, universalidade, brasilidade. **Revista IEB**, n. 55, 2012 mar./set., pp. 89-107.

Cirurgia reparadora, uma restauração completa devolve ao Paço Imperial do Rio de Janeiro a sua face original. **Revista Veja**, 6 mar. 1985.

Coluna de Carlos Swann. O futuro do Paço. **O Globo**, 11 de novembro de 1984, O País, p. 10.

Comunicado Interno n. 31, de 30 ago. 1984. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

Comunicado interno n. 418/87, de 03/07/1987.

Conselho Consultivo da SPHAN aprova o projeto de restauração do Paço (RJ). **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, 26, set/out, 1983.

Conselho Consultivo. **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, n. 33, nov/dez., 1984, p. 20.

Conselho veta museu no Paço. **O Globo**, 26 de setembro de 1980, Rio, p. 13.

Da chegada da família real à Lei Áurea da Princesa Isabel. Jornal **O Globo**, 27 fev. 1975, p. 27.

Nota Jornal do Brasil, 11 out. 1975. Arquivo Técnico Administrativo, Inventário, Paço Imperial, caixa 32, pasta 03/01. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

De volta à velha forma, o Paço reabre suas portas, **O Globo**, 06/03/1985.

Debaixo do soalho, na velha casa, a fundição. **O Globo**, 13 de novembro de 1983, Economia, p. 36.

Decreto n. 81.454, de 17 de março de 1978. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-81454-17-marco-1978-430536-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 25/12/2019.

Depoimento de Glauco Campello. **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, n. 17, mar/abr, 1982.

Determinação n. 226, de 28 de novembro de 1986.

Determinação n. 43, 09 mar. 1982. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

Determinação n. 97, de 23 de julho de 1984. Arquivo Administrativo, Inventário, Fundação Nacional Pró-Memória. Data: 26/07/1984.

Discurso da Ministra da Educação e Cultura, Esther de Figueiredo Ferraz durante a solenidade de abertura do Paço Imperial, 06/03/1985. Arquivo da Academia Brasileira de Letras/Marcos Vinícios Vilaça.

Discurso de abertura de Joaquim Falcão, Presidente da Fundação Nacional Pró-Memória na solenidade de posse de Paulo Sérgio Duarte ao cargo de Diretor-executivo do Paço Imperial, em 5 de agosto de 1986.

DUARTE, Paulo Sérgio. Minha colaboração. **1º Seminário do Programa Nacional de Referência da Dinâmica Cultural**. Brasília, 28/10/1986.

ECT entrega o Paço da Cidade à Pró-Memória para restauração. **O Globo**, Grande Rio, 20 de março de 1982.

Entregue ao povo o novo Paço da Cidade, **O Dia**, 07/03/1985.

Entrevista com Glauco Campello. Paço da Cidade. Revitalização total da praça histórica. **Revista Bolsa**, 15/04/1985, pp-28-29.

Entrevista com Glauco Campello. Sphan conclui restauração do prédio do Paço Imperial. Jornal **O Globo**, Grande Rio, 28 fev. 1985.

Entrevista com Paulo Sérgio Duarte. In: Abertura do Paço. Prédio histórico abrigará manifestações populares de cultura. **Jornal do Brasil**, 8 jan. 1987.

Entrevista com Ricardo Amaral. In: Abertura do Paço. Prédio histórico abrigará manifestações populares de cultura**. Jornal do Brasil**, 8 jan. 1987.

Entrevista com Suetônio Soares Valença. **Módulo Brasil Arquitetura**, Ano 1985, Edição 87.

Entrevista de Aloísio Magalhães concedida a Roberto Pontual, publicada no Jornal do Brasil, Caderno B, em 5 de janeiro de 1981, capa apud LEITE, João de Souza (org.). **Bens culturais do Brasil**: um desenho projetivo para a nação. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017.

Entrevista de Aloísio Magalhães, presidente do SPHAN/Pró-Memória. O Paço sai do limpo. **Revista Isto É**, 24/03/1982, p. 38.

Entrevista de Glauco Campello, diretor da 6ª Diretoria Regional da SPHAN. Paço da Cidade recebeu visita de 3 mil 500 pessoas em uma semana. **Jornal do Brasil**, 16/03/1985.

Entrevista de Paulo Sérgio Duarte durante cerimônia de posse no cargo de diretor-executivo do Paço Imperial, em 5 de agosto de 1986.

Entrevista de Paulo Sérgio Duarte in Celso Furtado visita Fundação Pró-Memória. **Jornal do Brasil**, Cidade, 06/08/1986, 1º Caderno, p. 8.

FALCÃO, Joaquim. Política de preservação e democracia. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 20, 1980, p. 49.

FERREZ, Gilberto. **O Paço da cidade do Rio de Janeiro**. MEC - Secretaria da Cultura. SPHAN/Pró-Memória. Rio de Janeiro, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.

_____. **O Paço da Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.

Filosofia da restauração do Paço. **Boletim SPHAN-Pró-Memória**, n. 24, mai/jun, 1983, p.2.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Minc - IPHAN, 2005.

FONSECA, Maria Cecília. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. pp. 576-76.

Formas originais e um centro cultural para a Praça 15. Jornal **O Globo**, Rio, 31 jul. 1983, p. 25.

FREITAS, Rosana. A praça XV em tempo de reforma. Ademi, jun. 1982. Arquivo Técnico Administrativo, Série obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

Fundação Nacional Pró-Memória. Ofício n. 061, de 15 de fevereiro de 1982.

Fundação Nacional Pró-Memória. Ofício n. 199/1980, de 23 de outubro de 1980.

GONÇALVES, Cristiane Souza. Autenticidade. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2ª ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete).

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2007.

_____. **A retórica da perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, IPHAN, 1996.

_____. Monumentalidade e cotidiano: os patrimônios culturais como gênero de discurso. In: OLIVEIRA, Lucia Lipp (org.). **Cidade**: História e desafios. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.

_____. O mal-estar no patrimônio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 28, nº 220 55, p. 211-228, janeiro-junho 2015.

GREENBLATT, Stephen. "Ressonance and wonder". In: KARP, Ivan & LAVINE, Steven D. (Eds.). **Exhibiting cultures**: the poetics and politics of museums display. Washington: Smithsonian Institution Press, 1991.

Grupo diversificado para o Paço Imperial. **O Fluminense**, 14/01/1987.

Informação n. 139/84. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

Informação n. 35/1981, 06 abr. 1981. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

Informação n.99, 01 ago. 1980. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

Iniciadas as obras de restauração do Paço da Cidade, no Rio. **Boletim SPHAN/Pró-Memória** n. 21, nov/dez, 1982.

Jornal A Crítica, Manaus — AM — 19/07/1979.

Jornal do Brasil, Informe Rio, 3 fev. 1984.

Jornal **O Globo**, 15 jan. 1982.

ROELS JÚNIOR, Reynaldo. Tremores no Paço Imperial. **Jornal do Brasil**, Caderno B, 18/02/1988, p. 2.

KAPLAN, Sheila. De volta à velha forma, o Paço reabre suas portas. **Jornal O Globo**, Segundo Caderno, 3 mar. 1985.

KÜHL, Beatriz. Mugayar. Notas sobre a Carta de Veneza. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v. 18, n. 2, p. 287-320, dez. 2010. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em: 04/10/2020.

LAVINAS, Laís Villela. Aloísio Magalhães e a Ditadura: desenvolvimento e legitimação. In: **Anais do Encontro de História Oral**. 2012. Disponível em: <https://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1340064051_ARQUIVO_corrigido.pdf>. Acesso em 25/12/2019.

_____. **Um animal político na cultura brasileira**: Aloísio Magalhães e o campo do Patrimônio Cultural no Brasil (anos 1966-1982). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

Ludwig vem ao Rio ver sua cultura. **Jornal do Brasil**, 3 de marco de 1982, 1º caderno, p. 7.

LYRA, Corrêa Cyro. O novo Paço: uma obra para debates. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 20, 1984.

LYRA, Cyro Lyra. Preservação do patrimônio edificado: a questão do uso. Brasília, DF: IPHAN, 2016.

Magalhães critica inércia estadual. **Jornal do Brasil**, 10 de fevereiro de 1981, 1º caderno, p. 8.

MAGALHÃES, Aline Montenegro (Org.). **90 anos do Museu Histórico Nacional**: em debate. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2013.

MAGALHÃES, Aloísio. As duas vertentes do bem cultural apud LEITE, João de Souza (org.). **Bens culturais do Brasil**: um desenho projetivo para a nação. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017.

_____. **Bens culturais**: um desenho projetivo para a nação. Organizado por João de Souza Leite. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017.

_____. **E Triunfo?**: a questão dos bens culturais no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: Fundação Pró-Memória, 1985.

Marcos Vinícios Vilaça. Verbete. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/vilaca-marcos>. Acesso em: 18/11/2018.

MARTINS, Marília. Visitantes do Paço. **Jornal do Brasil**, 19/09/1988.

MEC. **Proteção e revitalização do patrimônio cultural no Brasil**: uma trajetória. Brasília, Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Fundação Pró-Memória, n. 31, 1980.

MENDES, Adriana Gonçalves dos Santos. **Área Central da Praça XV de Novembro**: O papel do Estado na preservação de um sítio histórico urbano (1938- 1990). Dissertação de Mestrado (Arquitetura). Rio de Janeiro: UFRJ/ FAU, 2012.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. Conferência Magna. **I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural**. I vol.1 In: IPHAN. I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, Ouro Preto/MG, 2009.

MICELI, Sérgio (org.). **Estado e Cultura no Brasil**. São Paulo: Difel, 1984.

Ministro da Educação encerra visita ao Rio. **Jornal dos Sports**, 20 de março de 1982, p. 12.

MOTTA, Lia (org.). **Um panorama do campo da preservação do patrimônio cultural**. Rio de Janeiro: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015.

Museu do Paço terá carta de Caminha. **Última Hora**, ano 1984, edição 11404.

NASCIMENTO, Flávia Brito do. A praça XV do Rio de Janeiro como patrimônio cultural: história e materialidade em disputa. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, n.14, 2018.

_____. **Corredor Cultural do Rio de Janeiro**: debates e combates pelo patrimônio cultural urbano nos anos 1970. São Paulo, Unesp, v. 14, n. 2, julho-dezembro, 2018.

_____. Em busca de novos documentos: cidade, história e fontes de pesquisa na prática do IPHAN dos anos 1980. **III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**. Arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva. São Paulo, 2014, pp. 1-11.

_____. **Usos culturais no Rio de Janeiro**: a implementação do Corredor Cultural e o papel do cotidiano e dos equipamentos culturais. 2019. No prelo.

No Paço, **O Globo**, 17/01/1991.

O incômodo elitismo cultural. Entrevista de Aloísio Magalhães concedida a Oswaldo Mendes, publicada no jornal Folha de São Paulo, Ilustrada, 27 de outubro de 1981, p, 27 apud LEITE, João de Souza (org.). **Bens culturais do Brasil**: um desenho projetivo para a nação. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017.

O Paço da Cidade retorna ao seu brilho barroco, **Jornal do Brasil**, 06/03/1985.

O Paço da cidade, Rio. **Boletim do SPHAN/Pró-Memória**, n. 24, mai/jun, 1983.

O Paço sai do limbo. **Revista Isto É**, 24 mar. 1982.

O Paço volta aos bons tempos. **Folha de São Paulo**, 23 nov. 1982.

O'DOHERY, Brian. **No interior do cubo branco**: a ideologia do espaço da arte. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Ofício 035/1980, 06 jul. 1980. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

Ofício do diretor da 6ª Diretoria Regional da SPHAN, Glauco Campello, ao Subsecretário da SPHAN, Irapoan Cavalcanti de Lyra, sobre o início das obras de restauração do Paço. Ofício Gabinete n. 526/82, 5 nov. 1982. Pasta Arqueologia, Arquivo da Superintendência Regional do IPHAN, Rio de Janeiro.

Ofício Gabinete n. 526/82, 5 nov. 1982. Pasta Arqueologia, Arquivo da Superintendência Regional do IPHAN, Rio de Janeiro.

Ofício Gabinete n. 557/84, 24 set. 1984. Pasta arqueologia. Arquivo da Superintendência Regional do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Ofício n. 137/84/SEC-RJ, 9 jul. 1984. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

Ofício n. 1469/1980, 23 jun. 1980. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central, Rio de Janeiro.

Ofício n. 1599/76-GM, 7 out. 1976. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

Ofício n. 176/75. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

Ofício n. 231/1987.

Ofício n. 244/81-SEC/MEC/SPHAN, de 25 de novembro de 1981.

Ofício s/n, 4 jan. 1984. Arquivo Técnico Administrativo, Inventário, Paço Imperial, caixa 32, pasta 02/02. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

Ofício SEM. APRDC n. 16/86, de 28/10/1986.

Ofício SPHAN n. 1908/1980, 04 set. 1980. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central, Rio de Janeiro.

Ofício SPHAN n. 2066/80. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Luiz Antonio Chaves. **O patrimônio para além da Pedra e Cal**: um estudo sobre usos e apropriações da cidade. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Data: 28/07/2007.

Ônibus afeta Paço Imperial. **Jornal do Brasil**, Cidade, 14/01/1987.

Os dois novos executivos culturais. **Jornal do Brasil**, Caderno B, 05/08/1986, p. 7.

Paço começa a mudar dia 28 fachada com o fim de 21 janelas. **Jornal do Brasil**, 25 nov. 1984.

Arquivo Técnico Administrativo, Inventário, Paço Imperial, caixa 34, pasta 02/01. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

Paço da Cidade é devolvido ao público após 3 anos de obras, **Jornal do Brasil**, 07/03/1985.

Paço da Cidade recebeu visita de 3 mil 500 pessoas em uma semana. **Jornal do Brasil**, 16/03/1985.

Paço da Cidade retorna ao seu brilho barroco. **Jornal do Brasil**, 06/03/1985.

Paço da Cidade, como no tempo do Império para o carioca de hoje. **Jornal do Brasil**, 20 de maio de 1984, Caderno B, p. 6.

Paço da Cidade, resgate de um bem cultural. **Jornal do Brasil**, Caderno B, 04 jan. 1985.

Paço da Cidade, Rio. Monumento será devolvido à comunidade em 1985. **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, n. 24, mai/jun, 1983.

Paço entregue à comunidade, **Bolsa**, 15/04/1985.

Paço ficará pronto em janeiro de 1985. **Jornal O Globo**, 16 set. 1983.

Paço Imperial abandonado pode estar irrecuperável. **Jornal do Brasil**, 10 de janeiro de 1982, 1º caderno, p. 8.

Paço Imperial abre loja de cultura. **Jornal do Brasil**, Cidade, 24/06/1987.

Paço imperial é entregue ao povo. **Última Hora**, 7 mar. 1985.

Paço Imperial volta às origens e revela história. Jornal **O Globo**, Grande Rio, 6 jun. 1984, p. 7.

Paço Imperial, na Praça 15, precisa de reformas para servir à Prefeitura. **Jornal do Brasil**, 25 set. 1980.

Paço Imperial, **O Globo**, 18 de setembro de 1980, Rio, p. 9.

Paço Imperial. **O Globo**, 8 de outubro de 1984, Segundo Caderno, p. 2.

Paço instala Conselho Consultivo**. O Globo**, 13/01/1987.

Paço terá de ser restaurado para tornar-se museu no Rio. Jornal **O Globo**, Grande Rio, 28 mai. 1979. Arquivo Técnico Administrativo, Inventário, Paço Imperial, caixa 32, pasta 03/01. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

Paço terá novamente seu pátio interno. **Jornal do Brasil**, 1º caderno, 15 mar. 1983.

Painéis explicam restauração do Paço. **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, n. 28, jan/fev, 1984.

Parecer de José de Souza Reis sobre as obras no Paço Imperial, 16 jan. 1984. Pasta arqueologia. Arquivo da Superintendência Regional do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Patrimônio na visão da 6ª Regional. Rio de Janeiro: SPHAN/Pró-Memória/6ª Diretoria Regional, 1985.

Pesquisa arqueológica contribui na restauração do Paço. **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, n. 30, mai/jun, 1984.

Portaria 071 de 1º de agosto de 1986 da Fundação Nacional Pró-Memória. Cria-se o cargo de Diretor-executivo do Paço Imperial nos termos da Determinação n. 185.

Portaria n. 49, de 30 out. 1980. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

Pouco a pouco, o Paço da Cidade retoma seu traço original. Jornal **O Globo**, 19 abr. 1984.

Praça Quinze voltará a ser o Largo do Paço. **O Globo**, 7 de agosto de 1980, Rio, p. 15.

Praça XV, o velho charme volta ao "novo" Paço e o fim do caos. **Jornal do Commercio**, 10/03/1985.

Pró-Memória recebe a chave do Paço Imperial com banda e Calmon discursa. **Jornal do Brasil**, 1º caderno, 20 de março de 1983.

Pró-Memória recebe as chaves do Paço da Cidade. **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, n. 17, mar/abr, 1982, p.9.

Projeto Pesquisas arqueológicas no prédio do antigo Paço da Cidade. Pasta arqueologia. Arquivo da Superintendência Regional do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Proposta para ocupação da ala do Paço Imperial voltada para a Rua 1º de Março, sem data, p.4. Arquivo da Superintendência Regional do Rio de Janeiro.

Refazer o prédio original ou manter o atual, a dúvida nas obras do Paço. **O Globo**, 29 de setembro de 1982, Cultura, p. 29.

Regimento Interno da Fundação Nacional Pró-Memória de 1986.

REIS, José de Souza. Estudos preliminares para a restauração do Paço. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 20, 1984, p. 155-157.

_____. Informação n. 122, 26 out. 1981. Arquivo Técnico Administrativo, Série Obras, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

Relatório das principais realizações do IPHAN em 1979. Ministério da Educação e Cultural, Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Arquivo Administrativo, Superintendência Regional do Rio de Janeiro.

Relatório de atividades da Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

Relatório de Atividades da Fundação Nacional Pró-Memória, 1987.

Relatório de Obras da 6ª Diretoria Regional, situação em novembro de 1983. Paço Imperial, Arquivo da Superintendência Regional do Rio de Janeiro/IPHAN.

Relatório técnico da Obra. Paço Imperial, Arquivo da Superintendência Regional do Rio de Janeiro/IPHAN.

Repercussão Nacional. **O Globo**, 13/01/1987.

Restauração do Paço começa com demolição. Jornal **O Globo**, 23 nov. 1982.

Restauração do Paço começa no próximo ano. **O Globo**, 28 de setembro de 1980, Rio, p. 21.

Restauração do Paço da Cidade. **O Globo**, 15 de janeiro de 1982, Cultura, p. 27.

Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 20, 1984.

Revista **Isto é**, 28/06/1985.

Rio agora o Paço. Revista **Isto É**, 26/06/1985.

Rio de Janeiro, Paço de volta à cidade. **Boletim SPHAN/Pró-Memória**, n. 34, jan/fev, 1985.

Roteiro da solenidade de posse de Paulo Sérgio Duarte, 5 de agosto de 1986.

SANT'ANNA, Marcia. **Da cidade-monumento à cidade-documento**: a norma de preservação de áreas urbanas no Brasil 1937-1990. Salvador: Oiti Editora, 2014.

_____. Preservação. Dicionário do Patrimônio Cultural do IPHAN. Disponível em: < http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Preserva%C3%A7%C3%A3o%20pdf(1).pdf>. Acesso em: 04/10/2020.

Secretaria de cultura vai restaurar o Paço Imperial e deixá-lo como era em 1825. **Jornal do Brasil**, 1º caderno, 15 jan. 1982.

SILVA, Regina Pinheiro da. et al. A pesquisa arqueológica: primeiras notas. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 20, 1984.

SMITH, Laurajane. **Uses of Heritage**. Routledge: New Edition, 2006.

Sob as lajes do Paço, uma bateria de fornos da antiga Casa da Moeda. Jornal **O Globo**, matutina, Segundo Caderno, p. 1.

SOUZA, Maria Eduarda Alves de; CAVALCANTI, Marco Antonio. Paço da Cidade, como no tempo do Império para o carioca de hoje. **Jornal do Brasil**, Caderno B, 20 mai. 1984.

Sphan culpa o Rio pelo descaso com monumentos. **O Globo**, 10 de fevereiro de 1981, Rio, p. 10.

SPHAN/Pró-Memória prossegue a restauração do Paço. Arquivo técnico-administrativo, Inventário, Paço Imperial, caixa 34, pasta 01/01. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

Suetônio Valença. **Dicionário IPHAN do Patrimônio Cultural**. No prelo.

Sugestões dos grupos para elaboração do documento final do 1º Seminário da área da Referência Cultural. Cidade de Vila Boa de Goiás, out./nov., 1986.

TELLES, Augusto C. da Silva. Centros Históricos: notas sobre a política brasileira de preservação. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 19, 1984, p. 29-32.

Termo de imissão de posse do Paço Imperial. Processo de Tombamento 0159-T-38. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

THOMPSON, Analucia. Secretaria de Cultura do MEC. In: _____. (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. Rio de Janeiro**, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (verbete). ISBN 978-85-7334-279-6.

Três momentos do Paço da Cidade. **Revista Arquiteturação**, abr. 1983.

Uma boa forma de acertar o Paço. **Tribuna da Imprensa**, 23/08/1988.

VALENÇA, Suetônio Soares. **O uso de bens tombados**: o caso do Paço. Patrimônio na visão da 6ª Regional. Rio de Janeiro: SPHAN/Pró-Memória/6ª Diretoria Regional, 1985.

Vilaça confirma ser secretário do presidente. **Jornal do Commercio**, 28/03/1985.

VILAÇA, Marcos Vinícios. Discurso na solenidade comemorativa da conclusão das obras de restauração do Paço Imperial. Rio de Janeiro — 06/03/85. Arquivo Técnico Administrativo, Inventário, Paço Imperial. Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

APÊNDICE

Apêndice - Lista de projetos realizados no Paço Imperial de 1984 a 2017

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1984	Palestra			06/11/1984	Palestra do arquiteto Glauco Campelo seguida de projeção de dispositivos sobre os trabalhos de restauração do Paço.							

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1985	Exposição	Paço Imperial e sua história		Março	Abertura do Paço Imperial.							
1985	Exposição	Estudo da Praça XV - Imediações e artistas do período colonial		Março	Abertura do Paço Imperial.							
1985	Exposição	Missão Artística Francesa - Arte sob o período de D. João no Brasil		Março	Abertura do Paço Imperial.			Museu Nacional de Belas Artes				
1985	Debate | Lançamento de Livro	Painel de debates sobre a Praça XV e arredores		Março	Com a presença de urbanistas, intelectuais e técnicos. Lançamento do livro de Gilberto Ferrez "O Paço da Cidade do Rio de Janeiro".							
1985	Cinema	15 ANOS SEM OSCARITO - Rio Cine Festival		Julho								
1985	Exposição	VALE DO JEQUITINHONHA OU BARREANDO NO JEQUITINHONHA		Agosto	Esculturas e desenhos							
1985	Exposição		RODOLFO BERNARDELLI	Setembro	Esculturas e desenhos							
1985	Exposição		ANTONIO HENRIQUE AMARAL	Outubro	Pinturas							
1985	Exposição	SEIS DÉCADAS DE ARTE MODERNA NA COLEÇÃO ROBERTO MARINHO		Novembro a 3 de dezembro	Exibição de "O cubismo", de Pierre Albert; "Picasso", "George Braque".					Atividades Educativas. Monitoria. Encontro com artistas e o público: Carlos Scliar e Thomas Ianelli.		BIBLIOTECA PAULO SANTOS: 75.037(81) / S45. Seis décadas de arte moderna na coleção Roberto Marinho. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1985. 516 p. : il. Inclui bibliografia; Exposição realizada no Paço Imperial; Inclui índice onomástico e relação das obras de arte.
1985	Teatro	Ouro sobre azul		Junho	Peça de Martins Pena, adaptação de Domingos de Oliveira. Com Paulo Cesar Pereio, Bernardo Jablonski, Clarisse Derzie, Claudio Macdowell e Clemente Vizcaino, entre outros. Doze apresentações no projeto chamado "Cenas Cariocas", os atores começam o espetáculo na praça e aos poucos vão atraindo o público para o pátio interno do Paço.		Pátio Interno					
1985	Cinema		Julio Iglesias	08/11/1985	Gravação de clipe de Julio Iglesias para o Fantástico. Direção: Eld Walesko.							
1985	Exposição	Jornadas Luso-Brasileiras do Patrimônio		07 a 14/06/1985	Exposição documental das primeiras jornadas luso-brasileiras do patrimônio.							
1985	Exposição	Vamos fazer uma chanchada		Julho				Promoção do SPHAN e I Rio-Cine Festival.				
1985	Exposição	15 anos sem oscarito		Julho				Promoção do SPHAN e I Rio-Cine Festival.				
1985	Exposição	Os sambistas pintores e seus convidados		18/10 a 30/10/85	Exposição com show com os conjuntos "A flor e o espinho" e "Madeira de Lei". Obras de Guilherme de Brito, Nelson Sargento, Heitor dos Prazeres Filho, Onofre Paulo Fumaça e outros.							
1985	Música		Arthur Moreira Lima	07/12/85	Arthur Moreira Lima toca Ernesto Nazareth.							
1985	Música		Zimbo Trio	21/10/85	Mostrando o jazz dos anos 1950/60 com participação do músico argentino Hectos Costito e do brasileiros Heraldo do Monte.							
1985	Teatro	Theatro Muzicado Brasileiro 1860/1914	Direção: Luiz Antonio Martinez Correa	julho1985	CAL - Centro de Arte de Laranjeiras. Supervisão geral: Amir Haddad. Com Annabel Albernaz, Fabio Pillar, Vera Hotz e Nelson Carega.		Sala dos Archeiros					
1985	Exposição	Cidade esculpida em madeira	Antonio de Oliveira	setembro/1985	Artista mineiro. Peças de madeira que retratam várias vertentes de sua vida e interesses: a infância, com o circo, as festas, as cenas e costumes de sua região; os lugares que o marcarma, como a Igreja; a casa de engenho e fatos notáveis de nossa história.							
1985	Música	Recital da musicista espanhola Alicia Lázaro		20/09/1985	Composições dos séculos XV e XVII.		Sala do trono					

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1985	Exposição	Brasil X7	07 profissionais	01/10/1985 a 20/10/1985	Exposição de fotografias com 07 profissionais. Abordando um aspecto diferente da sociedade brasileira. Os temas são: presença de valores norte-americanos na cultura brasileira, cenas do cotidiano, carnaval de olinda, a floresta da Tijuca, a vida dos índios karajá, a orla marítima e flagrantes da atividade política brasileira. Dentre os fotógrafos: Guilherme Fracornel.							
1985	Exposição	Triennale Di Milano		outubro/1985	A história da trienal contada em 68 painéis de alumínio.							
1985	Seminário	Seminário de Arqueologia		outubro/1985	Em outubro de 1985, com os objetivos de reunir os profissionais atuantes na área em todo o país, discutir conceitos, métodos, técnicas e apresentar pesquisas em andamento, o então Núcleo de Arqueologia da Secretaria do Patrimônio HistÓrico e ArtÍstico Nacional/Fundação Nacional PrÓ-MemÓria organizou o Seminário de Arqueologia HistÓrica, realizado no Paço Imperial, no Rio de Janeiro							
1985	Cinema	Espaço de Cinema		05/11/1985	Abertura do Espaço de Cinema. Acordo Fundação Pró-Memória e Embrafilme. Com a exibição dos filmes: Macaco feio, macaco bonito (uma das primeiras animações, de Luiz Seel em 1930); Aruanda, de Linduarte Noronha (1960).							
1985	Dança / Música	Brasiáfrica		11/11/1985	Fundação Rio lança o projeto Brasáfrica. 01 evento de dança e 01 evento de música. Grupo "Orijó Olokun", espetáculo "O desperatar D'África", e escola de samba mirim Império do Futuro com apresentação de jongo e samba.							
1985	Exposição	Jardim da Glória, Beira Mar Plantado		16/12/1985	Mostra de fotografias de Zeca Linhares a partir de passeios de Pedro Nava, registrados no livro "Galo das Trevas".							
1985	Exposição, Teatro, Seminário	III Encontro no Corredor Cultural		16 a 26/12/1985 (Seminário: 17 e 18/12/1985)	Sobre as principais atividades do projeto. Com abertura de exposição e espetáculo teatral do projeto Cenas Cariocas, com: Analu Prestes, Clarice Desiré, Pedro Cardoso, Artur Farias, Tim Rescala, Luiz Antonio Com a "Sereníssima Banda".							
1985	Cinema	Paço Filme		Novembro	Exibição de "Um homem e o cinema", uma coletânea de filmes realizados entre 1922 e 1975 com a participação de Alberto Cavalcanti, organizada em 1976 pelo próprio cineasta.		Espaço de Cinema					
1985	Lançamento de livro	Lançamento do livro de Rachel Jardim "O penhoar chinês"		23 de maio de 1985								
1985	Show	Quarteto K-Ximbinho, de saxofonistas.		23 de maio de 1985								
1985	Show	Camerata Antiqua de Curitiba. Sob a regência de Roberto de Regina.		26 de maio de 1985								
1985	Exposição	Música Barroca de Bach, Hendel e Schutz.		Maio/Junho	Convênio entre o Instituto Cultural Brasil-Alemanha e o Instituto Goethe. Exposição de 50 painéis sobre música barroca.							
1985	Exposição	Preservação de bens culturais no Brasil		Junho (provável)	Mostra organizada pelo núcleo de editoração da SPHAN/Pró-Memória.							
1985	Teatro	O auto da independência	José Rufino dos Santos	06 de setembro	Grupo Feliz meu bem.							
1985	Dança	Navegando	Bailarino Brenno Mascarenhas		Dirigido por Ivan Feijó. Homenagem ao poeta Fernando Pessoa no cinquentenário de sua morte. Bailarino Brenno Mascarenhas							

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1986	Exposição	ETERNO GERAIS		Janeiro	Fotografias de Milton Tropia e seus dois filhos, Eduardo e Sérgio. Registros de Ouro Preto.							
1986	Exposição	PINTURA CONTEMPORÂNEA DE SÃO PAULO		Janeiro	Pinturas do Acervo do Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Alvares Penteado.							
1986	Exposição	Pinturas e Trabalho gráfico	WAGNER HERMUCHE	Janeiro								
1986	Exposição	FALA BRASÍLIA – UMA AVENTURA DO PLANETA PLANALTO		Janeiro								
1986	Exposição	100 ANOS DE ARTE COLOMBIANA		Março	Pinturas							
1986	Exposição		ILIO BURRUNI	Abril	Pinturas							
1986	Exposição	ARTESANATO PORTUGUÊS 1		Maio								
1986	Exposição		PABLO PICASSO	Maio	Gravuras			Patrocínio da Câmara de Comércio Francesa no Brasil e Fundação Pró-Memória.				
1986	Exposição	A COLEÇÃO DA EMBAIXADA DA ITÁLIA NO BRASIL		Junho	13 pintores italianos							
1986	Exposição	CRANBROOK ACADEMY OF ARTS. UMA VISÃO CONTEMPORÂNEA		Julho	9 artistas americanos							
1986	Exposição	CARTAZES ANTIGOS DO CINEMA FRANCÊS		Julho								
1986	Exposição	DESIGN ITALIANO		Agosto								
1986	Exposição	PRIMEIRA MOSTRA CHRISTIAN DIOR DE ARTE CONTEMPORÂNEA		Setembro	19 artistas brasileiros							
1986	Exposição	SETE DÉCADAS DA PRESENÇA ITALIANA NA ARTE BRASILEIRA		Outubro	Pinturas e esculturas de 36 artistas italianos ou descendentes							
1986	Exposição	Somos o molde, a vocês cabe o sopro	Sala especial de HELIO OITICICA e LIGIA CLARK no Salão Nacional de Artes Plásticas	Novembro	Hélio irá expor 10 parangolées, um bólide-cama e uma mesa de bilhar em homenagem a Vicenti Van Gogh. Lygia vai mostrar um trabalho inédito "Corpo Coletivo", realizado especialmente para a sala, além dos casulos, brilhos trepantes e objetos sensoriais.							
1986	Exposição	RETROSPECTIVA JULIO POMAR		Novembro	Pinturas, óleo e acrílico sobre a tela.							BIBLIOTECA PAULO SANTOS: 75 POMAR / F962p. Fundação Calouste Gulbenkian. Pomar. Lisboa: A Fundação, 1986. 202 p. il. Inclui bibliografia e filmografia; Exposição realizada no Paço Imperial em dezembro de 1986; A bilioteca possui 2 exemplares.

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1986	Palestra	Maddalen Narbaits		s/d	Palestra da arquiteta do Institut Français d´Architects (IFA), Maddalen Narbaits, sobre a velha Paris e os projetos de intervenção urbana que vem sendo realizados pelo atual governo socialista francês, abordando obras como La Villette, a Pirâmide do Louvre, e a nova sede do Ministério da Fazenda, projetado sobre o Rio Sena;							
1986	Teatro	Antígona	Sófocles	30/10/86	Direção: Antônio Guedes e Helena Varvaki. Elenco: Antonio Guedes, Bel Fortes, Beta Tibegi, Christine Lopes, Claudia Neves e outros. Produção do Studio-Equipe pesquisa do treinamento do ator.		Archeiros					
1986	Música	Projeto 18:30 no Paço		s/d	Criado pelo coordenador de eventos do Paço Imperial. Apresentação da Cantora Sônia Santos com o grupo de afro-contemporâneo, Bambamoleque.							
1986	Cinema	Igreja da Libertação	Silvio Da-Rin	s/d	Exibição do documentário média-metragem, 59 minutos, sobre a participação política da Igreja.							
1986	Música	Música Antiga no Paço Imperial		11/04 a 26/06/86	Concerto "Música na Corte de Henrique VIII e Elizabeth " pelo conjunto de música antiga da UFF.							
1986	Exposição		Françoise Danrigal, Claude Huyghens, Jan Jonker e Frederic Hadengue.	15/07/86	Exposição de fotos dos vinhedos de champagne na França.							
1986	Música	Maracatamba - Banda Barrosinho Jazz Latino Tropical		10/10/86	Maracatamba, mistura de samba com maracatu. Banda Barrosinho Jazz Latino Tropical. Barrosinho, José Carlos Barroso (trompete), Marcos Amorim (guitarra), Renato Vasconcelos (teclado), Ênio Santos (baixista), Jair Soares (bateirista) e grupo de percussão com 10 meninos da Funabem.							
1986	Lançamento de Disco	Poesias musicadas de Manoel Bandeira		10/11/86	UERJ promoveu o lançamento de um disco com poesias musicadas do poeta Manoel Bandeira (em comemoração ao centenário de seu nascimento).		Sala dos Archeiros					
1986	Cinema	Curtas sob vários aspectos da cultura negra		março/1986	Rio Negro, de Roberto Moura; Oke Jumbema (1985); Sai dessa Exu; Chega de Demanda (Cartola); Ângela Noite.							
1986	Exposição	Salão Carioca de Arte publicitária		03/04/1986	Iniciativa do Clube de Criação do RJ.							
1986	Música	Orquestra de Música Brasileira		11 e 26/04/1986	Concertos Rio arte-IBM. Direção e regência do maestro Roberto Gnatalli.							
1986	Cinema	Essa paixão chamada futebol		maio/1986								

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1986	Lançamento de Livro	Povo Cigano	Cristina da Costa Pereira	28/05/1986	Lançamento de livro durante uma festa cigana, com danças, músicos e violinistas ciganos. Apresentação de vídeo "Na poesia da estrada" de Zeca Borges e Marcos Medeiros.		Pátio					
1986	Lançamento de Livro	Notas Musicais Cariocas	Organização: João Baptista M. Vargens	30/05/1986	Livro com diversos autores. Lançamento teve a participação de representantes de escola de samba para um pagode. Estavam presentes: Dona Neuma (1a. dama da mangueira), Seu Rufino (velha guarda da portela); Sinval Silva (Imperío da Tijuca).							
1986	Cinema	Ciclo de filmes franceses		junho/1986								
1986	Performance		Mário Sérgio Araújo, jogador profissional de sinuca	20, 22, 27 e 29 de novembro/1986	O jogador ficava disponível para uma partida de sinuca.							

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1987	Exposição	15 ARTISTAS BERLINENSES		Janeiro	Pintura alemã contemporânea						Quinze [15] artistas berlinenses no Brasil = 15 Berliner kunstler in Brasilien. Vogt, Maria do Carmo, org. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo, 1986. 69 p.: il. Exposição realizada no Paço Imperial em 1987; Inclui cronologia dos artistas. BIBLIOTECA PAULO SANTOS: 7.036(430.21) / Q46	
1987	Exposição	MARINA NAZARETH		Março	Pinturas							
1987	Exposição	D. PEDRO D'ALCÂNTARA DE BRAGANÇA IMPERADOR DO BRASIL REI DE PORTUGAL		Abril	Mostra documental: mobiliário, cerâmicas, ourivesarias, impressos, manuscritos e outros.			Organizada pelo Palácio de Queluz, Portugal.				BIBLIOTECA PAULO SANTOS: 92PEDRO I / P838d. Portugal. Ministério dos Negócios Estrangeiros; Brasil. Ministério das Relações Exteriores. D. Pedro D'Alcântara de Bragança, 1798-1834: Imperador do Brasil, Rei de Portugal: uma vida, dois mundos, uma história. Rio de Janeiro; Lisboa: Fundo de Fomento Cultural, Fundação Nacional Pró-Memória, 1987. 211 p. : il. Inclui bibliografia; Exposição realizada no Paço Imperial em 1987.
1987	Exposição	PRAÇAS DA EUROPA		Abril	História e atualidade de um espaço público - fotografias							
1987	Exposição	OS INUMERÁVEIS ESTADOS DO SER		Maio	40 anos de experiência em terapêutica ocupacional; trabalhos de internos do Centro Psiquiátrico Pedro II que vieram a constituir o Museu de Imagens do Inconsciente.							
1987	Exposição	IMAGENS DO BRASIL HOLANDÊS		Maio	Pintura, desenhos, objetos, documentos							BIBLIOTECA PAULO SANTOS: 7:981.026 / F962i. Fundação Nacional Pró-Memória. Imagens do Brasil holandês, 1630-1654. Rio de Janeiro?: A Fundação, 1987. 134 p. : il. Texto de Evaldo de Mello; Principalmente ilustrado; Exposição realizada no Paço Imperial em 1987; A biblioteca possui 2 exemplares.
1987	Exposição	IMAGENS DA ITÁLIA		Junho	Fotografias							
1987	Exposição	MARTIUS -- 170 ANOS DEPOIS		Julho	71 painéis com fotos da viagem feita por equipe do Sítio Burle Marx aos lugares por onde passou a expedição de Martius							
1987	Exposição	A GRAVURA DE SEGALL		Agosto								
1987	Exposição	O MODERNISMO EM MINAS -- O SALÃO DE 36		Agosto	Exposição sobre o Salão Bar Brasil, primeira coletiva modernista mineira de artes plásticas							
1987	Exposição	BRASÍLIA		Agosto	Mostra fotográfica em homenagem a Juscelino Kubitschek no 10o aniversário de sua morte							
1987	Exposição	FOTOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO -- O TRABALHO DE HERMAN GRAESER		Setembro	Mostra do trabalho de H. G., fotógrafo do SPHAN durante 30 anos							
1987	Exposição	CHAGALL E A BÍBLIA		Setembro	Pinturas							
1987	Exposição	SÉRGIO CAMARGO		Novembro	Esculturas							

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1987	Exposição	HAUTE COUTURE		Novembro	Mostra sobre a moda feminina francesa nas décadas de 60 e 70 (15 figurinistas)							
1987	Exposição	ILHA DE MARACÁ		Novembro	Ensaio fotográfico de Dudu Tresca sobre a ilha, situada em Roraima							
1987	Lançamento de livro	LIVRO ITALIANO DE CIÊNCIAS SOCIAIS		Novembro						Palestra economia italiana recente: impasse e desafios com o professor Alberto Spreafico, da Universidade de Florença.		
1987	Exposição	VIVA A MARIONETE		Dezembro	Exposição internacional de bonecos							
1987	Teatro	Bafafá		29 e 30/04/87 a 25/05/1987	Texto de Goldoni. Direção: Gilles Gwizdek. Elenco: Adriano Estite, Jorge Maia, Fábio Pires, Maria Carolina, etc. De Carlos Goldoni. Direção de Gilles Gwizdek. Com Afonso Celso, Beatriz Morena, Claudia Paiva, Fábio Pires e Mauro Viana.							
1987	Teatro	Filme Triste		09/07/87	Direção: Alice Carvalho. Texto: Wladimir Capella. Elenco: Alexandre Soares, Carla Dasz, entre outros. 27 atores do curso básico de formação de atores da UFF. Cireção/produção: Lenita Ribeira. Cenografia/figurino: Maria Cristina Volpi.							
1987	Teatro	Guerras do Alecrim e Mangerona		26/05/87	Encenada na abertura do Congresso Internacional sobre a inquisição. Projeto: Cenas Cariocas da Rio Arte, coordenado por Celina Sodré. Elenco: Regina Casé, Luis Fernando Guimarães, Guilherme Karan, Renato Borghi, Miguel Magno, Ricardo de Almeira, Suely Franco, Stella Freitas, Zezé Polessa. Direção: Bia Lessa. Direção Musical: Luis Antonio Barcos.		Pátio					
1987	Cinema	A escola no Paço Imperial - Conhecendo sua cidade		maio/1987	Os estudantes de escolas públicas da Zona Oeste do Rio de Janeiro visitaram o Paço para assistir curtas-metragens. Desdobramento do projeto "O cinema vai à escola". Coordenação: Eliana Cobbett.			Fundação Rio. Patrocínio: Coca Cola e General Motors. Movie Tape Produções Cinematográficas.				
1987	Música	Canto Novo Peruano	Grupo musical do Peru	05, 08, 12/06/1987	Apresentação dos músicos: Maria Del Carmen Dongo, Angel Crisanto, Carmmina Cannarina, Escobar Rivero, Edgar Eceda Ridout.							
1987	Música	Projeto Sem Microfone		04/07/1987	Festa comemorativa do 53a. aniversário de vida artística da sambista Carmen Costa.							
1987	Música/Dança	Duende e Arte de Villa Lobos e Garcia Lorca	Los Romeros (grupo)	09/11/1987 (no relatório da Pró-Memória consta a informação de 16 a 25 de outubro)			Pátio				Cobrança de ingresso. C$100,00	
1987	Exposição	Royal Geographical Society		27/11 a 20/12/1987	Exposição fotográfica sobre o projeto a Royal Geographical Society. Reserva ecológica da Ilha de Maricá, em Roraima, onde 50 cientistas brasileiros e britânicos estão desenvolvendo pesquisas. Fotos: Dudu Tresca. Parte das comemorações dos 125de operação do Lloyds Bank no País.		Armazém Del Rey					
1987	Música		Glória Lattini	09/12/1987	Apresentação da cantora de Niterói acompanhada do trio: Renato Pfeil, Rogério Fernandes, Mauro Brugger.							
1987	Lançamento de catálogo	Casa Flor - Uma casa de Cacos transformada em flor		janeiro/1987	Lançamento do catálogo da exposição "Casa Flor - Uma casa de Cacos transformada em flor" que esteve no Solar Grandjean de Montigney. Pesquisadora: Amélia Zaluar sobre a arquitetura popular de Gabriel Joaquim dos Santos em São Pedro D'Aldeia.							
1987	Exposição	Mostra de livros editados pelo governo de Pernambuco		10/03/1987	Mostra de livros editados pelo governo de Pernambuco de 1985 a 1987. Organizada pela Fundação Pró-Memória e pela Fundarpe. Presentes na solenidade: Roberto Pereira (Presidente Fundarpe); Joaquim Falcão (Presidente da Fundação Pró-Memória) e os 15 autores pernambucanos, dentre eles: Barbosa Lima Sobrinho, Gilberto Freyre e Gilberto Frei Ferrez.							

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1987	Música	Música vocal dos séculos XVII e XVIII		08 e 09 de setembro	Sob a regência do maestro Homero de Magalhães Filho, música barroca vocal para solistas acompanhados de cravo, órgão, alaúde e viola de gamba. No repertório obras de Mozart, Monteverdi, Blow, Lambert e outros. Com as sopranos ADriana Rodrigues, Didider e Carolina Magalhães; os tenores José Luis Nascimento e Fernando Moura; e o barítono Marcos Loureiro de Sá. Acompanhando Rosa Lanzelotte (cravo e órgão), Alain Pierre de Magalhães (alaúde) e Giomar Athel (viola de gamba).		Sala dos Archeiros				Cobrança de ingresso. C$100,00	
1987	Música	Grupo Aquarela Carioca		04 a 19 de setembro	Formado em 1985, o Grupo Aquarela Carioca, mescla a vivência musical urbana dos seus integrantes à uma imensa variedade de ritmos regionais brasileiros. com Papito (contrabaixo), Mário Seve (flauta e saxofone); Luiz Cláudio (violoncello e violão), Paulinho Muylaerte (viola e charango) e Marcos Suzano (percussão).		Sala dos Archeiros				Cobrança de ingresso. C$100,00	
1987	Música	Il Dissonante		15 a 16 de setembro	Concerto de música barroca com alunos e ex-aluns da "Shola Cantorum Brasiliensis" da Suiça. Segundo a crítica, Il Dissonante tem levado ao público europeu, uma música barroca viva com interpretação própria e de elevado nível técnico. O conjunto é composto pelo suiço Christoph Enrsam (flauta-doce), pelo italiano Luciano Contini (teorba), pela holandesa Augusta Campagne (cravo) e pela brasileira Eunice Moreira Brandão (viola de gamba). No repertório Bach, Vivaldi, Telemann, Corelli e outros.		Sala dos Archeiros				Cobrança de ingresso. C$100,00	
1987	Música	Duo Barbieri - Schneiter		17 de setembro	Duo de violões com Fred Schneiter e Luis Carlos Barbieri. no programa: Bach, Roberto Velasco, Astor Piazzola e composições de Barbieri e Schneiter.		Sala dos Archeiros				Cobrança de ingresso. C$100,00	
1987	Música/Palestra	Villa-Lobos: Gênio ou plagiador		24 de setembro	Recital-palestra com o violinista Eduardo Camenietzki, abordando a obra de Villa-Lobos e as polêmicas em torno de sua contribuição à cultura brasileira. No repertório músicas de Villa-Lobos, Bazareth, Bach, João Pernambuco e música indígena como ilustração do tema.		Sala dos Archeiros				Cobrança de ingresso. C$100,00	
1987	Teatro	Álbum de família		31/07 a 13/09	Montagem de um clássico que foi censurado por 22 anos. De Nelson Rodrigues.		Pátio interno				Cobrança de ingresso. C$150,00	
1987	Teatro	Os ciúmes de um pedestre		18/09 a 11/10	Peça de Martins Pena, considerado pela crítica como o "Moliére Brasileiro", por ter sido o autor teatral que melhor caracterizou os costumes do segundo império. Embora escrita, há um século, a peça permanece atual na sua abordagem da opressão sofrida pelas mulheres. Um capitão do mato, mantém esposa e filha trancadas quando sai para suas diligências. Os quiprocós, encontroe e desencontros de amantes, na casa-prisão, consagram Martins Pena como pai da comédia nacional. Diretor: Virgínio Liberti. Elenco: Carlos Junior, Cláudia Travassos, José Miguel Galvão, Luísa Silveira, Toth Rezende, Virgínio Liberti e Walter Limatorres.		Átrio	Produção: Círculo Teatral do Rio de Janeiro Promoções Artísticas Ltda.			Cobrança de ingresso. C$100,00	
1987	Teatro	O circo		12/09 a 04/10	Espetáculo inspirado nas artes circences, que permite à platéia brincar entre palhaços, domadores, mágicos e malabaristas representados pelos atores-camaleões Zé Antonio e Wilson Esteves - antigos membros do grupo Dia a Dia de João Siqueira.		Sala dos Archeiros				Cobrança de ingresso. C$100,00. Teatro infantil.	
1987	Dança	La hispanidad - Grupo de Dança espanhola		15 e 16 de setembro	Bailarinas brasileiras apresentam danças espanholas que remontam da origem moura ao ballet clássico contemporâneo. As dançarinas valorizadas pela beleza dos vestuários típicos, revelam características folclóricas de várias regiões da Espanha. A orientação é da professora Clotilde Gomez, diplomada pela Academia de Dança Marta Grahan de Nova York e pesquisadora do folclore ibérico.		Pátio interno				Cobrança de ingresso. C$100,00 e C$150,00.	
1987	Música	Duo-Elo de Flautas		28 a 30 de setembro	Recital de Fernando Brandão e Andrea Ernest Dias. Fernando de formação erudita, foi vencedor do V Concurso de Jovens Concertistas Brasileiros e do II Concurso de Jovens intérpretes da Música Brasileira. Andrea, integrante da Orquestra de Música, especializa-se em música contemporânea na França.		Sala dos Archeiros				Cobrança de ingresso. C$100,00	
1987	Música	Duo Trombone Baixo e piano		08 de outubro	Com os instrumentistas Luis Augusto Pereira e Maria Theresa Madeira.		Sala dos Archeiros				Cobrança de ingresso. C$100,00	
1987	Música	Caledoscópio - Música medieval e renascentista		13 e 14 de outubro	Grupo de música e imagens, roteirizado por pequenos fatos e citações poéticas pontuadas por projeções de slides.		Sala dos Archeiros				Entrada franca	
1987	Música	Grupo Mandala		2, 3, 9 e 10 de outubro	Voz, violão, gaita, flauta, percussão e teclados. Direção musical: Eurípedes Jr.		Sala dos Archeiros				Cobrança de ingresso. C$100,00	
1987	Música	Artur Maia e Jorge Bacellar		30 e 31 de outubro	Voz, baixo, sax, percussão e guitarras		Pátio interno				Cobrança de ingresso. C$100,00	

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1988	Exposição	ZOOLOGIA FANTÁSTICA		Janeiro	Homenagem a Jorge Luis Borges; aquarelas de Francisco Toledo							
1988	Exposição	BOYLE FAMILY		Janeiro	Esculturas -- representação inglesa na XIX Bienal de São Paulo							
1988	Exposição		ANTONIO MARO	Janeiro	Pinturas -- representação peruana na XIX Bienal de São Paulo							
1988	Exposição	RUY SANCHES E JOSÉ PEDRO CROFT		Fevereiro	Esculturas -- representação portuguesa na XIX Bienal de São Paulo							
1988	Exposição	ARTE, PAISAGEM E ARQUITETURA		Março	A arte integrada à arquitetura na República Federal da Alemanha							BIBLIOTECA PAULO SANTOS: 72 (430) / H294a. Haüsser, Robert; Honisch, Dieter; Sack, Manfred. Kunst Landschaft Architektur: architekturbezogene Kunst in der Bundesrepublik Deutschland = Arte e arquitetura na República Federal da Alemanha. Stuttgart: Institut Für Auslandsbeziehungen, 1987. 187, [10] p. il. Contém parte dos textos traduzidos para o português em anexo de 20 páginas não paginadas; Catálogo de exposição realizada no Paço Imperial em 1988.
1988	Exposição	NOVAS TENDÊNCIAS DA GRÁFICA ITALIANA		Maio	Mostra de design gráfico italiano (120 cartazes, capas de discos e livros)							
1988	Exposição	LANGSDORFF DE VOLTA		13/09 a 09/10	Desenhos e aquarelas e Rugendas, Taunay e Florence; acervo da Academia de Ciências Russa sobre a expedição do Barão de Langsdorff ao Brasil (1821-29) .		Sala da Rua Direita	SPHAN/Pró-Memória				
1988	Exposição	JOAN MIRÓ		12/09 a 02/10	67 obras de Miró entre pinturas e cerâmicas. A mais importante exposição de Miró já vinda ao Brasil. A mostra conterá 13 telas, 20 esculturas, 6 cerâmicas, 20 águas-fortes e litografia e 4 cartazes originais.		Ocupará todo o 1o. pavimento, exceto a sala da Rua Direita	FUNARJ				

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1988	Exposição	ANTONI GAUDI		12/09 a 02/10	Painéis fotográficos, maquetes e réplicas de obras de Gaudi. 3 esculturas, réplicas de elementos arquitetônicos e mobiliários e 15 maquetes.		1o. pavimento	FUNARJ				
1988	Exposição	IMAGENS DA CRIANÇA BRASILEIRA		17/10 A 20/11	60 fotos dos séculos XIX e XX do acervo do MAM/RJ, enfocando a imagem da criança na cultura brasileira. Mostra comemorativa de 20 anos da Fundação Nacional do Livro Infantil. A exposição no Paço - fotografias - fará parte de um conjunto de mostra de pinturas, esculturas e ilustrações e outros eventos paralelos que ocorrerão simultaneamente, em diversos espaços culturais, tendo como tema a imagen da criança.			Fundação Nacional do Livro Infantil				
1988	Exposição		KATHE KOLLWITZ	Outubro - 18/10 a 08/11/85	Mostra de gravuras e esculturas de importante representante do expressionismo alemão. 73 peças. Kollwitz teve grande influência sobre artistas brasileiros quando aqui expôs na década de 30.		Sala da Rua Direita	Patrocínio: Instituto Goethe e Relações Exteriores de Stuttgart.				
1988	Exposição	TESOUROS DO KREMLIN		18/10 a 16/11	149 peças, entre jóias, indumentária e armamentos pertencentes às coleções dos museus do Kremlin.		Ocupará todo o 1o. pavimento, exceto a sala da Rua Direita	Iniciativa: COPASA. Apoio Cultural: White Martins S.A.				
1988	Exposição	ANGOLA -- MAIO DE 1988		Novembro	Mostra fotográfica de Ricardo Azulay depois de viagem de 10 meses a Angola							
1988	Exposição	O AR DO SUBTERRÂNEO		01/12/1988 a 30/01/1989	Exposição de trabalhos feitos por internos do Núcleo de Arte da Colônia Juliano Moreira. A exposição reunirá trabalhos realizados pelos internos do núcleo Teixeira Brandão da Colônia durante o "Projeto de Livre Criação Artística", desenvolvido por uma equipe de artistas plásticos e psicólogos.		Terreiro	Apoio cultural: Coca Cola.				

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1988	Exposição	O MUNDO FASCINANTE DOS PINTORES NAIF		15/12/1988 a 19/02/1989	Mostra da coleção de Lucien Finkelstein. Mostra de pintores brasileiros e estrangeiros que integrarão o futuro Museu Internacional de Arte Naif a ser sediado no Rio de Janeiro.		Sala Mestre Valentim e Sala da Rua Direita	Fundação Lucien Filkenstein				BIBLIOTECA PAULO SANTOS: 7.031.4 / M922. O mundo fascinante dos pintores naifs : sinopse do acervo do futuro = Le monde enchanté des peintres naifs : présentation partielle de la collection du futurThe wonder world of the naive painters : vision of the collection of the future. Rio de Janeiro: Museu Internacional de Arte Naif do Brasil, 1988. 211 p. il. Contém índice das ilustrações; Catálogo de exposição realizada no Paço Imperial entre dezembro de 1988 e fevereiro de 1989.
1988	Exposição	PRAÇA XV – 1580 – 1988		Dezembro	Painéis em acrílico sobre papel							
1988	Exposição		Sebastião Salgado	15/09 a 16/10/88	Exposição de fotografias de Sebastião Salgado. "Sahel" com fotos dessa região pobre da Etiópia e vizinhanças. "Others Americas" sobre as Americas Centrao e do Sul.							
1988	Exposição	20 anos da Fundação Nacional do Livro Infantil		06/10 a 06/11/88	Mostra comemorativa dos 20 anos da Fundação Nacional do Livro Infantil.							
1988	Lançamento de Livro	Malvados mortos		12/07/1988	Conta a agonia da liverdade de Manoel Congo.							
1988	Lançamento de Livro	Cardumes (Haikais)		25/07/1988	Paulo Roberto Cecchetti lança o livro com ilustrações das poesias de Miguel Coelho.							
1988	Música	Projeto Montreal Bank de Música Erudita e Popular	Marcos Loureiro de Sá, Carolina Magalhães e Paulo Freitas	01/10/1988								
1988	Palestra	O reencantamento do mundo		Outubro	Com o Professor de Filosofia Nanaj Mangabeira.							
1988	Palestra			21/10/1988	Palestra do cientista russo Boris Komissarov, chefe do projeto Langsdorff.							

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1988	Simpósio	Ciclo de debates "Amazônia, Ferro e Fogo"		09/12/1988	Chico Mendes participou do debate e denunciou, 13 dias antes de seu assassinato, no Acre, que sofria ameaças (de Darly Alvez e Alvarinho Alves, proprietários da Fazenda Paraná) em decorrência de sua liderança na defesa do direito ao trabalho dos seringueiros e da preservação da floresta amazônica.		Terreirinho, antiga sala de cinema. Esta sala recebeu o nome de auditório Chico Mendes antes de se tornar sala de cinema e sala expositiva.					

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1989	Exposição	FOTÓGRAFOS SUÍÇOS DE 1840 AOS NOSSOS DIAS		Janeiro	135 anos de produção fotográfica suíça, com cerca de 300 fotos de 177 fotógrafos							
1989	Exposição	COLEÇÃO BANERJ		Abril	60 obras -- parte do acervo do Banerj; exposição comemorativa do lançamento do Instituto BANERJ de Ação Cultural -- pintura, gravura e escultura						Caixa 1 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1989	Exposição	O PRINCÍPIO COLAGEM		Abril	Mostra com 74 obras originais e 40 painéis mostrando o desenvolvimento desta técnica nas artes plásticas em geral e na Alemanha em particular							
1989	Exposição	RECORDANDO PORTUGAL EM ANTIGOS BILHETES POSTAIS		Abril	Mostra de postais portugueses antigos; coleção Klaus W. Gruner. Hélio e Yolanda Roberto. 800 cartões postais. Dividido em 46 painéis temáticos traçando um perfil do cotidiano português.							
1989	Exposição		AMILCAR DE CASTRO	Março/Abril (No relatório anual está como mês de maio)	Retrospectiva de 40 anos de trabalho do artista, com 31 esculturas e 14 desenhos. Primeira exposição individual de um dos mais importantes escultures contemporâneos a permitir uma visão de conjunto de sua obra.		Pórticos da entrada principal e das duas galerias do térreo, Terreiro e Armazém D´El Rei;	Iniciativa: Paço Imperial, SPHAN/Pró-Memória. Apoio cultural: USIMINAS			Caixa 1 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1989	Exposição	Da missão à opinião		Março/Abril	O intercâmbio França-Brasil na área das artes plásticas desde o tempo da Missão Francesa até os anos 60 (Opinião 65) apresentado através dos trabalhos de artistas franceses que viveram e produziram no Brasil e de artistas brasileiros que trabalharam na França. Exposição a ser realizada no ano do segundo centenário da Revolução Francesa.		1o. pavimento, exceto a sala da rua direita	Iniciativa: Consulado Geral da França no Rio de Janeiro e Câmara de Comércio Francesa do Brasil				
1989	Exposição	Colagens alemãs		Março/Abril	Trabalhos de artistas plásticos contemporâneos alemães usando a técnica de colagem.		Sala da rua direita	Iniciativa: Instituto Goethe				
1989	Exposição	Platibandas e Pinturas		no relatório da FNPM consta como maio/junho	Fotografias de fachadas de casas nordestinas tiradas por Ana Mariani. Esta mostra foi exibida na última Bienal de São Paulo e estará itinerando, em 88 e 89, por importantes centros culturais na Europa.		Terreiro					
1989	Exposição	O SÉCULO DE OURO DA PINTURA NAPOLITANA - Seiscento napolitano		Junho (no relatório da FNPM consta como maio/junho)	84 pinturas do século XVII. Mostra de grandes mestres napolitanos do século XVIII incluindo Barra, Beltrane, Caracciolo, Cavalino, Caracciolo, Cavalino, Campagne, Coppela, De Bellis, De Liane, De Rosa, De Simone, Falcone, Forte, Fracanzano, Gargiulo, Gentileschi, Guarine, Luciani, Novelli Porpora, Preti, De Ribeira, Rosa, Rossi, Ruopollo, Stellitto, Stanzione, Vaccaro, Vitale, entre outros.		1o. pavimento	Iniciativa: Embaixada da Itália em Brasília				

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1989	Exposição	EXPOSIÇÃO FILATÉLICA INTERAMERICANA. ESPANHA E PORTUGAL -- BRASILIANA 89		Julho (no relatório da FNPM consta como julho/agosto)	Mostra comemorativa do Centenário da República e dos 146 anos do primeiro selo brasileiro, o Olho de boi. Exposição internacional de filatelia.		Todos os espaços disponíveis para exposições estarão ocupados pela mostra	Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos				
1989	Exposição	Museus alemães		(no relatório da FNPM consta como julho/agosto)	Fotografias das mais recentes instalações museográficas na Alemanha. Paralelamente à mostra haverá um seminário sobre reformas em museus e equipamentos museográficos ministrado por técnicos especializados vindos da Alemanha.		Armazém D´El Rei	Iniciativa: Palo Imperial, SPHAN/Pró-Memória, Instituto Goethe-RJ				
1989	Exposição	NATUREZA, RAZÃO E LIBERDADE -- BRASIL E FRANÇA, QUATRO SÉCULOS DE MEMÓRIA		Setembro	Mostra comemorativa do bicentenário da Inconfidência Mineira e da Revolução Francesa. 85 fotografias.					Apresentação do Coro de Câmara Pró-Arte e Academia Antiqua no encerramento.		
1989	Exposição	PANTANAL: ALERTA BRASIL		Início em 05/09/89 a 08/10/89	Mostra sobre os riscos que ameaçam o equilíbrio ecológico da região do Pantanal							
1989	Exposição	TRANSFORMAÇÃO -- CONSTRUÇÕES EM ARGILA		Setembro (no relatório da FNPM consta como maio/junho)	Mostra dos ceramistas: Akinori Nakatani, Jean Jacques Vidal, Mariana Canepa, Mary di Iorio, Theca Portela, Suzette Musieracki e Sylvia Goyanna		Galeria Armazém D´El Rei;	Iniciativ: Associação Brasileira de Artistas Plásticos				
1989	Exposição	DIONISIO DEL SANTO		Setembro até 19/11/89	Retrospectiva da obra deste artista consagrado e respeitado no meio das artes plásticas mostrando sua trajetória durante quase quatro décadas de atuação.		Mestre Valentim, Sala da rua Direita	Iniciativa: Reinaldo Roels Jr.				Retrospectiva Dionísio Del Santo. Rio de Janeiro: Paço Imperial, 1989. [58] p. il. Catálogo de exposição realizada no Paço Imperial 1989; Contém cronologia do artista; Inclui relação das obras expostas. BIBLIOTECA PAULO SANTOS: 7.036(81) / R315
1989	Exposição	Escultura e modernidade		Setembro a novembro	A mostra reunirá um grupo de importantes escultures brasileiros contemporâneos e terá como conceito principal a colocação da escultura como sendo um dos principais vetores da arte contemporânea e o reconhecimento da fértil produção escultórica na arte brasileira vista sob a ótica da modernidade.		Pórticos, Terreiro e 1o. pavimento, com excecção das salas mestre valentim e sala da rua direita	Paço Imperial				
1989	Exposição	ESTANHO COLONIAL BRASILEIRO		Outubro	Peças originais da Coleção John Somers, de São João del Rei							
1989	Exposição	ALCÂNTARA		Novembro até 10/12/89	Mostra fotográfica de Barnabas Bosshart sobre a cidade de Alcântara, no Maranhão.		Armazém D´El Rei.	Iniciativa: Consulado Geral da Suiça				
1989	Exposição		ANTONIO PRADO	Novembro	Mostra fotográfica sobre a cidade de Antonio Prado, no RS, de colonização italiana, tombada pelo IPHAN		Dossel					
1989	Exposição	IMAGENS REPUBLICANAS		Dezembro	Mostra fotográfica do cotidiano brasileiro nos últimos 100 anos, organizada pelo Arquivo Nacional							

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1989	Exposição											BIBLIOTECA PAULO SANTOS: 77.041 / N857. Novarro. Alemanha: Lufthansa German Airlines, 1989. [80] p. il. Catálogo de exposição realizada no Paço Imperial em 1989; Inclui cronologia.
1989	Lançamento de Livro	Lançamento do livro do ecologista Chico Mendes		21/01/1989								
1989	Exposição		Carlos Augusto Nunes Pereira	21/02/1989	Exposição de 8 painéis do pintor.							
1989	Palestra	Eventos e Turismo		26/09/1989	Palestras e debates sobre eventos e turismo com: Arnaldo Baracal, Marly Galvani, Oswaldo Mule e Márcio Galvão.							
1989	Lançamento de Livro	Poder negro não, integração sim	Jorge da Paz Almeida	06/10/1989	Lançamento do livro do cantor e compositor Jorge da Paz Almeida, com show de Ney Lopes.							
1989	Música	Coro de Câmara Pró-Arte e Academia Antiqua	Encerramento da Exposição "Natureza, razão e liberdade"	09/10/1989								
1989	Debate	Cultura negra e turismo		28/11/1989								
1989	Exposição	Margareth Mee	Margareth Mee	Dezembro	Pinturas em guache e aquarelas da artista documentando plantas amazônicas. A mostra terá lugar na "Sala da Rua Direita".			Iniciativa: Paço Imperial, SPHAN/Pró-Memória				

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1990	Exposição	A CARA DA ARTE CONTEMPORÂNEA		Janeiro	Fotografias de Eddy Novarro de importantes artistas nacionais e internacionais							
1990	Exposição		STEPHEN FARTHING	Janeiro	Pinturas							
1990	Exposição		HENRY MOORE	Março	Gravuras -acervo da Fundação Henry Moore (Inglaterra)						Caixa 1 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1990	Exposição	PERPHAPPINESS -- HOMENAGEM A PAULO LEMINSKI		Agosto	Mostra documental sobre o poeta paranaense						Caixa 1 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1990	Exposição	Fundação Ataufo de Paiva		Agosto (08/08/1990)							Caixa 1 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1990	Exposição	VARIAÇÕES SOBRE UM TEMA		Setembro	Mostra fotográfica de CARLOS EDUARDO SOARES sobre instrumentos musicais							
1990	Exposição		CARLOS VERGARA	Outubro (14/10/90 a 20/01/91)	Pinturas						Caixa 1 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1990	Exposição	ROMA CORES DO TEMPO	As cores de Roma entre Passado e Presente	Novembro	Ensaio fotográfico sobre a cidade de Roma, de autoria de SALVATORE SCIRÉ						Caixa 1 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1990	Exposição	ESPANHA FORA DE ESPANHA		Novembro (11/90 a 01/91)	Mostra documental sobre a emigração espanhola para o Brasil						Caixa 2 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1990	Exposição		ARTUR LESCHER	Novembro (20/12/90 a 20/01/91)	Instalação						Caixa 2 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1991	Exposição	ESCOLA DE SAMBA S. A.		Janeiro	Mostra sobre o desenvolvimento e organização das escolas de samba do Rio de Janeiro.						Caixa 2 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1991	Exposição	COLIBRIS		Fevereiro	Mostra sobre as famílias de colibris mais comumente encontradas na reserva de Santa Lucia, no Espírito Santo.						Caixa 2 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1991	Exposição	O TEATRO DE BONECOS DE OTELLO SARZI - ENTRE A TRADIÇÃO E A INOVAÇÃO		Abril (16/04/91 a 12/05/91)	Mostra sobre um dos mais tradicionais teatros de bonecos italiano.						Caixa 2 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1991	Exposição	HOMENS E MÁQUINAS - SESI 45 ANOS		Julho (04 a 21/07/91)	Mostra sobre a evolução da indústria brasileira explicitada através do trabalho do SESI.						Caixa 2 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1991	Exposição	CHINA EM DOIS TEMPOS		Julho (12/07 a 11/08)	Fotografias de BARNABAS BOSSHART e WU YINXIAN, explicitando o olhar doméstico e o do viajante sobre a China atual.						Caixa 2 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1991	Exposição	O UNIVERSO DE FERNANDO DINIZ		Julho (25/07 a 31/08)	Retrospectiva dos trabalhos do paciente do Centro Psiquiátrico Pedro II, realizados desde sua internação até hoje.						Caixa 2 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1991	Exposição	NOVA ARQUITETURA DE MUSEUS NA REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA	Novas construções de Museus	Agosto (08/08 a 31/08)	Mostra documental sobre os projetos de museus realizados nas últimas cinco décadas.						Caixa 2 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1991	Exposição	INTERPRESSPHOTO BRASIL 91		Setembro (17/09 a 20/10)	Mostra com as fotos selecionadas e premiadas no concurso realizado pela Organização Internacional de Jornalistas.						Caixa 3 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1991	Exposição	RUMO AO CORCOVADO		Outubro (09 a 30/09)	Mostra comemorativa do Cristo Redentor, com acervo fotográfico do Centro de Documentação da Light.						Caixa 3 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1991	Exposição	BIENAL DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS	I Bienal Internacional de Histórias em Quadrinhos	Novembro (28/10 a 06/11)	Representações da Bélgica, Cuba e Brasil, esta última uma retrospectiva da evolução dos quadrinhos brasileiros.						Caixa 3 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1991	Exposição	OLINDA PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE		Novembro (08 a 20/11)	Mostra documental sobre a cidade.						Caixa 3 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1991	Exposição	WORKSHOP JOÃO PESSOA		Dezembro	Mostra de pinturas, esculturas e desenhos selecionados após realização de trabalho conjunto de artistas alemães e brasileiros em João Pessoa (PB).							
1991	Exposição	Workshop Brasil-Alemanha		Dezembro (12/91 a 01/92)							Caixa 3 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1992	Exposição		IOLE DE FREITAS	Março (13/03 a 30/04)	Esculturas.						Caixa 3 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1992	Exposição		EDUARD ARRANZ-BRAVO	Março (provável)	Trajetória de Arranz-- Bravo – pinturas.						Caixa 3 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1992	Exposição	FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ; PASSADO E PRESENTE		Abril (04/92 a 26/04/92)	Evento da Conferência da ONU para o Meio Ambiente, a RIO ECO 92.						Caixa 3 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1992	Exposição	O LIXO PASSADO A LIMPO		Maio (07/05 a 05/07)	Exposição ecológica com fotografias, desenhos e instalação. Evento da Conferência da ONU para o Meio Ambiente, a RIO ECO 92.						Caixa 3 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1992	Exposição	PAÇO DOS ESTADOS		Junho	Mostra fotográfica dos estados do Amazonas, Espírito Santo e São Paulo e da cidade de Maringá (PR).						Caixa 3 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1992	Exposição	RIO DE JANEIRO UMA CIDADE NO TEMPO		Junho (01 a 30/06/92)	Exposição documental. Evento da Conferência da ONU para o Meio Ambiente, a RIO ECO 92.						Caixa 3 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1992	Exposição	CIÊNCIA KAYAPÓ -- ALTERNATIVAS CONTRA A DESTRUIÇÃO		Agosto	Exposição organizada pelo Museu Paraense Emilio Goeldi; Evento da Conferência da ONU para o Meio Ambiente, a RIO ECO 92.						Caixa 4 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1992	Exposição	PORTUGAL OU A REUNIÃO DOS QUATRO CANTOS DO MUNDO		Agosto	Instalação do artista português Paulo Cardoso abordando Fernando Pessoa, seus heterônimos, seu lado místico e suas poesias sobre a conquista dos mares.							
1992	Exposição	AS ARTES DO PODER		Setembro (11/09 a 25/10/92)	Reunindo várias peças (pinturas, fotografias, objetos) que representam/simbolizam o poder, desde a chegada de D. João VI até hoje, assim como trabalhos de artistas contemporâneos que efetuam comentários sobre o poder constituído. Curadoria de Luis Aquila.						Caixa 5 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1992	Exposição		EDUARDO SUED	Setembro	Pinturas. Curadoria de Ronaldo Brito.						Caixa 4 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1992	Exposição	AS CIDADES DE SINISCA		Novembro (04 a 22/11)	Mostra de fotografias com a visão do fotógrafo italiano Sinisca sobre as cidades de Roma, Nova York, Paris, Cairo e Florença.						Caixa 4 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1992	Exposição	A CAMINHO DE NITERÓI		Dezembro (10/12/92 a 14/02/1993)	Mostra de cerca de 300 peças da coleção particular de João Sattamini, especializada em artes plásticas brasileiras dos anos 50 até hoje, futuro acervo do Museu de Arte Contemporânea de Niterói.						Caixa 4 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1993	Exposição	TIEMPO SUBTERRANEO -- PINTURA JOVEM MEXICANA		Abril (16/04 a 23/05)	Mostra de arte contemporânea mexicana.						Caixa 6 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1993	Exposição	O TRABALHO		Abril (15/04 a 30/05)	A mostra reuniu obras de 9 artistas que abordaram o tema de modo significativo Curadoria de Luis Aquila e da equipe do Paço Imperial.						Caixa 6 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1993	Exposição	A NOVA PRESENÇA DA CERÂMICA		Abril	Mostra organizada por Gilberto Paim, exibindo peças na fronteira entre o artístico e o utilitário, de sua autoria e de ELISABETH FONSECA, SARA CARONE e MIEKO UKESEKI.						Caixa 6 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1993	Exposição		THOMAZ IANELLI	Junho (05/06 a 25/07)	Mostra com pinturas e esculturas de diversas fases da carreira do artista.						Caixa 6 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1993	Exposição		ROBERT DOISNEAU	Junho (03 a 24/06/93)	Mostra do importante fotógrafo francês, retratando o cotidiano de Paris e uma série de portraits de amigos famosos.						Caixa 6 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1993	Exposição	DOCUMENTARY DILEMMAS		Junho	A fotografia documentária na Grã--Bretanha desde os anos 80-- mostra de fotografia contemporânea com trabalhos de MARTIN PARR, PAUL GRAHAM, PAUL SEAWRIGHT, entre outros.						Caixa 6 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1993	Exposição		CARLOS ZILIO	Julho (13/07 a 05/09)	Pinturas e esculturas.						Caixa 6 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1993	Exposição	GUIGNARD - A ESCOLHA DO ARTISTA		Agosto (20/08 A 26/09/93)	Homenagem ao centenário de nascimento do artista, com trabalhos que representam o Rio de Janeiro e obras de 6 artistas por ele influenciados: ADRIANA VAREJÃO, BEATRIZ MILHAZES, CHICO CUNHA, CRISTINA CANALE, LUIS ZERBINI, DANIEL SENISE.						Caixa 6 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1993	Exposição	BRASILIANA 93 - CORREIOS E TELÉGRAFOS		Agosto (08 A 09/93)							Caixa 6 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1993	Exposição	O PAPEL DO RIO		Setembro (14/09 A 14/11)	Obras sobre papel que refletem as mudanças, as crises, diferentes atuações da cidade e da produção artística, através de obras de diversos artistas e ilustradores.						Caixa 7 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1993	Exposição	CIDADES CONTÍNUAS		Setembro (16/09 A 17/03/94)	- PEDRO CALAPEZ -- pinturas e esculturas - ZERLINA – uma narrativa - JORGE MOLDER - fotografias						Caixa 7 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1993	Exposição	DEBRET PARA CRIANÇAS		Outubro (21/10 a 07/11)	Mostra de aquarelas de Debret organizada pelos Museus Castro Maya.						Caixa 7 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1993	Exposição	VESTÍGIOS DE UM SONHO - União Latina		Outubro (27/10 a 28/11)	Mostra sobre as MISSÕES JESUÍTICAS – 65 fotografias de grandes dimensões.						Caixa 7 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1993	Exposição	VISÕES DO MAR		Outubro	Fotografias.							
1993	Exposição	BIENAL DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS - II		Novembro								
1993	Exposição	JOÃO GRIJÓ		Dezembro (14/12/93 a 27/02/94)	Pinturas e esculturas.						Caixa 7 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1993	Exposição	A CAMINHO DE NITERÓI II		Dezembro (16/12/93 a 06/02/94)	Nova mostra sobre o acervo de João Sattamini. Curadoria de Rubens Breitman.						Caixa 7 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1994	Exposição		CELEIDA TOSTES	Janeiro (18/01 a 13/02)	Esculturas.						Caixa 8 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1994	Exposição	CASA GRANDE E SENZALA		Janeiro (25/01 a 28/02)	Mostra feita a partir do roteiro do filme não realizado sobre o assunto do livro de Gilberto Freyre.						Caixa 8 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1994	Exposição		HILTON BERREDO	Fevereiro (23/02 a 17/04)	Antropofagia romântica 27 quadros a óleo sobre tela.						Caixa 8 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1994	Exposição		MARCELO LAGO	Março (17/03 a 22/05)	Esculturas.						Caixa 8 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1994	Exposição	RETRATO DE OSWALDO ARANHA		Abril (06/04 a 15/05)	Mostra documental organizada pelo CPDOC da Fundação Getúlio Vargas.						Caixa 8 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1994	Exposição	PRESENÇA DE LUCIO COSTA		Maio	Mostra sobre a vida e obra do urbanista, com curadoria de Maria Elisa Costa.						Caixa 8 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1994	Exposição	ASPECTOS DA FOTOGRAFIA CONTEMPOR NEA ALEMÃ		Maio (12/05 a 05/06)	THOMAS FLORSCHUETZ e GUNDULA SCHULZE						Caixa 8 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1994	Exposição		DANIEL SENISE	Maio (No relatório da museóloga consta a informação de que ocorreu em julho)	Pinturas - mostra de trabalhos inéditos no Rio de Janeiro.						Caixa 8 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1994	Exposição		CRISTINA KUBISCH	Junho (No relatório da museóloga consta a informação de que ocorreu em julho)	Consecutio temporum III - Espaço Luz Som – instalação.						Caixa 8 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1994	Exposição	NOVOS 90		Junho (16/06 a 31/07)	Coletiva da nova geração de artistas plásticos do Rio de Janeiro e de São Paulo (28 artistas). Artistas: ADRIANO PEDROSA, ANTONIO SERGIO, CECÍLIA ABS, CONCEIÇÃO RODRIGUES, COURTNEY SMITH, DIEGOZARAGOZA, ELIANE DUARTE, FAVBIO FERNANDEZ GAROÑA, FLAVIA DE FARIA, GLAUCO MENTA, ISRAEL NUNES, JACQUELINE ADAM, LAURA LIMA, LÁZARO TRIBST JR., LUIZ VITOR, MÁRCIA RAMOS, MARIA TEREZA LOURO, MARINA GODOY, MAURICIO RUIZ, PEDRO ALVES PINTO, RAUL MOURÃO, REGINA GO, RODRIGO SAAD, ROSANE CATANHEDE, SERGIO MOREIRA, SOLANGE PESSOA, TATIANA GRINBERG, TERESA BERLINK. Curadoria: Beatriz Milhazes, Hilton Berredo, Iole de Freitas, José Roberto Agulllar, Marcia Marcondes, Marcos Lontra, Miguel de Almeida, Lauro Cavalcanti.						Caixa 8 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1994	Exposição	SALÃO DE BELEZAS		Julho (08 a 24/07)	Homenagem a CLAYMARA BORGES e HEURICO FIDELIS (vários artistas)						Caixa 8 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1994	Exposição	COLETIVA DE ARTISTAS PAULISTAS		Agosto (16/08 a 25/09)	Desenhos, pinturas e instalação de ARTUR LESCHER, GUTO LACAZ, DUDI MAIA ROSA, ANA TAVARES e FLAVIA RIBEIRO.						Caixa 8 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1994	Exposição	MATÉRIA E FORMA: ACONTECIMENTOS		Agosto (16/08 a 25/09)	MARCUS ANDRÉ, JOSÉ BECHARA, ERNESTO NETO, RAUL MOURÃO e Mônica Barki - Matéria e Forma. A mostra pretende discutir as questões de matéria e forma na arte e sua tradução na produção contemporânea. Curadoria de Camilo Osório.						Caixa 8 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1994	Exposição		MONICA BARKI	Agosto (16/08 a 25/09)	Pinturas recentes.						Caixa 8 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1994	Exposição	OZU		Agosto	Instalação de EDUARDO BARRETO.							
1994	Exposição	GONÇALO IVO, RONALDO DO REGO MACEDO E JOSÉ MARIA DIAS DA CRUZ		Agosto (16/08 a 25/09)	Pintura. José Maria da Cruz, Gonçalo Ivo e Ronaldo do Rego.							
1994	Exposição	ATELIER FINEP - ANNA BELLA GEIGER		Agosto								
1994	Exposição		MAURICIO BENTES	Setembro	Escultura Passagem.							
1994	Exposição	ATELIER FINEP - IVENS MACHADO		Setembro	Esculturas							
1994	Exposição	HAROLDO BARROSO E O INGÁ		Outubro (10/10 a 27/11)	Homenagem de ex-alunos com peças do escultor e de MAURÍCIO BENTES, PEDRO PAULO DOMINGUES, CARLOS MASCARENHAS, MARCO BONISSON, MARTHA ARAUJO, LUCIANA HORTA, LUCIANO VINHOSA E MARCELO CALDAS.						Caixa 8 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1994	Exposição		IVENS MACHADO	Outubro (10/10 a 27/11)	Esculturas						Caixa 8 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1994	Exposição	ESCULTURA CARIOCA		Outubro (10/10 a 27/11)	Com trabalhos de CARLA GUAGLIARDI, EDUARDO COIMBRA, RICARDO BECKER, ANDRÉ COSTA, MARCOS CHAVES, JOSÉ DAMASCENO, RAUL MOURÃO, ENRICA BERNARDELLI, MÁRCIA THOMPSON, CARLOS BEVILAQUA, VALESKA SOARES, RODRIGO CARDOSO, JORGE BARRÃO, ERNESTO NETO, FERNANDA GOMES, LIVIA FLORES, MAURICIO RUIZ E RICARDO BASBAUM.						Caixa 8 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1994	Exposição	A capela	CLAUDIO KUPERMAN	Outubro (10/10 a 27/11)	Pinturas.						Caixa 8 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1994	Exposição	ATELIER FINEP - MALU FATORELLI		Outubro (10/10 a 27/11)							Caixa 8 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1994	Exposição	ATELIER FINEP - BEATRIZ MILHAZES		Novembro (No relatório da museóloga consta a informação de que ocorreu de 16/08 a 25/09)							Caixa 8 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1994	Exposição		MIRA SCHENDEL	Novembro	Desenhos							
1994	Exposição		JEANETTE PRIOLLI	Dezembro (06/12/94 a 20/02/95)	Pinturas						Caixa 8 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1994	Exposição	SIMETI	Turi Sineti - 10 versões cariocas	Dezembro (06/12/94 a 29/01/95)	Pinturas de Turi Simeti.						Caixa 8 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1994	Exposição	Produção e abandono	KATHRYN TAVERNA	Dezembro	Instalação							
1994	Exposição	TESOUROS DO PATRIMÔNIO		Dezembro (13/12/94 a 26/02/95)	Peças selecionadas dos acervo de 11 unidades (museus) e do Arquivo Central do IPHAN.						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1994	Exposição	Coletiva: English Lavender na visão de artistas brasileiros		Sem data	Sergio Augusto Brandão, Ricardo Gonçalves Monmany, Luciana Napacham.						Caixa 7 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1995												Barrio, Artur. Artur Barrio: uma extensão no tempo. Rio de Janeiro: Paço Imperial; RioArte, 1995. 151 p. il. Catálogo de exposição realizada no Paço Imperial em 1995. BIBLIOTECA PAULO SANTOS: 7 A.BARRIO / B239a
1995	Exposição	SIMETI	Turi Simeti - 10 versões cariocas	Dezembro (06/12/94 a 29/01/95)	Pinturas de Turi Simeti.						Caixa 8 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição		JEANETTE PRIOLLI	Dezembro (06/12/94 a 20/02/95)	Pinturas						Caixa 8 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	TESOUROS DO PATRIMÔNIO		Dezembro (13/12/94 a 26/02/95)	Peças selecionadas dos acervo de 11 unidades (museus) e do Arquivo Central do IPHAN.						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	FACTUAL COLETIVA	JORGE EMANUEL, LIVIA FLORES, BERNARDO STAMBOVSKI, ELIANE DUARTE, MAURÍCIO RUIZ	Janeiro (18/01 a 26/02)							Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	Individual	SALVIO DARÉ	Janeiro (18/01 a 26/02)	Pinturas e desenhos						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	Individual	MANFREDO DE SOUZANETO	Janeiro (18/01 a 26/02)	Desenhos						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	Individual	BETTE KALACHE	Janeiro (18/01 a 26/02)	Instalação						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	Individual	XICO CHAVES	Janeiro (18/01 a 26/02)	Pinturas						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	Individual	SONIA LABORIAU	Janeiro (18/01 a 26/02)	Desenhos						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	Individual	CHICO CUNHA	Janeiro (18/01 a 26/02)	Desenhos						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	ATELIER FINEP - LUIZ PAULO BARAVELLI		Fevereiro						Workshop com Angela Freiberger, Rosane Cantanhede, Ana Muglia, Celina Martins e Eda Miranda		
1995	Exposição	Individual	JOHN NICHOLSON	Março (14/03 a 30/04)	Pinturas						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	Individual	PAULA REGO	Março (14/03 a 30/04)	Gravuras						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1995	Exposição	Individual	PAULO PAES	Março (14/03 a 30/04)	Esculturas						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	Individual	DELIMA MEDEIROS	Março (14/03 a 30/04)	Pinturas						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	Individual	JOÃO MAGALHÃES	Março (14/03 a 30/04)	Pinturas						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	Individual	KATIE VAN SCHERPENBERG: Mãe, prometo ser feliz	Março (14/03 a 30/04)	Pinturas - obras de 1991/95						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	Individual	CELIA EUVALDO	Março	Desenhos							
1995	Exposição		ATELIER FINEP - CHICO CUNHA	Maio	Instalação							
1995	Exposição	Individual	MARIA DO CARMO SECCO	Maio (24/05 a 25/06)	Pinturas						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	Individual	JADIR FREIRE - Permanência	Maio (24/05 a 25/06)	Pinturas						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	Individual	MARIANNE PERETTI	Maio (24/05 a 25/06)	Esculturas e vitrais						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	AS MULHERES DE MASSARANI E LULA		Maio (24/05 a 25/06)	Ilustrações recentes de Mariana Massarani e Lula para o Jornal do Brasil						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	Individual	IOLANDA GOLLO MAZZOTTI - (Re)velar	Maio (24/05 a 25/06)	Instalação						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	CORRESPONDÊNCIAS		Maio (24/05 a 25/06)	Artistas: CARY LEIBOWITZ, MARCIA X, EFRAIN ALMEIDA, MAURICIO RUIZ, LILY VAN DER STOKKER, SERGIO BESSA, HUNTER REYNOLDS, MAXINE HENRYSON. Esculturas, desenhos e fotografias. Curadoria de Cláudia Saldanha.						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição		OSCAR POR KADU NIEMEYER	Maio	Fotografia e arquitetura (fotos de obras de Oscar Niemeyer)							
1995	Exposição	Projeto Alto no Mar	LUIZ ERNESTO	Maio (24/05 a 25/06)	Esculturas						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	ATELIER FINEP	IOLE DE FREITAS	Junho	Esculturas							
1995	Exposição	Florais	JORGE DUARTE	Julho (12/07 a 03/09)	Pinturas						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição		ZÉ	Julho	Trabalhos de JOSÉ LEONILSON nas coleções de Luiz Zerbini, Adriano Pedrosa e Daniel Senise							
1995	Exposição	As três graças	SUZANA QUEIROGA	Julho (12/07 a 03/09)	Encáustica e óleo sobre madeira						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1995	Exposição	HUMANOINUMANO	CRISTINA SALGADO	Julho (12/07 a 03/09)	Esculturas						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição		MAURICIO RUIZ	Julho (12/07 a 03/09)	Esculturas						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição		PAULO LAPORT	Julho (12/07 a 03/09)	Pinturas							
1995	Exposição		PÁGINAS - DESENHOS DE CASSIO LOREDANO NA IMPRENSA	Julho								
1995	Exposição		MARCOS CHAVES	Julho (12/07 a 03/09)	Instalação						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição		EDUARDO COIMBRA	Julho (12/07 a 03/09)	Esculturas						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	DA LUTA ELE VOLTOU PARA CASA COM ANIMAIS SELVAGENS	LUIS PIZARRO	Setembro (21/09 a 19/11)	Técnica mista com cera sobre madeira						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	ONZE ANJOS ONZE	ADRIANO MANGIAVACCHI	Setembro (21/09 a 19/11)	Serigrafias e pinturas						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição		ELISA BRACHER	Setembro (21/09 a 19/11)	Gravuras sobre metal						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	SEDUÇÃO, ÊXTASE E CASTIGO	SERGIO ROMAGNOLO	Setembro (21/09 a 19/11)	Esculturas em plástico moldado						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	Uma extensão no tempo	ARTUR BARRIO	Setembro (21/09 a 19/11)	Instalação						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	MEIA DUZIA URBIS	RUBENS GERCHMAN	Setembro (21/09 a 19/11)	Pinturas e esculturas						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	COLETIVA “SINGULAR”	EFRAIN ALMEIDA, ALOMA ROMARIZ, ROSANA PALAZYAN, CONCEIÇÃO IMACULADA E VICENTE DE MELLO	Setembro (21/09 a 19/11)	Objetos e fotos						Caixa 9 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	A gruta	LUIS AQUILA	Setembro	Instalação							
1995	Exposição	Panorama do Brasil		06/10/95 a 28/11/95							Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	Individual	Albuquerque Mendes	Dezembro (13/12/95 a 11/02/96)							Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	DO OUTRO LADO DA NOITE	RUY STILPEN	Dezembro (13/12/95 a 11/02/96)	Desenhos						Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	Individual	JOÃO CARLOS GOLDBERG	Dezembro (13/12/95 a 11/02/96)	Esculturas						Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1995	Exposição	DE CISNES, FOLHAGENS E ORNAMENTOS	CRISTINA CANALE	Dezembro (13/12/95 a 11/02/96)	Pinturas e desenhos						Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	INFINITAS IMAGENS (UM TRABALHO SOBRE O TEMPO)	LUIZ ALPHONSUS	Dezembro (13/12/95 a 11/02/96)	Pinturas e material fotográfico						Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	O PAPEL DA COLEÇÃO		Dezembro (13/12/95 a 11/02/96)	Gravuras e desenhos da Coleção Mônica e George Kornis						Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	Coletiva	MÔNICA SARTORI / ISAURA PENA / MÁRIO AZEVEDO	Dezembro (13/12/95 a 11/02/96)	Gravuras, desenhos, impressão						Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1995	Exposição	EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DE 10 ANOS DO PAÇO IMPERIAL		Dezembro	Material de divulgação usado para exposições e eventos (cartazes, catálogos e estandartes)							
1995	Exposição		ATELIER FINEP - ALUÍSIO CARVÃO	Dezembro	Pinturas, esculturas, objetos							

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1996	Exposição		Angelo de Aquino Carlos Vergara Cristina Salgado Guignard Solange Magalhães Waltercio Caldas									Petite Galerie 1954-1988: uma visão da arte brasileira. Rio de Janeiro: Prefeitura, 1996. 144 p. : principalmente ilustrado. Exposição realizada no Paço Imperial em 1996; Contém índice de material ilustrativo do catálogo. BIBLIOTECA PAULO SANTOS: 7.036(81) / P445
1996	Exposição	Individual - Céus	Albuquerque Mendes	Dezembro (13/12/95 a 11/02/96) - no relatório anual consta que ocorreu em Março de 1996							Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição	DO OUTRO LADO DA NOITE	RUY STILPEN	Dezembro (13/12/95 a 11/02/96)	Desenhos						Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição	Individual	JOÃO CARLOS GOLDBERG	Dezembro (13/12/95 a 11/02/96)	Esculturas						Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição	DE CISNES, FOLHAGENS E ORNAMENTOS	CRISTINA CANALE	Dezembro (13/12/95 a 11/02/96)	Pinturas e desenhos						Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição	INFINITAS IMAGENS (UM TRABALHO SOBRE O TEMPO)	LUIZ ALPHONSUS	Dezembro (13/12/95 a 11/02/96)	Pinturas e material fotográfico						Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição	O PAPEL DA COLEÇÃO		Dezembro (13/12/95 a 11/02/96)	Gravuras e desenhos da Coleção Mônica e George Kornis						Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição	Coletiva	MÔNICA SARTORI / ISAURA PENA / MÁRIO AZEVEDO	Dezembro (13/12/95 a 11/02/96)	Gravuras, desenhos, impressão						Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição	O ESCURO TEM UMA PORTA?	LEIGH HYAMS	Março (12/03 a 04/05)	Pinturas : acrílico sobre tela e workshop realizado com alunos do Parque Lage						Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição		ELMAR THOME	Março (12/03 a 04/05)	Esculturas (borracha, ferro, madeira carbonizada)						Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição	PROJETO ALTO NO BAR	ALOYSIO NOVIS	Março (12/03 a 04/05)	Pinturas						Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1996	Exposição		CLARA CAVENDISH	Março (12/03 a 04/05)	Pinturas						Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição	Geometria Rio - Coletiva	Artistas: ADRIANO DE AQUINO, ANTONIO DIAS, ANTONIO MANUEL, CARLOS ZILIO, EDUARDO SUED, JEANNETTE PRIOLLI, JOAO UCHOA CAVALCANTI, JOSÉ MARIA DIAS DA CRUZ, LUIS SÉRGIO DE OLIVEIRA, OSMAR DILLON, RUBEN LUDOLF E SUZANA QUEIROGA. Várias técnicas. Curadoria de João Magalhães.	Março (12/03 a 04/05)							Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição		ATELIER FINEP-- WALTÉRCIO CALDAS	Março	Cadernos de anotações e objetos							
1996	Exposição	Individual	LUIZ ERNESTO	Maio - No relatório da museóloga consta que ocorreu em Março (12/03 a 04/05)	Pinturas sobre relevo						Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição	MINAS GERAIS, BRASIL	FERNANDO M. VELLOSO	Maio (09/05 a 23/06)	Pinturas						Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição	Individual	MANUEL FERNANDES	Maio - No relatório da museóloga consta que ocorreu em Março (12/03 a 04/05)	Pinturas						Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição	Retrospectiva	IONE SALDANHA	Maio (09/05 a 23/06)							Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição	Individual	RONALDO DO REGO MACEDO	Maio - No relatório da museóloga consta que ocorreu em Março (12/03 a 04/05)	Pinturas						Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição	PROJETO ALTO NO BAR	ROBERTO TAVARES	Maio (09/05 a 23/06)	Pinturas						Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição	Retrospectiva	ANNA LETYCIA	Maio (09/05 a 23/06)							Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição		ATELIER FINEP - Ascânio MMM	Maio								

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1996	Exposição	INFLUÊNCIA POÉTICA: DEZ DESENHISTAS CONTEMPORÂNEOS	ELIZABETH JOBIM, GABRIELA MACHADO, FERNANDA JUNQUEIRA, FABIOLA COULIN, NIDIA NEGROMONTE, CÉLIA EUVALDO, PAULO MONTEIRO, MARCONI DRUMOND, ISAURA PEÑA E MÔNICA SARTORI (A PARTIR DE AMÍLCAR MACHADO E MIRA SCHENDEL)	Julho (17/07 a 25/08)							Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição	Cárcere	MARCO GIANNOTTI	Julho (17/07 a 25/08)							Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição	REALIDADES ARTIFICIAIS	ROSANE CANTANHEDE	Julho (17/07 a 25/08)							Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição	Tabela de cor	ALEXANDRE DACOSTA	Julho (17/07 a 25/08)							Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição	Individual	CRISTINA ROGOZINSKI	Julho (17/07 a 25/08)	Esculturas						Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição	NATURAL AND GOOD GIFTS	COURTNEY SMITH	Julho (17/07 a 25/08)							Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição	PEQUENAS MÃOS	BEATRIZ MILHAZES, BISPO, CELEIDA TOSTES, COURTNEY SMITH, ELIANE DUARTE, ERNESTO NETO, FERNANDA GOMES, TUNGA, MÁRCIA THOMPSON, JAC LEIRNER, WALTÉRCIO CALDAS, JOSÉ LEONILSON, MONICA NADOR, IRAN DO ESPÍRITO SANTO. Curadoria: Adriano Pedrosa	Julho (17/07 a 25/08)							Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição		ATELIER FINEP - DANIEL SENISE E ANGELO VENOSA	Julho								
1996	Exposição	Individual	LUIZ ZERBINI	Setembro (17/09 a 09/11)	Pinturas						Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição	OPOSIÇÕES; LATITUDES INTERCONTINENTAIS DE UM COMBATE ANTIFASCISTA E ANTICOLONIALISTA		Setembro (04 a 27/09)	44 painéis auto-portantes, 2 desenhos, 2 colunatas						Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição	Individual	ERNESTO NETO	Setembro (04 a 27/09)	Esculturas / Instalação						Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1996	Exposição	ESCULTURAS NO PAÇO	ANA TAVARES, ANDRÉ COSTA, ARTUR LESCHER, BETTE KALACHE, BERNARDO STAMBOWSKY, CARLA GUAGLIARDI, CARLOS BEVILACQUA, CARLOS ZÍLIO, CRISTINA SALGADO, EDUARDO COIMBRA, EFRAIM ALMEIDA, ENRICA BERNARDELLI, FERNANDA GOMES, JOÃO CARLOS GOLDBERG, JORGE EMANUEL, LÍVIA FLORES, LUCIANA HORTA, LUCIANO VINHOSA, LUIZ ERNESTO, MÁRCIA X., MÁRCIA THOMPSON, MARCELO CALDAS, MARCOS BONISSON, MARCOS CHAVES, MARIANE PERETTI, MARTHA ARAÚJO, MAURÍCIO RUIZ, PEDRO PAULO DOMINGUES, PAULO PAES, RAUL MOURÃO, RICARDO BASBAUM, RICARDO BECKER, SÉRGIO ROMAGNOLO, VALESKA SOARES	Setembro (17/09 a 03/11)								Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição	DIMENSÃO DO DESENHO	MANUEL CASAL AGUIAR; SOBRAL CENTENO DESENHOS DE ARMANDO ALVES, FRANCISCO LARANJO, JULIO RESENDE, MANUEL CASAL AGUIAR, MARTA RESENDE, SOBRAL CENTENO, VICTOR COSTA, ZULMIRO CARVALHO. Curadoria: Armando Alves.	Setembro (17/09 a 03/11)								Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição		ATELIER FINEP - REILA GRACIE, ANTONIO DIAS E ROBERTO MAGALHÃES	Outubro								
1996	Exposição		LINA BO BARDI	Novembro (20/11 a 22/12)	Retrospectiva Arquitetura, design						Caixa 10 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1996	Exposição	UMA VISÃO DA ARTE BRASILEIRA		Novembro (20/11 a 22/12 e 09/01 a 16/02/1997)	601 obras da coleção da Petite Galerie apresentadas em duas fases. Curadoria de Franco Terranova.						Caixa 11 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1997	Exposição	UMA VISÃO DA ARTE BRASILEIRA		Novembro (20/11 a 22/12 e 09/01 a 16/02/1997)	601 obras da coleção da Petite Galerie apresentadas em duas fases. Curadoria de Franco Terranova.						Caixa 11 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição	MOVIMENTOS	ROBERT SCHAD	Janeiro (09/01 a 16/02)							Caixa 11 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição	CIDADE OCULTA	EDMILSON NUNES, JARBAS LOPES, JULIO SEKIGUCHI, MARCELO CALDAS, MARCOS CARDOSO, MARIE IWAKIRI, TAY BUNHEIRÃO	Março								
1997	Exposição	DIÁRIO DE IMAGENS	GONÇALO IVO	Março (06/03 a 13/04)							Caixa 11 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição	RETRATOS ANÔNIMOS	CLÁUDIA JAGUARIBE	Março (06/03 a 13/04)							Caixa 11 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição		ADRIANA MACIEL	Março (06/03 a 13/04)	Pinturas						Caixa 11 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição	20 ANOS DE BALADA	NAN GOLDIN	Março (06/03 a 13/04)							Caixa 11 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição	OS BICHOS	JULIETA SOBRAL	Março (06/03 a 13/04)	Fotografias						Caixa 11 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição		ATHOS BULCÃO	Março (06/03 a 13/04)	Fotomontagens						Caixa 11 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição		PAULA TROPE	Março (06/03 a 13/04)							Caixa 11 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição		PINKY WAINER	Março (06/03 a 13/04)							Caixa 11 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição	ATELIER FINEP - CILDO MEIRELES		Março								
1997	Exposição	INVÓLUCRO	WANDA PIMENTEL	Abril (29/04 a 08/06)							Caixa 11 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição	GRAVADORES CONTEMPORÂNEOS DE CURITIBA	24 artistas	Abril (29/04 a 25/05)	Adriana Tubalipa, Ana González, Andrei Lãs, Bernardette Panek, Carlos Enrique Túlio, Cristiane Silveira, Dulce Ossinski, Edéne Brizot, Estela Sandrini Glauco Menta Soifer, Juliane Fuganti, Jussara Age, Lahir Ramos, Lea Lancy Sprenger, Luciano Mariussi, Maria de Louders Gomes, Nelson Edi Hohmann, Newton Goto, Paulo Ribas, Ricardo Carneiro, Rosana Fabri, Rosane Schogel, Rossana Guimarães.						Caixa 11 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição	NOMES PRÓPRIOS	LEILA DANZIGER	Abril (29/04 a 08/06)							Caixa 11 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição	DIÁRIOS	WALTON HOFFMANN	Abril (29/04 a 08/06)							Caixa 11 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1997	Exposição	SOBERBA	MÁRCIA X	Abril (29/04 a 08/06)							Caixa 11 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição	A ARQUITETURA DE RUY OHTAKE	RUY OHTAKE	Abril (29/04 a 08/06)							Caixa 11 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição	Estudo em escarlate (projeto Alto no Bar)	JOSÉ VERAS	Abril (29/04 a 08/06)							Caixa 11 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição	LUMMENS	XICO CHAVES	Abril (29/04 a 08/06)							Caixa 11 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição	NO LIMITE DA FORMA	MANFREDO DE SOUZANETO, THOMAS EMDE, CAETANO DE ALMEIDA, THOMAS SCHONAUER	Abril (29/04 a 08/06)							Caixa 11 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição		BARRÃO E LUIZ ZERBINI	Junho								
1997	Exposição		LEDA CATUNDA	Julho (03/07 a 03/08)	Pinturas						Caixa 11 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição		MARINA SALEME	Julho (03/07 a 03/08)	Pinturas						Caixa 11 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição		FÁBIO MIGUEZ	Julho (03/07 a 03/08)	Pinturas						Caixa 11 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição	O OCO E A ORIGEM	MARTA STRAMBI	Julho (03/07 a 03/08)							Caixa 11 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição	PAISAGEM PELO AVESSO	ANA MUGLIA	Julho (03/07 a 03/08)							Caixa 11 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição	DO LUGAR	ESTHER GRINSPUN	Julho (03/07 a 03/08)							Caixa 11 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição	ATELIER FINEP - EDUARDO SUED		Julho								
1997	Exposição	AMBOS	POJUCAN	Julho (23/07 a 17/08)							Caixa 11 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição	AR	Artistas: ALBERTO DA VEIGA GUIGNARD, ALUÍSIO CARVÃO, NGELO DE AQUINO, ANTONIO DIAS, BARRÃO, BERNARDO STAMBOSWSKY, CASSARO, CHICO CUNHA, DANIEL SENISE, ELISEU VISCONTI, GUTO LACAZ, JACQUELINE ADAM, JOHN NICHOLSON, LEONILSON, LUCÍLIO DE ALBUQUERQUE, LUIZ ERNESTO, PAULO PAES, PEDRO PAULO DOMINGUEZ, RIZZA CONDE, ROBERTO MAGALHÃES, RUBENS GERCHMAN, SÉRVULO ESMERALDO, TATIANA GRINBERG, VALÉRIA COSTA PINTO, WALDOMIRO DE DEUS, WALTÉRCIO CALDAS	Setembro (23/09 a 26/10)	Exposição de artes plásticas, brinquedos, objetos e maquetes. Curadoria: Luiz Aquila e Lauro Cavalcanti.						Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição	O CORPO DA ESCULTURA	IOLE DE FREITAS	Novembro (13/11 a 18/01/1998)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1997	Exposição	TODOS OS CEM	ATELIER FINEP - JAC LEIRNER	Novembro (13/11 a 18/01/1998)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição	HÁ SOPAS	ATELIER FINEP - TUNGA E ARTUR BARRIO	Novembro (13/11 a 18/01/1998)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição	IPHAN 60 ANOS VIVA!		Novembro (18/11 a 15/02/1998)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição	REGISTROS URBANOS	CRISTIANO MASCARO	Dezembro (03/12 a 18/01/1998)	Fotografias						Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição	CALENDÁRIO 98 – DESIGN DE JANEIRO A DEZEMBRO	Tátil Design	Dezembro (03/12 a 18/01/1998)	12 posters grandes, 12 posters pequenos						Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1997	Exposição	O GLOBO EM CARTAZ		Dezembro	Design gráfico de seus eventos promocionais							

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1998	Exposição	O CORPO DA ESCULTURA	IOLE DE FREITAS	Novembro (13/11 a 18/01/1998)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição	TODOS OS CEM	ATELIER FINEP - JAC LEIRNER	Novembro (13/11 a 18/01/1998)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição	HÁ SOPAS	ATELIER FINEP - TUNGA E ARTUR BARRIO	Novembro (13/11 a 18/01/1998)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição	IPHAN 60 ANOS VIVA!		Novembro (18/11 a 15/02/1998)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição	REGISTROS URBANOS	CRISTIANO MASCARO	Dezembro (03/12 a 18/01/1998)	Fotografias						Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição	CALENDÁRIO 98 – DESIGN DE JANEIRO A DEZEMBRO	Tátil Design	Dezembro (03/12 a 18/01/1998)	12 posters grandes, 12 posters pequenos						Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição		PEDRO CABRITA REIS	Janeiro (29/01 a 22/02)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição	TRABALHOS RECENTES	AUGUSTO HERKENHOFF	Janeiro (29/01 a 22/02)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição	QUE NADA	JARBAS LOPES	Janeiro (29/01 a 22/02)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição	EXÓTICOS	ROLF BEHM	Março (17/03 a 19/04)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição		SÁLVIO DARÉ	Março (17/03 a 19/04)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição	BICHOS	ARTUR CARNEIRO	Março (17/03 a 19/04)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição		BETH JOBIM	Março (17/03 a 19/04)	DESENHOS E PINTURAS						Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição	EU TE AMO/ EU TE ODEIO	LÍGIA TEIXEIRA	Março (17/03 a 19/04)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição	PARTICULAR	NIURA BELLAVINHA	Março (17/03 a 19/04)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição		SÉRGIO FINGERMANN	Março (17/03 a 19/04)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição	LOOKING FOR AN ANGEL	ATELIER FINEP - LUIZ PIZARRO	Março (17/03 a 19/04)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1998	Exposição		ANGELO VENOSA	Março (No relatório da museóloga consta a data de 05/05 a 07/06)	DESENHOS						Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição	OSTRAS	ANA MIGUEL	Março (17/03 a 19/04)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição	PROJETO PENSAR GRÁFICO: HOMENAGEM A EDITH BEHRING		Maio								
1998	Exposição	INDIVIDUAL	RIZZA CONDE	Maio								
1998	Exposição	O SAGRADO E O PROFANO	ATELIER FINEP - RUBEM GRILO	Maio								
1998	Exposição	A GRAVURA DA LINGUAGEM	AMÍLCAR DE CASTRO, ANA GONZALEZ, ANNA CAROLINA, CARMELA GROSS, CLÁUDIO MUBARAC, EDÉNEI BRIZOT, FERES KHOURY, GUILHERME MANSUR, LAURITA SALLES, LENA BERGSTEIN, LÓTUS LOBO, MABE BETHÔNICO, MALU FATORELLI, MARCO BUTTI, MARCONI DRUMMOND, MARIA BONOMI, MARIA TOMASELLI, NAUER SPÍNDOLA, RENINA KATZ, SERGIO FINGERMANN	Maio								
1998	Exposição		GABRIELA MACHADO	Maio (05/05 a 07/06)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição	OBSERVANDO UMA MARIA –SEM - VERGONHA OU VÁRIOS CAMINHOS PARA O INFINITO	JOSÉ MARIA DIAS DA CRUZ	Maio (05/05 a 07/06)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição		LENA BERGSTEIN	Maio (05/05 a 07/06)	Telas recentes e originais do livro 'Enlouquecer o subjétil'						Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição	RELEVOS	LUCIANO FIGUEIREDO	Maio (05/05 a 07/06)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição		MATTHEW RITCHIE	Maio							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição		RUBEM LUDOLF	Maio (05/05 a 07/06)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1998	Exposição		ANGELO VENOSA	Maio (05/05 a 07/06)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição		Galeria Camargo Vilaça	Maio (05/05 a 07/06)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição		Papel 8 tinta editor	Maio (05/05 a 07/06)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição		Projeto "Pensou gráfico" - Coletiva	Maio (05/05 a 07/06)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição		LUIZ ZERBINI	Julho (15/07 a 23/08)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição	VÊNUS ANTROPOFÁGICA NO ESPAÇO ARQUEOLÓGICO	LUCIANO HORTA	Julho (15/07 a 23/08)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição	A MULHER VESTE A ALMA DO ARTISTA	MARÍLIA VALLS	Julho (15/07 a 23/08)							Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição	HANGING	FRANZ ACKERMANN, SEAN LANDER, CHRISTIAN SCHUMANN, ALEJANDRA ICAZA, BEATRIZ MILHAZES, ELIZABETH PEYTON, RICHARD PHILLIPS, ALESSANDRO RAHO, HIROSHI SUGITO e NICOLA TYSON	Julho (15/07 a 23/08)	Pinturas						Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição	O BEIJO	ANA LINNEMANN, DANIEL FEINGOLD, ELISA BRACHER, JOSÉ RESENDE	Julho (15/07 a 23/08)	PINTURAS E ESCULTURAS						Caixa 12 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição	O DAGUERREÓTIPO NAS COLEÇÕES CARIOCAS		Julho (15/07 a 23/08)							Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição	AZULEJOS: UM PROJETO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO		Julho (15/07 a 23/08)							Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição		ATELIER FINEP - PAULO PAES	Julho								
1998	Exposição	Onze Pinturas	LUIZ AQUILA	Setembro (24/09 a 25/10)							Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição		CILDO MEIRELES	Setembro (24/09 a 15/11)	Desenhos						Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição		ARTHUR BARRIO	Setembro (24/09 a 15/11)	Desenhos						Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição		LUIZ FONSECA	Setembro (24/09 a 15/11)	Desenhos						Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1998	Exposição		ATELIER FINEP - NUNO RAMOS	Setembro								
1998	Exposição		PRÊMIO ICATU DE ARTES	Setembro	JOÃO MAGALHÃES, VALÉRIA COSTA PINTO, MÔNICA SCHOENACKER, JORGE DUARTE, SONIA LABOURIAU, PEDRO PAULO DOMINGUES						Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição		A IMAGEM DO SOM DE CAETANO VELOSO	Novembro (19/11 a 14/03/1999)							Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição	CAMINHANDO	LYGIA CLARK	Dezembro (08/12 a 28/02/1999)	Retrospectiva						Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	Lygia Clark. Fundació Antoni Tàpies: Barcelona, 1997. 362 p. il. Contém biografia e bibliografia; Catálogo de exposição realizada no Paço Imperial em 1998-99. ISBN 84-887-8642-5. BIBLIOTECA PAULO SANTOS: 7 LYGIA CLARK / L986
1998	Exposição	NO PRINCÍPIO...	ANNA BELLA GEIGER	Dezembro (08/12 a 28/02/1999)							Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição	SCREEN PRINTS	BEATRIZ MILHAZES	Dezembro (08/12 a 28/02/1999)							Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1998	Exposição	RESSON NCIAS DE PAISAGENS	ATELIER FINEP -- AMÉLIA TOLEDO	Dezembro (08/12 a 28/02/1999)							Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1999	Exposição	Caminhando...	Lygia Clark	8 de Dezembro 1998 a 28 de Fevereiro 1999	Exposição retrospectiva da artista. Pinturas, esculturas desenhos e objetos sensoriais da artista.	Difusão da produção artística brasileira.	Gomes Freire, Treze de Maio, Trono, Dossel, Amarela, Terreiro do Paço.	Fundació Antoni Tapies (Barcelona) MinC, Petrobrás, Associação dos Amigos do Paço Imperial, Art Viva.	Folder, catálogo, convite	Monitoria para atendimento ao público na exposição interativa, vídeo, slides, oficinas (janeiro e fevereiro) e performance da cantora Adriana Calcanhoto com apresentação da Cia, de Dança Lia Rodrigues na inauguração.	Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	Lygia Clark. Fundació Antoni Tàpies: Barcelona, 1997. 362 p. il. Contém biografia e bibliografia; Catálogo de exposição realizada no Paço Imperial em 1998-99. ISBN 84-887-8642-5. BIBLIOTECA PAULO SANTOS: 7 LYGIA CLARK / L986
1999	Exposição	No princípio...	Anna Bella Geiger	8 de Dezembro 1998 a 28 de Fevereiro 1999	Exposição de gravuras, desenhos, pinturas e objetos.	Difusão da produção artística brasileira.	Mestre Valentim	Secretaria Municipal de Cultura	Catálogo e convite	Visita guiada e palestra da artista	Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1999	Exposição	Screen Prints	Beatriz Milhazes	8 de Dezembro 1998 a 28 de Fevereiro 1999	Exposição de gravuras	Difusão da produção artística brasileira.	Academia dos Seletos		Convite		Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1999	Exposição	Ressonâncias de paisagens	Amélia Toledo - Atelier Finep	8 de Dezembro 1998 a 28 de Fevereiro 1999	Exposição de painéis plotados, granitos e cristais	Difusão da produção artística brasileira.	Armazém Del Rey	FINEP	Folder, convite		Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1999	Exposição	A imagem do som de Caetano Veloso		19 de novembro de 1998 a 28 de fevereiro de 1999	Exposição de pinturas, esculturas, gravuras, fotografias e impressões de 78 artistas das diversa áreas de artes visuais. (relatório enviado no segundo semestre 98)	Associação das artes plásticas com a música	17, 18, 19, 20 (segundo pavimento) - Sala José Alpoim, Sala das Princesas, Sala Luís de Vasconcelos,	Philips, Francisco Alves Editora, Petrobrás, O Globo Nas Artes Visuais	Livro e convite		Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	A imagem do som de Caetano Veloso. Taborda, Felipe, curad. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998. 179 p.: il. (Projeto Imagem do Som, 1). Os nomes dos 80 artistas estão no MFN 536 da MTP; Contém biografia e cronologia do artista; Exposição realizada no Paço Imperial em 1998. ISBN 85-265-0413-4. BIBLIOTECA PAULO SANTOS: 7.036(81) / I1
1999	Exposição	Ponto de fuga	Valeska Soares - Atelier FINEP	11 de Março de 1999 a 23 de maio de 1999	Instalação com tanques de aço e perfume	Difusão da produção artística brasileira.	Armazém Del Rey	FINEP / Galeria Camargo Vilaça (São Paulo), O Globo Nas Artes Visuais	Folder, convite		Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1999	Exposição	Composição	Avatar Moraes - Atelier FINEP	11 de Março de 1999 a 23 de maio de 1999	Exposição de esculturas em madeira e fórmica	Difusão da produção artística brasileira.	Terreiro do Paço	FINEP, O Globo Nas Artes Visuais	Folder, convite	Oficinas com palestras	Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1999	Exposição	Viajantes	Carlos Vergara - Atelier FINEP	11 de Março de 1999 a 23 de maio de 1999	Exposição de pinturas e impressões com interferência do artista	Difusão da produção artística brasileira.	Gomes Freire	FINEP, O Globo Nas Artes Visuais	Folder, convite		Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1999	Exposição	Sedução	Lygia Pape - Atelier FINEP	11 de Março de 1999 a 23 de maio de 1999	Instalação tratando o tempo como significado na obra	Difusão da produção artística brasileira.	Treze de Maio	FINEP, O Globo Nas Artes Visuais	Folder, convite		Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1999	Exposição	Hierarquia?	Nelson Leirner - Atelier FINEP	11 de Março de 1999 a 23 de maio de 1999	Instalação com mais 11 artistas (alunos)	Difusão da produção artística brasileira.	Mestre Valentim	FINEP, O Globo Nas Artes Visuais	Folder, convite		Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1999	Exposição	Desenhos	Hildebrando de Castro	11 de março de 1999 a 18 de abril de 1999	Exposição de desenhos	Difusão da produção artística brasileira.	Dossel	Galeria Camargo Vilaça (São Paulo), O Globo Nas Artes Visuais	Convite		Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1999	Exposição	Father of creation: the old study of Charles Darwin	Julie Robert	11 de março de 1999 a 18 de abril de 1999	Exposição de pinturas da artista galesa	Incentivo ao intercâmbio cultural	Academia dos Felizes	Galeria Camargo Vilaça (São Paulo), O Globo Nas Artes Visuais	Convite		Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1999	Exposição	Variações sobre o mesmo tema	Renata Padovan	11 de março de 1999 a 18 de abril de 1999	Exposição de desenhos e esculturas	Difusão da produção artística brasileira.	Academia dos Seletos	O Globo Nas Artes Visuais	Convite			
1999	Exposição	"Umas" Construções gráficas	Maria do Carmo Secco	11 de março de 1999 a 18 de abril de 1999	Exposição de desenho	Difusão da produção artística brasileira.	Dossel	O Globo Nas Artes Visuais	Convite			
1999	Exposição	Pachira aquática	Mauricio Ruiz	11 de março de 1999 a 18 de abril de 1999	Exposição de trabalhos realizados com computador	Difusão da produção artística brasileira.	Arqueologia	O Globo Nas Artes Visuais	Convite			
1999	Exposição	Multiple Choice	Arte britânica contemporânea - gravuras	11 de março de 1999 a 18 de abril de 1999	Exposição de gravadores ingleses	Incentivo ao intercâmbio cultural	Trono	British Council, O Globo Nas Artes Visuais	Folder, convite	Palestra sobre a arte da gravura inglesa		
1999	Exposição	Tempo Danificado	Claudia Bakker	29 de Abril de 1999 a 23 de Maio de 1999	Exposição de objetos e vídeo	Difusão da produção artística brasileira.	Arqueologia	Museus Castro Maya/ Líder Laboratórios AS, Conspiração Filmes, O Globo Nas Artes Visuais	Convite			
1999	Exposição	Segredos e Mentiras	Julião Sarmento	29 de Abril de 1999 a 23 de Maio de 1999	Exposição de óleos do artista português	Incentivo ao intercâmbio cultural	Trono	Galeria Camargo Vilaça (São Paulo), O Globo Nas Artes Visuais	Folder, convite			

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1999	Exposição	Sem título	Celia Euvaldo	29 de Abril de 1999 a 23 de Maio de 1999	Exposição de pinturas sobre papel	Difusão da produção artística brasileira.	Academia dos Seletos	O Globo Nas Artes Visuais	Convite			
1999	Exposição	Extensão	Edith Derdyk	29 de Abril de 1999 a 23 de Maio de 1999	Instalação feita com linhas	Difusão da produção artística brasileira.	Academia dos Felizes	O Globo Nas Artes Visuais	Convite, Livro			
1999	Exposição	Águas-Fortes	Horst Janssen (1929-1995)	8 de Julho de 1999 a 8 de Agosto de 1999	Exposição de gravuras do artista alemão	Incentivo ao intercâmbio cultural	Gomes Freire	Instituto das Relações Exteriores da Alemanha/ Instituto Goethe/ O Globo Nas Artes Visuais	Convite		Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1999	Exposição	Anotações Cotidianas	Luiz Ernesto	8 de Julho de 1999 a 8 de Agosto de 1999	Exposição de pinturas e esculturas em mármore	Difusão da produção artística brasileira.	Treze de Maio	O Globo Nas Artes Visuais	Folder, convite		Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1999	Exposição	Desenhos	Chico Cunha	8 de Julho de 1999 a 8 de Agosto de 1999	Exposição de desenhos	Difusão da produção artística brasileira.	Trono	O Globo Nas Artes Visuais	Folder, convite		Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1999	Exposição	Sem título	André Costa	8 de Julho de 1999 a 8 de Agosto de 1999	Exposição de esculturas em cimento, madeira e borracha	Difusão da produção artística brasileira.	Dossel	O Globo Nas Artes Visuais	Convite		Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1999	Exposição	Se as palavras...	Marco Veloso	8 de Julho de 1999 a 8 de Agosto de 1999	Exposição de desenhos	Difusão da produção artística brasileira.	Amarela	O Globo Nas Artes Visuais	Convite		Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1999	Exposição	Duas Águas	Carlito Carvalhosa	8 de Julho de 1999 a 15 de Agosto de 1999	Exposição de desenhos e esculturas em gesso	Difusão da produção artística brasileira.	Armazém Del Rey	O Globo Nas Artes Visuais	Folder, convite		Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1999	Exposição	The present absent: eight artists from Miami to Paço Imperial	Coletiva com oito artistas de nacionalidades distintas, Eugenia Vargas, John Espinosa, Jorge Pantoja, Karen Rifas, Luis Gispert, Ruben Torres-Llorca, Tom Downs e William Cordova, todos residentes em Miami	8 de Julho de 1999 a 15 de Agosto de 1999	Exposição com instalações de linguagens diferentes: pinturas, fotografias, vídeos, instalações e desenhos	Incentivo ao intercâmbio cultural	Terreiro do Paço	Tigertail Productions, State of Florida, Florida Arts Council, Federal Express Corporation, TransBrasil Airlines, FIRJAN, Prefeitura do Rio de Janeiro, O Globo Nas Artes Visuais	Convite		Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1999	Exposição	Corluz	Hermelindo Fiaminghi	8 de Julho de 1999 a 15 de Agosto de 1999	Exposição de pinturas	Difusão da produção artística brasileira.	Mestre Valentim	Galeria Nara Roesler (São Paulo), Editora EDUSP, O Globo Nas Artes Visuais	Convite, livro		Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1999	Exposição	Nuas	Cristina Salgado	8 de Julho de 1999 a 15 de Agosto de 1999	Exposição de esculturas e pequenos óleos	Difusão da produção artística brasileira.	Academia dos Seletos	Galeria Anna Maria Niemeyer / O Globo Nas Artes Visuais	Folder, convite		Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1999	Exposição	A lenda da Salamanca do Jarau	Iberê Camargo (1914-1994)	8 de Julho de 1999 a 15 de Agosto de 1999	Exposição de painel inédito do artista	Difusão da produção artística brasileira.	Academia dos Felizes	Sindicato dos Corretores de Seguro e Capitalização do Rio de Janeiro, O Globo Nas Artes Visuais	Convite	Palestra de Ronaldo Brito sobre o trabalho em exposição e a obra do pintor gaúcho	Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
1999	Exposição	Madeira sobre madeira	Elisa Bracher	8 de Julho de 1999 a 26 de setembro de 1999	Exposição de esculturas em madeira	Difusão da produção artística brasileira.	Entorno do Paço Imperial, Praça XV de Novembro	Prefeitura do Rio de Janeiro, Departamento de Parques e Jardins, O Globo Nas Artes Visuais, Cosac&Naify Edições	Convite, livro, vídeo			
1999	Lançamento de Livro	ATELIER CONTEMPORÂNEO - Projetos Finep no Paço Imperial		11 de Março de 1999							Na inauguração das exposições de março, houve o lançamento do livro "ATELIER CONTEMPOR NEO - Projetos Finep no Paço Imperial", seguido de debate com a presença de: Agnaldo Farias, Fernando Cocchiarale, Frederico Moraes, Luiz Camillo Osório, Paulo Sergio Duarte e do Diretor do Paço Imperial, Lauro Cavalcanti.	
1999	Lançamento de Livro	Paço Imperial	Lauro Cavalcanti, organizador. Rio de Janeiro; Editora Sextante; 1999.	23 de dezembro de 1999				MinC- Lei de Incentivo à Cultura, Prefeitura do Rio - Secretaria Municipal de Cultura - RioArte, Arte Mídia, Laboratório Bronstein, Profarma, CtScan, Concremat, concrejato, Contemat, Crosspoint, DaMetal, Marlin, Cardio Diagnose, Grupo Skop, Protubo, SH - formas, andaimes, escoramentos.			Recursos do IPHAN e todas as outras fontes externas. ÁREA: DEPROM.	

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
1999	Exposição	O Brasil redescoberto		06 de outubro a 28 de novembro de 1999							Caixa 14 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	O Brasil redescoberto. Martins, Carlos, org. Rio de Janeiro: Paço Imperial, 1999. 183 p. il. Catálogo de exposição realizada no Paço Imperial em 1999. BIBLIOTECA PAULO SANTOS: 981 / B736bra.
1999	Exposição	México Arte Moderna e Contemporânea - Coleção Gelman		18 de agosto a 19 de setembro de 1999							Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	BIBLIOTECA PAULO SANTOS: 7.036(72) / M573. México: arte moderna e contemporânea/Coleção Gelman. Littman, Robert, org. Buenos Aires: Arcángel & Maggio, 1999. 123 p.: il. Contém biografia dos artistas e comentários das obras expostas; Exposição realizada no Paço Imperial em 1999.
1999	Exposição	Atletas do Brasil	Claudia Jaguaribe	09 a 26 de setembro de 1999							Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	
2000	Exposição	A imagem do Som de Chico Buarque		2 de dezembro de 1999 a 5 de março de 2000	Exposição de pinturas, esculturas, gravuras, fotografias e impressões de 80 artistas das diversa áreas de artes visuais: Adriana Varejão, Alex Cerveny, Alexandre Sant'anna, Amador Perez, Ana Durães, Anna Muylaert, Antonio Peticov, Arnaldo Antunes, Arnaldo Pappalardo, Arthur Omar, Barrão, Beatriz Milhazes, Billy Nú-Dês, Brigida Baltar, Cabelo, Cafi, Carla Caffé, Cildo Meireles, Claudia Garcia, Cristiano Mascaro, Cristina Amorim, Cristina Guerra, Cristina Salgado, Cruz, Daniela Thomas, Efrain Almeida, Eliane Stephan, Flavio Colker, Frida Baranek, Gabriel Villela, Gringo Cardia, Guto Lacaz, Helga Miethke, Hildebrando de Castro, Ivald Granato, Jaguar, Jair de Souza, Jarbas Lopes, Jejo Cornelsen, João Baptista da Costa Aguiar, João Daniel Tikhomiroff, Kiko Farkas, klaus Mitterdorf, Leda Catunda, Luciano Figueiredo, Luiz Stein, Luiz Zerbini, Luiza Ruberti, Marcello Serpa, Marcelo Cipis, Marcia Ramalho, Mario Cravo Neto, Maureen Bisiliat, Mauricio Arraes, Moema Cavalcanti, Murillo Meirelles, Muti Randolph, Nelson Leirner, Oscar Ramos, Patricia Bisso, Pedro Martinelli, Pojucan, Rafic Farah, Raul Mourão, Ricardo Leite, Ricardo Van Steen, Roberto Berliner, Roberto Donaire, Roberto Magalhães, Rochele Costi, Romero Cavalcanti, Rosângela Rennó, Ruth Freihof, Silvia Ribeiro, Thelma Vilas Boas, Tunga, Valéria Naslauski, Veronica d'Órey, Victor Arruda, Vitoria Taborda.	Associação das artes plásticas com a música	17, 18, 19, 20 (segundo pavimento)	Ministério da Cultura, Francisco Alves Editora, Petrobrás, O Globo Nas Artes Visuais	Livro, convite		Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	A imagem do som de Chico Buarque. Taborda, Felipe, curad. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1999. 179 p. il. (Projeto A Imagem do Som, 2). Os nomes dos 80 artistas estão listados no MFN 534 da MTP; Contém biografia e cronologia do artista; Exposição Realizada no Paço Imperial em 1999. ISBN 85-265-0423-1. BIBLIOTECA PAULO SANTOS: 7.036(81) / I1
2000	Exposição	OS 90	Eliane Duarte - "Ribalta", "Boi" e "Iemanjá" esculturas de parede e chão com materiais diversos; Marcos Cardoso - "Tótens', esculturas de PVC cobertas com pontas de cigarros coladas uma a uma; Cabelo - "Caixa preta - tudo azul", instalação e performance; Raul Mourão - "Não realizados", instalação com trabalhos em caixas acrílicas, árvore, barcos de madeira e bolas de ferro; Ernesto Neto - "Navenove" e "Triboglips", instalação com obras de tule de lycra, areia, isopor e cravó em pó; Mauricio Ruiz - (sem título), instalação com objetos feitos de copo de vidro, gesso e raízes de "Pachira Aquática"; José Bechara - "Cadernos rápidos" e "Elétrico", instalação formada com 60 trabalhos justapostos (33x800cm) com pintura em oxidação de aço-carbono sobre lona e díptico; José Damasceno - "Organograma", "Agregado"e "Extensor", instalações com cordas elásticas, óculos, estantes de metal, e desenhos com palavras; Guilherme Machado - "Corpo simulado", instalação com caixas de luz e imagens feitas de filmes radiológicos; Franz Manata - (sem título), instalação feita com sabões de glicerina e latão fundido; Marcia X. - "Desenhando com terço" e "reino animal", instalação com terço, bonecas de plástico e ursos de pelúcia; Efrain Almeida - "Beija-flores (anéis)", esculturas em madeira; Elisa Bracher - (sem título), exposição de 4 gravuras em metal medindo, aproximadamente, 500x240 cm; Vânia Mignone - (sem título), exposição de 14 pinturas, acrílicas sobre telas; Oriana Duarte - "Heteróclitos", instalação com seixos, feltro, lâminas de vidro, papel carbono, anzóis e colheres retorcidas sobre o chão; Marepe - "Os embutidos", instalação de espaço cúbico medindo 350x350 cm com objetos praticáveis embutidos para encaixe e desencaixe que remetem a soluções práticas para ocupação como pequeno espaço doméstico; Rosana Palazyan - "O que você quer ser quando crescer?", instalação de bonecos de tecido bordados com cabelo, pendurados ao teto por fios de nylon. O trabalho da artista é baseado em projeto iniciado com entrevistas com meninos e meninas carentes. Os bonecos têm bordado no peito a imagem do que fazem e na boca as respostas para a pergunta título da exposição.	9 de dezembro de 1999 a 5 de março de 2000	Exposição multicuratorial com a visão de 9 curadores sobre a arte dos anos 90, com esculturas, desenhos, pinturas, objetos, instalações e performances de 18 artistas.	Difusão da produção artística brasileira da última década	Armazém Del Rey - curadoria de Anna Maria Niemeyer; Terreiro do Paço - curadoria de Iole de Freitas; Sala Gomes Freire - curadoria de Lauro Cavalcanti; Sala Treze de Maio - curadoria de Luiz Aquila; Sala do Trono - curadoria de Luiz Camillo Osório; Sala do Dossel - curadoria de Walter Sebastião; Sala Amarela - curadoria de Claudia Saldanha; Sala Mestre Valentim - curadoria de Sonia Salzstein; Academia dos Seletos - curadoria de Fernando Cochiarale; Academia dos Felizes - curador Luiz Aquila	Ministério da Cultura, FINEP, Prefeitura do Rio, Associação dos Amigos do Paço Imperial, BNDES Cultura, Varig, O Globo Nas Artes Visuais	Convite, catálogo	Mesa redonda com os curadores na inauguração da exposição e visitas guiadas com artistas e curadores no mês de janeiro de 2000: dia 5 - Claudia Saldanha; dia 7 - Mauricio Ruiz; dia 12 - Fernando Cocchiarale; dia 14 - Luiz Aquila; dia 19 - Iole de Freitas; dia 21 - Efrain Almeida; dia 26 - Raul Mourão; dia 28 - Lauro Cavalcanti.	Caixa 13 - Arquivo de Exposições do Paço Imperial	

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2000	Exposição	OS 90	Eliane Duarte - “Ribalta”, “Boi” e “Iemanjá” esculturas de parede e chão com materiais diversos; Marcos Cardoso - “Tótens‘, esculturas de PVC cobertas com pontas de cigarros coladas uma a uma; Cabelo - “Caixa preta - tudo azul”, instalação e performance; Raul Mourão - “Não realizados”, instalação com trabalhos em caixas acrílicas, árvore, barcos de madeira e bolas de ferro; Ernesto Neto - “Navenove” e “Triboglips”, instalação com obras de tule de lycra, areia, isopor e cravó em pó; Mauricio Ruiz - (sem título), instalação com objetos feitos de copo de vidro, gesso e raízes de “Pachira Aquática”; José Bechara - “Cadernos rápidos” e “Elétrico”, instalação formada com 60 trabalhos justapostos (33x800cm) com pintura em oxidação de aço-carbono sobre lona e díptico; José Damasceno - “Organograma”, “Agregado”e “Extensor”, instalações com cordas elásticas, óculos, estantes de metal, e desenhos com palavras; Guilherme Machado - “Corpo simulado”, instalação com caixas de luz e imagens feitas de filmes radiológicos; Franz Manata - (sem título), instalação feita com sabões de glicerina e latão fundido; Marcia X. - “Desenhando com terço” e “reino animal”, instalação com terço, bonecas de plástico e ursos de pelúcia; Efrain Almeida - “Beija-flores (anéis)”, esculturas em madeira; Elisa Bracher - (sem título), exposição de 4 gravuras em metal medindo, aproximadamente, 500x240 cm; Vânia Mignone - (sem título), exposição de 14 pinturas, acrílicas sobre telas; Oriana Duarte - “Heteróclitos”, instalação com seixos, feltro, lâminas de vidro, papel carbono, anzóis e colheres retorcidas sobre o chão; Marepe - “Os embutidos”, instalação de espaço cúbico medindo 350x350 cm com objetos praticáveis embutidos para encaixe e desencaixe que remetem a soluções práticas para ocupação como pequeno espaço doméstico; Rosana Palazyan - “O que você quer ser quando crescer?”, instalação de bonecos de tecido bordados com cabelo, pendurados ao teto por fios de nylon. O trabalho da artista é baseado em projeto iniciado com entrevistas com meninos e meninas carentes. Os bonecos têm bordado no peito a imagem do que fazem e na boca as respostas para a pergunta título da exposição.	9 de dezembro de 1999 a 5 de março de 2000	Exposição multicuratorial com a visão de 9 curadores sobre a arte dos anos 90, com esculturas, desenhos, pinturas, objetos, instalações e performances de 18 artistas.	Difusão da produção artística brasileira da última década	Armazém Del Rey - curadoria de Anna Maria Niemeyer; Terreiro do Paço - curadoria de Iole de Freitas; Sala Gomes Freire - curadoria de Lauro Cavalcanti; Sala Treze de Maio - curadoria de Luiz Aquila; Sala do Trono - curadoria de Luiz Camillo Osório; Sala do Dossel - curadoria de Walter Sebastião; Sala Amarela - curadoria de Claudia Saldanha; Sala Mestre Valentim - curadoria de Sonia Salzstein; Academia dos Seletos - curadoria de Fernando Cochiarale; Academia dos Felizes - curador Luiz Aquila	Ministério da Cultura, FINEP, Prefeitura do Rio, Associação dos Amigos do Paço Imperial, BNDES Cultura, Varig, O Globo Nas Artes Visuais	Convite, catálogo	Mesa redonda com os curadores na inauguração da exposição e visitas guiadas com artistas e curadores no mês de janeiro de 2000: dia 5 - Claudia Saldanha; dia 7 - Mauricio Ruiz; dia 12 - Fernando Cocchiarale; dia 14 - Luiz Aquila; dia 19 - Iole de Freitas; dia 21 - Efrain Almeida; dia 26 - Raul Mourão; dia 28 - Lauro Cavalcanti.		
2000	Exposição	A imagem do Som de Chico Buarque		2 de dezembro de 1999 a 5 de março de 2000	Exposição de pinturas, esculturas, gravuras, fotografias e impressões de 80 artistas das diversa áreas de artes visuais: Adriana Varejão, Alex Cerveny, Alexandre Sant'anna, Amador Perez, Ana Durães, Anna Muylaert, Antonio Peticov, Arnaldo Antunes, Arnaldo Pappalardo, Arthur Omar, Barrão, Beatriz Milhazes, Billy Nú-Dès, Brígida Baltar, Cabelo, Cafi, Carla Caffé, Cildo Meireles, Claudia Garcia, Cristiano Mascaro, Cristina Amorim, Cristina Guerra, Cristina Salgado, Cruz, Daniela Thomas, Efrain Almeida, Eliane Stephan, Flavio Colker, Frida Baranek, Gabriel Villela, Gringo Cardia, Guto Lacaz, Helga Miethke, Hildebrando de Castro, Ivald Granato, Jaguar, Jair de Souza, Jarbas Lopes, Jejo Cornelsen, João Baptista da Costa Aquiar, João Daniel Tikhomiroff, Kiko Farkas, klaus Mitterdorf, Leda Catunda, Luciano Figueiredo, Luiz Stein, Luiz Zerbini, Luiza Ruberti, Marcello Serpa, Marcelo Cipis, Marcia Ramalho, Mario Cravo Neto, Maureen Bisiliat, Mauricio Arraes, Moema Cavalcanti, Murillo Meirellles, Muti Randolph, Nelson Leirner, Oscar Ramos, Patricia Bisso, Pedro Martinelli, Pojucan, Rafic Farah, Raul Mourão, Ricardo Leite, Ricardo Van Steen, Roberto Berliner, Roberto Donaire, Roberto Magalhães, Rochele Costi, Romero Cavalcanti, Rosângela Rennó, Ruth Freihof, Silvia Ribeiro, Thelma Vilas Boas, Tunga, Valéria Naslauski, Veronica d'Órey, Victor Arruda, Vitoria Taborda.	Associação das artes plásticas com a música	17, 18, 19, 20 (segundo pavimento)	Ministério da Cultura, Francisco Alves Editora, Petrobrás, O Globo Nas Artes Visuais	Livro, convite		A imagem do som de Chico Buarque. Taborda, Felipe, curad. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1999. 179 p. il. (Projeto A Imagem do Som, 2). Os nomes dos 80 artistas estão listados no MFN 534 da MTP; Contém biografia e cronologia do artista; Exposição Realizada no Paço Imperial em 1999. ISBN 85-265-0423-1. BIBLIOTECA PAULO SANTOS: 7.036(81) / I1	
2000	Exposição	Atelier Finep 2000	Artista convidado: Bet Olival, esculturas de parede e chão com materiais diversos; Jaqueline Vojta, Pinturas de grande formato em técnica mista	23 de março de 2000 a 30 de abril de 2000	Exposição com curadoria de Paulo Sergio Duarte	Difusão da produção artística brasileira	Armazém Del Rey	FINEP	Convite, catálogo	Vvisita guiada dia 05/04		
2000	Exposição		Afonso Tostes	23 de março de 2000 a 30 de abril de 2000	Exposição de pintura	Difusão da produção artística brasileira	Terreiro do Paço		Convite			
2000	Exposição		João Modé	23 de março de 2000 a 30 de abril de 2000	Instalação	Difusão da produção artística brasileira	Gomes Freire					
2000	Exposição	Entre algum lugar nenhum	Ricardo Becker	23 de março de 2000 a 30 de abril de 2000	Exposição de esculturas	Difusão da produção artística brasileira	Gomes Freire		Convite			
2000	Exposição	Dos monstros e da razão	Walter Goldfarb	23 de março de 2000 a 30 de abril de 2000	Exposição de pintura	Difusão da produção artística brasileira	Gomes Freire		Convite	Visita guiada dia 19/04		
2000	Exposição	Mercado Madureira	Cristina Pape	23 de março de 2000 a 30 de abril de 2000	Instalação	Difusão da produção artística brasileira	Treze de Maio		Convite	Visita guiada dia 12/04		
2000	Exposição	Colarobjeto	Mônica Barki	23 de março de 2000 a 30 de abril de 2000	Exposição de esculturas	Difusão da produção artística brasileira	Sala do Trono	RioArte (apoio para o folder)	Convite, folder			

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2000	Exposição	Pinturas	Solange Magalhães	23 de março de 2000 a 30 de abril de 2000	Exposição de pintura em papel e tela	Difusão da produção artística brasileira	Dossel e Amarela		Convite			
2000	Exposição	Portais	Rodrigo Cardoso	23 de março de 2000 a 30 de abril de 2000	Instalação	Difusão da produção artística brasileira	Academia dos Seletos		Convite			
2000	Exposição	Desenho Contemporâneo	Coletiva: Elizabeth Jobim, Fernanda Junqueira, Gabriela Machado, Neno Del Castillo	23 de março de 2000 a 30 de abril de 2000	Exposição de desenho	Difusão da produção artística brasileira	Mestre Valentim		Convite	Visita guiada dia 26/04		
2000	Exposição	Atelier Finep 2000	Edson Barrus, Giancarlo Lorenci. Exposição com curadoria de Fernando Cocchiarale	18 de maio de 2000 a 16 de julho de 2000	Instalação com uso de mídias diversas; telefonia, TV, jornais, internet e instalação com placas de acrílico.	Difusão da produção artística brasileira	Armazém Del Rei - artistas convidados: Edson Barrus; "Projeto Cão Mulato", instalação com uso de mídias diversas; telefonia, TV, jornais, internet, Apoio: Telemar; Giancarlo Lorenci "!!! Hypno Aktion !!!", instalação com placas de acrílico.	FINEP	Convite, catálogo	Visita guiada com o curador dia 05/04		
2000	Exposição	Troca de Pele	Ricardo Ribenboim	18 de maio de 2000 a 16 de julho de 2000	Instalação com esculturas em madeira e recursos audio visuais	Difusão da produção artística brasileira	Terreiro do Paço		Convite	Visita guiada dia 28/06		
2000	Exposição	Aeroelasticidade	Franklin Cassaro	18 de maio de 2000 a 16 de julho de 2000	Instalação com sacos plásticos soprados por ventiladores	Difusão da produção artística brasileira	Casa da Moeda (Arqueologia)		Convite	Performance na inauguração e visita guiada dia 07/06		
2000	Exposição	Contrimagem	Luiz Pizarro	18 de maio de 2000 a 16 de julho de 2000	Exposição de pintura	Difusão da produção artística brasileira	Gomes Freire		Convite	Visita guiada dia 05/07		
2000	Exposição	Pintura para ser pisada	Victor Arruda	18 de maio de 2000 a 16 de julho de 2000	Instalação de pintura realizada em tela esticada sobre o chão da sala	Difusão da produção artística brasileira	Treze de Maio		Convite	Visita guiada dia 14/06		
2000	Exposição	Amor Proibido	Cristina Canale	18 de maio de 2000 a 16 de julho de 2000	Pinturas	Difusão da produção artística brasileira	Trono, Dossel e Amarela		Convite	Visita guiada dia 24/05		
2000	Exposição	Ripas e pinturas	Sergio Sister	18 de maio de 2000 a 16 de julho de 2000	Instalação com ripas de madeira pinturas	Difusão da produção artística brasileira	Mestre Valentim		Convite			
2000	Exposição	Bye	Anne Deleporte	18 de maio de 2000 a 16 de julho de 2000	Projeção de imagens inspiradas em trabalho de artesãs da Rocinha / Projeto Coopa Roca	Divulgar o trabalho da artista francesa. Incentivo ao intercâmbio cultural	Academia dos Seletos	Consulado Geral da França no Rio de Janeiro, Association Française d' Âction Artistique, (AFAA), Caisse des Dépots et Consignations, Projeto Residences d'Artistes	Convite			
2000	Exposição	Expressionismo Alemão	Destaques da coleção Von der Heydt – Museum Wuppertal; As Artes Gráficas do expressionismo alemão do Instituto de Relações Culturais com o Exterior de Stuttgart; Matrizes do expressionismo no Brasil: Lasar Segall, Livio Abramo, Oswaldo Goeldi	08 de agosto de 2000 a 24 de setembro de 2000	Exposição de obras do período expressionista alemão	Incentivo ao intercâmbio cultural e difusão da produção artística alemã do início do século XX e sua influência na arte brasileira	Gomes Freire, Treze de Maio, Trono, Dossel, Amarela, Seletos, Mestre Valentim	Parceria: Ministério das Relações Exteriores da República Federal da Alemanha, Instituto Goethe, Museu Lasar Segall, MAM SP; Patrocínio: AGF, Aventis, Deutsche Bank, Dresdner Bank Brasil, Siemens, Volkswagen; Apoio: Ministério da Cultura, Lufthansa, Lufthansa Cargo, Associação dos Amigos do Paço Imperial, BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, Varig, O Globo nas Artes Visuais.	Convite, catálogo	Visitas guiadas, Mostra de filmes de dança, Workshop de dança, Mesa redonda, Teatro, Concerto, Seminário	Matrizes do expressionismo recebeu o prêmio de Melhor Exposição de 2000 no setor de artes visuais, concedido pela APCA - Associação Paulista de Críticos de Arte ao Paço Imperial, Museu de Arte Moderna de São Paulo e Museu Lasar Segall	Expressionismo alemão : destaques da Coleção Von Der Heydt-Museum Wuppertal = Deutscher expressionismus : hautptwerke aus dem Von Der Heydt-Museum Wuppertal. Alemanha; São Paulo: Von der Heydt-Museum Wuppertal; Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2000. 218 p. : principalmente il. Contém bibliografia; Exposição realizada no Paço Imperial, no MAM de São Paulo e no Museu Lasar Segall, entre agosto e dezembro de 2000. BIBLIOTECA PAULO SANTOS: 7.036.7(430) / E77
2000	Exposição	Atelier Finep 2000	Alexandre Vogler (instalação com cartazes/ intervenções em espaço público); Arthur Leandro (instalação com fotografias); Edwiges Dash (instalação com vídeo tendo por referência acontecimentos públicos); Jacqueline Belotti (instalação com pinturas e projeção de slides); Leonardo Tepedino (instalação com objetos do cotidiano); Luis Andade (instalação sonora para 69 inscrições - jogo de palavras com vinil adesivo)	16 de agosto de 2000 a 24 de setembro de 2000	Exposição com curadoria de Carlos Zilio e Paulo Houyaek	Difusão da produção artística brasileira	Armazém Del Rei	FINEP	Convite, catálogo			
2000	Exposição	O corpo da cidade	Claudia Jaguaribe	16 de agosto de 2000 a 24 de setembro de 2000	Instalação com fotos	Difusão da produção artística brasileira	Terreiro do Paço e fachada	Governo Federal / Petrobrás / Litokromia	Convite, folder			
2000	Exposição	Atelier Finep 2000	Carla Guagliardi - "Nada do que não era antes" (instalação com vidros e água); Paulo Vivacqua – "Móbile" (instalação com objetos de som)	11 de outubro de 2000 a 12 de novembro de 2000	Exposição com curadoria de Esther Emilio Carlos	Difusão da produção artística brasileira	Armazém Del Rei	FINEP	Convite, catálogo			
2000	Exposição	Enovar	Paola Terranova	11 de outubro de 2000 a 12 de novembro de 2000	Instalação com diversos objetos	Difusão da produção artística brasileira	Academia dos Felizes		Convite, folder			

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2000	Exposição	Literatura passageira	Felipe Taborda	11 de outubro de 2000 a 12 de novembro de 2000	Instalação de panos pintados por motoristas de ônibus para seus veículos	Difusão da produção artística/popular brasileira	Academia dos Seletos	O Globo nas Artes Visuais. Apoio: Fotosfera	Convite, livro			
2000	Exposição	Mostra do Redescobrimento - Brasil + 500 Rio: Imagens do Inconsciente	Arthur Bispo do Rosário, Aurora Cursino dos Santos, Emygdio de Barros, Fernando Diniz, Isaac Liberato, entre outros.	18 de outubro de 2000 a 19 de novembro de 2000	Exposição de arte com pinturas, objetos, gravuras e esculturas de Arthur Bispo do Rosário, Aurora Cursino dos Santos, Emygdio de Barros, Fernando Diniz, Isaac Liberato, entre outros. Curadoria: Nise da Silveira, Luiz Carlos Mello. Curador associado: Eurípedes Gladys; Cenografia: Daniela Thomas	Difusão da produção artística realizada por internos de hospitais psiquiátricos, fruto da experiência pioneira realizada pela psicanalista Nise da Silveira (1906-1999) com seus pacientes que geraram uma produção isenta de influências acadêmicas, construída com símbolos e imagens que constituem uma linguagem arcaica de raízes universais.	Armazém Del Rei, Terreiro do Paço, Gomes Freire, Treze de Maio, Dossel, Amarela, Mestre Valentim	Parceria: Associação Brasil + 500; Apoio: Governo do Estado do Rio de Janeiro, América Online, Visa, Petrobrás, Telemar, Carlton Rio Atlântica, Ministério da Cultura, Prefeitura do Rio	Convite, catálogo	Visitas guiadas		
2000	Exposição	A imagem do Som de Gilberto Gil		14 de novembro de 2000 a 25 de março de 2001	Exposição de pinturas, esculturas, gravuras, fotografias e impressões de 80 artistas das diversa áreas de artes visuais: Adriana Pitigliani, Adriana Varejão, Alessandra Migani, Alex Cerveny, Alex Hamburger, Alexandre Sant'anna, Amador Perez, André Vallias, Antônio Dias, Arnaldo Antunes, Arnaldo Pappalardo, Arthur Omar, Augusto Herkennhoff, Barrão, Billy Nu-Dës, Brigida Baltar, Cabelo, Cafi, Carla Caffé, Cavalcante, Claudia Jaguaribe, Cristina Amorim, Cristina Salgado, Cruz, Daniel klajmic, Daniela Thomas, Efrain Almeida, Eliane Stephan, Enéas Guerra, Eth Ray, Ettore Bottini, Fernando Bagnola, Fernando Zarif, Flavio Emanuel, Geléia da Rocinha, Gringo Cardia, Guto Lacaz, Iara Lee, Jair de Souza, Jarbas Lopes, João Daniel Tikhomiroff, João Galhardo, João Modé, José Bechara, Kátia Lund, Kiko Farkas, Luiz Pizarro, Luiz Stein, Luiz Zerbini, Manuel da Costa, Marcello Serpa, Marcelo Cipis, Marcelo Masagão, Marciso Penna Carvalho,Marcos Chaves, Maria do Carmo Secco, Mario Bag, Muti Randolph, Nelson Leirner, Orlando, Patricia Chueke, Pojucan, Rafic Farah, Raul Mourão, Ricardo Van Steen, Rico Lins, Roberto Berliner, Roberto Renner, Romero Cavalcanti, Rosana Palazyan, Rosângela Rennó, Sandra Cinto, Silvia Ribeiro, Tony Vanzolini, Vânia Mignone, Veronica d'Órey, Vicente de Mello, Victor Arruda, Vick Muniz, Walter Goldfarb.	Associação das artes plásticas com a música	17, 18, 19, 20 (segundo pavimento)	Ministério da Cultura, Francisco Alves Editora, Petrobrás, O Globo Nas Artes Visuais	Catálogo, convite			
2000	Exposição		Georg Baselitz (Artista alemão nascido no ano de 1938, em Deutschbaselitz)	23 de novembro de 2000 a 31 de dezembro de 2000	Exposição de obras gráficas do artista contemporâneo alemão: 81 gravuras de forte influência expressionista, realizadas entre 1965 e 1992	Incentivo ao intercâmbio cultural e difusão da produção artística alemã	Academia dos Felizes e Casa da Moeda (Arqueologia)	Parceria: Ministério das Relações Exteriores da República Federal da Alemanha, Instituto Goethe. Apoio: Associação dos Amigos do Paço Imperial, BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, Varig, O Globo nas Artes Visuais.	Catálogo, convite			
2000	Exposição	"Quando o Brasil era Moderno" – Rio de Janeiro: 1905 a 1955	Curadoria: Lauro Cavalcanti; Curador assistente: Lúcia de Meira Lima; Consultoria: Frederico Morais, Luiz Áquila, Maria Elisa Costa	07 de dezembro de 2000 a 25 de março de 2001	Exposição de arte e arquitetura com pinturas, objetos, gravuras, esculturas, plantas, maquetes e móveis dos principais artistas modernistas brasileiros deste período, cedidas por museus e colecionadores do Rio, São Paulo, Minas Gerais, Brasília e Pernambuco. A exposição faz uma leitura do modernismo carioca, associando mudanças artísticas a alterações na feição da cidade do Rio de Janeiro, no período de 1905 a 1955, das primeiras manifestações modernistas à construção do Aterro do Flamengo.	Difusão da produção artística realizada no período compreendido entre os anos de 1905 a 1955	Armazém Del Rei, Terreiro do Paço, Gomes Freire, Treze de Maio, Dossel, Amarela, Mestre Valentim, Academia dos Seletos	Patrocínio: BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, Ministério da Cultura, IPHAN, Prefeitura do Rio, Secretaria Municipal de Cultura/RioArte; Apoio: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, Palácio Gustavo Capanema, Banco Liberal, Bradesco Seguros, Cinemateca Brasileira, Associação dos Amigos do Paço Imperial, Varig, O Globo nas Artes Visuais	Convite, folder, catálogo	Seminário, visitas guiadas		

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2001	Exposição		Georg Baselitz (Artista alemão nascido no ano de 1938, em Deutschbaselitz)	23 de novembro de 2000 a 31 de dezembro de 2000	Exposição de obras gráficas do artista contemporâneo alemão: 81 gravuras de forte influência expressionista, realizadas entre 1965 e 1992	Incentivo ao intercâmbio cultural e difusão da produção artística alemã	Academia dos Felizes e Casa da Moeda (Arqueologia)	Parceria: Ministério das Relações Exteriores da República Federal da Alemanha, Instituto Goethe. Apoio: Associação dos Amigos do Paço Imperial, BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, Varig, O Globo nas Artes Visuais.	Catálogo, convite			
2001	Exposição	A imagem do Som de Gilberto Gil		14 de novembro de 2000 a 25 de março de 2001	Exposição de pinturas, esculturas, gravuras, fotografias e impressões de 80 artistas das diversa áreas de artes visuais: Adriana Pitigliani, Adriana Varejão, Alessandra Migani, Alex Cerveny, Alex Hamburger, Alexandre Sant'anna, Amador Perez, André Vallias, Antônio Dias, Arnaldo Antunes, Arnaldo Pappalardo, Arthur Omar, Augusto Herkennhoff, Barrão, Billy Nu-Dës, Brigida Baltar, Cabelo, Cafi, Carla Caffé, Cavalcante, Claudia Jaguaribe, Cristina Amorim, Cristina Salgado, Cruz, Daniel klajmic, Daniela Thomas, Efrain Almeida, Eliane Stephan, Enéas Guerra, Eth Ray, Ettore Bottini, Fernando Bagnola, Fernando Zarif, Flavio Emanuel, Geléia da Rocinha, Gringo Cardia, Guto Lacaz, Iara Lee, Jair de Souza, Jarbas Lopes, João Daniel Tikhomiroff, João Galhardo, João Modé, José Bechara, Kátia Lund, Kiko Farkas, Luiz Pizarro, Luiz Stein, Luiz Zerbini, Manuel da Costa, Marcello Serpa, Marcelo Cipis, Marcelo Masagão, Marciso Penna Carvalho,Marcos Chaves, Maria do Carmo Secco, Mario Bag, Muti Randolph, Nelson Leirner, Orlando, Patricia Chueke, Pojucan, Rafic Farah, Raul Mourão, Ricardo Van Steen, Rico Lins, Roberto Berliner, Roberto Renner, Romero Cavalcanti, Rosana Palazyan, Rosângela Rennó, Sandra Cinto, Silvia Ribeiro, Tony Vanzolini, Vânia Mignone, Veronica d'Órey, Vicente de Mello, Victor Arruda, Vick Muniz, Walter Goldfarb.	Associação das artes plásticas com a música	17, 18, 19, 20 (segundo pavimento)	Ministério da Cultura, Francisco Alves Editora, Petrobrás, O Globo Nas Artes Visuais	Catálogo, convite			
2001	Exposição	"Quando o Brasil era Moderno" – Rio de Janeiro: 1905 a 1955		07 de dezembro de 2000 a 25 de março de 2001	Exposição de arte e arquitetura com pinturas, objetos, gravuras, esculturas, plantas, maquetes e móveis dos principais artistas modernistas brasileiros deste período, cedidas por museus e colecionadores do Rio, São Paulo, Minas Gerais, Brasília e Pernambuco. A exposição faz uma leitura do modernismo carioca, associando mudanças artísticas a alterações na feição da cidade do Rio de Janeiro, no período de 1905 a 1955, das primeiras manifestações modernistas à construção do Aterro do Flamengo. Curadoria: Lauro Cavalcanti; Curador assistente: Lúcia de Meira Lima; Consultoria: Frederico Morais, Luiz Áquila, Maria Elisa Costa.	Difusão da produção artística realizada no período compreendido entre os anos de 1905 a 1955	Armazém Del Rei, Terreiro do Paço, Gomes Freire, Treze de Maio, Dossel, Amarela, Mestre Valentim, Academia dos Seletos	Patrocínio: BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, Ministério da Cultura, IPHAN, Prefeitura do Rio, Secretaria Municipal de Cultura/RioArte; Apoio: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, Palácio Gustavo Capanema, Banco Liberal, Bradesco Seguros, Cinemateca Brasileira, Associação dos Amigos do Paço Imperial, Varig, O Globo nas Artes Visuais	Convite, folder, catálogo (lançado em março de 2001)	Seminário, visitas guiadas		
2001	Exposição	ESPELHO CEGO – Seleções de uma coleção contemporânea	Adriana Varejão, Adriano Pedrosa, Alex Vallauri, Alexandre Dacosta, Amilcar de Castro, Ana Maria Tavares, Angelo Venosa, Ashley Bickerton, Barrão, Beatriz Iglessis, Beatriz Milhazes, Caetano de Almeida, Carlito Carvalhosa, Carlos Bevilacqua, Charles Long, Chico Cunha, Cildo Meireles, Cindy Sherman, Courtney Smith, Cristina Canale, Daniel Senise, Donald Baechler, Doris Salcedo, Efraim de Almeida, Eliane Duarte, Emmanuel Nassar, Ernesto Neto , Ester Grispum, Fabio Miguez, Florian Reiss, Francis Alÿs, Franz Weissmann, Frida Baranek, Gonçalo Ivo, Guillermo Kuitca, Guto Lacaz, Hadrian Pigot, Haroldo Barroso, Hélio Oiticica, Hiroshi Sugimoto, Ione Saldanha, Iran do Espírito Santo, Ivens Machado, Jac Leirner, João Modé, Jorge Duarte, Jorge Molder, José Antonio Hernandez Diez, José Damasceno, José Patrício, José Pedro Croft, Julião Sarmento, Karen Kliminik, Karin Lambrecht, Kcho, Lari Pittman, Laura Vinci, Leda Catunda, Leonilson, Lia Menna Barreto, Lívio Abramo, Luiz Zerbini, Lygia Pape, Marcos Coelho Benjamim, Maria Fernanda Cardoso, Mathew Antezzo, Mathew Weinstein, Mauro Piva, Miguel Rio Branco, Mira Schendel, Mona Hatoum, Nazareth Pacheco, Nina Moraes, Nuno Ramos, Paul McCarthy, Paulo Monteiro, Paulo Pasta, Pedro Cabrita Reis, Rivane Neunschwander, Rodrigo Andrade, Rosângela Rennó, Rui Sanchez, Saint Clair Cemin, Salvio Daré, Samico, Sandra Tucci, Sérgio Romagnolo, Takashi Murakami, Tracey Emin, Tunga, Valdirlei Dias Nunes, Valeska Soares, Vik Muniz	03 de maio de 2001 a 10 de junho de 2001	Exposição com curadoria de Márcia Fortes a partir da coleção organizada por Marcantônio Vilaça (1963-2000). 144 obras de 94 artistas, entre pintura, escultura, desenho, fotografia, instalação e vídeo de expoentes da arte contemporânea das mais diversas origens, gerações e correntes, divididas em cinco módulos: A educação pela pedra e depois, trata da dimensão física, com obras de Amilcar de Castro, Cristina Canale, Fabio Miguez, Franz Weissmann, Ivens Machado, Marco Gianotti, Nuno Ramos, Salvio Daré, entre outros; Um outro ver além do primário, mostra os desdobramentos conceituais e sensoriais nos trabalhos de Cildo Meireles, Cindy Sherman, Jac Leirner, Lygia Clark, Lygia Pape, Mira Schendel, Mona Hatoum, Vik Muniz, entre outros; Se parar apreciando por prazer de enfeite, explora o adorno, beleza que se basta em obras de Adriana Varejão, Beatriz Milhazes, Leda Catunda, Luiz Zerbini, Samico, entre outros; Entre os loucos, os mortos e as crianças, apresenta a riqueza dos devaneios, exemplificados por peças de Ernesto Neto, Guillermo Kuitca, Nazareth Pacheco, entre outros; Quando a alma se dispersa no mundo à sua volta, tem as identidades psicológica e social como tema, ilustrado por obras de Hélio Oiticica, Leonilson, Tracey Emin, entre outros.	Difusão da produção artística brasileira	Gomes Freire, Treze de Maio, Trono, Dossel, Amarela, Academia dos Seletos, Mestre Valentim, Academia dos Felizes	Patrocínio: Bradesco Seguros / Ipiranga / João Fortes Engenharia / Ministério da Cultura – Lei de Incentivo à Cultura. Apoio: IPHAN / BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social/Associação dos Amigos do Paço Imperial/ Varig / O Globo nas Artes Visuais	Catálogo, convite			
2001	Exposição		JORGE DA MATA, artista e eletricista do Paço Imperial, mostra pinturas e desenhos (Funcionário do IPHAN desde 1987 e do Paço desde 92)	03 de maio de 2001 a 12 de junho de 2001	Em comemoração ao mês de maio, dedicado ao trabalhador, Lauro Cavalcanti, diretor do Paço Imperial, convidou o artista Jorge da Mata, eletricista de montagem da própria instituição, para expor 52 pinturas em suvinil sobre madeira, eucatex e cartão.	Difusão da produção artística brasileira	Armazém Del Rei	IPHAN / BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social/ Associação dos Amigos do Paço Imperial/ Varig / O Globo nas Artes Visuais				

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2001	Audiovisual		PRESENTE DOS DEUSES, documentário de Ana Teresa Jardim Reynaud e Andréa França sobre vigilantes do Paço Imperial	03 de maio de 2001 a 12 de junho de 2001	Divulgar o trabalho dos funcionários que trabalham em centros culturais e sua atuação junto ao público	Divulgar o trabalho dos funcionários que trabalham em centros culturais e sua atuação junto ao público	Terreiro do Paço	IPHAN / BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social/ Associação dos Amigos do Paço Imperial/ Varig / O Globo nas Artes Visuais			https://www.youtube.com/watch?v=nJZINDTqMok	
2001	Exposição	SONIA ANDRADE / Atelier Finep	SONIA ANDRADE	03 de julho de 2001 a 12 de agosto de 2001	Videoinstalação	Difusão da produção artística brasileira	Armazém Del Rei	Parceria: FINEP; Apoio: IPHAN / BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social/ Associação dos Amigos do Paço Imperial/ Varig / O Globo nas Artes Visuais	Convite, folder	Visita guiada com o curador dia 05/04		
2001	Exposição	Pinturas "Q"	Paulo Paes	03 de julho de 2001 a 12 de agosto de 2001	Instalação com esculturas em plástico inflável	Difusão da produção artística brasileira	Terreiro do Paço	IPHAN / BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social/ Associação dos Amigos do Paço Imperial/ Varig / O Globo nas Artes Visuais	Convite			
2001	Exposição	Pintura encarnada	Luiz Áquila	03 de julho de 2001 a 12 de agosto de 2001	Exposição de pinturas	Difusão da produção artística brasileira	Terreiro do Paço	IPHAN / BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social/ Associação dos Amigos do Paço Imperial/ Varig / O Globo nas Artes Visuais	Convite			
2001	Exposição		Claude Viallat	03 de julho de 2001 a 12 de agosto de 2001	Divulgar o trabalho do artista francês	Incentivo ao intercâmbio cultural	Treze de Maio e Trono	Parceria: Consulado Geral da França no Rio de Janeiro; Apoio: IPHAN / BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social/Associação dos Amigos do Paço Imperial/ Varig / O Globo nas Artes Visuais	Convite			
2001	Exposição		Pascal Pinaud	03 de julho de 2001 a 12 de agosto de 2001	Divulgar o trabalho da artista francesa	Incentivo ao intercâmbio cultural	Dossel	Parceria: Consulado Geral da França no Rio de Janeiro; Apoio: IPHAN / BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social/Associação dos Amigos do Paço Imperial/ Varig / O Globo nas Artes Visuais	Convite			
2001	Exposição	Cascatas e Santuários	Leigh Hyams	03 de julho de 2001 a 12 de agosto de 2001	Divulgar o trabalho da artista americana	Incentivo ao intercâmbio cultural	Amarela	Apoio: IPHAN / BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social/ Associação dos Amigos do Paço Imperial/ Varig / O Globo nas Artes Visuais	Convite			
2001	Exposição	Pinturas recentes	Mario Carneiro	03 de julho de 2001 a 12 de agosto de 2001	Exposição de pinturas	Difusão da produção artística brasileira	Mestre Valentim	IPHAN / BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social/ Associação dos Amigos do Paço Imperial/ Varig / O Globo nas Artes Visuais	Convite			
2001	Exposição	Livros e coleções / Desenhos	Nelson Augusto	03 de julho de 2001 a 12 de agosto de 2001	Instalação com caixas e "livros" / exposição de desenhos	Difusão da produção artística brasileira	Academia dos Seletos	Apoio: IPHAN / BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social/ Associação dos Amigos do Paço Imperial/ Varig / O Globo nas Artes Visuais	Convite			
2001	Exposição	Portraits of memory / Retratos da memória	Marty Baird	03 de julho de 2001 a 12 de agosto de 2001	Divulgar o trabalho da artista americana	Incentivo ao intercâmbio cultural	Academia dos Felizes	Apoio: IPHAN / BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social/ Associação dos Amigos do Paço Imperial/ Varig / O Globo nas Artes Visuais	Convite			
2001	Exposição	Passagem	Luiz Carlos Barreto	03 de julho de 2001 a 12 de agosto de 2001	Exposição de 180 fotos da década de 50 e meados de 60	Difusão da produção artística brasileira	Marquês do Lavradio, José Alpoim, Princesas	Parceria: CETIP / Editora Objetiva; poio: PETROBRAS / IPHAN / BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social / Associação dos Amigos do Paço Imperial/ Varig / O Globo nas Artes Visuais	Convite, livro	Lançamento do livro do artista da Editora Objetiva		
2001	Exposição	Casa de Banho	Ângela Freiberger	04 de setembro a 2001 a 12 de novembro de 2001	Exposição de objetos em mármore e vídeo instalação	Difusão da produção artística brasileira	Armazém Del Rei		Convite, folder	Performance da artista na inauguração		

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2001	Exposição	Falsas paisagens / Cósmicas paisagens	Luiz Alphonsus	04 de setembro a 2001 a 12 de novembro de 2001	Exposição de telas	Difusão da produção artística brasileira	Terreiro do Paço		Convite			
2001	Exposição	Sobre a mobilidade / ATELIER FINEP	Milton Machado	04 de setembro a 2001 a 12 de novembro de 2001	Instalação com fotografias	Difusão da produção artística brasileira	Gomes Freire	FINEP	Convite, folder			
2001	Exposição		Chico Cunha	04 de setembro a 2001 a 12 de novembro de 2001	Instalação	Difusão da produção artística brasileira	Treze de Maio		Convite			
2001	Exposição		Frida Baranek	04 de setembro a 2001 a 12 de novembro de 2001	Instalação	Difusão da produção artística brasileira	Trono		Convite			
2001	Exposição	O acaso joga fechado	David Cury	04 de setembro a 2001 a 12 de novembro de 2001	Exposição de telas	Difusão da produção artística brasileira	Dossel		Convite			
2001	Exposição	Espaço empenado	Daniel Feingold	04 de setembro a 2001 a 12 de novembro de 2001	Exposição de telas	Difusão da produção artística brasileira	Amarela e parte da Mestre Valentim		Convite			
2001	Exposição	Ars Combinatoria	José Patrício	04 de setembro a 2001 a 12 de novembro de 2001	Instalação com peças de dominó	Difusão da produção artística brasileira	Mestre Valentim (parte)		Convite			
2001	Exposição	INDIFERENCIADOS	Anna Bella Geiger	04 de setembro a 2001 a 12 de novembro de 2001	Instalação	Difusão da produção artística brasileira	Academia dos Seletos		Convite			
2001	Exposição	Pedras bordadas / Espaços vestidos	Ana Linnemann	04 de setembro a 2001 a 12 de novembro de 2001	Instalação	Difusão da produção artística brasileira	Terreiro do Paço	Apoio: Sul América Seguros	Convite, catálogo			
2001	Exposição	BEYOND PRECONCEPTIONS – SIXTIES EXPERIMENTS; ALÉM DOS PRECONCEITOS: A experiência dos anos sessenta		04 de setembro de 2001 a 28 de outubro de 2001	Exposição de artistas de nacionalidades diversas cujos trabalhos questionaram os fundamentos da arte dos anos sessenta. Pinturas, esculturas, instalações e vídeos	Incentivo ao intercâmbio cultural	17,18,19,20 segundo pavimento	Parceria: ICI – Independent Curators International – New York; Apoio: A exibição e itinerância, foram possíveis pelo apoio de The Rockefeller Foundation, The Penny McCall Foundation, The Foundation-To-Life, Inc., The Trust for Mutual Understanding e Gerrit L., e Suydam R. Lansing. A apresentação no Paço Imperial, Rio de Janeiro, foi possível com o apoio recebido de Banco Itaú, Agnes Gund e Daniel Shapiro, Robert L. Hardy Jr., Gerrit Lansing e Suydam R. Lansing, David Rockefeller, Violy McCausland-Seve e Frederico Seve, Tishman Speyer Properties	Convite, folder			
2001	Exposição	A imagem do som de Tom Jobim		22 de novembro de 2001 a 24 de fevereiro de 2002	Exposição de pinturas, esculturas, gravuras, fotografias e impressões de 80 artistas das diversa áreas de artes visuais: Affonso Beato, Alessandra Migani, Alex Cerveny, Alex Hamburger, Alexandre Sant'anna, Aluisio Carvão, Amador Perez, Amílcar de Castro, Ana Laet, Antonio Bernardo, Arnaldo Antunes, Barrão, Brigida Baltar, Cabelo, Carlos Vergara, Caulos, Chico Caruso, Claudia Jaguaribe, Cristina Amorim, Cristina Salgado, Cruz, Daniel klajmic, Darel, Eduardo Sued, Efrain Almeida, Eliane Stephan, Emmanuel Nassar, Enrica Bernardelli, Eth Ray, Felipe Fonseca, Fernando Lopes, Flavio Shiró, Flavya Mutran, Geléia da Rocinha, Gringo Cardia, Gualter Lupo, Guto Lacaz, Jair de Souza, Jejo Cornelsen, João Modé, José Zaragoza, Kátia Lund, Lelis, Lenora de Barros, Leonardo Aversa, Lobianco, Luiz Alphonsus, Luiz Ernesto, Luiz Stein, Luiz Zerbini, Lula, Lygia Pape, Márcia X, Marciso Penna Carvalho, Marco Benjamin, Marcos Chaves, Maria do Carmo Secco, Mario Bag, Mauricio Ruiz, Nuno Ramos, Oscar Niemeyer, Oscar Ramos, Paulo Marcos, Penna Prearo, Pinky Wainer, Rafic Farah, Raul Mourão, Ricardo Ohtake, Ricardo Van Steen, Roberto Berliner, Romero Cavalcanti, Rosa Magalhães, Samico, Tony Vanzolini, Vânia Mignone, Veronica d'Órey, Vicente de Mello, Walton Hoffman, Wanda Pimentel, Zeka Araújo.	Associação das artes plásticas com a música	17, 18, 19, 20 (segundo pavimento)	Ministério da Cultura, Francisco Alves Editora, Petrobras, O Globo Nas Artes Visuais	Convite, catálogo			

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2001	Exposição	ATELIER FINEP / REGINA SILVEIRA – Dobras	Regina Silveira	06 de dezembro de 2001 a 08 de fevereiro de 2002	Instalação	Difusão da produção artística brasileira	Armazém Del Rei	FINEP	Convite, folder			
2001	Exposição	O engenheiro de fábulas	IVENS MACHADO	06 de dezembro de 2001 a 08 de fevereiro de 2002	Exposição retrospectiva do artista. Desenhos, esculturas, objetos, instalações.	Difusão da produção artística brasileira	Terreiro do Paço, Gomes Freire, Treze de Maio, Trono, Dossel, Amarela, Academia dos Seletos, Mestre Valentim	Parceria: Petrobras Artes Visuais; Apoio: Lei de Incentivo à Cultura, Instituto Takano, Imago	Convite, catálogo			

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2002	Exposição	A imagem do som de Tom Jobim		22 de novembro de 2001 a 24 de fevereiro de 2002	Exposição de pinturas, esculturas, gravuras, fotografias e impressões de 80 artistas das diversa áreas de artes visuais: Affonso Beato, Alessandra Migani, Alex Cerveny, Alex Hamburger, Alexandre Sant'anna, Aluisio Carvão, Amador Perez, Amílcar de Castro, Ana Laet, Antonio Bernardo, Arnaldo Antunes, Barrão, Brigida Baltar, Cabelo, Carlos Vergara, Caulos, Chico Caruso, Claudia Jaguaribe, Cristina Amorim, Cristina Salgado, Cruz, Daniel klajmic, Darel, Eduardo Sued, Efrain Almeida, Eliane Stephan, Emmanuel Nassar, Enrica Bernardelli, Eth Ray, Felipe Fonseca, Fernando Lopes, Flavio Shiró, Flavya Mutran, Geléia da Rocinha, Gringo Cardia, Gualter Lupo, Guto Lacaz, Jair de Souza, Jejo Cornelsen, João Modé, José Zaragoza, Kátia Lund, Lelis, Lenora de Barros, Leonardo Aversa, Lobianco, Luiz Alphonsus, Luiz Ernesto, Luiz Stein, Luiz Zerbini, Lula, Lygia Pape, Márcia X, Marciso Penna Carvalho, Marco Benjamin, Marcos Chaves, Maria do Carmo Secco, Mario Bag, Mauricio Ruiz, Nuno Ramos, Oscar Niemeyer, Oscar Ramos, Paulo Marcos, Penna Prearo, Pinky Wainer, Rafic Farah, Raul Mourão, Ricardo Ohtake, Ricardo Van Steen, Roberto Berliner, Romero Cavalcanti, Rosa Magalhães, Samico, Tony Vanzolini, Vânia Mignone, Veronica d'Orey, Vicente de Mello, Walton Hoffman, Wanda Pimentel, Zeka Araújo.	Associação das artes plásticas com a música	17, 18, 19, 20 (segundo pavimento)	Ministério da Cultura, Francisco Alves Editora, Petrobras, O Globo Nas Artes Visuais	Convite, catálogo			
2002	Exposição	ATELIER FINEP / REGINA SILVEIRA – Dobras	Regina Silveira	06 de dezembro de 2001 a 08 de fevereiro de 2002	Instalação	Difusão da produção artística brasileira	Armazém Del Rei	FINEP	Convite, folder			
2002	Exposição	O engenheiro de fábulas	IVENS MACHADO	06 de dezembro de 2001 a 08 de fevereiro de 2002	Exposição retrospectiva do artista. Desenhos, esculturas, objetos, instalações.	Difusão da produção artística brasileira	Terreiro do Paço, Gomes Freire, Treze de Maio, Trono, Dossel, Amarela, Academia dos Seletos, Mestre Valentim	Parceria: Petrobras Artes Visuais; Apoio: Lei de Incentivo à Cultura, Instituto Takano, Imago	Convite, catálogo			
2002	Exposição	NIEMEYER POR NIEMEYER		07 de março de 2002 a 28 de abril de 2002	Exposição de painéis com fotos de Kadu Niemeyer sobre o trabalho de seu avô, Oscar Niemeyer	Difusão da produção artística brasileira	Terreiro do Paço	Parceria: Brasil Telecom; Apoio: IPHAN, BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, Associação dos Amigos do Paço Imperial, Varig, O Globo nas Artes Visuais	Convite			
2002	Exposição	OTTO DIX: OBRA GRÁFICA: 1920 / 1924	OTTO DIX	07 de março de 2002 a 28 de abril de 2002	Exposição de 85 gravuras do artista expressionista alemão (1891 – 1969). Com 50 gravuras em metal (ponta-seca e água-forte) integrantes de 05 álbuns publicados em 1924, sobre a guerra (testemunhos de sua experiência pessoal com a violência dos conflitos de 1914 a 1918), mais 35 gravuras avulsas (litografia e água-forte) produzidas entre 1920 e 1924, com críticas sociais, marca de sua obra nesse período	Incentivo ao intercâmbio cultural	Academia dos Seletos, Mestre Valentim (parte)	Parceria: Institut für Auslandsbeziehungen – IFA – Instituto de Relações Culturais com o Exterior de Sttutgart e Goethe Institut-Inter Nationes do Rio de Janeiro; Apoio: IPHAN, BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, Associação dos Amigos do Paço Imperial, Varig, O Globo nas Artes Visuais	Convite			
2002	Exposição	MORRO LABIRINTO	Artistas alemães: Golo Gott / Thomas Florschuetz / Janaina Tschäpe / Michael Wesely / Michael Fahres; Artistas brasileiros: Fernanda Gomes / Artur Barrio / Carla Guagliardi / Marcus Chaves / Pedro Lobo / Rosana Palazyan	07 de março de 2002 a 28 de abril de 2002	Segmento do projeto intercultural A Cultura da Favela . Exposição intercultural com fotografias / vídeos / instalações.	Incentivo ao intercâmbio cultural	19- Marquês do Lavradio / 20- José Alpoim / 21- Princesas / 22- Luis de Vasconcelos	Organização/ parceria: Goethe Institut Inter-Nationes Rio de Janeiro/ MinC, Secretaria de Estado de Cultura, Paço Imperial; Apoio: IPHAN, MinC , Secretaria de Estado de Cultura, Secretaria Municipal de Cultura, Ministério da Cultura – Fundação Cultural Palmares, Goethe Institut Inter-Nationes do Rio de Janeiro, BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, Associação dos Amigos do Paço Imperial, Varig, O Globo nas Artes Visuais	Convite			
2002	Exposição	LUCIO COSTA 1902 / 2002	Lúcio Costa	07 de março de 2002 a 12 de maio de 2002	Exposição comemorativa dos 100 anos de nascimento de Lucio Costa	Difusão da produção artística brasileira	09- Gomes Freire / 10- Treze de Maio / 11- Trono / 12- Dossel	Parceria: MinC – Lei de Incentivo à Cultura, Bradesco Seguros, Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura ; Apoio: IPHAN, BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social,; Associação dos Amigos do Paço Imperial, Varig, O Globo nas Artes Visuais, Casa de Lucio Costa	Convite			
2002	Exposição	Inauguração do ATELIER SERGIO CAMARGO	Sérgio Camargo	Inauguração: 08 de abril / exposição em regime de comodato no Paço Imperial por 5 anos	Instalação com a reconstituição do ateliê do artista Sergio Camargo (1930 – 1990) em Jacarepaguá (RJ). A instalação fará a adaptação – a mais fiel possível – de toda a atmosfera do local onde o artista trabalhava.	Difusão da produção artística brasileira	02-Armazém Del Rei	Parceria: Eletrobrás, Bradesco Seguros; Apoio: IPHAN / BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, Associação dos Amigos do Paço Imperial, Varig, O Globo nas Artes Visuais	Convite, folder			

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2002	Exposição	CAMINHOS DO CONTEMPORÂNEO: 1952 / 2002	Artistas: Década de 50: Abraham Palatnik / Alfredo Volpi (1896 – 1988) / Almir Mavignier / Aluisio Carvão (1920 – 2001) / Amílcar de Castro / Antonio Bandeira (1922 – 1967) / Antonio Maluf Arthur Luiz Piza / César Oiticica / Décio Vieira (1922 – 1988) / Fayga Ostrower (1920 – 2001) / Ferreira Gullar / Flávio Shiró Tanaka / Frans Krajcberg / Franz Waissmann / Geraldo de Barros (1923 – 1998) / Hercules Barsotti / Hélio Oiticica (1937 – 1980) / Hermelindo Fiaminghi / Ione Saldanha (1921 – 2001) / Ivan Serpa (1923 – 1973) / João José Costa / Judith Lauand / Luis Sacilotto / Lygia Clark (1920 – 1988) / Lygia Pape / Manabu Mabe (1924 – 1997) / Marcelo Grassmann / Maria Leontina (1917 – 1984) / Mary Vieira (1927 – 2001) / Milton Dacosta (1915 – 1988) / Oswaldo Goeldi (1895 –1961) / Rubem Ludolf / Sansom Flexor (1907 – 1971) / Ubi Bava (1915 – 1988) / Waldemar Cordeiro (1925 – 1973) / Willys de Castro (1926 – 1988). Década de 60: Almir Mavignier / Aluisio Carvão (1920 – 2001) / Amílcar de Castro / Anna Letycia / Anna Maria Maiolino / ngelo de Aquino / Antonio Bandeira (1922 – 1967) / Antonio Dias/ Antonio Henrique Amaral / Artur Barrio / Carlos Vergara / Cláudio Tozzi / Dionísio Del Santo (1925 – 1999) / Farnese de Andrade (1926 – 1996) / Frans Krajcberg / Franz Weissmann / Gastão Manoel Henrique / Gilvan Samico / Glauco Rodrigues / Hélio Oiticica (1937 – 1980) / Iberê Camargo (1914 – 1994) / Ione Saldanha (1921 - 2001) / Ivan Serpa (1923 – 1973) / José Resende / José Roberto Aguilar / Luiz Alphonsus / Luiz Paulo Baravelli / Lygia Clark (1920 – 1988) / Lygia Pape / Marcello Nitsche / Mira Schendel (1919 – 1988) / Nelson Leirner / Pedro Escosteguy (1916 – 1989) / Raymundo Colares (1944 – 1986) / Roberto Magalhães / Rubem Ludolf / Rubem Valentim (1922 – 1991) / Rubens Gerchman / Sergio Camargo (1930 – 1990) / Tomie Ohtake / Ubi Bava (1915 – 1988) / Walter Smetak (1913 – 1984) / Wanda Pimentel / Wesley Duke Lee Década de 70: Alfredo Fontes (1944 – 1991) / Anna Bella Geiger / Antônio Dias / Antonio Manuel / Ascânio MMM / Carlos Fajardo / Carlos Vergara / Carlos Zílio / Carmela Gross / Cildo Meireles / Eduardo Sued / Emil Forman / Franz Weissmann / Gastão Manoel Henrique / / Glauco Rodrigues / Hélio Oiticica (1937 – 1980) / Ivens Machado / José Resende / Iole de Freitas / Leonilson (1957 – 1993)/ Luis Fonseca (1951 – 1996) / Luiz Alphonsus/ Luiz Octavio Pimentel / Lygia Pape / Maria Bonomi / Maria do Carmo Secco / Mira Schendel (1919 – 1988) / Paulo Roberto Leal (1946 – 1991) / Raymundo Colares (1944 – 1986) / Regina Silveira / Regina Vater / Rubens Gerchman / Umberto Costa Barros / Vera Chaves Barcellos / Waldemar Cordeiro (1925 – 1973) / Waltercio Caldas / Waly Salomão. Década de 80: Adir Sodré / Adriana Varejão / Amélia Toledo / Ana Maria Tavares / Anna Bella Geiger / ngelo Venosa / Antônio Dias / Artur Barrio / Barrão / Beatriz Milhazes / Carlito Carvalhosa / Celeida Tostes (1929 – 1995) / Chico Cunha / Cildo Meireles / Cristina Canale / Cristina Salgado / Daniel Senise / Emmanuel Nassar / Ester Grinspun / Fábio Miguez / Guto Lacaz / Hilton Berredo / José Roberto Aguilar / Jac Leirner / Jadir Freire (1957 – 1994) / John Nicholson / Jorge Guinle (1947 – 1987) / Jorge Duarte / Katie Van Scherpenberg / Leda Catunda / Leonilson (1957 – 1993) / Luiz Aquila / Luiz Ernesto / Luiz Pizarro / Luiz Zerbini / Lygia Pape / Manfredo Souzaneto / Marcos Coelho Benjamin / Milton Machado / Mira Schendel (1919 – 1988) / Mônica Sartori / Nuno Ramos / Paulo Garcez (1945 - 1989) / Paulo Monteiro / Paulo Pasta / Rodrigo Andrade / Rubem Grilo / Saint Clair Cemin / Sergio Romagnolo / Tunga / Victor Arruda. Década de 90/00: Atrocidades Maravilhosas / Brígida Baltar / Carla Zaccagnini / Daniel Acosta / Edgard de Souza / Efrain Almeida / Eliane Duarte / Elizabeth Jobim / Ernesto Neto / Felipe Barbosa / Georgia Kyriakakis / Iole de Freitas / Iran Espírito Santo / Janaína Tschäpe / Jarbas Lopes / João Modé / José Bechara / José Bento / José Damasceno / José Resende / José Rufino / Karin Lambrecht / Luiz Paulo Rocha / Marcelo Coutinho / Marepe / Martinho Patrício / Mauro Piva / Nelson Felix / Raul Mourão / Ricardo Becker / Rivane Neuenschwander / Rosângela Rennó / Rubens Mano / Sandra Cinto / Tatiana Grinberg / Valdirlei Dias Nunes / Valeska Soares / Vik Muniz	09 de julho de 2002 a 06 de outubro de 2002	Exposição de arte com pinturas, objetos, gravuras, esculturas, instalações, e maquetes dos principais artistas contemporâneos brasileiros, cedidas por museus, colecionadores e artistas do Rio, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Brasília, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Sul. A exposição faz um resumo da arte contemporânea, no período de 1952 a 2002. Curadoria: Lauro Cavalcanti. Consultor geral: Luciano Figueiredo. Consultoria: Década de 50: Lygia Pape / Carlos Zílio / Ferreira Gullar. Década de 60: Sonia Salzstein / Fernando Cocchiarale / Paulo Venâncio Filho. Década de 70: Paulo Sergio Duarte / José Nemer / Paulo Herkenhoff. Década de 80: Sheila Leirner / Marcelo Araújo / Marcus Lontra. Década de 90: Anna Maria Niemeyer / Tadeu Chiarelli / Laymert Garcia dos Santos. Ano 2000: Claudia Saldanha / Moacir dos Anjos / Ricardo Basbaum	Difusão da produção artística realizada no período compreendido entre os anos de 1952 a 2002	03-Terreiro do Paço, 09-Gomes Freire, 10-Treze de Maio, 11-Trono, 12-Dossel, 13-Amarela, 14-Mestre Valentim, 15-Academia dos Seletos, 16-Academia dos Felizes, 19- Marquês do Lavradio, 20- José Alpoim, 21- Princesas, 22- Luis de Vasconcelos	Patrocínio: BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social; Apoio: Ministério da Cultura, IPHAN, Fundação Getúlio Vargas / CPDOC, Cinemateca Brasileira, Associação dos Amigos do Paço Imperial, Varig, O Globo nas Artes Visuais	Convite, folder, catálogo	Mesa-redonda, Visitas guiadas		
2002	Exposição	ATELIER FINEP	Lygia Pape – Ttéia 1/ C; Antonio Dias – Seu marido; Waltercio Caldas – anda uma coisa no ar; Luiz Áquila – Canteiro de obras; José Resende; Franz Weissmann – Janelas e fitas	07 de novembro de 2002 a 16 de março de 2003	Exposição com instalações, pinturas e esculturas	Difusão da produção artística brasileira	Sala 09- Gomes Freire; Sala 10- Treze de Maio; Sala 11- do Trono; Sala 12 – do Dossel; Sala 15 – Academia dos Seletos	Parceria: FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos – Ministério da Ciência e Tecnologia; Apoio: IPHAN / BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social/Associação dos Amigos do Paço Imperial/ Varig	Convite. Será realizado um pequeno catálogo a ser lançado até o final da exposição.			
2002	Exposição		Fernanda Junqueira	07 de novembro de 2002 a 16 de março de 2003	Exposição de pinturas e esculturas	Difusão da produção artística brasileira	03- Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN / BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social/; Associação dos Amigos do Paço Imperial/ Varig / O Globo nas Artes Visuais	Convite			
2002	Exposição		Germana Monte-Mór	07 de novembro de 2002 a 16 de março de 2003	Exposição de pinturas e esculturas	Difusão da produção artística brasileira	03- Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN / BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social/; Associação dos Amigos do Paço Imperial/ Varig / O Globo nas Artes Visuais	Convite			
2002	Exposição	A imagem do som do Rock- Pop Brasileiro		28 de novembro 2002 a 16 de março de 2003	Exposição de pinturas, esculturas, gravuras, fotografias e impressões de 80 artistas das diversa áreas de artes visuais: Abraham Palatnik, Adão Iturrusgarai, Afonso Tostes, Alain Voss, Alessandra Migani Alex Cerveny, Alex Flemming, Alexandre Sant'Anna, Amador Perez, Ana Laet, Andrucha Waddington, Anna Bella Geiger, Antonio Bernardo, Arnaldo Antunes, Axel Sande Brígida Baltar, Bruno Veiga, Cabelo, Carlito Carvalhosa, Carlos Pontual, Carmela Gross, Chico Cunha, Cristina Amorim, Cristina Salgado, Cruz, Custódio Coimbra, Daniel Klajmic , Eduardo Sued, Eliane Duarte, Emmanuel Nassar, Enrica Bernardelli, Carvalho, Félix Farfan, Fernando Lopes, Flavio Wild, Geléia da Rocinha, Gringo Cárdia, Guto Lacaz, Guto Nóbrega, Iran do Espírito Santo, Jair de Souza, Jejo Cornelsen, Jimmy Leroy , João Modé , Jorge Luiz Fonseca, Lenora de Barros, Lia do Rio, Libero Malavoglia, Lucia Koch Luiz Alphonsus, Ernesto, Luiz Stein, Lula, Malu Fatorelli , Marcos Benjamim, Marcos Bonisson, Marcos Cardoso, Maria do Carmo Secco, Mario Bag, Mauricio Ruiz, Mauricio Valladares, Milton Machado, Nelson Felix, Marcos, Garcia, Rafic Farah, Zincone, Ricardo Ribenboim, Ricardo Van Steen, Roberto Cipolla, Romero Cavalcanti, Ronald Kapaz, Rosa Magalhães, Rui Mendes, Speto, Thereza Miranda, Vânia Mignone, Veronica d'Orey , Walter Carvalho, Zeka Araújo	Associação das artes plásticas à musica brasileira	19- Marquês do Lavradio / 20- José Alpoim / 21- Princesas / 22- Luis de Vasconcelos	Ministério da Cultura, Francisco Alves Editora, Petrobras, O Globo Nas Artes Visuais	Convite, catálogo			

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2003	Exposição	ATELIER FINEP	Lygia Pape – Ttéia 1/ C; Antonio Dias – Seu marido; Waltercio Caldas – anda uma coisa no ar; Luiz Áquila – Canteiro de obras; José Resende; Franz Weissmann – Janelas e fitas	07 de novembro de 2002 a 16 de março de 2003	Exposição com instalações, pinturas e esculturas	Difusão da produção artística brasileira	Sala 09- Gomes Freire; Sala 10- Treze de Maio; Sala 11- do Trono; Sala 12 – do Dossel; Sala 15 – Academia dos Seletos	Parceria: FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos – Ministério da Ciência e Tecnologia; Apoio: IPHAN / BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social/Associação dos Amigos do Paço Imperial/ Varig	Convite. Será realizado um pequeno catálogo a ser lançado até o final da exposição.			
2003	Exposição		Fernanda Junqueira	07 de novembro de 2002 a 16 de março de 2003	Exposição de pinturas e esculturas	Difusão da produção artística brasileira	03- Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN / BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social/; Associação dos Amigos do Paço Imperial/ Varig / O Globo nas Artes Visuais	Convite			
2003	Exposição		Germana Monte-Mór	07 de novembro de 2002 a 16 de março de 2003	Exposição de pinturas e esculturas	Difusão da produção artística brasileira	03- Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN / BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social/; Associação dos Amigos do Paço Imperial/ Varig / O Globo nas Artes Visuais	Convite			
2003	Exposição	A imagem do som do Rock-Pop Brasileiro		28 de novembro 2002 a 16 de março de 2003	Exposição de pinturas, esculturas, gravuras, fotografias e impressões de 80 artistas das diversa áreas de artes visuais: Abraham Palatnik, Adão Iturrusgarai, Afonso Tostes, Alain Voss, Alessandra Migani Alex Cerveny, Alex Flemming, Alexandre Sant'Anna, Amador Perez, Ana Laet, Andrucha Waddington, Anna Bella Geiger, Antonio Bernardo, Arnaldo Antunes, Axel Sande Brígida Baltar, Bruno Veiga, Cabelo, Carlito Carvalhosa, Carlos Pontual, Carmela Gross, Chico Cunha, Cristina Amorim, Cristina Salgado, Cruz, Custódio Coimbra, Daniel Klajmic , Eduardo Sued, Eliane Duarte, Emmanuel Nassar, Enrica Bernardelli, Carvalho, Félix Farfan, Fernando Lopes, Flavio Wild, Geléia da Rocinha, Gringo Cárdia, Guto Lacaz, Guto Nóbrega, Iran do Espírito Santo, Jair de Souza, Jejo Cornelsen, Jimmy Leroy , João Modé , Jorge Luiz Fonseca, Lenora de Barros, Lia do Rio, Libero Malavoglia, Lucia Koch Luiz Alphonsus, Ernesto, Luiz Stein, Lula, Malu Fatorelli , Marcos Benjamim, Marcos Bonisson, Marcos Cardoso, Maria do Carmo Secco, Mario Bag, Mauricio Ruiz, Mauricio Valladares, Milton Machado, Nelson Felix, Marcos, Garcia, Rafic Farah, Zincone, Ricardo Ribenboim, Ricardo Van Steen, Roberto Cipolla, Romero Cavalcanti, Ronald Kapaz, Rosa Magalhães, Rui Mendes, Speto, Thereza Miranda, Vânia Mignone, Veronica d°Orey , Walter Carvalho, Zeka Araújo	Associação das artes plásticas à musica brasileira	19- Marquês do Lavradio / 20- José Alpoim / 21- Princesas / 22- Luis de Vasconcelos	Ministério da Cultura, Francisco Alves Editora, Petrobras, O Globo Nas Artes Visuais	Convite, catálogo			
2003	Exposição		Mario Merz	10 de abril de 2003 a 25 de maio de 2003	Exposição com o Instituto Italiano de Cultura, dos artistas italianos, fundadores do movimento Arte Povera, surgido na Itália em 1967	Difusão da produção artística/ incentivo ao intercâmbio cultural	03- Terreiro do Paço	Parceria: Istituto Italiano di Cultura / Fondazione Merz; Apoio: IPHAN, Tenaris Confab / PROA Fundación, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2003	Exposição	Albert Eckhout volta ao Brasil 1644 – 2003		09 de abril de 2003 a 25 de maio de 2003	Exposição do artista holandês (1616 c. – 1666 c.) que esteve no Brasil contratado por Mauricio de Nassau entre os anos de 1637 a 1644, para documentar nossa terra. As exposição consta de 24 obras de grandes formatos com: 08 retratos etnográficos (em pares – homem / mulher: negro, tapuia, tupi, mulato / mameluca), 03 retratos (Dom Miguel de Castro e 2 de seus servos), 12 naturezas-mortas representadas ao ar livre e 01 tela representando a "Dança dos Tapuias". O acervo pertence ao The National Museum of Denmark.	Difusão da produção artística/ incentivo ao intercâmbio cultural	Salas 12 / 13 / 14 /15: Dossel / Amarela / Mestre Valentim e Academia dos Seletos	Parceria: The National Museum of Denmark. Apoio: IPHAN, Banco Real ABN AMRO, McCann Erickson; Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite, catálogo	Visitas guiadas		
2003	Exposição	Elizabeth e Christian de Portzamparc		29 de abril de 2003 a 25 de maio de 2003	Exposição com O IAB - Instituto dos Arquitetos do Brasil –, faz parte do projeto Primeira Mostra Internacional Rio Arquitetura, MIRA 2003. A mostra dos arquitetos franceses terá maquetes, mobiliário, objetos, documentos, plantas e filmes sobre os projetos do casal. O arquiteto Christian de Portzamparc foi convidado pelo Prefeito Cesar Maia, para projetar a "Cidade da Música" – complexo que abrigará a futura sede da Orquestra Sinfônica Brasileira, além de salas para música de câmara, salas de aula para Orquestra Jovem, mediateca, cinemas, restaurante e bares – , na Barra da tijuca, Rio de Janeiro.	Difusão da produção artística/ incentivo ao intercâmbio cultural	19- Marquês do Lavradio / 20- José Alpoim / 21- Princesas / 22- Luis de Vasconcelos	Organização/ parceria: IAB - Instituto dos Arquitetos do Brasil, Prefeitura do Rio Secretaria das Culturas, Apoio: IPHAN, MinC , Secretaria de Estado de Cultura, Secretaria Municipal de Cultura, Associação dos Amigos do Paço Imperial	Convite			
2003	Exposição	India México – Vientos Paralelos		12 de junho de 2003 a 27 de julho de 2003	Exposição de fotografias de Graciela Iturbide (México) / Sebastião Salgado (Brasil) / Raghu Rai (Índia) – 90 imagens	Difusão da produção artística/ incentivo ao intercâmbio cultural	03- Terreiro do Paço	Parceria: Coordinación de Asuntos Internacionales Dirección de Difusión Cultural Internacional / Consejo Nacional para la Cultura y lãs Artes – CONACULTA - México – DF); Apoio: IPHAN / Consejo Nacional para la Cultura y las Artes – CONACULTA - México – DF), Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2003	Exposição	O Fio e o espaço	Brigida Baltar: A coleta da umidade; Denise Cathilina: (sem título); Suely Farhi: Riscos e penas; Afonso Tostes: Marcas; André Amaral: displace / this place – situação n°2; Chacal: Caro barato; Felipe Barbosa: Quintessência; Jarbas Lopes - Cosmético e O Debate. Mario Fraga (sem título); Chang Chi Chai (sem título)	12 de junho de 2003 a 27 de julho de 2003	Reunir artistas contemporâneos em exposições individuais através de uma curadoria que não deseja se sobrepor às linguagens mas sublinhar e evidenciar algumas questões e abordagens visuais. Curadoria: Lauro Cavalcanti	Difusão da produção artística brasileira	Salas 09 / 10 / 11/ 12 / 13 / 14/ 15/ 19 / 20 /21 / 22 – Gomes Freire, Treze de Maio, Trono, Dossel, Amarela, Mestre Valentim, Seletos, Marquês do Lavradio, José Alpoim, Princesas, Luis Vasconcelos	Apoio: IPHAN, Millenium Transportes, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2003	Exposição	Vik Muniz – retratos de revista	Vik Muniz	14 de agosto de 2003 a 12 de outubro de 2003	Exposição de fotografias com 12 fotos realizadas a partir de imagens de personalidades reconstruídas com picotes de páginas de revistas, fotografadas em cibachrome (tamanho médio 165 x 120cm). Seu Jorge / Joãosinho Trinta / Jaguar / João Ubaldo / Camila Pitanga / Pelé / Lula / Fernanda Abreu / Luciana (manicure) / Seu Oliveira (garçon Braseiro da Gávea) / Lívia Monte / Seu Francisco (das flores) / etc.	Difusão da produção artística	03-Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN, Galeria Fortes Vilaça, Transportadora Atlantis Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2003	Exposição	Iberê Camargo: diante da pintura	Iberê Camargo	18 de agosto de 2003 a 12 de outubro de 2003	A exposição reconstrói a trajetória do artista, com cerca de 120 obras selecionadas sob a curadoria de Paulo Vinâncio Filho (crítico e professor da EBA UFRJ) e é fruto do trabalho desenvolvido pela Fundação Iberê Camargo - que vem fazendo um grande esforço para a preservação e divulgação da obra do artista e cuida da construção do Museu Iberê Camargo em Porto Alegre. Uma das principais atrações é o último trabalho do artista, "Solidão", pintado em 1994. Além disso, Paulo Venâncio Filho destaca as séries "Tudo te é falso e inútil", "No vento e na Terra", e "As Idiotas", que serão exibidas pela primeira vez em conjunto. Curadoria: Paulo Venâncio Filho	Difusão da produção artística	09 / 10 / 11 / 12 / 13 / 14 / 15 Gomes Freire / Treze de Maio / Trono / Dossel / Amarela / Mestre Valentim / Seletos	Parceria: Fundação Iberê Camargo; Patrocínio: Gerdau; Apoio: Ministério da Cultura, IPHAN, Instituto Camargo Correa, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite, catálogo	Visitas guiadas / mesa-redonda (dia 04 de setembro) com Paulo Venâncio Filho / Paulo Sergio Duarte / Carlos Zílio		
2003	Exposição	Anna Bella Geiger: obras em arquipélago	Anna Bella Geiger	14 de agosto de 2003 a 12 de outubro de 2003	Exposição com cerca de 70 trabalhos com técnicas e fases diversas. Curadoria de Adolfo Navas.	Difusão da produção artística	19 20 / 21/ 22 Marquês do Lavradio /José Alpoim / Princesas / Luis de Vasconcelos	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, Transportadora Atlantis	Convite	Visitas guiadas pela artista / mesa-redonda com Adolfo Montejo Navas / Fernando Cocchiarale / Anna Bella Geiger		

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2003	Exposição		Alex Flemming	09 de dezembro de 2003 a 15 de fevereiro de 2004	Exposição de 22 obras em acrílica sobre plotter, desenhos, gravuras e objetos de parede – de grandes formatos – da série "Body Builders", e dois trabalhos anteriores "A True Lichtenstein portrait of David" (1983) e um da série "Atletas" (1989). Curadoria: Angélica de Moraes	Difusão da produção artística	03-Terreiro do Paço	Apoio: Ministério da Cultura, IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial,	Convite			
2003	Exposição	ATELIER FINEP	Anna Maria Maiolino, José Damasceno, José Bechara, Marcelo Silveira, Carmela Gross, Gilvan Samico	09 de dezembro de 2003 a 15 de fevereiro de 2004	Exposição com instalações, gravuras e esculturas	Difusão da produção artística	1° pavimento: Gomes Freire/ Treze de Maio / Trono / Dossel / Amarela / M.Valentim / Seletos	Parceria: FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos – Ministério da Ciência e Tecnologia; Apoio: IPHAN / Associação dos Amigos do Paço Imperial/ Varig / Alves Tegam Embalagens Especiais	Convite / será realizado um pequeno catálogo a ser lançado até o final da exposição	Mesa-redonda com Sergio Machado Rezende (presidente da FINEP, Lauro Cavalcanti (diretor do Paço Imperial), Luciano Figueiredo, Rubem Grilo, Luiz Aquila; Curadores: Anna Maria Niemeyer / Claudia Saldanha/ Moacir dos Anjos / Ivo Mesquita / Lauro Cavalcanti; Artistas: Anna Maria Maiolino, José Damasceno, José Bechara, Marcelo Silveira, Carmela Gross, Gilvan Samico		
2003	Exposição	Panorama da Arte Brasileira 2003 (Desarrumado) 19 Desarranjos		16 de dezembro de 2003 a 15 de fevereiro de 2004	Exposição com instalações, gravuras e esculturas	Difusão da produção artística/ incentivo ao intercâmbio cultural	2° pavimento: Marquês do Lavradio, José Alpoim, Princesas, Luis de Vasconcelos	Parceria: MAM SP (organização); Apoio: Itaú Cultural, Ministério da Cultura, IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial	Convite, folder			

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2004	Exposição	Anna Bella Geiger: obras em arquipélago	Anna Bella Geiger	14 de agosto de 2003 a 12 de outubro de 2003	Exposição com cerca de 70 trabalhos com técnicas e fases diversas. Curadoria de Adolfo Navas.	Difusão da produção artística	19 20 / 21/ 22 Marquês do Lavradio /José Alpoim / Princesas / Luis de Vasconcelos	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, Transportadora Atlantis	Convite	Visitas guiadas pela artista / mesa-redonda com Adolfo Montejo Navas / Fernando Cocchiarale / Anna Bella Geiger		
2004	Exposição		Alex Flemming	09 de dezembro de 2003 a 15 de fevereiro de 2004	Exposição de 22 obras em acrílica sobre plotter, desenhos, gravuras e objetos de parede – de grandes formatos – da série "Body Builders", e dois trabalhos anteriores "A True Lichtenstein portrait of David" (1983) e um da série "Atletas" (1989). Curadoria: Angélica de Moraes	Difusão da produção artística	03-Terreiro do Paço	Apoio: Ministério da Cultura, IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial,	Convite			
2004	Exposição	ATELIER FINEP	Anna Maria Maiolino, José Damasceno, José Bechara, Marcelo Silveira, Carmela Gross, Gilvan Samico	09 de dezembro de 2003 a 15 de fevereiro de 2004	Exposição com instalações, gravuras e esculturas	Difusão da produção artística	1° pavimento: Gomes Freire/ Treze de Maio / Trono / Dossel / Amarela / M. Valentim / Seletos	Parceria: FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos – Ministério da Ciência e Tecnologia; Apoio: IPHAN / Associação dos Amigos do Paço Imperial/ Varig / Alves Tegam Embalagens Especiais	Convite / será realizado um pequeno catálogo a ser lançado até o final da exposição	Mesa-redonda com Sergio Machado Rezende (presidente da FINEP, Lauro Cavalcanti (diretor do Paço Imperial), Luciano Figueiredo, Rubem Grilo, Luiz Aquila; Curadores: Anna Maria Niemeyer / Claudia Saldanha/ Moacir dos Anjos / Ivo Mesquita / Lauro Cavalcanti; Artistas: Anna Maria Maiolino, José Damasceno, José Bechara, Marcelo Silveira, Carmela Gross, Gilvan Samico		
2004	Exposição	Panorama da Arte Brasileira 2003 (Desarrumado) 19 Desarranjos		16 de dezembro de 2003 a 15 de fevereiro de 2004	Exposição com instalações, gravuras e esculturas	Difusão da produção artística/ incentivo ao intercâmbio cultural	2° pavimento: Marquês do Lavradio, José Alpoim, Princesas, Luis de Vasconcelos	Parceria: MAM SP (organização); Apoio: Itaú Cultural, Ministério da Cultura, IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial	Convite, folder			
2004	Exposição	"Entonces (cem esculturas)"	Raul Mourão	19 de abril de 2004 a 13 de junho de 2004	Exposição de esculturas	Difusão da produção artística brasileira	03- Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2004	Exposição	"Espaço permeável 2004"	Carlo Bernardini	19 de abril de 2004 a 13 de junho de 2004	Instalação com fibras óticas de diversos diâmetros que transformam o espaço com movimentos cromáticos partindo do branco para o azul.	Difusão da produção artística/ incentivo ao intercâmbio cultural	09 – Gomes Freire	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2004	Exposição		Ivan Serpa	19 de abril de 2004 a 13 de junho de 2004	A exposição reconstrói a trajetória do artista, com cerca de 200 obras selecionadas (óleos, papéis, objetos) entre coleções particulares, museus e instituições do Rio, São Paulo e Belo Horizonte.	Difusão da produção artística	11/12/13/14/15 – Trono / Dossel / Amarela / Mestre Valentim / Seletos	Parceria: Banco Pactual; Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite, catálogo	Visitas guiadas		
2004	Exposição	"Olinda: Arte em toda parte"		14 de abril de 2004 a 13 de junho de 2004	Exposição de obras dos vencedores de concurso realizado pela FINEP em 2003 na cidade de Olinda - PE	Difusão da produção artística	19/20 – Marquês do Lavradio / José Alpoim	Parceria: FINEP – Ministério da Ciência e Tecnologia; Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite, catálogo			
2004	Exposição	TUDO É BRASIL		03 de agosto de 2004 a 10 de outubro de 2004	A exposição com curadoria de Lauro Cavalcanti apresenta obras de 36 artistas cujos trabalhos se formaram a partir da apropriação e mistura de duas ou mais correntes que, em sua origem européia ou norte-americana, seriam consideradas antagônicas, opostas ou, mesmo, inconciliáveis. Artistas de gerações e regiões diferentes foram selecionados de modo a abranger uma gama variada de linguagens e aspectos da visualidade contemporânea brasileira, com trabalhos em papel, objetos, pinturas, vídeos, filmes e música: Arnaldo Antunes, Artur Barrio, Augusto de Campos, Carla Linhares Bohner, Celso Renato, David Cury, Décio Pignatari, Edgard Braga, Luciano Figueiredo, Emmanuel Nassar, Edson Meirelles, Felipe Barbosa, Ferreira Gullar, Geraldo de Barros, Isaac Soledade, Jarbas Lopes, José Alcântara, José Paulo, José Patrício, Jorge Duarte, Jorge Luiz Fonseca, Lenora de Barros, Luciano Figueiredo, Lula Vanderley, Lygia Pape, Manoel Faria Leal, Marcos Cardoso, Mauricio Castro, Oscar Ramos, Paulo Paes, Raymundo Colares, Rochelle Costi, Silvia Feliciano, Tuca Reinés, Waldemar Cordeiro, Waldomiro de Deus, Waly Salomão	Difusão da produção artística	Térreo: Terreiro do Paço. 1° pavimento: Gomes Freire/ Treze de Maio / Trono / Dossel / Amarela / M. Valentim	Parceria: Itaú Cultural, Ministério da Cultura, IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial	Convite, folder, catálogo	Visitas guiadas com monitoria e leitura de poesias		

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2004	Exposição	'Trabalhos sobre Papel'	Carlos Zílio	03 de agosto de 2004 a 10 de outubro de 2004	Exposição com 70 trabalhos de fases diferentes do artista	Difusão da produção artística	2° pavimento: Marquês do Lavradio, José Alpoim, Princesas e Luis de Vasconcelos	Parceria: Petrobrás; Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial	Convite, folder			
2004	Exposição	O século de um brasileiro: coleção Roberto Marinho		02 de dezembro de 2004 a 13 de fevereiro de 2005	A exposição, com curadoria de Lauro Cavalcanti, usa como fio condutor as obras de arte pertencentes à Coleção Roberto Marinho. Foram selecionadas 240 obras de arte da Coleção Roberto Marinho e reunidas a partir dos elementos água – representando a paixão do jornalista pelo mar –, terra – revela seu entusiasmo pelo Brasil – e ar – símbolo das transmissões dos meios de comunicação. Água: José Pancetti / Aldemir Martins / Arcângelo Ianelli / Mario Pacheco / Raymundo Castro Maya / Jean Cocteau; Terra: Cândido Portinari / Di Cavalcanti/ Djanira / Lasar Segall / Tarsila / Roberto Rodrigues / Victor Brecheret / Agnaldo dos Santos / Ariano Suassuna / Heitor dos Prazeres / Bruno Giorgi; Ar: Alberto da Veiga Guignard / Ismael Nery / Cícero Dias ; Abstratos: Antonio Bandeira / Maria Martins / Frans Krajcberg / Iberê Camargo / Jorge Guinle / Manabu Mabe / Burle Marx / Tomie Ohtake; Estrangeiros: Maria Helena Vieira da Silva / André Lhote/ De Chirico / De Pisis / Fernand Léger / Jean Cocteau / Jean Lurçat / Marc Chagall / Georges Mathieu / Paul Signac / Raoul Dufy /Soulages / Utrillo / Vlaminck ; A exposição também apresenta três criações eletrônicas e uma linha do tempo com pesquisa sobre os principais acontecimentos políticos e artísticos do século XX, pontuada com obras dos artistas: Francisco Xavier Carneiro / Lasar Segall / Anita Malfatti / Cândido Portinari / Milton Dacosta / Di Cavalcanti / Vitorio Gobbis / Iberê Camargo / Alfredo Volpi / Chico Caruso. As criações eletrônicas foram elaboradas pelo videomaker Marcello Dantas: um slide show sobre a vida e a obra de Roberto Marinho e duas outras instalações interativas.	Difusão da produção artística	Térreo: Terreiro do Paço. 1° pavimento: Gomes Freire/ Treze de Maio / Trono / Dossel / Amarela / M. Valentim / Seletos . 2º pavimento: Marquês do Lavradio/ José Alpoim / Princesas / Luís de Vasconcelos	Parceria: Fundação Roberto Marinho / TV Globo ; Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite, folder, catálogo	Visitas guiadas com monitoria		

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2005	Exposição	O século de um brasileiro: coleção Roberto Marinho		02 de dezembro de 2004 a 13 de fevereiro de 2005	A exposição, com curadoria de Lauro Cavalcanti, usa como fio condutor as obras de arte pertencentes à Coleção Roberto Marinho. Foram selecionadas 240 obras de arte da Coleção Roberto Marinho e reunidas a partir dos elementos água – representando a paixão do jornalista pelo mar –, terra – revela seu entusiasmo pelo Brasil – e ar – símbolo das transmissões dos meios de comunicação. Água: José Pancetti / Aldemir Martins / Arcângelo Ianelli / Mario Pacheco / Raymundo Castro Maya / Jean Cocteau; Terra: Cândido Portinari / Di Cavalcanti/ Djanira / Lasar Segall / Tarsila / Roberto Rodrigues / Victor Brecheret / Agnaldo dos Santos / Ariano Suassuna / Heitor dos Prazeres / Bruno Giorgi; Ar: Alberto da Veiga Guignard / Ismael Nery / Cícero Dias ; Abstratos: Antonio Bandeira / Maria Martins / Frans Krajcberg / Iberê Camargo / Jorge Guinle / Manabu Mabe / Burle Marx / Tomie Ohtake; Estrangeiros: Maria Helena Vieira da Silva / André Lhote/ De Chirico / De Pisis / Fernand Léger / Jean Cocteau / Jean Lurçat / Marc Chagall / Georges Mathieu / Paul Signac / Raoul Dufy /Soulages / Utrillo / Vlaminck ; A exposição também apresenta três criações eletrônicas e uma linha do tempo com pesquisa sobre os principais acontecimentos políticos e artísticos do século XX, pontuada com obras dos artistas: Francisco Xavier Carneiro / Lasar Segall / Anita Malfatti / Cândido Portinari / Milton Dacosta / Di Cavalcanti / Vitorio Gobbis / Iberê Camargo / Alfredo Volpi / Chico Caruso. As criações eletrônicas foram elaboradas pelo videomaker Marcello Dantas: um slide show sobre a vida e a obra de Roberto Marinho e duas outras instalações interativas.	Difusão da produção artística	Térreo: Terreiro do Paço. 1° pavimento: Gomes Freire/ Treze de Maio / Trono / Dossel / Amarela / M. Valentim / Seletos . 2º pavimento: Marquês do Lavradio/ José Alpoim / Princesas / Luís de Vasconcelos	Parceria: Fundação Roberto Marinho / TV Globo ; Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite, folder, catálogo	Visitas guiadas com monitoria		
2005	Exposição	Trilogias	NELSON FELIX	16 de março de 2005 a 22 de maio de 2005	A exposição apresenta 14 obras divididas como “Trilogia dos Vazios” (séries: Cérebro, Coração e Sexo), Trilogia da Cruz” (Grande Budha, Arte Cidade III e série Árabe) e “Trilogia do Tempo (Mesas, série Gênesis e Cruz na América), que se misturam e complementam, lidando com o conceito de tempo / instante nas realizações. Algumas obras datam de 1996 (Trilogia dos vazios) e outras são inéditas. Curadoria: Gloria Ferreira	Difusão da produção artística	Terreiro, Gomes Freire, treze de Maio, Trono e Dossel	Apoio: HAP Galeria de Arte, IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2005	Exposição	Memórias, Reflexões e Sonhos	MARCELO LAGO	16 de março de 2005 a 22 de maio de 2005	O artista criou a instalação a partir de referências pessoais à sua infância, e adolescência. Em Memórias, duas peças emolduradas e instaladas nas paredes, o artista faz uma referência direta com a janela renascentista. Reflexões é um trabalho com 16 objetos ovais emoldurados (67x50x4cm) divididos em 3 partes – inspirações, idéias e referências. Sonhos apresenta duas “mandalas” de 116cm de diâmetro cada uma com frases e símbolos.	Difusão da produção artística	Amarela	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2005	Exposição	Speculatio	AMADOR PEREZ	16 de março de 2005 a 22 de maio de 2005	Exposição de 30 trabalhos realizados a partir de auto-retratos e outras obras de 30 artistas que marcaram a trajetória de Amador Perez.. Desenhos a grafite, fragmentos de imagens impressas e outros objetos.	Difusão da produção artística	Academia dos Seletos	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2005	Exposição	Koans	VALÉRIA COSTA PINTO	16 de março de 2005 a 22 de maio de 2005	Instalação interativa realizada com persianas pintadas em branco e preto formando desenhos em positivo/negativo. O trabalho se dá sob a forma de um quebra-cabeça, no qual a imagem é composta de várias peças idênticas e triformes que, pela intervenção do observador, podem individualmente transformar-se em seu exato oposto ou no vazio - preenchido pelo ambiente.	Difusão da produção artística	Mestre Valentim	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2005	Exposição	Trabalhos recentes	ADRIANA EU	16 de março de 2005 a 22 de maio de 2005	Primeira individual da artista no Rio de Janeiro. A instalação é formada por um "teto" de fios de linha de costura da cor vermelha. Utilizando 1.000 fios que têm em suas pontas anzóis, a artista cobre todo o ambiente. Dois desses anzóis se encontram no centro da instalação e formam um coração. "As linhas para mim são quase imateriais, fios condutores de tensões. Meu interesse maior é falar dos encontros e das experiências". O vídeo mostra a artista "costurando" as próprias mãos com linha vermelha.	Difusão da produção artística	Marquês do Lavradio	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2005	Exposição	Contente tende ao infinito	CARLOS CONTENTE	16 de março de 2005 a 22 de maio de 2005	Pela primeira vez a arte urbana do artista plástico é mostrada em uma exposição no Rio. A individual traz como eixo o auto-retrato de Contente, uma espécie de personagem autônomo e homônimo ao artista, que ele passou a grafitar em superfícies como telas, papéis, cartazes e muros urbanos, repetindo-se ad infinitum. Serão apresentadas sete pinturas sobre lona e plásticos, 2 cadernos (um talk-show desenhado, onde Contente entrevista a cor verde e aborda questões sociais, pictóricas e existenciais) e 1 intervenção no espaço. Contente também fará performances em que amarrará carimbos aos seus braços e deixará o público aplicar o mesmo sobre cartões.	Difusão da produção artística	José Alpoim	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2005	Exposição	Vai-se uma parte do fogo	JOSÉ MAURICIO VIEIRA	16 de março de 2005 a 22 de maio de 2005 (provável)	Exposição de 7 fotografias e série de 20 jornais. As fotos, feitas a partir das lixas usadas de caixas de fósforo que trazem a marca do palito riscado, em grandes escalas (100x200cm e 200x300cm), lembram muros grafitados e remetem à “memória do fogo”. A série com jornais, realizada a partir de interferências gráficas em obituários de jornais sobre grandes nomes da nossa cultura (Di Cavalcanti, Djanira, Vinicius de Moraes, Clarice Lispector) que se sobrepõem ao texto e desenham uma nova memória visual. Curadoria: Luis Camillo Osório	Difusão da produção artística	Princesas	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2005	Exposição	HENRY MOORE: UMA RETROSPECTIVA – BRASIL 2005		07 de julho de 2005 a 18 de setembro de 2005	A maior exposição retrospectiva do artista inglês já realizada fora da Europa, com 117 esculturas, 72 desenhos e 50 gravuras da The Henry Moore Foundation.	Difusão da produção artística / incentivo ao intercâmbio cultural	Todas as salas do Paço Imperial	Organização: The Henry Moore Foundation e British Council ; Patrocínio: Companhia Siderúrgica Nacional – CSN (Lei de Incentivo à Cultura – MinC); Apoio: Cultura Inglesa, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial-AAPI	Convite, folder, catálogo	Visitas guiadas por artistas e críticos de arte: 14/7 – Anna Bella Geiger; 28/7- Cristina Salgado; 11/8 – Iole de Freitas; 25/8 – Ricardo Ventura; 01/9 - Rafael Cardoso; 08/8 – Carlos Contente; 15/8 – Fernando Cocchiarale		
2005	Exposição	GASTÃO MANOEL HENRIQUE		Novembro de 2005 a Janeiro de 2006	Um dos principais artistas de sua geração, após longos anos de dedicação ao magistério (lecionou na Universidade de Brasília, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Museu de Arte Moderna do Rio, e no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em São Paulo) o artista apresenta um perfil de sua produção, reunindo 50 esculturas em madeira realizadas em 2004.	Difusão da produção artística	Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2005	Exposição	MARCIA X REVISITADA		Novembro de 2005 a Janeiro de 2006	Exposição em homenagem à artista falecida em 2004, com 15 vídeos registrando suas performances, objetos, 7 instalações, fotografias, desenhos e pinturas, além dos objetos da série Fábrica Fallus. Com curadoria de Claudia Saldanha e Ricardo Ventura e textos de Lauro Cavalcanti, Ricardo Basbaum, Glória Ferreira, Tunga, Alex Hamburguer, Adolfo Montejo Navas, Marisa Florido, Ana Teresa Jardim, Luiza Duarte e poesias de Chacal e Guilherme Zarvos, entre outros. Curadoria: Claudia Saldanha e Ricardo Ventura	Difusão da produção artística	Gomes Freire, Treze de Maio, Trono, Dossel	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite	Visita guiada com os curadores (13 de dezembro)	Laura Cogo - Cadeiras Vigilantes. http://lauracogo.blogspot.com.br/2006/11/mobilirio-de-museu-pao-imperial-rio-de.html	
2005	Exposição	Elevados	ANA HOLCK	Novembro de 2005 a Janeiro de 2006	Instalação site-specific feita com faixas de adesivo vinílico, que ocupam toda a sala. Esta exposição dá continuidade a uma seqüência de trabalhos que a artista começou a desenvolver a partir da intervenção urbana Empena Cega, realizada em 2001.	Difusão da produção artística	Mestre Valentim	Parceria: a artista obteve apoio da Prefeitura do Rio de Janeiro para o projeto e de: Savep, Aslan, Metamark e Tecnopop para a realização da instalação. Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite, folder			
2005	Exposição	Vazios	JOSÉ TANNURI	Novembro de 2005 a Janeiro de 2006	Instalação site specific a partir da produção de um labirinto de caixas de papelão superpostas (de 1 m3) que ocupam o espaço em que o espectador passeia. O artista problematiza a forma, o peso, o volume e o vazio no espaço. Curadoria: Cristina Burlamaqui	Difusão da produção artística	Academia dos Seletos	Parceria: o artista obteve apoio de: Klabin, Filiperson, Itapesa e AV Brasil para a realização da instalação e do vídeo. Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite, folder	Apresentação de vídeo-instalação na Sala dos Archeiros (08 de dezembro)		

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2006	Exposição	GASTÃO MANOEL HENRIQUE		Novembro de 2005 a Janeiro de 2006	Um dos principais artistas de sua geração, após longos anos de dedicação ao magistério (lecionou na Universidade de Brasília, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Museu de Arte Moderna do Rio, e no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em São Paulo) o artista apresenta um perfil de sua produção, reunindo 50 esculturas em madeira realizadas em 2004.	Difusão da produção artística	Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2006	Exposição	MARCIA X REVISITADA		Novembro de 2005 a Janeiro de 2006	Exposição em homenagem à artista falecida em 2004, com 15 vídeos registrando suas performances, objetos, 7 instalações, fotografias, desenhos e pinturas, além dos objetos da série Fábrica Fallus. Com curadoria de Claudia Saldanha e Ricardo Ventura e textos de Lauro Cavalcanti, Ricardo Basbaum, Glória Ferreira, Tunga, Alex Hamburguer, Adolfo Montejo Navas, Marisa Florido, Ana Teresa Jardim, Luiza Duarte e poesias de Chacal e Guilherme Zarvos, entre outros. Curadoria: Claudia Saldanha e Ricardo Ventura	Difusão da produção artística	Gomes Freire, Treze de Maio, Trono, Dossel	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite	Visita guiada com os curadores (13 de dezembro)		
2006	Exposição	Elevados	ANA HOLCK	Novembro de 2005 a Janeiro de 2006	Instalação site-specific feita com faixas de adesivo vinílico, que ocupam toda a sala. Esta exposição dá continuidade a uma seqüência de trabalhos que a artista começou a desenvolver a partir da intervenção urbana Empena Cega, realizada em 2001.	Difusão da produção artística	Mestre Valentim	Parceria: a artista obteve apoio da Prefeitura do Rio de Janeiro para o projeto e de: Savep, Aslan, Metamark e Tecnopop para a realização da instalação. Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite, folder			
2006	Exposição	Vazios	JOSÉ TANNURI	Novembro de 2005 a Janeiro de 2006	Instalação site specific a partir da produção de um labirinto de caixas de papelão superpostas (de 1 m3) que ocupam o espaço em que o espectador passeia. O artista problematiza a forma, o peso, o volume e o vazio no espaço. Curadoria: Cristina Burlamaqui	Difusão da produção artística	Academia dos Seletos	Parceria: o artista obteve apoio de: Klabin, Filiperson, Itapesa e AV Brasil para a realização da instalação e do vídeo. Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite, folder	Apresentação de vídeo-instalação na Sala dos Archeiros (08 de dezembro)		
2006	Exposição		MARIA-CARMEN PERLINGEIRO	30 de março de 2006 a 21 de maio de 2006	Instalação site specific com obras que a artista desenvolve com a pedra alabastro, explorando o caráter translúcido do material. Em todo o Terreiro do Paço, a artista ocupou piso, paredes e deixou pender do teto algumas peças. Cada conjunto de peças promovia a leitura de um tema. As obras foram produzidas no ateliê que Maria-Carmen mantém em Volterra, na Itália, onde obtém a matéria-prima para seus objetos e esculturas. Na série “Maestà”, com alabastro e folha de ouro, as peças trazem silhuetas dos apóstolos e de santos, enquanto no conjunto “Quando as montanhas se encontram” a inspiração vem da topografia evocando tanto a Suíça como o Rio de Janeiro, para citar alguns dos temas.	Difusão da produção artística	Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2006	Exposição	Relações cordiais	PAULO CLIMACHAUSKA	30 de março de 2006 a 21 de maio de 2006	Instalação site specific com um conjunto de 9 pinturas da série “Construção por subtração”, que vem desenvolvendo há quatro anos. As figuras são construídas por conta de subtração. Foi a primeira vez que o artista trabalhou sobre figuras humanas, no caso, reproduções de telas de Debret. Tal mote para o trabalho surgiu a partir da surpresa do artista diante das ilustrações das placas de sinalização que decoram a loja de moda de luxo Daslu, em São Paulo. É que na Área de Serviço a placa mostra duas escravas negras pintadas por Debret. O choque virou ironia para a série de trabalhos. Parte deles foi mostrada num espaço cultural dentro da própria loja de departamentos em 2005. “No Paço, além das 9 pinturas, havia uma foto deste elemento encontrado na Daslu. Para o artista a exposição é uma síntese do Brasil que ainda guarda o resquício de uma economia colonial”.	Difusão da produção artística	Gomes Freire	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2006	Exposição	Aberturas	ELIZABETH JOBIM	30 de março de 2006 a 21 de maio de 2006	Recorte do site specific que criou para a 5ª Bienal do Mercosul de 2005. O trabalho ocupou toda a Sala Treze de Maio com as imensas pinturas que formaram um único trabalho.	Difusão da produção artística	Treze de Maio	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite, folder			
2006	Exposição	Não quero nem ver	LENORA DE BARROS	30 de março de 2006 a 21 de maio de 2006	Instalação site specific composta pelos vídeos ‘Tato do olho’, ‘Ela não quer ver’, ‘Já vi tudo’, ‘Há mulheres’. E ainda pelas fotos ‘Não quero nem ver’ (33,3 x 50cm); ‘Não me mostre’ (33,3 x 250cm); ‘Nem me mostre’ (díptico / 50x66,6cm); ‘A mulher’ (painel fotográfico com 12 imagens / 125x173,5cm); ‘Escrever por dentro’ (50x33,3cm). Completavam a exposição 4 poemas oralizados.	Difusão da produção artística	Sala do Trono	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2006	Exposição	Sobre os distúrbios da alma	MANOEL FERNANDES	30 de março de 2006 a 21 de maio de 2006	Exposição de pinturas e desenhos em que o artista aprofundava sua pesquisa em torno da cor e continuva explorando uma complexa trama de fenômenos visuais: transparências, opacidade, reflexos, vazios. O vermelho, cor recorrente na sua obra, torna-se agente de toda exposição, como evocação de vida, amor e morte. É a cor que faz pulsar e que impulsiona o olhar do espectador para dentro da pintura. Apesar desta pulsão do vermelho, são trabalhos silenciosos, que evocam a condição humana.	Difusão da produção artística	Sala do Dossel	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2006	Exposição	Nadando	DAISY XAVIER e CELIA FREITAS	30 de março de 2006 a 21 de maio de 2006	Instalação site specific, com um projeto de vídeo-instalação da artista Daisy Xavier e da cineasta Célia Freitas. Desde 1996, a artista Daisy Xavier desenvolve uma série de investigações sob o título genérico de “Anfíbios”. Os resultados têm sido instalações e fotografias que não deixam de trazer o lastro do trabalho pictórico – explorado há vários anos por Daisy – pelas fortes presenças plástica e cromática que generosamente compartilham o espaço de exposição com os elementos conceituais ou reflexivos.	Difusão da produção artística	Mestre Valentim	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2006	Exposição	LUZ E SOMBRA na pintura italiana entre o Renascimento e o Barroco		08 de maio de 2006 a 04 de junho de 2006	a exposição concentrava-se na produção artística desenvolvida em Veneza, Bolonha e Roma, três dos grandes centros da arte na Itália dos séculos XVI e XVII. As pinturas que fizeram parte da mostra – a maioria, retratos - exemplificam os diferentes aspectos de tratamento pictórico – da figura e do fundo, de composição e de desenho, de massas de cor, dos planos de iluminação e de sombreamento. A exposição incluiu obras de artistas que são referência do Renascimento e, sobretudo, do Maneirismo e do Barroco italianos, período histórico que corresponde à época das grandes descobertas náuticas de Cristóvão Colombo e Fernão de Magalhães e da conseqüente reconfiguração do mundo. Abrangendo dois séculos de produção artística com estilos, em particular o Barroco, formadores da cultura nas Américas, matriz para o pensamento e para as artes no Brasil. Reúnia 58 pinturas de grandes nomes da arte Italiana, como Ticiano, El Greco, Lorenzo Lotto, Tintoretto, Veronese, Guido Reni e Guercino. Curadoria: Vittorio Sgarbi (historiador e crítico de arte italiano).	Difusão da produção artística internacional	Mq. do Lavradio, José Alpoim, Princesas, Luis de Vasconcelos	Patrocínio: TIM; Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI, Pinacoteca do Estado de São Paulo	Convite, catálogo	Visitas guiadas, organizadas pelo setor educativo		
2006	Exposição	“Exposição de Arte”	EDUARDO COIMBRA	14 de julho de 2006 a 06 de agosto de 2006	Exposição de objetos, fotografias e pinturas	Difusão da produção artística	Mestre Valentim	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2006	Exposição	RUMOS ARTES VISUAIS – PARADOXOS BRASIL		14 de julho de 2006 a 06 de agosto de 2006	Programa Rumos Itaú Cultural Artes Visuais 2005 – 2006. Exposição com 78 artistas e grupos selecionados em todo o Brasil pelo programa Rumos Artes Visuais. Reuniu instalações, performances, pinturas, esculturas, desenhos, fotografias e obras áudio-visuais. Curadoria: Aracy Amaral, Luisa Duarte, Cristiana Tejo, Mariana Morkazel	Difusão da produção artística	Terreiro, Gomes Freire, Treze de Maio, Trono, Dossel, Amarela, Mq. do Lavradio, José Alpoim, Princesas, Luis de Vasconcelos	Parceria: ITAÚ CULTURAL; Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite, livro			
2006	Exposição	La ville et les corps	JEAN-PIERRE COUSIN	05 de setembro de 2006 a 05 de novembro de 2006	Mostra com 105 fotografias de grandes formatos, impressas sobre tela, realizadas em Paris e Beirute em 2003 e 2004. São “fragmentos” de casas, edifícios, paredes e pessoas, criados pelo enquadramento da câmera. A série “Beirut” reúniu 65 imagens sobre pessoas, comida e arquitetura, realizadas na capital libanesa em 2003. Cousin liberava aos moradores, transeuntes, comerciantes o visor da câmera para que eles escolhessem o corte da imagem, como e o quê gostariam de mostrar. Jean-Pierre os considera co-autores dos trabalhos.	Difusão da produção artística/ incentivo ao intercâmbio cultural	Terreiro	Parceria: Consulado da França / ATLANTIS; Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2006	Exposição	Do jornal à pintura	LUCIANO FIGUEIREDO	05 de setembro de 2006 a 05 de novembro de 2006	A primeira retrospectiva do múltiplo artista Luciano Figueiredo mostra 109 obras de 1975 a 2006, reunindo pintura, relevo, colagem, e um segmento documental de sua produção como diretor de arte, cenógrafo, designer gráfico, editor, na música, no teatro, cinema e nas artes plásticas. Sua produção em pintura, relevo e instalação tem o jornal como base para explorar novas relações espaciais e pictóricas, fora do sentido utilitário do material - noticiar fatos e opiniões do cotidiano. Como leitor, o manuseio diário dos cadernos de páginas incitou o artista a formar volumes, dobras, cortes, especular tonalidades, manchas e claro-escuros da retícula. Ele revela a rica visualidade, valores plásticos e gráficos deste material. Curadoria: Lauro Cavalcanti	Difusão da produção artística	Gomes Freire, Treze e Maio, Trono, Dossel	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2006	Exposição	Brugnera	LUIZ CARLOS BRUGNERA	05 de setembro de 2006 a 05 de novembro de 2006	O paranaense Luiz Carlos Brugnera faz sua primeira individual no Rio, com cerca de 20 desenhos, instalações e objetos em conjuntos que abordavam uma mesma questão: a expansão da prática do desenho, marco do começo de seu trabalho, para outras investigações posteriormente escolhidas pelo artista. Em todas, mesmo sobre o metal, predomina um meio técnico, o grafite. Curadoria: Fernando Cocchiarale	Difusão da produção artística	Mestre Valentim	Organização: Instituto Paranaense de Arte. Patrocínio: ELETROBRAS; Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2006	Exposição	O trabalho é seu	MANA BERNARDES	05 de setembro de 2006 a 05 de novembro de 2006	A artista mostrou, entre outros: a instalação interativa, que dá título à exposição, constituída de forminhas de empada, com o fundo de espelho. As peças estvam presas a um painel por ímã, dando ao público a possibilidade de movê-las e criar seu próprio trabalho; poemas manuscritos na parede, sonorizados por música do irmão Pedro Bernardes; e o vídeo “Conectar-se pelo cordão”, com o qual participou das coletivas internacionais na Fundação Cartier, Paris, em 2005, e da “I-Dentity”, comemorativa dos 25 anos da revista inglesa “i-D”, em Londres, Beijing, Hong-Kong, Nova York, Paris, Tóquio e na São Paulo Fashion Week 2006. Uma das marcas da designer é juntar materiais corriqueiros com nobres. Ela produz o que chama de “jóias cotidianas”, misturando mini-frascos, garrafas Pet, palitos, grampos, bola de gude, colher de café com pérola, prata e ouro. Um espelho pode se transformar em gargantilha e de uma tampa de caneta esferográfica surge um vasinho.	Difusão da produção artística	Academia dos Seletos	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2006	Exposição	Claudia Moreira Salles Designer	CLAUDIA MOREIRA SALLES	05 de setembro de 2006 a 05 de novembro de 2006	A exposição, que em 2005 esteve no Museu da Casa Brasileira, em São Paulo, concentrava-se em peças representativas de sua trajetória, com itens inéditos: uma embalagem de madeira para garrafas numeradas de uma cachaça especial da Sagatiba, que foram leiloadas na Christie's de Londres; objetos feitos com sobras de madeira, como um porta-castanhas; um aparador que recupera as esteiras das antigas escrivaninhas e estojos escolares, explorando as técnicas de encaixes de marcenaria. Projetar móveis de extremo apuro técnico, com feitura artesanal ou semi-artesanal é a marca da produção de Claudia Moreira Salles, que recupera técnicas tradicionais na marcenaria brasileira, como o uso de cavilha, espiga e cola, a palha com trançado octogonal utilizado no mobiliário dos anos 50 e os rodízios artesanais. Além de móveis, croquis e projetos, integram a mostra fotos de Cristiano Mascaro de ambientes criados pela artista, e um vídeo, realizado no lançamento de sua primeira exposição individual, em 1998, na Casa França-Brasil, no Rio. Curadoria: Adélia Borges	Difusão da produção artística	Mq. do Lavradio, José Alpoim, Princesas, Luis de Vasconcelos	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite, folder			
2006	Exposição	CALDER NO BRASIL		21 de novembro de 2006 a 11 de fevereiro de 2007	O norte-americano Alexander Calder [1898-1976] entrou para a história da arte como o criador da escultura móvel, os famosos móbiles, que o tornou um expoente do modernismo internacional. Sua produção transita pelos EUA, Europa e também pelo Brasil do pós-guerra. Calder no Brasil, "conta" a longa relação que o artista teve com o país, onde esteve em 1948, 1959 e 1960. As visitas de Calder tiveram a mediação do arquiteto Henrique Mindlin e do crítico de arte Mario Pedrosa, que o conheceram em Nova York. Para Pedrosa, o trabalho do artista significou a revelação da força plástica do abstracionismo. Mindlin, por sua vez, logo percebeu a afinidade intensa entre a escultura móvel e a arquitetura moderna brasileira. Em 1948, o artista fez individuais no Ministério da Cultura e Saúde [MEC], no Rio, e no Museu de Arte de São Paulo [MASP], seguida da sua participação na coletiva inaugural do MAM-SP e na Bienal de 1951 e na de 1953, quando teve uma sala especial. Calder visitou Brasília, ciceroneado por Oscar Niemeyer em 1959, em sua segunda vinda ao Brasil, quando fez outra individual, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. O artista incorporou motivos brasileiros ao seu universo artístico e deixou-se contaminar pela informalidade, pelo samba, pela natureza tropical e até pela nova arquitetura de espaços abertos. A exposição, com cerca de 50 esculturas, móbiles, stabiles, pinturas, desenhos, estudos, mais documentos inéditos, datados de 1942 a 1976, recupera a frutífera relação de Calder com o Brasil do pós-guerra. Essas peças foram exibidas em ocasiões históricas no Rio e em SP ou presenteadas aos amigos daqui. Curadoria: Roberta Saraiva	Difusão da produção artística internacional	Gomes Freire, Treze de Maio, Trono	Patrocínio: UBS PACTUAL / SECRETARIA MUNICIPAL DAS CULTURAS - PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO; Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI, Pinacoteca do Estado de São Paulo	Convite, catálogo			
2006	Exposição	A IMAGEM DO SOM DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA		21 de novembro de 2006 a 11 de fevereiro de 2007	roposta: exposição de pinturas, esculturas, gravuras, fotografias e impressões de 80 artistas das diversa áreas de artes visuais. Curadoria: Felipe Taborda	Associação das artes plásticas à musica brasileira	Mq. do Lavradio, José Alpoim, Princesas, Luis de Vasconcelos	Parceria: PETROBRAS; Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite, catálogo			

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2007	Exposição	CALDER NO BRASIL	Alexander Calder	21 de novembro de 2006 a 11 de fevereiro de 2007	O norte-americano Alexander Calder [1898-1976] entrou para a história da arte como o criador da escultura móvel, os famosos móbiles, que o tornou um expoente do modernismo internacional. Sua produção transita pelos EUA, Europa e também pelo Brasil do pós-guerra. Calder no Brasil, "conta" a longa relação que o artista teve com o país, onde esteve em 1948, 1959 e 1960. As visitas de Calder tiveram a mediação do arquiteto Henrique Mindlin e do crítico de arte Mario Pedrosa, que o conheceram em Nova York. Para Pedrosa, o trabalho do artista significou a revelação da força plástica do abstracionismo. Mindlin, por sua vez, logo percebeu a afinidade intensa entre a escultura móvel e a arquitetura moderna brasileira. Em 1948, o artista fez individuais no Ministério da Cultura e Saúde [MEC], no Rio, e no Museu de Arte de São Paulo [MASP], seguida da sua participação na coletiva inaugural do MAM-SP e na Bienal de 1951 e na de 1953, quando teve uma sala especial. Calder visitou Brasília, ciceroneado por Oscar Niemeyer em 1959, em sua segunda vinda ao Brasil, quando fez outra individual, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. O artista incorporou motivos brasileiros ao seu universo artístico e deixou-se contaminar pela informalidade, pelo samba, pela natureza tropical e até pela nova arquitetura de espaços abertos. A exposição, com cerca de 50 esculturas, móbiles, stabiles, pinturas, desenhos, estudos, mais documentos inéditos, datados de 1942 a 1976, recupera a frutífera relação de Calder com o Brasil do pós-guerra. Essas peças foram exibidas em ocasiões históricas no Rio e em SP ou presenteadas aos amigos daqui. Curadoria: Roberta Saraiva	Difusão da produção artística internacional	Gomes Freire, Treze de Maio, Trono	Patrocínio: UBS PACTUAL / SECRETARIA MUNICIPAL DAS CULTURAS - PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO; Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI, Pinacoteca do Estado de São Paulo	Convite, catálogo			
2007	Exposição	A IMAGEM DO SOM DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA		21 de novembro de 2006 a 11 de fevereiro de 2007	Proposta: exposição de pinturas, esculturas, gravuras, fotografias e impressões de 80 artistas das diversa áreas de artes visuais. Curadoria: Felipe Taborda	Associação das artes plásticas à musica brasileira	Mq. do Lavradio, José Alpoim, Princesas, Luis de Vasconcelos	Parceria: PETROBRAS; Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite, catálogo			
2007	Exposição	Atelier FINEP	OSCAR NIEMEYER 10/100. Produção contemporânea 1996 - 2006	29 de janeiro de 2007 a 29 de abril de 2007	Exposição centrada na produção do arquiteto dos últimos dez anos, cerca de 40 projetos, com destaque para o Museu de Arte Contemporânea de Niterói, de 1996, o Caminho Niemeyer, Niterói, de 1997, o Serpentine Pavilion, em Londres, de 2003, o Teatro do Parque Ibirapuera, São Paulo, de 1999, e o Museu de Brasília, de 2003. com 80 desenhos originais, projeção de fotos de Marcel Gautherot de obras do arquiteto, filmes, projetos recentes, 17 maquetes, uma escultura de três metros, móveis e 16 vitrines com documentos originais, incluindo escritos de Niemeyer. A exposição está inserida no projeto Atelier FINEP, uma parceria com o Paço, desde 1994, que propõe desvendar o processo criativo do artista. Por isso será dada ênfase ao modo como o arquiteto concebe, projeta e detalha suas obras através de croquis e desenhos livres originais, desenhos técnicos e maquetes. A íntegra dos 40 projetos dos últimos dez anos será exibida em projeção de larga escala. Curadoria: Lauro Cavalcanti			Parceria: Fundação Oscar Niemeyer; Patrocínio: FINEP				
2007	Exposição	Divisões Internas / Imagem&Memória, um ensaio virtual	Adriano de Aquino	15 de março de 2007 a 29 de abril de 2007	A exposição com dois segmentos distintos. Na primeira sala estão 19 pinturas abstratas inéditas. As obras da série "Divisões internas" têm dois momentos determinados pelo seu suporte. O primeiro tem o compromisso com a história da produção de Adriano e com a História da Arte, enquanto o outro é um espaço de liberdade total, sem vinculação alguma. Em "Imagem&memória", Adriano criou um videoclipe com imagens anônimas e do Google Earth, capturadas aleatoriamente da internet e manipuladas por ele no computador.	Difusão da produção artística	Gomes Freire e Treze de Maio	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2007	Exposição	Niemeyer por Niemeyer	Kadu Niemeyer	15 de março de 2007 a 29 de abril de 2007	A exposição reúne 29 fotografias, feitas entre 2001 e 2006, em dimensões que variam de 180 x 120cm – a foto do arquiteto, de 2006, a 60 x 70 cm, de obras de Oscar Niemeyer. Entre elas estão prédios da Pampulha, Belo Horizonte; Catedral, Congresso, Alvorada e Praça dos Três Poderes, Brasília; Partido Comunista Francês, Paris; Auditório do Ibirapuera, São Paulo; Museu Oscar Niemeyer, Curitiba; Caminho Niemeyer, Niterói; Casa das Canoas, Rio de Janeiro.	Difusão da produção artística	Trono	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2007	Exposição	Extra-muros	Gabriela Noujaim, João Penoni, Mateu Velasco e Pedro Meyer	15 de março de 2007 a 29 de abril de 2007	A exposição reúne 33 obras, entre fotografias, gravuras, serigrafias, pinturas, grafite, vídeos e instalações de quatro jovens artistas cariocas – Gabriela Noujaim, João Penoni, Mateu Velasco e Pedro Meyer. Enfatiza a habilidade da nova geração de quebrar antigas barreiras, muros que separam a arte da vida cotidiana. Os quatro utilizam diversas técnicas e suportes, em trabalhos que interagem diretamente com as paredes, subindo e descendo delas. Os artistas, entre 23 e 28 anos, têm em comum o trânsito entre as fronteiras do bidimensional e do tridimensional, mídias tradicionais e mídias novas, o espaço expositivo fechado e o espaço mais amplo da convivência. O curador Rafael Cardoso enfatiza a importância da integração das diversas técnicas. Curadoria: Rafael Cardoso	Difusão da produção artística	Mq. do Lavradio, José Alpoim, Princesas, Luis de Vasconcelos	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2007	A GREVE dos Servidores da Cultura não permitiu que o Paço Imperial mantivesse sua programação no período de maio a agosto de 2007											

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2007	Exposição	Marcas da memória	Lena Bergstein	27 de outubro de 2007 a 11 de novembro de 2007	A exposição reúne 26 pinturas e um vídeo de Lena Bergstein. A mostra dá continuidade à poética que a artista carioca desenvolve, baseada na arquitetura da memória, na topografia de traços e tramas e na tessitura de fios e nós. Na sala Treze de Maio, a artista mostra um vídeo que mescla fragmentos de suas pinturas com trechos de cartas escritas ao filósofo francês Jacques Derrida, memórias de sua estada na França, em 1995 e 1996. Em parceria com Derrida, Lena criou o livro "Enlouquecer o subjétil", que ganhou o Prêmio Jabuti 1999 de melhor produção editorial. Ainda nesta sala, a artista expõe desenhos inéditos da série parisiense "Bloc-notes Louvain-la-Neuve", de 1996.	Difusão da produção artística	Gomes Freire e Treze de Maio	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2007	Exposição	Next	Maria do Carmo Secco	27 de outubro de 2007 a 11 de novembro de 2007	Desenho e livro de vidro. O conjunto de trabalhos busca "refletir a desolação dos nossos tempos", segundo a artista. Ela recorre ao contraste da delicadeza de uma rosa e seu "desenho" geométrico, de linhas rijas, realizado com cacos de vidro incrustados na parede, como um "signo desse estado corrente de devastação, caos e ruína". Um livro de páginas de vidro, quatro trabalhos de colagem sobre papel, um texto poético do filósofo José Thomas Brum e o trecho de um poema, do século XVII, de Angelus Sibelius completam a exposição. O título, em inglês, "Next" tem a intenção de "mundializar" essa desolação que a artista quer representar.	Difusão da produção artística	Trono	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2007	Exposição	Reagentes	Sergio Sister	27 de outubro de 2007 a 11 de novembro de 2007	Exposição com cerca de 20 pinturas a óleo sobre papel chinês e japonês, inéditas no Rio de Janeiro, e realizadas a partir de 2004. Os trabalhos são feitos com uma mistura de pigmento de alumínio ao óleo, as cores brilham como o metal.	Difusão da produção artística	Amarela e parte da Mestre Valentim	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2007	Exposição	Pinturas	Lucia Laguna	27 de outubro de 2007 a 11 de novembro de 2007	Mostra com 30 pinturas, a maioria de colecionadores, e quatro inéditas, de 2007. O tema de seu trabalho é a paisagem que ela vê da janela do seu ateliê, em frente ao morro da Mangueira, no Rio. Essa paisagem, porém, não é a tradicional, figurativa. É quase abstrata, transformada pela criação da artista, deixando alguma referência do real. Ela "desenha" na tela com fita crepe para demarcar as áreas de cor, aplica a tinta, retira e recoloca as fitas adesivas, delimita novos espaços e volta a aplicar tinta. O processo se repete infinitamente, até a artista dar por concluído cada quadro.	Difusão da produção artística	Mestre Valentim e Academia dos Seletos	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2007	Exposição	A Imagem do Som do SAMBA		06 de dezembro de 2007 a 24 de fevereiro de 2008	Exposição de pinturas, esculturas, gravuras, fotografias e impressões de 80 artistas das diversa áreas de artes visuais. Em sua oitava edição, o projeto “A Imagem do Som” faz desta vez a homenagem ao samba. A primeira edição homenageou Caetano Veloso; a segunda, Chico Buarque; a terceira, Gilberto Gil; a quarta, Tom Jobim; a quinta o Rock-Pop Brasileiro; a sexta , Dorival Caymmi; a sétima a música popular brasileira. Curadoria: Felipe Taborda	Associação das artes plásticas à musica brasileira	Mq. do Lavradio, José Alpoim, Princesas, Luis de Vasconcelos	Parceria: PETROBRAS; Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite, catálogo			
2007	Exposição	Acumulações	Ivens Machado	12 de dezembro de 2007 a 24 de fevereiro de 2008	A mostra reúne esculturas, inéditas no Rio de Janeiro, de grandes dimensões, feitas com madeira, pedra, tijolo, concreto. Ivens trabalha pela primeira vez com formas geométricas, como octógonos e quadrados, esculturas com toras de madeira e concreto. Sua escolha por materiais e formas não convencionais vem do início de tudo. O artista nunca trabalhou com pintura, nem com o bronze, material clássico da escultura. Sempre se colocou como um outsider, na tentativa de apreender outros materiais: em vez do ferro, o concreto armado, pouco usado pelos artistas, a não ser em obras públicas.	Difusão da produção artística	Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2007	Exposição	AUTO-RETRATO DO BRASIL – coleção Marcio Rebello		12 de dezembro de 2007 a 24 de fevereiro de 2008	Em 1997, o arquiteto Marcio Rebello passou a encomendar a importantes artistas plásticos brasileiros seus auto-retratos. Com o crescimento do acervo, e de conviver por quase dez anos com os quadros na parede da sua sala, o colecionador tinha em mãos um importante resumo da produção nacional das últimas décadas com obras dos artistas: Adriana Maciel, Adriano de Aquino, Afonso Tostes, Alberto Nicolau, Aldemir Martins, Alexandre Dacosta, Aloysio Zaluar, Aluísio Carvão, Amador Perez, Amílcar de Castro, Analu Prestes, ngelo de Aquino, Anna Bella Geiger, Anna Letycia, Antonio Dias, Antonio Manuel, Amtonio Peticov, Artur Barrio Baravelli, Beatriz Milhazes, Cabelo, Carlos Bracher, Carlos Fajardo, Carlos Scliar, Carlos Vergara, Cícero Dias, Cláudio Kuperman, Cláudio Tozzi, Cleber Machado, Daniel Senise, Eduardo Garcia, Eduardo Sued, Elizabeth Jobim, Emanoel Araújo, Emmanuel Nassar, Fernando Barata, Flávio-Shiró, Francisco Brennand, Frans Krajcberg, Gianguido Bonfati, Gilberto Salvador, Gilles Jacquard, Glauco Rodrigues, Gregório Gruber, Guilherme Secchin, Gustavo Rosa, Iole de Freitas, Ivald Granato, Ivens Machado, João Câmara, John Nicholson, Jorge Eduardo, José AlbertoNemer, José Bechara, José Cláudio, José Roberto Aguilar, Juarez Machado, Julio Villani, Katie van Scherpenberg, Leda Catunda, Loio Pérsio, Luiz Alphonsus, Luiz Aquila, Luiz Pizarro, Luiz Zerbini, Luiza Olivetto, Marcello Nitsche, Márcia Grostein, Marco Veloso, Maria Tomaselli, Marília Kranz, Mário Carneiro, Maurício Arraes, Maurício Bentes, Mônica Barki, Mucki Skowronski, Nelson Felix, Newton Cavalcanti, Newton Mesquita, Pinky Wainer, Piza, Reynaldo Fonseca, Roberto Magalhães, Romero Britto, Rubem Grilo, Rubens Gerchman, Sérgio Romagnolo, Siron Franco, Sylvia Martins, Takashi Fukushima, Tatiana Faro, Tatti Moreno, Teresa Salgado, Tomie Ohtake, Tomoshige Kusuno, Tunga, Valéria Costa Pinto, Victor Arruda, Waltercio Caldas, Wanda Pimentel.	Difusão da produção artística	Gomes Freire	Parceria: Bem-te-vi Produções Literárias; Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite, livro (Bem-te-vi Produções Literárias)			
2007	Exposição	Contente: auto-retratos também	Carlos Contente	12 de dezembro de 2007 a 24 de fevereiro de 2008	A matéria-prima da criação de Contente é seu auto-retrato. A partir de um carimbo de 5 cm de sua “carinha”, desenha diretamente sobre as paredes da galeria uma "variedade de personalidades que o autor pode assumir a partir dos pequenos auto-retratos, intervindo nas insistentes repetições carimbadas que ocupam todo o ambiente, com desenhos a grafite e escrituras", explica o artista. O "também" no título da exposição convida o espectador a buscar os desdobramentos originados pelo encontro bem humorado da repetição do auto- retrato com a intervenção manuscrita. Um deles é uma referência à história da própria sala de exposição, onde foi assinada a Lei Áurea.	Difusão da produção artística	Treze de Maio	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2007	Exposição	Os 3 últimos abismos & Pinturas extemporâneas	Victor Arruda	12 de dezembro de 2007 a 24 de fevereiro de 2008	O artistas realiza duas mostras distintas. "Os últimos abismos" são quatro pinturas de uma série em preto e branco, iniciada em 1989, quando foi convidado por Oscar Niemeyer a criar um painel para o Parlamento da América Latina, em São Paulo. São cenas de abismos, com uma ou duas figuras humanas. "Pinturas extemporâneas" é um conjunto de telas com muita cor e citações a Paul Klee, Picasso, Di Cavalcanti, Chagall, Volpi e algumas são uma homenagem a Fernando Diniz, do Museu do Inconsciente.	Difusão da produção artística	Trono	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2007	Exposição	“X”	Marcos Vasconcellos	12 de dezembro de 2007 a 24 de fevereiro de 2008	"X" se compõe de seis trabalhos inéditos: três desenhos figurativos em grafite sobre papel e três pinturas em grafite e acrílica sobre as paredes da galeria. O grafite é a base de sua produção como metáfora da criação.	Difusão da produção artística	Dossel	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2007	Exposição	CÉU	Edmilson Nunes	12 de dezembro de 2007 a 24 de fevereiro de 2008	A mostra "Céu", é composta de três peças de grandes dimensões: uma instalação de parede, composta da escultura de um cavalo, em tamanho natural, coberto de penas, e sete telas pintadas de céu, e duas pinturas, ambas paisagens-ambientes. Uma é a homenagem à irmã do artista, a outra, um retrato de Vinicius de Morais. Edmilson pretende mostrar também um auto-retrato. A marca do artista é alegorizar a pintura, em um diálogo com o carnaval, e o uso de materiais do imaginário popular, como velas, pregos, tule e filós, técnicas de bordado e tapeçaria que, supõe ele, criam um diálogo fácil com o espectador. Todos os trabalhos têm texto, frases de Álvares de Azevedo, Fernando Pessoa e Vinícius. "Assim na terra como no céu", "Se eu morresse amanhã", "Navegar é preciso, viver não é preciso".	Difusão da produção artística	Amarela	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2007	Exposição	VOLPI na coleção DIÓGENES PAIXÃO		12 de dezembro de 2007 a 24 de fevereiro de 2008	Essa é a primeira vez que o colecionador mostra o conjunto de obras de seu amigo Alfredo Volpi. São 50 obras das décadas de 70 e 80, todas em têmpera sobre tela. Objetivo: difusão da produção artística. Curadoria: Fernando Cocchiarale.	Difusão da produção artística	Mestre Valentim	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2007	Exposição	Imagens silenciosas	CARLOS MARTINS	12 de dezembro de 2007 a 24 de fevereiro de 2008	O gravador Carlos Martins apresenta 59 trabalhos na mostra "Imagens silenciosas. São 55 gravuras - monotipias, água-forte, água-tinta e ponta seca - e quatro objetos, dos quais metade é inédito, datados de 1974 em diante. Curadoria: Valéria Piccoli	Difusão da produção artística	Academia dos Seletos	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2008	Exposição	A Imagem do Som do SAMBA		06 de dezembro de 2007 a 24 de fevereiro de 2008	Exposição de pinturas, esculturas, gravuras, fotografias e impressões de 80 artistas das diversas áreas de artes visuais. Em sua oitava edição, o projeto “A Imagem do Som” faz desta vez a homenagem ao samba. A primeira edição homenageou Caetano Veloso; a segunda, Chico Buarque; a terceira, Gilberto Gil; a quarta, Tom Jobim; a quinta o Rock-Pop Brasileiro; a sexta, Dorival Caymmi; a sétima a música popular brasileira. Curadoria: Felipe Taborda.	Associação das artes plásticas à musica brasileira	Mq. do Lavradio, José Alpoim, Princesas, Luis de Vasconcelos	Parceria: PETROBRAS; Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite, catálogo			
2008	Exposição	Acumulações	Ivens Machado	12 de dezembro de 2007 a 24 de fevereiro de 2008	A mostra reúne esculturas, inéditas no Rio de Janeiro, de grandes dimensões, feitas com madeira, pedra, tijolo, concreto. Ivens trabalha pela primeira vez com formas geométricas, como octógonos e quadrados, esculturas com toras de madeira e concreto. Sua escolha por materiais e formas não convencionais vem do início de tudo. O artista nunca trabalhou com pintura, nem com o bronze, material clássico da escultura. Sempre se colocou como um outsider, na tentativa de apreender outros materiais: em vez do ferro, o concreto armado, pouco usado pelos artistas, a não ser em obras públicas.	Difusão da produção artística	Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2008	Exposição	AUTO-RETRATO DO BRASIL – coleção Marcio Rebello		12 de dezembro de 2007 a 24 de fevereiro de 2008	Em 1997, o arquiteto Marcio Rebello passou a encomendar a importantes artistas plásticos brasileiros seus auto-retratos. Com o crescimento do acervo, e de conviver por quase dez anos com os quadros na parede da sua sala, o colecionador tinha em mãos um importante resumo da produção nacional das últimas décadas com obras dos artistas: Adriana Maciel, Adriano de Aquino, Afonso Tostes, Alberto Nicolau, Aldemir Martins, Alexandre Dacosta, Aloysio Zaluar, Aluísio Carvão, Amador Perez, Amílcar de Castro, Analu Prestes, Angelo de Aquino, Anna Bella Geiger, Anna Letycia, Antonio Dias, Antonio Manuel, Antonio Peticov, Artur Barrio Baravelli, Beatriz Milhazes, Cabelo, Carlos Bracher, Carlos Fajardo, Carlos Scliar, Carlos Vergara, Cícero Dias, Cláudio Kuperman, Cláudio Tozzi, Cleber Machado, Daniel Senise, Eduardo Garcia, Eduardo Sued, Elizabeth Jobim, Emanoel Araújo, Emmanuel Nassar, Fernando Barata, Flávio-Shiró, Francisco Brennand, Frans Krajcberg, Gianguido Bonfati, Gilberto Salvador, Gilles Jacquard, Glauco Rodrigues, Gregório Gruber, Guilherme Secchin, Gustavo Rosa, Iole de Freitas, Ivald Granato, Ivens Machado, João Câmara, John Nicholson, Jorge Eduardo, José Alberto Nemer, José Bechara, José Cláudio, José Roberto Aguilar, Juarez Machado, Julio Villani, Katie van Scherpenberg, Leda Catunda, Loio Pérsio, Luiz Alphonsus, Luiz Aquila, Luiz Pizarro, Luiz Zerbini, Luiza Olivetto, Marcello Nitsche, Márcia Grostein, Marco Veloso, Maria Tomaselli, Marília Kranz, Mário Carneiro, Maurício Arraes, Maurício Bentes, Mônica Barki, Mucki Skowronski, Nelson Felix, Newton Cavalcanti, Newton Mesquita, Pinky Wainer, Piza, Reynaldo Fonseca, Roberto Magalhães, Romero Britto, Rubem Grilo, Rubens Gerchman, Sérgio Romagnolo, Siron Franco, Sylvia Martins, Takashi Fukushima, Tatiana Faro, Tatti Moreno, Teresa Salgado, Tomie Ohtake, Tomoshige Kusuno, Tunga, Valéria Costa Pinto, Victor Arruda, Waltercio Caldas, Wanda Pimentel.	Difusão da produção artística	Gomes Freire	Parceria: Bem-te-vi Produções Literárias; Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite, livro (Bem-te-vi Produções Literárias)			
2008	Exposição	Contente: auto-retratos também	Carlos Contente	12 de dezembro de 2007 a 24 de fevereiro de 2008	A matéria-prima da criação de Contente é seu auto-retrato. A partir de um carimbo de 5 cm de sua “carinha”, desenha diretamente sobre as paredes da galeria uma "variedade de personalidades que o autor pode assumir a partir dos pequenos auto-retratos, intervindo nas insistentes repetições carimbadas que ocupam todo o ambiente, com desenhos a grafite e escrituras", explica o artista. O "também" no título da exposição convida o espectador a buscar os desdobramentos originados pelo encontro bem humorado da repetição do auto- retrato com a intervenção manuscrita. Um deles é uma referência à história da própria sala de exposição, onde foi assinada a Lei Áurea.	Difusão da produção artística	Treze de Maio	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2008	Exposição	Os 3 últimos abismos & Pinturas extemporâneas	Victor Arruda	12 de dezembro de 2007 a 24 de fevereiro de 2008	O artistas realiza duas mostras distintas. "Os últimos abismos" são quatro pinturas de uma série em preto e branco, iniciada em 1989, quando foi convidado por Oscar Niemeyer a criar um painel para o Parlamento da América Latina, em São Paulo. São cenas de abismos, com uma ou duas figuras humanas. "Pinturas extemporâneas" é um conjunto de telas com muita cor e citações a Paul Klee, Picasso, Di Cavalcanti, Chagall, Volpi e algumas são uma homenagem a Fernando Diniz, do Museu do Inconsciente.	Difusão da produção artística	Trono	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2008	Exposição	“X”	Marcos Vasconcellos	12 de dezembro de 2007 a 24 de fevereiro de 2008	"X" se compõe de seis trabalhos inéditos: três desenhos figurativos em grafite sobre papel e três pinturas em grafite e acrílica sobre as paredes da galeria. O grafite é a base de sua produção como metáfora da criação.	Difusão da produção artística	Dossel	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2008	Exposição	CÉU	Edmilson Nunes	12 de dezembro de 2007 a 24 de fevereiro de 2008	A mostra "Céu", é composta de três peças de grandes dimensões: uma instalação de parede, composta da escultura de um cavalo, em tamanho natural, coberto de penas, e sete telas pintadas de céu, e duas pinturas, ambas paisagens-ambientes. Uma é a homenagem à irmã do artista, a outra, um retrato de Vinicius de Morais. Edmilson pretende mostrar também um auto-retrato. A marca do artista é alegorizar a pintura, em um diálogo com o carnaval, e o uso de materiais do imaginário popular, como velas, pregos, tule e filós, técnicas de bordado e tapeçaria que, supõe ele, criam um diálogo fácil com o espectador. Todos os trabalhos têm texto, frases de Álvares de Azevedo, Fernando Pessoa e Vinícius. "Assim na terra como no céu", "Se eu morresse amanhã", "Navegar é preciso, viver não é preciso".	Difusão da produção artística	Amarela	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2008	Exposição	VOLPI na coleção DIÓGENES PAIXÃO	Volpi	12 de dezembro de 2007 a 24 de fevereiro de 2008	Essa é a primeira vez que o colecionador mostra o conjunto de obras de seu amigo Alfredo Volpi. São 50 obras das décadas de 70 e 80, todas em têmpera sobre tela. Objetivo: difusão da produção artística. Curadoria: Fernando Cocchiarale.	Difusão da produção artística	Mestre Valentim	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2008	Exposição	Imagens silenciosas	CARLOS MARTINS	12 de dezembro de 2007 a 24 de fevereiro de 2008	O gravador Carlos Martins apresenta 59 trabalhos na mostra "Imagens silenciosas. São 55 gravuras - monotipias, água-forte, água-tinta e ponta seca - e quatro objetos, dos quais metade é inédito, datados de 1974 em diante. Curadoria: Valéria Piccoli	Difusão da produção artística	Academia dos Seletos	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2008	Exposição	ARTE E PATRIMÔNIO	CARLOS VERGARA - O Sagrado Coração, Missão de São Miguel ; LUIZ CARLOS FELIZARDO – O Sonho e a Ruína; JOÃO LOUREIRO - Reaparição; ARTE CONTEMPOR NEA E PATRIMÔNIO;	08 de maio de 2008 a 27 de julho de 2008	ARTE E PATRIMÔNIO - No âmbito das comemorações dos 70 anos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, o Ministério da Cultura e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, por meio do Paço Imperial, com patrocínio da Petrobrás e mediação do Forum Permanente, realizaram o Edital Arte & Patrimônio 2007 - www.artepatrimonio.org.br. Os 138 projetos recebidos tinham como foco estabelecer diálogos entre as artes visuais contemporâneas e o patrimônio artístico e histórico nacional. Curadoria: Lauro Cavalcanti, diretor do Paço Imperial. Anna Bella Geiger / Ana Holck / Ana Linnemann / Anna Letycia / ngelo Venosa / Antonio Dias / Ascânio MMM / Beatriz Milhazes / Carlito Carvalhosa / Carlos Contente / Carlos Vergara / Carlos Zílio / Chico Cunha / Cristina Canale / Cristina Salgado / Daniel Senise / Dias e Riedweg / Ding Musa / Eduardo Coimbra / Elizabeth Jobim / Gabriela Maciel / Gabriela Noujaim / Guga Ferraz / João Penoni / José Rufino / Julio Callado / Katie Van Scherpenberg / Lena Bergstein / Lucia Laguna / Luiz Alphonsus / Luiz Áquila / Luiz Pizarro / Manfredo Souzanetto / Malu Fatorelli / Marcelo Zocchio / Marco Veloso / Maria Bonomi / Maria C Secco / Maria Nepomuceno / Mariana Manhães / Martinho Patrício / Michel Groisman / Milton Machado / Monica Barki / Monica Sartori / Oriana Duarte / Paulo Climachauska / Paulo Vivacqua / Pedro Meyer / Pedro Varela / Ricardo Becker / Ricardo Carioba / / Roberto Magalhães / Rodrigo Cardoso / Romano / Rubem Grillo / Rubem Ludolf / Sandra Cinto / Simone Michelin / Tatiana Grinberg / Tiago Judas / Vera Chaves Barcellos / Wanda Pimentel		Salas Gomes Freire / Treze de Maio / Trono / Dossel / Sala Mestre Valentim / Sala Academia dos Seletos / Sala Amarela					

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2008	Exposição	Anfiteatro público	EDUARDO COIMBRA	21 de agosto de 2008 a 21 de setembro de 2008	Exposições comemorativas do encerramento do Edital IPHAN com instalações de artistas que fizeram novos trabalhos para o Paço Imperial. Instalação de um anfiteatro em madeira com espelhos.		Sala Gomes Freire					
2008	Exposição	Fodasefoice	NUNO RAMOS	21 de agosto de 2008 a 21 de setembro de 2008	Exposições comemorativas do encerramento do Edital IPHAN com instalações de artistas que fizeram novos trabalhos para o Paço Imperial. Instalação com feno e sons.		Sala Treze de Maio					
2008	Exposição	Estou lá	CARLITO CARVALHOSA	21 de agosto de 2008 a 21 de setembro de 2008	Exposições comemorativas do encerramento do Edital IPHAN com instalações de artistas que fizeram novos trabalhos para o Paço Imperial.		Sala do Trono					
2008	Exposição	Dois vazios		21 de agosto de 2008 a 21 de setembro de 2008	Exposições comemorativas do encerramento do Edital IPHAN com instalações de artistas que fizeram novos trabalhos para o Paço Imperial. Vídeo ANDRÉ SEVERO E MARCELO COUTINHO (Curadores).		Amarela					
2008	Exposição	Morro das Artes	ADRIANNA EU / CARLOS CONTENTE / DUCHA / GABRIELA NOUJAIM / GUGA FERRAZ / LÍVIA FLORES / RENATO SANT' ANA / RONALD DUARTE / TATIANA GRINBERG	21 de agosto de 2008 a 21 de setembro de 2008	Exposições comemorativas do encerramento do Edital IPHAN com instalações de artistas que fizeram novos trabalhos para o Paço Imperial. RAFAEL CARDOSO (curador) Morro das artes. Instalação com obras realizadas para a exposição do Edital IPHAN no Morro da Conceição - RJ. Vídeos: registro do evento no Morro da Conceição (por André Weller e João Vargas) com intervenções dos artistas: Adrianna Eu / Bianca Bernardo / Carlos Contente / David Cury / Ducha / Elisa Castro / Evelyn Kligerman / Gabriela Mureb / Gabriela Noujaim / Guga Ferraz / Heleno Bernardi / João Modé / João Penoni / Lívia flores / Marcelo Frazão / Marcos Cardoso / Marcos Chaves / Marinho / Pedro agilson / Renato Sant'Ana / Ronald Duarte / Tatiana Grinberg. Making of da intervenção de Heleno Bernardi.		Sala Mestre Valentim					
2008	Exposição	Palavras cruzadas	PAULO VIVACQUA	21 de agosto de 2008 a 21 de setembro de 2008	Exposições comemorativas do encerramento do Edital IPHAN com instalações de artistas que fizeram novos trabalhos para o Paço Imperial. Instalação com fios e sons.		Sala Academia dos Seletos					
2008	Exposição	Muralista brasileiro	PAULO WERNECK	18 de setembro de 2008 a 09 de novembro de 2008	Uma leitura inédita sobre a Arquitetura Moderna do Brasil através dos murais para fachadas e interiores assinados pelo ilustrador, desenhista e artista plástico carioca Paulo Werneck (1907-1987), autor dos painéis da Pampulha (BH), do Ministério da Fazenda, Estádio do Maracanã, Monumento dos Pracinhas, Senado Federal e Teatro Armando Gonzaga, entre outros 300 murais para residências, prédios públicos e comerciais em todo o país. Com 110 projetos para painéis (em guache sobre papel), fotografias, documentos e mobiliário assinado por Werneck, juntamente com o documentário Paulo Werneck – arte e raiz, dirigido pela jornalista Paula Saldanha e o vídeo P.W: Pincéis e Painéis, dirigido pela vídeo-artista Vivian Ostrovsky, ambos realizados especialmente para a ocasião. Curadoria: Carlos Martins e Claudia Saldanha	Difusão da produção artística	Mq. do Lavradio, José Alpoim, Princesas, Luis de Vasconcelos	Patrocínio: PETROBRAS; Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite, catálogo			
2008	Exposição	RUBENS GERCHMAN na coleção Sattamini	RUBENS GERCHMAN	09 de outubro de 2008 a 23 de novembro de 2008	Exposição de obras do artista falecido em 2008, todas da coleção de João Sattamini, em comodato como MAC – Museu de Arte Contemporânea da Prefeitura de Niterói - RJ. Curadoria: Lauro Cavalcanti	Difusão da produção artística	Gomes Freire	Parceria: MAC- Niterói; Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2008	Exposição	03 pinturas grandes e 10 desenhos devaneantes	LUIZ AQUILA	09 de outubro de 2008 a 23 de novembro de 2008	Exposição com obras recentes do artista	Difusão da produção artística	Treze de Maio	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2008	Exposição	Escultura como imagem	CRISTINA SALGADO	09 de outubro de 2008 a 23 de novembro de 2008	Exposição de escultura realizada com tapetes	Difusão da produção artística	Trono	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2008	Exposição	Fluido percurso	OTAVIO SCHIPPER	09 de outubro de 2008 a 23 de novembro de 2008	Exposição com desenhos e esculturas. Curadoria: Paulo Venâncio Filho	Difusão da produção artística	Dossel	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2008	Exposição	Fotografia além da fotografia	ANNA BELLA GEIGER	09 de outubro de 2008 a 23 de novembro de 2008	Exposição retrospectiva, com desenhos, pinturas, objetos, gravuras. Curadoria: Adolfo Montejo Navas	Difusão da produção artística	Amarela / Mestre Valentim / Academia dos Seletos	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2008	Exposição	ROBERTO BURLE MARX 100 ANOS: a permanência do instável		11 de dezembro de 2008 a 22 de março de 2009	Exposição retrospectiva do artista, o maior paisagista do Século XX, com 80 pinturas, 120 desenhos e gravuras, 08 painéis de cerâmica, 05 peças de murano, jóias, 26 maquetes de projetos escultóricos, 03 tapeçarias, projetos originais de paisagismo para o Brasil e para o exterior. As obras foram selecionadas em instituições (Sítio Roberto Burle Marx-IPHAN/MinC, Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes-IPHAN/MinC) e coleções particulares. Curadoria: Lauro Cavalcanti	Difusão da produção artística	1º e 2º pavimentos	Parceria: Fundação Roberto Marinho; Patrocínio: ITAÚ / Lei Rouanet – Ministério da Cultura; Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial (AAPI), Sítio Roberto Burle Marx-IPHAN/MinC, Burle Marx&Cia.Ltda., Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Prefeitura de Santo André-SP	Convite, catálogo (a ser realizado e lançado em 2009)	Visitas guiadas		

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2009	Exposição	ROBERTO BURLE MARX 100 ANOS: a permanência do instável		11 de dezembro de 2008 a 22 de março de 2009	Exposição retrospectiva do artista, o maior paisagista do Século XX, com 80 pinturas, 120 desenhos e gravuras, 08 painéis de cerâmica, 05 peças de murano, jóias, 26 maquetes de projetos escultóricos, 03 tapeçarias, projetos originais de paisagismo para o Brasil e para o exterior. As obras foram selecionadas em instituições (Sítio Roberto Burle Marx-IPHAN/MinC, Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes-IPHAN/MinC) e coleções particulares. Curadoria: Lauro Cavalcanti.	Difusão da produção artística	1º e 2º pavimentos	Parceria: Fundação Roberto Marinho; Patrocínio: ITAÚ / Lei Rouanet – Ministério da Cultura; Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial (AAPI), Sítio Roberto Burle Marx-IPHAN/MinC, Burle Marx&Cia.Ltda., Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Prefeitura de Santo André-SP	Convite, catálogo (a ser realizado e lançado em 2009)	Visitas guiadas		
2009	Seminário	SEMINÁRIO DE LANÇAMENTO EDITAL ARTE E PATRIMÔNIO 2009		14 de maio de 2009	Ricardo Basbaum e Carlos Trevi (Instituto Cultural Banco Real); Mediação: Antonio Carlos Portela (MAM BA) ; Marcelo Araújo (Pinacoteca) e Jussara Derenji (Museu da Universidade Federal do Pará); Mediação: Fabio Coutinho (Fundação Iberê Camargo); Lauro Cavalcanti (Paço Imperial), Luiz Fernando de Almeida (IPHAN), Afonso Luz (MinC), Eliane Costa (Petrobras)							
2009	Exposição	GIANGUIDO BONFANTI: BONFANTI: 1969 - 2009	GIANGUIDO BONFANTI	21 de maio de 2009 a 05 de julho de 2009	Exposição retrospectiva com 300 obras do artista de diversas fases de sua produção. uradoria: Guilherme Bueno	Difusão da produção artística	Gomes Freire / Treze de Maio / Trono / Dossel / Amarela / Seletos / Mestre Valentim	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite, livro (Bonfanti: através do espelho, publicado pela Contra Capa Editora)			
2009	Entre os meses de julho e setembro, o Paço Imperial passou por um período de obras no prédio.											
2009	Exposição	Ícones do Design: França / Brasil		15 de outubro de 2009 a 29 de novembro de 2009	ANO DA FRANÇA NO BRASIL. França.Br 2009/ Ano da França no Brasil foi organizada - Na França: pelo Comissariado geral francês, pelo Ministério das Relações exteriores e européias, pelo Ministério da Cultura e da Comunicação e por Culturesfrance. No Brasil: pelo Comissariado geral brasileiro, pelo Ministério da Cultura e pelo Ministério das Relações Exteriores. Curadoria: Cédric Morisset e Curadora associada: Hélène Convert. Proposta: mapear o universo dos designs francês e brasileiro ao longo de 15 anos identificando alguns produtos mais representativos que marcaram toda uma geração e assistiram ao nascimento, no cenário nacional e internacional.	Difusão da produção artística / incentivo ao intercâmbio cultural	Salas Gomes Freire / Treze de Maio / Trono / Dossel	IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI, Culturesfrance, Peugeot	Convite			
2009	Exposição	A new sentimental journey segundo Miguel Rio Branco	Alair Gomes	15 de outubro de 2009 a 29 de novembro de 2009	ANO DA FRANÇA NO BRASIL. França.Br 2009/ Ano da França no Brasil foi organizada - Na França: pelo Comissariado geral francês, pelo Ministério das Relações exteriores e européias, pelo Ministério da Cultura e da Comunicação e por Culturesfrance. No Brasil: pelo Comissariado geral brasileiro, pelo Ministério da Cultura e pelo Ministério das Relações Exteriores. Curadoria de Miguel Rio Branco. Proposta: exposição de fotografias de Alair Gomes (1921 - 1992) a partir de esculturas de nus artísticos clássicos.	Difusão da produção artística / incentivo ao intercâmbio cultural	Academia dos Seletos	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite, livro da Cosac&Naify			
2009	Exposição	O catador, o anjo e o menino corcunda	Julio Villani	15 de outubro de 2009 a 29 de novembro de 2009	ANO DA FRANÇA NO BRASIL. França.Br 2009/ Ano da França no Brasil foi organizada - Na França: pelo Comissariado geral francês, pelo Ministério das Relações exteriores e européias, pelo Ministério da Cultura e da Comunicação e por Culturesfrance. No Brasil: pelo Comissariado geral brasileiro, pelo Ministério da Cultura e pelo Ministério das Relações Exteriores. Proposta: exposição de colagens, óleos sobre papel, e papel e óleo sobre fotografias antigas. O artista que reside em Paris, trabalha a memória, experiências vividas no interior da São Paulo de sua infância.	Difusão da produção artística / incentivo ao intercâmbio cultural	Mestre Valentim	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2009	Exposição	Que choisir	Anne Deleporte	15 de outubro de 2009 a 29 de novembro de 2009	ANO DA FRANÇA NO BRASIL. França.Br 2009/ Ano da França no Brasil foi organizada - Na França: pelo Comissariado geral francês, pelo Ministério das Relações exteriores e européias, pelo Ministério da Cultura e da Comunicação e por Culturesfrance. No Brasil: pelo Comissariado geral brasileiro, pelo Ministério da Cultura e pelo Ministério das Relações Exteriores.	Difusão da produção artística / incentivo ao intercâmbio cultural	Amarela	Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite			
2009	Exposição	Rumos Artes Visuais – Trilhas do Desejo		15 de dezembro de 2009 a 28 de fevereiro de 2010	Curadoria: Paulo Sergio Duarte. Proposta: A exposição exibe o resultado da edição 2008-2009 deste programa, cujo objetivo é garimpar e mapear a produção contemporânea em todo o Brasil. Entre pinturas, fotografias, esculturas, instalações, vídeos, performances, e videoinstalações, as obras realizadas pelos 45 contemplados nesta quarta edição do Rumos representam 11 estados e abrangem todas as regiões do Brasil: seis são do Rio de Janeiro, duas do Ceará, uma do Distrito Federal, uma de Goiás, três de Minas, cinco do Pará, duas do Paraná, três de Pernambuco, quatro do Rio Grande do Sul, duas de Santa Catarina e 16 de São Paulo.	Difusão da produção artística	Primeiro e segundo pavimentos	Patrocínio: Itaú Cultural. Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite, livro (Trilhas do Desejo – A arte Visual Brasileira, em parceria com a editora SENAC/São Paulo), DVD (Trilhas d oDesejo, uma produção do próprio instituto)	Encontro com o curador dia 16/12 às 18:00h		

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2010	Exposição	Rumos Artes Visuais – Trilhas do Desejo		15 de dezembro de 2009 a 28 de fevereiro de 2010	Curadoria: Paulo Sergio Duarte. Proposta: A exposição exibe o resultado da edição 2008-2009 deste programa, cujo objetivo é garimpar e mapear a produção contemporânea em todo o Brasil. Entre pinturas, fotografias, esculturas, instalações, vídeos, performances, e videoinstalações, as obras realizadas pelos 45 contemplados nesta quarta edição do Rumos representam 11 estados e abrangem todas as regiões do Brasil: seis são do Rio de Janeiro, duas do Ceará, uma do Distrito Federal, uma de Goiás, três de Minas, cinco do Pará, duas do Paraná, três de Pernambuco, quatro do Rio Grande do Sul, duas de Santa Catarina e 16 de São Paulo.	Difusão da produção artística	Primeiro e segundo pavimentos	Patrocínio: Itaú Cultural. Apoio: IPHAN, Associação dos Amigos do Paço Imperial, AAPI	Convite, livro (Trilhas do Desejo – A arte Visual Brasileira, em parceria com a editora SENAC/São Paulo), DVD (Trilhas d oDesejo, uma produção do próprio instituto)	Encontro com o curador dia 16/12 às 18: 00h		
2010	Exposição	Gordon Matta-Clark: desfazer o espaço	Gordon Matta-Clark	07 de maio de 2010 a 25 de junho de 2010	Exposição retrospectiva de Gordon Matta-Clark (Nova York, 1943-1978) que foi um dos mais importantes artistas da vanguarda de Nova York na década de 1970. Seu trabalho realizou-se, em grande parte, fora dos limites de museus e galerias: são intervenções na paisagem urbana e performances, que foram filmadas e fotografadas. As curadoras Tatiana Cuevas – curadora de arte contemporânea do MALI, e Gabriela Rangel – diretora de artes visuais e curadora da Americas Society em Nova York, apresentam o artista como figura radical, que juntou discursos críticos da Neo Avant-Garde europeia às práticas da arte experimental surgidas em Nova York entre os anos 70 e 80. A exposição com cerca 60 fotografias, dez fotocolagens, 32 desenhos, 50 documentos - cartas, estudos, anotações -, 17 trabalhos em vídeo, quatro objetos e instalações, como a Garbage Wal. Organizada pelo Museu de Arte de Lima – MALI, em colaboração com o Espólio Gordon Matta-Clark e apoio de David Zwirner, Nova York, esta é a primeira mostra abrangente do artista na América do Sul. A mostra começou em Santiago do Chile, passou pelo MAM São Paulo e, depois do Rio, vai para o MALI, Peru. As obras são do Espólio Gordon Matta-Clark, administrado pela David Zwirner Gallery, Nova York; do Canadian Centre for Architecture, Montreal; do Electronic Arts Intermix, Nova York, e dos proprietários da Generali Foundation, Luis Camnitzer e Marilys Downey. Curadoria: Tatiana Cuevas e Gabriela Rangel	Difusão da produção artística / incentivo ao intercâmbio cultural	1º pavimento: Gomes Freire, Treze de Maio, Trono, Dossel, Amarela, Mestre Valentim e Academia dos Seletos	Organização: MALI – Museo de Arte de Lima / Paço Imperial; Patrocínio: Terra Foundation for American Art; Apoio: IPHAN/MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/ AAPI; MAM/SP	Convite, folder	Mesa-redonda com Gabriela Rangel, Jane Crawford, Paulo Venâncio Filho e Lauro Cavalcanti		
2010	Exposição	Volte Sempre	Julia Miranda	09 de setembro de 2010 a 31 de outubro de 2010	Exposição com 10 obras da jovem artista e designer.	Difusão da produção artística	8 A no térreo	Apoio: IPHAN/MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/ AAPI	Convite virtual			
2010	Exposição	CHROMOPHILIA	David Batchelor	09 de setembro de 2010 a 31 de outubro de 2010	Primeira exposição do artista e escritor inglês David Batchelor (1955) no Rio de Janeiro. Seu trabalho representa um dos mais interessantes e sistemáticos projetos de pesquisa sobre a cor na arte contemporânea. Suas obras mais conhecidas são esculturas e instalações nos quais utiliza objetos comuns, todos monocromáticos e feitos de materiais sintéticos, ora em combinações e acumulações ora sob o efeito da iluminação. O artista está representado em várias coleções de museus importantes, incluindo a Tate Modern. A exposição revela um panorama geral de seu trabalho baseado na cor produzido desde meados da década 1990, com uma ampla variedade de obras tridimensionais feitas de objetos cotidianos e cores industriais, um conjunto de 100 desenhos e uma projeção de slides da série Found Monochromes. Alguns pertencem a coleções particulares brasileiras, outros vieram da Inglaterra além de trabalhos que o artista realizou no Rio de Janeiro utilizando objetos do comércio popular da cidade. Curadoria: Paulo Venâncio Filho	Difusão da produção artística / incentivo ao intercâmbio cultural	2º pavimento: Marquês do Lavradio, José Alpoim, Princesas e Luis de Vasconcelos	Apoio: IPHAN/ MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/ AAPI	Convite			
2010	Exposição	Museu é o Mundo	Hélio Oiticica	11 de setembro de 2010 a 21 de novembro de 2010	A maior retrospectiva já realizada sobre o artista, com cerca de 90 obras, mais filmes, fotografias e documentos. Com curadoria de Cesar Oiticica Filho e Fernando Cocchiarale, a mostra cobrirá todos os períodos da produção do artista, um dos mais pesquisados e exibidos, mundo afora, dentre os nomes brasileiros. A mostra é uma itinerância ampliada da realizada em março no Itaú Cultural, em São Paulo. A exposição ocupou todo o primeiro pavimento, com obras como os "metaesquemas" [séries de desenhos, do "Grupo Frente", "Pré-neoconcreto", dentre outros]; os "relevos espaciais"; os penetráveis "PN1" (1960), "Tropicália [PN2 "A Pureza é um mito" e PN3 "Imagético"], de 1967; "bólides", "parangolés", "Cosmococas", vitrines com documentos, como o Manifesto Neoconcreto, e os filmes ["PHOne", 1974, "Invenção da Cor", 2009; "Invention of Color", 2009; e trecho do filme "H.O Supra-sensorial: a obra de Hélio Oiticica"; HO", 1979 (direção: Ivan Cardoso). No pátio interno, foi instalado o penetrável "Macaléia", de 1978. Na abertura do seminário, em outubro, foiapresentado Guerra e Paz "Apocalipse", 1968. Curadoria: Cesar Oiticica Filho e Fernando Cocchiarale.	Difusão da produção artística	1º pavimento: Gomes Freire, Treze de Maio, Trono, Dossel, Amarela, Mestre Valentim e Academia dos Seletos	Idealização: Itaú Cultural e Projeto Hélio Oiticica; Produção: Automatica; Patrocínio: MinC , Petrobras, Casa França-Brasil Secretaria Estadual de Cultura do Rio de Janeiro, Apoio: IPHAN/ AAPI/ Millenium; Apoio: IPHAN / MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/ AAPI	Convite, folder	Seminário organizado por Felipe Scovino, com participação de Andreas Valentin, Fernando Cocchiarale, César Oiticica Filho, Frederico Coelho, Sérgio Martins, Tania Rivera, Beatriz Scigliano, Paula Braga e Katia Maciel / visitas guiadas por monitores		
2010	Exposição	Bem do Brasil: Patrimônio Histórico e Artístico		30 de setembro de 2010 a 15 de novembro de 2010	Local: Palácio do Planalto – Brasília. O presidente do IPHAN, Dr. Luiz Fernando de Almeida, incumbiu a equipe do Paço Imperial, Centro Cultural do IPHAN, em colaboração com o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, de pensar e produzir uma exposição sobre o IPHAN. Proposta: a exposição foi pensada de modo a levar o espectador a compartilhar, refletir e valorizar o patrimônio brasileiro em suas múltiplas expressões materiais e simbólicas, como significado histórico e, principalmente, para a vida cotidiana contemporânea. Reunindo peças de todas as regiões do país exemplificando a pluralidade de nossas relíquias - arte erudita, popular, regional, além da questão simbólica, religiosa e étnica. A arquitetura foi mostrada em fotos [backlights], e a herança imaterial - costumes, modos, músicas e danças exibidos em registros filmados. Colaboraram com peças significativas para ilustrar a variedade dos "tombamentos", as superintendências regionais do IPHAN de Maranhão, Pernambuco, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Mato Grosso|FUNAI. Os Museus do IBRAM, Museu Histórico Nacional [RJ], Museu Nacional de Belas Artes [RJ], Museu das Missões [RS], Museu Bispo do Rosário [Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro], Museu de Artes e Ofícios [MG], Museu do Oratório / Instituto Cultural Flavio Gutierrez - IPHAN, Museu de Arte Sacra de São Cristóvão da Arquidiocese de Aracaju, SE, Coleção Roberto Marinho, o Palácio Capanema [RJ] e alguns colecionadores particulares. Curadoria: Lauro Cavalcanti e Victor Burton.	Difusão da produção artística nacional	Saguão do Palácio do Planalto	Patrocínio: BNDES; Apoio: IPHAN /MinC	Convite, folder			

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2010	Exposição	Bem do Brasil: Patrimônio Histórico e Artístico		10 de dezembro de 2010 a 20 de fevereiro de 2011	Proposta: a mesma exposição que reinaugurou o Palácio do Planalto veio para o Paço Imperial, cumprindo a itinerância programada, com o mesmo objetivo e proposta: levar o espectador a compartilhar, refletir e valorizar o patrimônio brasileiro em suas múltiplas expressões materiais e simbólicas, como significado histórico e, principalmente, para a vida cotidiana contemporânea. Reunindo peças de todas as regiões do país exemplificando a pluralidade de nossas relíquias - arte erudita, popular, regional, além da questão simbólica, religiosa e étnica. A arquitetura foi mostrada em fotos [backlights], e a herança imaterial - costumes, modos, músicas e danças exibidos em registros filmados. No Paço Imperial a exposição foi acrescida com obra de Guignard, dos Museus Castro Maya/IBRAM-MinC e outras peças de colecionadores particulares, além de um importante retábulo da primitiva Igreja da Conceição dos Militares do Recife (início do séc. XVIII), enviado pela Superintendência do IPHAN de Pernambuco. A obra foi higienizada e montada no Rio de Janeiro. Uma sala dedicada ao IPHAN, conta a história da instituição e mostra, em projeção animada, o que teria acontecido com o bairro da Urca, na zona sul do Rio de Janeiro, sem a intervenção do IPHAN. Nessa mesma sala, em vitrines, publicações do IPHAN: os primeiros exemplares da Revista do Patrimônio, publicações do CNFCP / Museu de Folclore Edison Carneiro e do Projeto Monumenta. A diversidade da cultura brasileira está representada nas pinturas de Taunay, Facchinetti, Djanira, Tarsila, Volpi, Ivan Serpa, Aluisio Carvão, Guignard, Di Cavalcanti, Lasar Segall, xilogravuras de Goeldi, Samico, J.Borges, o trabalho de Arthur Bispo do Rosário; nas esculturas de Mestre Valentim, Amílcar de Castro e Franz Weissmann; nas violas de cocho de Mato Grosso, tambores da Crioula do Maranhão e do jongo do Rio de Janeiro; nas carrancas de Guarany, nos castiçais, oratórios mineiros e baianos, imagens de reis e de santos de igrejas de Pernambuco, do Museu de Arte Sacra de São Cristóvão em Sergipe e das Missões Jesuítico-Guaranis no Rio Grande do Sul; nos ex-votos de romeiros do Ceará e Bahia, nos cajados africanos de pais de santo; nas cerâmicas arqueológicas da tradição Tupiguarani do Espírito Santo e nas figuras de barro do Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais; nas máscaras de Cavalhadas de Goiás e na enorme cabeça da festa do Boi Tinga, do Pará; nos azulejos do século XVIII, do Maranhão e nos modernos azulejos de Portinari realizados para o prédio do MES, atual Palácio Gustavo Capanema. Curadoria: Lauro Cavalcanti e Victor Burton.	Difusão da produção artística nacional	1º pavimento: Gomes Freire, Treze de Maio, Trono, Dossel, Amarela, Mestre Valentim, Academia dos Seletos e Academia dos Felizes	Patrocínio: BNDES; Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes	Convite, folder, catálogo			

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2011	Exposição	Bem do Brasil: Patrimônio Histórico e Artístico	Pinturas de Taunay, Facchinetti, Djanira, Tarsila, Volpi, Ivan Serpa, Aluisio Carvão, Guignard, Di Cavalcanti, Lasar Segall, xilogravuras de Goeldi, Samico, J.Borges, o trabalho de Arthur Bispo do Rosário; nas esculturas de Mestre Valentim, Amílcar de Castro e Franz Weissmann; nas violas de cocho de Mato Grosso, tambores da Crioula do Maranhão e do jongo do Rio de Janeiro; nas carrancas de Guarany, nos castiçais, oratórios mineiros e baianos, imagens de reis e de santos de igrejas de Pernambuco, do Museu de Arte Sacra de São Cristóvão em Sergipe e das Missões Jesuítico-Guaranis no Rio Grande do Sul; nos ex-votos de romeiros do Ceará e Bahia, nos cajados africanos de pais de santo; nas cerâmicas arqueológicas da tradição Tupiguarani do Espírito Santo e nas figuras de barro do Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais; nas máscaras de Cavalhadas de Goiás e na enorme cabeça da festa do Boi Tinga, do Pará; nos azulejos do século XVIII, do Maranhão e nos modernos azulejos de Portinari realizados para o prédio do MES, atual Palácio Gustavo Capanema.	10 de dezembro de 2010 a 20 de fevereiro de 2011	Proposta: a mesma exposição que reinaugurou o Palácio do Planalto veio para o Paço Imperial, cumprindo a itinerância programada, com o mesmo objetivo e proposta: levar o espectador a compartilhar, refletir e valorizar o patrimônio brasileiro em suas múltiplas expressões materiais e simbólicas, como significado histórico e, principalmente, para a vida cotidiana contemporânea. Reunindo peças de todas as regiões do país exemplificando a pluralidade de nossas relíquias - arte erudita, popular, regional, além da questão simbólica, religiosa e étnica. A arquitetura foi mostrada em fotos [backlights], e a herança imaterial - costumes, modos, músicas e danças exibidos em registros filmados. No Paço Imperial a exposição foi acrescida com obra de Guignard, dos Museus Castro Maya/IBRAM-MinC e outras peças de colecionadores particulares, além de um importante retábulo da primitiva Igreja da Conceição dos Militares do Recife (início do séc. XVIII), enviado pela Superintendência do IPHAN de Pernambuco. A obra foi higienizada e montada no Rio de Janeiro. Uma sala dedicada ao IPHAN, conta a história da instituição e mostra, em projeção animada, o que teria acontecido com o bairro da Urca, na zona sul do Rio de Janeiro, sem a intervenção do IPHAN. Nessa mesma sala, em vitrines, publicações do IPHAN: os primeiros exemplares da Revista do Patrimônio, publicações do CNFCP / Museu de Folclore Edison Carneiro e do Projeto Monumenta. A diversidade da cultura brasileira está representada nas pinturas de Taunay, Facchinetti, Djanira, Tarsila, Volpi, Ivan Serpa, Aluisio Carvão, Guignard, Di Cavalcanti, Lasar Segall, xilogravuras de Goeldi, Samico, J.Borges, o trabalho de Arthur Bispo do Rosário; nas esculturas de Mestre Valentim, Amílcar de Castro e Franz Weissmann; nas violas de cocho de Mato Grosso, tambores da Crioula do Maranhão e do jongo do Rio de Janeiro; nas carrancas de Guarany, nos castiçais, oratórios mineiros e baianos, imagens de reis e de santos de igrejas de Pernambuco, do Museu de Arte Sacra de São Cristóvão em Sergipe e das Missões Jesuítico-Guaranis no Rio Grande do Sul; nos ex-votos de romeiros do Ceará e Bahia, nos cajados africanos de pais de santo; nas cerâmicas arqueológicas da tradição Tupiguarani do Espírito Santo e nas figuras de barro do Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais; nas máscaras de Cavalhadas de Goiás e na enorme cabeça da festa do Boi Tinga, do Pará; nos azulejos do século XVIII, do Maranhão e nos modernos azulejos de Portinari realizados para o prédio do MES, atual Palácio Gustavo Capanema. Curadoria: Lauro Cavalcanti e Victor Burton.	Difusão da produção artística nacional	1º pavimento: Gomes Freire, Treze de Maio, Trono, Dossel, Amarela, Mestre Valentim, Academia dos Seletos e Academia dos Felizes	Patrocínio: BNDES; Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes	Convite, folder, catálogo			
			Entre os meses de março a setembro, o Paço Imperial passou por um período de obras no prédio, patrocinadas pelo BNDES.									
2011	Exposição	1911-2011 Arte Brasileira e Depois, na Coleção Itaú	Abraham Palatnik/ Adriana Varejão/ Albano Afonso/ Aldemir Martins/ Alex Cerveny/ Alex Flemming/ Alfredo Volpi/ Amelia Toledo/ Amelia Toledo/ Amílcar de Castro/ Andréa Lanna/ Anesia Pacheco Chaves/ Antonio Bandeira/ Antonio Dias/ Antonio Henrique Amaral/ Antonio Manuel/ Arcangelo Ianelli/ Arthur Luiz Piza/ Artur Lescher/ Babinski/ Beatriz Milhazes/ Bonadei/ Brígida Baltar/ Bruno Giorgi/ Cabelo/ Caetano de Almeida/ Candido Portinari/ Carlito Carvalhosa/Carlos Prado/ Cícero Dias/ Cildo Meireles/ Claudio Tozzi/ Clóvis Graciano/ Daniel Feingold/ DanielSeniser/ Danilo Di Prete/Delson Uchoa/ Di Cavalcanti// Djanira/ Donato Chiarella/ Donato Ferrari /Dudi Maia Rosa/ Eder Santos /Edgard de Souza/ Eduardo Sued//Emanoel Araújo/ Emmanuel Nassar/ Ernesto De Fiori/ Ernesto Neto/ Evandro/ Carlos Jardim/ Fabio Miguez/ Fernando Odriozola/ Flávio de Carvalho/ Flexor/ Francisco Rebolo/ Fred Forest/ Frida Baranek/ Fulvio Pennacchi/ Gabriel Borba Filho/ Geraldo de Barros/ Gilberto Salvador/ Guignard / Hansen Bahia/ Hélio Oiticica/ Henrique Oliveira/ Hércules Barsotti/ Iberê Camargo / Iole de Freitas/ Ismael Nery/ Ivan Serpa/ Jac Leirner/ João Câmara/ Jorge Guinle/ José Bechara/ José Bento/ José Pancetti/ José Patrício/ José Resende/ Julio Plaza e Moysés Baumstein / Lasar Segall / Leda Catunda/ Leonilson / Letícia Parente/ Lothar Charoux/ Luiz Áquila/ Luiz Hermano/ Luiz Paulo Baravelli/ Luiz Sacilotto/ Luiz Zerbini/ Lygia Pape/ Manabu Mabe / Marcelo Grassmann/ Marco Giannotti/ Maria Bonomi/ Maria Martins/ Mario Ishikawa/ Milton Dacosta/ Mira Schendel// Mônica Nador/ Nazareth Pacheco/ Nelson Leirner/ Nelson Screnci/ Nuno Ramos/ Octávio Araújo/ Oswaldo Goeldi/ Paulo Bruscky/ Paulo Climachauska/ Paulo Pasta/ Paulo Whitaker/ Regina SilveiraRejane Cantoni e Daniela Kutschat/ Renina Katz/ Rodolpho Parigi/ Rodolpho Parigi/ Rodrigo Andrade/ Rubem Valentim/ Rubens Gerchman/ Saint Clair Cemin/ Sandra Cinto/ Sérgio Camargo/ Sérgio Fingermann/ Sérgio Sister/ Sérvulo Esmeraldo// Takashi Fukushima/ Tarsila do Amaral/ Thomaz Ianelli/ Tomie Ohtake/ Tunga/ Ubirajara Ribeiro/ Vânia Mignone/ Vasco Prado/ Vicente do Rego Monteiro/ Waldemar Cordeiro/ Waltercio Caldas/ Wega Nery/ Wesley Duke Lee/ Willys de Castro/ Yolanda Mohalyi	17 de novembro de 2011 a 12 de fevereiro de 2012	Com curadoria de Teixeira Coelho, a exposição apresenta um recorte da produção artística realizada no país nos últimos 100 anos. Diante da tamanha diversidade contida no acervo da Coleção Itaú, Teixeira Coelho optou por criar uma série de seis módulos que funcionam como fio condutor para o visitante. Eles tanto podem ser compreendidos isoladamente, como, se seguidos de ponta a ponta, traçam com definição o caminho percorrido pela arte brasileira desde as primeiras décadas do século passado até hoje. Total de obras: 187. Artistas: Abraham Palatnik/ Adriana Varejão/ Albano Afonso/ Aldemir Martins/ Alex Cerveny/ Alex Flemming/ Alfredo Volpi/ Amelia Toledo/ Amelia Toledo/ Amílcar de Castro/ Andréa Lanna/ Anesia Pacheco Chaves/ Antonio Bandeira/ Antonio Dias/ Antonio Henrique Amaral/ Antonio Manuel/ Arcangelo Ianelli/ Arthur Luiz Piza/ Artur Lescher/ Babinski/ Beatriz Milhazes/ Bonadei/ Brígida Baltar/ Bruno Giorgi/ Cabelo/ Caetano de Almeida/ Candido Portinari/ Carlito Carvalhosa/Carlos Prado/ Cícero Dias/ Cildo Meireles/ Claudio Tozzi/ Clóvis Graciano/ Daniel Feingold/ DanielSeniser/ Danilo Di Prete/Delson Uchoa/ Di Cavalcanti/ Djanira/ Donato Chiarella/ Donato Ferrari /Dudi Maia Rosa/ Eder Santos /Edgard de Souza/ Eduardo Sued//Emanoel Araújo/ Emmanuel Nassar/ Ernesto De Fiori/ Ernesto Neto/ Evandro/ Carlos Jardim/ Fabio Miguez/ Fernando Odriozola/ Flávio de Carvalho/ Flexor/ Francisco Rebolo/ Fred Forest/ Frida Baranek/ Fulvio Pennacchi/ Gabriel Borba Filho/ Geraldo de Barros/ Gilberto Salvador/ Guignard / Hansen Bahia/ Hélio Oiticica/ Henrique Oliveira/ Hércules Barsotti/ Iberê Camargo / Iole de Freitas/ Ismael Nery/ Ivan Serpa/ Jac Leirner/ João Câmara/ Jorge Guinle/ José Bechara/ José Bento/ José Pancetti/ José Patrício/ José Resende/ Julio Plaza e Moysés Baumstein / Lasar Segall / Leda Catunda/ Leonilson / Letícia Parente/ Lothar Charoux/ Luiz Áquila/ Luiz Hermano/ Luiz Paulo Baravelli/ Luiz Sacilotto/ Luiz Zerbini/ Lygia Pape/ Manabu Mabe / Marcelo Grassmann/ Marco Giannotti/ Maria Bonomi/ Maria Martins/ Mario Ishikawa/ Milton Dacosta/ Mira Schendel// Mônica Nador/ Nazareth Pacheco/ Nelson Leirner/ Nelson Screnci/ Nuno Ramos/ Octávio Araújo/ Oswaldo Goeldi/ Paulo Bruscky/ Paulo Climachauska/ Paulo Pasta/ Paulo Whitaker/ Regina SilveiraRejane Cantoni e Daniela Kutschat/ Renina Katz/ Rodolpho Parigi/ Rodolpho Parigi/ Rodrigo Andrade/ Rubem Valentim/ Rubens Gerchman/ Saint Clair Cemin/ Sandra Cinto/ Sérgio Camargo/ Sérgio Fingermann/ Sérgio Sister/ Sérvulo Esmeraldo// Takashi Fukushima/ Tarsila do Amaral/ Thomaz Ianelli/ Tomie Ohtake/ Tunga/ Ubirajara Ribeiro/ Vânia Mignone/ Vasco Prado/ Vicente do Rego Monteiro/ Waldemar Cordeiro/ Waltercio Caldas/ Wega Nery/ Wesley Duke Lee/ Willys de Castro/ Yolanda Mohalyi	Difusão da produção artística nacional	1° e 2º pavimentos	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes	Convite			

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2012	Exposição	BEM DO BRASIL – exposição itinerante – Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo – São Miguel das Missões – RS		27 de novembro de 2011 a 16 de fevereiro de 2012	No ano de 2010 o presidente do IPHAN, Dr. Luiz Fernando de Almeida, incumbiu a equipe do Paço Imperial, Centro Cultural do IPHAN, em estreita colaboração com o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, de pensar e produzir a exposição BEM DO BRASIL, com a intenção de levar o espectador a compartilhar, refletir e valorizar o patrimônio brasileiro em suas múltiplas expressões materiais e simbólicas, como significado histórico e, principalmente, para a vida cotidiana contemporânea. Com curadoria de Lauro Cavalcanti, diretor do Paço Imperial, design de Victor Burton e patrocínio do BNDES, a mostra reuniu peças de todas as regiões do país e usou tecnologia de grafismo e imagem para mostrar a variedade de nossa cultura e levar o público a entender como o IPHAN integra preservação de bens de valor e desenvolvimento do país com uma visão dinâmica do patrimônio histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e de caráter afetivo para a população. A arquitetura foi mostrada em fotos [backlights], e os saberes e fazeres do patrimônio imaterial foram exibidos em um conjunto de filmes, cedidos pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular | Museu do Folclore. Colaboraram com peças significativas, para ilustrar a variedade dos bens brasileiros, diversas superintendências regionais do IPHAN, museus do IBRAM e alguns colecionadores particulares. BEM DO BRASIL foi o evento escolhido para reinaugurar o Palácio do Planalto, em Brasília, onde esteve em cartaz de setembro a novembro de 2010. No Centro Cultural Paço Imperial, a exposição ocupou todo o primeiro pavimento do prédio tombado, de dezembro de 2010 a fevereiro de 2011. Em 2011, a exposição itinerante foi idealizada – com painéis fotográficos de registros de obras que participaram das exposições – para percorrer as superintendências do IPHAN de todo o Brasil –, com produção e montagem realizada pela equipe do Paço Imperial.	Difusão da produção artística nacional	1º pavimento: Gomes Freire, Treze de Maio, Trono, Dossel, Amarela, Mestre Valentim, Academia dos Seletos e Academia dos Felizes	Patrocínio: BNDES; Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes	Convite, folder, catálogo			
2012	Exposição	1911-2011 Arte Brasileira e Depois, na Coleção Itaú	Abraham Palatnik/ Adriana Varejão/ Albano Afonso/ Aldemir Martins/ Alex Cerveny/ Alex Flemming/ Alfredo Volpi/ Amelia Toledo/ Amelia Toledo/ Amílcar de Castro/ Andréa Lanna/ Anesia Pacheco Chaves/ Antonio Bandeira/ Antonio Dias/ Antonio Henrique Amaral/ Antonio Manuel/ Arcangelo Ianelli/ Arthur Luiz Piza/ Artur Lescher/ Babinski/ Beatriz Milhazes/ Bonadei/ Brígida Baltar/ Bruno Giorgi/ Cabelo/ Caetano de Almeida/ Candido Portinari/ Carlito Carvalhosa/Carlos Prado/ Cícero Dias/ Cildo Meireles/ Claudio Tozzi/ Clóvis Graciano/ Daniel Feingold/ DanielSenise/ Danilo Di Prete/Delson Uchoa/ Di Cavalcanti/ Djanira/ Donato Chiarella/ Donato Ferrari /Dudi Maia Rosa/ Eder Santos /Edgard de Souza/ Eduardo Sued//Emanoel Araújo/ Emmanuel Nassar/ Ernesto De Fiori/ Ernesto Neto/ Evandro/ Carlos Jardim/ Fabio Miguez/ Fernando Odriozola/ Flávio de Carvalho/ Flexor/ Francisco Rebolo/ Fred Forest/ Frida Baranek/ Fulvio Pennacchi/ Gabriel Borba Filho/ Geraldo de Barros/ Gilberto Salvador/ Guignard / Hansen Bahia/ Hélio Oiticica/ Henrique Oliveira/ Hércules Barsotti/ Iberê Camargo / Iole de Freitas/ Ismael Nery/ Ivan Serpa/ Jac Leirner/ João Câmara/ Jorge Guinle/ José Bechara/ José Bento/ José Pancetti/ José Patrício/ José Resende/ Julio Plaza e Moysés Baumstein / Lasar Segall / Leda Catunda/ Leonilson / Letícia Parente/ Lothar Charoux/ Luiz Áquila/ Luiz Hermano/ Luiz Paulo Baravelli/ Luiz Sacilotto/ Luiz Zerbini/ Lygia Pape/ Manabu Mabe / Marcelo Grassmann/ Marco Giannotti/ Maria Bonomi/ Maria Martins/ Mario Ishikawa/ Milton Dacosta/ Mira Schendel// Mônica Nador/ Nazareth Pacheco/ Nelson Leirner/ Nelson Screnci/ Nuno Ramos/ Octávio Araújo/ Oswaldo Goeldi/ Paulo Bruscky/ Paulo Climachauska/ Paulo Pasta/ Paulo Whitaker/ Regina SilveiraRejane Cantoni e Daniela Kutschat/ Renina Katz/ Rodolpho Parigi/ Rodolpho Parigi/ Rodrigo Andrade/ Rubem Valentim/ Rubens Gerchman/ Saint Clair Cemin/ Sandra Cinto/ Sérgio Camargo/ Sérgio Fingermann/ Sérgio Sister/ Sérvulo Esmeraldo// Takashi Fukushima/ Tarsila do Amaral/ Thomaz Ianelli/ Tomie Ohtake/ Tunga/ Ubirajara Ribeiro/ Vânia Mignone/ Vasco Prado/ Vicente do Rego Monteiro/ Waldemar Cordeiro/ Waltercio Caldas/ Wega Nery/ Wesley Duke Lee/ Willys de Castro/ Yolanda Mohalyi	17 de novembro de 2011 a 12 de fevereiro de 2012	Com curadoria de Teixeira Coelho, a exposição apresenta um recorte da produção artística realizada no país nos últimos 100 anos. Diante da tamanha diversidade contida no acervo da Coleção Itaú, Teixeira Coelho optou por criar uma série de seis módulos que funcionam como fio condutor para o visitante. Eles tanto podem ser compreendidos isoladamente, como, se seguidos de ponta a ponta, traçam com definição o caminho percorrido pela arte brasileira desde as primeiras décadas do século passado até hoje. Total de obras: 187. Artistas: Abraham Palatnik/ Adriana Varejão/ Albano Afonso/ Aldemir Martins/ Alex Cerveny/ Alex Flemming/ Alfredo Volpi/ Amelia Toledo/ Amelia Toledo/ Amílcar de Castro/ Andréa Lanna/ Anesia Pacheco Chaves/ Antonio Bandeira/ Antonio Dias/ Antonio Henrique Amaral/ Antonio Manuel/ Arcangelo Ianelli/ Arthur Luiz Piza/ Artur Lescher/ Babinski/ Beatriz Milhazes/ Bonadei/ Brígida Baltar/ Bruno Giorgi/ Cabelo/ Caetano de Almeida/ Candido Portinari/ Carlito Carvalhosa/Carlos Prado/ Cícero Dias/ Cildo Meireles/ Claudio Tozzi/ Clóvis Graciano/ Daniel Feingold/ DanielSenise/ Danilo Di Prete/Delson Uchoa/ Di Cavalcanti/ Djanira/ Donato Chiarella/ Donato Ferrari /Dudi Maia Rosa/ Eder Santos /Edgard de Souza/ Eduardo Sued//Emanoel Araújo/ Emmanuel Nassar/ Ernesto De Fiori/ Ernesto Neto/ Evandro/ Carlos Jardim/ Fabio Miguez/ Fernando Odriozola/ Flávio de Carvalho/ Flexor/ Francisco Rebolo/ Fred Forest/ Frida Baranek/ Fulvio Pennacchi/ Gabriel Borba Filho/ Geraldo de Barros/ Gilberto Salvador/ Guignard / Hansen Bahia/ Hélio Oiticica/ Henrique Oliveira/ Hércules Barsotti/ Iberê Camargo / Iole de Freitas/ Ismael Nery/ Ivan Serpa/ Jac Leirner/ João Câmara/ Jorge Guinle/ José Bechara/ José Bento/ José Pancetti/ José Patrício/ José Resende/ Julio Plaza e Moysés Baumstein / Lasar Segall / Leda Catunda/ Leonilson / Letícia Parente/ Lothar Charoux/ Luiz Áquila/ Luiz Hermano/ Luiz Paulo Baravelli/ Luiz Sacilotto/ Luiz Zerbini/ Lygia Pape/ Manabu Mabe / Marcelo Grassmann/ Marco Giannotti/ Maria Bonomi/ Maria Martins/ Mario Ishikawa/ Milton Dacosta/ Mira Schendel// Mônica Nador/ Nazareth Pacheco/ Nelson Leirner/ Nelson Screnci/ Nuno Ramos/ Octávio Araújo/ Oswaldo Goeldi/ Paulo Bruscky/ Paulo Climachauska/ Paulo Pasta/ Paulo Whitaker/ Regina SilveiraRejane Cantoni e Daniela Kutschat/ Renina Katz/ Rodolpho Parigi/ Rodolpho Parigi/ Rodrigo Andrade/ Rubem Valentim/ Rubens Gerchman/ Saint Clair Cemin/ Sandra Cinto/ Sérgio Camargo/ Sérgio Fingermann/ Sérgio Sister/ Sérvulo Esmeraldo// Takashi Fukushima/ Tarsila do Amaral/ Thomaz Ianelli/ Tomie Ohtake/ Tunga/ Ubirajara Ribeiro/ Vânia Mignone/ Vasco Prado/ Vicente do Rego Monteiro/ Waldemar Cordeiro/ Waltercio Caldas/ Wega Nery/ Wesley Duke Lee/ Willys de Castro/ Yolanda Mohalyi	Difusão da produção artística nacional	1º e 2º pavimentos	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes	Convite			
2012	Exposição	Inauguração da exposição permanente "HISTÓRIA DO PAÇO"		22 de março de 2012	Os espaços da Arqueologia / Casa da Moeda, foram reabertos após as obras de recuperação no Paço Imperial, com a exposição "História do Paço" ampliada e modernizada com recursos contemporâneos e interativos para atender a crescente demanda de pessoas interessadas em conhecer a história do prédio histórico tombado, palco de importantes acontecimentos da história do país. Após rigorosa pesquisa iconográfica, imagens foram selecionadas para ilustrar e contextualizar os diferentes momentos pelos quais o prédio passou, desde sua primeira ocupação como Casa dos Governadores (1743-1763) à chegada de D. João VI ao Brasil (1808), da Proclamação da Independência (1822) até a Proclamação da República (1889), de seu tombamento pelo SPHAN (1938) até a primeira restauração (1985), quando se tornou um centro cultural vinculado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) / Ministério da Cultura.							

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2012	Exposição	BEM DO BRASIL – exposição itinerante – Casa do Patrimônio – Recife- PE		06 de fevereiro de 2012 a 30 de março de 2012	No ano de 2010 o presidente do IPHAN, Dr. Luiz Fernando de Almeida, incumbiu a equipe do Paço Imperial, Centro Cultural do IPHAN, em estreita colaboração com o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, de pensar e produzir a exposição BEM DO BRASIL, com a intenção de levar o espectador a compartilhar, refletir e valorizar o patrimônio brasileiro em suas múltiplas expressões materiais e simbólicas, como significado histórico e, principalmente, para a vida cotidiana contemporânea. Com curadoria de Lauro Cavalcanti, diretor do Paço Imperial, design de Victor Burton e patrocínio do BNDES, a mostra reuniu peças de todas as regiões do país e usou tecnologia de grafismo e imagem para mostrar a variedade de nossa cultura e levar o público a entender como o IPHAN integra preservação de bens de valor e desenvolvimento do país com uma visão dinâmica do patrimônio histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e de caráter afetivo para a população. A arquitetura foi mostrada em fotos [backlights], e os saberes e fazeres do patrimônio imaterial foram exibidos em um conjunto de filmes, cedidos pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular | Museu do Folclore. Colaboraram com peças significativas, para ilustrar a variedade dos bens brasileiros, diversas superintendências regionais do IPHAN, museus do IBRAM e alguns colecionadores particulares. BEM DO BRASIL foi o evento escolhido para reinaugurar o Palácio do Planalto, em Brasília, onde esteve em cartaz de setembro a novembro de 2010. No Centro Cultural Paço Imperial, a exposição ocupou todo o primeiro pavimento do prédio tombado, de dezembro de 2010 a fevereiro de 2011. Em 2011, a exposição itinerante foi idealizada – com painéis fotográficos de registros de obras que participaram das exposições – para percorrer as superintendências do IPHAN de todo o Brasil –, com produção e montagem realizada pela equipe do Paço Imperial.							
2012	Exposição	“Dois Reais”	Matheus Rocha Pitta	22 de março de 2012 a 13 de maio de 2012	O artista toma o Paço Imperial como um observatório das mudanças urbanas que o Rio de Janeiro sofre atualmente. Comprou de uma empresa de reciclagem as ruínas da “perna seca” do Hospital Univerisitário da UFRJ, implodido em 2010. O entulho foi leiloado e uma empresa o adquiriu pela quantia simbólica de R$1,00 (1real). Dois Reais se refere então a esse valor “simbólico” desembolsado pela compra do material que gerou a exposição. A mostra funcionará como uma ampulheta dissincrônica e será dividida em duas seções: uma onde é explorado o valor arqueológico e histórico desse material (valor esse que é perdido com a reciclagem e seu consequente esquecimento). Essa primeira seção se resume a um vídeo documentando uma exposição montada no próprio local da exposição, a sala Terreiro do Paço, onde o entulho é exibido e disposto como relíquia. Na segunda seção o material tem o valor atribuído pelo investimento da britex, é uma mercadoria, não exatamente pronta para ser vendida, mas antes uma promessa de valor futuro e retorno do investimento. O trabalho foi montado, documentado e desmontado para a execução do vídeo.	Difusão da produção artística nacional	Sala Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes	Convite	Visita guiada com o artista (12/5)		
2012	Exposição	“Cadência”	Gabriela Machado	22 de março de 2012 a 13 de maio de 2012	Gabriela Machado apresentará sua mais recente produção em uma grande mostra que ocupará três salas com pinturas e desenhos realizados ao longo dos últimos dois anos, além de um vídeo que apresenta a artista em movimento no atelier e em outros locais como Lisboa e Phoenix, - onde a artista esteve durante o ano de 2011 realizando work experiences que resultaram em trabalhos que estarão presentes na exposição.	Difusão da produção artística nacional	Salas Gomes Freire/ Treze de Maio e Trono	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes	Convite	Visita guiada com o artista (12/5)		
2012	Exposição	“Aurora”	Rosana Ricalde	22 de março de 2012 a 13 de maio de 2012	Para esta mostra a artista preparou uma série de trabalhos que rememoram personagens da mitologia grega, como Perseu, Ariadne e Baco / Calisto e Arkas / Calipso e Ulisses/ Aurora e Titonus, transportando para seu universo momentos da historia desses mitos, tratando deles com um novo vocabulário. As obras são todas de 2011 e 2012.	Difusão da produção artística nacional	Sala do Dossel	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes	Convite	Visita guiada com o artista (12/5)		
2012	Exposição	“A origem mística de Portugal vista do Brasil”	Rafael Alonso	22 de março de 2012 a 13 de maio de 2012	O jovem artista carioca ocupa seu espaço com uma pintura em grande formato. O título da exposição - A origem mística de Portugal vista do Brasil - faz referência a uma pintura sobre a Batalha de Ourique*, que ficava localizada nesta mesma sala à época de sua ocupação pela corte Portuguesa. A obra dá continuidade à pesquisa do pintor, em que referências da história da arte e de seu cotidiano são articuladas para uma tentativa de reflexão sobre as possibilidades da pintura hoje. Em trabalhos anteriores o artista utilizou materiais ordinários como fitas adesivas e elásticos para a criação de objetos atraentes visualmente, porém efêmeros. Desta vez Rafael pretende, através de padrões óticos, construir uma pintura hiper saturada, de maneira que a relação do observador com a obra seja menos de contemplação e mais de confronto: batalha.	Difusão da produção artística nacional	Sala Amarela	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes	Convite	Visita guiada com o artista (12/5)		
2012	Exposição	“Estranha Economia”	Felipe Barbosa	22 de março de 2012 a 13 de maio de 2012	Felipe apresentará cerca de 20 obras inéditas que discutem noções de Economia através de produtos e estratégias de marcas e empresas. Em seus trabalhos o artista utiliza materiais e elementos do cotidiano para reconfigurá-los, alterando seus significados e conceitos. Uma das obras é uma sala onde todos os elementos de uma casa são feitos de notas de Real picadas obtidas com o banco central , essas notas originalmente tiradas de circulação por terem sido recuperadas de roubos e estarem marcadas, são refeitas formando , cama, mesa,cadeira, telas, estantes, sapatos, galões de água etc...Outra obra que estará na exposição é “Rumo ao Infinito” composta por 27 bolas de futebol que são falsificações da bola “team geist” oficial da copa da Alemanha, e ainda, o Gráfico tipo Pizza, composto por 64 gravatas de cores diferentes formando um gráfico de 2 metros de diâmetro na parede. A exposição conta com o texto crítico da historiadora e crítica Sheila Geraldo Cabo.	Difusão da produção artística nacional	Sala Mestre Valentim	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes	Convite	Visita guiada com o artista (12/5)		
2012	Exposição	“Ocupação Macia”	Maria Lynch	22 de março de 2012 a 13 de maio de 2012	Instalação com objetos em cores vibrantes simultaneamente fálicos e perversos, sagrados e profanos. O acúmulo desses objetos no espaço e do dado cênico da obra, a sala expositiva tornou-se uma espécie de caverna: diminuta, escura e com uma atmosfera soturna. Para o crítico Felipe Scovino, “A obra de Lynch pede uma fenomenologia dos sentidos porque é tão visual quanto tátil (...)”	Difusão da produção artística nacional	Sala Academia dos Seletos	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes	Convite	Visita guiada com o artista (12/5)		

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2012	Exposição	BEM DO BRASIL – exposição itinerante – Palácio Lauro Sodré – Galeria Manoel Pestana – Belém (PA)		12 de abril de 2012 a 17 de junho de 2012	No ano de 2010 o presidente do IPHAN, Dr. Luiz Fernando de Almeida, incumbiu a equipe do Paço Imperial, Centro Cultural do IPHAN, em estreita colaboração com o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, de pensar e produzir a exposição BEM DO BRASIL, com a intenção de levar o espectador a compartilhar, refletir e valorizar o patrimônio brasileiro em suas múltiplas expressões materiais e simbólicas, como significado histórico e, principalmente, para a vida cotidiana contemporânea. Com curadoria de Lauro Cavalcanti, diretor do Paço Imperial, design de Victor Burton e patrocínio do BNDES, a mostra reuniu peças de todas as regiões do país e usou tecnologia de grafismo e imagem para mostrar a variedade de nossa cultura e levar o público a entender como o IPHAN integra preservação de bens de valor e desenvolvimento do país com uma visão dinâmica do patrimônio histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e de caráter afetivo para a população. A arquitetura foi mostrada em fotos [backlights], e os saberes e fazeres do patrimônio imaterial foram exibidos em um conjunto de filmes, cedidos pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular | Museu do Folclore. Colaboraram com peças significativas, para ilustrar a variedade dos bens brasileiros, diversas superintendências regionais do IPHAN, museus do IBRAM e alguns colecionadores particulares. BEM DO BRASIL foi o evento escolhido para reinaugurar o Palácio do Planalto, em Brasília, onde esteve em cartaz de setembro a novembro de 2010. No Centro Cultural Paço Imperial, a exposição ocupou todo o primeiro pavimento do prédio tombado, de dezembro de 2010 a fevereiro de 2011. Em 2011, a exposição itinerante foi idealizada – com painéis fotográficos de registros de obras que participaram das exposições – para percorrer as superintendências do IPHAN de todo o Brasil –, com produção e montagem realizada pela equipe do Paço Imperial.							
2012	Exposição	Coleção Itaú de Fotografia Brasileira	Geraldo de Barros, José Oiticica Filho, Thomaz Farkas, José Yalenti e contemporâneos como Rosângela Rennó, Miguel Rio Branco, Claudia Andujar, Vik Muniz e Rodrigo Braga, dentre outros.	31 de maio de 2012 a 05 de agosto de 2012	A exposição Coleção Itaú de Fotografia Brasileira mapeou os últimos 60 anos da produção nacional de caráter experimental; apresentada no início do ano na Maison Européenne de la Photographie, em Paris. Com curadoria de Eder Chiodetto, a mostra apresentou 115 obras de 56 artistas em um recorte do acervo de arte do Itaú entre o final da década de 1940 até hoje. Assinam as obras nomes como Geraldo de Barros, José Oiticica Filho, Thomaz Farkas, José Yalenti e contemporâneos como Rosângela Rennó, Miguel Rio Branco, Claudia Andujar, Vik Muniz e Rodrigo Braga. A mostra exibe dois importantes momentos da fotografia brasileira: o período modernista e o contemporâneo. No primeiro, entre o final da década de 1940 e o início da de 1960, fotógrafos brasileiros criaram no país uma fotografia mais onírica e menos assertiva. Em um de seus desdobramentos auxiliou na conceituação e na criação da corrente artística denominada de Concretismo, sobretudo pela produção do artista Geraldo de Barros. Foi uma resposta, ainda que tardiamente, aos impulsos das vanguardas estéticas europeias do início do século XX.	Difusão da produção artística nacional / intercâmbio entre instituições	1º pavimento	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes	Convite	Visita guiada com o artista (21/07)		
2012	Exposição	Teimosia da Imaginação – dez artistas brasileiros	Antônio de Dedé, Aurelino dos Santos, Cícero Alves dos Santos (Véio), Francisco Graciano Cardoso, Getúlio Damado, Izabel Mendes da Cunha, Jadir João Egídio, José Bezerra, Manoel Galdino de Freitas, Nilson Pimenta.	14 de junho de 2012 a 05 de agosto de 2012	Curadoria: Germana Monte- Mór. Em uma iniciativa do Instituto do Imaginário do Povo Brasileiro, entidade criada para preservar e promover a produção artística de origem popular brasileira. A exposição reuniu dez nomes de uma cena da arte brasileira conhecida como "popular", com obras pertencem a acervos de importantes museus, como Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu Afro Brasil, Memorial da América Latina, Museu do Folclore RJ, Museu do Pontal RJ e Fundação Cartier (Paris), além de destacadas coleções particulares, como a de Gilberto Chateaubriand. A mostra traz trabalhos referenciais de cada um destes mestres, além de exibir os documentários sobre os artistas, produzidos pela Pólo de Imagem em parceria com a TAL TV e a TV Cultura. Com direção executiva de Malu Viana Batista, os filmes revelam o processo, a obra e a personalidade de cada um dos artistas, constituindo-se de um raro registro desta arte que muito tem a ser investigada.	Difusão da produção artística nacional / intercâmbio entre instituições	Terreiro do Paço	Patrocínio: QUIKSILVER / CCR / ; Instituto do Imaginário do Povo Brasileiro. Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial /AAPI / Millenium Transportes / Martins Fontes	Convite			
2012	Exposição	Para Nunca Mais Me Esquecer	José Paulo	14 de junho de 2012 a 05 de agosto de 2012	Curadoria do crítico de arte Marcelo Campos. Nessa mostra foram expostos uma série de trabalhos do artista pernambucano que se apropria do universo da escrita, dos tipos gráficos móveis e das tipografias. Sua compreensão desta apropriação se coloca dentro do repertório visual e plástico, resultando em trabalhos que exploram a tridimensionalidade: esculturas, painéis, objetos e desenhos. Alguns dos trabalhos resultaram de uma pesquisa que o artista vem desenvolvendo dentro do universo da cultura popular, através de visitas a olarias e oficinas de cordel. Outros são resultado da preocupação do artista com o sofrimento, a opressão e a violência que a humanidade infringe a natureza e a si próprio.	Difusão da produção artística nacional	Salas Marquês do Lavradio / José Alpoim	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes / Secretaria de Cultura de Pernambuco / FUNCULTURA/ FUNDARPE	Convite	Visita guiada com o artista (24/7)		
2012	Exposição	Trono de Pescador	Fernanda Chieco	14 de junho de 2012 a 05 de agosto de 2012	A artista paulista apresentou 10 trabalhos de grandes dimensões (210x140) iniciados no período em que fez residência na Coréia do Sul. Os desenhos foram realizados sobre papel "Hanji", produzido manualmente a partir da casca interna da árvore "Morus Papyfera" encontrada nas montanhas rochosas da Coréia do Sul e muito utilizada por seus habitantes.	Difusão da produção artística nacional	Sala das Princesas e Luis de Vasconcelos	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes	Convite			

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2012	Exposição	BEM DO BRASIL – exposição itinerante – Casa de Nhozinho – São Luís (MA)		25 de junho de 2012 a 25 de julho de 2012	No ano de 2010 o presidente do IPHAN, Dr. Luiz Fernando de Almeida, incumbiu a equipe do Paço Imperial, Centro Cultural do IPHAN, em estreita colaboração com o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, de pensar e produzir a exposição BEM DO BRASIL, com a intenção de levar o espectador a compartilhar, refletir e valorizar o patrimônio brasileiro em suas múltiplas expressões materiais e simbólicas, como significado histórico e, principalmente, para a vida cotidiana contemporânea. Com curadoria de Lauro Cavalcanti, diretor do Paço Imperial, design de Victor Burton e patrocínio do BNDES, a mostra reuniu peças de todas as regiões do país e usou tecnologia de grafismo e imagem para mostrar a variedade de nossa cultura e levar o público a entender como o IPHAN integra preservação de bens de valor e desenvolvimento do país com uma visão dinâmica do patrimônio histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e de caráter afetivo para a população. A arquitetura foi mostrada em fotos [backlights], e os saberes e fazeres do patrimônio imaterial foram exibidos em um conjunto de filmes, cedidos pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular | Museu do Folclore. Colaboraram com peças significativas, para ilustrar a variedade dos bens brasileiros, diversas superintendências regionais do IPHAN, museus do IBRAM e alguns colecionadores particulares. BEM DO BRASIL foi o evento escolhido para reinaugurar o Palácio do Planalto, em Brasília, onde esteve em cartaz de setembro a novembro de 2010. No Centro Cultural Paço Imperial, a exposição ocupou todo o primeiro pavimento do prédio tombado, de dezembro de 2010 a fevereiro de 2011. Em 2011, a exposição itinerante foi idealizada – com painéis fotográficos de registros de obras que participaram das exposições – para percorrer as superintendências do IPHAN de todo o Brasil –, com produção e montagem realizada pela equipe do Paço Imperial.							
2012	Exposição	BEM DO BRASIL – exposição itinerante – Memorial do Tribunal de Justiça de Sergipe – Palácio Silvio Romero – Aracaju – (SE)		02 de agosto de 2012 a 30 de setembro de 2012	No ano de 2010 o presidente do IPHAN, Dr. Luiz Fernando de Almeida, incumbiu a equipe do Paço Imperial, Centro Cultural do IPHAN, em estreita colaboração com o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, de pensar e produzir a exposição BEM DO BRASIL, com a intenção de levar o espectador a compartilhar, refletir e valorizar o patrimônio brasileiro em suas múltiplas expressões materiais e simbólicas, como significado histórico e, principalmente, para a vida cotidiana contemporânea. Com curadoria de Lauro Cavalcanti, diretor do Paço Imperial, design de Victor Burton e patrocínio do BNDES, a mostra reuniu peças de todas as regiões do país e usou tecnologia de grafismo e imagem para mostrar a variedade de nossa cultura e levar o público a entender como o IPHAN integra preservação de bens de valor e desenvolvimento do país com uma visão dinâmica do patrimônio histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e de caráter afetivo para a população. A arquitetura foi mostrada em fotos [backlights], e os saberes e fazeres do patrimônio imaterial foram exibidos em um conjunto de filmes, cedidos pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular | Museu do Folclore. Colaboraram com peças significativas, para ilustrar a variedade dos bens brasileiros, diversas superintendências regionais do IPHAN, museus do IBRAM e alguns colecionadores particulares. BEM DO BRASIL foi o evento escolhido para reinaugurar o Palácio do Planalto, em Brasília, onde esteve em cartaz de setembro a novembro de 2010. No Centro Cultural Paço Imperial, a exposição ocupou todo o primeiro pavimento do prédio tombado, de dezembro de 2010 a fevereiro de 2011. Em 2011, a exposição itinerante foi idealizada – com painéis fotográficos de registros de obras que participaram das exposições – para percorrer as superintendências do IPHAN de todo o Brasil –, com produção e montagem realizada pela equipe do Paço Imperial.							
2012	Exposição	Ver para olhar	Cristina Salgado	14 de setembro de 2012 a 25 de novembro de 2012	"Ver para olhar" é uma instalação constituída por 28 cadeiras, bancos e poltronas, em uma fila mais ou menos organizada. Sobre cada assento, repousa uma caixa de madeira de dimensões variadas. Como duas linhas horizontais, um facho de luz e uma longa lança de aço atravessam as caixas "sentadas" por cerca de 20 metros. A luz parte de um potente refletor, sobre um tripé, de onde também parte a lança. Atrás do refletor, há outra cadeira revestida por uma "pele convulsa", um tipo de drapeado obtido por meio de grandes parafusos visíveis. Ao final desse périplo, há uma última poltrona, que funciona como anteparo para a luz projetada, revelando a imagem que percorreu todo o caminho e venceu os obstáculos. A lança segue para perfurar o encosto da última poltrona. A imagem projetada é a de uma mulher de mãos dadas com a filha pequena.	Difusão da produção artística nacional	Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes / FAPERJ	Convite, folder			
2012	Exposição	Quase tudo, a never ending tour	Luiz Aquila	14 de setembro de 2012 a 25 de novembro de 2012	Com curadoria de Lauro Cavalcanti, a retrospectiva de Luiz Aquila marca meio século de carreira nas artes plásticas e seus 70 anos de idade. "Quase Tudo, a never ending tour" cobre o período de 1962 a 2012, com 200 itens ocupando sete salas do Paço, entre pinturas, gravuras, desenhos, colagens, ilustrações para livros e outros meios. A exposição foi montada por afinidade entre os trabalhos: 80 desenhos de todas as décadas e de várias técnicas formarão uma linha do tempo; um conjunto de obras com predominância do preto, cor rara na produção do artista; trabalhos inéditos; pintura em processo, e obras de grandes dimensões de coleções particulares e dos museus MAM Rio e MAC Niterói.	Difusão da produção artística nacional	1º pavimento	Patrocínio: Governo do Rio de Janeiro e da Secretaria de Estado de Cultura – Edital de Artes Visuais 2011, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e da Secretaria Municipal de Cultura – Edital Pró Artes Visuais 2012.; Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes	Convite			
2012	Exposição	Quem sou, de onde vim, para onde vou	Roberto Magalhães	14 de setembro de 2012 a 25 de novembro de 2012	"Quem sou, de onde vim, para onde vou" é, também, o título de um trabalho do artista, pastel sobre papel de 1992. A exposição individual celebra os 50 anos de carreira nas artes, considerada a data de sua primeira exposição, 1962. Curadoria: Lauro Cavalcanti.							

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2012	Exposição	Um caminho	Anna Maria Niemeyer	11 de dezembro de 201a a 17 de fevereiro de 2013	Exposição em homenagem a Anna Maria Niemeyer [1931-2012], arquiteta e galerista carioca, falecida em junho de 2012, sócia benemérita da Associação dos Amigos do Paço Imperial, membro da comissão de programação do Paço Imperial, figura querida e de grande relevância para as artes plásticas cariocas. A mostra, com curadoria de Lauro Cavalcanti, reúne 183 obras, que, em sua maioria pertenceram à coleção pessoal de Anna Maria, ou tiveram sua compra intermediada por ela, como as dos acervos das coleção Gilberto Chateaubriand – MAM RJ e coleção João Sattamini – MAC Niterói. Alguns trabalhos foram cedidos pelos próprios artistas que com ela trabalharam. Os artistas que mais expuseram na galeria da Gávea e|ou os que tiveram contato mais estreito com Anna Maria tiveram trabalhos expostos em salas individuais, como Jorge Guinle, lançado por AMN em junho de 1980, Beatriz Milhazes, Victor Arruda, Eliane Duarte, Efrain Almeida, Jorge Duarte e Oscar Niemeyer.	Difusão da produção artística nacional	1º e 2º pavimentos	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes	Convite, folder	Oficina de brinquedos com o artista DNEIR a ser programada em fevereiro de 2013.		
2012	Exposição	“Norte”	Marcelo Moscheta	11 de dezembro de 201a a 17 de fevereiro de 2013	A individual do artista paulista, com curadoria de Daniela Name, apresenta 10 instalações, feitas a partir de uma viagem do artista ao Ártico, em 2011. Desde 2000, o artista cria instalações, desenhos e fotografias, identificando e recolhendo elementos da natureza de lugares remotos, para construir pensamentos sobre paisagem e memória. Marcelo Moscheta é Mestre pela Universidade Estadual de Campinas. Participou de coletivas e individuais no Brasil e na Europa e tem obras incluídas nas coleções de museus brasileiros e belgas, além de coleções particulares nos EUA, na Itália, Rússia e em países latino-americanos. Suas últimas residências artísticas, antes do Ártico, foram o deserto de Atacama (Chile), a fronteira entre o Brasil e o Uruguai, as regiões de Galiza (Espanha) e Bretagne (França) e a floresta amazônica.	Difusão da produção artística nacional	Terreiro do Paço	Patrocínio: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro / Secretaria Municipal de Cultura; Apoio: Galeria Leme; The Arctic Circle; IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes	Convite, folder			

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2013	Exposição	Um caminho	Anna Maria Niemeyer	11 de dezembro de 2012 a 17 de fevereiro de 2013	Exposição em homenagem a Anna Maria Niemeyer [1931-2012], arquiteta e galerista carioca, falecida em junho de 2012, sócia benemérita da Associação dos Amigos do Paço Imperial, membro da comissão de programação do Paço Imperial, figura querida e de grande relevância para as artes plásticas cariocas. A mostra, com curadoria de Lauro Cavalcanti, reúne 183 obras, que, em sua maioria pertenceram à coleção pessoal de Anna Maria, ou tiveram sua compra intermediada por ela, como as dos acervos das coleção Gilberto Chateaubriand – MAM RJ e coleção João Sattamini – MAC Niterói. Alguns trabalhos foram cedidos pelos próprios artistas que com ela trabalharam. Os artistas que mais expuseram na galeria da Gávea e|ou os que tiveram contato mais estreito com Anna Maria tiveram trabalhos expostos em salas individuais, como Jorge Guinle, lançado por AMN em junho de 1980, Beatriz Milhazes, Victor Arruda, Eliane Duarte, Efrain Almeida, Jorge Duarte e Oscar Niemeyer.	Difusão da produção artística nacional	1º e 2º pavimentos	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes	Convite, folder	Oficina de brinquedos com o artista DNEIR a ser programada em fevereiro de 2013.		
2013	Exposição	“Norte”	Marcelo Moscheta	11 de dezembro de 2012 a 17 de fevereiro de 2013	A individual do artista paulista, com curadoria de Daniela Name, apresenta 10 instalações, feitas a partir de uma viagem do artista ao Ártico, em 2011. Desde 2000, o artista cria instalações, desenhos e fotografias, identificando e recolhendo elementos da natureza de lugares remotos, para construir pensamentos sobre paisagem e memória. Marcelo Moscheta é Mestre pela Universidade Estadual de Campinas. Participou de coletivas e individuais no Brasil e na Europa e tem obras incluídas nas coleções de museus brasileiros e belgas, além de coleções particulares nos EUA, na Itália, Rússia e em países latino-americanos. Suas últimas residências artísticas, antes do Ártico, foram o deserto de Atacama (Chile), a fronteira entre o Brasil e o Uruguai, as regiões de Galiza (Espanha) e Bretagne (França) e a floresta amazônica.	Difusão da produção artística nacional	Terreiro do Paço	Patrocínio: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro / Secretaria Municipal de Cultura; Apoio: Galeria Leme; The Arctic Circle; IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes	Convite, folder			
2013	Exposição	Convite à Viagem – Rumos Artes Visuais 2011/2013	Artistas: Adriano Costa (SP) / Allan de Lana (DF) / Berna Reale (PA)/ Carla Evanovitch (PA) / Claudia Hersz (RJ) / Carlos Contente (RJ) /Cristiano Lanhardt (PE) / Dalton Paula (DF)/ Daniel Murgel (RJ) / Fábio Magalhães (BA) / Fábio Baroli (MG) / Fernando Ancil (MG) / Gabriela Mureb (RJ) / O GIA - Grupo de Interferência Ambiental (BA) / Grupo P. S. - Priscila dos Anjos e Sérgio Adriano H(SC) / Guilherme Dable (RS) / Guilherme Teixeira (SP) / Íris Helena (PB) / Isabel Ramil (RS) / Jimson Vilela (RJ) / João Castilho (MG) / Luciana Paiva (DF) / Luiza Baldan (RJ) / Marcos Brias (SP) / Maria Laet (RJ) / Marilia Furman SP) / Michel Zózimo (RS) / Naia Arruda (AM) / Nara Amelia (RS) / Pablo Lobato (MG) / Pontogor (RJ) / Rafael Pagatini (RS) / Raquel Versieux (MG) / Regina Parra (SP) / Rodrigo Torres (RJ) / Rogério Severo (RS) / Romy Pocztaruk / Thiago Honório (SP) / Thiago Martins de Melo (MA) / Ueliton Santana dos Santos (AC) / Vuai Patchineelam (RJ) / Vinicius Guimarães (ES) / Virgilio Neto (DF)	11 de dezembro de 2012 a 17 de fevereiro de 2013	A exposição foi exibida primeiramente em 2012 na sede do Itaú Cultural, em São Paulo. Pela disposição arquitetônica do espaço expositivo, o Paço Imperial recebe mais cinco obras que completam na totalidade a mostra dos trabalhos selecionados. É resultado do edital do programa do Itaú Cultural. Agnaldo Farias é o curador geral da mostra dessa 4ª edição e da comissão autônoma formada por Ana Maria Maia, Felipe Scovino, Gabriela Motta e Paulo Miyada – e com os curadores viajantes Alejandra Muñoz, Franzoi, Julio Martins, Luiza Proença, Marcelo Campos, Matias Monteiro, Sanzia Pinheiro e Vânia Leal, que se dividiram pelo Brasil para conhecer o cenário e produção artística das regiões Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste visitando ateliês, realizando palestras e fazendo contato próximo com a produção de determinados locais. Dos 1.770 projetos inscritos, foram selecionadas 108 obras de 45 artistas contemplados de todas as regiões. Artistas: Adriano Costa (SP) / Allan de Lana (DF) / Berna Reale (PA)/ Carla Evanovitch (PA) / Claudia Hersz (RJ) / Carlos Contente (RJ) /Cristiano Lanhardt (PE) / Dalton Paula (DF)/ Daniel Murgel (RJ) / Fábio Magalhães (BA) / Fábio Baroli (MG) / Fernando Ancil (MG) / Gabriela Mureb (RJ) / O GIA - Grupo de Interferência Ambiental (BA) / Grupo P.S. - Priscila dos Anjos e Sérgio Adriano H(SC) / Guilherme Dable (RS) / Guilherme Teixeira (SP) / Íris Helena (PB) / Isabel Ramil (RS) / Jimson Vilela (RJ) / João Castilho (MG) / Luciana Paiva (DF) / Luiza Baldan (RJ) / Marcos Brias (SP) / Maria Laet (RJ) / Marilia Furman SP) / Michel Zózimo (RS) / Naia Arruda (AM) / Nara Amelia (RS) / Pablo Lobato (MG) / Pontogor (RJ) / Rafael Pagatini (RS) / Raquel Versieux (MG) / Regina Parra (SP) / Rodrigo Torres (RJ) / Rogério Severo (RS) / Romy Pocztaruk / Thiago Honório (SP) / Thiago Martins de Melo (MA) / Ueliton Santana dos Santos (AC) / Vuai Patchineelam (RJ) / Vinicius Guimarães (ES) / Virgilio Neto (DF)	Difusão da produção artística nacional	Térreo, 1º e 2 pavimentos	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes; Patrocínio: Itaú Cultural	Folder	Palestra com curador Agnaldo Farias; 14 de março (quarta-feira), 17h		
2013	Exposição	BEM DO BRASIL – exposição itinerante – PIAUÍ PARNAÍBA - Casa Simplício Dias		09 de julho de 2013 a 11 de agosto de 2013	No ano de 2010 o então presidente do IPHAN, Dr. Luiz Fernando de Almeida, incumbiu a equipe do Paço Imperial, Centro Cultural do IPHAN, em estreita colaboração com o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, de pensar e produzir a exposição BEM DO BRASIL, com a intenção de levar o espectador a compartilhar, refletir e valorizar o patrimônio brasileiro em suas múltiplas expressões materiais e simbólicas, como significado histórico e, principalmente, para a vida cotidiana contemporânea. Com curadoria de Lauro Cavalcanti, diretor do Paço Imperial, design de Victor Burton e patrocínio do BNDES, a mostra reuniu peças de todas as regiões do país e usou tecnologia de grafismo e imagem para mostrar a variedade de nossa cultura e levar o público a entender como o IPHAN integra preservação de bens de valor e desenvolvimento do país com uma visão dinâmica do patrimônio histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e de caráter afetivo para a população. A arquitetura foi mostrada em fotos [backlights], e os saberes e fazeres do patrimônio imaterial foram exibidos em um conjunto de filmes, cedidos pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular	Museu do Folclore. Colaboraram com peças significativas, para ilustrar a variedade dos bens brasileiros, diversas superintendências regionais do IPHAN, museus do IBRAM e alguns colecionadores particulares. BEM DO BRASIL foi o evento escolhido para reinaugurar o Palácio do Planalto, em Brasília, onde esteve em cartaz de setembro a novembro de 2010. No Centro Cultural Paço Imperial, a exposição ocupou todo o primeiro pavimento do prédio tombado, de dezembro de 2010 a fevereiro de 2011. Em 2011, a exposição itinerante foi idealizada – com painéis fotográficos de registros de obras que participaram das exposições – para percorrer as superintendências do IPHAN de todo o Brasil –, com produção e montagem realizada pela equipe do Paço Imperial							
2013	Exposição	Um outro olhar: Coleção Roberto Marinho	Com obras de grandes artistas como Guignard, Djanira, Iberê Camargo, Di Cavalcanti, Volpi e Tarsila do Amaral, dentre outros.	13 de junho de 2013 a 11 de agosto de 2013	Reunindo 202 obras do acervo do jornalista, com cerca de 50% das peças inéditas. O público teve a oportunidade de ver pela primeira vez telas como as que compõem a Via Sacra, de Emeric Marcier e a Santa Cecília, de Portinari, além de imagens religiosas dos séculos XVIII e XIX. A exposição procurou evidenciar o enfoque diferenciado dado pelo Dr. Roberto Marinho para formar esse conjunto que será desvendado ao público que, assim, pode ter também um outro olhar sobre a coleção. O curador dividiu as obras por temas – abstratos, flores, paisagens, retratos/ figuras, naturezas mortas, religião, esportes, infância, trabalho, fauna, tapeçarias e esculturas. Com obras de grandes artistas como Guignard, Djanira, Iberê Camargo, Di Cavalcanti, Volpi e Tarsila do Amaral. A montagem da exposição permite que o público perceba a diferença entre os estilos de cada artista, suas influências e como cada um retrata um mesmo tema. Curadoria: Lauro Cavalcanti. Assistente de curadoria: Joel Coelho	Difusão da produção artística nacional	Térreo, 1º e 2º pavimentos	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes; Fundação Roberto Marinho; Patrocínio: Coleção Roberto Marinho	Folder, catálogo	Visitas guiadas pelo curador e por monitores contratados pela FRM		

2013	Exposição	BEM DO BRASIL – exposição itinerante – PIAUÍ TERESINA – Museu do Piauí – Casa de Odilon Nunes		15 de agosto de 2013 a 15 de setembro de 2013	No ano de 2010 o então presidente do IPHAN, Dr. Luiz Fernando de Almeida, incumbiu a equipe do Paço Imperial, Centro Cultural do IPHAN, em estreita colaboração com o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, de pensar e produzir a exposição BEM DO BRASIL, com a intenção de levar o espectador a compartilhar, refletir e valorizar o patrimônio brasileiro em suas múltiplas expressões materiais e simbólicas, como significado histórico e, principalmente, para a vida cotidiana contemporânea. Com curadoria de Lauro Cavalcanti, diretor do Paço Imperial, design de Victor Burton e patrocínio do BNDES, a mostra reuniu peças de todas as regiões do país e usou tecnologia de grafismo e imagem para mostrar a variedade de nossa cultura e levar o público a entender como o IPHAN integra preservação de bens de valor e desenvolvimento do país com uma visão dinâmica do patrimônio histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e de caráter afetivo para a população. A arquitetura foi mostrada em fotos [backlights], e os saberes e fazeres do patrimônio imaterial foram exibidos em um conjunto de filmes, cedidos pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular	Museu do Folclore. Colaboraram com peças significativas, para ilustrar a variedade dos bens brasileiros, diversas superintendências regionais do IPHAN, museus do IBRAM e alguns colecionadores particulares. BEM DO BRASIL foi o evento escolhido para reinaugurar o Palácio do Planalto, em Brasília, onde esteve em cartaz de setembro a novembro de 2010. No Centro Cultural Paço Imperial, a exposição ocupou todo o primeiro pavimento do prédio tombado, de dezembro de 2010 a fevereiro de 2011. Em 2011, a exposição itinerante foi idealizada – com painéis fotográficos de registros de obras que participaram das exposições – para percorrer as superintendências do IPHAN de todo o Brasil –, com produção e montagem realizada pela equipe do Paço Imperial. Exposição itinerante – com painéis fotográficos de registros de obras que participaram das exposições – para percorrer as superintendências do IPHAN de todo o Brasil –, com produção e montagem realizada pela equipe do Paço Imperial							
2013	Exposição	Meu Bem	Beatriz Milhazes	29 de agosto de 2013 a 27 de outubro de 2013	A exposição reuniu mais de 60 obras, entre pinturas, colagens e gravuras, além de um grande móbile concebido especialmente para o espaço. Foi uma oportunidade única de rever obras históricas provenientes de diversas coleções públicas e particulares, do Brasil e do exterior, e de conhecer os últimos desdobramentos de sua produção e identificar neste vasto conjunto alguns dos fios condutores, procedimentos e estratégias compositivas que a tornaram um dos grandes destaques da arte contemporânea no mundo neste início do século XXI. Curadoria: Frédéric Paul.	Difusão da produção artística nacional	Térreo e 1º pavimento	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes; Patrocínio: Banco Itaú e StatOil	Folder, catálogo	Visitas guiadas pelo curador e por monitores contratados pela produção da exposição (Base 7)		
2013	Exposição	BEM DO BRASIL – exposição itinerante – ALAGOAS – MACEIÓ – Casa do Patrimônio do IPHAN - AL		25 de setembro de 2013 a 31 de outubro de 2013	No ano de 2010 o então presidente do IPHAN, Dr. Luiz Fernando de Almeida, incumbiu a equipe do Paço Imperial, Centro Cultural do IPHAN, em estreita colaboração com o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, de pensar e produzir a exposição BEM DO BRASIL, com a intenção de levar o espectador a compartilhar, refletir e valorizar o patrimônio brasileiro em suas múltiplas expressões materiais e simbólicas, como significado histórico e, principalmente, para a vida cotidiana contemporânea. Com curadoria de Lauro Cavalcanti, diretor do Paço Imperial, design de Victor Burton e patrocínio do BNDES, a mostra reuniu peças de todas as regiões do país e usou tecnologia de grafismo e imagem para mostrar a variedade de nossa cultura e levar o público a entender como o IPHAN integra preservação de bens de valor e desenvolvimento do país com uma visão dinâmica do patrimônio histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e de caráter afetivo para a população. A arquitetura foi mostrada em fotos [backlights], e os saberes e fazeres do patrimônio imaterial foram exibidos em um conjunto de filmes, cedidos pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular	Museu do Folclore. Colaboraram com peças significativas, para ilustrar a variedade dos bens brasileiros, diversas superintendências regionais do IPHAN, museus do IBRAM e alguns colecionadores particulares. BEM DO BRASIL foi o evento escolhido para reinaugurar o Palácio do Planalto, em Brasília, onde esteve em cartaz de setembro a novembro de 2010. No Centro Cultural Paço Imperial, a exposição ocupou todo o primeiro pavimento do prédio tombado, de dezembro de 2010 a fevereiro de 2011. Em 2011, a exposição itinerante foi idealizada – com painéis fotográficos de registros de obras que participaram das exposições – para percorrer as superintendências do IPHAN de todo o Brasil –, com produção e montagem realizada pela equipe do Paço Imperial. Exposição itinerante – com painéis fotográficos de registros de obras que participaram das exposições – para percorrer as superintendências do IPHAN de todo o Brasil –, com produção e montagem realizada pela equipe do Paço Imperial							

2013	Exposição	Lançamento do edital Arte e Patrimônio 2013 (Prêmio Honra ao Mérito)	Foram selecionados os seguintes artistas: Ana Linnemann – Rio de Janeiro, RJ / João Carlos Mazzucco Modé – Rio de Janeiro, RJ / Bruno Shultze – São Paulo, SP / Caio Reisewitz – São Paulo, SP / Fernando Piola Alves – São Paulo, SP / Laís Myrrha – Belo Horizonte, MG / Luiza Peixoto Baldan – Rio de Janeiro, RJ / Matheus Rocha Pitta – Rio de Janeiro, RJ / Ana Holck – Rio de Janeiro, RJ / Ana Luiza Ferreira Hupe – Rio de Janeiro, RJ / Daniele Moreira Cavalcante (Ferreira) – Fortaleza, CE / Jose Roberto Shwafaty de Siqueira – São Paulo, SP / Marcelo Luiz Silveira de Melo – Recife, PE / Camila Sposati – São Paulo, SP / Daniel Siede Murgel – Rio de Janeiro, RJ / Fernando Otávio Fuentes Lindote – Santana do Livramento, RS / Luiz Pereira Lins Netto – Recife, PE / Mabe Machado Bethônico – Belo Horizonte, MG / Paulo Roberto de Almeida – São Paulo, SP / Solange Pessoa – Ferros, MG / Jimson Ferreira Vilela – Rio de Janeiro, RJ / Rafael Rodrigues Gomes da Silva – Guarulhos, SP / Maria Gabriela de Mello Machado da Silva – Rio de Janeiro, RJ / Sergio Mauro Romagnolo – São Paulo, SP / Ana Elisa Yuri Katayama Dalloz – Rio de Janeiro, RJ / Andrey Rodrigo de Moura Prestes (Andrey Zignnatto) – Jundiaí, SP / Luis Arnaldo Zampiere Porto – Campinas, SP / Valéria Costa Pinto – Rio de Janeiro, RJ / Fernando De La Rocque – Rio de Janeiro, RJ / Katia Valéria Maciel Toledo – Rio de Janeiro, RJ / Marcelo Simões Nogueira (Marcelo Noah) – ??, RS / Mariana Lacerda Gonçalves – Recife, PE / Rafael Adorjan Tindó – Rio de Janeiro, RJ / Ricardo Miranda Burgarelli – Belo Horizonte, MG / Gizele e Silva Camargo (Gisele Camargo) – Rio de Janeiro, RJ / Regina Maria Motta Vater Lundberg – Rio de Janeiro, RJ / Gilberto Mariotti – São Paulo, SP / Ícaro Nunes Garcia Lira – Fortaleza, CE / Manoel Francisco Tavares dos Santos – Pelotas, RS / José Paiani Spaniol, São Luiz Gonzaga, RS.	23 de novembro de 2013	Lançamento do edital Arte e Patrimônio 2013 (Prêmio Honra ao Mérito) com apresentação de dois projetos realizados em edições anteriores do edital Arte e Patrimônio. O "Edital de Concurso Prêmio Arte e Patrimônio", uma iniciativa do IPHAN/Centro Cultural Paço Imperial/MinC, co patrocinado pelo Instituto Itaú Cultural, irá funcionar em nova versão. Essa versão do Edital dá continuidade aos dois projetos Arte e Patrimônio, realizados com sucesso em 2007 e 2009. O Edital ficou aberto para inscrições entre 09/10/2013 e 25/11/2013. Integrantes da equipe do edital, bem como artistas que já foram premiados em outros anos, percorreram algumas capitais brasileiras para divulgar e explicar presencialmente, em mesas de lançamento, as principais questões referentes ao edital. Foram selecionados 40 artistas que desenvolveram projetos inéditos relacionando os conceitos de arte e patrimônio. Os eixos curatoriais: patrimônio cultural como arte; patrimônio cultural como tradição; patrimônio cultural como civilização; patrimônio cultural como cosmologia. A comissão julgadora foi composta por: Luiz Philippe Peres Torelly / Lauro Augusto de Paiva Cavalcanti / Moacir Tavares Rodrigues dos Anjos Junior / Carlos Augusto Caminha Vergara dos Santos / Afonso Henrique Martins Luz / Marisa de Oliveira Mokarzel / João Carlos Maciel de Carvalho/ Claudia Werneck Saldanha / Silvia Finguerut. Foram selecionados os seguintes artistas: Ana Linnemann – Rio de Janeiro, RJ / João Carlos Mazzucco Modé – Rio de Janeiro, RJ / Bruno Shultze – São Paulo, SP / Caio Reisewitz – São Paulo, SP / Fernando Piola Alves – São Paulo, SP / Laís Myrrha – Belo Horizonte, MG / Luiza Peixoto Baldan – Rio de Janeiro, RJ / Matheus Rocha Pitta – Rio de Janeiro, RJ / Ana Holck – Rio de Janeiro, RJ / Ana Luiza Ferreira Hupe – Rio de Janeiro, RJ / Daniele Moreira Cavalcante (Ferreira) – Fortaleza, CE / Jose Roberto Shwafaty de Siqueira – São Paulo, SP / Marcelo Luiz Silveira de Melo – Recife, PE / Camila Sposati – São Paulo, SP / Daniel Siede Murgel – Rio de Janeiro, RJ / Fernando Otávio Fuentes Lindote – Santana do Livramento, RS / Luiz Pereira Lins Netto – Recife, PE / Mabe Machado Bethônico – Belo Horizonte, MG / Paulo Roberto de Almeida – São Paulo, SP / Solange Pessoa – Ferros, MG / Jimson Ferreira Vilela – Rio de Janeiro, RJ / Rafael Rodrigues Gomes da Silva – Guarulhos, SP / Maria Gabriela de Mello Machado da Silva – Rio de Janeiro, RJ / Sergio Mauro Romagnolo – São Paulo, SP / Ana Elisa Yuri Katayama Dalloz – Rio de Janeiro, RJ / Andrey Rodrigo de Moura Prestes (Andrey Zignnatto) – Jundiaí, SP / Luis Arnaldo Zampiere Porto – Campinas, SP / Valéria Costa Pinto – Rio de Janeiro,RJ / Fernando De La Rocque – Rio de Janeiro, RJ / Katia Valéria Maciel Toledo – Rio de Janeiro, RJ / Marcelo Simões Nogueira (Marcelo Noah) – ??, RS / Mariana Lacerda Gonçalves – Recife, PE / Rafael Adorjan Tindó – Rio de Janeiro, RJ / Ricardo Miranda Burgarelli – Belo Horizonte, MG / Gizele e Silva Camargo (Gisele Camargo) – Rio de Janeiro, RJ / Regina Maria Motta Vater Lundberg – Rio de Janeiro, RJ / Gilberto Mariotti – São Paulo, SP / Ícaro Nunes Garcia Lira – Fortaleza, CE / Manoel Francisco Tavares dos Santos – Pelotas, RS / José Paiani Spaniol, São Luiz Gonzaga, RS						
2013	Exposição	Evento	Mariana Manhães	29 de novembro de 2013 a 16 fevereiro de 2014	A instalação mostra "máquinas orgânicas" e desenhos de sua produção mais recente, todos inéditos no Rio de Janeiro. A artista concebe esculturas de chão e de parede que interagem consigo mesmas, criando um sistema de convivência na área de exposição; unidas pelos materiais – plástico, pvc, câmera de vídeo e sensores, cada máquina é comandada unicamente por vídeos de animação de louças da casa-ateliê de Mariana. A projeção se move, atinge os sensores que vão inflar e desinflar os volumes de plástico das obras. O trabalho capta seus próprios estímulos luminosos para colocar as peças em movimento. Os desenhos, expressão pouco conhecida da produção de Mariana, surgem dos esboços de obras escultóricas.	Difusão da produção artística nacional	Térreo - Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes				
2013	Exposição	Retrospectiva. Cotidiano e Sonho	Wilma Martins	29 de novembro de 2013 a 16 fevereiro de 2014	A importante artista mineira Wilma Martins, aluna de Guignard, radicada no Rio, apresenta uma retrospectiva com 237 itens – pinturas, gravuras, desenhos, aquarelas, livros, ilustrações para livros infantis e documentos, celebrando 80 anos de idade e 60 de carreira, sob curadoria do crítico Frederico Morais. A mostra segue para o Museu de Arte da Pampulha, BH, e para o Instituto Tomie Ohtake, SP, em 2014. É o primeiro panorama completo de sua produção, de 1955 a 2008, está agrupada em núcleos de cada uma das linguagens que a artista trabalhou e como elas se relacionam. Curadoria: Frederico Morais	Difusão da produção artística nacional	1º pavimento. Salas Gomes Freire / Treze de Maio / Trono e Dossel	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes				
2013	Exposição	Brasília Utopia Lírica	Vicente de Mello	29 de novembro de 2013 a 16 fevereiro de 2014	Série fotográfica inédita de 2011, em que o artista propõe uma leitura subjetiva e atemporal da cidade de Brasília. São 23 imagens em preto e branco com imagens de lugares conhecidos e de pontos pouco comentados, entre os quais a torre de TV, desenhada por Lucio Costa, a escultura Rito do Ritmo de Maria Martins, nos jardins do Alvorada, formas desconhecidas de edifícios de Oscar Niemeyer, os painéis de Athos Bulcão e nova Ponte JK, do arquiteto Alexandre Chan. Curadoria: Beatriz Lemos e Waldir Barreto	Difusão da produção artística nacional	1º pavimento. Salas Mestre Valentim e Seletos	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes	Filipetas (MiCA Postais Publicitários • Papel Reciclado sem cloro)			
2013	Exposição	Desenhos [1991-2013]	Rogerio Luz	29 de novembro de 2013 a 16 fevereiro de 2014	Exposição com 67 desenhos de 1991 a 2013; os trabalhos sobre papel são exemplos de um sistema manual do princípio de repetição. Ao não reproduzir de modo técnico um original, a forma das séries resulta em variações deste original e leva o espectador à leitura de sequências ou passagens – como no cinema ou na música – sem destino resolutivo.	Difusão da produção artística nacional	2º pavimento – sala Marquês do Lavradio	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes				
2013	Exposição	Construtor de ideias	Sergio Camargo	29 de novembro de 2013 a 16 fevereiro de 2014	Exposição do acervo documental sob a guarda do Instituto de Arte Contemporânea – IAC. Sergio Camargo (1930-1960). A curadora selecionou 100 itens do artista entre documentos, fotos, desenhos, estudos, rabiscos, frases, obras em pequenos formatos, divididos em seis núcleos: ateliês, esquemas, esquemas vermelhos, madeira, relevo azul e xadrez. Curadoria: Piedade Grinberg	Difusão da produção artística nacional	2º pavimento. Sala José Alpoim e Luís de Vasconcelos	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes / IAC. Patrocínio: Credit Suisse				
2013	Exposição	Deformações dinâmicas	Willys de Castro	29 de novembro de 2013 a 16 fevereiro de 2014	Exposição do acervo documental do artista (sob a guarda do Instituto de Arte Contemporânea – IAC. Willys de Castro (1926-1988). A curadora reuniu esquemas, esboços, fotografias, notas, partituras musicais, artigos de jornais e revistas, manuscritos, datiloscritos e correções, que ressaltam sua preocupação com a composição de séries que acentuam o raciocínio moderno impresso em todas as suas experiências e pesquisas como artista: poemas, música, artes plásticas e gráficas. Curadoria: Marilúcia Bottallo	Difusão da produção artística nacional	2º pavimento. Salas Princesas e Luís de Vasconcelos	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes; IAC. Patrocínio: Itaú / Banco Safra				

2013	Exposição	BEM DO BRASIL – exposição itinerante – CEARÁ Fortaleza – Museu do Ceará		12 de dezembro de 2013 a 15 de março de 2014	No ano de 2010 o então presidente do IPHAN, Dr. Luiz Fernando de Almeida, incumbiu a equipe do Paço Imperial, Centro Cultural do IPHAN, em estreita colaboração com o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, de pensar e produzir a exposição BEM DO BRASIL, com a intenção de levar o espectador a compartilhar, refletir e valorizar o patrimônio brasileiro em suas múltiplas expressões materiais e simbólicas, como significado histórico e, principalmente, para a vida cotidiana contemporânea. Com curadoria de Lauro Cavalcanti, diretor do Paço Imperial, design de Victor Burton e patrocínio do BNDES, a mostra reuniu peças de todas as regiões do país e usou tecnologia de grafismo e imagem para mostrar a variedade de nossa cultura e levar o público a entender como o IPHAN integra preservação de bens de valor e desenvolvimento do país com uma visão dinâmica do patrimônio histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e de caráter afetivo para a população. A arquitetura foi mostrada em fotos [backlights], e os saberes e fazeres do patrimônio imaterial foram exibidos em um conjunto de filmes, cedidos pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular	Museu do Folclore. Colaboraram com peças significativas, para ilustrar a variedade dos bens brasileiros, diversas superintendências regionais do IPHAN, museus do IBRAM e alguns colecionadores particulares. BEM DO BRASIL foi o evento escolhido para reinaugurar o Palácio do Planalto, em Brasília, onde esteve em cartaz de setembro a novembro de 2010. No Centro Cultural Paço Imperial, a exposição ocupou todo o primeiro pavimento do prédio tombado, de dezembro de 2010 a fevereiro de 2011. Em 2011, a exposição itinerante foi idealizada – com painéis fotográficos de registros de obras que participaram das exposições – para percorrer as superintendências do IPHAN de todo o Brasil –, com produção e montagem realizada pela equipe do Paço Imperial. Exposição itinerante – com painéis fotográficos de registros de obras que participaram das exposições – para percorrer as superintendências do IPHAN de todo o Brasil –, com produção e montagem realizada pela equipe do Paço Imperial							

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2014	Exposição	Evento	Mariana Manhães	29 de novembro de 2013 a 16 fevereiro de 2014	A instalação mostra “máquinas orgânicas” e desenhos de sua produção mais recente, todos inéditos no Rio de Janeiro. A artista concebe esculturas de chão e de parede que interagem consigo mesmas, criando um sistema de convivência na área de exposição; unidas pelos materiais – plástico, pvc, câmera de vídeo e sensores, cada máquina é comandada unicamente por vídeos de animação de louças da casa-ateliê de Mariana. A projeção se move, atinge os sensores que vão inflar e desinflar os volumes de plástico das obras. O trabalho capta seus próprios estímulos luminosos para colocar as peças em movimento. Os desenhos, expressão pouco conhecida da produção de Mariana, surgem dos esboços de obras escultóricas.	Difusão da produção artística nacional	Térreo - Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes				
2014	Exposição	Retrospectiva. Cotidiano e Sonho	Wilma Martins	29 de novembro de 2013 a 16 fevereiro de 2014	A importante artista mineira Wilma Martins, aluna de Guignard, radicada no Rio, apresenta uma retrospectiva com 237 itens – pinturas, gravuras, desenhos, aquarelas, livros, ilustrações para livros infantis e documentos, celebrando 80 anos de idade e 60 de carreira, sob curadoria do crítico Frederico Morais. A mostra segue para o Museu de Arte da Pampulha, BH, e para o Instituto Tomie Ohtake, SP, em 2014. É o primeiro panorama completo de sua produção, de 1955 a 2008, está agrupada em núcleos de cada uma das linguagens que a artista trabalhou e como elas se relacionam. Curadoria: Frederico Morais	Difusão da produção artística nacional	1º pavimento. Salas Gomes Freire / Treze de Maio / Trono e Dossel	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes				
2014	Exposição	Brasília Utopia Lírica	Vicente de Mello	29 de novembro de 2013 a 16 fevereiro de 2014	Série fotográfica inédita de 2011, em que o artista propõe uma leitura subjetiva e atemporal da cidade de Brasília. São 23 imagens em preto e branco com imagens de lugares conhecidos e de pontos pouco comentados, entre os quais a torre de TV, desenhada por Lucio Costa, a escultura Rito do Ritmo de Maria Martins, nos jardins do Alvorada, formas desconhecidas de edifícios de Oscar Niemeyer, os painéis de Athos Bulcão e nova Ponte JK, do arquiteto Alexandre Chan. Curadoria: Beatriz Lemos e Waldir Barreto	Difusão da produção artística nacional	1º pavimento. Salas Mestre Valentim e Seletos	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes	Filipetas (MiCA Postais Publicitários • Papel Reciclado sem cloro)			
2014	Exposição	Desenhos [1991-2013]	Rogerio Luz	29 de novembro de 2013 a 16 fevereiro de 2014	Exposição com 67 desenhos de 1991 a 2013; os trabalhos sobre papel são exemplos de um sistema manual do princípio de repetição. Ao não reproduzir de modo técnico um original, a forma das séries resulta em variações deste original e leva o espectador à leitura de sequências ou passagens – como no cinema ou na música – sem destino resolutivo.	Difusão da produção artística nacional	2º pavimento – sala Marquês do Lavradio	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes				
2014	Exposição	Construtor de ideias	Sergio Camargo	29 de novembro de 2013 a 16 fevereiro de 2014	Exposição do acervo documental sob a guarda do Instituto de Arte Contemporânea – IAC. Sergio Camargo (1930-1960). A curadora selecionou 100 itens do artista entre documentos, fotos, desenhos, estudos, rabiscos, frases, obras em pequenos formatos, divididos em seis núcleos: ateliês, esquemas, esquemas vermelhos, madeira, relevo azul e xadrez. Curadoria: Piedade Grinberg	Difusão da produção artística nacional	2º pavimento. Sala José Alpoim e Luís de Vasconcelos	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes / IAC. Patrocínio: Credit Suisse				
2014	Exposição	Deformações dinâmicas	Willys de Castro	29 de novembro de 2013 a 16 fevereiro de 2014	Exposição do acervo documental do artista (sob a guarda do Instituto de Arte Contemporânea – IAC. Willys de Castro (1926-1988). A curadora reuniu esquemas, esboços, fotografias, notas, partituras musicais, artigos de jornais e revistas, manuscritos, datiloscritos e correções, que ressaltam sua preocupação com a composição de séries que acentuam o raciocínio moderno impresso em todas as suas experiências e pesquisas como artista: poemas, música, artes plásticas e gráficas. Curadoria: Marilúcia Bottallo	Difusão da produção artística nacional	2º pavimento. Salas Princesas e Luís de Vasconcelos	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes; IAC. Patrocínio: Itaú / Banco Safra				
2014	Exposição	BEM DO BRASIL – exposição itinerante – CEARÁ Fortaleza – Museu do Ceará		12 de dezembro de 2013 a 15 de março de 2014	No ano de 2010 o então presidente do IPHAN, Dr. Luiz Fernando de Almeida, incumbiu a equipe do Paço Imperial, Centro Cultural do IPHAN, em estreita colaboração com o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, de pensar e produzir a exposição BEM DO BRASIL, com a intenção de levar o espectador a compartilhar, refletir e valorizar o patrimônio brasileiro em suas múltiplas expressões materiais e simbólicas, como significado histórico e, principalmente, para a vida cotidiana contemporânea. Com curadoria de Lauro Cavalcanti, diretor do Paço Imperial, design de Victor Burton e patrocínio do BNDES, a mostra reuniu peças de todas as regiões do país e usou tecnologia de grafismo e imagem para mostrar a variedade de nossa cultura e levar o público a entender como o IPHAN integra preservação de bens de valor e desenvolvimento do país com uma visão dinâmica do patrimônio histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e de caráter afetivo para a população. A arquitetura foi mostrada em fotos [backlights], e os saberes e fazeres do patrimônio imaterial foram exibidos em um conjunto de filmes, cedidos pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular	Museu do Folclore. Colaboraram com peças significativas, para ilustrar a variedade dos bens brasileiros, diversas superintendências regionais do IPHAN, museus do IBRAM e alguns colecionadores particulares. BEM DO BRASIL foi o evento escolhido para reinaugurar o Palácio do Planalto, em Brasília, onde esteve em cartaz de setembro a novembro de 2010. No Centro Cultural Paço Imperial, a exposição ocupou todo o primeiro pavimento do prédio tombado, de dezembro de 2010 a fevereiro de 2011. Em 2011, a exposição itinerante foi idealizada – com painéis fotográficos de registros de obras que participaram das exposições – para percorrer as superintendências do IPHAN de todo o Brasil –, com produção e montagem realizada pela equipe do Paço Imperial. Exposição itinerante – com painéis fotográficos de registros de obras que participaram das exposições – para percorrer as superintendências do IPHAN de todo o Brasil –, com produção e montagem realizada pela equipe do Paço Imperial							

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2014	Exposição	PRÊMIO HONRA AO MÉRITO ARTE E PATRIMÔNIO 2013	Lista de artistas contemplados: (nome / cidade de origem): Ana Elisa Yuri Katayama Dalloz – Rio de Janeiro, RJ/ Ana Holck – Rio de Janeiro, RJ/ Ana Linnemann – Rio de Janeiro, RJ/ Ana Luiza Ferreira Hupe – Rio de Janeiro, RJ/ Andrey Rodrigo de Moura Prestes (Andrey Zignnatto) – Jundiaí, SP/ Bruno Shultze – São Paulo, SP / Caio Reisewitz – São Paulo, SP/ Camila Sposati – São Paulo, SP/ Daniel Siede Murgel – Rio de Janeiro, RJ/ Daniele Moreira Cavalcante (Ferreira) – Fortaleza, CE/ Fernando De La Rocque – Rio de Janeiro, RJ/ Fernando Otávio Fuentes Lindote – Santana do Livramento, RS/ Fernando Piola Alves – São Paulo, SP/ Gilberto Mariotti – São Paulo, SP/ Gizele e Silva Camargo (Gisele Camargo) – Rio de Janeiro, RJ/ Ícaro Nunes Garcia Lira – Fortaleza, CE/ Jimson Ferreira Vilela – Rio de Janeiro, RJ/ João Carlos Mazzucco Modé – Rio de Janeiro, RJ/ José Paiani Spaniol, São Luiz Gonzaga, RS/ Jose/ Roberto Shwafaty de Siqueira – São Paulo, SP/ Katia Valéria Maciel Toledo – Rio de Janeiro, RJ/ Laís Myrrha – Belo Horizonte, MG/ Luis Arnaldo Zampiere Porto – Campinas, SP/ Luiz Pereira Lins Netto – Recife, PE/ Luiza Peixoto Baldan – Rio de Janeiro, RJ/ Mabe Machado Bethônico – Belo Horizonte, MG/ Manoel / Francisco Tavares dos Santos – Pelotas, RS/ Marcelo Luiz Silveira de Melo – Recife, PE/ Marcelo Simões Nogueira (Marcelo Noah) – Porto Alegre, RS/ Maria Gabriela de Mello Machado da Silva – Rio de Janeiro, RJ/ Mariana Lacerda Gonçalves – Recife, PE/ Matheus Rocha Pitta – Rio de Janeiro, RJ/ Paulo Roberto de Almeida – São Paulo, SP/ Rafael Adorjan Tindó – Rio de Janeiro, RJ/ Rafael// Rodrigues Gomes da Silva – Guarulhos, SP/ Regina Maria Motta Vater Lundberg – Rio de Janeiro, RJ/ Ricardo Miranda Burgarelli – Belo Horizonte, MG/ Sergio/ Mauro Romagnolo – São Paulo, SP/ Solange Pessoa – Ferros, MG/ Valéria Costa Pinto – Rio de Janeiro,RJ	15 maio de 2014 a 16 julho de 2014	Nesta terceira edição, o prêmio, oferecido pelo IPHAN /MinC, o número de vencedores foi ampliado e 40 artistas brasileiros que desenvolveram trabalhos inéditos relacionados aos temas arte e patrimônio (patrimônio cultural como arte, patrimônio cultural como tradição, patrimônio cultural como civilização ou patrimônio cultural como cosmologia) foram contemplados com R$50.000,00 (cinquenta mil reais) para a realização de seus trabalhos. As obras serão expostas em uma mostra coletiva a ser realizada no Paço Imperial, ou nas Superintendências Regionais do Iphan. A seleção priorizou artistas que, no conjunto de sua obra, estabeleceram o melhor diálogo entre as artes visuais contemporâneas e o patrimônio histórico e artístico nacional. Foram levadas em conta as múltiplas interações entre os trabalhos artísticos e os acervos, as tradições, as culturas e os sítios que estabelecem a memória do País. Comissão julgadora: Afonso Luz / Carlos Vergara/ Claudia Saldanha/ João Carlos Mafiel de Carvalho/ Lauro Cavalcanti/ Luiz Philippe Torelly/ Marisa Mokarzel / Moacir dos Anjos/ Silvia Finguerut. Lista de artistas contemplados: (nome / cidade de origem): Ana Elisa Yuri Katayama Dalloz – Rio de Janeiro, RJ/ Ana Holck – Rio de Janeiro, RJ/ Ana Linnemann – Rio de Janeiro, RJ/ Ana Luiza Ferreira Hupe – Rio de Janeiro, RJ/ Andrey Rodrigo de Moura Prestes (Andrey Zignnatto) – Jundiaí, SP/ Bruno Shultze – São Paulo, SP / Caio Reisewitz – São Paulo, SP/ Camila Sposati – São Paulo, SP/ Daniel Siede Murgel – Rio de Janeiro, RJ/ Daniele Moreira Cavalcante (Ferreira) – Fortaleza, CE/ Fernando De La Rocque – Rio de Janeiro, RJ/ Fernando Otávio Fuentes Lindote – Santana do Livramento, RS/ Fernando Piola Alves – São Paulo, SP/ Gilberto Mariotti – São Paulo, SP/ Gizele e Silva Camargo (Gisele Camargo) – Rio de Janeiro, RJ/ Ícaro Nunes Garcia Lira – Fortaleza, CE/ Jimson Ferreira Vilela – Rio de Janeiro, RJ/ João Carlos Mazzucco Modé – Rio de Janeiro, RJ/ José Paiani Spaniol, São Luiz Gonzaga, RS/ Jose/ Roberto Shwafaty de Siqueira – São Paulo, SP/ Katia Valéria Maciel Toledo – Rio de Janeiro, RJ/ Laís Myrrha – Belo Horizonte, MG/ Luis Arnaldo Zampiere Porto – Campinas, SP/ Luiz Pereira Lins Netto – Recife, PE/ Luiza Peixoto Baldan – Rio de Janeiro, RJ/ Mabe Machado Bethônico – Belo Horizonte, MG/ Manoel / Francisco Tavares dos Santos – Pelotas, RS/ Marcelo Luiz Silveira de Melo – Recife, PE/ Marcelo Simões Nogueira (Marcelo Noah) – Porto Alegre, RS/ Maria Gabriela de Mello Machado da Silva – Rio de Janeiro, RJ/ Mariana Lacerda Gonçalves – Recife, PE/ Matheus Rocha Pitta – Rio de Janeiro, RJ/ Paulo Roberto de Almeida – São Paulo, SP/ Rafael Adorjan Tindó – Rio de Janeiro, RJ/ Rafael// Rodrigues Gomes da Silva – Guarulhos, SP/ Regina Maria Motta Vater Lundberg – Rio de Janeiro, RJ/ Ricardo Miranda Burgarelli – Belo Horizonte, MG/ Sergio/ Mauro Romagnolo – São Paulo, SP/ Solange Pessoa – Ferros, MG/ Valéria Costa Pinto – Rio de Janeiro,RJ							
2014	Exposição	FUTEBOL NO CAMPO AMPLIADO	Eduardo Coimbra	17 junho de 2014 a 10 agosto de 2014	A exposição com 8 maquetes de estádios onde se realizam competições esportivas. Cada estádio foi projetado para um determinado jogo levando em conta suas características formais e dinâmicas. Todos os jogos foram criados a partir do futebol, tendo cada um suas próprias regras e campo de jogo. Instaladas verticalmente nas paredes para a visão frontal do espectador. Essa posição expõe de maneira explícita o desenho do campo de jogo, cercado pelas arquibancadas que definem o volume do objeto. A escala comum a todos os estádios (1:87) facilita um entendimento comparativo entre as diversas arquiteturas propostas. Junto a cada maquete um texto explicativo com as regras do jogo torna mais evidente a relação dessas arquiteturas com os jogos propostos. As maquetes sugerem uma integração espacial entre o jogo e a audiência. Em cada estádio o desenho das arquibancadas, sua escala e posicionamento, reproduzem situações espaciais vivenciadas pelos jogadores em campo. Os percursos do jogo, a visibilidade dos jogadores, os obstáculos e áreas de deslocamento se relacionam com as formas e os espaços nas arquibancadas.							
	Exposição	CLÁSSICOS E INÉDITOS	OSCAR NIEMEYER	14 agosto de 2014 a 02 novembro de 2014	Curadoria: Lauro Cavalcanti. Primeira mostra póstuma dedicada ao arquiteto com mais de 300 obras, entre plantas, croquis e projetos nunca vistos. Plantas, croquis, pranchas emolduradas, linha do tempo, fotografias, maquetes, vídeos e projetos inéditos. Dos 70 projetos apresentados na exibição, 51 nunca foram vistos ou construídos. Esses inéditos estavam em cadernos descobertos nos acervos da Fundação Oscar Niemeyer, no Rio. O setor dedicado aos clássicos reúne fotografias e maquetes de suas obras emblemáticas e, também, traz novidades. Pela primeira vez são mostrados os originais do conjunto de 20 croquis preparados pelo arquiteto, em 1997, denominados Aula. O objetivo de Niemeyer era que fossem multiplicados, percorrendo universidades de todo o país, de modo a transmitir seu pensamento plástico, político e existencial. Há também maquetes de construções referenciais, como a Igreja de Pampulha, a Catedral de Brasília e a sede do Partido Comunista Francês.							
2014	Exposição	OCUPAÇÃO ZUZU	Zuzu Angel	14 agosto de 2014 a 02 novembro de 2014	Curadoria: Hildegard Angel, filha de Zuzu, jornalista e criadora do Instituto Zuzu Angel e do Museu da Moda, Itaú Cultural (por meio dos núcleos Audiovisual e Literatura e Educação e Relacionamento), e Valdy Lopes Jn. Ocupação Zuzu, realizada pelo Itaú Cultural em parceria com o Paço, apresenta no Rio de Janeiro cerca de 400 itens referentes à vida e obra desta singular estilista pioneira na moda brasileira e reconhecida internacionalmente pelo seu trabalho e pela busca do filho, Stuart Angel, assassinado nos porões da ditadura; desde que a mostra foi exibida em São Paulo novos fatos e revelações tem sido trazidos à tona pela Comissão Nacional da Verdade sobre o paradeiro do corpo de Stuart.							
2014	Exposição	PINTURAS E DESENHOS	CHICO CUNHA	14 agosto de 2014 a 02 novembro de 2014	Curadoria: Alberto Saraiva. “Exposição com série de pequenos retratos que a partir do conjunto formam obras que expõe componentes pictóricos e lineares, mas, mais que isso se trata de seu olhar sobre individualidades e seus respectivos ajustes e acordos para formar um todo cromático. Neste caso a tensão cromática também é uma tensão social. Os retratos nos são familiares e a cor e o desenho neste caso são quase que um dado de personalidade que necessita encontrar seu lugar dentro da composição. Como para o artista uma composição é também uma negociação de espaço físico, ele apresenta na exposição a obra planta baixa, que é um desenho que envolve o espaço e a cor da parede, porque é como uma moldura que espera o espaço que está por vir, para que haja uma adaptação singular. Está aqui neste caso, aquele primeiro impulso do artista em tentar harmonizar a pintura com a arquitetura que faz parte da estrutura da obra Sonho de Valsa.”							

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2014	Exposição		Cristina Canale	17 de dezembro de 2014 a 02 de março de 2015	As pinturas de Cristina Canale não querem “dizer” nada a respeito do que existe à nossa volta, ao mesmo tempo, tampouco recusam o contexto em que existem. Nem o pouso na cartilha moderna que dava as costas para a vida, nem uma tematização que abdica da forma para apenas ilustrar algo. Suas pinturas querem edificar na carne da linguagem pictórica narrativas cíclicas, desprovidas de ponto de partida e de chegada, sendo sempre travessia. Suas casas são triângulos, as flores são linhas, um chapéu desmancha-se até tornar-se pura massa de cor, os cabelos nos chegam como círculos e cones. As pinturas edificam universos nos quais a vida mais prosaica aparece amalgamada com as formas abstratas. Assim, cada tela se infiltra na cesura entre Ser e coisa, entre o que é perene e o que é transitivo. Essa obra escolhe entrelaçar de maneira conflituosa – pois é justamente no curto-circuito que reside a sua potência – o que é do cotidiano, o que está mais próximo, e o que é pura abstração. Nesse ir e vir, tal como Penélope, Cristina Canale constrói e desconstrói, ciente de que é justamente na dinâmica entre os dois polos que se encontra o método desviante de sua poética.	Difusão da produção artística nacional	Térreo - Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes				
2014	Exposição		Waldemar Cordeiro	17 de dezembro de 2014 a 02 de março de 2015	Um olhar panorâmico sobre a obra de Waldemar Cordeiro realizada no Brasil entre 1946 e 1973 revelou um artista inquieto que ao longo de sua trajetória pesquisou linguagens artísticas distintas. Tão pungente quanto seus trabalhos plásticos foi a sua atuação como crítico de arte. As transformações em sua obra foram acompanhadas por textos de tom assertivo explicando não apenas o porquê de suas escolhas, mas a relação de sua arte com diferentes instâncias da realidade. A proposta foi exibir obras, projetos de paisagismo e textos desenvolvidos por Waldemar Cordeiro entre 1946, quando se transfere para o Brasil, e 1973, ano de seu falecimento. Para tanto, pretendeu-se apresentar suas pinturas e objetos juntamente com seus escritos (manuscritos, artigos publicados em revistas, jornais e catálogos), bem como textos de outros artistas e intelectuais sobre a obra de Cordeiro, e notícias a respeito de sua atuação no meio artístico brasileiro e internacional; A proposta era criar um percurso didático, não necessariamente cronológico, pontuado por breves textos explicativos, que permitam ao visitante compreender as relações entre obras de diferentes linguagens, bem como a relação entre a produção teórica e as diversas etapas da produção plástica de Waldemar Cordeiro. Curadoria: Fernando Cocchiarale e Arlindo Machado,	Difusão da produção artística nacional	1° Pavimento	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes; Patrocínio: Itaú Cultural	Catálogo			
2014	Exposição	Forma Fluida	Amelia Toledo	17 de dezembro de 2014 a 02 de março de 2015	Forma fluida foi uma exposição aprovada pelo edital Pró-Artes Visuais do Rio de Janeiro e que reuniu cerca de 60 obras de Amelia Toledo uma das maiores artistas em atividade no Brasil, com trabalhos de vários momentos de sua carreira, dos anos 1950 até os dias de hoje. A mostra teve curadoria de Daniela Name e Marcus de Lontra Costa e gerou um livro-catálogo panorâmico sobre a obra da artista e uma série de pequenos vídeos documentários, de cerca de 2 minutos cada, que teve por objetivo arquivar e catalogar o trabalho realizado pelo projeto e ao mesmo tempo divulgá-lo nas redes sociais, colaborando com o trabalho de comunicação e assessoria de imprensa. Outro ponto alto de Forma fluida foi sua grande vocação educativa. A obra lúdica e sensorial da artista permitiu que um trabalho de formação escolar, feito pelos mediadores e também em sinergia com a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Curadoria: Daniela Name e Marcus de Lontra Costa	Difusão da produção artística nacional	2º Pavimento	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes; Patrocínio: MLC Produções Culturais	Catálogo	Visita guiada com mediadores		
2014	Exposição	Arte Patrimônio	Gisele Camargo		Artista vencedora do Prêmio Arte e Patrimônio 2013.							

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2015	Exposição		Cristina Canale	17 de dezembro de 2014 a 02 de março de 2015	As pinturas de Cristina Canale não querem “dizer” nada a respeito do que existe à nossa volta, ao mesmo tempo, tampouco recusam o contexto em que existem. Nem o pouso na cartilha moderna que dava as costas para a vida, nem uma tematização que abdica da forma para apenas ilustrar algo. Suas pinturas querem edificar na carne da linguagem pictórica narrativas cíclicas, desprovidas de ponto de partida e de chegada, sendo sempre travessia. Suas casas são triângulos, as flores são linhas, um chapéu desmancha-se até tornar-se pura massa de cor, os cabelos nos chegam como círculos e cones. As pinturas edificam universos nos quais a vida mais prosaica aparece amalgamada com as formas abstratas. Assim, cada tela se infiltra na cesura entre Ser e coisa, entre o que é perene e o que é transitivo. Essa obra escolhe entrelaçar de maneira conflituosa – pois é justamente no curto-circuito que reside a sua potência – o que é do cotidiano, o que está mais próximo, e o que é pura abstração. Nesse ir e vir, tal como Penélope, Cristina Canale constrói e desconstrói, ciente de que é justamente na dinâmica entre os dois polos que se encontra o método desviante de sua poética.	Difusão da produção artística nacional	Térreo - Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes				
2015	Exposição		Waldemar Cordeiro	17 de dezembro de 2014 a 02 de março de 2015	Um olhar panorâmico sobre a obra de Waldemar Cordeiro realizada no Brasil entre 1946 e 1973 revelou um artista inquieto que ao longo de sua trajetória pesquisou linguagens artísticas distintas. Tão pungente quanto seus trabalhos plásticos foi a sua atuação como crítico de arte. As transformações em sua obra foram acompanhadas por textos de tom assertivo explicando não apenas o porquê de suas escolhas, mas a relação de sua arte com diferentes instâncias da realidade. A proposta foi exibir obras, projetos de paisagismo e textos desenvolvidos por Waldemar Cordeiro entre 1946, quando se transfere para o Brasil, e 1973, ano de seu falecimento. Para tanto, pretendeu-se apresentar suas pinturas e objetos juntamente com seus escritos (manuscritos, artigos publicados em revistas, jornais e catálogos), bem como textos de outros artistas e intelectuais sobre a obra de Cordeiro, e notícias a respeito de sua atuação no meio artístico brasileiro e internacional; A proposta era criar um percurso didático, não necessariamente cronológico, pontuado por breves textos explicativos, que permitam ao visitante compreender as relações entre obras de diferentes linguagens, bem como a relação entre a produção teórica e as diversas etapas da produção plástica de Waldemar Cordeiro. Curadoria: Fernando Cocchiarale e Arlindo Machado,	Difusão da produção artística nacional	1° Pavimento	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes; Patrocínio: Itaú Cultural	Catálogo			
2015	Exposição	Forma Fluida	Amelia Toledo	17 de dezembro de 2014 a 02 de março de 2015	Forma fluida foi uma exposição aprovada pelo edital Pró-Artes Visuais do Rio de Janeiro e que reuniu cerca de 60 obras de Amelia Toledo uma das maiores artistas em atividade no Brasil, com trabalhos de vários momentos de sua carreira, dos anos 1950 até os dias de hoje. A mostra teve curadoria de Daniela Name e Marcus de Lontra Costa e gerou um livro-catálogo panorâmico sobre a obra da artista e uma série de pequenos vídeos documentários, de cerca de 2 minutos cada, que teve por objetivo arquivar e catalogar o trabalho realizado pelo projeto e ao mesmo tempo divulgá-lo nas redes sociais, colaborando com o trabalho de comunicação e assessoria de imprensa. Outro ponto alto de Forma fluida foi sua grande vocação educativa. A obra lúdica e sensorial da artista permitiu que um trabalho de formação escolar, feito pelos mediadores e também em sinergia com a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Curadoria: Daniela Name e Marcus de Lontra Costa	Difusão da produção artística nacional	2º Pavimento	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes; Patrocínio: MLC Produções Culturais	Catálogo	Visita guiada com mediadores		
2015	Exposição	Arte Patrimônio	Gisele Camargo		Artista vencedora do Prêmio Arte e Patrimônio 2013. A mostra apresenta quatro obras de duas fases recentes da carioca Gisele Camargo, artista contemplada pelo Edital Prêmio Honra ao Mérito Arte e Patrimônio/2013: Cápsulas e Luas.							
2015	Exposição	Fora de Sítio	José Pedro Croft	01 de abril de 2015 a 07 de junho de 2015	O artista português José Pedro Croft apresentou a exposição “Fora de sítio”, com obras de grandes dimensões: esculturas, gravuras e desenhos. Um dos artistas em maior evidência na Europa, seu trabalho derruba as fronteiras entre suportes, não se encaixa nas tradicionais classificações de estilo e desafia qualquer rótulo. Nascido no Porto, em 1957, e hoje residente em Lisboa, nos anos 1980 Croft trabalhou com escultura em pedra, explorando relevos e modelações. A partir daí, tem em sua trajetória uma referência especial à arquitetura, principalmente no que diz respeito à organização do espaço e ao conceito de construção e desconstrução, utilizando resíduos industriais.	Difusão da produção artística nacional	Térreo - Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes		Visita guiada com Maneco Muller		
2015	Exposição	Espaços articulados	Paulo Roberto Leal	01 de abril de 2015 a 07 de junho de 2015	No primeiro piso, o público pode conferir a mostra “Espaços Articulados”, uma homenagem ao artista Paulo Roberto Leal, morto prematuramente aos 45 anos. Foram reunidas cerca de 100 telas, alguns objetos e três instalações que representam um pouco da breve trajetória do artista. As obras, de coleções como João Leão Sattamini e Gilberto Chateaubriand, poucas vezes vistas juntas, estiveram espalhadas por quatro salas. . A partir daqui podemos conhecer os quase 25 anos de trajetória do artista que nunca cursou escolas de arte ou lançou mão de aulas particulares e observar a importância de sua obra no contexto da arte contemporânea brasileira. Curadoria: Claudia Saldanha	Difusão da produção artística nacional	1º Pavimento (Galerias: Gomes Freire, 13 de Maio, Trono, Dossel e Amarela)	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes		Visita guiada com a Curadora		
2015	Exposição	Glossário dos Nomes Próprios	Alex Cerveny	01 de abril de 2015 a 07 de junho de 2015	Alex Cerveny falou sobre o universo masculino em “Glossário dos Nomes Próprios”. Na mostra, o artista apresentou uma série de 30 desenhos feitos com nanquim em papel de arroz e uma pintura a óleo sobre tecido. Todos os trabalhos tinham como foco o corpo masculino, carregados de forte lirismo, relacionando desejo, história e paisagem. Foi uma exposição diferente de tudo que o artista já fez, pois se aprofundou em um tema que ele sempre tratou informalmente. São também os trabalhos de maior dimensão que já realizou. Expor no Paço Imperial neste momento da carreira do artista foi muito recompensador. Curadoria: Renato Rezende	Difusão da produção artística nacional	1º Pavimento (Galerias: Seletos e Mestre Valentim)	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes e Casa Triangulo.		Visita guiada com o artista e o curador		
2015	Exposição	Imagética	Ana Vitória Mussi	01 de abril de 2015 a 07 de junho de 2015	A mostra “Imagética” (1968 – 2015), de Ana Vitória Mussi, ocupou todo o segundo andar do Paço e apresentou obras inéditas, além de parte do acervo da artista. Em quatro salas, os visitantes puderam apreciar 26 trabalhos, entre instalações, fotografias-serigráficas e fotografia-objetual. Imagética percorreu a trajetória de quase cinco décadas de trabalho de Mussi, com obras produzidas de 1968 aos dias de hoje. Curadoria: Marisa Flórido Cesar e Adolfo Montejo Navas	Difusão da produção artística nacional	2º Pavimento	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes e Fase 10 Ação Contemporânea. Patrocínio: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro		Visita guiada com a artista e os curadores.		
2015	Exposição	Uma pausa em pleno voo	Efrain Almeida	02 de julho de 2015 a 13 de setembro de 2015	A exposição focou em obras recentes e em outros trabalhos, pontuais, que destacaram os conceitos de suspensão, êxtase, anunciação. Para este recorte, suspensão e êxtase definiriam a própria condição das obras, diminutas, exigindo espaços ampliados, configurando imagens solitárias. Efrain, nos anos recentes, vem trabalhando com ícones que tanto se relacionam com a história da arte, quanto com a história das religiões, como a representação do êxtase de Santa Teresa D’Ávila. Com isso, o projeto compreendeu uma exposição, onde as salas do espaço expositivo foram ocupadas com instalações especiais. Efrain Almeida vem criando trabalhos com vôos de pássaros bordados em tecidos, superpostos em transparência, que ativam esta compreensão do voar. Portanto, o projeto destacou vôos, êxtases, suspensões. Nestas três categorias, tivemos a representação do vôo, com os emblemáticos beija-flores em esculturas. A ideia do êxtase no corpo apareceu em representações de olhos em êxtases em aquarela; para suspensão, temos as esculturas que mostraram cisnes e pássaros, característicos do bestiário na produção de Efrain, como imagens pastorais. Curadoria: Marcelo Campos	Difusão da produção artística nacional	Térreo – Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes; Centro Cultural Banco do Nordeste e Galeria Fortes Vilaça.		Visita guiada com o artista e o curador.		

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2015	Exposição	MARIA DE TODOS NÓS - Exposição em homenagem aos 50 anos de carreira de Maria Bethânia		02 de julho de 2015 a 13 de setembro de 2015	A mostra ocupou todo o primeiro andar do Paço Imperial, inclusive as áreas de acesso e corredores de serviço, criando um espaço circular – onde o visitante escolheu o seu percurso. Ao todo as doze salas foram ocupadas por: trabalhos inéditos de Maria Bethânia (entalhes em madeiras, alguns cadernos de trabalho, base de suas criações, o camarim de palco utilizado em todas as suas apresentações); imagens públicas, enviadas por fotógrafos e fãs, e pessoais da cantora (impressas em tecido e expostas num corredor inspirado no da casa de Dona Canô e Seu Zezinho, mãe e pai da artista, que era o caminho para as comemorações no quintal da casa em Santo Amaro); obras num altar de feno, retratando um Brasil onde o sincretismo religioso impera; cenografias com obras do acervo do Museu do Inconsciente e do Instituto Pinel; cerâmicas e esculturas; obras de artistas plásticos, bordadeiras e estilistas que remetem aos artesãos do interior; objetos, joias, móveis, e perfumes; arte popular. Além dessas obras em suportes variados, Bia Lessa, curadora da mostra, criou uma instalação, a partir de 100 casas de madeira de 40 x 40 construídas por Getúlio (artista popular carioca) que tinham em diálogo com um céu coberto por 22.000 sacos de água envelopados pelas receitas de Dona Canô – num espaço destinado a Santo Amaro da Purificação, onde sagrado e profano caminharam juntos. Curadoria: Bia Lessa.	Difusão da produção artística nacional	1º Pavimento	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes e Camuflagem Cenografia. Patrocínio: Natura		Visita guiada com a curadora. Saraus musicais aos sábados e domingos com diversos músicos amigos da Maria Bethânia; Mostra de filmes e vídeos e DVDs de Maria Bethânia.		
2015	Exposição	Atlas	Ricardo Ventura	02 de julho de 2015 a 13 de setembro de 2015	Nesta exposição, o artista Ricardo Ventura, apresentou uma seleção de trabalhos em distintas materialidades, além de obras inéditas. Mais ligado às possibilidades da matéria e ao uso das ferramentas do que, propriamente, a construções narrativas, Ricardo Ventura é um artista nucleado nas atividades do ateliê. Sim, mais do que afeito a condições conceituais em rastilhos rápidos, deixando o truque sobrevir ao trabalho, Ventura se dedica em tempo alongado ao que pode ser retirado do contato entre materiais, técnicas, ferramentas. Porém, como resultado, temos uma construção inquietante que se acumula ou se individualiza sobre as mesas, escorre pelas paredes, pende dos tetos, alcança, agora, a mata. Entre tradições variadas, a forma e o conteúdo, o gráfico e o escultórico, a arte e a arquitetura, o ornamento e a forma orgânica, a seriação industrial e familiar, o artista que foi aluno de Celeida Tostes no Parque Lage, Chapéu Mangueira e UFRJ, investiga questões que qualificam a contemporaneidade de sua obra. As obras tridimensionais de Ventura transitam entre a rigidez da madeira e a fragilidade do vidro. Grandes trabalhos de madeira ocuparam o espaço expositivo, ânforas de cobre e vidro espelhado ficaram dispostas nas paredes ao lado de trabalhos de formas longilíneas e orgânicas que se estendiam até o chão. Inspirado em volutas barrocas, coruchéus, geometrismos islâmicos e outros ornamentos, o artista teve a arquitetura como referência formal de seu trabalho. Curadoria: Marcelo Campos	Difusão da produção artística nacional	2º Pavimento	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes.		Visita guiada com o artista e o curador.		
2015	Exposição	Not Vital	Not Vital	08 de outubro de 2015 a 29 de novembro de 2015	O Paço Imperial apresentou as obras do célebre escultor suíço Not Vital (1948) na primeira exposição institucional do artista na América do Sul. Aos mais de 60 anos de idade e com uma carreira que perpassa quatro décadas, Vital surge como pensador singular e original, cuja prática artística envolve filosofias sobre habitação e vida material. Acostumado a um estilo de vida nômade, Not Vital é um incansável viajante e explorador curioso. Sua obra busca inspiração e admiração em muitos lugares distintos e díspares que o artista, ao longo do tempo, chamou de lar. Criado no pequeno vilarejo de Sent, situado na região elevada e montanhosa do vale Engadin, na Suíça, Vital, desde então, viajou ao redor do mundo, fixou residência primeiro em Nova York, durante a década de 1980, e, depois, internacionalmente. Entre continentes, montou estúdios e construiu esculturas arquitetônicas como habitações transitórias em centros urbanos e vastas paisagens desde o Cairo, no Egito, e a Patagônia, no Chile, até Agadez, em Níger, Pequim, na China, Flores, ilha da Indonésia, e Rio de Janeiro. Envolvendo-se com as impressões culturais locais e assimilando-as em sua prática artística mais ampla, Vital traz obras nesta exposição que exploram o relacionamento entre materialidade, forma e significado; elas apresentam temas familiares que o artista concebe de modos totalmente inesperados.	Difusão da produção artística nacional	Térreo – Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes e Galeria Nara Roesler.				
2015	Exposição	Singularidades/ Anotações: Rumos Artes Visuais 1998-2013	Coletiva	15 de outubro de 2015 a 29 de novembro de 2015	Depois de apoiar a produção de mais de mil artistas e pesquisadores de todas as regiões do Brasil, o Itaú Cultural, por meio do Rumos Itaú Cultural, plataforma de fomento do Itaú Cultural à produção artística brasileira, fez uma homenagem aos selecionados desde o primeiro edital até a 16ª edição, quando o programa passou por uma reformulação. A exposição, apresentada ano passado em São Paulo, reúne cerca de 50 trabalhos de 35 artistas contemplados de 1998 a 2013 nos editais de Artes Visuais, Arte e Tecnologia, Transmídia e Novas Mídias. O público pode conferir um conjunto bastante heterogêneo de obras, parte delas inédita, entre pinturas, gravuras, fotografias, instalações, vídeos, performances e projetos interativos. "É uma mostra muito rica em termos de linguagens e abordagens, dispositivos e recursos", explica Regina Silveira, uma das curadoras da mostra. Curadoria: Aracy Amaral, Regina Silveira e Paulo Miyada	Difusão da produção artística nacional	1º Pavimento	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes; Patrocínio: Itaú		Visita guiada com os curadores.		
2015	Exposição	Formas incandescentes	Mauricio Bentes	15 de outubro de 2015 a 29 de novembro de 2015	A mostra apresentou 35 obras que traçam um panorama do trabalho do artista que iniciou sua carreira em 1981, despontou como um dos expoentes da Geração 80 e morreu precocemente em 2003, aos 45 anos. Discípulo de Celeida Tostes na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio e de Haroldo Barroso nas Oficinas do Museu do Ingá, em Niterói, Bentes foi o grande nome da escultura brasileira da década de 1980 até o ano 2000. A poética sensorial do artista ultrapassa os limites da escultura e envolve outros sentidos além da visão. Sua obra tridimensional transita por esculturas, instalações, videoinstalações, monumentos públicos, intervenções, cenografias para cinema, espetáculos teatrais e balés. Inicialmente em cerâmica e depois em ferro e aço, suas obras caracterizam-se por uma ação incisiva do fogo que molda e transforma os materiais. Curadoria: Marcus Lontra	Difusão da produção artística nacional	2º Pavimento	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes; Patrocínio: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro				
2015	Exposição	Jaguares	José Bechara	17 de dezembro de 2015 a 28 de fevereiro de 2016	O carioca José Bechara ocupa a sala do térreo do Paço com sete pinturas em três dimensões. Intitulada "Jaguares", a exposição de trabalhos inéditos e recentes, em grandes formatos, resulta da pesquisa de dois anos do artista sobre limites da pintura. Ele usa materiais como vidro, papel glassine, mármore, lâmpada e cabos de aço. Junto com as pinturas tridimensionais estará "Miss Lu Silver Super-Super" (2013), da série "Esculturas gráficas", de 2009, incluída aqui por trazer questões também relativas à gravidade semelhantes às das obras com planos de vidro. Nesta individual, ele, que produz no ateliê simultaneamente pinturas e esculturas, pretende confrontar e colidir essas duas experiências.	Difusão da produção artística nacional	Térreo – Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes e Galeria Lurix.				
2015	Exposição		Célia Euvaldo	17 de dezembro de 2015 a 28 de fevereiro de 2016	A paulistana Célia Euvaldo apresenta conjuntos de cinco colagens e de cinco pinturas, datados de 2013 a 2015. Todos os trabalhos desta mostra sugerem uma geometria que não se cumpre. Os acasos, as imprecisões da mão também colaboram para a não realização da geometria. Diferentemente de obras anteriores, em que parte da tela não era pintada, a superfície dos trabalhos recentes é toda recoberta com tinta preta. Os elementos verticais estruturam os quadros, atravessando ortogonalmente as linhas horizontais. Euvaldo avalia que o preto aqui não é cor e sim matéria. As pinturas, diz ela, se estendem para dentro como buracos negros, e também se modificam como as colagens, não fisicamente, mas com a incidência de luz e o ângulo do olhar do espectador. Curadoria: Vanda Klabin	Difusão da produção artística nacional	1 º Pavimento (Gomes Freire e Ante Sala)	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes.				

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2015	Exposição		Renata Tassinari	17 de dezembro de 2015 a 28 de fevereiro de 2016	A paulistana Renata Tassinari mostra 16 trabalhos, entre pinturas de grandes dimensões sobre acrílico e desenhos em óleo sobre papel japonês, inéditos no Rio de Janeiro, celebrando 30 anos de carreira. A curadora de Vanda Klabin fez um recorte da última década de produção da artista para a exposição do Paço Imperial. Nos últimos anos, o quadro deixou de ser um elemento neutro, passando a fazer parte da estrutura da obra da artista. Os chassis podem variar em dípticos, trípticos ou telas em variadas dimensões, cada uma realizada sobre estrutura fracionada de espessuras diversas, entremeadas com madeira e acrílico, campos de cor e um rigoroso jogo geométrico. Curadoria: Vanda Klabin	Difusão da produção artística nacional	1 º Pavimento (13 de Maio e Trono)	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes.				
2015	Exposição	A vida é a soma errada das verdades	David Cury	17 de dezembro de 2015 a 28 de fevereiro de 2016	David Cury, artista piauiense, radicado no Rio de Janeiro, descreve conceitualmente sua instalação inédita, que ocupa três espaços do Paço Imperial, como uma "paisagem cívica negativa". O eixo do trabalho são 15 textos irônicos sobre três formas de violência incorporadas ao nosso cotidiano: a social ("Aos que matam por hábito jamais os pardos foram tão alvos"), a política ("A ianque Dorothy Stang não voltou para casa") e a moral ("Aqui o mal ao menos de impostura prescinde"). Seja de senso metafórico, filosófico ou lírico, cada uma delas quer ser um aforismo. Aqui a palavra quer valer por uma imagem, em confronto com uma imagem vale por mil palavras.	Difusão da produção artística nacional	1 º Pavimento (Dossel, Amarela e parte da Mestre Valentim)	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes, Decortiles, Makers e MLS.				
2015	Exposição	No Interior do Tempo	Cristina Salgado	17 de dezembro de 2015 a 28 de fevereiro de 2016	A carioca Cristina Salgado apresenta uma instalação composta pela série Poemas visuais interiores (2015) - cerca de vinte desenhos em guache e impressão sobre papel de algodão, partindo de ilustrações apropriadas de um livro de anatomia seccional humana. Esses poemas visuais estão instalados sobre duas longas paredes laterais da sala. Ao fundo da Sala expositiva, há uma grande projeção de imagem em movimento, a mesma que está em um pequeno monitor, pousado no interior de um armário vertical de ferro e vidro situado no centro do espaço; cinco esculturas em ferro fundido da série Humanoinumano (1995) e elementos diversos de mobiliário industrial obsoleto se relacionam nessa região do espaço expositivo. Curadoria: Marcelo Campos	Difusão da produção artística nacional	1 º Pavimento (Seletos)	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes e Faperj.				
2015	Exposição	Essas pessoas na sala de jantar	Bruno Miguel	17 de dezembro de 2015 a 28 de fevereiro de 2016	O carioca Bruno Miguel apresenta duas instalações inéditas: "Essas pessoas na sala de jantar" e "Cristaleira". "Essas pessoas…" é formada por 400 composições com peças de porcelana de vários países (prato, copo, xícara, pires, bule, manteigueira, sopeira), espuma de poliuretano, papel maché, pequenas árvores esculpidas pelo artista e tinta de cores vibrantes. As quatro centenas de peças são esculturas individuais, que nunca se repetem. Os ítens são agrupados no chão, com intervalos que permitem o trânsito do visitante entre eles. Durante a temporada da exposição, os objetos serão rearranjados no espaço, criando diferentes percursos pela sala. Em uma sala vizinha, estará "Cristaleira" composta por 150 esculturas, também únicas, sobre uma prateleira de vidro que percorre as paredes do espaço expositivo. Essas são objetos utilitários de vidro e cristal (copo, taça, bowl, garrafa), preenchidos com resina de poliéster colorida com spray, que formam esculturas por encaixe, empilhamento ou justaposição. Em algumas esculturas, o artista retira o vidro que serviu de molde e usa a forma de resina na obra. Curadoria: Bernardo Mosqueira	Difusão da produção artística nacional	1 º Pavimento (Mestre Valentim e Academia dos Felizes)	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes, Luciana Caravello Arte Contemporânea e Esch Café.				
2015	Exposição	Viés	Amalia Giacomini	17 de dezembro de 2015 a 28 de fevereiro de 2016	A paulistana Amalia Giacomini, radicada no Rio de Janeiro, investiga questões da percepção do espaço, da arquitetura e de suas representações, através de instalações e objetos. Seus trabalhos remetem a elementos abstratos – como linhas, pontos, grades, perspectivas, em que o ar atravessa e faz parte deles. A artista se propõe tornar visível o vazio ao espectador. Nessa individual no Paço Imperial, ela apresenta sete obras, entre as quais duas instalações inéditas. A primeira, à entrada da sala, é composta por correntes finas na cor grafite, suspensas pelo teto, formando um grande volume – serão utilizados 500 metros de corrente. Como uma escultura sem matéria, sem massa e transparente, a obra poderá ser atravessada pelo visitante: ora ele estará dentro, ora por baixo dela. Pela característica do material, leve e flexível, a instalação está sujeita ao toque e à movimentação de ar do ambiente. A outra instalação terá relação direta com a janela da sala. Ela é composta por telas translúcidas, espécies de filtros de luz, criando um diálogo visual entre interior e exterior. Curadoria: Felipe Scovino	Difusão da produção artística nacional	2 º Pavimento (Marques de Lavradio e José de Alpoim)	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes.				

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2016	Exposição	Jaguares	José Bechara	17 de dezembro de 2015 a 28 de fevereiro de 2016	O carioca José Bechara ocupa a sala do térreo do Paço com sete pinturas em três dimensões. Intitulada “Jaguares”, a exposição de trabalhos inéditos e recentes, em grandes formatos, resulta da pesquisa de dois anos do artista sobre limites da pintura. Ele usa materiais como vidro, papel glassine, mármore, lâmpada e cabos de aço. Junto com as pinturas tridimensionais estará “Miss Lu Silver Super-Super” (2013), da série “Esculturas gráficas”, de 2009, incluída aqui por trazer questões também relativas à gravidade semelhantes às das obras com planos de vidro. Nesta individual, ele, que produz no ateliê simultaneamente pinturas e esculturas, pretende confrontar e colidir essas duas experiências.	Difusão da produção artística nacional	Térreo – Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes e Galeria Lurix.				
2016	Exposição		Célia Euvaldo	17 de dezembro de 2015 a 28 de fevereiro de 2016	A paulistana Célia Euvaldo apresenta conjuntos de cinco colagens e de cinco pinturas, datados de 2013 a 2015. Todos os trabalhos desta mostra sugerem uma geometria que não se cumpre. Os acasos, as imprecisões da mão também colaboram para a não realização da geometria. Diferentemente de obras anteriores, em que parte da tela não era pintada, a superfície dos trabalhos recentes é toda recoberta com tinta preta. Os elementos verticais estruturam os quadros, atravessando ortogonalmente as linhas horizontais. Euvaldo avalia que o preto aqui não é cor e sim matéria. As pinturas, diz ela, se estendem para dentro como buracos negros, e também se modificam como as colagens, não fisicamente, mas com a incidência de luz e o ângulo do olhar do espectador. Curadoria: Vanda Klabin	Difusão da produção artística nacional	1 º Pavimento (Gomes Freire e Ante Sala)	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes.				
2016	Exposição		Renata Tassinari	17 de dezembro de 2015 a 28 de fevereiro de 2016	A paulistana Renata Tassinari mostra 16 trabalhos, entre pinturas de grandes dimensões sobre acrílico e desenhos em óleo sobre papel japonês, inéditos no Rio de Janeiro, celebrando 30 anos de carreira. A curadora de Vanda Klabin fez um recorte da última década de produção da artista para a exposição do Paço Imperial. Nos últimos anos, o quadro deixou de ser um elemento neutro, passando a fazer parte da estrutura da obra da artista. Os chassis podem variar em dípticos, trípticos ou telas em variadas dimensões, cada uma realizada sobre estrutura fracionada de espessuras diversas, entremeadas com madeira e acrílico, campos de cor e um rigoroso jogo geométrico. Curadoria: Vanda Klabin	Difusão da produção artística nacional	1 º Pavimento (13 de Maio e Trono)	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes.				
2016	Exposição	A vida é a soma errada das verdades	David Cury	17 de dezembro de 2015 a 28 de fevereiro de 2016	David Cury, artista piauiense, radicado no Rio de Janeiro, descreve conceitualmente sua instalação inédita, que ocupa três espaços do Paço Imperial, como uma “paisagem cívica negativa”. O eixo do trabalho são 15 textos irônicos sobre três formas de violência incorporadas ao nosso cotidiano: a social (“Aos que matam por hábito jamais os pardos foram tão alvos”), a política (“A ianque Dorothy Stang não voltou para casa”) e a moral (“Aqui o mal ao menos de impostura prescinde”). Seja de senso metafórico, filosófico ou lírico, cada uma delas quer ser um aforismo. Aqui a palavra quer valer por uma imagem, em confronto com uma imagem vale por mil palavras.	Difusão da produção artística nacional	1 º Pavimento (Dossel, Amarela e parte da Mestre Valentim)	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes, Decortiles, Makers e MLS.				
2016	Exposição	No Interior do Tempo	Cristina Salgado	17 de dezembro de 2015 a 28 de fevereiro de 2016	A carioca Cristina Salgado apresenta uma instalação composta pela série Poemas visuais interiores (2015) - cerca de vinte desenhos em guache e impressão sobre papel de algodão, partindo de ilustrações apropriadas de um livro de anatomia seccional humana. Esses poemas visuais estão instalados sobre duas longas paredes laterais da sala. Ao fundo da Sala expositiva, há uma grande projeção de imagem em movimento, a mesma que está em um pequeno monitor, pousado no interior de um armário vertical de ferro e vidro situado no centro do espaço; cinco esculturas em ferro fundido da série Humanoinumano (1995) e elementos diversos de mobiliário industrial obsoleto se relacionam nessa região do espaço expositivo. Curadoria: Marcelo Campos	Difusão da produção artística nacional	1 º Pavimento (Seletos)	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes e Faperj.				
2016	Exposição	Essas pessoas na sala de jantar	Bruno Miguel	17 de dezembro de 2015 a 28 de fevereiro de 2016	O carioca Bruno Miguel apresenta duas instalações inéditas: “Essas pessoas na sala de jantar” e “Cristaleira”. “Essas pessoas…” é formada por 400 composições com peças de porcelana de vários países (prato, copo, xícara, pires, bule, manteigueira, sopeira), espuma de poliuretano, papel maché, pequenas árvores esculpidas pelo artista e tinta de cores vibrantes. As quatro centenas de peças são esculturas individuais, que nunca se repetem. Os ítens são agrupados no chão, com intervalos que permitem o trânsito do visitante entre eles. Durante a temporada da exposição, os objetos serão rearranjados no espaço, criando diferentes percursos pela sala. Em uma sala vizinha, estará “Cristaleira” composta por 150 esculturas, também únicas, sobre uma prateleira de vidro que percorre as paredes do espaço expositivo. Essas são objetos utilitários de vidro e cristal (copo, taça, bowl, garrafa), preenchidos com resina de poliéster colorida com spray, que formam esculturas por encaixe, empilhamento ou justaposição. Em algumas esculturas, o artista retira o vidro que serviu de molde e usa a forma de resina na obra. Curadoria: Bernardo Mosqueira	Difusão da produção artística nacional	1 º Pavimento (Mestre Valentim e Academia dos Felizes)	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes, Luciana Caravello Arte Contemporânea e Esch Café.				
2016	Exposição	Viés	Amalia Giacomini	17 de dezembro de 2015 a 28 de fevereiro de 2016	A paulistana Amalia Giacomini, radicada no Rio de Janeiro, investiga questões da percepção do espaço, da arquitetura e de suas representações, através de instalações e objetos. Seus trabalhos remetem a elementos abstratos – como linhas, pontos, grades, perspectivas, em que o ar atravessa e faz parte deles. A artista se propõe tornar visível o vazio ao espectador. Nessa individual no Paço Imperial, ela apresenta sete obras, entre as quais duas instalações inéditas. A primeira, à entrada da sala, é composta por correntes finas na cor grafite, suspensas pelo teto, formando um grande volume – serão utilizados 500 metros de corrente. Como uma escultura sem matéria, sem massa e transparente, a obra poderá ser atravessada pelo visitante: ora ele estará dentro, ora por baixo dela. Pela característica do material, leve e flexível, a instalação está sujeita ao toque e à movimentação de ar do ambiente. A outra instalação terá relação direta com a janela da sala. Ela é composta por telas translúcidas, espécies de filtros de luz, criando um diálogo visual entre interior e exterior. Curadoria: Felipe Scovino	Difusão da produção artística nacional	2 º Pavimento (Marques de Lavradio e José de Alpoim)	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes.				
2016	Exposição	Anatomia da Cor	Elisa Bracher	23 de março de 2016 a 29 de maio de 2016	Conhecida por atuar nos limites de escala, peso e equilíbrio, com obras monumentais, a paulista Elisa Bracher expos no Paço Imperial. Artista multimídia, Bracher trabalha com gravura, escultura e desenho simultaneamente, como meios diferentes de uma mesma trama intertextual. A mostra “Anatomia da Flor” reúniu 86 trabalhos, entre esculturas de pedra, grandes desenhos e uma instalação no pátio central do edifício. O destaque ficou por conta de uma série inédita de desenhos de grande dimensão, onde a artista explorou pela primeira vez o uso da cor. Curadoria: Elisa Byington	Difusão da produção artística nacional	Térreo - Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Alves Tegan;		Visita guiada com a artista e curadora no dia 22 de maio.		
2016	Exposição	Muda	Tatiana Grinberg	23 de março de 2016 a 29 de maio de 2016	No primeiro piso, o público pode conferir a mostra “muda”, da artista Tatiana Grinberg. A artista carioca apresentou instalações, desenhos e uma videoinstalação. "Já faz tempo, mas quando me dei conta de que ainda não havia elaborado uma fala ou texto para a exposição, pensei que há muito tempo não passava por uma situação assim. A exposição estava muda", afirma Tatiana no texto de apresentação da mostra, ao justificar o título escolhido.	Difusão da produção artística nacional	1º Pavimento (Galeria: Gomes Freire)	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes		Visita guiada com a artista no dia 22 de maio.		

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2016	Exposição	Paisagem ainda que	Manfredo de Souzanetto	23 de março de 2016 a 29 de maio de 2016	Com o nome 'Paisagem ainda que', a mostra reuniu uma seleção de quarenta anos da carreira do artista mineiro radicado no Rio de Janeiro. Foram 25 obras produzidas entre 1976 e 2016, englobando 40 anos de sua produção artística. A exposição contou com diferentes suportes como fotos, pinturas, esculturas, e nela se perceberam dois traços característicos, frequentemente entrelaçados: a reflexão sobre a paisagem e a investigação de possibilidades em aberto para a pintura na contemporaneidade. Curadoria: Luiz Eduardo Meira de Vasconcellos	Difusão da produção artística nacional	1º Pavimento (Galerias: 13 de maio, Trono e Dossel)	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes e Lupa.		Visita guiada com o artista e o curador no dia 22 de maio.		
2016	Exposição	Jogando com a armadilha	Marco Veloso	23 de março de 2016 a 29 de maio de 2016	A mostra "Jogando com a armadilha" apresentou um conjunto de cerca de 20 telas pintadas a óleo, produzidas desde 2013. Numa segunda sala (infanta Humanidade), além de quadros, também foi mostrada uma centena de esboços preparatórios, os quais elucidam aspectos fundamentais da construção dos desenhos levados às telas, iluminando parte significativa do modo atual de Marco Veloso desenhar.	Difusão da produção artística nacional	1º Pavimento (Galerias: Seletos e Mestre Valentim)	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes e Galeria Inox.		Visita guiada com a artista no dia 22 de maio.		
2016	Exposição	Diante dos olhos os gestos	Regina de Paula	23 de março de 2016 a 29 de maio de 2016	Os trabalhos reunidos nesta mostra individual fizeram parte de uma pesquisa recente, fundamentada na viagem que Regina de Paula fez a Israel. Ao conhecer e vivenciar aspectos peculiares da paisagem milenar de Jerusalém, questões anteriormente identificáveis em outras séries de obras passaram a conviver com novos interesses de investigação poética. Desde então, a artista tem utilizado a Bíblia como objeto, tanto em relação à sua materialidade quanto aos significados abrangidos em suas histórias. Passa a desenvolver séries de fotoperformances, conjunto de imagens fotográficas apresentadas como sequências narrativas que, a partir de sua condição alegórica, procuram transpor para o contexto cultural carioca (considerando-se também certos reflexos da colonização brasileira ainda hoje verificáveis socialmente) uma metáfora de libertação, deduzível em paisagens bíblicas, sejam elas literais ou simbólicas. Curadoria: Ivair Reinaldim	Difusão da produção artística nacional	2º Pavimento	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes. Patrocínio: FAPERJ		Visita guiada com a artista e curador no dia 22 de maio.		
2016	Exposição	Cântico	Flavio Colker	23 de junho de 2016 a 31 de julho de 2016	A mostra trouxe uma série de fotografias realizadas no México e no Rio de Janeiro, com retratos de sua ex mulher e artista, a mexicana Daniela Vidal, em performances que remetem ao erotismo, êxodo, solidão e reencontro com a natureza. Flávio chamou a mostra de Cântico, para que as fotos " toquem os seus olhos com a intensidade e a clareza da canção. Que este cântico, feito de retratos de uma mulher, torne em sublime o banal das experiências que me sucederam". Com uma estética pré-rafaelita, inspirada num livro que Daniela folheou por acaso num sebo, as fotos retrataram cenas do cotidiano em que a modelo é retratada tanto no cenário caseiro como na paisagem rural e solar mexicana, num trabalho que resulta de um consistente apuro técnico com a força poética das cenas representadas.	Difusão da produção artística nacional	Térreo – Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes				
2016	Exposição	Fotografia em três séries	Daniel Feingold	23 de junho de 2016 a 31 de julho de 2016	A fotografia para Feingold é um modo de apreensão do real e o eixo condutor do seu aparelho sensível e perceptivo, seja através de uma premissa construtiva; do uso sequencial de elementos geométricos; da potencialização de um cromatismo; da repetição, saturação ou acumulação de elementos; do imediatismo ou do próprio jogo de luz e sombra. Aqui estão sendo germinadas as transformações e as pulsações de uma nova energia plástica contemporânea. A mostra reuniu três séries fotográficas onde o trabalho do artista esteve ligado à investigação fotográfica para onde se volta como um exercício de metalinguagem. Curadoria: Vanda Klabin	Difusão da produção artística nacional	Térreo – Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes e Tamanduá Arte.				
2016	Exposição	Colisões	Cezar Bartholomeu	23 de junho de 2016 a 31 de julho de 2016	A exposição reuniu uma seleção de imagens recentes que tinham como questão o encontro com a cidade do Rio de Janeiro. Viver nesta cidade implica assumir o descentramento como posição do olhar, a desnaturalização como tática e, sobretudo, a ciência de uma compressão contemporânea do espaço e do tempo.	Difusão da produção artística nacional	Térreo – Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes e FineArt Rio.				
2016	Exposição	A Virgem do Alto do Moura	Nadam Guerra	23 de junho de 2016 a 28 de agosto de 2016	A Virgem do Alto do Moura de Nadam Guerra. Sob a curadoria de Raphael Fonseca, a mostra, apresenta esculturas, vídeos e o livro Os doze passos da Virgem do Alto do Moura, resultados da pesquisa, iniciada em 2014, durante a residência artística nos ateliês dos herdeiros e discípulos de Mestre Vitalino no bairro Alto do Moura, em Caruaru, PE. Os trabalhos apresentados foram esculturas com a imagem da própria virgem e de seus filhos, divindades, concebidas e paridas nos intercursos sexuais e artísticos com seres mitológicos de outras culturas acontecidos durante sua peregrinação pelo mundo até Atlântida, que seria a nova capital do Sertão. As cenas da viagem – os doze passos – assim como as cenas de sexo com deuses do mundo – os 12 encontros - foram registradas escultoricamente e também foram exibidas na exposição. Curadoria: Raphael Fonseca	Difusão da produção artística nacional	Térreo – Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes. Patrocínio: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro				
2016	Exposição	Série Piscinas	Maritza Caneca	23 de junho de 2016 a 28 de agosto de 2016	Com curadoria da historiadora e cientista social Vanda Klabin, a mostra "Maritza Caneca | Série Piscinas" apresentou uma seleção inédita de 25 fotografias, em grandes e pequenas dimensões, ampliadas em papel algodão. O olhar de Maritza, que começou a carreira como fotógrafa de cinema, está refletido em diferentes equipamentos aquáticos que encontra pelo caminho. Públicas ou não, mas sempre sem a presença humana, as piscinas foram registradas em lugares como Laos, Bangcoc, Vietnã, Camboja, Estados Unidos, Suíça, Itália, Cuba, Israel, além do Rio de Janeiro, lugar em que vive e atua. Curadoria: Vanda Klabin	Difusão da produção artística nacional	Academia dos Felizes	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes				
2016	Exposição	O Paço, a praça e o morro		23 de junho de 2016 a 28 de agosto de 2016	Composta por 200 imagens de grandes mestres da fotografia brasileira e de fotógrafos anônimos e amadores que registraram o centro do Rio de Janeiro, a exposição O Paço, a praça e o morro reuniu trabalhos que construíram a representação fotográfica da cidade durante o Segundo Reinado e as primeiras décadas da República. Realizar esta exposição no próprio Paço Imperial permitiu que se lançasse um olhar privilegiado sobre este importante edifício, de valor referencial único na cidade. Os registros fotográficos aqui reunidos foram uma oportunidade de se confrontar in loco a evolução histórica de uma importante região da cidade, formada por este edifício e seu entorno − a praça ou largo do Paço, hoje praça XV de Novembro, e o próprio marco fundador da cidade, o morro do Castelo, removido há quase um século da paisagem e, consequentemente, também da própria memória que se tem da cidade. Curadoria: Sergio Burgi.	Difusão da produção artística nacional	2º Pavimento	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes; Patrocínio: Instituto Moreira Salles				

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2016	Exposição	A Emergência do Contemporâneo: A Vanguarda no Japão, 1950-1970	Incluindo trabalhos dos coletivos Gutai (Atsuko Tanaka, Sadamasa Motonaga, Kazuo Shiraga), Hi-Red Center (Genpei Akasegawa, Jiro Takamatsu, e Natsuyuki Nakanishi), e Jikken Kobo (Katsuhiro Yamaguchi e Shozo Kitadai), dos pintores Tatsuo Ikeda e Hiroshi Nakamura, a poesia concreta de Katue Kitasono e Seiichi Niikuni e a arte conceitual de Yoko Ono e Yutaka Matsuzawa e fotografias de Mitsutoshi Hanaga.	14 de julho de 2016 a 28 de agosto de 2016	A mostra apresentou pela primeira vez no Brasil o panorama da arte de vanguarda no Japão, de 1950 a 1970 e enfocou artistas cuja reflexão e prática marcaram a transição da pintura ao objeto tridimensional, a performance e a arte conceitual. A exposição reuniu algumas das obras mais representativas do período, além de fotografias, filmes e documentos históricos. A exposição contou com algumas das obras mais representativas da arte japonesa do pós-guerra, incluindo trabalhos dos coletivos Gutai (Atsuko Tanaka, Sadamasa Motonaga, Kazuo Shiraga), Hi-Red Center (Genpei Akasegawa, Jiro Takamatsu, e Natsuyuki Nakanishi), e Jikken Kobo (Katsuhiro Yamaguchi e Shozo Kitadai), dos pintores Tatsuo Ikeda e Hiroshi Nakamura, a poesia concreta de Katue Kitasono e Seiichi Niikuni e a arte conceitual de Yoko Ono e Yutaka Matsuzawa e fotografias de Mitsutoshi Hanaga, que acompanhou de perto e documentou a atividade dos grupos de vanguarda no Japão dos anos 1960. Curadoria: Pedro Erber	Difusão da produção artística nacional	1º Pavimento	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI e Lufthansa; Produção: Base 7; Patrocínio: Fundação Japão, Fundação Ishibashi;		Visita guiada com o curador.		
2016	Exposição		Marcone Moreira	21 de setembro de 2016 a 20 de novembro de 2016	Nos trabalhos exibidos estavam inscritos alguns dos paradoxos que movem sua produção desde cedo e que nela persistem como centrais. O mais evidente deles talvez seja o interesse por construir algo novo por mera apropriação do que já existe como coisa dada. A ele logo se sobrepõe, contudo, a vontade de desmanchar fronteiras arbitrárias entre o que é descrito como popular e o que é marcado como erudito, bem como entre o que se designa como pertencente somente a um local e aquilo que clama ter validade global. Primeira exposição individual do artista em uma instituição carioca reuniu um conjunto representativo de sua obra. Curadoria: Moacir dos Anjos	Difusão da produção artística nacional	Térreo – Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes; Produção: Barracão Maravilha; Patrocínio: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro		Visita guiada com o artista e curador no dia 19 de novembro.		
2016	Exposição	The queen seated inside her castle – a Sala do Trono	Viviane Teixeira	21 de setembro de 2016 a 20 de novembro de 2016	Além das referências históricas, fizeram parte ainda do universo poético de Viviane Teixeira as fontes literárias, a atmosfera das artes cênicas, as iconografias das cartas de baralho e do jogo de xadrez, assim como da história da arte, tudo isso associado a memórias afetivas e à maneira peculiar como a artista elabora o cruzamento desse reservatório de narrativas e imagens, criando um mundo arquetípico próprio. Por outro lado, destaca-se igualmente o modo como associa essa pesquisa temática/visual à investigação pictórica, ao uso das cores saturadas e à preferência pela pincelada carregada, sua materialidade opulenta, a escala imponente das pinturas e a atmosfera solene, por vezes decadente, da ambientação. Não saímos indiferentes desse ritual pictórico e imagético. Curadoria: Ivair Reinaldim	Difusão da produção artística nacional	Térreo – Terreirinho do Paço	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes.		Visita guiada com a artista e curador no dia 1° de outubro.		
2016	Exposição	Moderna Para Sempre – Fotografia modernista na coleção Itaú Cultural	Eduardo Salvatore, Marcle Giró, Mario Fiori, dentre outros.	21 de setembro de 2016 a 20 de novembro de 2016	Em mais uma parceria do Itaú Cultural e o Paço Imperial, Moderna para Sempre – Fotografia Modernista Brasileira na Coleção Itaú Cultural chegou ao Rio de Janeiro onde permaneceu em cartaz. A mostra é itinerante e, após passar com recortes específicos por 10 cidades brasileiras e outras três da América Latina, chegou na íntegra ao Paço. No total, foram 135 obras do acervo de fotos modernistas do Itaú Cultural, incluindo três inéditas, recém-adquiridas pelo instituto – Sem Título (1950), de Eduardo Salvatore, Sem Título(s.d.), de Marcel Giró e Elos (1950), de Mario Fiori. Curadoria: Iatã Canabrava	Difusão da produção artística nacional	1 º Pavimento (Gomes Freire, 13 de maio, Trono e Dossel)	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Immensum. Patrocínio: Itaú Cultural		Visita Guiada com o curador no dia 1° de outubro		
2016	Exposição	A Lama – De Mariana ao mar	Cristiano Mascaro, Pedro Mascaro	21 de setembro de 2016 a 20 de novembro de 2016	O registro fotográfico do percurso da lama feito por Cristiano Mascaro, acompanhado de imagens aéreas produzidas por Pedro Mascaro com um drone, evidencia que o dano ambiental é permanente e que a fotografia documental associada ao compromisso jornalístico de produção de informações são os instrumentos fundamentais para fazer a sociedade refletir sobre sua própria história. A exposição A Lama: De Mariana ao Mar foi o resultado de uma parceria entre a revista Piauí, o Instituto Moreira Salles e o Paço Imperial. A mostra teve curadoria de Sergio Burgi, coordenador de fotografia do IMS. Curadoria: Sergio Burgi	Difusão da produção artística nacional	1 º Pavimento (Mestre Valentim e Seletos)	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes e Revista Piauí. Patrocínio: Instituto Moreira Salles				
2016	Exposição	Entre Céu e Água	Renato Bezerra de Mello	21 de setembro de 2016 a 20 de novembro de 2016	A mostra com curadoria de Marcelo Campos fez parte de um projeto iniciado em 2014 em Lisboa, no Carpe Diem Arte e Pesquisa, no qual o artista apresentou um grande monumento aquático, flexível, feito com centenas de rolos de papel coloridos empilhados sobre uma longa mesa. A obra que chamou atenção dos portugueses, voltou a ser exibida, agora no Rio, junto com três vídeos marinhos feitos para a ocasião. Curadoria: Marcelo Campos	Difusão da produção artística nacional	2 º Pavimento	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes				
2016	Exposição	História do Paço Imperial – Exposição Permanente		21 de setembro de 2016 a Atual	A exposição permanente foi reposicionada e passou por mudanças em sua expografia tornando-se mais moderna e arejada, visto que ocupa, agora, um espaço físico mais amplo e mais atraente. Deste modo, O Paço Imperial tem conseguido atender um público maior. A proximidade com os outros espaços expositivos também possibilitou aumentar o público presente nas exposições. O audioguia do Paço Imperial foi implementado por meio de tablets de 7" e também está disponível na plataforma google play. Ainda não é possível mensurar o público alcançado.	Difusão da produção artística nacional	Academia dos Felizes e Arqueologia	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes. Patrocínio: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro	Audioguia			
2016	Exposição	Eterno Retorno	Antonia Dias Leite	17 de dezembro de 2016 a 19 de fevereiro de 2017	O mítico símbolo de Ouroburos, representado por uma serpente que morde a própria cauda, encarna em si o eterno movimento. É neste conceito alquímico de transmutação permanente e circular, em meio a dança do nascer, do viver, do morrer e do renascer, aos quais todas as coisas estão sujeitas, que Antonia Dias Leite faz emergir a potência questionadora e visceral de sua jornada visual em direção as profundas camadas do subconsciente humano, criando um ambiente atemporal, desconhecido e ambíguo, acolhedor ainda que hostil, belo ainda que soturno, etéreo ainda que material, onde o real e o surreal se tocam e se conciliam, e a simbiose orgânica entre elementos que se dissolvem e se recompõem continuamente, ofertam, envolvem e transportam o espectador à um Universo em constante processo de criação, destruição e renovação. Ao todo, a artista apresenta 10 fotografias e 1 videoinstalação.	Difusão da produção artística nacional	Térreo – Terreirinho do Paço	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes				
2016	Exposição	Pinturas	Marina Saleme	17 de dezembro de 2016 a 19 de fevereiro de 2017	A mostra, de caráter retrospectivo, apresenta obras da coleção da artista e de acervos privados, incluindo trabalhos recentes e inéditos, que possibilitam ao espectador assistir, refletir e produzir novos olhares sobre a obra dessa importante artista. Encontram-se na exposição obras de distintas fases e períodos que exploram as diversas pesquisas da Marina Saleme. A exposição também propõe ao público carioca uma discussão sobre pintura contemporânea no Brasil, através de uma palestra e da publicação de um catálogo com texto do Felipe Scovino. São cerca de 20 obras que compõem um diálogo generoso e imprescindível sobre a produção pictórica da artista, que mesmo trabalhando com o suporte fotográfico, faz uso de um diálogo com a pintura. Marina desenvolve sua pesquisa desde os anos 80 e é uma das principais artistas brasileiras da sua geração, com obras em importantes acervos públicos do Brasil. Uma exposição inédita de uma artista importante na discussão sobre pintura contemporânea no Brasil e que há muito não expõe individualmente em uma instituição pública sediada no Rio de Janeiro. Curadoria: Felipe Scovino	Difusão da produção artística nacional	Térreo – Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Translar, Tisara;				

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2016	Exposição	Pequenas Gravidades	Daisy Xavier	17 de dezembro de 2016 a 19 de fevereiro de 2017	Nesta mostra apresentamos mais de 70 obras da artista Daisy Xavier entre esculturas, desenhos, pinturas e fotografias. Não se trata, no entanto, de uma retrospectiva e sim de um criterioso recorte que visa resumir seu percurso artístico nos últimos quinze anos. Curadoria: Franklin Pedroso	Difusão da produção artística nacional	1° Pavimento (Gomes Freire, 13 de maio, Trono e Dossel)	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes.				
2016	Exposição	"De propriedades quase musicais, no espaço em que se movem os viventes"	Ana Muglia	17 de dezembro de 2016 a 19 de fevereiro de 2017	O presente projeto visa apresentar a exposição intitulada "...de propriedades quase musicais, no espaço em que se movem os viventes ".Trata-se de uma mostra de pintura em madeira em grandes formatos, série de desenhos sobre tela crua em pequenos formatos, algumas folhas do Caderno da Artista sobre suporte de madeira e base de concreto,e um vídeo cujo foco é trabalhar as semelhanças visuais e rítmicas entre o espaço da construção arquitetônica e o da estrutura musical. O campo de pesquisa do trabalho aqui proposto se baseia nas idéias do poeta e filósofo Paul Valéry em sua obra Eupalinos ou O Arquiteto, por considerar que há uma união entre coisas tão diferentes como um canteiro de obras e a música. Curadoria: Fernando Cocchiarale	Difusão da produção artística nacional	1° Pavimento (Mestre Valentim e Seletos)	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes.				
2016	Exposição	Passagens/Transferências	Alexandre Sá	17 de dezembro de 2016 a 19 de fevereiro de 2017	Para esta exposição, composta prioritariamente por trabalhos inéditos, o desejo mais direto e óbvio era o de discutir uma política esdrúxula que assola o país. Aos poucos, percebi que a política aqui, por justiça à minha própria trajetória, deveria ser mais próxima da ordem do afeto e porque não, do amor. Amor para além de um romantismo fácil e familiar que parte do cinema construiu em mim. Amor econômico e estético, vizinho da fé naquilo que não se vê e que insiste em roçar uma experiência para além de grandes estruturas teóricas. O que surge é um tempo e espaço outros, quase messiânicos, de espera e tédio absolutos, de pura duração e que se debatem infinitamente sobre um resto de humanidade épica que eventualmente se desvela em tropeços, cacos, deambulações e fantasmagorias. Curadoria: Fernanda Pequeno	Difusão da produção artística nacional	2° Pavimento	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Trabsportes.				
2016	Exposição	Atelier Sergio Camargo - Reinauguração	Sérgio Camargo	17 de dezembro de 2016 a 19 de fevereiro de 2017	O Atelier Sérgio Camargo, inaugurado em abril de 2002, busca trazer para o visitante do Paço Imperial o ambiente de trabalho do artista que produziu notável obra em seu atelier de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Com a competente curadoria de Ronaldo Brito as obras aqui reunidas nos revelam a pesquisa desenvolvida por Sérgio Camargo com o material que mais o seduziu e influenciou – o mármore de Carrara. Estudos e pequenos modelos em madeira bem como obras em sua escala definitiva são aqui apresentados de forma clara e austera como exige a produção do artista. Dessa forma, o visitante, independentemente de sua procedência ou conhecimento prévio sobre arte, poderá apreender sem intermediações a grandeza dessa obra singular no panorama da arte. Curadoria: Ronaldo Brito	Difusão da produção artística nacional	Armazém Del Rei	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; IAC – Instituto de Arte Contemporânea.				
2016	Lançamento de Livro		Wilma Martins	19 de Março de 2016	O livro "Wilma Martins", a primeira publicação abrangente sobre 60 anos de produção visual da artista mineira, radicada no Rio, foi lançado, com debate, no Paço Imperial. A sessão de autógrafos foi precedida de debate com a participação de Fernando Cocchiarale, curador do MAM Rio, Luiza Interlenghi, curadora independente, com mediação de Frederico Morais, coordenador editorial do livro.		Sala dos Archeiros	Patrocínio: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro				
2016	Lançamento de Livro	Imagética	Ana Vitoria Mussi	19 de maio de 2016	Com organização de Marisa Flórido Cesar, a publicação compreende quatro décadas de trabalhos de Ana Vitória, apresentando obras em diversos suportes, partindo de "Bang", exposição realizada em 2012, a publicação percorre a trajetória artística de Mussi dos anos 1970 à atualidade, incluindo a exposição "Imagética" realizada no Paço Imperial em 2015, associando ao registro visual de suas exposições textos de análise crítica, em edição bilíngue (português/inglês), assinados por artistas e pesquisadores como Kátia Maciel, Dionísio del Santo, Paulo Herkenhoff, Glória Ferreira, entre outros.		Sala dos Archeiros	Patrocínio: Fase 10 Arte Contemporânea				
2016	Lançamento de Livro	Sobre a areia	Regina de Paula	16 de julho de 2016	O livro apresenta a recente produção da artista Regina de Paula. Trata-se de uma publicação dedicada à fotoperformances com ações que buscaram uma interação entre a religiosidade e as paisagens do Rio de Janeiro. Os trabalhos também dialogam com a exposição Diante dos olhos, os gestos de Regina de Paula, realizada em maio de 2016 no Paço Imperial. O livro conta com fotografias de Wilton Montenegro e textos (fortuna crítica) dos historiadores da arte Camila Maroja e Adam Jasper, Frederico Morais, Ivair Reinaldim, Luiz Guilherme Vergara, Marcelo Campos e da psicanalista Tania Rivera. Todos teceram livremente relações sobre as produções inéditas, realizadas especialmente para o livro, e outros trabalhos da artista desde o inicio de sua carreira. Morais, Reinaldim, Vergara, Campos e Rivera estarão na mesa redonda que acontecerá no dia do lançamento.		Sala dos Archeiros	Patrocínio: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro				
2016	Lançamento de Livro	Lançamento Coletânea Lina Bo Bardi e Preservação do Patrimônio Edificado	Lina Bo Bardi	03 de agosto de 2016	As Edições Sesc São Paulo e o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) lançaram, em parceria com o Instituto Lina Bo Bardi, uma coleção de seis livros sobre a obra da arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi. Com organização do arquiteto Marcelo Ferraz e textos de grandes nomes da arquitetura nacional, os livros contam com textos da própria Lina, croquis, aquarelas, maquetes, imagens da época das construções e fotos atuais. A outra publicação lançada faz parte da Coleção Arquitetura do Iphan e chama atenção para um aspecto central da política de preservação do patrimônio cultural nos dias de hoje: a intensificação e atualização do uso e da apropriação de monumentos e sítios urbanos protegidos. Em oito capítulos, o arquiteto Cyro Corrêa Lyra trata desde a reutilização do patrimônio edificado até a revitalização na obra de arquitetura, passando por uma exploração da experiência brasileira. O lançamento aconteceu na Sala dos Archeiros do Paço Imperial e teve a presença da presidente do IPHAN Katia Bógea, do autor Marcelo Ferraz, do autor Cyro Lyra e Andrey Schlee.		Sala dos Archeiros					
2016	Lançamento de Livro	Arte-dinamite	Francisco Bittencourt	10 de dezembro de 2016	Um dos mais importantes e atuantes críticos de arte do Brasil na década de 1970, Francisco Bittencourt (1933 – 1997), terá sua produção reunida pela primeira vez no livro "Francisco Bittencourt: Arte-Dinamite" (Editora Tamanduá Arte), organizado pela curadora e crítica de arte Fernanda Lopes e pelo escritor Aristóteles Angheben Predebon, detentor dos direitos de publicação da obra do crítico. Com cerca de 550 páginas, o livro apresenta um amplo panorama da produção de Francisco Bittencourt, que escreveu no Jornal do Brasil e na Tribuna da Imprensa, no Rio de Janeiro, e no Correio do Povo, no Rio Grande do Sul. Haverá, ainda, uma entrevista concedida ao crítico a António Celestino, em 1975, publicada no jornal Tribuna da Imprensa. O lançamento será no dia 10 de dezembro, no Paço Imperial, no Rio de Janeiro, e será seguido de debate com os organizadores e o crítico de arte Frederico de Morais.		Sala dos Archeiros	Patrocínio: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro				

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2016	Seminários e Palestras	Palestra com Sarah Meister, curadora do MoMA, e Iatã Cannabrava, curador da exposição Moderna para sempre		29 de setembro de 2016	Como parte da programação da exposição Moderna para Sempre – Fotografia Modernista Brasileira na Coleção Itaú Cultural, o curador Iatã Cannabrava e a curadora do departamento de fotografia do Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA), Sarah Meister, participaram de um bate-papo sobre a fotografia moderna e suas influências na produção contemporânea da imagem.		Sala dos Archeiros					
2016	Seminários e Palestras	Encontros da Revista Piauí - Exposição fotográfica 'A Lama – De Mariana ao Mar'		18 de outubro de 2016	Durante a exposição fotográfica 'A Lama – De Mariana ao Mar', de Cristiano Mascaro e Pedro Mascaro, em exibição no Paço Imperial, a revista piauí promoveu uma série de encontros, na Sala dos Archeiros do Paço Imperial, para discutir, sob diferentes perspectivas, as causas e as consequências do maior desastre ambiental da história do Brasil. O primeiro encontro aconteceu entre a repórter Consuelo Dieguez, da revista piauí, e Mariana Queiroz, da GloboNews.		Sala dos Archeiros					
2016	Seminários e Palestras	Encontros da Revista Piauí - Exposição fotográfica 'A Lama – De Mariana ao Mar'		21 de outubro de 2016	O segundo encontro aconteceu entre o fotografo Cristiano Mascaro, autor da exposição, e Wlater Carvalho, fotografo e cineasta.		Sala dos Archeiros					
2016	Seminários e Palestras	Encontros da Revista Piauí - Exposição fotográfica 'A Lama – De Mariana ao Mar'		01 de novembro de 2016	O terceiro encontro aconteceu entre a repórter Consuelo Dieguez, da revista Piauí, Carlos Eduardo do Ministério Público de Minas Gerais e André Trigueiro, repórter da Globonews.		Sala dos Archeiros					
2016	Seminários e Palestras	Encontros da Revista Piauí - Exposição fotográfica 'A Lama – De Mariana ao Mar'		08 de novembro de 2016	O quarto e último encontro foi uma oficina promovida por Pedro Mascaro sobre fotografia aérea.		Sala dos Archeiros					
2016	Cursos	Módulos em História da Arte – 1° Semestre		06 de abril de 2016 a 13 de julho de 2016	O curso pretendeu oferecer ao aluno uma iniciação à história da arte ocidental a partir de cinco módulos. Cada módulo foi ministrado por um professor especializado na área em questão e teve a duração de três aulas. As aulas centraram-se na projeção de imagens e na exposição das principais correntes artísticas e histórico-artísticas relativas ao tema central de cada módulo. MODULO I | 6, 13, 20 ABR - 17 ÀS 19H Perspectivas sobre o Clássico. Professora: Evelyne Azevedo. MODULO II | 27 ABR, 4 e 11 MAI - 17 ÀS 19H. O Renascimento italiano e a tradição clássica. Professora: Maria Berbara. MODULO III | 18 e 25 MAI, 1 JUN - 17 ÀS 19H. Arte medieval e a consolidação das imagens cristãs. Professora: Tamara Quírico. MODULO IV | 8, 15 e 22 JUN - 17 ÀS 19H. Renascimento e Barroco. Professor: Alexandre Ragazzi. MODULO V | 29 JUN, 6 e 13 JUL - 17 ÀS 19H. Da autonomia da arte aos epílogos da história. Professor: Marcelo Campos.							
2016	Cursos	Módulos em História da Arte – Arte e Arquitetura - 2° Semestre		14 de setembro de 2016 a 26 de outubro de 2016	O curso pretendeu oferecer ao aluno uma iniciação à história da arte ocidental a partir de cinco módulos. Cada módulo foi ministrado por um professor especializado na área em questão e teve a duração de três aulas. As aulas centraram-se na projeção de imagens e na exposição das principais correntes artísticas e histórico-artísticas relativas ao tema central de cada módulo. Módulo I | 14, 21 e 28 SET – 17h30 às 19h30. O que é construtivismo? O que é Construtivo? Professor: Guilherme Bueno. Módulo II | 11, 19 e 26 de OUT – 17h30 às 19h30. Outro moderno: a arte moderna no Brasil. Professora: Vera Beatriz Siqueira							
2016	Teatro	A Vida de Dr. Antônio contada por elle mesmo		11 de abril de 2016 a 29 de maio de 2016	Baseado no livro "Memórias de um Rato de Hotel", de João do Rio, escrito no início do século XX, época da reforma urbana conduzida pelo prefeito Pereira Passos. O espetáculo utilizou diversos espaços do Paço Imperial como o Hall dos Archeiros, Sala dos Archeiros, Pátio central e Arqueologia. A ideia era remontar o Rio Antigo. O espetáculo foi produzido pela produtora Arrastão de Ideias, direção artística de Cesar Augusto, com cenografia de Bia Junqueira e encenado pela Bélica Cia.			Patrocínio: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro				
2016	Música	Apresentação do Coral do Projeto Villa-Lobos e as crianças		21 de maio de 2016	O projeto Villa Lobos e as Crianças foi criado há oito anos e, vem profissionalizando jovens talentos de comunidades carentes no Rio de Janeiro. Dirigido por Turíbio Santos, com a coordenação e regência de Maria Clara Barbosa e Sergio Barboza, o projeto desenvolve um trabalho de formação musical que possibilita conhecimento e vivência cultural. Entre os meses de maio e junho, o Paço recebeu as apresentações na Sala dos Archeiros. 21 de maio – 13h. Ex alunos músicos - Trajetórias. Junior, Ramon, Luciano, Ademar e Wesley							
2016	Música	Apresentação do Coral do Projeto Villa-Lobos e as crianças		28 de maio de 2016	O projeto Villa Lobos e as Crianças foi criado há oito anos e, vem profissionalizando jovens talentos de comunidades carentes no Rio de Janeiro. Dirigido por Turíbio Santos, com a coordenação e regência de Maria Clara Barbosa e Sergio Barboza, o projeto desenvolve um trabalho de formação musical que possibilita conhecimento e vivência cultural. Entre os meses de maio e junho, o Paço recebeu as apresentações na Sala dos Archeiros. 28 de maio – 13h. Músicos Solistas e as Orquestras. Ricardo Amado & Hugo Pilger							
2016	Música	Apresentação do Coral do Projeto Villa-Lobos e as crianças		04 de junho de 2016	O projeto Villa Lobos e as Crianças foi criado há oito anos e, vem profissionalizando jovens talentos de comunidades carentes no Rio de Janeiro. Dirigido por Turíbio Santos, com a coordenação e regência de Maria Clara Barbosa e Sergio Barboza, o projeto desenvolve um trabalho de formação musical que possibilita conhecimento e vivência cultural. Entre os meses de maio e junho, o Paço recebeu as apresentações na Sala dos Archeiros. 4 de junho – 13h. Música de Câmara - sopros. Quinteto Villa-Lobos							
2016	Música	Apresentação do Coral do Projeto Villa-Lobos e as crianças		18 de junho de 2016	O projeto Villa Lobos e as Crianças foi criado há oito anos e, vem profissionalizando jovens talentos de comunidades carentes no Rio de Janeiro. Dirigido por Turíbio Santos, com a coordenação e regência de Maria Clara Barbosa e Sergio Barboza, o projeto desenvolve um trabalho de formação musical que possibilita conhecimento e vivência cultural. Entre os meses de maio e junho, o Paço recebeu as apresentações na Sala dos Archeiros. 18 de junho – 13h. Educação Musical - Projeto gerando Projeto. Villa Lobos e as Crianças & Camerata Laranjeiras							
2016	Música	Apresentação do Coral do Projeto Villa-Lobos e as crianças		25 de junho de 2016	O projeto Villa Lobos e as Crianças foi criado há oito anos e, vem profissionalizando jovens talentos de comunidades carentes no Rio de Janeiro. Dirigido por Turíbio Santos, com a coordenação e regência de Maria Clara Barbosa e Sergio Barboza, o projeto desenvolve um trabalho de formação musical que possibilita conhecimento e vivência cultural. Entre os meses de maio e junho, o Paço recebeu as apresentações na Sala dos Archeiros. 25 de junho – 13h. Música Popular. Mário Sève & David Ganc							

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2016	Eventos	Mostra Turn		18 de agosto de 2016 a 07 de setembro de 2016	Durante as Olimpíadas Rio2016, o Paço Imperial recebeu a Mostra Turn. O Governo Metropolitano de Tóquio e Conselho de Arte de Tóquio promoveu a exposição coletiva 'TURN' com os artistas brasileiros nikkeis Jum Nakao e Tati Polo e os japoneses Yasuaki Igarashi e Sachie Takiguchi no Paço Imperial, na Praça Mauá, no Rio de Janeiro. A Mostra visava promover a união entre artistas brasileiros e japoneses. A exposição fez parte de diversas ações para promover a Tokyo 2020. Paralelamente à mostra 'TURN', aconteceram ações como a 'Caravana de Tóquio' (série de shows com um conjunto diversificado de artistas japoneses e brasileiros, capitaneados pelo dramaturgo, diretor e ator Hideki Noda) e TOHOKU & TOKYO no RIO (focados em Tóquio e Tohoku, as atrações culturais desta região recheiam os shows como Edo Tobi Kiyari - arte performática que demonstra a tradicional cultura Edo, Iwaki Jangara Nenbutsu Odori (a prefeitura de Fukushima pela purificação da terra) e a dança demoníaca da espada - onikenbaidemon (de Iwate), ambas de Tohoku, além de shows de Megumi Kudo (passista japonesa), tambores japoneses taikô Sho, malabarismo com bola de futebol e uma aparição de entusiastas cosplay.			Patrocínio: Governo Metropolitano de Tóquio e Conselho de Arte de Tóquio				

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2017	Exposição	Eterno Retorno	Antonia Dias Leite	17 de dezembro de 2016 a 19 de fevereiro de 2017	O mítico símbolo de Ouroburos, representado por uma serpente que morde a própria cauda, encarna em si o eterno movimento. É neste conceito alquímico de transmutação permanente e circular, em meio a dança do nascer, do viver, do morrer e do renascer, aos quais todas as coisas estão sujeitas, que Antonia Dias Leite faz emergir a potência questionadora e visceral de sua jornada visual em direção as profundas camadas do subconsciente humano, criando um ambiente atemporal, desconhecido e ambíguo, acolhedor ainda que hostil, belo ainda que soturno, etéreo ainda que material, onde o real e o surreal se tocam e se conciliam, e a simbiose orgânica entre elementos que se dissolvem e se recompõem continuamente, ofertam, envolvem e transportam o espectador à um Universo em constante processo de criação, destruição e renovação. Ao todo, a artista apresenta 10 fotografias e 1 videoinstalação.	Difusão da produção artística nacional	Térreo – Terreirinho do Paço	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes			Média de público - 17 de dezembro de 2016 a 19 de fevereiro de 2017: Dezembro 2017 – 1.844. Janeiro 2018 – 4.555. Fevereiro 2018 – 2.724. Total: 9.123. Média: 182	
2017	Exposição	Pinturas	Marina Saleme	17 de dezembro de 2016 a 19 de fevereiro de 2017	A mostra, de caráter retrospectivo, apresenta obras da coleção da artista e de acervos privados, incluindo trabalhos recentes e inéditos, que possibilitam ao espectador assistir, refletir e produzir novos olhares sobre a obra dessa importante artista. Encontram-se na exposição obras de distintas fases e períodos que exploram as diversas pesquisas da Marina Saleme. A exposição também propõe ao público carioca uma discussão sobre pintura contemporânea no Brasil, através de uma palestra e da publicação de um catálogo com texto do Felipe Scovino. São cerca de 20 obras que compõem um diálogo generoso e imprescindível sobre a produção pictórica da artista, que mesmo trabalhando com o suporte fotográfico, faz uso de um diálogo com a pintura. Marina desenvolve sua pesquisa desde os anos 80 e é uma das principais artistas brasileiras da sua geração, com obras em importantes acervos públicos do Brasil. Uma exposição inédita de uma artista importante na discussão sobre pintura contemporânea no Brasil e que há muito não expõe individualmente em uma instituição pública sediada no Rio de Janeiro. Curadoria: Felipe Scovino	Difusão da produção artística nacional	Térreo – Terreiro do Paço	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Translar, Tisara;			Média de público - 17 de dezembro de 2016 a 19 de fevereiro de 2017: Dezembro 2017 – 1.844. Janeiro 2018 – 4.555. Fevereiro 2018 – 2.724. Total: 9.123. Média: 182	
2017	Exposição	Pequenas Gravidades	Daisy Xavier	17 de dezembro de 2016 a 19 de fevereiro de 2017	Nesta mostra apresentamos mais de 70 obras da artista Daisy Xavier entre esculturas, desenhos, pinturas e fotografias. Não se trata, no entanto, de uma retrospectiva e sim de um criterioso recorte que visa resumir seu percurso artístico nos últimos quinze anos. Curadoria: Franklin Pedroso	Difusão da produção artística nacional	1° Pavimento (Gomes Freire, 13 de maio, Trono e Dossel)	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes.			Média de público - 17 de dezembro de 2016 a 19 de fevereiro de 2017: Dezembro 2017 – 1.844. Janeiro 2018 – 4.555. Fevereiro 2018 – 2.724. Total: 9.123. Média: 182	
2017	Exposição	“De propriedades quase musicais, no espaço em que se movem os viventes”	Ana Muglia	17 de dezembro de 2016 a 19 de fevereiro de 2017	O presente projeto visa apresentar a exposição intitulada “...de propriedades quase musicais, no espaço em que se movem os viventes “.Trata-se de uma mostra de pintura em madeira em grandes formatos, série de desenhos sobre tela crua em pequenos formatos, algumas folhas do Caderno da Artista sobre suporte de madeira e base de concreto,e um vídeo cujo foco é trabalhar as semelhanças visuais e rítmicas entre o espaço da construção arquitetônica e o da estrutura musical. O campo de pesquisa do trabalho aqui proposto se baseia nas idéias do poeta e filósofo Paul Valéry em sua obra Eupalinos ou O Arquiteto, por considerar que há uma união entre coisas tão diferentes como um canteiro de obras e a música. Curadoria: Fernando Cocchiarale	Difusão da produção artística nacional	1° Pavimento (Mestre Valentim e Seletos)	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Transportes.			Média de público - 17 de dezembro de 2016 a 19 de fevereiro de 2017: Dezembro 2017 – 1.844. Janeiro 2018 – 4.555. Fevereiro 2018 – 2.724. Total: 9.123. Média: 182	
2017	Exposição	Passagens/Transferências	Alexandre Sá	17 de dezembro de 2016 a 19 de fevereiro de 2017	Para esta exposição, composta prioritariamente por trabalhos inéditos, o desejo mais direto e óbvio era o de discutir uma política esdrúxula que assola o país. Aos poucos, percebi que a política aqui, por justiça à minha própria trajetória, deveria ser mais próxima da ordem do afeto e porque não, do amor. Amor para além de um romantismo fácil e familiar que parte do cinema construiu em mim. Amor econômico e estético, vizinho da fé naquilo que não se vê e que insiste em roçar uma experiência para além de grandes estruturas teóricas. O que surge é um tempo e espaço outros, quase messiânicos, de espera e tédio absolutos, de pura duração e que se debatem infinitamente sobre um resto de humanidade épica que eventualmente se desvela em tropeços, cacos, deambulações e fantasmagorias. Curadoria: Fernanda Pequeno	Difusão da produção artística nacional	2° Pavimento	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Millenium Trabsportes.			Média de público - 17 de dezembro de 2016 a 19 de fevereiro de 2017: Dezembro 2017 – 1.844. Janeiro 2018 – 4.555. Fevereiro 2018 – 2.724. Total: 9.123. Média: 182	
2017	Exposição	Atelier Sergio Camargo - Reinauguração	Sérgio Camargo	17 de dezembro de 2016	O Atelier Sérgio Camargo, inaugurado em abril de 2002, busca trazer para o visitante do Paço Imperial o ambiente de trabalho do artista que produziu notável obra em seu atelier de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Com a competente curadoria de Ronaldo Brito as obras aqui reunidas nos revelam a pesquisa desenvolvida por Sérgio Camargo com o material que mais o seduziu e influenciou – o mármore de Carrara. Estudos e pequenos modelos em madeira bem como obras em sua escala definitiva são aqui apresentados de forma clara e austera como exige a produção do artista. Dessa forma, o visitante, independentemente de sua procedência ou conhecimento prévio sobre arte, poderá apreender sem intermediações a grandeza dessa obra singular no panorama da arte. Curadoria: Ronaldo Brito	Difusão da produção artística nacional	Armazém Del Rei	Apoio: IPHAN /MinC; Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; IAC – Instituto de Arte Contemporânea .			Média de público - 17 de dezembro de 2016 a 19 de fevereiro de 2017: Dezembro 2017 – 1.844. Janeiro 2018 – 4.555. Fevereiro 2018 – 2.724. Total: 9.123. Média: 182	

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2017	Exposição	Amor sagrado, amor profano	Gustavo Rezende	16 de março de 2017 a 21 de maio de 2017	Esculturas, aquarelas e animações, entre outros trabalhos de Gustavo Rezende, habitaram o Terreiro do Paço Imperial. As obras se embrenharam no espaço, buscaram habitá-lo em diálogo com a arquitetura dupla do prédio, entre a construção colonial e as adaptações expositivas que respondem aos preceitos modernos do Paço Imperial. Foi esse duplo também que alimentou o trabalho do artista. Se em obras mais antigas ele se materializava formalmente, a exposição “Amor sagrado, amor profano” trouxe um recorte no qual o duplo não se apresentou necessariamente como duplicidade de formas. A questão aqui é a relação dupla no existir, de ser indivíduo e estar no mundo, na complexidade de ser diferente e único e, ao mesmo tempo, ser igual aos outros. De se relacionar com os dramas, as fábulas e os ícones de um universo pessoal e ter de encarar o cotidiano banal que nos cerca. Curadoria: Douglas de Freitas	Difusão da produção artística nacional	Terreiro	Apoio: Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI. Realização: IPHAN /MinC/ Governo Federal;		Visita guiada na exposição	Média de público - 16 de março de 2017 a 21 de maio de 2017: Março – 2.747. Abril – 5.010. Maio – 3.980. Total: 11,737. Média: 213,4	MTP/EC.E/2017 - 833
2017	Exposição	Coletivo Filé de Peixe – O Conceitual Coletivo	Coletivo filé de Peixe	16 de março de 2017 a 21 de maio de 2017	A indagação sobre a própria condição de coletividade é o ponto central desse conjunto de trabalhos do Filé de Peixe apresentados nessa exposição no Paço Imperial. Coletivo artístico formado por Alex Topini, Fabrício Cavalcanti e Fernanda Antoun, atuante desde 2006. Essa condição se expressa em sua relação de tensão criativa com a autoria, a identidade e a instituição numa série de propostas autorreferenciais, críticas e quase insolentes. Agenciamentos coletivos e apropriações de obras já clássicas da arte conceitual conferiram uma tonalidade irônica a uma tradição estética orientada pela expressividade poética do artista como sujeito individual e por uma aura que girava em torno da autoria e da originalidade de um objeto-fetiche. Curadoria: Juliana Gontijo	Difusão da produção artística nacional	Terreirinho	Apoio: Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI. Realização: IPHAN /MinC/ Governo Federal;		Visita guiada na exposição	Média de público - 16 de março de 2017 a 21 de maio de 2017: Março – 2.747. Abril – 5.010. Maio – 3.980. Total: 11,737. Média: 213,4	
2017	Exposição	Fotografias, manipulações e apropriações	Vera Chaves Barcellos	16 de março de 2017 a 21 de maio de 2017	A exposição apresentou obras representativas dos diversos modos de utilização do emprego da cor e da imagem fotográfica – entre manipulações e apropriações – experimentados pela artista desde os anos 1970 até a atualidade. Assim, simples registros fotográficos – ora mostrados como tal, ora manipulados – assim como imagens coletadas da mídia impressa, televisiva e da internet, geraram séries sequenciais que, expandidas e reconsideradas pelo pensamento visual da artista, originaram e estimularam ângulos inéditos de relacionamento com a fotografia. Organização: Vera Chaves Barcellos	Difusão da produção artística nacional	1° Pavimento (Galerias: Gomes Freire e Ante sala, 13 de Maio, Trono e Dossel)	Apoio: Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI. Realização: IPHAN /MinC/ Governo Federal; Patrocínio: Fundação Vera Chaves Barcellos	Folder	Visita guiada na exposição	Média de público - 16 de março de 2017 a 21 de maio de 2017: Março – 2.747. Abril – 5.010. Maio – 3.980. Total: 11,737. Média: 213,4	MTP/EC.E/2017 - 834
2017	Exposição	O Traço de União	Evany Cardoso	16 de março de 2017 a 21 de maio de 2017	A exposição nasceu de um paradoxo: Evany Cardoso é uma artista experiente, mas agora enfrenta o desafio de apresentar seu trabalho para um público mais ampliado e diversificado através de uma exposição no Paço Imperial do Rio de Janeiro, uma sólida Instituição do Circuito de Arte do Rio de Janeiro. O desafio não é pequeno, uma vez que ele implica em apresentar a um só tempo e espaço a unicidade e a diversidade de um trabalho construído, muito discretamente, ao longo de décadas. O desafio é ainda maior, se considerarmos que essa mostra se propõe a apresentar, de modo muito sintético, tanto a unidade e a coesão quanto a envergadura de sua obra. E a obra em pauta encontra-se em pleno curso de construção. Curadoria: George Kornis	Difusão da produção artística nacional	1° Pavimento (Galerias: Amarela e Mestre Valentim)	Apoio: Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI. Realização: IPHAN /MinC/ Governo Federal;		Visita guiada na exposição	Média de público - 16 de março de 2017 a 21 de maio de 2017: Março – 2.747. Abril – 5.010. Maio – 3.980. Total: 11,737. Média: 213,4	MTP/EC.E/2017 - 835
2017	Exposição	Antes de sair	Luiz Ernesto	16 de março de 2017 a 21 de maio de 2017	O artista apresentou uma instalação inédita que uniu imagem e texto, lidando com os sentidos possíveis dessa relação, na medida em que no cotidiano estamos impregnados de imagens e textos descartáveis e ligeiros. Para Luiz Ernesto este é um campo fecundo, que amplia a gama desses significados. Luiz vem desde 2000 realizando trabalhos com texto e imagem explorando os sentidos potencializados que estes dois campos produzem juntos. A instalação “Antes de Sair” reúne cerca de 50 fotografias divididas em dez grupos acompanhados de pequenos textos. Organização: Luiz Ernesto	Difusão da produção artística nacional	1° Pavimento (Galeria: Seletos)	Apoio: Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI. Realização: IPHAN /MinC/ Governo Federal;		Visita guiada na exposição	Média de público - 16 de março de 2017 a 21 de maio de 2017: Março – 2.747. Abril – 5.010. Maio – 3.980. Total: 11,737. Média: 213,4	MTP/EC.E/2017 - 837
2017	Exposição	Bonfanti: esculturas e pinturas, 2010 – 2017	Gianguido Bonfanti	16 de março de 2017 a 21 de maio de 2017	Nos últimos anos, Gianguido Bonfanti tem em sua mira a síntese, seja no desenho, na pintura ou na escultura. O olhar é um elemento central em todos os trabalhos, é a janela da alma que ora nos interroga, ora nos implora por saber o sentido da vida. Como afirma o pintor Gonçalo Ivo, nos óleos mais recentes de Bonfanti, "há um frescor semelhante às garatujas de nossa infância, quando brincávamos e rabiscávamos para imprimir no tempo, sem tempo ou medida, a nossa felicidade". O artista apresentou nessa exposição uma série de pinturas e esculturas , antigos e novos trabalhos. Organização: Gianguido Bonfanti	Difusão da produção artística nacional	2° Pavimento	Apoio: Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI. Realização: IPHAN /MinC/ Governo Federal;		Visita guiada na exposição	Média de público - 16 de março de 2017 a 21 de maio de 2017: Março – 2.747. Abril – 5.010. Maio – 3.980. Total: 11,737. Média: 213,4	MTP/EC.E/2017 - 836
2017	Exposição	Constelação Mídia	Thomas Jeferson	13 de junho de 2017 a 20 de agosto de 2017	Constelação Mídia é o título dado pelo artista Thomas Jeferson à sua primeira exposição individual no Rio de Janeiro que acontece no Paço Imperial. A mostra apresenta diversos objetos trabalhados pela técnica artesanal milenar da marchetaria. Aplicada a objetos industriais obsoletos tal técnica reveste cuidadosamente cada peça, com o encaixe de pequenos recortes de laminas de madeiras, dispersas em diversas cores e padrões geométricos. A exposição inclui uma seleção de Objetos Mídia identificados cada um por um número de série. São obras recentes e inéditas que traçam uma leitura entre diversas mídias apropriadas pela produção artística contemporânea – Vídeo, fotografia , escultura ,– pintura , gravura, instalação , som...– que instaladas trazem o espectador uma visão crítica, das relações entre a manualidade e a máquina ; o artesanal e o virtual. Curadoria: Fernando Cocchiarale	Difusão da produção artística nacional	Terreirinho	Apoio: Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI. Realização: IPHAN /MinC/ Governo Federal;		Visita guiada na exposição	Média de público – 13 de junho a 20 de agosto 2017: Junho– 5.150. Julho – 8.517. Agosto – X. Total parcial: 13.667. Média parcial: 369	MTP/EC.E/2017 - 840

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2017	Exposição	#bastidoresdacriação – Arte aplicada ao carnaval	Leandro Vieira	13 de junho de 2017 a 20 de agosto de 2017	O projeto idealizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) é resultado de uma parceria com a Estação Primeira de Mangueira, que abordou este ano na Sapucaí o sincretismo da fé no Brasil, um dos elementos marcantes de uma nação construída a partir de sua miscigenação cultural. Na exposição, o público poderá conferir dos desenhos que deram vida às fantasias, às maquetes de carros alegóricos utilizados no Sambódromo. Também poderá assistir ao vídeo, no estilo making off, produzido pela equipe do Iphan, mostrando os saberes do carnaval concebidos pelos operários do samba. Organização: Leandro Vieira	Difusão da produção artística nacional	Terreiro	Apoio: Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Estação Primeira de Mangueira. Realização: IPHAN /MinC/Governo Federal;		Visita guiada na exposição e Mesa redonda	Média de público – 13 de junho a 20 de agosto 2017: Junho– 5.150. Julho – 8.517. Agosto – X. Total parcial: 13.667. Média parcial: 369	MTP/EC.E/2017 - 841
2017	Exposição	Brasil: tradição, invenção	Marcel Gautherot	13 de junho de 2017 a 20 de agosto de 2017	Essa é a maior mostra do fotógrafo francês Marcel Gautherot já exibida no Brasil. As fotografias fazem parte do acervo do Instituto Moreira Salles e a realização da exposição é uma parceria com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), por meio do Centro Cultural Paço Imperial. São mais de 300 imagens, representativas de diversidade temática e da qualidade estética desenvolvida por Gautherot ao longo de sua carreira no Brasil. A atividade integra as comemorações dos 80 anos de criação do Iphan e da institucionalização da política de proteção do patrimônio cultural brasileiro. O artista trabalhou com nomes fundamentais da cultura nacional como Rodrigo Melo Franco e Lucio Costa, no antigo Sphan (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional); Edison Carneiro, na Comissão Nacional de Folclore; Oscar Niemeyer, fotografando os principais projetos do arquiteto, incluindo um ensaio monumental sobre a construção de Brasília, e Roberto Burle Marx, documentando seus projetos de paisagismo mais importantes. Curadoria: Sergio Burgi	Difusão da produção artística nacional	1° Pavimento	Apoio: Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI; Atlantis; Fapesp. Realização: IPHAN /MinC/ Governo Federal; Instituto Moreira Salles.	Folder	Visita guiada na exposição e mesa redonda.	Média de público – 13 de junho a 20 de agosto 2017: Junho– 5.150. Julho – 8.517. Agosto – X. Total parcial: 13.667. Média parcial: 369	
2017	Exposição	Eu me Declaro	Monica Barki	13 de junho de 2017 a 20 de agosto de 2017	A exposição está organizada em quatro espaços distintos e se sugere que sejam percorridos nesta ordem: “Sala Sínteses”, com trabalhos que sintetizam numa imagem final registros realizados em suportes diversos; “Sala Metafísica”, um ambiente que acentua aspectos lúgubres em obras sobre a condição humana; “Sala das Máquinas”, com obras animadas por mecanismos giratórios que convidam a uma reflexão sobre uma possível insuficiência dos suportes “puros” na contemporaneidade e, finalmente, “Sala Origem”, onde se propõe o reencontro com obras inaugurais e uma meditação sobre a perfeita integração entre figuração e identidade, presente já na produção da artista no final dos anos 1970. Com este percurso, a ideia é mostrar e reinterpretar sínteses realizadas ao longo da rica trajetória de Monica Barki, convidando os visitantes a uma caminhada até o ponto de partida onde se pode sentir o borbulho da Fonte das Imagens. Curadoria: Frederico Dalton	Difusão da produção artística nacional	2° Pavimento	Apoio: Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI. Realização: IPHAN /MinC/ Governo Federal;		Visita guiada na exposição	Média de público – 13 de junho a 20 de agosto 2017: Junho– 5.150. Julho – 8.517. Agosto – X. Total parcial: 13.667. Média parcial: 369	MTP/EC.E/2017 - 838
2017	Exposição	Weltreise – Viajando o Mundo: Arte de Berlin	Coletiva	14 de setembro de 2017 a 19 de novembro de 2017	“Weltreise” é uma exposição que inclui cerca de 380 obras de arte da coleção da IFA ao longo das últimas seis décadas. São obras que representam a arte alemã em todos os continentes e agora são apresentadas com uma nova perspectiva sobre a história da arte. Quase 100 artistas representam posições diversas do Oriente e do Ocidente. Obras da Coleção IFA, 1949 até o presente, esta exposição rompe com a divisão tradicional, mas artística improdutiva na arte ocidental e oriental alemã. O desenvolvimento real da arte não se ajustou aos modelos da história política. Em vez disso, temas e técnicas foram desenvolvidos em Berlim Oriental e Colônia e em Dresden ou Munique, como resultado da exploração de formas artísticas de trabalho que hoje exibem numerosos paralelos e inter-relações sutis. Curadoria: Mathias Flugge ; Matthias Winzen	Difusão da produção artística nacional	1° Pavimento e Terreiro	Apoio: Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI. Realização: IPHAN /MinC/ Governo Federal; Patrocínio: IFA e Instituto Goethe	Folder	Visita guiada na exposição, programa educativo e mesa redonda.		MTP/EC.E/2017 - 843
2017	Exposição	Antes do Forum	Victor Mattina	14 de setembro de 2017 a 19 de novembro de 2017	Nesta exposição, o artista carioca, mostra várias telas de diferentes tamanhos e dão forma a uma intensa narrativa pictórica. Baseadas em fotografias criminais de peritos forenses, as obras podem ser vistas como uma película de cinema editada com vários cortes, incluindo os espaços reflexivos da parede em branco. Apesar do jogo de associações criado invariavelmente pelo espectador a partir da ambiguidade entre a visão técnica do perito forense e a obra, cada uma das telas é individual e tem valor particular como corte incisivo em uma realidade carregada de ameaças, um campo de atuação cheio de vestígios. Curadoria: Evangelina Seiler	Difusão da produção artística nacional	Terreirinho	Apoio: Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI. Realização: IPHAN /MinC/ Governo Federal;		Visita guiada na exposição		MTP/EC.E/2017 - 842
2017	Exposição	Ferreira Gullar - Não objetos	Ferreira Gullar	14 de setembro de 2017 a 19 de novembro de 2017	O não-objeto não é um antiobjeto mas um objeto especial em que se pretende realizada a síntese de experiências sensoriais e mentais: um corpo transparente ao conhecimento fenomenológico, integralmente perceptível, que se dá à percepção sem deixar resto. Uma pura aparência. Morte da Pintura.		2o. Andar					MTP/EC.E/2017 - 844

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2017	Exposição	Barravento Novo	Bruce Yonemoto e Eder Santos	14 de dezembro de 2017 a 25 de fevereiro de 2018	Esta instalação utiliza várias estratégias de conceituação. O trabalho - para emprestar o idioma da Internacional Situacionista - pode ser vagamente descrito como sendo um desvio de um trabalho anterior. Acreditamos que esta instalação desviará o Barravento de Rocha, criando uma reavaliação positiva contemporânea do original. A reformulação do pai e filha desenvolve uma nova interpretação social-psicanalítica do filme original do Cinema Novo. Devido à idade avançada do Sr. Pitanga, essa documentação também será um tributo histórico ao seu contributo para o cinema brasileiro e para a representação de brasileiros africanos no cinema mundial. A instalação também aborda a mudança da qualidade do cinema, do filme analógico para a gravação digital. As duas telas criam um diálogo de proporções cinematográficas, bem como articulam o impacto da gravação digital no desempenho. A instalação “Barravento NOVO” repete, mas com uma diferença. Ao interrogar a materialidade do filme versus a gravação digital e o poder contínuo dos textos de Glauber escritos há mais de meio século, esperamos abrir novos caminhos críticos. Curadoria: Bruce Yonemoto e Eder Santos	Difusão da produção artística nacional	Terreiro	Apoio: Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI. Realização: IPHAN /MinC/ Governo Federal;		Visita guiada na exposição e mesa redonda.		MTP/EC. E/2017/18 - 845
2017	Exposição	Hiléia	Antonio Saggese	14 de dezembro de 2017 a 25 de fevereiro de 2018	O trabalho fotográfico de Antonio Saggese apresentado nessa exposição, foi realizado em sucessivas viagens ao Pará entre 2014 e 2016. Entre igarapés, furos e igapós dos rios amazônicos, registra em imagens monocromáticas a paisagem ribeirinha: a floresta vista da água, a floresta vista na água, multiplicada em reflexões. Além de várias fotografias de grande formato e uma impressão em tecido medindo 3,50 x 3,50 m, será apresentada a caixa “Hiléia”, com texto de Leon Kossovitch, “Saggese na Amazônia”, com 6 fotografias (pigmento sobre papel de algodão) medindo 30 x 40 cm cada. Curadoria: Marcia Mello	Difusão da produção artística nacional	Terreirinho	Apoio: Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI. Realização: IPHAN /MinC/ Governo Federal;		Visita guiada na exposição.		MTP/EC. E/2017/18 - 846
2017	Exposição	A União Soviética através da câmera	Coletiva	14 de dezembro de 2017 a 25 de fevereiro de 2018	Através do olhar de diferentes artistas de grande renome internacional, de distintas formações, estéticas e posturas políticas, o público poderá fazer uma viagem a uma cultura longínqua, conhecendo os seus habitantes e a história desta região. Através da escolha de diferentes fotógrafos, a exposição pretende mostrar também a complexa relação entre o indivíduo e o Estado, apresentando desta forma cada um dos temas retratados por diferentes artistas. A exposição é inédita no Rio de Janeiro e apresenta 200 imagens em preto e branco. Curadoria: Luiz Gustavo Carvalho; Maria Vragova.	Difusão da produção artística nacional	1° Pavimento	Apoio: Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI. Realização: IPHAN /MinC/ Governo Federal; Produção: Arsetvita	Folder	Visita guiada na exposição, programa educativo e mesa redonda.		MTP/EC. E/2017/18 - 848
2017	Exposição	Autopoese	Alexandre Dacosta	14 de dezembro de 2017 a 25 de fevereiro de 2018	Essa exposição que reúne parte da produção de poesia visual que o artista vem desenvolvendo desde fins da década de 1990. Poemas-objeto, poesias gráficas e vídeos, em sua maioria inéditos, vão fazer parte dessa mostra e do livro homônimo que ele está criando. Nesta montagem estarão alguns objetos originais e diagramas ampliados contidos no livro [tecnopoética], e também vídeos conceituais realizados a partir das músicas que compus para o CD-Livro ADJETOS, que inclui 18 canções escritas para esculturas - os dois livros foram editados em 2011 pela Editora 7 letras. Organização: Alexandre Dacosta	Difusão da produção artística nacional	2° Pavimento	Apoio: Associação dos Amigos do Paço Imperial/AAPI. Realização: IPHAN /MinC/ Governo Federal;		Visita guiada na exposição.		MTP/EC. E/2017/18 - 847
2017	Lançamentos de Livros	Catálogo da exposição “Emergências do Contemporâneo : A Vanguarda no Japão, 1950-1970”	Yoko Ono, Yutaka Matsuzawa, Mitsutoshi Hanaga, Katue Kitasono, Seiichi Niikuni, Tatsuo Ikeda e Hiroshi Nakamura, além dos coletivos Gutai, Hi-Red Center e Jikken Kobo.	21 de fevereiro de 2017	A Mostra trouxe obras de Yoko Ono, Yutaka Matsuzawa, Mitsutoshi Hanaga, Katue Kitasono, Seiichi Niikuni, Tatsuo Ikeda e Hiroshi Nakamura, além dos coletivos Gutai, Hi-Red Center e Jikken Kobo. O lançamento do catálogo teve a presença do curador Pedro Erber e um debate.		Sala dos Archeiros	Patrocínio: Fundação Japão				
2017	Lançamentos de Livros	A Virgem do Alto do Moura – Nadam Guerra		31 de maio de 2017	Lançamento do livro: Introdução à iconografia de Virgem do Alto do Moura do artista Nadam Guerra. O livro é resultado da exposição homônima que aconteceu no Terreirinho do Paço Imperial em 2016. No lançamento, houve conversa com o artista Nadam Guerra, o curador Raphael Fonseca e o crítico Marcelo Campos, além de uma mostra de vídeos sobre a Virgem do Alto do Moura.		Sala dos Archeiros	Patrocínio: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro				
2017	Lançamentos de Livros	Ronaldo Rego – Carnet de Voyage		17 de maio de 2017	O artista plástico Ronaldo Rego publicou seu primeiro conto em 1954, no Correio da Manhã. Recentemente voltou a escrever publicando seu ensaio Memoriais da Lapa, em 2010, durante uma exposição e, posteriormente como dramaturgo a peça A Ceia, em 2011, seguida da antologia de contos, A Morta de Tel Aviv no mesmo ano. Em 2014, Fragmentos, uma crítica de arte ilustrada com desenhos do artista ente 1965-75. Em 2016, lança o Carnet de Voyage, crônicas de suas viagens, um livro memorialista, também ilustrado pelo artista in situ. O artista vive na cidade de Petrópolis, desde 2009, para onde transferiu seu Atelier Sacra Oficina e onde prepara suas obras, livros e exposições. Ronaldo é atualmente também editor.		Sala dos Archeiros					
2017	Seminários e Palestras	Campos de intervenção: Dentro e fora do Museu		21 de fevereiro de 2017	Como parte do lançamento do catálogo da exposição “Emergências do Contemporâneo: A Vanguarda no Japão, 1950-1970”, o curador da exposição Pedro Erber convidou Fred Coelho e Laura Erber para um bate-papo sobre o âmbito da arte contemporânea e do papel do museu e exposições históricas como essa.		Sala dos Archeiros					
2017	Seminários e Palestras	Conferência Francisco de Holanda 500 anos		30 de maio de 2017	Em 2017 celebra-se 500° aniversário do pintor, arquiteto e humanista português Francisco de Holanda. Em comemoração à data, o grupo de pesquisa Studiolo (vinculado ao Departamento de Teoria e História da Arte da Uerj), em parceria com o Paço Imperial / Iphan / MinC/ Governo Federal, organizou, uma conferência aberta ao público, dedicada a diversos aspectos da produção artística e literária de Francisco.		Sala dos Archeiros					

ANO	CATEGORIA	TÍTULO	ARTISTA	PERÍODO	PROPOSTA	OBJETIVO	SALAS	PARCERIA	MATERIAL PROMOCIONAL	ATIVIDADES PARALELAS	OBSERVAÇÕES	REFERÊNCIA BIBLIOTECA PAULO SANTOS
2017	Seminários e Palestras	Debate sobre a exposição "Marcel Gautherot – Brasil: Tradição, Invenção"		11 de julho de 2017	Participaram do debate o diretor do Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização do Iphan, Andrey Rosenthal Schlee, que é professor titular da Universidade de Brasília e membro do Conselho Consultivo do Patrimônio Museológico; Glauco Campelo, arquiteto e ex-presidente do Iphan; e Sergio Burgi, coordenador da área de fotografia do Instituto Moreira Salles e curador da exposição. O trabalho de Gautherot desempenhou um papel fundamental na construção de um imaginário brasileiro. Seu grande projeto documental, cristalizado em imagens icônicas que integram seu acervo de mais de 25 mil imagens, mapeou a trama de território, tradição e invenção que deu forma ao Brasil moderno.		Sala dos Archeiros					MTP/EC.E/2017 - 839
2017	Seminários e Palestras	Rafael Cardoso - Por uma estética da resistência		19 de julho de 2017	O escritor e pesquisador Rafael Cardoso, apresentou a palestra "Por uma estética da resistência". Tomando reflexões sobre liberdade dentro do campo da arte como ponto de partida, a palestra considerou a relação entre resistência e memória, enfocando exemplos contemporâneos de arte pública e intervenções urbanas, assim como as disputas imagéticas decorrentes deles. Quais princípios podem nortear as ações de combate às transformações que ameaçam o próprio sentido coletivo da arte? Essa questão se torna ainda mais essencial num momento em que a transgressão se encontra cada vez mais domesticada no meio artístico. Há resistência possível pela arte?		Sala dos Archeiros					
2017	Seminários e Palestras	Mesa redonda sobre a exposição "#Bastidoresda criação - o Carnaval sem a máscara"		19 de agosto de 2017	A mesa redonda abordará o Patrimônio e as políticas culturais em torno do carnaval. Participam do debate o diretor do Departamento de Patrimônio Imaterial, Hermano Fabrício Oliveira Guanais e Queiroz; o artista e carnavalesco da Mangueira, Leandro Vieira e a jornalista Flavia Oliveira. O debate será mediado pelo jornalista Leonardo Bruno.		Sala dos Archeiros					
2017	Cursos	Módulos em História da Arte – 1° Semestre		15 de março de 2017 a 20 de junho de 2017	O curso pretendeu oferecer ao aluno uma iniciação à história da arte ocidental e oriental a partir de cinco módulos. Cada módulo foi ministrado por um professor especializado na área em questão e teve a duração de três aulas. As aulas centraram-se na projeção de imagens e na exposição das principais correntes artísticas e histórico-artísticas relativas ao tema central de cada módulo. MODULO I | 15, 22, 29 MAR – 17H30 ÀS 19H30. Recepção da Tradição Clássica. Professora: Maria Berbara. MODULO II | 05, 12, 19 ABR – 17H30 ÀS 19H30. A Arte Egípcia. Professora: Evelyne Azevedo. MODULO III | 26 ABR, 3 e 10 MAI – 17H30 ÀS 19H30. A Arte Italiana de Giotto a Michelangelo. Professora: Tamara Quírico. MODULO IV |18 e 25 MAI e 1 JUN – 17H30 ÀS 19H30. O Maneirismo na Itália. Professor: Alexandre Ragazzi. MODULO V | 6, 3 , 20 JUN– 17H30 ÀS 19H30. Arte Global: O Sistema de Arte e a Sociedade do Espetáculo. Professor: Marcelo Campos		Sala dos Archeiros					
2017	Cursos	IMERSÕES POÉTICAS - 2° Semestre		15 de agosto de 2017 a 14 de dezembro de 2017	Professores: Cadu, Efraim Almeida, Marcelo Campos, Marisa Flórido e convidados. O programa "Imersões Poéticas", uma parceria entre Escola sem Sítio e o Paço Imperial, é composto de análises críticas coletivas sobre a produção dos participantes, oficinas de curta duração, encontros individuais para análise de portfólio e palestras. Destinado a artistas que busquem orientação e reflexão o programa objetiva fomentar e apoiar a produção artística, criando redes de diálogo, com diferentes interlocutores, ligados ao sistema de arte, para estimular a difusão da produção dos participantes. São oferecidas até 24 vagas e os candidatos são selecionados por meio de análise de portfólio e entrevista. A duração do programa é de 4 meses, e sua realização se dá em diferentes espaços da cidade, proporcionando aos participantes a circulação em ateliês, contato com diversos profissionais e visitas a equipamentos culturais.		Praça dos Arcos					
2017	Música	Apresentação do Coral do Projeto Villa-Lobos e as crianças		29 de abril de 2017 a 17 de junho de 2017	O projeto Villa Lobos e as Crianças foi criado há oito anos e, vem profissionalizando jovens talentos de comunidades carentes no Rio de Janeiro. Dirigido por Turíbio Santos, com a coordenação e regência de Maria Clara Barbosa e Sergio Barboza, o projeto desenvolve um trabalho de formação musical que possibilita conhecimento e vivência cultural. Entre os meses de abril, maio e junho, o Paço recebeu as apresentações na Sala dos Archeiros. 08 de junho – 12h. Aula: Música Popular: Mercado e Caminhos. Apresentação da Orquestra Popular Tuhu. Master Class. Convidado: Esdras Nogueira. 29 de abril – 12h. Aula: Raízes Instrumentais da Música Brasileira. Apresentação da Orquestra Filarmônica. Master Class. Convidado: Turíbio Santos. 06 de maio – 12h. Aula: O Quarteto de Cordas. Apresentação da Orquestra Filarmônica. Master Class. Convidado: Quarteto Radamés Gnattali. 13 de maio – 12h. Aula: Conservação e Manutenção de Instrumentos. Apresentação das Orquestras do Projeto. Master Class. Convidado: Jonas Caldas. 27 de maio – 12h. Aula: Meu primeiro videoclipe. Apresentação das Orquestras do Projeto. Master Class. Convidada: Aline Lourena. 17 de junho – 12h. Aula: Formações Orquestrais - Villa Lobos. Apresentação das Orquestras do Projeto. Master Class. Convidado: Marcelo Jardim		Sala dos Archeiros					
2017	Eventos	CENA BRASIL INTERNACIONAL 2017 – Workshop		31 de maio até 09 de junho de 2017	O festival Cena Brasil Internacional emerge no cenário cultural e artístico brasileiro como um grande instrumento de fomento e divulgação das artes cênicas. Muito além de ser uma mostra de teatro, o Cena Brasil tem o compromisso de fortalecer o contexto teatral brasileiro, estabelecendo um rico intercâmbio entre companhias nacionais e internacionais de teatro, proporcionando uma riquíssima troca de experiências entre os artistas durante a sua residência, através de workshops e palestras que elas mesmas ministram e participam. Como resultado, o teatro brasileiro se desenvolve e o público é brindado com espetáculos de repercussão mundial. O Paço Imperial recebeu a renomada diretora italiana Cláudia Castellucci que ministrou no Cena Brasil Internacional 2017 um workshop/seminário com 11 dias de duração que culminou na realização e apresentação da performance "Verso la specie".		Sala dos Archeiros	Patrocínio: Banco do Brasil				